BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 20 de Julho de 1900.

Presidencia do Ex.^mo Sr. General Pimentel Maldonado, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^mo Sr. Silva Leal.

Abriu-se a sessão ás 8 horas e meia da noite, estando presentes, além da mesa, os Ex.^mos Srs. Simões Margiochi, Visconde da Torre da Murta, Ernesto da Silva, Mena Junior, Cavalleiro e Sousa, Costa Goodolphim, Rosendo Carvalheira, Soares O'Sulivand, Manuel Joaquim de Campos, e Jesuino Ganhado.

A acta da sessão anterior foi approvada com demonstrações de agrado expressas pelo sr. Rosendo Carvalheira, as quaes muito penhoraram o secretario que a redigiu, determinando a assembléa que no presente documento se não omittisse esta referencia.

O sr. Margiochi declarou que, se tivesse assistido á ultima sessão, haver-se-hia associado ás homenagens em memoria do sr. Valentim Corrêa.

Leu-se um officio do sr. Eduardo Antonio Raposo, socio correspondente em Villa Real de Trás os Montes, exprimindo o seu desgosto pela morte d'aquelle nosso consocio.

O sr. Visconde da Torre da Murta declarou que o sr. Ernesto da Silva offerecera para a nossa bibliotheca um volume

do *Bulletin de la Société académique indo-chinoise de France*, e que, em conformidade com a resolução da Assembléa Geral em sessão de 12 de maio ultimo, mandára comprar a obra de Horace Marucchi intitulada *Eléments de Archéologie Chrétienne*, a qual consta de dois volumes.

O sr. Presidente disse que, se pudesse comparecer na sessão de 17 do corrente, teria approvado todas as resoluções tomadas com referencia aos socios fallecidos.

O sr. Mena Junior apresentou uma proposta para se officiar á Camara Municipal de Lisboa, pedindo-lhe que não altere os nomes antigos das ruas d'esta capital.

Ficou sobre a mesa para ser discutida opportunamente.

Pelo sr. Visconde da Torre da Murta foi participado que, juntamente com os dois secretarios da mesa na ultima sessão, e em cumprimento do que a Assembléa tinha resolvido, procurára o sr. Ministro das Obras Publicas para lhe agradecer a honra da sua presença no funeral do architecto de primeira classe e vice-presidente d'esta associação o sr. Valentim Corrêa, e que, tendo já sahido da secretaria aquelle sr. Ministro, recebeu a commissão o seu digno secretario sr. dr. Dias d'Almeida, que muito amavelmente se encarregou de communicar a S. Ex.ª o fim para que a mesma commissão o procurára, tendo a certeza de que o sr. Ministro acceitaria com especial agrado esta demonstração de gentileza da parte da Associação, e que, em quanto á comparencia no funeral, não fôra mais do que um acto de justiça para com a memoria do venerando architecto.

Votaram-se agradecimentos pelo desempenho da dita commissão.

O sr. Presidente expoz que o Conselho Facultativo deliberára requerer a convocação da Assembléa Geral para se reclamarem providencias, caso ella entendesse que poderia ser prejudicada pelo novo ascensor do Carmo a monumental egreja fundada por D. Nuno Alvares Pereira. Era este o assumpto que submettia á discussão.

O sr. Costa Goodolphim considera muito extemporanea esta questão e julga que devia ser levantada, quando se tratou da concessão á empreza do ascensor: agora que está consummada essa concessão e foram até encetados os trabalhos de construcção.

não lhe parece que possam ter cabimento as nossas reclamações; mas em todo o caso pede que o esclareçam.

O sr. Visconde da Torre da Murta informou que um amigo seu lhe disséra que tinha visto a planta do novo ascensor e lhe assegurára que este não prejudicava de fórma nenhuma o historico edificio do Carmo; entretanto propunha que se nomeasse uma commissão, composta de tres membros peritos na materia, para examinarem a planta referida, dando-se-lhes poderes amplos a fim de resolverem o que fosse mais conveniente.

O sr. Rosendo Carvalheira está d'accordo com o sr. Goodolphim em que esta questão é extemporanea, poderia ter sido tratada ha sete annos, quando se projectou a construcção do ascensor; mas cumpre-lhe dizer que tal construcção em cousa alguma faz perigar a segurança do edificio e que mais damno lhe poderiam causar as trepidações de um poste telephonico que está aqui collocado, se o edificio não fosse tão solidamente construido.

Portanto, o orador, não vendo motivo para receios de que o ascensor traga prejuizo ao edificio, pede que se dê por liquidada essa questão e se façam convergir todos os esforços para reivindicar a posse do terreno do lado sul da egreja, terreno que foi, conjuntamente com o edificio, entregue á guarda d'esta Associação.

O sr. Mena Junior mandou para a mesa varios documentos relativos a esta questão da posse.

Foram lidos na mesa.

O sr. Ganhado diz que não foi seu intento, quando levantou no Conselho Facultativo o incidente ácerca do ascensor, mostrar o menor receio de que elle viesse prejudicar a solidez do edificio; o que pediu então foi que se providenciasse para que um cruzeiro, um arco botante e uma porta monumental, que se encontram por onde deve passar o ascensor, não fossem d'algum modo deteriorados por essa nova construcção.

Não participa da opinião d'aquelles que julgam extemporaneo suscitar-se a questão. E' verdade que o projecto do ascensor data de ha sete annos; mas, para o executar, podem ter-lhe introduzido quaesquer modificações, que n'aquella epocha fosse vantajoso para a empreza não tornar conhecidas, e sobre as quaes só agora haja occasião de reclamar.

O sr. O' Sulivand, parecendo-lhe como ao sr. Carvalheira,

que a Associação tem direito á posse do terreno, fez uma detida analyse dos documentos apresentados pelo sr. Mena Junior, concluindo por expender algumas indicações para resolução do assumpto.

O sr. Cavalleiro e Sousa propõe que se nomeasse uma commissão composta dos srs. Simões Margiochi, Rosendo Carvalheira, e O'Sulivand para estudar a questão e, em vista dos documentos e das explicações que na discussão se offerecessem, deliberar convenientemente.

O sr. Carvalheira propoz que nenhuma commissão seja nomeada sem que o assumpto esteja sufficientemente discutido em mais de uma sessão de Assembléa Geral e que se convide para tomar parte n'esta discussão o nosso consocio sr. dr. Rodrigo Velloso que, pela sua qualidade de jurisconsulto, poderá auxiliar-nos com as suas luzes para melhor sustentação do nosso direito.

A Assembléa approvou unanimemente esta proposta.

O sr. Visconde da Torre da Murta pediu licença para retirar a que apresentára, o que lhe foi concedido.

O sr. Presidente encerrou a sessão, declarando que a seguinte seria na sexta feira 27 e a ordem da noite a mesma.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 2 de Agosto de 1900.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Dr. Rodrigo Velloso, no impedimento dos Ex.^{mos} Srs. Conde de S. Januario e General Pimentel Maldonado.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Silva Leal.

Abertura ás 9 horas da noite, achando se presentes, além da mesa, os Ex.^{mos} Srs. Mena Junior, Rosendo Carvalheira, Jesuino Ganhado, Francisco Parente, Cavalleiro e Sousa e Soares O'Sulivand.

O sr. Mena Junior declarou que os documentos que mandára para a mesa na sessão de 27 do mez passado foram encontrados na gaveta que pertencia ao nosso saudoso vice-presidente Valentim Corrêa na respectiva secção de obras publicas e foi aberta em presença da auctoridade judicial.

Depois d'esta declaração, approvou-se a acta.

Leu-se um officio em nome do sr. vice-presidente, general Maldonado, justificando a sua falta por motivo de doença; outro do sr. Ernesto da Silva, pedindo desculpa de não comparecer, e outro do sr. Luiz Gonçalves, agradecendo a sua eleição para socio correspondente.

O sr. Cavalleiro e Sousa offereceu para a bibliotheca da Associação cinco proclamações impressas em 1823 e 1824, as quaes muito interessam á nossa historia contemporanea; e pediu que se procurasse d'alguma fórma evitar que das janellas do quartel da guarda municipal continuassem fazendo despejo para dentro das naves da egreja do Carmo.

Sobre este assumpto usaram da palavra os srs Rosendo Carvalheira e O'Sulivand, decidindo-se por fim, sob proposta do sr. Carvalheira, solicitar em officio ao Ex.mo General Commandante da guarda e nos termos mais cordatos que faça terminar semelhante desacato ao historico monumento.

O sr. Cavalleiro e Sousa insistiu na sua proposta, apresentada na ultima sessão, para que os srs. Margiochi, Carvalheira e O'Sulivand ficassem incumbidos de resolver o que entendessem conveniente ácerca da questão suscitada pela construcção do ascensor Oiro-Carmo.

Em virtude de proposta do sr. Rosendo Carvalheira resolveu-se officiar á Ex.ma Camara Municipal de Lisboa, pedindo-lhe que seja restabelecida a serventia do nosso Museu pela porta lateral do sul.

Foi approvado que a Mesa, em commissão, entregasse este officio na Camara Municipal de Lisboa, expondo tambem oralmente a algum ou alguns dos srs. vereadores o fundamento das nossas reclamações.

Teve segunda leitura e approvação unanime o officio que primeiramente fôra lido em sessão extraordinaria do Conselho Facultativo, e que se deliberou enviar ao Conselho Superior dos

Monumentos Nacionaes, requerendo o seu poderoso auxilio para reivindicarmos a serventia acima referida.

E logo o sr Presidente fechou a sessão. Eram 11 horas da noite.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 9 de Novembro de 1900.

Presidencia do Ex.^mo Sr. Conde de S. Januario.
Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^mo Sr. Silva Leal.

Achavam-se presentes, além da mesa, os Ex.^mos Srs. general Maldonado, Visconde da Torre da Murta, Mendes Guerreiro, Rosendo Carvalheira, Jesuino Ganhado, Bernardino José de Carvalho, Mena Junior, dr. Rodrigo Velloso e Soares O'Sulivand.

Abertura, ás 3 e meia horas da tarde.

Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão antecedente (2 de agosto).

Correspondencia:

Uma carta do sr. conde de Lair acompanhando o seu relatorio como delegado d'esta Associação no Congresso archeologico de Bourges em julho de 1898.

Para publicar no *Boletim*.

Um officio da presidencia da camara municipal de Lisboa, participando que a camara não podia dispor dos azulejos provenientes da demolição de um predio no Largo de S. Sebastião da Pedreira, visto que por ordem superior foi suspensa a deliberação que a mesma camara havia tomado de os depositar no Museu da nossa Associação.

Outro do sr. Presidente da Commissão executiva dos monumentos nacionaes, agradecendo o offerecimento que esta Associação fizera, de lhe facultar o exame das respostas á circular por ella expedida a varias entidades e corporações do paiz ácerca

dos monumentos que se podem considerar historicos e artisticos; e participando que, conforme os desejos da Associação, resolvera officiar á Direcção Geral das obras publicas e minas pedindo que mandasse desentaipar a porta ogival que existe na fachada sul do Museu.

Outro da mesma procedencia, enviando copia da communicação que da direcção geral do serviço de obras publicas municipaes fôra recebida, promettendo empenhar-se em que seja attendido o requerimento por esta Associação dirigido á Camara para ser desentaipada a mesma porta.

Outro dos socios correspondentes em Vizeu, srs. dr. Maximiano de Aragão e José d'Almeida e Silva, pedindo que se empregassem diligencias para obstar a que fosse demolida a porta da muralha de Vizeu, chamada do Árco, obra do seculo XV, em que está bem accentuado o cunho medieval.

Outro do sr. Presidente da Commissão executiva dos monumentos nacionaes, participando que esta Commissão tomára na devida conta o que lhe foi exposto pela nossa Associação e resolvera pedir ao governo que providenciasse no sentido de conservar as duas unicas portas que restam da referida muralha.

Outro do sr. Moysés Carmo, socio correspondente em Alemquer, reclamando a intervenção da nossa Associação para se obterem do Ministerio das Obras Publicas immediatas ordens a fim de ser convenientemente reconstruida a egreja da Varzea, onde jazem os restos mortaes do notavel chronista Damião de Goes, cujo 4.º centenario ha de celebrar se no anno de 1902.

Havendo conhecimento, pelos jornaes, de que o sr. Ministro das Obras Publicas mandára principiar em 30 de outubro ultimo a pretendida reconstrucção, entendeu a Assembléa que sobre este assumpto desnecessario era formular quaesquer pedidos.

Foi admittido a socio correspondente o sr. Annibal Fernandes Thomaz, socio effectivo da Sociedade Archeologica da Figueira da Foz e do Instituto de Coimbra.

Teve segunda leitura a proposta do socio effectivo sr. Antonio Cesar Mena Junior para se officiar á Camara Municipal de Lisboa pedindo que não continuasse a substituir os nomes das ruas antigas de Lisboa.

Considerou-se prejudicada esta proposta em vista da infor-

mação do sr. Rosendo Carvalheira de que muito recentemente a Camara deliberára não permittir qualquer mudança nas denominações das ruas senão depois de se provar á evidencia que não havia prejuizo algum n'essa mudança.

E por esta occasião o sr. Carvalheira louvou muito a resolução que a mesma Camara tomou, quanto a fazer photographar as ruas e construcções que para embellezamento da cidade tenham de ser demolidas.

Resolveu-se consignar na acta um voto de sentimento pela morte dos socios correspondentes sr dr. José Augusto Nogueira Sampaio, de Angra do Heroismo, e Julio Cesar Bizarro, de Leiria, assm como pela sr.ª Viscondessa de Fraião, esposa do socio effectivo o sr. Visconde do mesmo titulo.

O sr. Pimentel Maldonado participou que o sr. Margiochi não podia comparecer por motivo de outros negocios urgentes a tratar

O sr. Rosendo Carvalheira referiu-se largamente aos esforços empregados para se restabelecer a serventia do nosso Museu pela porta do lado sul do edificio, declarando que não abandonará esta questão emquanto não obtiver um documento, que auctorise essa serventia e que a todo o tempo não possa dar motivo a contestações seja com quem for.

O sr. Mendes Guerreiro entende que a Associação como usufructuaria do edificio, cuja propriedade pertence ao Estado, tem que participar aos Ministerios do Reino e das Obras Publicas o que se passa com relação ao restabelecimento da mencionada serventia.

O sr. dr. Rodrigo Velloso disse que a commissão nomeada na ultima sessão para se dirigir á Camara Municipal de Lisboa fôra recebida pelo sr. vereador José Ernesto Dias da Silva, que lhe déra as melhores esperanças de deferimento á pretensão exposta em nome da Associação e narrou o que depois disso tinha occorrido, estando ainda na expectativa de uma resposta official que confirmasse a resolução favoravel que o mesmo sr. vereador lhe communicou em particular.

Fizeram mais algumas observações sobre o assumpto os srs. Carvalheira e Mendes Guerreiro, resolvendo-se aguardar a remessa do despacho da Camara sobre a nossa pretensão para se officiar

ao Ministerio do Reino conforme a indicação d'este illustre socio, e ainda n'esta conformidade e segundo a proposta do sr. Carvalheira, pedir ao sr. Ministro das Obras Publicas mandasse incluir no orçamento das obras requeridas por esta Associação no edificio historico do Carmo a despeza com o desentaipamento da porta lateral, fachada sul, do mesmo edificio, por isso que é pertença do Estado e se trata de restabelecer por ali a serventia do nosso Museu.

O sr. Visconde da Torre da Murta, conservador da bibliotheca, apresentou varias obras offerecidas pelos srs. Conde de S. Januario, Gabriel Pereira, D. José Pessanha, Faria e Silva, Santos Rocha, monsenhor conego Pereira Botto e Rocha Dias, assim como por diversas corporações nacionaes e estrangeiras.

Não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão.

Eram 5 horas da tarde.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 29 de Dezembro de 1900.

Presidencia do Ex.^mo^ Sr. General Pimentel Maldonado, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^mo^ Sr. Ascensão Valdez.

Abertura, ás 4 horas da tarde.

Presentes os Ex.^mos^ Srs. Visconde da Torre da Murta, Jesuino Ganhado, Mena Junior, Silva Leal, Soares O'Sulivand, Cavalleiro e Sousa e Dr. Rodrigo Velloso.

Enviaram desculpa de não comparecerem os Ex.^mos^ Srs. Conde de S. Januario, presidente, e Ernesto da Silva, thesoureiro.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão (9 de Novembro).

A assembléa votou por acclamação uma proposta para ser

admittido a socio effectivo o sr. engenheiro Adolpho Ferreira Loureiro.

O sr. Mena Junior felicitou a Associação por inscrever entre os seus socios um cavalheiro de tão altos meritos scientificos e litterarios como é o sr. Loureiro.

Esta congratulação teve unanimes apoiados.

O sr. Visconde da Torre da Murta participou que o director da typographia da Academia Real das Sciencias, sr. Joaquim Manuel Mendes Passos, lhe enviára para a nossa bibliotheca, com auctorisação da secretaría da mesma Academia e a pedido do secretario d'esta Associação Rocha Dias, uma collecção completa (18 volumes) da *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Resolveu-se agradecer ao offerente e ao signatario d'esta acta.

O sr. Rodrigo Velloso disse que juntamente com o sr. Silva Leal tem continuado a pedir na Camara Municipal de Lisboa que nos remetta a nota official do despacho relativo á questão da porta lateral do Museu, a que se referira já na sessão anterior, tornando ha poucos dias a asseverar-lhes o sr. vereador José Ernesto Dias da Silva que esse negocio estava resolvido favoravelmente.

O sr. Silva Leal, alludindo em elogiosas palavras ao fallecimento do nosso socio effectivo o sr. conselheiro Luciano Cordeiro, cuja perda esta Associação deplora, e que tanta saudade deixou entre os que reconheceram n'esse esclarecido espirito a mais decidida vontade de bem servir a sua patria, propoz que se consignasse na acta um voto de profundo sentimento, que esta resolução fosse communicada á respeitavel familia do fallecido e que no respectivo officio se declarasse que a nossa Associação fôra representada por alguns socios no funeral d'aquelle illustre cidadão.

O sr. secretario Ascensão Valdez propoz que esta communicação fosse tambem feita á Sociedade de Geographia de Lisboa.

O sr. Visconde da Torre da Murta expressou o desejo de que fosse exarado na acta da presente sessão um voto de grande pezar pela morte do visconde de Serpa Pinto, que praticou feitos de grande heroismo na exploração africana e foi sempre correcto e

digno de louvor no desempenho das funcções publicas a seu cargo.

Tiveram unanime approvação as mencionadas propostas.

O sr. Visconde da Torre da Murta, na qualidade de relator, mandou para a mesa o Relatorio do Conselho Facultativo sobre a sua gerencia no anno de 1900.

Foi submettido á discussão este documento.

O sr. Rodrigo Velloso teceu os maiores encomios á fórma como esta Associação se esforça por conseguir os fins com que foi instituida.

Como ninguem mais pedisse a palavra, passou-se á votação, ficando approvado o relatorio com todas as resoluções de que n'elle se trata.

O sr. Mena Junior participou que o sr. João Rodrigues Fernandes não podia comparecer por motivo de doença.

Ordem do dia: — Eleições dos corpos gerentes para 1901.

O secretario Rocha Dias apresentou uma relação dos socios effectivos, honorarios e benemeritos divididos, em observancia do art. 30.º, pelas 3 Secções, de Architectura, Archeologia e Construcção, devendo estas reunir-se no mez proximo para elegerem entre si os conselhos de cada uma, que, juntamente com a Mesa da Assembléa Geral, constituem o Conselho Facultativo.

A Assembléa considerou nomeados para as Secções os socios constantes d'aquella relação.

O sr. Presidente, convidando os socios a formularem as suas listas, interrompeu a sessão por alguns minutos.

Reaberta a sessão, fez-se a chamada. Entraram na urna dez listas. Serviu de escrutinador o sr. Mena Junior. Foram eleitos:

Presidente da Assembléa Geral, sr. Conde de San Januario — 10 votos.

Vice-Presidentes: (Architectura), sr. Rozendo Garcia d'Araujo Carvalheira — 10 votos; (Archeologia), sr. general Antonio Pimentel Maldonado — 9 votos.

Secretarios: (Architectura), sr. Arnaldo Redondo Adães Bermudes — 10 votos; (Archeologia), Eduardo Augusto da Rocha Dias — 9 votos.

Vice-Secretarios: (Architectura), sr. Antonio Cesar de Mena Junior — 9 votos; (Archeologia), sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa — 6 votos.
Thesoureiro, sr. Ernesto da Silva — 10 votos.
Bibliothecario, sr. Visconde da Torre da Murta — 9 votos.
1.º Conservador, sr. Gabriel Victor do Monte Pereira — 10 votos.
2.º Conservador, sr. Francisco Soares O'Sulivand — 8 votos.
1.º Conservador adjunto, sr. Antonio Cesar Mena Junior — 9 votos.
2.º Conservador adjunto, sr. Jesuino Arthur Ganhado — 9 votos.

Proclamados os nomes dos eleitos, encerrou-se a sessão. Eram mais de 5 horas da tarde.

O Secretario
Eduardo Augusto da Rocha Dias

RELATORIO DO CONSELHO FACULTATIVO

Senhores: Na fiel observancia do que determina o artigo 25, n.º 5, dos nossos Estatutos, vem o Conselho Facultativo apresentar á apreciação esclarecida da Assembléa Geral o relatorio da sua gerencia durante o anno de 1906.

Reuniu o Conselho sempre que qualquer assumpto de interesse d'esta Associação o exigiu; porém, por motivos attendiveis e justificaveis, não o pôde fazer com a frequencia que preceituam os Estatutos, sem que esta infracção, involuntaria, prejudicasse o andamento e regularidade dos actos de boa administração da sociedade, ou perturbasse os seus designios; por isso que, tendo sido frequentes as reuniões da Assembléa Geral, esta propoz, discutiu e resolveu sabiamente differentes assumptos importantes e de subido interesse sem necessitar consultar o Conselho.

Antes de entrarmos n'outro qualquer assumpto, cumpre-nos registar, em primeiro logar, com a mais profunda e sincera magoa o fallecimento do nosso socio benemerito e muito respeitavel cidadão, o sr. Valentim José Corrêa, que durante muitos annos presidiu ás reuniões do Conselho Facultativo, dirigindo os seus trabalhos com a imparcialidade do seu caracter independente, severo e nobre; com a circumspecção, proficiencia e bom criterio

do seu espirito esclarecido e com a prudencia propria da sua larga experiencia; manifestando sempre o mais acrisolado interesse pelos progressos e lustre d'esta Associação, que desde a sua fundação recebeu incessantes e evidentes provas de devotada dedicação d'aquelle nosso dignissimo consocio de saudosa e honrada memoria; provas que não é preciso recordar, porque estão gravadas e bem vivas na nossa lembrança, como gravado está no coração de nós todos o mais grato reconhecimento pelos seus serviços!

Deliberou esta Real Associação dar uma demonstração de respeito e veneração pela memoria impolluta de Valentim Corrêa e do alto apreço em que tinha as suas aprimoradas qualidades, resolvendo que por occasião de ser lido o seu elogio historico, em sessão especial, fosse inaugurado o seu retrato.

Tendo-se offerecido o nosso socio benemerito e insigne pintor sr. Felix da Costa para executar aquelle retrato com a mesma generosa abnegação e isenção com que tem executado outros trabalhos da mesma ordem, em obsequio a esta Associação, que tem no devido apreço tão importantes serviços, acceitou o Conselho este valioso offerecimento, encarregando-o d'aquelle trabalho.

Por este novo e valioso serviço, e frisante prova de deferencia da parte do sr. Felix da Costa, o Conselho tem a honra e satisfação de propor á Assembléa Geral um voto de louvor que exprima todo o nosso reconhecimento a S. Ex.ª

Foi o nosso Museu visitado pela Academia dos Estudos Livres. Por essa occasião os conservadores, os srs. Leite de Vasconcellos e Soares O'Sulivand, no consciencioso desempenho da missão de que a Assembléa Geral os incumbira, receberam, com a urbanidade e cortezia que lhes é propria, os socios d'aquella Academia, prestando lhes, com a sua provada competencia e illustração, todos os esclarecimentos que desejaram obter sobre differentes objectos alli expostos.

A Assembléa teve conhecimento d'este facto e occasião de apreciar a proficiencia com que fôra desempenhada a commissão, serviço que bem merece os nossos applausos.

Com a devida regularidade tem sido publicado o nosso Boletim, orgão d'esta Associação que manifesta a sua vitalidade,

o interesse e empenho com que se desvela em cumprir, quanto lhe permittem os seus recursos, os fins que se propoz.

A direcção d'essa publicação que é bem digna dos nossos elogios pelo cuidado que tem demonstrado e desenvolvido no desempenho do cargo que lhe foi confiado, tem sido solicitamente coadjuvada por muitos dos nossos socios correspondentes e mesmo por pessoas estranhas á Associação, porém egualmente dedicadas ao estudo dos nossos monumentos historicos, architectonicos, artisticos e archeologicos, e no desejo de os tornar conhecidos e despertar no publico o interesse que lhes é devido, têem mandado, para serem publicadas no nosso Boletim, apreciaveis noticias que com a possivel brevidade têem sido dadas á estampa.

Ao nosso consocio e illustre academico o sr. Gabriel Pereira são devidos os maiores louvores pela proficiencia e zelo com que tem dirigido aquella publicação, a que tem consagrado toda a sua attenção, illustrando-a com valiosos artigos, entre outros o que trata da monographia do edificio e Museu do Carmo, elaborado com aquelle primor e escrupulosa consciencia que caracterisam as producções litterarias do nosso erudito consocio.

Julgou o Conselho conveniente tirar em separata cento e setenta exemplares d'aquella apreciavel monographia para serem vendidos pelo preço de cem réis cada exemplar, revertendo o producto da venda em beneficio do cofre da Associação.

Tem sido o Boletim distribuido, alem dos socios que a elle têem direito, por quinze bibliothecas, quarenta e quatro academias, associações scientificas, atheneus, gremios e gabinetes de leitura, nacionaes e extrangeiros, bem como por vinte e nove redacções de jornaes.

Pelo relatorio que o conservador da bibliotheca apresentará, como lhe cumpre, e costuma fazer annualmente, terá a Assembléa conhecimento das obras que por offerta ou por compra adquirimos durante o periodo da nossa gerencia.

Considerando a conveniencia de desenvolver quanto possivel, dentro dos limites das nossas forças, a nossa bibliotheca, foi o conservador auctorisado a despender na compra de obras que julgue conveniente obter, até á quantia de dois mil réis mensalmente, ou sejam vinte e quatro mil réis annualmente.

Sendo importantes e de summo interesse para o conhecimento do desenvolvimento dos progressos realisados no nosso paiz as obras que por determinação do Ministerio das Obras Publicas foram impressas com destino á exposição universal que se realisou este anno na capital da França, solicitou o Conselho, em officio n.º 158 de 25 de Novembro preterito, ao Ex.mo Ministro das Obras Publicas a concessão d'uma collecção d'aquellas publicações para a nossa livraria, na esperança de ser attendido.

Por proposta do nosso meritissimo secretario o sr. Rocha Dias, fundamentada em muito justas e attendiveis considerações no interesse da Associação, resolveu o Conselho, para facilitar a admissão de familias que desejarem visitar as nossas collecções, crear bilhetes intitulados de familia pelo preço de 200 réis para um cavalheiro e senhoras que o acompanharem, na firme convicção de que esta medida dará favoravel resultado, attrahindo maior concurrencia ao nosso Museu, e merecerá a approvação da Assembléa.

Convindo que os empregados d'esta Associação se apresentem no exercicio das suas funcções decentemente uniformisados para mais facilmente serem distinguidos pelos visitantes do nosso Museu, que a elles tenham de se dirigir para obter qualquer esclarecimento ou serviços que lhes sejam devidos, resolveu o Conselho mandar fazer fardamentos que sem ostentação nem galas satisfizessem o fim da sua applicação.

Com extrema condescendencia encarregou-se d'esta commissão o nosso consocio e dignissimo thesoureiro o sr. Ernesto da Silva que, interpretando perfeitamente os desejos do Conselho, obteve com rapidez e nas melhores condições de qualidade e economia, os fardamentos para os dois empregados que actualmente se acham ao serviço da Associação, que mais uma vez recebeu inequivocas provas da dedicação, zelo e desvelo pelos seus interesses da parte do nosso presado socio. Aqui lhe reiteramos, com sincero reconhecimento, os nossos cordiaes agradecimentos.

Attendendo á solicitude com que fielmente se desempenha das obrigações que lhe estão commettidas, deferiu o Conselho ao requerimento do porteiro d'esta Associação, concedendo-lhe um augmento de 50 por cento sobre o seu ordenado de tres mil réis mensaes.

Não havendo emblemas para fornecer aos socios que os desejarem adquirir, por se terem exgotado os que esta Associação possuia, cunhados em França, e sendo reclamados por alguns membros da nossa Sociedade, deliberou o Conselho mandar abrir o cunho e tirar vinte e quatro exemplares em prata.

Reconhecendo a aptidão, gosto e competencia do nosso consocio o Sr. Soares O'Sulivand, solicitou de S. Ex.ª o favor de se encarregar das diligencias necessarias para obter, em condições favoraveis de preço e perfeição, a gravura e cunhagem da insignia, incumbencia de que se desempenhou com a intelligencia que o caracterisa, contratando com a casa Cesar & C.ª a gravura do cunho pelo preço de 30$000 réis, ficando este pertencendo á Associação depois da cunhagem dos vinte e quatro emblemas, trabalho confiado á mesma casa que pela sua merecida reputação e bons creditos garante o fiel cumprimento do contracto e perfeição do trabalho.

Com o reconhecimento que lhe é devido agradecemos ao nosso prestante socio a proficiencia com que desempenhou esta commissão.

No decorrer d'este anno foram offerecidos para o nosso museu os objectos seguintes: pelo Sr. Rosendo Carvalheira, dois escudos de pedra com brazões d'armas, e por intervenção do mesmo senhor, uma imagem de pedra de boa esculptura; do Sr. Raul Mesnier, um capitel encontrado nas obras do ascensor Oiro-Carmo, junto a estas ruinas da egreja do Carmo; do Sr. Julius Meili, uma medalha em bronze *patiné*, que o mesmo senhor mandou gravar por um artista suisso e cunhar na casa da moeda de Paris, commemorando o quarto centenario do descobrimento do Brazil; do Sr. Leopoldo da Silveira, por occasião da sua visita ao nosso Museu, uma medalha pernambucana, tambem commemorativa d'aquelle descobrimento; do Sr. Manoel Joaquim de Campos, doze cruzes de differentes epocas e typos; e do Sr. Alberto Pimentel, vereador do pelouro dos jardins publicos, quatro palmeiras e duas dracenas para ornamentação d'este edificio e que se acham guarnecendo as escadas que para elle dão accesso, devidamente conservadas em vasos de madeira, cuja acquisição foi commettida ao nosso socio o sr. Ganhado que, como sempre, prestou este serviço com a solicitude de que é capaz.

Todos estes cavalheiros merecem o reconhecimento da nossa associação que aprecia devidamente as suas demonstrações de sympathia e dedicação.

O sr. thesoureiro dará no seu relatorio conhecimento á assembléa das despezas auctorisadas pelo Conselho, e que não se mencionam aqui para não tornar, sem necessidade, demasiadamente longa esta exposição.

Em 1864 foi superiormente concedido á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes estabelecer a sua séde e fundar o seu museu archeologico n'estas bellas e preciosas ruinas da egreja de S.ª Maria do Carmo, que pelas gloriosas tradicções historicas que lhe estão ligadas, pela memoria que avivam do seu illustre fundador o inclito condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o mais notavel e brioso paladino da nossa historia e estrenuo defensor da independencia da patria, pelos primorosos e opulentos vestigios da sua primitiva fabrica, exemplar notavel da architectura do seculo XIV; merecem a nossa especial solicitude em promover a sua conservação e zelar com religioso escrupulo os direitos que pertencem a este edificio.

No desempenho d'esse dever impreterivel e na rigorosa obrigação de corresponder á confiança que n'esta Associação depositaram os poderes publicos, entregando á nossa guarda tão notavel monumento das nossas glorias passadas, entendeu o Conselho ser do seu dever empregar todos os seus esforços para reivindicar o direito á serventia pela porta lateral do sul d'este edificio, que se acha entaipada. N'esse sentido resolveu, em sessão de 27 de Julho passado, pedir á Camara Municipal de Lisboa, ordenasse fosse desentaipada a referida porta e restituida a serventia que em todos os tempos deu ingresso para este edificio, o que effectuou em officio n.º 148 de 8 de Setembro proximo passado; deliberando na mesma sessão solicitar da Commissão Executiva dos Monumentos Nacionaes, que tem a seu cargo salvar a integridade d'esses monumentos, todo o seu apoio e auxilio para a reivindicação da posse á serventia mencionada, o que realisou em officio n.º 146 de 2 de Agosto preterito. Respondeu o Ex.^mo Presidente que a Commissão, estimando muito ser agradavel á Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, resolvera officiar á Direcção Geral das Obras Publicas e Minas pedindo que, aproveitando a

opportunidade de se estabelecer uma communicação para o elevador Oiro-Carmo, seja desentaipada aquella porta conforme os desejos da Real Associação, aliás justissimos.

Da Camara Municipal não recebemos por emquanto resposta official de que nos cumpra dar conhecimento á Assembléa.

Na mesma reunião, o Conselho Facultativo, receioso que da construcção do ascensor Oiro-Carmo pudesse resultar qualquer inconveniente para a conservação d'este edificio, resolveu pedir ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Mesa se dignasse convocar uma reunião de Assembléa Geral extraordinaria que, tomando conhecimento do facto, pudesse reclamar as providencias que julgasse necessarias; reunião que, teve logar e que depois de larga e elucidativa discussão, resolveu como julgou mais conveniente.

Constituem actualmente esta Real Associação 134 socios: 47 effectivos; 5 benemeritos; 10 honorarios; 51 correspondentes nacionaes e 21 estrangeiros.

Finalmente; da economia, prudencia e honestidade com que esta Associação tem regido os seus modestos haveres, resulta, não só um equilibrio entre a receita e despesa, como um saldo positivo annual que lhe garante continuar as suas honradas e nobres tradições e seguir intemerata na senda civilisadora da sua elevada e proficua missão.

Museu do Carmo, 27 de Dezembro de 1900.

Antonio Pimentel Maldonado
Eduardo Augusto da Rocha Dias
José Joaquim d'Ascensão Valdez
Visconde da Torre da Murta — Relator.

BREVE NOTICIA DO BOLETIM

O *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* principiou a ser publicado em 1865 com o titulo *Archivo de Architectura Civil* — jornal dos architectos e archeologos —, imprimindo-se apenas dez numeros, que sahiam aos trimestres e constituem a 1.ª série. Foram seus collaboradores: Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, Francisco José de Almeida, Ignacio de Vilhena Barbosa, João Maria Feijó, J. J. Marques, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, José da Costa Sequeira, José Maria da Silva Leal, Paulo José Ferreira da Costa.

A 2.ª série, que teve começo em 1874, comprehende seis volumes (tom. 1.º a 6.º), sendo o ultimo concluido em 1890. Foi dirigida pelo sr. Possidonio da Silva, um dos fundadores da Associação.

A 3.ª série, que abrange dois volumes (tom. 7.º e 8.º), principiou em 1894, sob a direcção do socio sr. Gabriel Pereira.

N'estas duas séries encontram-se artigos firmados por: Arnaldo Redondo Adães Bermudes, Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, Padre Antonio Domingues Ferreira, Padre Antonio Gomes Barreto, General Antonio Pedro de Azevedo, Augusto

Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa, dr. Augusto Filippe Simões, dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa Pinho Leal, Carlos Munró, Cesario Augusto Pinto, Conde de Lair, Conde de Marsy, Conde de S. Januario, Eduardo A. da Rocha Dias, Eduardo Antonio Raposo, Ernesto Korrodi, Ernesto Loureiro, dr. Felix Bernardino da Costa Alves Pereira, Francisco Alves Coutinho, dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, Francisco José de Almeida, dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, dr. Francisco Martins Sarmento, Francisco Simões Margiochi, Gabriel Pereira, G. de Congny, Ignacio de Vilhena Barbosa, João Carlos de Almeida Carvalho, Joaquim de Araujo, Joaquim da Conceição Gomes, Joaquim da Costa Cascaes (General), Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Faro, Joaquim de Vasconcellos, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Joaquim Rasteiro, Jorge Cesar de Figanière, José de Almeida e Silva, José Antonio Gaspar, José Augusto Carneiro, José Diogo Ribeiro, José Gonzalez Carvajal Altés, José Maria da Silva Leal (Sá Vilella), D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, José Joaquim d'Ascensão Valdez, dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, D. José Pessanha, José Pinto da Silva Ventura, José Silvestre Ribeiro, Luciano Cordeiro, dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, dr. Luiz José Baldy, Marquez de Vallada, Manuel M. Bordallo Pinheiro, M. Vellasco y Santos, P. Cazalis de Fondouce, Pedro W. de Brito Aranha, Abbade Pedro Augusto Ferreira, Ricardo Simões dos Reis, D. Rodrigo Amador de los Rios, Rosendo Garcia de Araujo Carvalheira, Sebastião Philippe Martins Estacio da Veiga, Victorino da Silva Araujo, Visconde da Torre da Murta, Visconde de Alemquer, Visconde de Benalcanfôr.

Todas as 3 séries do *Boletim*, a primeira revista d'este genero que se publicou em Portugal, são illustradas com um copioso numero de gravuras, estampas e photographias.

A 1.ª série acha-se exgotada; a 2.ª não é propriedade da Associação: e a 3.ª está á venda no Museu do Carmo e nas livrarias de Pereira, rua Augusta; Ferreira, rua do Ouro; José Bastos, Chiado.

EMILIO HÜBNER

E A ARCHEOLOGIA LUSITANO-ROMANA (*)

É com profunda magua que communico a esta Associação o fallecimento de um dos seus membros mais eminentes. O Dr. Emilio Hübner, professor de Philologia classica na Universidade de Berlim, que prestou á archeologia portuguesa serviços inolvidaveis, deixou de existir no dia 21 de Fevereiro proximo passado aos 67 annos de idade.

Permitta-se-me que num breve elenco eu enumere aquelles de seus trabalhos em que figura de modo especial o nosso país, já só, já associado ao vizinho reino. Pois que estes trabalhos versam todos sobre as cousas do passado, é natural que nelles appareçam juntos Hespanha e Portugal, que constituiam outr'ora a *Iberia* ou *Hispania*.

As mais antigas relações de Hübner com a Peninsula datam de 1860-1861, em que realisou cá a sua primeira viagem scientifica, com o intuito de estudar as inscripções da epocha romana.

Então entrou em convivio pessoal com alguns dos nossos homens de sciencia e eruditos, por exemplo, Herculano, Soromenho, Pereira Caldas, Gama Xaro, etc., que muito o auxiliaram. Como fruto immediato d'essa viagem, deu a lume nos referidos

(*) Memoria lida em sessão da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes (Lisboa) de 9 de Março de 1901.

annos uma interessante serie de noticias com o titulo de *Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal*, que foram inseridas nas Actas da Academia de Berlim, corporação por cuja incumbencia a viagem era feita. D'essa publicação se fez uma edição separada, em 4 fasciculos, hoje muito raros; possuo uma collecção d'elles, que o proprio Hübner me deu em sua casa, em Berlim, em 1899. O sabio allemão não viajou como qualquer *dilettante*, que apanha as cousas no ar, e alardeia o que não vê ou o que mal sabe. Primeiro que tudo pôs se ao facto dos dois idiomas nacionaes da Peninsula, que elle conhecia bem, tendo até chegado posteriormente a escrever artigos, e mesmo um livro, em hespanhol. Depois visitou, sempre que pôde, os logares, embora os mais reconditos, onde existiam monumentos archaicos do genero de que elle se occupava, e alem d'isso andou pelos archivos e bibliothecas buscando memorias e documentos, quer impressos, quer manuscritos, que lhe servissem no assunto. A parte que nesta obra se refere a Portugal foi traduzida em português por mandado da nossa Academia das Sciencias, em 1871, com o titulo de *Noticias archeologicas de Portugal*. Não deixou ella de exercer certa influencia no nosso pequeno movimento scientifico, porque Hübner não só ahi esboçou criticamente a historia da archeologia nacional, mas publicou, tambem com methodo critico, numerosas inscripções romanas achadas em territorio português: o que serviu de orientação e norma a varios investigadores que depois d'elle vieram cavar o mesmo torrão. Só os que sabem quanto custa ás vezes copiar um velho lettreiro, que está n'um muro alto ou num penedo carcomido, e com que tactica se torna necessario vencer quasi sempre a desconfiança dos aldeãos, que julgam que lhes querem roubar thesouros encantados, é que podem avaliar com verdadeira justiça o trabalho de Hübner, que, de mais a mais como estrangeiro, teve de superar difficuldades que a um indigena não occorreriam. Do que deixo dito se conclue que Hübner não era meramente sabio de gabinete, que só se aproveitasse das investigações de outros, mas ia elle mesmo, como bom ceifeiro, arranjar a seara, e alem d'isso com aquelle poderoso apparato scientifico que caracteriza a erudição allemã.

Outros trabalhos se seguiram. Em 1861 publicou Hübner na revista *Archäologische Zeitung*, col. 185 sqq., um artigo intitula-

do *Statuen Galläkischer Krieger*, que tambem foi traduzido em português, em appendice ás citadas *Noticias de Portugal*. Neste escrito se refere o auctor ás duas estatuas lusitanas do Jardim Real da Ajuda e á do Pateo da Morte de Vianna do Castello. São tres guerreiros de pedra, vestidos de saio, ornados de collar, e armados de escudo e espada. Relacionam-se com os costumes funerarios dos nossos maiores, e tem importancia, de mais a mais, por nos elucidarem á cêrca dos trajos, sobretudo militares, d'aquella epocha. E' interessante notar a concordancia que se nota, por exemplo, entre a fórma do escudo e da espada curta ou punhal, que se figuram nestas estatuas, e um passo em que o geographo grego Estrabão descreve usos guerreiros da Lusitania. O texto litterario ajuda aqui a archeologia, e vice-versa. Outras observações podia eu fazer a proposito, se não temesse desenvolver muito um ponto que deve ser tratado de fugida. Analogas ás estatuas de que se falla no artigo de Hübner appareceram modernamente outras no Minho; e eu mesmo adquiri em Trás-os-Montes para o Museu Ethnologico uma bastante curiosa, e com caracteres especiaes, sobre a qual publicarei em breve uma nota n-*O Archeologo Português*.

Em 1862 appareceu o livrinho *Die antiken Bildwerk in Madrid*, com um appendice sobre Portugal a p. 328 sqq.. onde Hübner descreve resumidamente diversas obras de arte antiga existentes no Sul e Norte do nosso país, juntando, como sempre usa, notas historicas e criticas.

Semelhante a este trabalho é o que, com o titulo de *Antichità di Portogallo*, inseriu no mesmo anno no *Bulletino dell' Instituto di Correspondenza Archeologica*, escrito em italiano, segundo creio, pelo proprio Hübner, porque elle manejava correntemente esta lingua, como tambem (alem do hespanhol) o latim, o francês, e o inglês. Este seu polyglottismo era muito apreciado na Allemanha.

Os allemães, antes de emprehenderem trabalhos de fôlego, costumam, por assim dizer, ensaiar-se com a publicação de escritos mais simples, em que estudam pontos especiaes, e por meio dos quaes vão desbravando o terreno e apalpando as forças de que dispõem; Hübner, com a publicação d'estes *opera minora*, preparava-se para a grande empresa da elaboração do volume II do

Corpus Inscriptionum Latinarum, que veiu á luz em 1869, seguindo-se-lhe logo dois pequenos opusculos: *Additamenta ad titulos Hispanos*, de 17 pp., e *Additamenta ad Corporis vol. II*, de 22 pp. A collecção do *Corp. Insc. Lat.* é muito grande; consta de numerosos volumes in-folio, que se destinam a archivar as inscripções apparecidas, ou que estão ainda apparecendo, nos vastos territorios do *Imperium Romanum*. Esta collecção, feita a expensas e com o patrocinio da Academia das Sciencias de Berlim, sob a direcção genial de Theodoro Mommsen, é um dos monumentos mais famosos da erudição do sec. XIX. As manifestações da vida antiga, os costumes, as crenças religiosas, os laços domesticos; o que se refere ás relações sociaes mais variadas; as linguas; a geographia; a historia: tudo se illumina e esclarece pelo estudo circumstanciado do *Corpus*. A ordem da redacção obedece ás divisões geographicas do Imperio Romano. Hübner foi encarregado da *Hispania*, que occupa o volume II. O nosso país figura ahi em grande escala, com as inscripções encontradas desde *Ossonoba*, no Algarve, até ás margens do *Minius*. Cada inscripção vem acompanhada geralmente de indicações historicas e bibliographicas, e de commentario critico. Não direi que tanto neste volume como no Supplemento, de que logo fallarei, as copias das inscripções saissem totalmente impeccaveis, porque tambem *bonus dormitat Homerus*, e porque o assunto é por vezes escabroso; mas nem por isso o trabalho do sabio berlinês deixa de servir de base solida, como já tanto tem servido, aos estudos historicos, quer sobre o passado da Peninsula, quer sobre o passado em geral. Hübner, alem das inscripções que elle proprio copiou das pedras, aproveitou as que estavam já copiadas, porque desde o sec. XVI, do tempo de André de Rèsende, o pae da archeologia nacional, nunca este estudo, com mais ou menos critica, foi descurado entre nós. Embora Hübner estivesse sempre disposto a tratar todos com justiça, não occultarei que por vezes é demasiado severo para com os nossos auctores; assim, em certo ponto do seu livro, accusa de falsario a André de Rèsende, só porque este não interpretou bem uma inscripção alemtejana que eu ha pouco tempo verifiquei ser authentica. Em verdade aquelles que applicam a vida a investigações intensas e sérias nem sempre tem mão em si que não se insurjam contra os que no mesmo

caminho não seguem tão firmes como elles; todavia importa que para aquelles que antes de nós trabalharam com boas intenções, e que com o que fizeram nos auxiliam, tenhamos palavras de benevolencia.

Como complemento natural do volume II do *Corpus* publicou Hübner, em 1871, as *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, em que tambem figura a Lusitania. Ao passo que as inscripções contidas no *Corpus* se referem ás sociedades pagãs da Peninsula, as contidas neste volume datam do Christianismo. Infelizmente o nosso país neste particular não é muito rico, posto que já depois do livro de Hübner muitas mais inscripções se encontrassem aqui, sobresaindo entre ellas as de Mertola ou *Myrtilis*, cidade que nos é conhecida por monumentos epigraphicos d'esta natureza, do sec. V em deante. Eu mesmo trouxe d'alli muitas inscripções, que hoje estão no Museu Ethnologico Português. Hübner, alem de ter a seu cargo as inscripções, tanto pagãs como christãs, da Hispania, tinha tambem as da *Brittannia*: ao volume que em 1876 publicou com o titulo de *Inscriptiones Brittanniae Christianae* juntou um appendice com outras inscripções hispanicas descobertas depois de 1871; o nosso país está porém ahi representado com uma unica inscripção. As inscripções christiano-latinas de Portugal, menos numerosas, como disse, do que as romanas, estabelecem comtudo um elo entre a parte portuguesa do *Corpus* e os *Portugaliae Monumenta Historica*, e contribuem para o conhecimento da nossa sociedade nos primordios da idade-media.

No mesmo anno de 1876 escreveu Hübner um artigo intitulado *Römische Bergwerksverwaltung*, publicado na *Deutsche Rundschau* em 1877. Nesse artigo falla da celebre mina lusitano-romana de Aljustrel, *metallum Vispascense*, onde appareceu em 1876 uma tabola de bronze com uma inscripção latina, que elle publicou em 1877 na *Ephemeris epigraphica*, vol. III, e que d'ahi passou para o Supplemento do *Corpus*. Sobre esta inscripção ha varios outros trabalhos, e entre elles dois nacionaes, de Augusto Soromenho e de Estacio da Veiga. A inscripção pertence ao sec. I da Era Christã (epocha dos Flavios), e encerra parte de uma lei referente á administração da mina. A tabola, que hoje se conserva na Direcção dos Serviços Geologicos, tem o n.º III, e está incompleta, n'onde se vê que faltam pelo menos as duas primeiras e a

4.ª Sabido é como as riquezas mineiras da Peninsula despertaram em epochas antigas a cubiça de povos estranhos, a começar dos Phenicios. A tabola de bronze de Aljustrel prende-se com estes factos. D'aqui a sua importancia, e a opportunidade do artigo de Hübner.

Tambem em 1876, realizou-se o congresso archeologico da Citania de Briteiros, no Minho, promovido pelo fallecido archeologo Martins Sarmento. — A Citania é, como se sabe, um *oppidum* lusitano-romano em ruinas, onde tem apparecido monumentos archeologicos de diversas especies e epochas, taes como esculpturas com o cunho da arte mycenense, inscripções latinas com nomes celticos, ceramica romana, objectos metallicos, etc. Este *oppidum* (ou *castro*, para me servir de uma expressão genuinamente portuguesa) é analogo a muitos outros que ha por todo o país. Os castros constituiam nas epochas pre-romanas refugio ou habitação permanente das populações; no seu conjuncto póde dizer-se que datam de eras muito remotas, mesmo dos tempos neolithicos ou da idade da pedra polida, como succede com um dos mais notaveis do país, situado no concelho do Cadaval, que eu explorei por differentes vezes, e cujos materiaes estão tambem no Museu Ethnologico, — o castro ou *castello de Pragança*. Os Celtas chamavam de modo generico a estas povoações *briga* e *dunum*, palavras que significam «monte fortificado», «fortaleza», e se conservaram em irlandês commum: assim *Conimbriga*, nome primitivo de Condeixa-a-Velha, e *Caladunum*, nome de uma antiga povoação do N. de Trás-os-Montes, contém na sua ultima parte as mesmas duas palavras celticas. Depois os Romanos, civilizando o país, e evitando as continuas guerras em que as populações indigenas andavam entre si, tornaram inuteis a maior parte dos castros; comtudo alguns continuaram a viver, quer nessa epocha, quer até o presente, pois povoações que hoje se chamam *Castro Daire*, *Castro Laboreiro*, *Castro d'Avellãs*, *Castro Verde*, relacionam-se pelo seu nome, e em parte pela sua historia, com *oppida* ou *duna* e *brigae* lusitanos. A Citania de Briteiros durou até á epocha romana, mas não passou mais aquem. Sarmento, explorando-a, reunindo no Museu de Guimarães os materiaes encontrados na exploração, e provocando a reunião de um congresso archeologico que estudasse as ruinas e os restos descober-

tos, concorreu para o progresso da historia patria, porque assim se rompeu grande nesga das trevas do nosso passado, e a Citania ficou servindo de typo a que se referissem de futuro novos estudos. O mencionado congresso motivou a publicação de varios escritos, e o nosso público chegou a importar-se um momento com a sciencia archeologica: o nome da Citania, associado ao do seu explorador, tornou-se conhecido no país. Este movimento propagou-se, como era natural, até o gabinete do sabio allemão de que estou fallando: Hübner, informando-se do que se havia escrito a cêrca da Citania, redigiu em 1878 uma memoria sobre ella, enviando o manuscrito original ao Sr. Joaquim de Vasconcellos, que o traduziu, e publicou em 1879 no vol. I, fasc. 5.º, da *Archeologia Artistica*. Esta memoria instigou Martins Sarmento a publicar outra, com o titulo de *Observações á «Citania» do Sr. Emilio Hübner*, Porto 1879, em que corrigiu as inexactidões em que Hübner directa ou indirectamente incorrêra. Melhor informado, o professor de Berlim reviu o seu escrito, e deu nova edição d'elle no *Hermes* em 1880, d'onde se fez edição á parte. Para se apreciarem os factos historicos não basta conhecê-los insuladamente: torna-se indispensavel compará-los com outros da mesma natureza, e pesá-los em commum; os sabios allemães, preparados com o enorme e perfeito material que lhes ministram as suas escholas, os seus museus, as suas bibliothecas, estão em condições especialissimas para procederem a este trabalho, que não é só de intelligencia, mas é tambem de saber, porque nos estudos historicos o talento sem a sciencia vale muito pouco, do mesmo modo que a erudição sem luz que lhe dê vida, fica balofa. Comprehende-se que Hübner, conhecendo, como conhecia, as fontes historicas da Luzitania, e, melhor que ninguem, a epigraphia local, tivesse particular gôsto de escrever a respeito da Citania, e que o seu escrito despertasse entre nós certo interesse.

Somos chegados ao anno de 1881. Os descobrimentos archeologicos que se haviam realizado na Peninsula desde 1861, e o progresso geral dos estudos historicos levaram Hübner a emprehender nova viagem ás terras ibericas, o que o fez reatar antigas relações pessoaes, e o pôs em contacto com muitos investigadores que por occasião da primeira viagem, vinte annos antes, não eram ainda conhecidos. O seu fim principal agora consistia

em colher materiaes para a redacção de um extenso Supplemento do vol. II do *Corpus*. Antes porém que este apparecesse, publicou outras obras.

Em 1888 deu a lume em Barcelona *La Arqueologia de España (y Portugal)*, por elle mesmo escrita em hespanhol. Consta de cinco capitulos: *os geographos, os historiographos, as inscripções, as moedas, e os monumentos*. É uma especie de manual destinado ao estudo das fontes das antiguidades ibericas, elaborado com inteira clareza e simplicidade, e provido de indicações bibliographicas abundantes e boas. Eis aqui um livro que devia ser compulsado constantemente por todos aquelles a quem interessa o nosso passado. Julgo comtudo que nem meia duzia de pessoas o conhecerão em Portugal.

Em 1890 tirou dos prelos a *Römische Herschaft in Westeuropa*, volume em que reuniu muitos artigos seus que primeiro havia publicado avulsos, e entre elles dois referentes a Portugal, e que já conhecemos: o da Citania, a pag. 232 sqq., e o da tabola de bronze de Aljustrel, a pag. 268 sqq.

O Supplemento do *Corpus*, a que ha pouco me referi, appareceu em 1892. Nelle se transcrevem todas as nossas inscripções que desde 1869 até áquella data chegaram ao conhecimento de Hübner, e melhora-se o texto de muitas que tinham antes saido com incorrecções. De modo que o material historico foi completamente augmentado. Alem de excellentes mappas geographicos, o volume vem ainda acompanhado de indices geraes que abrangem tanto o Supplemento como o volume primitivo. Estes indices são da maxima importancia, pois, entre outras materias, contem longas listas de nomes proprios (de pessoas, de divindades e de terras). Ninguem ignora como os nomes proprios, cujo estudo forma um ramo da Linguistica chamado *Onomatologia*, elucida, quando applicado ao passado, os problemas historicos, sobretudo os ethnologicos. Das lingoas antigas da Europa, as unicas que conhecemos bem são a latina e a grega; das outras, ou pussuimos poucos documentos, por exemplo da celtica, ou propriamente não pussuimos nenhum, por exemplo da ligurica. Estas lacunas linguisticas vão sendo em parte preenchidas pelo onomastico. Os nomes proprios foram na origem geralmente nomes communs, muitos d'elles perderam porém pouco a pouco esse caracter, e

como que se petrificaram, desfigurando-se. É só pela analyse linguistica que o primitivo caracter póde revelar-se de novo, o que muitas vezes augmenta de repente o vocabulario de lingoas de que directamente conheciamos pouco ou nada. Assim se enriquece todos os dias o thesouro do celtico antigo, e começa a raiar alguma luz nas trevas que envolvem o idioma, ou idiomas, dos Ligures. Ora os indices do *Corpus*, feitos com minucia e consciencia, ministram aos estudiosos rico material onomatologico, e estão por isso no caso de concorrer, como já muitas vezes tem concorrido, para o conhecimento das nossas origens ethnicas.

Ao lado das inscripções latinas da Peninsula, e do pequeno número das gregas, ha uma rica serie de outras, chamadas *ibericas*, e impropriamente *celtibericas*, feitas com caracteres especiaes, e redigidas em lingoas indigenas. Taes caracteres admitte-se hoje que são de origem phenicia. Em Portugal conhecem-se inscripções ibericas provenientes do Algarve, do Campo de Ourique e de Salacia; estas ultimas em moedas, as outras em pedras. Consta-me que tambem já appareceram lapides ibericas em Trás-os-Montes, mas nada ao certo sei a esse respeito. Era natural que tão extraordinarias inscripções, cheias de mysterio, despertassem a attenção dos curiosos, quer na Hespanha, onde ellas são em maior número, quer em Portugal. Effectivamente assim succedeu. Uns, no emtanto, seguiram por caminhos mais ou menos planos, outros transviaram-se arrastando comsigo as turbas, que sempre estão ávidas de maravilhoso. E que haveria tão maravilhoso como as *letras desconocidas*, segundo a pittoresca expressão dos nossos vizinhos, lettras que quem sabe se occultariam segredos do futuro, ou riquezas de fadas? Surgiram logo patranheiros que annunciaram estupendos descobrimentos pseudo-scientificos, devidos á chimera; mas não vale a pena renovar aqui uma questão que morreu. Estavam as cousas assim, quando Emilio Hübner trouxe á publicidade os seus *Monumenta linguae Ibericae*, obra, sim tambem maravilhosa, mas pela sciencia que revela, pela quantidade de factos que archiva, pela solida base que estabelece para novos estudos. Hübner reimprime todas as inscripções ibericas conhecidas, das lapides, das moedas, dos vasos, etc., e acompanha de erudita introducção historico-grammatical e de methodicos indices onomatologicos este estudo. Por ser obra de grande fôlego, nem

por isso deixa de conter defeitos, e contem-nos por isso mesmo. É assim que na disposição da materia grammatical não ha a melhor ordem; convinha que as descripções das moedas viessem acompanhadas de figuras d'estas; o titulo do livro não corresponde ao assunto. Sem poder explanar-me a discutir estes diversos pontos, insistirei sómente no ultimo. Como é que o livro se intitula *Monumenta linguae Ibericae*, isto é, *Monumentos* ou *Documentos da lingua Iberica*, se na Iberia se fallavam muitas linguas? No seu proprio livro archiva Hübner vocabulos de mais de uma. Temos tambem um texto de Estrabão, *Geographia*, III, I, 6, que nos elucida a este proposito. O geographo está fallando da litteratura dos Turdetanos, e accrescenta: καὶ οἱ ἄλλοι δ' Ἴβηρες χρῶνται γραμματικῇ, οὐ μιᾷ δ' ἰδέᾳ. οὐδὲ γὰρ γλώττῃ μιᾷ; o que significa: «tambem os outros Iberos tem litteratura, não porém uma só, pois tambem não tem uma só lingoa». E comprehende-se que assim fosse, sendo a Peninsula tão extensa, tão variada, e havendo-a cruzado em todas as direcções povos de tantas raças, Phenicios, Ligures, Gregos, Celtas, Africanos. Mas isto é defeito de pouco alcance, e que, mesmo junto a outros, não destroe o merito real da obra, que, no meu entender, é uma das melhores de Hübner.

Visto que, a acção dos Romanos se fez sentir poderosamente em todos os territorios em que dominaram, a ponto de, com relação a Portugal, que eu conheço mais ou menos neste sentido, não haver talvez um só concelho onde ella não se manifeste, estão por assim dizer a apparecer todos os dias novas inscripções latinas. Hübner não descansou tambem em se informar dos documentos que iam surgindo á luz: por esse facto publicou em 1897 outro additamento, bastante extenso, ao *Corpus*, e em 1898 mais outro, de pouca extensão: ambos sairam na *Ephemeris epigraphica*, d'onde se fizeram edições á parte.

Segundo elle me tinha dito, tencionava occupar-se desenvolvidamente do estudo das fontes litterarias da historia da Iberia, do que no citado livro *La Arqueologia de España (y Portugal)* dera já uma amostra Outra está na dissertação que escreveu em 1898 com o titulo de *Die Nordwest - und die Südwestspitze von Hispanien*, extrahida de um volume publicado em honra de Kiepert. Nesta dissertação commenta alguns passos da *Ora maritima* de

Avieno, poema que, por se basear em antiquissimas relações hoje perdidas, se considera como preciosa fonte historica; esses passos versam sobre o cabo Ariyum —Ὀρούιον, na Callaecia, e o *Sacrum Promunturium*, no país dos Cynetes, ou Algarve.

Tambem por occasião de uma festa litteraria, d'esta vez em honra do professor hespanhol Menéndez Pelayo, publicou Hübner, em 1899, um opusculo sobre *Los más antiguos poetas de la Peninsula*. Estes mais antigos poetas são os auctores das inscripções lapidares rhythmicas, da epocha romana, pois, assim como hoje se gravam poesias nos tumulos, nas estátuas e noutros monumentos, assim tambem se fazia na antiguidade. Existe mesmo sobre isto um excellente livro, intitulado *Carmina epigraphica*, devido ao Dr. Bücheler, professor na Universidade de Bonn. Pela leitura d'estas pequenas poesias de pedra podemos apreciar alguns dos dotes de coração dos povos antigos. As poesias que restam neste genero em Portugal são muito poucas. Hübner só publicou uma; pela minha parte descobri outra ha tempos no Alemtejo, a qual ainda conservo inedita.

Hübner não repousava nunca. Os ocios que a regencia da sua cadeira lhe deixava empregava-os a escrever livros e memorias. Em 1900 publicou um 3.º Supplemento das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. Foi a última obra que me mandou, e, como creio, a última que escreveu.

Quem por esta maneira glorificou o nosso país, trazendo a lume tantos trabalhos e tão bem feitos sobre a nossa historia antiga, tinha direito á gratidão de nós todos. Mas as obras que acabo de mencionar não são as unicas de que é auctor. Elle escreveu muitas outras, como *Exempla scripturae epigraphicae*, um pequeno tratado de *Epigraphia romana*, uma *Bibliographia da antiguidade classica*, livros escholares sobre grammatica grega e latina, etc. Se me não alargo mais sobre ellas é que, pelo seu caracter geral, não entram no plano que a cima tracei, pelo qual me propus a fallar só das que directamente se referissem a Portugal. A estas obras juntemos agora numerosos artigos avulsos e criticas bibliographicas sobre Portugal e Hespanha, que andam dispersas por diccionarios e revistas, como *Encyclopaedia Britannica*, *Real-Encyclopadie der classischen Altertumswissenschaft*, *Hermes*, que elle redigiu de 1866 a 1881, *Archaeologische Zeitung*, que tambem redigiu de 1868 a 1873, *Jenaer Literaturzeitung*,

Deutsche Rundschau, *Deutsche Litteraturzeitung*, *Revue des études anciennes*, *Boletin de la Academia de la Historia*, *Revista de archivos, bibliotecas y museos*, *Jahrbuch des Kaiserlich Deutschen Archaeologischen Instituts*, e outras. Em Portugal collaborou, que me lembre, na *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo, onde publicou um bello artigo sobre *Balsa*, cidade lusitano-romana do Algarve, collaborou no *Archeologo Português*, onde publicou em latim dois artigos sobre inscripções romanas e christiano-latinas do Sul de Portugal, e finalmente collaborou, tambem em latim, no numero especial que a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, dedicou á memoria do seu patrono.

Hübner não só ajudou com as suas publicações os que se occupam da nossa antiguidade, mas estava sempre pronto para acolher benignamente, com cartas e artigos bibliographicos, quem se lhe dirigisse, para o que contribuia não tanto o desejo de ter o maior número possivel de auxiliares que lhe enviassem cópias de inscripções ineditas, achadas no solo hispano-português, como o seu caracter lhano, ainda que Hübner era mais amavel no trato familiar, do que propriamente nas criticas e nas cartas, onde punha de ordinario certa seccura.

Pelo que me toca, direi que muita gratidão lhe devo tambem. Com elle mantive correspondencia epistolar desde o tempo em que comecei a dedicar-me á archeologia; elle offerecia-me quasi todos os trabalhos que publicava; collaborou duas vezes no *Archeologo Português*; escreveu varios artigos bibliographicos sobre cousas minhas; por proposta sua fui nomeado socio correspondente do Imperial Instituto Archeologico Alemão; emfim, por occasião da minha primeira viagem á Allemanha, em 1899, recebeu-me muito bem nas visitas que lhe fiz, e apresentou-me a varios directores de museus, e professores, a quem eu desejava fallar, como Virchow, que tinha estado Portugal em 1880, no congresso de archeologia prehistorica, Dessau, professor de epigraphia na Universidade de Berlim, a algumas prelecções do qual assisti, Bastian e Voss, directores do Museu de Ethnologia, etc. Comprehendem, por tanto, os srs. que eu não podia ficar silencioso hoje, que é a primeira vez que nos reunimos em sessão depois que tive noticia da morte de Hübner: e esta noticia chegou-me ha 3 ou 4 dias apenas.

Para terminar, resumirei em breves palavras, e de modo

geral, o que fica dito. O labor de Hübner, em relação ás nossas antiguidades, repartiu-se da seguinte maneira: 1) trabalhos de epigraphia iberica, romana (e grega) e latino-christiana; 2) trabalhos de archeologia; 3) criticas bibliographicas. Alem de contribuirem efficazmente para o conhecimento, cada vez mais largo, do nosso passado, esses trabalhos, por serem feitos com segurança scientifica, constituem base solida para sobre elles de futuro se architectarem outros, e, não sendo esta a sua menor vantagem, servem de guia permanente, quanto ao methodo, a quem quizer estudar. Em sciencia o methodo é tudo. Sem methodo, isto é sem critica, a accumulação de factos, por mais numerosos que sejam, fica esteril.

Lancemos, pois na acta d'esta sessão um voto de condolencia pelo obito do sabio insigne que tanto serviu e honrou a Portugal.

J. Leite de Vasconcellos

REPRESENTAÇÃO

ÁCERCA DOS

MONUMENTOS NACIONAES

Ill.mo e Ex.mo Sr.

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes vem hoje, em cumprimento do honroso encargo que tomou, representar a V Ex.ª sobre um assumpto da mais alta importancia e patriotismo, conscia de que V. Ex.ª, com o seu superior criterio e elevada intelligencia, prestará o seu valioso apoio ás intenções, que levaram esta Associação a inquirir do estado, em que por todo o paiz se encontra o nosso vastissimo patrimonio monumental, entregue por mil causas varias, que V. Ex.ª por certo avalia, á mais completa e condemnavel desprotecção, de cujas consequencias tem resultado o perderem-se por completo muitos dos mais valiosos padrões d'este patrimonio, e obliterarem-se, por maneira lastimavel, alguns dos mais formosos e caracteristicos exemplares de tradição e arte que o passado nos legou.

Esta Associação, que desde longa data vem pugnando pela conservação d'essas reliquias, reconheceu com pezar profundo, que seus esforços n'esta orientação não teem sido apoiados, ou secun-

dados efficazmente pelas instancias officiaes, para esse fim expressamente creadas; por esse motivo, resolveu appellar para todas as dedicações sinceras e devotadas dos que prestam verdadeiro culto ás nossas fulgidas tradições artisticas, pedindo-lhes, não só o patriotico conselho que a habilitasse a promover uma seria corrente proteccionista, mas tambem a communicação dos resultados obtidos nas suas investigações locaes, de fórma que a Associação podesse elucidar utilmente os poderes publicos dos factos, a que urge contrapôr immediatas medidas, que salvaguardem do seu completo annullamento muitos dos nossos mais importantes e significativos monumentos.

O paiz correspondeu brilhantemente a este appello da Associação, e esta é n'este momento possuidora d'um importante peculio de informações valiosissimas, que muito concorrerão, por certo, para o bom exito das medidas, que posteriormente os Governos de Sua Magestade hajam por bem decretar sobre este momentoso e patriotico assumpto.

Para tal fim resolveu esta Associação prestar á Commissão dos monumentos nacionaes, logo que V. Ex.ª a julgue por completo organisada, todos os documentos que possue, emanados da campanha por ella iniciada, conscia de que presta á arte monumental do seu paiz um auxilio valioso.

Não cita, por excessivamente longa, e mesmo para não fatigar a attenção de V. Ex.ª, a lista de reclamações, protestos e valiosas indicações que de muitos pontos do paiz recebeu; é, porém, firmada n'ellas que appella para a intervenção valiosa e decisiva de V. Ex.ª, confiada em que este appello terá o desejado deferimento.

Pelo decreto de 9 de Dezembro de 1898, reorganisou V. Ex.ª a grande Commissão de Monumentos Nacionaes, demonstrando assim que á infatigavel actividade do seu esclarecido espirito não passou despercebida a desprotecção enorme que continuava pesando sobre o vasto patrimonio das nossas tradições historico artisticas; esse facto, que, pela intenção que o dictou, mereceu d'esta Associação uma espontanea manifestação de sympathia para com V. Ex.ª, serviu-lhe tambem de esperançoso apoio para a insistente cruzada que iniciára, e animou-a a proseguir n'uma orientação pratica e decisiva.

O lucido relatorio, com que V. Ex.ª justifica o decreto e plano organico da nova Commissão de Monumentos, aponta frisantemente tudo quanto ainda resta a fazer-se no sentido d'uma efficaz protecção aos Monumentos Nacionaes; no referido plano organico, estabeleceu V. Ex.ª a fórma por que se deve tornar effectiva essa desejada protecção; — esta Associação faz sinceros votos para que, mais uma vez se não mallogrem tão patrioticas e benemeritas intenções, e que ellas, no menor tempo possivel, se possam traduzir em resultados praticos: resultados que bem necessarios e urgentes se tornam, porque ráro é o dia em que ao conhecimento d'esta Associação não chegue a noticia de *mais um* desacato cruel aos nossos monumentos, ou de destruição de qualquer peça de valor, levada a effeito pelo exercito de vandalos conscientes e inconscientes que campeia infrene pelo paiz, estragando e abastardando tudo quanto o nosso fulgido e glorioso passado nos legou.

A essa furia cruel e destruidora não escaparam a propria capital e seus suburbios, onde se tem perpetrado e continua perpetrando toda a casta de vandalismos.

Foi por certo convencido d'esta verdade, que V. Ex.ª nomeou uma commissão especial para tratar do plano de restauração da Sé de Lisboa; honra lhe seja por esse facto, que veiu pôr termo á enorme série de barbarismos, que por lá se perpetraram, e aproveitando o ensejo, lembramos n'este momento a V. Ex.ª a necessidade de abranger, na mesma medida salvadora, o pouco que já resta do muito que houve de bom no convento de Odivellas; a este respeito, esta Associação julga prudente não se dilatar por agora em considerações, que o abandono, a que foi votado este delicioso padrão artistico de tradição ogival, lhe suggeriu; deixa ao criterio de V. Ex.ª, ou ao da Commissão, que para esse fim fôr nomeada, o manifestar-se sobre o que vir e souber.

A Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes aproveita a occasião presente para rogar a V. Ex.ª, se digne informar-se do que se está passando com referencia á torre de S. João Baptista de Thomar, um dos mais interessantes exemplares d'architectura *manuelina* existentes no paiz.

Sobre este assumpto foi-lhe dirigida pela imprensa uma

carta, que é, e o proprio auctor declara, despida de intuitos politicos, pedindo-se-lhe que na campanha por ella encetada fosse abrangido esse bello exemplar architectonico, a fim de que se salvasse do perigo imminente, que ameaça a sua integridade monumental e artistica, pela intervenção perigosa de pessoa incompetente, a quem se diz vão ser entregues as reparações de que carece.

Para o assumpto da carta que se publicou no jornal a *Vanguarda* de 21 de abril do anno corrente, solicitamos com o maior interesse a prestimosa intervenção de V. Ex.ª a fim de que, no futuro, esta Associação, o paiz e a arte em geral, não tenham a lastimar mais uma irreparavel perda no nosso já bem cerceado patrimonio artistico.

A Torre de S. João Baptista de Thomar é, com justiça, considerada um dos mais bellos exemplares no genero, e a sua conservação impõe-se a todos os espiritos cultos, que se interessem sinceramente por tudo o que signifique um motivo de desvanecimento nacional.

A carta, a que nos referimos, é por sua natureza bastante elucidativa, e julgamos desnecessario insistir mais sobre o assumpto n'este momento, porque estamos plenamente convencidos de que V. Ex.ª, com o seu intelligente e superior criterio, mandará inquirir por pessoa, ou pessoas de reconhecida competencia, o que compete fazer-se, para que se salve e conserve integro esse bello padrão documental d'arte retrospectiva.

Terminando esta rapida exposição, a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes congratula-se, por ver nos conselhos da corôa um ministro, que tão vivamente mostrou interessar-se por tudo o que se refere a conservação dos monumentos nacionaes, decretando medidas efficazes para a sua conservação, prestando assim um relevantissimo serviço á arte e tradições do paiz, e espera confiadamente que, quem tão boas intenções revelou decretando essas medidas, completará a sua obra benemerita, traduzindo as em factos de immediato alcance, de fórma a salvaguardar efficaz e urgentemente todo o nosso, ainda vasto thesouro monumental.

Tudo o que esta Associação possa prestar de serviço util a esta cruzada, em que tão intima e sinceramente se empenha, o põe

incondicionalmente ao dispôr da Commissão (*), a quem V. Ex.ª se digne confiar esse honroso e patriotico encargo, provando assim esta Associação que os seus intuitos, ao iniciar a campanha de protecção aos monumentos nacionaes, se orientavam exclusivamente nos interesses geraes da arte e tradições do paiz, e não pelos restrictos e absorventes interesses d'uma collectividade.

Terminando, Ex.^mo^ Sr., esta Associação reitéra os seus offerecimentos e pedidos, conscia de que V. Ex.ª se dignará tomar na devida conta uns e outros.

Com a mais alta consideração nos subscrevemos

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Conselheiro Elvino José de Souza e Brito, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios de Obras Publicas, Commercio e Industria

Lisboa, 23 de Setembro de 1899

Pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

A Mesa d'Assembléa Geral

Conde de S. Januario — Presidente
Gabriel Pereira — 1.º Secretario
Eduardo Augusto da Rocha Dias — 2.º Secretario

(*) V. officio da presidencia da Commissão executiva dos monumentos nacionaes. publicado n'este *Boletim*, t. VIII, pag 183.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 12, t. VIII, pag. 200)

Lisboa — (Conclusão)

O monge de Cister, romance hist. por Alexandre Herculano; *Arrhas por fôro de Hespanha* (*Lendas e narrativas* por Herculano); *A voz do propheta* (*Opusculos* de Herculano, t. I, pag. 77 e seg.); «Relat. da exposição agricola de Lisboa, realisada na Real Tapada da Ajuda em 1884» (pelos srs. Visconde de Coruche, Antonio Augusto dos Santos, Antonio Batalha Reis e Eduardo Coelho); «*Portugal*. Recordações do anno de 1842» pelo principe Lichnowsky, *Ulyséa* ou *Lisboa edificada*, poema heroico por Gabriel Pereira de Castro; *Mocidade de D. João* V, romance hist. por Luiz Augusto Rebello da Silva; *Um anno na côrte*, romance hist. por João de Andrade Corvo; «As columnas da rua Nova» por Eduardo Coelho (brinde do Diario de Noticias em 1867); Casas onde nasceu e morreu Castilho, Ruinas do Convento do Carmo, Estatua do Duque da Terceira, Casebres do Loreto (*Occidente*, XXIII, pag 1 e 21, 16, 104, 144); *Bolet. dos Architectos e Archeol. Portug.*, t. VIII, pag. 91 e 92, 115 a 126, 138 a 150, 174, 195 a 200; *O forasteiro admirado*. Relação panegyrica do triumpho e festas que celebrou o real convento de Lisboa pela canonisação da seraphica virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi, por S. Ulperni; *Successos de Portugal*. Memorias hist., polit. e civis, em que se descrevem os mais importantes successos occorridos em Portugal desde 1774 até 1804, extrahidos fielmente do original do auctor o dr. José Pedro Ferraz Gramoza, por Francisco Maria dos Santos; *Portugal* por F. y H. Giner de los Rios; *A conquista de Lisboa*, romance historico por Carlos Pinto de Almeida; *Guia de Portugal*. Indicador do viajante em Lisboa, 5 vol. adorn. com gravuras, por Francisco José de Almeida (1880); *A misericordia de Lisboa* pelo sr. Victor Ribeiro (Mem. apresent. á 2.ª classe da Acad. Real das Scienc. de Lisboa em Fevereiro de 1901); *A côrte de D. Maria* I (Cartas de Beresford); *Camões*, romance hist. por A. Campos Junior; *A conclusão do edificio dos Jeronymos*. Parecer da commissão nacional

de monum. Relator o sr. Ramalho Ortigão (1897); Monumento aos Restauradores. O paço da Ribeira. Palacio dos Condes de Almada (*A restauração de Portugal* — Opusculo historico publicado sob os auspicios da Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640 e dirigido por Luiz Augusto Palmeirim. Collaboradores litterarios: Alberto Pimentel, A. M. de Tavora do Canto e Castro, A. M. da Cunha Belem, D. Antonio da Costa, Antonio de Mello Breyner, A. X. Rodrigues Cordeiro, Brito Aranha, Caetano Alberto, Casimiro Dantas, Conde de Villa Franca, Eduardo Vidal, Garcia Diniz (dr.), I. de Vilhena Barbosa, J. I. de Brito Rebello, J. J. Ferreira Lobo, J. M. de Sousa Monteiro, José Silvestre Ribeiro, Julio Cesar Machado, L. A. Palmeirim, Luciano Cordeiro, Miguel Osorio Cabral, Ramos Coelho, R. A. de Bulhão Pato, Sebastião Pereira da Cunha, Visconde de Benalcanfor, Visconde de Castilho (Julio), Visconde de Sanches de Baena, Zephyrino Brandão; Collaboradores artisticos: Caetano Alberto e Manuel de Macedo (1885); *Encyclopedia das familias.* Revista de instrucção e recreio, fund. em 1869 pelos editores Lucas - Filhos; Edificio do novo Lyceu Central de Lisboa, projecto do architecto sr. Rozendo Carvalheira (*Diario de Noticias*, n.º 12:635); «Le Portugal géographique, administratif, ethnologique, littéraire, artistique, historique, politique, colonial, etc.» Collaboração de notaveis escriptores portuguezes contemporaneos — 162 gravures et 12 cartes — Librairie Larousse; «Catalogo do leilão dos objectos d'arte e mobiliario antigo do palacio Foz, na Praça dos Restauradores, 28 a 32» (1901); Antiga pia de pedra existente no Museu do Carmo. Ruinas do convento do Carmo (*Hist de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. IV, pag. 626, 633).

Lomba — freg., conc. de Bésteiros. — Sanctuario de *N. S.ª do Castro*, edific. no mais alto de um monte onde havia uma atalaia ou pequeno castello. — Vestigios de uma grande povoação *mourisca.*

Lorvão - freg. e concelho. — Mosteiro; duas inscripções por cima de uma das suas portas. «O convento foi primitivamente de frades, depois *duplex*, de frades e freiras, por ultimo só de freiras.» — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Ruinas de Cister — Ceiça, Cellas, Lorvão*, por A. F. Simões no jornal *A Arte*, 1880, pag. 8, 18, 111; *Das ordens religiosas em Portugal* por Pedro Diniz, pag. 97; *Escriptos diversos* de Augusto Filippe Simões, pag. 76; *Os mosteiros de Lorvão e de Santa Clara e o templo da Sé Velha*, pelo rev. Bispo de Coimbra (1893); *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; Mosteiro de Lorvão (*Arch. Pitt.*, VIII, 75, 87); *As freiras de Lorvão* pelo sr. Lino d'Assumpção.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX — 4.ª SÉRIE — N.º 2

ANNO 1901

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso, 6

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 15 de Janeiro de 1901.

Presidencia do Ex.^mo Sr. General Pimentel Maldonado, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^mo Sr. Mena Junior.

Abertura ás 4 horas da tarde, achando-se presentes os Ex.^mos Srs. Jesuino Ganhado, Ernesto da Silva, Manuel Joaquim de Campos, Silva Leal, Ascensão Valdez, Guilherme João Carlos Henriques e Soares O'Sulivand.

Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão antecedente (29 de dezembro).

Mencionou-se a seguinte correspondencia:

Um telegramma do sr. Conde de S. Januario, dizendo que não podia comparecer;

Um officio da mesa da Sociedade de Geographia de Lisboa, agradecendo as manifestações de condolencia d'esta Associação por occasião do fallecimento do conselheiro Luciano Cordeiro, que foi secretario perpetuo d'aquella sociedade;

Outro de monsenhor Pereira Botto agradecendo a sua nomeação para a secção d'archeologia;

Eguaes agradecimentos dos srs. visconde de Castilho e general Bom de Sousa;

Officio do sr. visconde de Sanches de Baêna, pedindo escusa de fazer parte da secção de archeologia, por motivos da sua precaria saude;

Outro do sr. Ernesto da Silva, agradecendo a sua nomeação para a secção de construcção;

Outro do sr. Bernardino José de Carvalho, desculpando-se de não tomar parte nos trabalhos d'esta secção, por se ausentar para o extrangeiro por tempo não inferior a tres mezes;

Outro do sr. engenheiro Adolpho Loureiro, agradecendo a sua nomeação de socio effectivo;

Outro do mesmo socio, justificando a sua falta á presente sessão;

Outro do sr. Visconde da Torre da Murta, agradecendo a sua reeleição para bibliothecario e pedindo desculpa de não comparecer por motivo attendivel;

Outro do sr. Ascensão Valdez, secretario da secção de archeologia, communicando que na reunião da secção, em 7 do corrente, foram eleitos: presidente, o sr. Gabriel Pereira; secretario, o participante; delegado, o sr. Augusto Ribeiro; secretario supplente, o sr. dr. Rodrigo Velloso, e delegado supplente, monsenhor Elviro dos Santos;

Outro do sr. Manuel Joaquim de Campos, secretario da secção de construcção, participando que foram eleitos para esta secção: presidente o sr. Liberato Telles; secretario, o participante; secretario supplente, o sr. João Rodrigues Fernandes; delegado, o sr. Antonio Felix da Costa; delegado supplente, o sr. Costa Goodolphim.

O sr. Silva Leal deseja saber se uma commissão, que lhe parece ter sido em tempos nomeada para tratar da reforma dos nossos Estatutos, já apresentou os seus trabalhos.

O sr. Presidente disse que não estava habilitado a responder desde já, mas na sessão seguinte seria dada pela mesa uma exacta informação sobre o objecto d'esta pergunta.

O sr. Ernesto da Silva leu o relatorio e contas da sua gerencia no anno proximo preterito e disse que, por motivo de serviço na Mordomia real, tinha de retirar-se, o que fez immediatamente.

Interrompeu-se a sessão por alguns minutos a fim de se fa

zerem as listas dos membros para a Commissão revisora d'estas contas.

Reaberta a sessão, procedeu-se á chamada. Votaram 8 socios.

O sr. Presidente convidou para escrutinadores o sr. Silva Leal que se abstivera de votar e tambem não annuiu a este convite, sendo substituido pelo sr. Ascensão Valdez.

Ficaram eleitos os srs.: Visconde da Torre da Murta — 8 votos

José Joaquim d'Ascensão Valdez — 7 votos

Leopoldo Bessone Mauritty — 7 votos

Tiveram 1 voto os srs. General Maldonado e dr. Rodrigo Velloso.

O sr. Silva Leal mandou para a mesa a seguinte declaração:

«Declaro não ter votado, por na lista apresentada para a eleição da commissão revisora de contas estar incluido o nome de dois cavalheiros, que fazem parte da direcção transacta.

O socio

(a) *Sebastião da Silva Leal*»

O orador affirmou categoricamente que esta declaração em coisa alguma se relacionava com a approvação das contas do sr. thesoureiro, pois que seria o primeiro a approval-as, se lhe fosse permittido.

O sr. O'Sulivand disse que os actos do Conselho foram já approvados na sessão de Assembléa Geral em 29 do mez passado e que se tratava agora simplesmente das contas do sr. thesoureiro (art. 32.º dos Estatutos); não via, portanto, que se justificasse a declaração apresentada pelo sr. Silva Leal.

Sobre este incidente, apoiando as reflexões do sr. O'Sulivand, usaram da palavra os srs. Presidente, Ascensão Valdez e Jesuino Ganhado.

O sr. Silva Leal insistiu no seu desaccordo.

O sr. Guilherme Henriques, justificando a sua falta ás ultimas sessões, disse que no domingo 13 do corrente, a convite da Camara municipal de Alemquer, se reunira ali uma grande commissão para tratar da commemoração do 4.º centenario do eminente chronista Damião de Goes, em fevereiro de 1902; que essa commissão delegára os seus poderes n'uma commissão executiva,

de que fazem parte o orador e o nosso digno socio correspondente sr. Moysés Carmo, que opportunamente nos seria enviada noticia official d'estas resoluções; e que solicitava da nossa Associação o auxilio e cooperação que pudesse prestar para o mais brilhante exito do programma d'aquella merecida homenagem a um espirito de summo valor scientifico e litterario, que tanta celebridade adquiriu no paiz e no estrangeiro.

O sr. Presidente declarou estar certo de que a nossa Associação corresponderá do melhor modo que lhe seja possivel aos desejos manifestados pelo illustre socio, logo que receba a communicação a que s. ex.ª se referiu.

O sr. O'Sulivand notou que n'alguns jornaes tivesse vindo publicada uma noticia sob o titulo da nossa Associação, em que se diz que um grupo de socios apresentaria n'uma das proximas sessões d'assembléa geral uma proposta para a reforma dos estatutos; não lhe consta que nas assembléas transactas se tenha tratado d'este assumpto e está convencido de que não ha fundamento para semelhante proposta, visto que os estatutos se cumprem e as suas disposições satisfazem perfeitamente aos fins da Associação.

Como estivesse preenchido o objecto da reunião da Assembléa, o sr. Presidente encerrou a sessão.

Eram 5 horas da tarde.

O Secretario
Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 4 de Fevereiro de 1901.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conde de S. Januario.
Secretarios, Rocha Dias e o Ex.mo Sr. Mena Junior.

Abertura ás 2 e meia horas da tarde, achando-se presentes

os Ex.^{mos} Srs General Maldonado, Rozendo Carvalheira, Visconde da Torre da Murta, dr. Rodrigo Velloso, Cavalleiro e Sousa, Ascensão Valdez, Leopoldo Mauritty, Francisco Parente, Silva Leal e Jesuino Ganhado.

Leu-se a acta da sessão de 15 de Janeiro proximo passado.

O sr. Silva Leal disse que na sessão anterior perguntára ao sr. General Maldonado, que estava então presidindo á Assembléa, se uma commissão eleita ha tres annos para tratar da reforma dos Estatutos já déra conta dos seus trabalhos e que o sr. Maldonado lhe respondera que ia officiar-se ao presidente d'essa commissão. Não ouvira estas palavras na leitura da acta.

O sr Pimentel Maldonado declarou que, não podendo n'aquella sessão responder precisamente, como se diz na mesma acta, mas na supposição de que a pergunta do sr. Silva Leal dizia respeito a uma commissão que tivesse sido eleita, promettera de facto officiar ao presidente d'essa commissão; soube depois que não havia que officiar, pelo simples motivo de que não se elegeu commissão alguma para a reforma dos estatutos.

O sr. Silva Leal requereu que se consignasse na acta esta declaração.

Foi approvada a acta.

Officios:

Do sr. conselheiro Augusto Fuschini, presidente da commissão executiva do Conselho superior dos monumentos nacionaes, agradecendo a remessa do *Boletim* d'esta Associação;

Dos srs. Augusto Ribeiro e Adolpho Loureiro, justificando a sua falta;

Do sr. Francisco Carlos Parente participando que, na reunião da secção de architectura, foram eleitos: presidente, o sr. João Verissimo Mendes Guerreiro; secretario, o participante; delegado, o sr. Zeferino Brandão; secretario supplente, o sr. Guilherme de Sousa; delegado supplente, o sr. Francisco Soares O'Sulivand;

De monsenhor Elviro dos Santos agradecendo a sua eleição para delegado supplente da secção de archeologia.

O sr. Presidente agradeceu a sua reeleição para a presidencia da Assembléa Geral e novamente significou o desejo, que tem,

de ser util, quanto couber nos seus recursos, para a prosperidade d'esta Associação.

Em seguida mandou ler parte da acta da sessão do Conselho Facultativo em 27 de janeiro ultimo, na qual se resolveu pedir a convocação d'esta Assembléa a fim de ser nomeado um representante da Associação para tratar definitivamente da questão do restabelecimento da serventia pela porta lateral da fachada sul do Museu.

O sr. Rozendo Carvalheira disse que, tanto por parte da empreza do ascensor Oiro - Carmo, como por parte da Camara Municipal de Lisboa, ha todo o desejo de attender da melhor fórma ás nossas reclamações ; e que no ultimo numero da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, em que vem reproduzidas algumas das modificações do projecto do ascensor indicadas pela nossa Associação, está uma declaração do sr. Raul Mesnier, que se póde considerar um compromisso solemne, inteiramente favoravel ao que pretendemos.

A companhia tem a concessão do ascensor de que se trata, por 99 annos, com o exclusivo para a passagem pelo terreno ao sul do Museu, mas está disposta a modificar o seu contrato com a Camara Municipal, já sanccionado pelo Ministerio do Reino, e na Camara tambem ha boa disposição para reformar esse contrato, declarando-se em documento publico quaes as concessões que a referida companhia nos quer fazer relativamente á servidão do terreno. Entende, pois, de urgencia que se nomeie quem represente a nossa Associação no acto de se lavrar esse documento e com plenos poderes para o assignar.

No seu discurso o sr. Carvalheira alludiu por vezes aos bons officios prestados n'esta questão pelos srs. engenheiro Raul Mesnier, Augusto Cesar dos Santos e dr. Rodrigo Velloso.

Aproveitando a occasião de estar com a palavra, agradeceu á assembléa ter-lhe dado a honra de o eleger vice-presidente architecto e protestou o seu empenho em corresponder a essa eleição com toda a boa vontade de que é capaz.

O sr. Presidente, interpretando os sentimentos da assembléa, dirigiu palavras de agradecimento aos srs. dr. Rodrigo Velloso e Rozendo Carvalheira pela parte activa que teem tomado, cada um por seu modo, para se conseguir o restabelecimento da

serventia de que se trata; e propoz que se conferissem ao sr. Rozendo Carvalheira todos os poderes necessarios para representar a Associação e assignar a escriptura ou auto em que se consignem as concessões que pela empreza do ascensor Oiro-Carmo, com accordo da Camara Municipal, lhe vão ser feitas, conforme as declarações do mesmo sr. Carvalheira.

Esta proposta foi approvada por unanimidade, tendo o sr. Cavalleiro e Sousa acompanhado o seu voto com expressões de louvor.

O sr. Carvalheira declarou acceitar a missão de que a assembléa o encarregava, e agradeceu esta demonstração da confiança que lhe merece.

Resolveu-se tambem officiar á Presidencia da Camara Municipal de Lisboa e ao sr. engenheiro Raul Mesnier, como representante da Companhia dos Ascensores, participando-lhes que a Associação nomeára o sr. Rozendo Garcia de Araujo Carvalheira seu representante, com poderes para assignar a escriptura publica acima referida e nos termos que julgar mais convenientes, devendo ao mesmo sr. Rozendo Carvalheira entregar-se, para lhe servir de diploma, uma copia da presente acta na parte relativa a este assumpto.

Approvou-se a admissão dos srs. José Queiroz para socio effectivo e Visconde de Poli, presidente do conselho heraldico de França, para socio correspondente.

O sr. Visconde da Torre da Murta, conservador da bibliotheca, apresentou o relatorio da sua gerencia no anno findo. Por este documento se vê que as obras offerecidas foram 65 volumes, 39 folhetos e 69 fasciculos, sobre architectura, archeologia, sciencias mathematicas, bibliographia, etc.

A assembléa, fazendo justiça aos meritos relevantissimos do seu dedicado bibliothecario, manifestou-lhe o maior agradecimento e resolveu que se registrasse na acta que, em confirmação de que este minucioso e bem elaborado relatorio fôra recebido com muitissimo agrado, se imprimiria no proximo numero do *Boletim*.

O sr. Cavalleiro e Sousa felicitou-se por ver presente o sr. Conde de S. Januario, agradeceu a sua eleição para vice-secretario archeologo e justificou-se de não ter comparecido na ultima sessão.

O sr. General Maldonado expressou o seu agradecimento por ter sido reeleito vice-presidente archeologo.

Eram quasi 4 horas da tarde, quando se encerrou a sessão.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 9 de Março de 1901.

Presidencia do Ex.mo Sr Conde de S. Januario.
Secretarios, Rocha Dias e o Ex.mo Sr. Mena Junior.

Abertura da sessão, ás 3 horas e meia da tarde.

Presentes os Ex.mos Srs. Mendes Guerreiro, Visconde da Torre da Murta, Rosendo Carvalheira, Ascensão Valdez, Jesuino Ganhado, Silva Leal, Francisco Parente, Leopoldo Mauritty, Guilherme João Carlos Henriques, dr. Leite de Vasconcellos e Adães Bermudes.

Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão antecedente.

Mencionou-se a correspondencia seguinte:

Um officio do sr. engenheiro João Verissimo Mendes Guerreiro, agradecendo ter sido eleito presidente da secção de architectura e promettendo que diligenciará tornar productiva a cooperação da mesma secção;

Outro do sr. Visconde Oscar de Poli, manifestando vivos agradecimentos pela sua admissão a socio correspondente;

Outro do sr. José Joaquim de Ascensão Valdez, secretario da secção de archeologia, participando a nomeação de sete subsecções assim organisadas:

Archeologia Prehistorica

Dr. José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello
Visconde da Torre da Murta
Gabriel Victor do Monte Pereira

Archeologia Christã

Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto
Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos
General Antonio Pimentel Maldonado
Alberto Augusto d'Almeida Pimentel

Archeologia Nacional

Augusto Ribeiro
Eduardo Augusto da Rocha Dias
Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto
José Joaquim d'Ascensão Valdez

Archeologia de Lisboa

Visconde de Castilho
Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo
Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro

Numismatica

Dr. José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello
Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão
Manuel Joaquim de Campos
José Joaquim d'Ascensão Valdez
Visconde da Torre da Murta

Heraldica

Visconde de Sanches de Baena
Conde de Valenças
José do Espirito Santo de Battaglia Ramos
José Joaquim d'Ascensão Valdez

Bibliographia Archeologica

Pedro Wenceslau de Brito Aranha
Eduardo Augusto da Rocha Dias
Dr. Rodrigo Velloso
Sebastião da Silva Leal

Officio do sr. Manuel Joaquim de Campos, secretario da

secção de construcção, communicando terem sido nomeadas duas sub-secções; a primeira composta dos srs.:

Antonio Cesar Mena Junior
Jesuino Arthur Ganhado
Manuel Joaquim de Campos

para se encarregar de adquirir amostras de materiaes empregados nas construcções em Portugal; e a segunda, composta dos srs.:

Francisco Liberato Telles Castro e Silva
Manuel Joaquim de Campos
Antonio Cesar Mena Junior
João Rodrigues Fernandes
Jesuino Arthur Ganhado

para fazer um estudo do edificio em que esta Associação está installada.

O sr. Mendes Guerreiro, depois de novamente assegurar que que faria quanto coubesse em seu esforço para que a secção de architectura produzisse alguns trabalhos de utilidade, disse que por motivo de serviço lhe era impossivel demorar-se mais tempo n'esta sessão.

Procedeu-se á leitura de uma representação da commissão executiva da celebração do 4.º centenario de Damião de Góes, pedindo que seja coadjuvada no seu empenho de se concluirem as obras de restauração da egreja da Varzea em Alemquer, de modo que no mez de fevereiro do anno que vem já ali se possam celebrar os officios do culto.

Foi remettida ao Conselho, ouvindo-se a secção de archeologia, para poder tomar-se uma resolução definitiva sobre o assumpto.

O sr. Rozendo Carvalheira, referindo-se ao que lhe expozera e ao sr. Conde de S. Januario o sr. Mendes Guerreiro, n'uma carta ácerca das novas installações que se trata de estabelecer na muralha do Carmo, propoz que se officiasse ao Ministerio do Reino, relatando-lhe o que se passa, visto que os trabalhos de perfuração já principiaram na espessura da muralha e a esta Associação corre o dever de informar com urgencia aquelle

Ministerio para que mande tomar as precauções e providencias que forem julgadas precisas.

O sr. Carvalheira pediu que n'esse officio a expedir fosse incluida uma indicação, que mandou para a mesa, das Commissões que teem sido officialmente encarregadas de estudar as condições de segurança da muralha referida.

Approvou-se a proposta e o pedido do sr. Carvalheira.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos, lendo um interessante elogio do dr. Emilio Hübner ha pouco fallecido, que largamente se occupou da archeologia do nosso paiz, propoz um voto de sentimento pela irreparavel perda de tão prestante homem de sciencia.

Foi approvado por unanimidade.

O sr. Rozendo Carvalheira pediu ao sr. Leite de Vasconcellos que não privasse o nosso *Boletim* de inserir em suas columnas ao menos um resumo d'aquelle erudito trabalho, que a assembléa cobrira de applausos.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos, agradecendo esta demonstração de apreço, disse que não teria duvida em publicar no *Boletim* o proprio elogio que acabava de ler, se porventura o numero sahisse antes da sua revista *O Archeologo Portuguez* respectivo ao mez de Maio.

O sr. Visconde da Torre da Murta, por parte da commissão revisora de contas da gerencia do sr. Ernesto da Silva como thesoureiro no anno de 1900, mandou para a Mesa o respectivo parecer, que concluia por propor que fossem approvadas as mesmas contas e louvado o sr. thesoureiro, exarando-se na acta um voto de reconhecimento pela escrupulosa exactidão, cuidado, disvelo e intelligencia que dedicou ao serviço d'esta Associação na ardua execução do seu cargo.

Foram approvados tanto o parecer como a sua conclusão.

O secretario Rocha Dias apresentou em nome do Conselho a seguinte proposta:

«Senhores: — Determinando o § unico do artigo 15.º dos Estatutos que, para servirem no impedimento do Presidente, haja dois Vice-Presidentes, um d'elles architecto e outro archeologo, e convindo esclarecer qual d'estes deve de preferencia presidir ao Conselho Facultativo, tem o mesmo Conselho a honra de vos

propor, conforme resolveu na sua sessão de 9 do corrente (Fevereiro) que em uma disposição addicional ao Regulamento se declare que, na falta eventual do Presidente da Mesa, assumirá a presidencia o Vice-Presidente de mais idade.»

Approvada sem discussão.

Foram propostos e admittidos a socio effectivo o sr. Ernesto Maya, conductor d'obras publicas; e a socios correspondentes os srs. Maurice Prou, archeologo, professor na Escola Diplomatica de Paris e redactor da Revista *Moyen-Age*; e Pelegrin Casades y Gramatxes, archeologo e director da *Revista de la Asociacion Artistico-Arqueologica-Barcelonesa*.

O sr. Adães Bermudes pediu desculpa das suas faltas ás sessões anteriores e justificou a seguinte proposta:

«Proponho que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, como legitima homenagem de admiração e respeito ao seu illustre consocio dr. Sousa Viterbo, pela sua importante e valiosissima obra sobre Architectos, Engenheiros e Constructores portuguezes, lhe offereça o primeiro volume d'essa obra, artisticamente encadernado.

(a) *A. R. Adães Bermudes*»

O sr. Rozendo Carvalheira exaltou os relevantes serviços de Sousa Viterbo á historia da arte portugueza, á archeologia e ao jornalismo.

Por acclamação a assembléa approvou a proposta, resolvendo-se que o sr. Bermudes juntamente com o sr. Carvalheira se incumbisse de lhe dar immediata execução.

O sr. Bermudes mandou para a Mesa a seguinte proposta:

«Proponho que esta Associação solicite das estações competentes que lhe seja permittido corresponder-se officialmente com a Direcção das Construcções Escolares, dependente do Ministerio do Reino, para os effeitos da fundação de um Museu de materiaes de construcção portuguezes annexo ao Museu Archeologico do Carmo.

(a) *A. R. Adães Bermudes*»

O sr. Jesuino Ganhado congratulou-se pela apresentação d'esta proposta, que representa um grande auxilio pâra uma das

sub-secções da secção de construcção, incumbida de organisar um museu de materiaes.

Mandou-se ao Conselho Facultativo, para lhe dar o destino competente, a proposta do sr. Bermudes.

E não havendo mais de que tratar, encerrou-se a sessão.

Eram 5 e meia horas da tarde.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

RELATORIO DA BIBLIOTHECA

Senhores: Satisfazendo, quanto o permittem os estrictos limites das nossas forças, ao que determina o artigo 9.º do regulamento d'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, vimos, como nos cumpre, no desempenho do cargo que nos foi commettido, perante a Assembléa Geral, dar conta do movimento da nossa bibliotheca durante o anno proximo findo, apresentando á sua auctorisada e sabia apreciação o seguinte relatorio.

No decurso do anno de 1900 recebemos 65 volumes, 39 folhetos e 69 fasciculos, correspondendo tudo a cem obras.

De muitos e variados assumptos tratam essas publicações escriptas em differentes idiomas; portuguez, hespanhol, francez, italiano, allemão e inglez, achando-se descriptas no resumido mappa appenso a este simples relatorio as materias que constituem essas obras.

Na sua maior parte foram offerecidas a esta Associação pelos Ministerios do Reino e das Obras Publicas; Ministerio de Instrucção Publica de França; Commissão de trocas internacionaes. Pelas academias: de Inscripções e Bellas-Lettras, de França; da Rochella e da Real de Sciencias e Artes, de Barcelona. Pelas associações: Artistica e Archeologica de Barcelona; Commercial de

Lisboa; de Conductores de Obras Publicas de Lisboa; de Engenheiros Civis Portuguezes e dos Regentes Agricolas. Pela Camara Municipal de Lisboa; Camara do Commercio; Collegio dos Engenheiros de Venezuela; Collegio dos Engenheiros e Architectos de Palermo e Companhia Tagus. Pelas direcções: do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro; do Asylo Albergue dos Invalidos do Trabalho; das Cosinhas Economicas de Lisboa; da Direcção da excellente obra «Portugalia»; da Escola especial de Architectura de França; do Instituto de Coimbra; do Museu Ethnologico Portuguez e do Museu Nacional de Costa Rica. Pelas sociedades: Archeologia do Meio Dia da França; dos Artistas Lisbonenses; Francisco Martins Sarmento, de Guimarães; de Geographia de Lisboa; de Geographia do Rio de Janeiro; Nacional de Horticultura de Portugal; dos Antiquarios de Philadelphia e da Siciliana de Historia Patria.

Igualmente devemos apreciaveis e interessantes obras á amavel offerta, favor e gentileza do nosso Presidente o sr. Conde de S. Januario e dos srs.: Albano Bellino, Antonio Padula, Antonio dos Santos Rocha, Monsenhor Conego Botto, Carmo Nazareth, Cavalleiro e Sousa, Cazalis de Fondouce, D. José Pessanha, Esteves Pereira, Fernando Godinho de Faria, Filippe Nery de Faria e Silva, Gabriel Pereira, Giacomo Tropea, Ignacio Salvador, Leonardo Dias, Joaquim Manuel Mendes Passos, José Fortes Junior, Julius Meili, Leitão e Irmão, Lino d'Assumpção, Pereira Caldas, Richemond e Rocha Dias, que bem merecem o nosso reconhecimento e louvores pela sua dedicação em ampliar e enriquecer a nossa bibliotheca com obras que mais ou menos se relacionam com a indole d'esta Associação; merecendo menção especial, por mais directamente interessarem aos nossos estudos, o Jornal do Real Instituto dos Architectos Britanicos; a Noticia sobre estudos de resistencia e ensaios dos materiaes da construcção em Portugal, pelo distincto engenheiro o sr. Castanheira das Neves; as publicações do Collegio dos Engenheiros e Architectos de Palermo e as do Instituto dos Architectos Americanos. As apreciaveis obras sobre numismatica do sr. Julius Meili; os estudos de numismatica da India Portugueza, pelo sr. Carmo Nazareth; as publicações da sociedade de numismaticos e antiquarios de Philadelphia; os trabalhos do Congresso Archeologico de França, relativos aos annos

de 1895 a 1897; o Archeologo Portuguez, importante publicação dirigida com toda a proficiencia pelo nosso consocio e fervoroso archeologo o sr. Leite e Vasconcellos; o segundo fasciculo da Portugalia, que continua mantendo a merecida reputação d'aquella notavel publicação que merece a attenção e applauso dos estudiosos; as Antiguidades Prehistoricas do concelho da Figueira, pelo nosso socio e eminente archeologo o sr. Santos Rocha; o Glosario critico dos principaes monumentos do Museu do Infante D. Henrique, pelo nosso consocio e archeologo prestante Monsenhor Conego Botto; o Calix de Oiro do mosteiro de Alcobaça, pelo consciencioso investigador o sr. D. José Pessanha; o Methodo a seguir sobre estudos prehistoricos, pelo sr. Eugenio Overloop; a Revista Archeologica de Barcelona; a Lapide Romana da estrada da Geira, pelo distincto antiquario o sr. Pereira Caldas; a Estação Archeologica d'Alvarelhos, pelo sr. Fortes Junior, e o excellente trabalho do nosso prestante socio e muito distincto academico o sr. Gabriel Pereira sobre o Museu do Carmo, bem como os numeros 9 a 11 do 2.º tomo da 3.ª série do nosso *Boletim*, dirigido com habil competencia por aquelle nosso prezado consocio.

Não fazemos menção especial de outras obras que por occasião da celebração de assembléas geraes foram presentes aos nossos consocios, para não tornar longa esta relação; reconhecendo-lhes igual direito á nossa attenção e seus auctores ao nosso reconhecimento e louvores pela sua proficua applicação.

Ao extremo cuidado e efficaz diligencia que o nosso digno secretario o sr. Rocha Dias sempre emprega no interesse d'esta Associação, devemos a acquisição da Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos em Portugal, pelo nosso fallecido socio, de respeitavel memoria e benemerito cidadão, o sr. José Silvestre Ribeiro; obra escripta em 18 volumes que nos foi offerecida pelo sr. Joaquim Manuel Mendes de Passos, que com a mais obrigante amabilidade solicitou auctorisação da Secretaria da Academia Real das Sciencias de Lisboa para offertal-a á nossa bibliotheca, satisfazendo assim aos desejos manifestados pelo nosso prestante secretario e merecendo os nossos agradecimentos por este apreciavel donativo.

Com a intervenção valiosa do nosso socio o sr. Silva Leal

pudémos completar, em condições economicas, o Portugal Antigo e Moderno por Pinho Leal, adquirindo seis volumes que nos faltavam.

Em execução da deliberação da assembléa geral de 12 de maio proximo passado, mandámos comprar em França a interessante obra de Horace Maruchi, em dois volumes *Eléments d'Archéologie Chrétienne*, obra digna de meditado e reflectido estudo, como tudo que se refere a archeologia, pelas luzes que esta fornece ao historiador descerrando-lhe as sombras do passado e descobrindo-lhe muitas vezes a verdade que a tradição alterou, ou factos que a historia omittiu.

Alexandre Emiliano, sendo governador do Egypto, no reinado de Gallieno, chegou a vestir a purpura e a empunhar o sceptro, usurpação esquecida pela historia e revelada pela numismatica, importante ramo da archeologia.

Grande, notavel e benefica foi a acção espiritual e moral do Christianismo, como importante e consideravel foi a sua influencia politica nos destinos da Europa desde que cessaram as perseguições ordenadas por Nero em 64 da nossa era e continuadas até Diocleciano. Constantino, o Grande, após haver concedido a tolerancia religiosa pelo edito de Milão em 313, proclama o Christianismo religião do estado, submettendo o imperio á obediencia da Egreja. Os importantes serviços que esta prestou no v e vi seculo, depois da invasão dos barbaros no imperio romano, salvando do vandalismo devastador dos invasores a civilisação prestes a sossobrar com todos os elementos d'ordem, moral e illustração, contribuiram para firmar a sua auctoridade temporal, desinvolver a sua riqueza e accentuar a sua influencia politica que Hildebrand consolidou, quando elevado ao solio pontificio em 1073 sob o nome de Gregorio vii, exigindo o direito á suserania sobre os reinos de Hespanha, Hungria e Dinamarca, conquistados a pagãos ou a infieis; forçando Guilherme, o Conquistador a pagar-lhe o dinheiro de S. Pedro; ameaçando de excommunhão os monarchas que faziam trafico publico das dignidades ecclesiasticas; depondo o Imperador da Allemanha, Henrique iv, e arrancando-lhe o direito de investidura nos beneficios ecclesiasticos, como por seu conselho o papa Nicolau ii havia supprimido áquelle soberano a prerogativa de eleger o Summo Pontifice, transferindo esse direito para o clero romano em 1059.

Politico habil, avido de dominio, ambicioso e energico, Gregorio VII soube reformar a disciplina decadente da egreja, libertal-a do poder profano, refrear os costumes derrancados do clero, reprimir-lhe os abusos e submettel-o á obediencia e sujeição do Supremo Pontifice!

As lutas religiosas dos primeiros seculos contra o Arianismo, os Iconoclastas, Vaudeses e Albigenses; as guerras da Reforma, sua causa e consequencias; a instituição do terrivel tribunal da inquisição a que o concilio de Verona lançou os fundamentos em 1184; o poder preponderante que a Egreja exerceu na edade media, curvando, submissas á sua vontade omnipotente, as mais altivas e poderosas nações; poder que, considerado independente das suas crenças e só como força politica, constitue um dos maiores de que rezam os annaes do mundo!

Todos estes factos formam um conjuncto de circumstancias que tiveram influencia decisiva nos costumes, na moral, nas lettras, nas artes, na architectura, finalmente na civilisação!

É notavel! Todos estes successos tiveram por pretexto o christianismo, a interpretação genuina da sua doutrina, a conservação pura dos seus dictames, o respeito pelas suas maximas; sem embargo, na sua maioria, nada mais contrario, nada mais opposto á abnegação, á fraternidade, paz e humildade que Christo ensinou com a palavra e com o exemplo! Elle que entrou no mundo sem herança nem vislumbre de grandezas terrestres, que viveu santificando a desgraça e morreu divinisando o soffrimento!

Considerando os factos que expomos á luz da historia, subsiste todavia, como elemento essencial de interpretação d'elles, a analyse dos monumentos, a decifração de inscripções, a apreciação dos productos da arte, o conhecimento da significação dos objectos do culto, a comprehensão dos symbolos, n'uma palavra, o estudo da archeologia christã.

Reconhecendo esta Real Associação a utilidade, valor e alcance d'esse estudo, approvou em assembléa geral celebrada em 10 de fevereiro de 1886 a proposta do nosso chorado Presidente o Sr. Possidonio da Silva, de muito saudosa recordação, para que se solicitasse dos Prelados portuguezes a instituição d'uma cadeira de archeologia christã nos seus respectivos seminarios, com o louvavel intento de habilitar os futuros parochos com conhecimentos

especiaes e indispensaveis para salvar da cubiça de especuladores ou do desleixo da ignorancia as preciosidades artisticas das suas egrejas e opporem o seu criterio a reconstrucções inconscientes que alterem o typo da primitiva architectura d'essas egrejas, que, opulenta ou modesta, representa muitas vezes uma epocha historica, o quadro social da antiguidade, revela a piedade de seus fundadores, não raras vezes ligada a acções gloriozas dignas de serem registadas pela historia como exemplo de fé viva e virtude civica.

Provando mais uma vez a sua illustração e o estranho amor que dedicou á archeologia e á architectura, e que o alentou até aos ultimos momentos da sua vida prestimosa, compoz e publicou em 1887 o sr. Possidonio da Silva, em edade bastante avançada, o *Resumo Elementar de Archeologia Christã*, obra util, de reconhecido proveito, estudo facil e attrahente que instantemente recommendamos, especialmente aos ecclesiasticos que desejarem obter noções claras d'archeologia christã, como caminho seguro para comprehensão de estudos da mesma natureza, mais profundos e desenvolvidos, cuja importancia scientifica e artistica cada vez mais se revela e accentua desde que a archeologia christã se tornou uma sciencia, graças aos bem orientados estudos dos archeologos do seculo XIX; sem esquecer, como é de justiça, os importantes trabalhos de exploração feitos nas catacumbas de Roma por Antonio Bosio nos meiados do seculo XVI com singular persistencia durante o largo periodo de trinta e cinco annos da sua permanencia em Roma na qualidade de agente da Ordem de Malta, como refere o abbade Martigny.

Munido com os desenhos do celebre antiquario Filippe Wingh, e com o itinerario de Panvinu, poude Bosio inferir qual o logar provavel onde descobrir as catacumbas que explorou em todos os sentidos com notavel perspicacia sem deixar escapar qualquer indicio que offerecesse interesse. Copiou inscripções, descreveu pinturas e traçou plantas com exactidão tal que surprehendeu os sabios modernos, entre outros a Agincurt e ao padre Marchi, que prestam a devida homenagem aos trabalhos de Bosio.

Depois d'elle numerosos sabios visitaram Roma subterranea, distinguindo-se pelos seus estudos Aringhi, Boldetti, Marchi e sobre todos João Baptista Rossi que debaixo d'um novo ponto de

vista emprehendeu um notavel trabalho que derrocou as ideias menos exactas que geralmente eram adoptadas sobre as catacumbas. Derramando verdadeira luz sobre estes preciosos monumentos da origem do christianismo, accrescentou uma nova e irrefragavel conquista á sciencia! Carlos Wecher, n'uma carta em que lhe dava succinta descripção das catacumbas pagãs d'Alexandria, chamava a Rossi «Christovão Colombo das catacumbas romanas».

Ao primor da Direcção dos trabalhos geologicos devemos a offerta d'uma carta geologica de Portugal em duas folhas comprehendendo uma o norte, outra o sul do paiz, ratificada pelos distinctos geologos os srs. Nery Delgado e Paulo Choffat.

O nosso consocio o sr. José Pinto da Silva Ventura obsequiou-nos com uma photographia do convento de Arouca, assim como o sr. Ernesto Loureiro com uma nitida photographia do monumento que se suppõe commemorativo da juncção das hostes de El-Rei D. João I com as do insigne Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, quando marchavam para Aljubarrota, proximo da formosa e historica cidade de Thomar, assim como outra da capellinha de S. Lourenço junto ao referido monumento.

Para conhecimento das despezas feitas por conta da dotação da bibliotheca podem ser examinadas e verificadas pelas contas do nosso digno e zeloso thesoureiro.

Recebemos durante o periodo a que se refere este relatorio o Diario do Governo e os seguintes jornaes, com mais ou menos falta de numeros; Primeiro de Janeiro, Conimbricense, Manuelinho d'Evora, Aurora do Cavado, Gazeta d'Obras Publicas do Commercio e da Industria, A Construcção, A Federação e um numero de L'Echo de l'Oise que insere uma noticia dos trabalhos da Sociedade Historica de Compiègne durante o anno de 1899.

O nosso socio correspondente o sr. Padre Gaspar Roriz, redactor do Echo de Guimarães teve a amabilidade de nos enviar o numero 11 d'aquelle jornal dedicado em homenagem á direcção da Sociedade Martins Sarmento.

Contém os retratos dos directores d'aquella bem conhecida e importante sociedade, evidenciando o valor dos serviços prestados por aquella benemerita direcção.

Sob a epigraphe «Revelações» apresenta aquelle jornal o quadro

dos serviços prestados a Guimarães, á litteratura, á sciencia e áquella sociedade pelo seu fallecido socio, e nosso laureado, o sr. Francisco Martins Sarmento, pondo em relevo as suas nobres e singulares qualidades moraes, o seu talento e illustração, a maneira distincta como cultivou as lettras, a circumspecção como sempre poz em actividade as faculdades do seu robusto talento e aprimorados dotes de intelligencia ao serviço do seu paiz. E fel-o, como dizia Joubert, «avec le cœur haut et l'esprit modeste»!

Em um esmerado e especial numero da Revista de Guimarães dedicado á memoria d'aquelle inclito cavalheiro, numero que nos foi offerecido pela Sociedade Martins Sarmento, encontrarão os nossos socios boa copia de artigos, devidos á penna de notabilidades scientificas e litterarias, prestando respeitoso culto á memoria do nosso venerando socio; porém, sem galas nem perfumes de lisonja, diremos: que o maior galardão das suas acções nobres consiste em as haver praticado com notavel isenção e desinteresse!

Recebemos, com muito reconhecimento, para a nossa bibliotheca tres exemplares d'um numero do Occidente que publicou o retrato do nosso fallecido Vice-Presidente o sr. Valentim José Corrêa, acompanhado d'um elogio em acatamento á sua memoria e que offereceu á nossa Associação o sr. Caetano Alberto.

Com igual reconhecimento recebemos o numero 301 da Gazeta das Obras Publicas do Commercio e da Industria, de 22 de Julho de 1900, por inserir um artigo tambem dedicado á memoria do sr. Valentim Corrêa.

Em estylo sentido, brilhante e levantado presta suprema homenagem aos elevados dotes d'aquelle nosso socio benemerito, em cujo obsequio são diminutos os maiores encomios!

Funccionario honrado, honesto e probo, serviu o seu paiz durante cincoenta annos sem que a sua reputação, espelho crystalino que qualquer bafo empana, soffresse a minima quebra; prestando á sua patria successivos serviços com estranho zelo, dedicação e intelligencia, honrando a classe illustre dos architectos a que pertencia.

Pela affabilidade do seu caracter impolluto, franco, lhano e recto, mereceu a consideração e confiança dos seus chefes; conquistou a amisade e respeito dos seus subordinados, a estima e

veneração dos seus amigos, a sympathia e acatamento das corporações a que pertenceu.

Era o ultimo que existia dos fundadores d'esta Real Associação que nunca poderá esquecer a devotada dedicação d'aquelle seu benemerito socio e os bons e valiosos serviços que lhe prestou com fervor, enthusiasmo, acerto e prudencia, sem ostentação nem alarde que o não soffria a sua natural e sincera modestia que não dava ensanchas ao orgulho, nem aspirava aos pregões da nomeada!

Modestia tão respeitavel como a integridade do seu caracter, tão grande como a nobreza da sua alma!

Em quanto existir um membro da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, será lembrado com acatamento, saudade e orgulho o nome honrado de Valentim Corrêa!

Das repetidas provas de benevolencia com que nos tem honrado esta Associação esperamos nos serão relevadas as deficiencias d'esta modesta exposição.

Museu do Carmo, 4 de Fevereiro de 1901.

Visconde da Torre da Murta
Conservador da bibliotheca

Mappa demonstrativo das obras recebidas para a bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, durante o anno de 1900

Designação das materias	Numero de		
	Volumes	Folhetos	Fasciculos
Architectura	1	2	5
Archeologia	12	8	32
Historia.	38	11	6
Geographia	1	-	3
Sciencias mathematicas, physicas e naturaes.	1	3	12
Bibliographia	1	-	1
Agricultura	2	-	5
Variedades	9	15	5
	65	39	69

Publicações offerecidas á bibliotheca da
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes
desde 1 de Janeiro até 31 de Março de 1901

Archeologo Portuguez (O), n.os 9 e 10 do vol. v.

Bulletin des Commissions Royales d'art et d'archéologie — 2 vol. (annos de 1897 a 1899.)

Bulletin de l'Academie des Inscriptions et Belles-Lettres — Setembro a Dezembro de 1900 — 2 vol.

Bollettino del Collegio Toscano degli Ingegnieri ed Architetti — n.os 2 e 3 — 1 folh.

Boletin de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona — fasc. 27 do 1.º vol.

Boletim da Real Sociedade Nacional de Horticultura de Portugal — fasc. 5 e 6 do tomo 2.º

Bulletin Historique du Diocèse de Lyon — fasc. 1 e 2.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa — n.os 5, 6 e 7 (17.ª série).

Catalogue de la bibliothéque archéologique de feu Mr. le Comte Arthur de Marsy — 1 vol.

Futuro dos Povos Catholicos por Emilio Laveles, traduzido do francez pelo dr. Miguel Vieira Ferreira — 1 folh.

Instituto (O) — Revista scientifica e litteraria — fasc. 1, 2 e 3 do vol. 48.

Itinerarios de Viagens — 1 vol (sobre o Oriente).

Journal of the Royal Institute of British Architects — fasc. n.os 11 a 15, 3.ª parte do vol. 7.º e 1 a 5 da 1.ª parte do vol. 8.º

Lavrador (O) — Revista agricola mensal — fasc. 4, 5 e 6.

Old Indian Village (An). By Johan Auguste Udden — 1 vol.

Petições dirigidas a Sua Magestade pelas fabricas de moagem de cereaes de Lisboa e Porto sobre importação de trigo exotico — Dezembro de 1900 e Janeiro de 1901 — 2 folh.

Real Academia de Ciencias y Artes — Año académico de 1900 a 1901 — Nomina del personal academico — 1 vol.

Relatorio e contas da Direcção do Asylo Albergue dos Invalidos do Trabalho, respectivo ao anno economico de 1899-1900 — 1 folh.

Relatorio do conselho central e parecer do conselho fiscal apresentados á assembléa geral de 30 de Dezembro de 1900 — (Assistencia Nacional aos Tuberculosos) — 1 vol.

Relatorio e contas do conselho director e parecer da commissão revisora de contas de 1900, da Camara do Commercio e Industria de Lisboa — 1 vol.

Resumo historico da fundação e desenvolvimento da veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo no Porto. Por um irmão. — 1 folh.

Revista de la Asociacion Artistico-Arqueologica Barcelonesa — fasc. 23 e 24.
Revista de Guimarães — fasc. 4.º do vol. 17.
Revista de Obras Publicas e Minas — 1 vol. (contém os n.os 367 a 369).
O Sanatorio do Outão (— 1 fol.)

JORNAES

Aurora do Cavado
Comarca de Arganil
Conimbricense
Construcção Moderna
Diario do Governo
Gazeta de Obras Publicas, do Commercio e da Industria
Manuelinho d'Evora
Primeiro de Janeiro
Primeiro de Dezembro
Tradição
Trafico d'Exportação.

O Bibliothecario
Visconde da Torre da Murta

EDIFICIO GOTHICO DO CARMO

REPRESENTAÇÕES

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Presidente do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes — A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes resolveu appellar para os bons officios e alto patriotismo do Conselho a que V. Ex.ª tão dignamente preside, a fim de sollicitar o seu apoio na cruzada em que, desde longa data, vem empenhando persistente esforço em prol da integridade dos monumentos patrios.

O assumpto, que n'este momento mais a preoccupa e especialmente determina que o seu appello se torne effectivo para com esse illustre Conselho, é o seguinte:

Existe na fachada sul da séde d'esta Associação — Museu no edificio gothico do Carmo — uma porta ogival de finos e caracteristicos lavores, coeva da primeira phase do monumento, que, sendo praticavel na occasião em que o governo de Sua Magestade entregou a esta Associação o mencionado edificio, foi mais tarde tumultuaria, abusiva e vandalicamente entaipada, vedando-se o accesso ao terreno onde a mesma porta existe, por fórma que a anterior servidão ficou inteiramente inutilisada para tal fim.

Por varias vezes esta Associação, no pleno cumprimento do seu dever e na ciosa manutenção do que julgava e julga seus direitos incontestaveis, representou contra essa usurpação ou posse, que em nenhum documento se baseava, e viu com profunda magoa que foram desrespeitados os seus direitos e não attendidas as suas justas reclamações.

Recentemente a Ex.^ma^ Camara de Lisboa, que se apossára do terreno já referido, consentiu que n'elle se estabeleça a serventia privativa do novo ascensor Oiro-Carmo em via de construcção; e n'estas circumstancias dá-se o caso curioso de que, sendo esta Associação a legitima e primitiva usufructuaria d'esse terreno, seja ella precisamente quem fica privada de por alli se poder servir para melhor installação do seu Museu. Accresce ainda que no terreno em questão existe um cruzeiro que fazia parte do primitivo adro do templo, facto que demonstra claramente constituirem esse terreno e templo partes integrantes do conjuncto do edificio, cujo usufructo foi concedido á nossa Associação.

Desdobra-se, pois este assumpto, do maximo interesse para a Associação, em duas phases por egual importantes, uma das quaes ella diligenceia n'este momento repor no devido pé, e outra que constitue propriamente a base justificativa do appello que fazemos a essa illustre collectividade.

Se a posse não justificada do terreno póde dar a esta Associação razão para reivindicar os seus direitos, o facto do entaipamento, já referido, de uma peça de importante valor architectonico, colloca-a no dever de reclamar á corporação official que tem como ella a patriotica missão de salvaguardar a integridade dos monumentos nacionaes.

Por este motivo e reconhecendo a Associação com magoa que os seus appellos directamente feitos em instancias officiaes raras vezes teem sido attendidos, espera ser agora mais feliz, expondo a sua justissima pretensão ao Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes que póde efficazmente patrocinal-a pelas condições organicas em que a lei o collocou. O nosso maior empenho consiste em que seja desentaipada a referida porta e restabelecida mais uma serventia para o Museu, que desde muitos annos com grandes sacrificios esta Associação sustenta.

Resta a fundada esperança de que V. Ex.ª como Presidente

d'esse Illustre Conselho advogará esta causa, prestando assim não só um serviço á Associação, que antecipadamente muito grata se confessa, mas tambem impedirá a continuação d'um vandalismo, cuja existencia tanto mais grave se torna quanto é certo que se passa junto da séde d'uma instituição que porfiada e zelosamente tem tomado a peito a salvaguarda dos preciosos vestigios do vasto thesouro monumental que o passado nos legou.

Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 2 de Agosto de 1900.

Servindo de Presidente
(a) *Rodrigo Velloso*

O Secretario
(a) *Eduardo Augusto da Rocha Dias*

O Vice-Secretario
(a) *Sebastião da Silva Leal*

Veja se o Officio n.º 10 E da Presidencia da Commissão Executiva do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, (*Boletim*, 3.ª série, t. VIII, n.º 12, pag. 183.)

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente e Vereadores do preclaro Municipio de Lisboa — A Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, com sua séde na egreja do Carmo, representada por sua Mesa, vem a esta Ex.ma Camara expôr factos que inteiramente interessam ao fim para que foi creada e ao bom e fiel desempenho da levantada missão que lhe está commettida, reconhecida e consagrada pelos altos poderes do Estado e por

todo o paiz: factos sobre que chama a solicita attenção d'esta respeitavel Vereação, representante do primeiro municipio do paiz e aquella a quem por sua muita illustração, e pelo altissimo posto que occupa, corre o impreterivel e honrosissimo dever de cooperar, quanto n'ella seja, para que a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes possa bem corresponder ás obrigações que lhe impendem, de cujo cumprimento deve e só póde resultar lustre para o nosso paiz, e especialmente para esta boa e formosa cidade dentro de cujos muros ella demora.

Em breves palavras se faz a exposição d'esses factos:

Concedidos com todas as suas naturaes dependencias, pelo Governo, á mesma Associação para sua installação, e constituição ahi de um Museu Archeologico os restos da maravilhosa Egreja do Carmo, um dos monumentos mais relevantes, apesar de em ruinas, dos que no passado assignalaram a arte do nosso paiz, verdadeira joia d'esta, como sendo o local mais apropriado para os dois fins indicados, desde que em sua posse entrou toda a solicitude e o mais acrisolado empenho tem a Associação posto, em não só n'esse recinto venerando, historico e suggestivo ao ultimo ponto de ensinamentos d'arte, reunir em museu, já hoje copioso, todas as reliquias memorandas do passado que lhe tem sido dado adquirir, mas ainda em conservar e venerar, evitando-lhe o sossobro completo, como documento incontrastavel e valiosissimo do que fomos e podémos no passado, esses restos do feerico templo.

Ora este, além da sua porta principal sobre o Largo do Carmo, havia e tem uma outra lateral que dá, para o lado sul do edificio, sobre terreno que dês todos os tempos foi havido e considerado como pertença e dependencia d'este, pois que, além de para ahi abrir essa porta, não só sobre elle assentam os corucheus ou gigantes que supportam sua parede externa por esse lado, e um grande botaréo tambem d'ella encosto, mas ainda sobre elle deitam as principaes janellas da Egreja. Por essa porta lateral havia não só ingresso dos fieis para a nave cruzeira do templo e para a capella talhada na face externa da respectiva pa-

rede, mas ainda sahida para o sobredito terreno e para junto da cruz de pedra n'este existente, dependencia manifesta da Egreja, e não só indispensavel era, pois, essa porta para exercicio de taes servidões, mas ainda constituia e constitue ella uma das partes mais trabalhadas e formosas de toda a maravilhosa mole.

Longo e fastidioso seria historiar aqui as transformações successivas por que passou o referido terreno adjacente a essa porta e sahida d'ella, desde a extincção das ordens religiosas, muito mais que não são ellas por modo algum estranhas e escuras a essa Ex.ma Camara, pois que de seus archivos, e em mais do que um lugar, ellas constam, bem como as tentativas e esforços que a Ex.ma Vereação por mais do que uma vez fez, em diversas epochas, para obter do Governo a cessão, por qualquer modo, d'esse terreno, a fim de adequadamente o aproveitar, e apenas se lembra, como testemunho, entre muitos que se poderiam adduzir do que fica dito, o que a esse respeito se deliberou em sessão de 21 d'abril de 1871, comforme se lê a pag. 898, n.º 28, 2.ª série do *Archivo Municipal*. Não consta que até hoje tivessem deferimento essas pretenções da Ex.ma Camara.

Certo é que n'um dos vaivens e transformações a que esse terreno esteve sujeito, e por que tem passado, foi mandado vedar, em sua sahida para o largo do Carmo, primitivamente por um tapume de madeira, e posteriormente por muro de alvenaria com portão de ferro, sendo o respectivo recinto ajardinado.

A esta ultima obra, pelo anno de 1871, precedeu deliberação da Ex.ma Camara, tomada com audiencia do seu architecto e do respectivo vereador d'obras, no sentido de vir a ter o referido portão de ferro tres chaves, uma para algum dos moradores do predio urbano existente no fundo d'esse terreno, predio de que a principal serventia era pela Nova Calçada do Carmo, se poder utilisar da sahida d'ella para o Largo do Carmo, *outra para a Associação dos Architectos* e a terceira para a propria Camara, deliberação esta que deve constar da sua Secretaria.

A chave, porém, destinada á Associação nunca lhe foi entregue, deixando assim de dar-se cumprimento á resolução a tal respeito tomada, apesar de ser de todo o ponto rasoada e justa; mas ainda mais longe se foi na não consideração pelos direitos e posse da Associação, e do Governo de quem ella é representante

com relação á Egreja do Carmo e suas dependencias, mandando-se tapar exteriormente a referida porta lateral d'esta, com interrupção, pois, e impedimento de servidão por ella.

A Associação lamenta profundamente o que por tal modo tem succedido, e tendo por de todo o ponto adequado e de molde o ensejo presente, em que se trabalha, com auctorisação d'esta Ex.^ma Camara, na construcção do elevador que da rua do Ouro, pela de Santa Justa, dê accesso ao Largo do Carmo, exactamente sobre o terreno referido, vem mais uma vez, intensa e deliberadamente, envidar seus esforços para conseguir obter o reconhecimento e consagração dos direitos que lhe assistem, como tendo a seu cargo e sob sua vigilancia, a conservação da Egreja do Carmo com tudo o que de precioso d'ella resta, senão em toda a extensão d'esses direitos, na parte ao menos indispensavel para o exercicio de seus deveres, e sustentação das regalias necessarias para seu exacto desempenho.

Em tal modo, sem que faça questão da posse do referido terreno, vem ella perante esta respeitabilissima Vereação, representar no sentido da necessidade instante e inadiavel, em presença dos factos occorrentes de que lhe seja franqueada a sahida da Egreja pela dita porta lateral para o lado do sul, sobre o sobredito terreno, restituindo-se-lhe em tal modo a servidão a que tem direito, e facultando-se com esta a entrada e sahida dos membros da Associação e dos visitantes do Museu, e da Egreja por esse lado, a vigilancia e inspecção á Associação, que tão necessarias se lhe tornam, sobre o exterior do edificio por essa parte, e sua conservação, especialmente quanto á mesma porta, um verdadeiro primôr artistico, para ser admirado de nacionaes e estrangeiros, em suas correctas e primorosas linhas; e ainda fazendo-se desapparecer o tapamento da porta, que não só, afeiando a Egreja interiormente mas ainda e sobretudo exteriormente, torna pouco aprazivel a vista externa do sitio e dará lugar a criticas justas pelas pessoas que em grande numero d'ora em diante venham a transitar por junto d'ella, com desfavor para a cidade que nos ultimos tempos tanto está primando em embellesar-se.

Confia a Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes que esta sua representação será tomada por V. Ex.^as,

tão cuidadosos e fervorosos no aformoseamento da capital, na muita e incontrastavel consideração que merece, e que proverão, á justa reclamação n'ella feita, de prompto remedio, mandando franquear a porta vedada, restituindo-a á sua primitiva, aos fins e no sentido exposto.

Com fazer-se praticar-se-ha acto de indefectivel justiça, honrando se a Camara nobremente com elle.

Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, 6 de Agosto de 1900.

Servindo de Presidente
(a) *Rodrigo Velloso*

O secretario
(a) *Eduardo Augusto da Rocha Dias*

O Vice-Secretario
(a) *Sebastião da Silva Leal*

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, no cumprimento da honrosa missão que se impoz, tendo á sua guarda as ruinas da historica egreja do Carmo, ali mantem em cuidadoso recato muitas e preciosas reliquias dos monumentos nacionaes, constituindo um museu d'archeologia e d'arte retrospectiva, que, merecendo a attenção de nacionaes e estrangeiros, não deixa já de fazer honra á capital.

Representando grande numero de dedicações benemeritas, logrando, mercê de desinteressados e perseverantes esforços, a

sympathia e o apreço tanto dos estudiosos como dos cultores da historia e da archeologia nacional no paiz e fóra d'elle, o Museu do Carmo tem conseguido fazer aviventar o culto dos nossos velhos monumentos e de toda a parte onde chega a piedosa investigação do passado, lhe teem sido enviados exemplares que successivamente vem augmentar as suas collecções, salvando-se assim de inevitavel perda e obliteração, reliquias sagradas e gloriosas.

N'esta obra patriotica a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes tem-se encontrado apenas com a dedicação dos que a mantêem e dos que lhe consagram affecto, contentando-se com a consciencia do alto dever cumprido. Na prosecução dos seus patrioticos intuitos, natural é que ella procure, quanto possivel, dar desenvolvimento ao seu Museu, não para apanagio de benemerencia, mas para que possa, em tudo, corresponder ao seu fim e ao mesmo tempo attingir as proporções de um verdadeiro e completo Museu Nacional.

N'esta ordem de idéas, resolveu a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes dirigir-se á illustre Camara Municipal da cidade de Lisboa, da patriotica presidencia de V. Ex.ª, fazendo appêllo ao interesse que de certo lhe merece tudo quanto possa engrandecer e honrar a primeira cidade do reino, para solicitar d'ella que confie á guarda e conservação do Museu do Carmo não só o que possa existir nos seus archivos e depositos interessando a historia monumental do paiz em geral e do municipio em particular, mas ainda o que successivamente seja encontrado em resultado de trabalhos nas obras municipaes.

Pelo systema de catalogação do Museu do Carmo, além de todas as informações sobre cada exemplar, fica consignada a sua origem e procedencia e mantendo-se, como não póde deixar de ser, esta fórma de disposição interna do Museu, claro é que todos os exemplares, que a illustre Municipalidade porventura lhe confiar, constituirão um deposito e poderão, a todo o tempo, reverter para um Museu Municipal, caso a sua creação seja resolvida ou reconhecida necessaria. Assim ficarão a bom recato, assim V. Ex.ª e os seus esclarecidos collegas prestarão um valioso serviço á cidade de Lisboa, que tão dignamente repre-

sentam. Pela sua parte, esta Associação, embora julgue a sua solicitação como simples cumprimento de um dever, sinceramente estimará que ella mereça a acquiescencia da nobre vereação lisbonense.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, no historico edificio do Carmo, aos 15 de julho de 1901.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Presidente da Camara
Municipal da muito nobre e sempre
leal cidade de Lisboa

O Vice-Presidente
(a) *Antonio Pimentel Maldonado*

Falla que fes André de Rezende na entrada del Rey D. Sebastiam de Portugal a primeira vez na cidade de Evora

Muito alto, e muito poderoso Rey Nosso Senhor; mas que que digo eu! parece incongruidade ao menos decoro pouco guardado fallar a Vossa Alteza por palavras custumadas a se dizerem aos outros Reys, pois ha hi proprias, e particulares para com Vossa Alteza, e emmendando me digo: Miraculozo Rey Nosso Senhor, filho de lagrimas de todo vosso Povo, com não menos gemidos pedido a Deus, que com alegria grandissima delle impetrado. Certa maneira de afronta recebe esta vossa sempre leal cidade de Evora segunda de vossos Reynos por lhe não conceder a Natureza este dôm em tempo que puderão seus cidadãos mostrar a Vossa Alteza os corações abertos; ou Vossa Alteza notar, e conhecer em todos a alegria que com vossa Vista lá dentro das entranhas lhes rebenta pelos olhos, para mostra da qual, boa parte poderão ser os sinais, e festas exteriores que nos a brevidade do tempo por Vossa Alteza limitado, e taxado; e o receyo da corrução dos ares tambem tolhem.

Pois palavras para explicar equivalentes; onde as acharey eu? Mayormente que não sobre nossa lealdade tanta demora, que possa esperar proluxo razoamente. Já não podem estar calados os que me ouvem; já me taxão de longueiro, e cada hum dezeja de me tomar a mão e por dezuzadas palavras se atraveçar a vos dizer: Vinhais em hora felicissima nosso Rey, nosso espelho em que nos revemos, nossa rica joya de que nos grandemente gloriamos, Esperança do Reyno em que para vos servir nascemos, dado a nos por Deus, pedido a Deus por nos: Com vosco, entre a saude, entre a prosperidade, e tudo o que se pode chamar bem, com vosco venha o precioso Martyr vosso Protector, cujo nome entre os Reys Christãos vos primeiro tomastes, elle guarde seu deposito, que sois vos, e por vossa cauza, e para nos servirmos tambem a vos; e os gloriozos Santos Amancio, Vicencio, Sabino, Cristeta nossos Padroeiros, com o maravilhoso Brazio nosso advogado vos tomem pela mão, e digão: esta preza e impreza nossa he: E vos cidadãos, que me já quasi forçadamente ouvis, pois vos não podeis mais soffrer comigo a grandes vozes todos dizey: — Viva El Rey Nosso Senhor. — Viva El Rey Nosso Senhor. — Viva El Rey Nosso Senhor.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 1, t. IX, pag. 47)

Loulé — villa e concelho. — Castello. — Azulejos da egreja da freg. de S. Lourenço — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Revista Archeologica*, III, 120; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, supp ao vol. II, 782; *Antiguidades monum. do Algarve* por Estacio da Veiga; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *A handbook for travellers in Portugal.*

Loures — freg. e conc. — Corpus. Inscrip. Latin., vol. II, 23.

Louriçal — freg., conc. de Pombal. — Torre ou casa forte de D. Affonso Henriques prox. do *Sanctuario de N. Sr.ª dos Prazeres* e vestigios de outra no sitio chamado *Cabeço de Sancho* — *Historia da fundação do real convento do Louriçal... e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora* (Lisboa, 1750); *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

Lourinhã — villa e concelho — Na casa da Camara um escudo d'armas, que confirma a tradição de que esta povoação foi tomada aos mouros por algum senhor francez ou que usava as armas de França — Ruinas de um castello. — Egreja matriz, que se suppõe ter sido fundada por D. Affonso I; era de architectura gothica. Restam d'ella sómente as bellas columnas de marmore da capella mór e os porticos. — *Ruinas da antiga egreja matriz.* (*Occidente*, vol. III, pag. 69); *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* por L. A. Rebello da Silva.

Lourosa — freg, con. de Viseu. — Egreja antiquissima, de architectura gothica; dois campanarios. — *As pedras baloiçantes* (*Revista archeologica*, II, n.º 1).

Lousado — monte, conc. de Vianna. — Vestigios de uma grande povoação; restos de muralhas. Existiam aqui em 1684 varios dolmens e mâmoas.

Louzada — villa e conc. — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 353.

Louzã — villa e conc. — Castello antiquissimo. — Na ponte de pedra que lhe fica proxima, está uma lapida com inscripção; e na capellinha do *Senhor da Agonia*, em um dos parapeitos do alpendre, uma cruz de pedra, tambem com inscripção — Ermida

de *Santo Antonio da Neve* junto ao *Altar do Trivim* Inscripções em portuguez na fachada e aos lados da porta da mesma egreja. — *Memorias historico estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal, com documentos ineditos* pelo sr. P. W. de Brito Aranha; *Uma viagem á serra da Louzã* por Forjaz de Sampaio (Coimbra, 1838); *Arch. Pittor.*, vol. IX e X; *A villa e o castello da Louzã* pelo sr. Brito Aranha (*Artes e Letras*, 1872, pag. 123); *Memoria hist. chorog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 185; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *O Seculo* n.º 6369 (1-10-99); *Hist. de Port.*, Pinh. Chagas, 3.ª ed., IV, 626, 633.

Lustosa ou **Lostosa** — freg., conc. de Louzada — Vestigios de fortific. antigas — *O Minho Pittoresco*, t. II, 360.

Luz — freg., conc. de Tavira — Egreja matriz muito antiga e notavel pela sua architectura. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac*; *Arch. Pitt.*, VI, 301.

Mação — villa e concelho. — *A camara de Mação e o seu pelourinho* por Abilio de Sá, juiz em Aldeia Gallega (Lisboa, 1887); *Hist. do rein. d'el-rei D. José* por S. J. da Luz Soriano, 1.º vol.

Mafra — villa e concelho — Sumptuosa basilica mandáda construir por el-rei D. João V. — *Descripção minuciosa do monumento de Mafra*. Idéa geral da sua origem e construcção e dos objectos mais importantes que o constituem. Noticia de Cintra, seus edificios e arredores pelo sr. Joaquim da Conceição Gomes (1894); *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Apontam. ácerca da biographia do notavel architecto da basilica real, palacio e convento da villa de Mafra* pelo sr. Visconde de Sanches de Baena; *Antiguidades de Mafra* ou relações archeologicas dos caracteristicos relativos aos povos que se assenhorearam d'aquelle territorio antes da instituição da monarchia portugueza, por S. P. M. Estacio da Veiga (*Na Historia e Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*. t. V, parte I, nova série); *Panorama*, 1840, pag. 60, 66; *O Convento de Mafra* pelo sr. E. A. Vidal, no jornal *A Arte*, 1879, pag. 115, 136; *Occidente*, X, pag. 3 (*Sala da bibliotheca*), XVI, pag. 11, 30, 46, 70, 75, 125; *Algumas noticias para a descripção historica do logar e freguezia de Alcainça* pelo sr. Ascensão Valdez (artigos no *Boletim da R. Assoc. dos A. e Archeol. Portug.* t. VII, n.º 2 e seg.); *Universo Pittoresco*, t. I, pag. 33; *Descripção do edificio de Mafra e apreciação architectonica* por Joaquim da Costa Cascaes; «Algumas notic. para a descrip. hist. dos log. de Alcainça, Malveira e Carrasqueira, do conc. de Mafra,» folh. pelo sr. J. Joaquim d'Ascensão Valdez; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczynski; *Lord Byron em Portugal* pelo sr. Alberto Telles; *Travels in Portugal* por James Murphy;

Convento Mosteiro — artigo de J. Gomes (*Bol. da R. A. dos Arch. e Archeol. Port*, VIII, p. 11); *Branco e Negro* n.º 23 (1896); *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 19; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Mala da Europa*, IV, n.º 105; VI, n.º 194; *Almanach Bertrand* (1900) *Archivo Pittoresco*, IV, pag. 113, 153; *Opusculos de A. Herculano*, II (*Monum. Patrios*); *Portugal Pittoresco*, IV, pag. 366; *Revista Illustrada*, 1892, pag. 216; *Portugal Artistico*, n.º 2, art. de Luiz Filippe Leite; *Em Mafra* por Eduardo Coelho (*Diario de Notic.* n.º 1943, 1871); *Hist. do rein. d'el-rei D. José* por S. J. da Luz Soriano, I, pag. 139 a 146; *Indice Parlamentar* pelo sr. Ant. Tavares de Albuquerque, pag. 105.

Maia — villa e concelho. — Vestigios de muros e torreões dos *paços de Caio Carpo Pallanciano*. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 623.

Maiorca — villa, conc. da Figueira — No monte onde está a capella de *Santa Eulalia*, que foi edificada sobre as ruinas de um castello romano (?), encontrou-se uma estatua de Juno. — *Mem. hist. chorogr. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco.

Mangualde — villa e concelho — Ruinas de um castello romano ou arabe. — Torre velha do relogio. — «No centro da quinta (do palacio dos Paes) ha uma miniatura e *parodia* de convento com differentes figuras de monges, que se movem automaticamente por meio de um engenhoso machinismo. Tambem na matta se vê um obelisco ou memoria com differentes inscripções em honra de D. João IV, da familia real portugueza, da religião catholica e da restauração de 1640.» — Egreja matriz do sec. XVI; tem porticos e janella ogivaes. — Santuario de *N. Sr.ª do Castello*: duas torres de granito muito ornamentadas e dois chafarizes «lindissimos». — Azulejos da capella mór e do corpo da egreja da Misericordia. Inscripções em portuguez sobre a porta principal e na parede lateral da capella mór do lado da epistola. — Ruinas de fortificações romanas ou preromanas a leste do Santuario. — *Citania de Mangualde* descoberta no meiado de 1889 pelo sr. dr. Alberto Osorio de Castro: medalhas romanas de prata e bronze, dos Antoninos, de Nerva, Adriano, Aurelio, Domiciano, Trajano, etc.; hypocause, restos de ossos e uma pedra azul clara com o signal de um engaste e semelhante a outras encontradas na Citania de Guimarães; fragmentos de talhas, azas de amphoras, canos de chumbo, mós de pedra, marmores despolidos, moldes de ferro, cinzas e carvões de fornalha, loiça vermelha e envernisada, vidros coloridos e ceramica grosseira. — Restos de fortificações e habitações antiquissimas em *Contensas de Baixo*, freg. de *Cassurrães*, no sitio da *Recha*; telha de rebordo, grandes muralhas, muitos fragmentos de ceramica, etc. «tudo por explorar ainda». —

No monte da *S.ª do Bom Successo*, junto da villa de *Chans de Tavares*, ruinas de uma cividade importante: muralhas *cyclopicas*, vias romanas, telha de rebordo, columnates, restos de habitações, etc., «tudo inexplorado ainda tambem!...» — No limite da *Cunha Baixa*, um dolmen muito bem conservado, junto do rio, e outro nos *Pedraes*. — Pedra com uns *fojos* ou pequenas covas, telhas de rebordo e pedras de cantaria no sitio do *Salgueiro*, limite de *Villa Nova*. — Pedra com inscripção nos *Braçaes*, limite do Outeiro, freg. de Espinho. — Dolmen junto do rio, na povoação de *Fonte do Alcaide*, sitio da Orca, freg. de Senhorim, conc. de Nellas. — Dolmen no limite da *Povoa de Cima*, aldeia de Senhorim, N'esta freguezia teem apparecido tijolos e ruinas de um castello, e no sitio da *Carvalhinha*, houve um dolmen, que ha annos foi despedaçado. — Castello junto do rio na povoação de *Gandufe*, termo da parochia de Espinho. — Jornal *O Novo Tempo* de 19 de dezembro de 1889; *Archeologo Portugues*, t. I, n.º 12, pag. 326 *Arch. Pittor.*, III, 321; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr Leite de Vasconcellos, t. I, p. 16; *A handbook for travellers in Portugal; Mala da Europa*, V, n.º 154, 169; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Indice Parlamentar* pelo sr. A Tavares de Albuquerque, pag. 100.

Manteigas — villa e concelho. — Na soleira da porta da egreja de Santa Maria ha uma lapida commemorativa de ter aqui passado o imperador romano Julio Cesar. — *Quatro dias na serra da Estrella* pelo sr. E. Navarro, pag. 89, 180.

Mão do Homem — logar no fim da freg. de N. Sr.ª de Adonfe, conc. de Villa Real. — Perto d'este logar, junto ao rio Córgo, em um pequeno monte, veem-se alicerces de muralhas e outros edificios. Ao lado norte d'este monte tem-se achado grande quantidade de moedas romanas de cobre, muito oxidadas, e que facilmente se desfazem.

Marão — cordilheira a O. da prov. de Traz os Montes e a E. da prov. do Minho. — Penedo oscillante (anta druidica) na serra de *Entrilho* — *Portugal Pittoresco*, t. III.

Marco de Canavezes — villa e concelho. — A egreja de *Santa Maria de Sobre Tamega* e a ponte foram fundadas pela rainha D. Mafalda, que tambem fundou uma albergaria na parochia de S. Nicolau. — No *Monte das Campas* veem-se sepulturas que se suppõe serem do tempo dos *mouros*?. — Em *Santa Eulalia de Constance* teve aquella mesma rainha um palacio e quinta (Soutello). — Ha quem diga que *S. Salvador de Taboado* foi mosteiro de templarios: o portico é de estylo gothico. A torre de *Novões* está muito bem conservada. — Em *S. Martinho de Soalhães* houve a torre de *Cadimes*; na capella mór da egreja, do lado da epistola, jaz sepultado Vasco Annes de Soalhães — Torna-se

notavel a casa da *Quintan*. Ruinas de mesquita de mouros em *N. Sr.ª do Freixo*. — Torre de *S. Lourenço do Douro*. — Em *Santa Maria de Villa Boa do Bispo* ha um arco de pedra muito antigo, conhecido por *marmoiral* (corrupção de *memorial*): é o tumulo de D. Sousino Alvares, alcaide mór do castello da *Bugéfa*. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 475 a 507; *Rainhas de Portugal*, pelo sr. Francisco da Fonseca Benevides; Sepulturas romanas (*Arch. Portug.*, v. n.º 1); *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 14; Habitações (*Portugalia*.-Mat. para o estudo do povo português, 1.º fasc.); *Indice parlamentar* pelo sr. A. T. de Albuquerque, pag. 99.

Margarida do Sadão (Santa) — freg., conc. de Ferreira. — Existiram na egreja d'esta freguezia seis inscripções, uma d'ellas christã e as outras romanas. — Teem apparecido por estes sitios marcos milliarios.

Margem de Arada — aldeia, conc. de Alemquer. — Appareceu em 1873, n'uma quinta, um sepulchro antiquissimo, sem inscripção alguma.

Marialva — villa, conc. da Méda. — Castello com quatro torres e quatro portas. — Vestigios de uma cidade romana. — A' entrada do castello vê-se uma inscripção. — No muro de um quintal da aldeia da Deveza está collocado um pedestal de columna, com inscripção romana; foi achado pelos annos de 1690; é de jaspe branco e tem 0,ᵐ5 de alto e 0,ᵐ25 de largo. — N'uma estalagem da mesma aldeia achou-se no fim do sec. XVIII uma lapida com inscripção. Dois edificios de architectura romana. Na distancia de 1 kilometro ha uma *naumachia*, a que ainda chamam *o lago*. — *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 48. — *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 633, 3.ª ed.

Marinha Grande — freg., conc. de Leiria — «Mem. historico estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal» pelo sr. Brito Aranha; «Mem. sobre a descripção physica e economica do logar da Marinha Grande» pelo visconde de Balsemão (Mem. econ. da Acad. Real das Scienc. de Lisboa), t. V; *Passeios na Provincia* por Eduardo Coelho (1893); Fabrica de Vidros (*Arch. Pittor.*, XI); *Occid.*, 1890, pag. 53; *Portugal* por Ferdinand Denis.

Marinha (Santa) do Tropêço — freg., conc. de Arouca. — No sitio dos *Sete Buracos* e nas margens do rio *Arda* teem apparecido mós com que os arabes moiam o quartzo para extracção de particulas de ouro — No logar de *Vergadellas* ha uma grande anta celtica, e outras menores no sitio dos *Pousadouros*.

Marrazes — freg., conc. de Leiria. — No alpendre da primitiva matriz do *Arrabalde* está um monumento, de pedra lavrada, servindo de pedestal a uma figura com espada e rodella No adro e por detraz da capella mór ha outras duas figuras: são todas

muito antigas e não se sabe o que representam.

Martinho (S.) do Angueira — freg., conc. de Miranda do Douro. — *Revista Archeologica*, III, 179.

Martinho (S.) do Campo — freg., conc. de Povoa de Lanhoso — Inscripção latina na verga da porta da capella da *Santissima Trindade*, vulgarmente denominada *do Espirito Santo* — *O Minho Pittoresco*, t. II, 593.

Martinho (S.) de Mouros — villa, conc. de Rezende. — A egreja matriz é toda de granito e de construcção gothica, egual á das egrejas de *Santa Maria de Bárrô* e de *Santa Maria de Almacave*, de Lamego. — Vestigios de lavra de minas metallicas. — Teem-se encontrado por estes sitios moedas de ouro, de prata e de cobre. — Uma das de ouro é gothica e duas de prata são romanas. — Almocabar mourisco. — Ha no sitio denominado *o Castello* uma gruta digna de estudo. — *Noticia historica da antiguidade de S. Martinho de Mouros* por Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Faro, no *Boletim da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, 1874, pag. 62; *Archeologo Portuguez*, n.º 1, pag. 9.

Martinho (S.) do Porto — villa conc. de Alcobaça. — Castello em ruinas. — Corpus Inscrip. Hisp. Latin., vol. II, 36, 39.

Marvão — serra, conc., de Marvão — Na *Serra da Portagem*, que d'esta faz parte, ha algumas cavernas onde teem apparecido columnas, capiteis, amphoras, cippos, medalhas de prata e de bronze, e outros objectos valiosos. — Na raiz d'este monte existem as ruinas de *Medobriga* — *Portugal Pittor.*, t. III.

Marvão — villa, praça d'armas, concelho. — Castello com baluartes. — Restos de construcções romanas. N'uma quinta dos marquezes de Tancos (condes da Atalaia) tem-se encontrado muitas amphoras de barro, medalhas, inscripções, restos de grandes edificios soterrados e outras antiguidades. — O portico da egreja de Sant'Iago é de granito, estylo gothico; a capella da Sr.ª da Conceição tem um retabulo de marmore branco e preto, de grande valia. — No adro da egreja dos franciscanos ha um cruzeiro de marmore. — *Archivo Historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias Archeologicas de Portugal* pelo dr. Hübner; *A villa de Marvão* pelo sr. A. Magalhães, na *Revista Illustrada*, n.º 23, 1891; *Occidente*, X, 227, XV, 21, XXI, 68; *Revista Illustrada*, 1890, pag. 206, 1891, pag. 60; *Apontamentos de Geologia Agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 87; *Viagens á roda do cod. adm.* pelo sr. Alberto Pimentel; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 633, 3.ª ed.; *Portugal* por Ferd. Denis; *Hist. do rein. d'el-rei D. José* por S. J. da Luz Soriano, 1.º vol.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 4 de Maio de 1901.

Presidencia do Ex.mo Sr. General Pimentel Maldonado, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.mo Sr. Mena Junior.

Compareceram os seguintes socios: Ex.mos Srs. Rosendo Carvalheira, Gabriel Pereira, Ascensão Valdez, O'Sulivand, Augusto Ribeiro, Guilherme João Carlos Henriques, Silva Leal, Jesuino Ganhado, Manuel Joaquim de Campos, e Cavalleiro e Sousa.

Abriu-se a sessão ás 9 horas da noite.

Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão anterior (9 de março).

Officios:

Do sr. Ernesto da Silva. mostrando-se summamente penhorado pela fórma como a Assembléa Geral apreciou os seus trabalhos de thesoureiro no anno findo;

De Mr. Maurice Prou, professor da Escola diplomatica de Paris, e do sr. D. Pelegrin Casales y Gramatxes, da «Associacion Artistico-Arqueológica Barcelonesa», agradecendo a sua eleição para socios correspondentes.

O sr. Augusto Ribeiro mandou para a mesa a seguinte proposta:

«Proponho que se consigne na acta da sessão de hoje um voto pelo restabelecimento do Presidente d'esta Real Associação o sr. Conde de S. Januario, e que o sr. Vice-Presidente se digne transmittil-o telegraphicamente a S. Ex.ª»

Approvada por acclamação, depois de ter dito o sr. Maldonado que no domingo anterior fôra a Paço d'Arcos, em nome da Associação, visitar o nosso estimado Presidente.

Tambem por acclamação foi approvada a seguinte proposta:

Senhores: — Em periodo da mais assignalada actividade, sob a influencia prestigiosa do seu venerando fundador, cuidou esta Real Associação de prestar homenagem áquelles dos seus socios que pelos seus merecimentos, pelos seus estudos e pelos seus serviços, se haviam tornado benemeritos da Instituição que, tratando principalmente do estudo da archeologia portugueza e da conservação dos monumentos nacionaes, tinha, como ainda hoje tem, a mais elevada missão patriotica que a uma collectividade social pode ser commettida.

Amortecido, mas não extincto, felizmente, o enthusiastico ardor d'esse periodo, a Real Associação, perdendo alguns dos seus dedicados cooperadores, conservou-se por bastante tempo menos activa, embora sem se fazer esquecida, nem deixar de trabalhar, graças ao zelo devotadissimo de alguns dos seus membros, que tomaram a peito não deixar extinguir perante as aras sagradas d'este monumento nacional o grande culto da patria portugueza. Benemeritos foram e benemeritos são esses fieis e dedicados mantenedores do nome e da gloria da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

E porque foram e são benemeritos é que eu entendo que a Real Associação lhes deve uma publica e solemne homenagem de reconhecimento. Para começar a pagar esta divida, é que tenho a honra de iniciar a renovação das nossas antigas consagrações, propondo a esta assembléa geral que apoie e vote que ao nosso erudito consocio, illustre escriptor e incansavel investigador o sr. dr. Sousa Viterbo seja conferida a medalha de honra (prata) destinada a galardoar serviços relevantes á instituição, ás sciencias e á patria.

E' larga e brilhante a bibliographia archeologica e historica do dr. Sousa Viterbo. Com paciente solicitude, em quanto lh'o permittiu a saude, embora quasi sempre precaria, o dr. Sousa Viterbo, investigador apaixonado, não abandonava os archivos publicos; apurando factos, inquirindo successos, decifrando e copiando documentos, colligindo memorias, aclarando genealogias, reavivando tradições, de modo a poder, com verdadeira consciencia, contribuir — e larga e efficazmente o fez — para o augmento dos subsidios para os estudos da archeologia, da historia, da arte e da litteratura portugueza.

Ainda hoje, doente, detido no seu gabinete de estudo por um soffrimento doloroso e irritante, o dr. Sousa Viterbo continua, com o mesmo amor e com a mesma devoção, os seus doutos trabalhos historicos, preparando novas monographias que virão, de certo, accrescentar novos valores á bibliographia archeologica e historica de Portugal. É justo é, pois, meus senhores, que a Real Associação que tem tido no dr. Sousa Viterbo um dos seus mais illustres collaboradores, lhe dê solemne testemunho de consideração e de apreço pelo seu longo, indefesso e brilhante trabalho. Se elle não pode vir aqui elucidar-nos com o seu conselho e auxiliar-nos com a sua erudição, tão vasta e tão completa, vá até elle a homenagem da nossa admiração e do nosso reconhecimento. E essa será, por sem duvida, uma das maiores consolações espirituaes da sua e da nossa existencia.

Sala das sessões em 4 de maio de 1901.

(a) *Augusto Ribeiro* »

Antes de se votar a precedente proposta usaram da palavra, associando-se á idéa de se prestar a referida homenagem, os srs. Guilherme Henriques, e Cavalleiro e Sousa.

O sr. Augusto Ribeiro disse que offerecia á Associação a medalha de prata destinada ao sr. dr. Sousa Viterbo.

A Assembléa agradeceu este generoso offerecimento, mas pediu licença para não o acceitar, querendo assim que a homenagem seja unica e exclusivamente da Associação.

Sobre êste assumpto fizeram breves considerações os srs. Silva

Leal e Soares O'Sulivand, que enunciou uma proposta para que a mesa e o proponente sr. Augusto Ribeiro fossem incumbidos de procurarem o sr. dr. Viterbo e entregar-lhe a medalha, visto que o estado de saude de S. Ex.ª não lhe permitte comparecer n'esta Associação.

O sr. Cavalleiro e Sousa propoz que a entrega da medalha fosse precedida de uma sessão solemne.

A'cerca d'estas duas propostas fallaram os srs. Guilherme Henriques e Augusto Ribeiro, concluindo-se pela unanime approvação d'ellas.

Approvaram-se propostas para serem admittidos a socios effectivos os srs.:

Conselheiro Julio Marques de Vilhena, conselheiro d'estado, ministro honorario, e par do reino, muito competente em assumptos historicos e auctor do notavel trabalho *Introducção aos estudos de archeologia prehistorica*;

Conselheiro José Navarro de Paiva Pereira d'Andrade, antigo inspector da fazenda no Estado da India, muito dedicado á archeologia e á historia portugueza, e fundador na velha e historica cidade de Goa de um museu lapidar e de um museu d'arte ornamental, conseguindo reunir no primeiro uma importante collecção de reliquias archeologicas e conservando no segundo, em uma bella installação, grande numero de preciosidades artisticas e historicas;

João Feliciano Marques Pereira, primeiro official do Ministerio da marinha e ultramar, distincto pelos seus estudos sobre a archeologia e a historia, principalmente sobre o Oriente, e em especial pelo valioso trabalho condensado na revista orientalista *Ta-Ssi — Yang-Kuo*;

Joaquim Maria da Costa Macedo, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e primeiro secretario de legação em serviço no Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Foram admittidos a socios correspondentes os srs.:

Duque Amadeu Astraudo, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Dominicana, junto da Santa Sé;

Conde de Montalbo, conselheiro da referida legação;

Conde Amadeu Galati di Riella;

Louis de Sarran d'Allard, director da «Revue du monde latin».

Os tres primeiros são auctores do «*Dizionario bibliografico* iconografico della Republica de San Marino» (1 volume illustrado) e o ultimo escreveu «Le centenaire de Garrett — Le vicomte d'Almeida Garrett et les Romantiques Français»; Le centenaire de Castilho — Le vicomte de Castilho et les écrivains français;» « A la mémoire de Pinheiro Chagas. Les Portugais á l'Exposition de 1889. »

Todas estas publicações dos socios correspondentes foram offerecidas á bibliotheca da nossa Associação.

Leu-se na mesa um officio do sr. Visconde da Torre da Murta, participando que por justo motivo não podia assistir a esta sessão, e propondo que se dirija ao Governo uma representação identica á do Gremio Artistico para que o Estado adquira o palacio Foz e n'elle funde um Museu d'Arte.

O sr. Rosendo Carvalheira expoz varias considerações sobre esta proposta e sobre a necessidade de se estabelecerem disposições legislativas tendentes a evitar quanto possivel que do paiz saiam objectos antigos de valor artistico.

A Assembléa resolveu enviar a proposta ao Conselho Facultativo para dar parecer, ouvidas as secções de archeologia e architectura.

O sr. Cavalleiro e Sousa justificou a sua falta á sessão anterior e disse que, se estivesse então presente, quando foi approvada a proposta do sr. A. Bermudes relativamente a uma manifestação em honra do sr. dr. Sousa Viterbo, ter lhe-hia dado o seu apoio.

O sr. Rosendo Carvalheira participou, com referencia áquella proposta, que não estava ainda concluida, mas brevemente o estaria, a encadernação do volume do *Diccionario dos Architectos* que esta Associação deliberou offerecer ao sr. dr. Sousa Viterbo, e que a casa Ferin tem posto o maior esmero na execução d'esse trabalho que é devéras primoroso e digno de exhibir-se na proxima exposição da Sociedade Nacional de Bellas - Artes.

O sr. Jesuino Ganhado disse que o sr. David Duarte Silva offerecêra para o nosso Museu varios azulejos e uma candeia mourisca, objectos que foram encontrados nas excavações feitas em Lisboa, no largo da Saude, por traz do Passo.

Mandou-se agradecer.

E não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram quasi 11 horas da noite.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 1 de Junho de 1901.

Presidencia do Ex.^mo^ Sr. General Pimentel Maldonado, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^mo^ Sr. Mena Junior.

Abertura ás 3 e meia horas da tarde, achando-se presentes os Ex.^mos^ Srs. Conselheiro Julio de Vilhena, Francisco Simões Margiochi, Visconde da Torre da Murta, engenheiro Mendes Guerreiro, Liberato Telles, Jesuino Ganhado, Leopoldo Mauritty, Ernesto da Silva, Ascensão Valdez, Commendador Guilherme João Carlos Henriques, Cavalleiro e Sousa, Manuel Joaquim de Campos e General Bon de Sousa.

Leram-se na mesa officios dos socios os Ex.^mos^ Srs. Visconde de Castilho, Augusto Ribeiro, dr. Rodrigo Velloso, Abel Botelho, Bernardino José de Carvalho e João Feliciano Marques Pereira, sentindo o golpe que esta Associação acabava de soffrer com a morte do nosso illustre Presidente o sr. Conde de S. Januario, em 27 de Maio.

Leu-se egualmente uma communicação do dr. Joaquim Maria da Costa Macedo, agradecendo a sua admissão a socio effectivo.

O sr. Presidente, referindo-se com doloridas phrases ao passamento do sr. Conde de S. Januario, disse que concedia a palavra aos socios que desejassem exprimir o seu pezar por esta enorme perda para a nossa Associação.

O sr. Visconde da Torre da Murta justificou a ausencia do sr. dr. Joaquim da Costa Macedo e declarou que, como portuguez e amigo do fallecido, se associava incondicionalmente a todas as homenagens que fossem prestadas á sua memoria saudosissima.

O sr. Conselheiro Julio de Vilhena, agradecendo o ter sido eleito socio d'esta aggremiação, prometteu acompanhar quanto pudesse os seus trabalhos assim como empregar as diligencias ao seu alcance para que ella prospére; e disse que tomaria parte em todas as manifestações de condolencia que a Associação pretendesse fazer em homenagem ao illustre extincto.

Foi lida na mesa e approvada por acclamação uma proposta do socio sr. Cavalleiro e Sousa para se cobrirem de crepes a cadeira presidencial e o retrato do sr. Conde de S. Januario, e consignar-se na acta um voto de doloroso sentimento pela sua morte, enviando-se á Ex.ma Sr.a Condessa uma copia da mesma acta.

O sr. Presidente incumbiu-se de ir dar os pezames á Ex.ma Viuva, em nome d'esta Real Associação.

O sr. Mendes Guerreiro propoz e a Assembléa approvou unanimemente que se realisasse uma sessão solemne commemorativa dos grandes serviços prestados á nossa Associação pelo sr. Conde de S. Januario, cujo elogio historico deve ser lido nessa occasião pelo socio que a mesa tiver convidado para tal fim.

O sr. Francisco Simões Margiochi poz em relevo os altos meritos e brilhantes qualidades que exornavam o caracter do sr. Conde de S. Januario.

Sob proposta do sr. Pimentel Maldonado resolveu-se, depois de breves reflexões dos srs. Mendes Guerreiro e Julio de Vilhena, que, no 30.º dia do fallecimento do nosso saudoso Presidente, a Associação mandasse celebrar uma missa de suffragio, convidando para esse acto religioso todos os associados.

Seguidamente, em signal de sentimento, encerrou-se a sessão. Eram 4 horas da tarde.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 21 de Setembro de 1901.

Presidencia do Ex.mo Sr. Rosendo Carvalheira, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.mo Sr. Mena Junior.

Abriu-se a sessão ás 8 e meia horas da noite, achando-se presentes os Ex.^{mos} Socios Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Jesuino Ganhado, Ascensão Valdez, Leopoldo B. Mauritty, Rodrigues Fernandes e Soares O'Sulivand.

Approvadas as actas das sessões de 4 de Maio e 1 de Junho.

Correspondencia:

Agradecimento da sr.ª condessa de S. Januario pelas manifestações de pesar que d'esta associação recebeu por occasião do fallecimento do illustre presidente o sr. conde de S. Januario;

Communicações dos srs. José Navarro de Paiva Pereira de Andrade, socio effectivo, Barreiros Callado, socio correspondente em Porto de Moz, Adães Bermudes, socio effectivo, e José Teixeira Lopes, socio correspondente no Porto, sentindo tão deploravel perda. Neste mesmo sentido se receberam officios da Direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes e da Associação dos Conductores de Obras Publicas;

Officio do socio effectivo monsenhor Alfredo Elviro dos Santos acompanhando o modelo em gesso do projecto do viaducto da rua de S. Sebastião da Pedreira desta capital, o qual foi delineado e executado pelo distincto conductor principal de obras publicas em commissão na Camara Municipal de Lisboa, sr. Henrique Sabino dos Santos;

Agradecimento do socio honorario sr. dr. Sousa Viterbo pelo voto de sentimento que se resolveu lavrar na acta pouco depois da morte de seu pae;

Officios do sr. Gabriel Pereira, conservador do Museu e presidente da secção de archeologia, remettendo o parecer desta secção favoravel ao pedido da commissão executiva do 4.º centenario de Damião de Góes; e propondo que se offerecessem á Camara Municipal de Lisboa as salas do nosso Museu para exposição dos objectos não só recentemente descobertos nas obras de excavação no Rocio, como de outros quaesquer que mereçam ser conhecidos do publico e ainda outros que de futuro appareçam em qualquer obra municipal;

Officio dos srs. Conde Amadeu Galati di Riella, de Palermo, e conde de Montalbo, de Roma, agradecendo a sua eleição para socios correspondentes.

Protesto da Direcção da Sociedade Nacional de Bellas-Artes de Lisboa, concernente á nomeação de um estrangeiro para elaborar o projecto de restauração da Sé de Lisboa;

Officios dos srs. visconde da Torre da Murta, Ernesto da Silva, Cavalleiro e Sousa, e Marques Pereira, justificando a sua falta á sessão.

Egualmente o sr. Presidente justificou a ausencia do sr. vice presidente, general Pimentel Maldonado, nos mezes de setembro e outubro.

O sr. Presidente disse que, em desempenho da commissão que lhe fôra incumbida e ao sr. Adães Bermudes na sessão de 15 de maio ultimo, entregára pessoalmente ao sr. dr. Sousa Viterbo um exemplar do *Diccionario dos Architectos* encadernado a primor; e que S. Ex.ª agradecêra com muito reconhecimento esta offerta da Real Associação.

O mesmo sr. Presidente agradeceu a Monsenhor Elviro dos Santos a reproducção do projecto de viaducto com que se dignára brindar o nosso Museu; proferiu algumas palavras enaltecendo calorosamente os meritos artisticos e qualidades pessoaes do sr. Henrique Sabino dos Santos, auctor d'aquelle projecto; e propoz que se dirigisse a este cavalheiro um officio de congratulação pela sua notabilissima obra que póde servir de instrucção a nacionaes e constitue um bello specimen de engenharia, digno de ser admirado por estrangeiros, sobretudo na epocha actual em que as construcções de ferro vão substituindo as de pedra como aquella é.

O sr. Jesuino Ganhado disse que o sr. Sabino dos Santos apresentára á Camara Municipal de Lisboa um relatorio muito interessante ácerca do seu trabalho.

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, patenteando a sua gratidão pelas expressões de que o sr. Presidente usára a seu respeito assim como a respeito do auctor do projecto, que é seu irmão, informou que o relatorio seria publicado, apezar de não existir já na Camara Municipal.

O sr. Presidente declarou que as columnas do nosso *Boletim* estavam á disposição de S. Ex.ª para esse fim.

O sr. Rodrigues Fernandes disse que tinha já pedido ao sr. Sabino dos Santos que publicasse o mencionado relatorio no jornal da Associação dos conductores de obras publicas.

Approvou-se por unanimidade a proposta do sr. Presidente.

Foram admittidos: a socio effectivo o sr. Victor Maximiano Ribeiro, diplomado com os cursos de conductor de obras publicas e minas e superior do commercio, e auctor do livro *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, que está sendo impresso por ordem da Academia Real das Sciencias; e a socio correspondente o sr. D. Mariano Muro Lopez Salgado, primeiro official do corpo facultativo de archivistas, bibliothecarios e antiquarios de Madrid.

O sr. Presidente, historiando as diligencias por esta Associação empregadas não só recentemente, mas desde longo tempo, para rehaver a servidão do terreno do adro da egreja do Carmo pela porta lateral sul, disse que o nosso direito a essa servidão estava reconhecido pelo gerente da empreza do ascensor Oiro-Carmo, o sr. dr. Almeida, e que apenas surgia uma difficuldade quanto á acceitação ou recusa do pequeno espaço de terreno que nos era concedido para estabelecermos a communicação pela indicada porta. Sobre este assumpto consultou a assembléa.

Usaram da palavra os srs. Valdez, Presidente, Ganhado e Elviro dos Santos, entendendo todos que o limite do terreno, a que se referira o sr. Presidente, era demasiado curto. A final, sob proposta de monsenhor Elviro dos Santos, foi approvado que se consignasse na acta um voto de louvor ao sr. Rosendo Carvalheira pelo modo intelligente e criterioso por que sabe defender os interesses da Associação, que no presente caso são tambem os do Estado, por isso que a este pertence o edificio em que estamos funccionando, e resolveu-se considerar subsistente para todos os effeitos de conclusão do negocio com a empreza Oiro-Carmo, ou qualquer outra que possa substituil-a, a procuração dada ao sr. Carvalheira na sessão de 4 de Fevereiro d'este anno.

O sr. Presidente referiu-se ao desmantelamento dos pelourinhos de Villa Franca de Xira e de Alverca, sentindo que não se tivessem respeitado esses venerandos padrões dos fóros municipaes.

Monsenhor Elviro dos Santos propoz que, no caso de não ser possivel restabelecer esses pelourinhos, fossem os restos d'elles requisitados para o nosso Museu.

....

O sr. Presidente lembrou a conveniencia de se officiar á Camara Municipal de Villa Franca de Xira, pedindo-lhe esclarecimentos ácerca dos pelourinhos em questão — se se encontram em condições de serem repostos, se a Camara póde custear essa despeza, se ha estampas ou photographias que os representem, e, em ultimo caso, quando nem a Camara nem o Governo os mandem reerigir, se a Camara auctorisa que os restos d'esses monumentos sejam recolhidos no Museu do Carmo.

A assembléa deu a sua approvação a esta proposta.

E como não houvesse outro assumpto a tratar, encerrou-se a sessão, ás dez e meia horas da noite.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 17 de Novembro de 1901.

A's duas horas da tarde, o secretario Rocha Dias participou que o sr. Vice-presidente general Pimentel Maldonado lhe communicára que não podia comparecer e que o sr. vice-presidente architecto, Rosendo Carvalheira, fizera egual communicação, dirigida ao secretario sr. Mena Junior; portanto, propunha que, para assumir a presidencia d'esta sessão, fosse convidado o Ex.mo Sr. João Verissimo Mendes Guerreiro, presidente da secção de architectura. Teve approvação unanime esta proposta. Em seguida occupou o logar de presidente o sr. Mendes Guerreiro, e abriu a sessão, proferindo algumas palavras de agradecimento pela manifestação da Assembléa, que se compunha dos seguintes socios, alem dos que ficam indicados: Victor Ribeiro, Jesuino Ganhado, Ernesto Maia, Ascensão Valdez, Liberato Telles, Gabriel Pereira, Manuel Joaquim de Campos, Leopoldo Mauritty, Rodrigues Fernandes, Augusto Ribeiro, Visconde da Torre da Murta, Cavalleiro e Sousa, Ernesto da Silva, José Queiroz, Soares O'Sulivand, dr. Leite de Vasconcellos, e o socio correspondente Eduardo Raposo.

Foi lida e approvada sem reclamação a acta da sessão antecedente.

Deu-se conta da correspondencia:

Participação do socio effectivo sr. Conselheiro Adolpho Loureiro de que, por continuar incommodado de saude, tinha que faltar á sessão.

Officio do director do Museu Municipal de Bragança sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, apresentando o seu pedido para que esta Associação promova que seja considerado nacional, reparado e conservado um monumento existente na cidadella de Bragança, junto á parede sul da egreja matriz: é o monumento conhecido pelo nome de *Antiga Casa da Camara*, um exemplar classico do chamado «romanico secundario» que precedeu e inspirou a ogiva.

A' secção de archeologia para dar parecer.

Outro do sr. Luciano Lallemant offerecendo cinco photographias do Museu do Carmo.

Mandou-se agradecer.

Outro do sr. Engenio Francisco Xavier dos Santos Remedios, architecto e engenheiro civil em Hong-Kong, offerecendo um mappa geral dos *gudões* ou *armazens depositos* de mercadorias na margem fronteira do porto daquella colonia, onde se está desenvolvendo progressivamente a já importante povoação de Kaulung ou Kowloon. Em 1860 o territorio ali adquirido pela Inglaterra era sómente de quatro milhas quadradas e agora é de 376 milhas, sendo 286 no mar e 90 em terra firme, por virtude da concessão feita pela China em 1898.

Resolveu-se agradecer, depois de submettido ao exame do Conselho Facultativo o mencionado officio.

Pelo sr. Rosendo Carvalheira foi remettida para a bibliotheca uma interessante obra: *Paris — Monuments élevés par la ville* (1850-1880), publicação feita sob a protecção da cidade de Paris por Felix Narjoux, architecto da mesma cidade. Contém a descripção e plantas dos edificios sanitarios.

Mandou-se agradecer.

Foi admittido a socio correspondente o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, director do Museu de Bragança e auctor do livro *Bemquerença* (Archeologia de Bragança) e de varios trabalhos publicados no *Archeologo Português*.

O sr. Victor Ribeiro agradeceu a sua admissão a socio effectivo.

O sr. Visconde da Torre da Murta apresentou varias publicações offerecidas pelos seus auctores os srs. Augusto Ribeiro e Visconde de Poli.

Consignaram-se agradecimentos por estas offertas.

O sr. Presidente convidou a Assembléa a formular as suas listas para a eleição dos corpos gerentes no anno de 1902 e interrompeu a sessão por alguns minutos. Reaberta a sessão, fez-se a chamada. Votaram 20 socios, incluindo o sr. Rosendo Carvalheira, que para este fim enviára procuração ao sr. Mena Junior. Serviram de escrutinadores os srs. Rodrigues Fernandes e Victor Ribeiro.

Foram eleitos:

Presidente da Mesa, sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, por 20 votos;

Vice-Presidente Architecto, sr. Rosendo Garcia de Araujo Carvalheira, 19;

Vice-Presidente Archeologo, sr. General Antonio Pimentel Maldonado, 17;

Secretario da Architectura, sr. Antonio Cesar Mena Junior, 15;

Secretario da Archeologia, Eduardo Augusto da Rocha Dias, 19;

Vice-Secretario da Architectura, sr. Arnaldo Redondo Adães Bermudes, 14;

Vice-Secretario da Archeologia, sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa, 15;

Thesoureiro, sr. Ernesto da Silva, 18;

Conservador da Bibliotheca, sr. Visconde da Torre da Murta, 19;

Conservadores do Museu, srs. Gabriel Pereira, 19; Francisco Soares O'Sulivand, 16;

Conservadores adjuntos, srs. Antonio Cesar Mena Junior, 16; Jesuino Arthur Ganhado, 17;

Tiveram votos para vice-presidente da archeologia, srs. Gabriel Pereira, 2; Conselheiro Julio Marques de Vilhena, 1; secretario da architectura, sr. Francisco Carlos Parente, 5; secretario da archeologia sr. Sebastião da Silva Leal, 1; vice-secretario da architectura srs Antonio Cesar Mena Junior,

3; João Rodrigues Fernandes, 1; Silva Leal, 1; vice-secretario da archeologia, srs. Victor Maximiano Ribeiro, 3; João Rodrigues Fernandes, 1; thesoureiro, Silva Leal, 1; Conservador da bibliotheca, José Joaquim d'Ascensão Valdez, 1; Conservadores do Museu, srs. Manuel Joaquim de Campos, 2; dr. José Leite de Vasconcellos, 1; Antonio Cesar Mena Junior, 1; Conservadores adjuntos, srs. Victor Ribeiro, 3; Ascensão Valdez, 2; Rodrigues Fernandes, 1; Sebastião da Silva Leal, 1.

O sr. Francisco Soares O'Sulivand disse que, em virtude do artigo 15.º dos Estatutos, não podia ser proclamado eleito secretario da architectura o sr. Mena Junior, visto não possuir diploma de architecto como possue o socio que lhe ficou immediato em votos, o sr. Francisco Carlos Parente. Fazia esta observação sem intuito algum de depreciar os meritos do sr. Mena.

O sr. Presidente declarou que, tendo sido director dos edificios publicos e actualmente seu inspector, póde dar testemunho de que o sr. Mena desempenha, ha muitos annos, no Ministerio das Obras Publicas o serviço de architecto, embora não seja esta a sua classificação no quadro; e não se tornando preciso mencionar todas, basta dizer que dirigiu as obras realisadas na egreja de S. Roque, a respeito das quaes publicou uma memoria muito apreciavel. Entretanto julga do seu dever consultar a assembléa sobre se o sr. Mena Junior póde ou não ser considerado no gremio d'esta Associação como socio architecto.

A Assembléa resolveu affirmativamente, por grande maioria, confirmando assim a eleição do sr. Mena Junior para o cargo de secretario architecto.

Foram votados por acclamação os socios que devem compor as tres secções de Architectura, Archeologia e Construcção, as quaes em janeiro proximo hão de eleger os seus representantes no Conselho Facultativo.

O sr. Liberato Telles, participando, em phrases sentidas, o fallecimento do distinctissimo architecto do Ministerio das obras publicas, sr. Domingos Parente da Silva, que foi socio d'esta Associação, e era o pae do nosso estimado collega o sr. Francisco Carlos Parente, propoz que se exarasse na acta da sessão um voto de profundo sentimento pela grande perda de tão prestante funccionario technico.

A assembléa approvou por unanimidade esta proposta.

O sr. Presidente enalteceu a memoria do illustre extincto e propoz que fosse nomeada uma deputação, composta dos srs. Liberato Telles, Ernesto da Silva, Rodrigues Fernandes e Mena Junior, para representar a Associação no acto do funeral.

Assim se resolveu.

Logo depois foi encerrada a sessão.

Eram quasi quatro horas da tarde.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

ARCHITECTURA

RAPIDO ESBOCETO

Da sua evolução desde as civilisações primitivas até ao fim do seculo XIX (*)

Nada mais interessante para as especulações do espirito, nada mais nobre para o exercicio da intelligencia do que a viagem intellectual feita pelo passado fóra até aos confins da historia, seguindo o lucido rasto dos monumentos d'arte e actividade humana que esse mesmo passado disseminou por toda a parte onde o genio do homem, aguilhoado pela fatalidade do existir, teve de pôr em acção todas as faculdades e recursos com que a natureza o dotara, para poder cumprir o seu destino ou o seu castigo sobre a terra.

Logo no inicio da viagem se reconhece que o homem primitivo, entregue a si proprio no uso pleno da sua liberdade selvagem, sentindo excitar-se-lhe a dormente intelligencia pelo instincto da conservação, buscou apropriar-se, por previdente egoismo, de tudo o que naturalmente podesse proporcionar mais facil commodo e conforto á sua desprovida existencia.

(*) *Diario de Noticias* de 29 e 30 de janeiro de 1901.

Perseguindo os animaes selvagens como elle, não só lhes roubava a vida apossando-se dos seus despojos, mas ainda, no mesmo intuito absorvente, lhes disputava a caverna onde encontrava o natural refugio e abrigo de um dia, bastante para a vida nomada que levava.

Movido pelo innato sentimento de selecção, na sua labutação errante, descobriu um d'esses abrigos naturaes mais confortavel do que os outros e mais aprasivelmente situado: — desde esse momento, resolveu o primeiro acto reflectidamente egoista da sua vida; installou-se, elegendo esse logar para habitação permanente.

Dos despojos resultantes do seu labor venatorio, constituiu elementos de commodidade e conforto com que guarneceu a rude habitação; e sentindo-se já preso a um ponto limitado da terra, sempre aguilhoado pelo desejo de novas acquisições, iniciou rudimentares industrias compativeis com o desabrochar da inculta intelligencia, procurando por esta fórma avolumar o seu thesouro de commodidades e valorisar o logar que escolhera.

Eleger o logar de habitação, corresponde na especie humana á escolha que as aves fazem do melhor tronco, do melhor macisso de selva, do mais poetico recanto para construirem o ninho.

O ninho templo de amor traz comsigo a idéa annexa e complementar da familia: — ligada pois á historia inicial da habitação humana se encontra a da evolução social.

A caverna, a rude habitação que a principio fôra propriedade absoluta de um, passou a ser o bem commum de uma familia; a selvatica residencia que primitivamente um só valorisára, foi mais tarde o receptaculo de uma cooperação de trabalho que a enriqueceu e melhorou.

*
* *

Perante o incomprehensivel dos phenomenos naturaes, o homem da civilisação primitiva sentiu-se inconscientemente abalado e a sua intelligencia embryonaria deslumbrou-se em face do que o avassalava.

Este despertar physico-psychico da sua individualidade levou-o á conclusão de que *alguma coisa* existia independente da sua vontade e inaccessivel á sua apreciação, que o subjugava e opprimia.

Os elementos em lucta afiguraram-se-lhe, na imaginação infantil, entidades terriveis consubstanciadas n'uma força e n'um poder infinitos, e com o ingenuo intuito de os acalmar e predispôr em seu beneficio, tributou-lhes offerendas de tudo o que de mais precioso possuia, escolhendo logar apropriado para as depositar.

Estas idéas que exerceram os seus effeitos predominantes no individuo propagaram-se á familia e mais tarde á tribu, generalisando se por uma fórma absorvente n'essas sociedades rudimentares, tornando-se o objectivo commum ou élo que entre si ligava os nucleos de familias, dando-lhes um principio de unidade social.

D'essa solidariedade supersticiosa nasceu a communidade tributiva, originando-se por tacito accordo a necessidade de existir no ambito ou dominio circumscripto á tribu um logar reservado ás offerendas votivas de todos.

Constituindo esse logar por todos eleito, por assim dizer, o objectivo de um culto, os individuos da nascente sociedade incitados inconscientemente pelos inicios d'uma religião que começava a dominal-os, resolveram, n'uma cooperação espontanea, preserval-o resguardando o das intemperies a que ficaria exposto, edificando com os grosseiros materiaes e utensilios de que dispunham os rudimentos d'um *templo*.

A industria humana que no seu lento progredir substituira á caverna natural a simples cabana tecida de troncos selvaticos, procurava na construcção do templo reunir mais garantias de resistencia, grandeza e duração, e com esse fim apropriou materiaes de mais dificil adaptação que a natureza lhe facultava, confeccionado-os de modo a crear no templo um edificio distincto dos outros, não só pela sua fórma como tambem por determinado symbolismo decorativo revelador da progressiva expansão d'um sentimento innato d'arte.

Os progressos que a construcção do templo revelava, como consequencia d'uma cooperação social, transmittiam se á habitação privada ou civil, e por esta fórma, provavelmente, se geraram e progrediram parallelamente estes dois typos da edificação humana, que pelos seculos fóra caracterisaram todas as sociedades e todas as civilisações: — o *edificio civil* e o *edificio religioso*.

A cooperação de esforços, vontades e aptidões, que por

sentimento commum *creara* o templo, manteve se e reforçou-se quando, em consequencia da progressiva successão e dispersão das primitivas tribus, se organisaram as primeiras nacionalidades.

O sentimento absorvente de conquista, que em todas predominava, levou-as a uma previdente reciprocidade defensiva, cujo fim principal era garantir a segurança e integridade territorial.

Por esta fórma se ia radicando o sentimento de nacionalidade nos individuos d'esses primitivos nucleos sociaes, sentimento que os levava a cuidarem n'uma cooperação de previdentes esforços, que puzesse a sua *patria* ao abrigo das investidas conquistadoras de estranhos.

D'esse sentimento e d'essa cooperação originou-se um *terceiro typo* de edificação, a *edificação militar.*

Vê-se pois, por este brevissimo esboceto, que na genesis dos tres typos fundamentaes de construcções, o da edificação militar ou defensiva foi provavelmente o terceiro ou ultimo que surgiu da evolução das sociedades humanas.

E' natural que, se o egoismo e o instincto de conservação da especie levou a humanidade a cercar se dos necessarios confortos de habitabilidade, gerando-se a *habitação*, a sua tendencia innata para a idolatria, suscitada pelo incomprehensivel dos phenomenos naturaes, a impellisse á creação do *templo;* e sendo a familia e a religião os dois élos iniciaes da cadeia da evolução social, segue-se que o sentimento de amor commum tributado aos logares onde coexistiam a *habitação* e o *templo* se transformou n'um incitamento patriotico de inviolabilidade que era mister salvaguardar e manter: — d'ahi a necessidade de prevenção defensiva, cuja consequencia foi a *edificação militar.*

Creados esses tres typos de edificação, ficaram naturalmente sujeitos ao mesmo movimento evolutivo que fez progredir as sociedades e caracterisou as varias civilisações; e quando as artes, desabrochando como florente emanação civilisadora dos tempos, incidiram sobre elles, ligando se n'um abraço esthetico á pratica tradicional da construcção, geráram essa *arte-sciencia*, essa rainha das artes que se chama: — *architectura.*

E desde então, os tres typos de construcção constituiram

verdadeiras syntheses que se classificam de : — *architectura civil*, *architectura religiosa* e *architectura militar.*

*
* *

Na lenta e progressiva evolução de seculos, os tres grupos de edificação receberam o cunho indelevel das varias civilisações que atravessaram, absorvendo em si todos os progressos, todas as conquistas, todo o ambiente d'arte que caracterisaram taes civilisações.

Seguindo especialmente os dois grupos *architectura civil* e *religiosa*, e sem nos demorarmos em enumerar as phases por que passaram no meio das tres grandes civilisações Egypcia, Grega e Romana, vejamos, em rapido bosquejo, como elles d'essas civilisações classicas chegaram até nós, na longa travessia de muitos seculos.

A habitação demotica ou vulgar, o palacio, o templo, receberam por assim dizer a sua suprema formula esthetica, no meio gratissimo das enormes prosperidades e grandezas da civilisação hellenica.

A civilisação romana, que pelas suas conquistas e desmembramento da Grecia recebera os beneficos effeitos de uma forte corrente d'arte, apropriou os typos de architectura, aperfeiçoados na pujança da civilisação grega, e imprimindo lhes um cunho especial de grandeza e estabilidade, tornou-os typos modelares, padrões do classicismo esthetico.

As civilisações greco-romanas, na corrente artistica do mundo, representaram um papel excepcionalmente exhaustivo.

Tudo o que de belleza e grandiosidade póde produzir o genio humano foi realisado n'esse assombroso periodo da historia, em que o culto esthetico era o supremo culto, em que a belleza da fórma constituia como que uma religião avassaladora e dominante.

Desde então todas as nações do mundo civilisado ficaram enfeudadas, sob o ponto de vista artistico, ao predominio classico greco-romano.

Caiu, desmembrando-se por sua vez, o grande imperio romano, mas sob as ruinas da decahida Roma ficaram archivadas

para a posteridade as formulas de suprema belleza, que mais tarde haviam de resurgir, exercendo novamente o seu predominio no mundo.

No obscuro periodo que medeia entre a queda do imperio romano e o *renascimento classico*, a civilisação de Bysancio exerceu um breve predominio artistico, pela formula hybrida da sua arte, bebida n'uns restos de tradição romana grega.

Essa formula, transportada para o occidente e ligando se aos despojos da tradição latina, produziu a architectura *Romanica*.

Estes ephemeros productos de uma civilisação incompleta e tumultuaria não tiverem na historia geral da arte influencia decisiva, servindo só de precursores a um verdadeiro *estylo* ou formula que n'um assombroso progredir, n'um desenvolvimento anormal, avassalou todo o mundo medievo ao seu absorvente predominio esthetico, de tres seculos; foi o estylo ou *arte ogival*.

Durante o periodo medieval, os tres grupos de architectura civil, religiosa e militar coexistiram por assim dizer unidos e cimentados, pelas necessidades politicas do tempo.

No mesmo burgo, a habitação senhorial, a habitação burgueza e o templo eram abraçados n'um élo protector pela mesma rede de muralhas, torres e reductos.

Esta orientação defensiva, que predominava no burgo, reflectia se nos typos isolados de architectura, no castello senhorial e no templo; e as torres, ameias, seteiras, *machicoulis* e *moucharabis* que caracterisaram a edificação fortaleza, foram fundir-se ligadas pela arte de transição romano-ogival, no templo christão, imprimindo-lhe uma nota sacro-profana, digna de especial estudo.

Reinava no mundo, soberba de florescencia, a *arte ogival*, imprimindo o seu cunho gracioso e florido a toda a architectura do ultimo periodo medieval: — e quando um tal imperio parecia perpetuar-se como formula absoluta d'arte, o architecto florentino Brunelleschi empunha o estandarte da revolta, clamando n'uma terrivel propaganda demolidora contra o predominio da arte ogival, e propondo em seu logar o resurgimento das maravilhosas fórmulas classicas, sepultadas sob as ruinas da velha e esquecida Roma.

No espaço de quasi dois seculos, a repercussão d'esse

vehemente protesto, d'essa proclamação revolucionaria, conseguiu abalar a inercia do mundo artistico, que se quedara subjugado pela graça e leveza dominante da ogiva.

Bramante, Falconetto, Buonaroti, Sansovino, Vignola, Palladio, Scamozzi e outros artistas geniaes, acudindo ao chamamento de Brunelleschi, formáram a ála avançada da cohorte do classicismo, que, proclamando a morte da *arte ogival,* dictou as leis estheticas do *Renascimento.*

*
* *

Desde o seculo XV em que nos dominios da architectura se restabeleceram as formulas classicas, até ao final do seculo XIX, nenhum estylo, nenhuma predominancia artistica se creou que possa com justiça contrapôr-se a essas extraordinarias escolas d'arte que a civilisação greco-romana nos legou.

Os tres seculos depois do renascimento, que antecederam o XIX, limitaram-se, ou a seguir servilmente os modelos classicos, ou então, quando actuados por tendencias innovadoras, a crear substylos inscriptos nas mesmas linhas modelares, e que apenas devem ser considerados, no meio da evolução artistica, como mais ou menos complexos accidentes decorativos: — o *plateresco* em Hespanha, o *Luiz XV* em França e o *Emanuelino* em Portugal, estão precisamente n'esse caso.

O seculo XIX recebeu do seu antecessor um legado d'arte tumultuaria e decadente, que não soube restituir ao primitivo purismo; a sua acção reformadora, principalmente em architectura, revelou-se firmando-se n'um eclectismo extravagante, symptomatico d'uma decadencia profunda.

O *bom* que produziu e legou ao seculo actual foi ainda baseado na modelação classica original, ou na que o *renascimento* consubstanciou nos seus monumentos de architectura; por isso se pode concluir que nada deixou de perfeitamente definido como obra sua, que possa e deva ser considerado como *estylo* fundamental e novo.

E' certo que, pelo predominio do ferro applicado á construcção,

se manifestaram alguns curiosos typos de edificação que poderiam caracterisar um substylo de: *architectura industrial;* mas affectando esses typos mais novidade na sua contextura do que na exterioridade das suas linhas architectonicas, não pódem constituir factores modelares de um estylo.

A America do Norte, no arrojo das suas iniciativas extravagantes, julgou que dotára o seculo XIX com um novo estylo de architectura, creando o typo da habitação de pavimentos multiplos, com que pouco a pouco foi estragando as suas bellissimas cidades; e na sua eterna preoccupação de originalidade, quasi se convenceu que havia modelado um *estylo,* quando apenas creára quando muito um *typo* de construcção; é bom não confundir.

A Italia, na religiosa observancia dos seus modelos classicos de architectura, foi enobrecendo as suas cidades e os seus *campos santos* com verdadeiros monumentos d'arte, preferindo progredir lentamente subordinada a elles, no culto supremo de uma impecavel esthetica, do que avançar tumultuariamente em busca do inedito, como em varias occasiões praticou a França.

A Inglaterra, conservadora e progressiva, soube com sobriedade manter a tradição classica na maioria dos seus edificios civis, e quando raramente se affastava d'essa tradição, inspirava-se no que fôra para ella um titulo de gloria artistica, a *arte tudesca.*

Foi incontestavelmente a Belgica, depois da Italia, o paiz que mais directamente se inspirou nos modelos do classicismo esthetico para a factura dos seus grandes edificios civis, e por esse motivo se pode com justiça ufanar de que foi no seculo XIX o paiz que mais puros e interessantes specimens de boa architectura produziu.

Se exceptuarmos os monumentos emergidos da tradição greco-romana e de alguns periodos da arte ogival, que ficaram pelo mundo attestando a perpetuidade de um estylo que será eternamente bello porque surgiu d'um meio excepcionalmente artistico e disciplinado, o mais que nos varios grupos de architectura se produziu foi banal e incaracteristico.

Onde a decadencia da architectura mais se accentuou foi no typo da habitação privada ou particular.

Os specimens da habitação nobre, mediana e popular, que

o seculo XVIII soubera conservar e reproduzir, desappareceram abastardando-se, perdendo a simplicidade e nobreza das suas linhas, para serem substituidos nos meiados do seculo findo pelos ignobeis e pretenciosos casebres, verdadeiros espantalhos architectonicos, com que o *eclectismo* se permittiu emburguezar as mais bellas e florentes cidades.

Os bellos typos do chalet suisso e do *cottage* inglez foram na segunda metade do seculo XIX barbaramente importados por alguns paizes onde predominava a burguezia dinheirosa, e n'essa inadmissivel adaptação de typos extranhos, Portugal representou um *importante* papel.

A nobre casa solarenga, tão portugueza e confortavel, o solar apalaçado e a habitação mediana graciosamente alpendrada, cheia de leveza e conforto, desappareceram por completo, para cederem as suas alvenarias venerandas aos intrusos cuja nacionalisação será sempre incompleta, por impropria do nosso bello e amenissimo clima.

Nos dominios da architectura privada, o *chalet* produziu uma verdadeira revolução dissolvente, caracterisando d'um modo picaresco uma epoca e um typo bastardo de habitação.

A monomania *chaletophila* não se limitou, no seu caminhar invasor, aos suburbios, aventurou-se até ao coração das cidades.

O proprio typo importado, abastardando se tambem, fez com que dentro de pouco tempo toda a bernardice architectonica que petulante e vergonhosamente se insinuou pelas povoações modernas, maculando-as no seu conjuncto esthetico, creasse o cognome de *chalet*.

E por esta fórma, esse typo de habitação, originariamente bello, ficou entre nós adulterado, constituindo uma synthese miseranda de deploravel mau gosto.

Se o *chalet* tem largas culpas no cartorio no tocante á esthetica das povoações, não é ainda assim o unico réu do crime de lesa-arte perpetrado na maioria das construcções modernas... tem cumplices poderosos e terriveis nos municipios e outras collectividades dirigentes que vão feitas com elle, e com a transigencia dos architectos que muitas vezes, simples instrumentos dos dinheirosos proprietarios, deixam de fazer arte e boa architectura para perpetrarem *chalets*.

Mas... se a habitação moderna é má e incaracteristica como facilmente se deprehende da esthetica das cidades modernas, qual o typo a contrapôr-se-lhe que possa e deva considerar-se como o mais acceitavel e completo?

Eis uma interrogação a que não é facil responder-se, sem que previamente se assentem determinados principios.

E' evidente que uma geração, uma epoca, um seculo, possuem uma habitação que é em regra constituida por todas as commodidades e confortos que na epoca antecedente foram julgadas boas e bastantes.

A esta parte tradicional acrescem, entre outras, as modificações posteriores impostas, ou pelo diverso modo de ser da vida social ou por qualquer *novo estylo* dominante; por esta razão o typo anterior liga-se aos periodos futuros mais ou menos modificado, mas levando sempre o cunho especial de origem que o nacionalisa e define e d'esta sorte o typo de habitação tradicional se modifica progressivamente, mas é sempre *nacional.*

Pelo exposto se deprehende, que tão absurdo será substituir *por completo* um typo de habitação anterior, por outro *inteiramente novo* e extranho, como seguir e conservar archeologicamente *tudo* o que de anterior elle represente.

*
* *

Vasto e interessantissimo é o assumpto e bem digno da applicação estudiosa dos que a elle se dedicam; mas não é, nos estreitos limites d'um folhetim, que póde ser devida e proficientemente tratado.

E se assim é, deixemos para outra opportunidade o voltarmos a elle, se entretanto melhores pennas e mais abalisados criterios não vierem sobre o magno assumpto proclamar a sua definitiva sentença.

E se o leitor nos acompanhou n'essa rapida mas fatigánte viagem pelo passado da architectura, e se ainda por cima nos provar que nunca teve nem ha de ter um *chalet*... pode viver na certeza de que por tantas provas de benedictina paciencia, juizo e bondade o seu nome fará parte do *Flos Sanctorum*... do futuro.

ROZENDO CARVALHEIRA.

VARIAS NOTICIAS

O digno socio, sr. Manuel Joaquim de Campos offereceu para o nosso Museu uma collecção de pequenas cruzes mui curiosa. São 5 em metal, 1 em madeira com applicações de metal, 5 em madeira com applicações de madreperola, e 1 em mosaico de Florença.

Entrou no Museu o modelo do viaducto, *ponte-arco,* que salvando a rua de S. Sebastião da Pedreira dá passagem á nova rua Fontes Pereira de Mello.

Este modelo é de gesso e madeira, na escala de 1:20, ou cinco centimetros por metro.

Vendo o modelo faz-se perfeita idéa da obra, já realisada, e que todos admiram pela sua perfeição, solidez, e fino acabamento. Creio que n'este genero é o primeiro trabalho que temos no paiz. A rua Fontes Pereira de Mello corta com obliquidade grande a rua inferior, que é em rampa muito accentuada.

O caso é um bom problema de construcção que foi muito bem resolvido, ficando a obra com um bello aspecto.

O modelo em gesso e madeira d'este viaducto foi delineado e executado pelo distincto conductor principal Henrique Sabino dos Santos; seu irmão monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, prior de Santa Engracia, e nosso digno consocio, offereceu-o á nossa Associação, prestando-nos assim serviço relevante. O modelo está installado na grande sala central, em sitio onde facilmente pode ser examinado em diversos sentidos.

O sr. Antonio Portugal de Faria, digno socio correspondente, tem publicado uma serie de estudos interessantissimos sobre as relações de Portugal com Italia. E' de uma boa vontade, e de uma actividade intelligente, que merecem o maior elogio. Ultimamente offereceu para o nosso Museu uma collecção de photogravuras reproduzindo retratos de portuguezes illustres conservados na Real Galleria dos Uffizi, em Florença.

Têem os seguintes nomes:

D. Magdalena de Oliveira
Cardeal D. Henrique
D. Sebastião
D. João IV.
Conde de Alegrete
Conde da Ericeira
Marquez de Fronteira
Francisco Barreto
Diniz de Mello e Castro
André de Albuquerque
Marquez de Marialva
Marquez de Tavora.

O nosso consocio, sr. Leite de Vasconcellos defendeu these na faculdade de lettras na Sorbonne, em Paris, recebendo o grão de doutor, com *mention très honorable*. O sr. Leite de Vasconcellos partiu poucos dias depois para Munster (Allemanha), onde se demorou algum tempo estudando o *gothico* com um especialista.

Visitou em seguida Amsterdam para estudar a colonia judaica, representante ainda agora dos antigos judeus portuguezes que para alli emigraram nos sec. 16 e 17.

No = Manuelinho de Evora = de 23 de julho, começou o intelligente e sabedor, sr Antonio Francisco Barata, digno official da Bibliotheca Publica de Evora, e escriptor muito conhecido, a publicar o Catalogo do Museu de Evora.

Como prefacio ao catalogo o sr. Barata resume a historia da formação deste interessantissimo Museu, começado em 1802 pelo grande arcebispo Cenaculo, ampliado depois pelo dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, João Raphael de Lemos, e dr. Augusto Filippe Simões, que foram bibliothecarios da Bibliotheca d'Evora, pelo sr. dr. Camara Manuel, engenheiro, e nosso digno consocio, e ainda por Gabriel Pereira.

Um antigo e vasto celleiro foi ha tempos incorporado no edificio da bibliotheca e agora adaptado a sala de monumentos lapidares, pelo sr. Pereira Pinho, que com muito zelo tem dirigido a collocação das pedras. Muito se deve tambem ás diligencias do actual conservador da Bibliotheca o sr. dr. Queiroz Velloso.

Com as duas salas do pavimento terreo da Bibliotheca o Museu tem agora uma installação ampla, onde se encontra um conjuncto raro de monumentos para a historia patria, e para a arte.

A collecção lapidar romana é de primeira ordem entre nós; tem inscripções christans dos primeiros seculos da nossa era, da epocha visigoda, e arabes de grande importancia. A collecção de inscripções portuguezas é muito vasta e comprehende monumentos notaveis, como as campas dos Vimiosos, a de Beatriz de Portugal, etc. Está erguida a linda janella renascença chamada do *quarto da rainha*, e as elegantissimas pilastras que foram do refeitorio do extincto convento do Paraizo; assim como o grande tumulo com seu ediculo, de D. Alvaro da Costa, personagem de grande elevação. O ediculo é tambem um primor de estylo renascimento.

O Museu eborense offerece agora um conjuncto de altissimo valor para a educação geral do publico, e para todos que se interessam em estudos de historia, e de arte.

OS SINOS DA SÉ DE EVORA

Os sinos estão installados na torre sul, á direita da entrada. Na parte inferior da torre está uma escada larga que leva á vestiaria, depois a um patamar onde vem outro lanço que conduz ao côro, e ao terraço do claustro. Do mesmo patamar sobe outro pequeno lanço ao patamar da janella, e ahi vem a communicação para o terraço da galilé, e pavimento da torre norte que corresponde ao orgão e ao triforium ou galeria. A' esquerda da janella está a communicação para o relogio e subindo-se a escada de caracol chega-se ao grande terraço ou varanda da sé, e ao pavimento superior da torre em cujas ventanas estão os sinos.

Os sinos destinados aos signaes, dobres e repiques, estão numerados, e teem as seguintes invocações.

1 S. Pedro
2 Sr.ª do Carmo
3 O Sino de Prima
4 Santa Barbara
5 Sr.ª da Conceição
6 S. João
7 Sr.ª do Anjo

Os dois ultimos são enormes.

Ha mais dois sinos, o do bispo D. Pedro, que é o sino das horas, e o da Cana-Verde, que tem o *Ecce-homo*, que é o dos quartos. Alguns d'estes sinos têem datas, inscripções, nomes de fundidores e relevos artisticos.

....

O da Sr.ª do Anjo está assignado — *Matheus Ruiz me fecit.*

O de N. Sr.ª da Conceição — *Faustino Alves Guerra me fes no anno de 1789.*

O sino de Santa Barbara é de *1821.*

O de Prima é muito antigo, mesmo o feitio é differente, tem a linha do sino das horas, que é do tempo do bispo D Pedro.

O sino da Sr.ª do Carmo — *Domingues da Costa, 1785.*

O de S. Pedro, *1805.* Este sino estava na antiga egreja de S. Pedro, e foi levado para a Sé, quando a velha egreja, de ha muito sem culto, foi aproveitada para a installação da Escola Normal.

Os dois sinos, *o das horas* e *o de prima,* creio que não teem parceiros em Portugal Dizem que o timbre, a qualidade da vibração se apura com o tempo: não sei se será assim, o que é certo é que o som d'estes sinos me fére o ouvido de maneira especial. Ha sinos de sons valentes, asperos, irritantes, piégas, abeatados, impertinentes, violentos, ferozes; o das horas da Sé d'Evora tem uma solemnidade espiritual inconfundivel; tem uma voz doce e poderosa, com certa melancolia ao mesmo tempo; produz-me o effeito d'um psalmo. Só ouvi outro que se lhe parece, o de Westminster.

Fez-me impressão; naquelle grande terreiro, na feia manhã de Londres, no grande movimento silencioso, porque espesso tapete de neve cobria o solo, ouvi de subito um som vibrante e religioso que me lembrou logo o sino meu patricio; a vibração vinha da grande mole lavrada e rendilhada, da magestosa cathedral; era o sino de Westminster dando o signal do officio.

G. P.

SOLAR DOS PINHEIROS DE BARCELLOS

O antiquissimo e historico solar dos Pinheiros de Barcellos, igualmente conhecido pelo palacio do Barbadão, faz frente com a rua da Egreja e com a antiga rua do Terreiro, actualmente do duque de Bragança, ficando portanto a pequena distancia da Real Collegiada e do paço dos condes e duques de Barcellos.

Não obstante achar-se muito damnificado pela acção destruidora do tempo e tambem por diversas reconstrucções parciaes que tem soffrido, e em parte até em estado de completa ruina, este venerando solar, que bem merecia ser incluido no numero de nossos mais apreciaveis monumentos nacionaes, accusa ainda as formas primitivas, já nas suas janellas, algumas de primoroso trabalho artistico, já no seu pateo interior, incompleto mas de bom effeito, e já finalmente nas duas torres de tres andares que se erguem nos angulos norte e sul da fachada principal; e póde considerar-se um bem caracteristico representante da forma classica da habitações senhoriaes de Portugal e do norte da Hespanha.

Contem este velho edificio algumas curiosidades, que, sendo muito interessantes, não devemos deixar de mencionar.

Assim, na cornija da torre que olha para o paço dos condes, vê-se uma figura de pedra, representando um homem com grandes barbas, na attitude de as querer arrancar com as mãos.

Alguns auctores dizem que esta figura significa o fundador d'esta casa enraivecido contra D. Affonso (1.º duque de Bragança) por não lhe conceder o altear mais as torres do seu palacio.

Outros auctores, porém, dizem que o Barbadão, como geralmente appellidam essa figura, representa o mesmo fundador, protestando contra um cavalleiro do paço dos condes, ou contra o proprio conde, por haver manchado a fé de uma sua filha, alludindo assim aos amores de el-rei D. João 1.º com uma senhora d'esta familia — D. Ignez Pires (ou Peres), a commendadeira de Santos — do que adiante fallaremos.

Na face sul da mesma torre e á altura da primeira janella, ha um escudo de pedra com quatro chaves suspensas de um torçal, e, contornando o escudo, em caracteres gothicos, a legenda seguinte:

Estas casas mandou fazer o Doutor
Pedro Estebes no anno de 1448

Ainda na mesma torre, mas na face do poente, vê-se na cornija a mesma figura — o Barbadão — que se nota na face do sul; e um pouco abaixo e ao lado da janella superior, um brazão d'armas constituido por um escudo dividido em pala, tendo na primeira um pinheiro junto de um leão rompente, que são as armas dos Pinheiros de Barcellos, e na segunda, que é dividida em duas partes, na metade superior quatro chaves suspensas de um torçal, e na inferior cinco lobos em santor, que são as armas dos Lobos. E, em volta do escudo, o letreiro seguinte:

Estas armas são de Alvaro Pinheiro Lobo

Um pouco inferior ao brazão de Alvaro Pinheiro, ha uma figura de mulher, resahindo notavelmente da parede.

Parece usar habitos monachaes e tem as mãos em attitude de orar.

Parece ser uma allusão á celebre commendadeira de Santos.

Das legendas atraz descriptas, vê-se claramente que este solar foi começado pelo Dr. Pedro Esteves em 1448, e as duas torres mandádas fazer por seu filho Alvaro Pires Pinheiro Lobo, 1.° administrador do morgado de Pouve e alcaide-mór de Barcellos.

Em quanto ao escudo existente na face sul d'esta torre, parece que não se trata de um brazão d'armas, embora muitos antiquarios assim o tenham considerado, provindo talvez d'ahi o erro de se haver dado ao fundador d'esta casa os appellidos de Chaves e Cogominho, que absolutamente lhe não pertencem, pois não consta que nenhuma familia portugueza tenha por divisa heraldica as quatro chaves suspensas de um torçal.

As chaves apparecem, é certo, nos brazões das familias Fagundes, Chaves e Cogominhos; mas n'estas são em numero de cinco e postas em santor, e não quatro e suspensas de um torçal como no escudo da casa dos Pinheiros. Além de que, nos ascendentes d'esta familia, nenhuma alliança houve, que conste, com pessoas d'esses appellidos, que justifique um tal brazão.

O verdadeiro escudo d'armas d'estes Pinheiros é o que se vê no seu jazigo na Collegiada de Barcellos, e que é assim composto: um escudo esquartellado; no primeiro quartel as armas dos Pinheiros, que são em campo vermelho um pinheiro de sua côr com pinhas de oiro e raizes de prata tendo ao lado um leão de oiro rompente; no segundo quartel as armas dos Almadas que são em campo vermelho cinco flores de liz de oiro postas em santor; no terceiro quartel as armas dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz floreteada de prata, e no quarto quartel as armas dos Lobos, que são em campo de prata cinco lobos de negro postos em santor.

Este jazigo foi mandado fazer por Alvaro Pinheiro Lobo de Lacerda, que foi 3.° administrador do morgado de Pouve e falleceu em 1562.

Tem o letreiro seguinte:

SEPVLTVRA DE ALVARO PINHEIRO, CAPITÃO DESTA VILLA
E SEUS ASCENDENTES E DESCENDENTES

Foi fundador d'esta casa o Dr. Pedro Esteves, que nasceu em Barcellos pouco mais ou menos em 1405. Tendo sido criado no paço dos 9.^os^ condes de Barcellos, foi muito novo ainda para a Universidade de Salamanca, e ahi se doutorou em direito civil e canonico em 1425, tendo apenas 20 annos de idade.

Concluidos os seus estudos, voltou para o reino, e foi feito cavalleiro da casa de el-rei D. João 1.°, e, mais tarde, no anno de 1433, coudel-mór da comarca de Guimarães.

Passou depois ao serviço dos condes de Barcellos, então já elevados a duques de Bragança, e entre outros cargos importantes que exerceu, teve o de ouvidor das terras dos mesmos duques, por carta passada em Guimarães aos 21 de abril de 1441. Foi o Dr. Pedro Esteves um varão dotado de muito entendimento, summa prudencia e bom conselho, pelo que captou os affectos de todos os principes do seu tempo, nomeadamente dos duques de Bragança, de quem recebeu, pelos muitos e bons serviços que lhes prestou, as maiores distincções.

Segundo a opinião dos mais doutos genealogicos, o Dr. Pedro Esteves procedia da nobre e muito antiga familia dos Aldanas, e foi filho de Estevão Annes de Penella, ou Esteveannes Borboleta, como tambem lhe chamaram, natural de Barcellos, o qual era filho de João Esteves, escudeiro do condestavel e de sua mulher D. Maria Rodrigues, que foi dama da infanta D. Beatriz, neto paterno de Pero Esteves, escudeiro do mesmo condestavel e de sua mulher D. Aldonça Alves, e materno de Affonso Chamorro, cavalleiro do condestavel e de sua mulher D. Leonor Rodrigues.

Estevão Annes que foi casado com D. Gracia Martins, a qual foi ama de D. Fernando — 2.° duque de Bragança, filho de D. Affonso, 9.° conde de Barcellos e 1.° duque de Bragança, era primo em 3.° grau de Pedro Esteves, alcaide-mór de Portel e commendador de Santos, na ordem de S. Thiago, que muitos nobiliarios confundem com o Dr Pedro Esteves, chefe dos Pinheiros de Barcellos. E foi sua filha a celebre D. Ignez Pires (ou Peres) commendadeira de Santos, de quem el-rei D. João 1.° teve o infante D. Affonso, 9.° conde de Barcellos e 1.° duque de Bragança que casou com D. Brites Pereira de Alvim, filha herdeira do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o maior donatario que havia no reino.

A proposito d'estes amores de D. João 1.º, conta-se que disputando el-rei D. Fernando de Portugal a corôa a Henrique 2.º de Castella, por tal motivo lhe declarára guerra em 1369, depois de ter conseguido alliar-se com o rei de Aragão e com o mouro de Granada.

Dr. Pedro Esteves foi obrigado a partir na hoste dos cavalleiros de Aviz, de que el rei D. João era chefe; mas este, em logar de acudir ao serviço de seu irmão D. Fernando, deixou-se ficar em Veiros e, auxiliado pelo seu velho aio Fernão Martins, raptou Ignez Pires, levando-a para o castello de Aviz.

O pae de D. Ignez teve por este facto tamanho desgosto, sentiu-se tão profundamente deshonrado, que não mais quiz ver sua filha, nem tornou tambem a fazer a barba, pelo que lhe ficou a alcunha de Barbadão, o que o malsinante chronista Damião de Goes adulterou no seu nobiliario, dizendo que o pae de D. Ignez Pires, se chamava Mem da Guarda, e ser judeu hespanhol converso, estabelecido na cidade da Guarda, onde exerceu alguns annos a sua profissão de sapateiro.

Estevam Annes de Penella, a quem o condestavel D. Nuno Alvares Pereira pelos muitos serviços que d'elle recebeu, lhe fez mercê do reguengo de Alviella em 10 de maio de 1416, teve de sua mulher D. Gracia Martins, além do Dr. Pedro Esteves, mais dois filhos, que foram:

(a) João Esteves, almoxarife e juiz dos direitos reaes de Guimarães e seu termo, por mercê do 1.º duque de Bragança, de quem foi muito estimado. Casou com D. Catharina Pires, de quem não teve filhos, e achando-se muito doente em Barcellos, fez testamento no 1.º de dezembro de 1453, pelo qual vinculou todos os seus bens em morgado com a designação de morgado de Pouve, cuja administração deixou a seu sobrinho Alvaro Pires Pinheiro Lobo, filho de seu irmão Dr. Pedro Esteves. Jaz na egreja de N. Sr.ª do Abbade de Vermoin, do antigo termo de Barcellos.

(b) Braz Esteves, conego e thesoureiro mór da collegiada de Guimarães, fallecido em 1459. Foi seu herdeiro o Dr. Pedro Esteves. Casou o Dr. Pedro Esteves com D. Isabel Pinheiro, filha de Martim Gomes Lobo, dos Lobos de Alvito, repre-

sentados hoje pelos marquezes de Alvito, e de sua mulher D. Mayor Esteves Pinheiro, dos Pinheiros senhores da casa e torre de Outiz, na freguezia do mesmo nome, do antigo termo de Barcellos.

Falleceu em 1469, e jaz com sua esposa na capella dos Pinheiros, por elle instituida na collegiada de Guimarães. Foram seus filhos:

(a) Alvaro Pires Pinheiro Lobo, que succedeu na grande casa de seus paes e foi o 1.° administrador do morgado de Pouve, alcaide-mór de Barcellos, e Fidalgo da Casa de Bragança. Casou com D. Isabel de Lacerda, dama da duqueza de Bragança, e jaz na collegiada de Barcellos, em tumulo privativo de sua familia.

(b) João Pinheiro Lobo, doutor em direito e theologia e deão da capella real por mercê de el-rei D. Manuel.

(c) D. Diogo Pinheiro, 35.° D. Prior da collegiada de Guimarães, commendatario dos mosteiros de Carvoeiro, de S. Simão da Junqueira e do Castro de Avelãs, instituidor de um morgado que aggregou ao que seus paes instituiram na collegiada de Guimarães, conselheiro d'Estado e Desembargador do Paço, prelado de Thomar como vigario do mestre da ordem de Christo e 1.° Bispo do Funchal em 1514. Foi D. Diogo Pinheiro auctor do «Manifesto» em que se mostra a innocencia do duque de Bragança D. Fernando 2.°, degolado em Evora em 22 de julho de 1483. Além d'este manifesto, protestou, tambem, na sala do senado e diante de el rei D. João 2.°, contra a infamia de tal condemnação. Este venerando prelado dotado de alta sabedoria, discrição e qualidades que lhe eram tam peculiares ao seu nobre caracter, falleceu em julho de 1525 e jaz em Thomar no meio da parede da capella mór da egreja matriz de St.ª Maria dos Olivaes, do lado do Evangelho, e a pouco mais de um metro de altura do pavimento, em um magnifico mausoleu todo de pedra, que é um bello specimen da arte em puro estylo de renascença, vendo-se n'elle esculpido o escudo das armas de que usava, que é um pinheiro com um leão ao pé, tendo por timbre um chapeu com cordões,

como é de uso aos ecclesiasticos e em volta do escudo a seguinte legenda: Herculea Quondam Data Fuere Manu.

(d) D. Maria Pinheiro, casada com Pedro de Souza de Seabra, alcaide-mór de Bragança e da villa do Outeiro, senhor de Paiva e de Baltar, e meirinho-mór das terras dos duques de Bragança, de cujo consorcio procedem os condes da Castanheira, do Vimieiro, da Atalaya, marquezes de Cascaes e outras casas nobres e titulares.

(e) D. Brites Pinheiro, dama da infanta D. Beatriz e casada com Pedro Vaz da Veiga.

(f) D. Isabel (ou Luiza) Pinheiro, casada com Gomes Martins Ferreira, senhor da nobre casa de Cavalleiros, no antigo termo de Barcellos.

(g) D. Catharina Pinheiro, casada com Alvaro Annes de Cernache, senhor de Gaya.

Pelo que fica descripto se vê que foi muito distincta esta familia, não só pelas suas illustres allianças com as mais nobres familias do reino como pelos cargos elevados que teve, o que tudo se acha mencionado em um pleito que teve esta Casa e consta de documentos authenticos extrahidos da Torre do Tombo, de onde se vê que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira em sua correspondencia para Estevão Annes lhe dava o tratamento de «honrado amigo», e em uma doação passada em Guimarães aos 10 de janeiro de 1432, pelo duque D. Affonso, conde de Barcellos a favor de João Esteves, lhe dava a este o tratamento de «filho do honrado Estevão Annes».

Esta illustre casa dos Pinheiros andou sempre nos descendentes legitimos do Dr. Pedro Esteves, até que, fallecendo solteira e sem filhos sua 6.ª neta, D. Anna Pinheiro de Lacerda, introduziu-se na posse illegal d'ella seu irmão bastardo Luiz Pinheiro de Lacerda, abbade de Christello, que a possuiu em quanto vivo foi, não obstante essa posse ser-lhe contestada por Pedro Lopes de Azevedo, senhor da casa solar de Azevedo, tambem 6.º neto do referido Dr. Pedro Esteves, por sua 2.ª avó D. Leonor da Silva Vasconcellos. Depois de um importante e longo pleito que durou 29 annos, passou toda a casa vincular dos Pinheiros para os senhores de Azevedo por sentença final proferida na Mesa do

Desembargo do Paço em 4 de julho de 1741, onde se conservou até ao fallecimento do 1.º conde de Azevedo, que, não tendo filhos, a deixou por disposição testamentaria, a sua sobrinha a Ex.ma Sr.a D. Maria Julia Falcão de Bourbon e Menezes, da nobre casa dos Falcões, de Braga, casada com o distincto e muito illustrado cavalheiro Ex.mo Sr. José de Azevedo e Menezes, Moço Fidalgo com exercicio no Paço, por successão a seus maiores, senhor da illustre casa do Vinhal, em Famalicão, e actual representante dos Pinheiros de Barcellos; que por varias vezes tem sido presidente da Camara de Villa Nova de Famalicão, provedor da Santa Casa da Misericordia da mesma villa, onde tem sido presidente da Conferencia de S. Vicente de Paula, havendo sido um dos fundadores do jornal «A Palavra», assiduo collaborador de varios jornaes, e occupado alguns cargos importantes como 1.º substituto de juiz de Direito, e o de administrador do concelho.

Porto — janeiro — 1902.

José Augusto Carneiro.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 2, t. ix, pag. 43)

Marvilla — t. de Lisboa — Palacio patriarchal (*Arch. Pittor.*, vii, 221).

Mascarenhas — freg., conc. de Mirandella. — Em 1716 havia no *monte do Viso* uma capella de *N. Sr.ª do Viso*, cercada de muros e barbacãs, a modo de fortaleza.

Matta de Lobos — freg., conc. de Figueira de Castello Rodrigo. — Padrão com inscripção, no caminho para *Nave Redonda*.

Mattosinhos — freg., conc. de Bouças. — Ruinas, pedrarias e torreões do *palacio de Caio Carpio.* — Sanctuario do Senhor de Mattosinhos. Na capella mór, do lado do Evangelho, vê-se o tumulo do bispo do Porto, D. Geraldo Domingues; tem epitaphio — Monumento a Manuel da Silva Passos. — Monumento do *Senhor do Padrão*: zimborio, de quatro arcos abertos, tendo como remate uma elevada abobada, guarnecida de oito pyramides, terminando por uma cruz. Pela parte de dentro das columnas estão os quatro Evangelistas. — Junto do *Padrão,* uma fonte fechada que tem varias inscripções latinas. — *O Minho Pittoresco*, t. ii, 656; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Historia da prodigiosa imagem de Christo crucificado, que com o titulo de Bom Jesus de Bouças se venera no lugar de Matozinhos* por Antonio Cerqueira Pinto (Lisboa, 1737); *Egreja do Senhor de Mathozinhos* (*Occidente*, vol. viii, pag. 107); *Atravez do passado* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 41; *Occid.*, viii, pag. 112; *Portugalia*, t. i, fasc. 2.º pag. 265; *O Seculo* n.º 5529; *Mala da Europa*, v, n.ºs 176, 177, 187; *Monographia do concelho de Bouças* pelo sr. F. Fernando Godinho de Faria.

Mealhada — villa e concelho. — Em 1856 achou-se, a pouca distancia da villa, um cippo da via militar romana, com 2,m 04 de alto e 1,m 40 de circumferencia; tem uma inscripção incompleta; era um marco milliario. — *O Districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Historia do mosteiro da Vaccariça e da cerca do Bussaco* pelo sr. Antonio A. da Costa Simões; *Mem. hist. chorogr. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco.

Medo — aldeia, conc. de Caminha. — Na varzea chamada *Veiga de Sapôr* ha um dolmen e muitos *carns preccelticos*.

Medobriga (Vid. **Aramenha, Marvão** (villa), **Marvão** (serra) e **S. Thiago do Cacem**) — Encontraram-se nas ruinas da velha *Medobriga* 14 medalhas de prata, romanas, quando se construiu a nova estrada para Hespanha.

Melgaço — villa, dist. de Vianna. — *As aguas de Melgaço*. Not. hist. e pratica (Valença, 1896); *A handbook for travellers in Portugal*; *O Minho Pittoresco*, t. I, 3; *Itiner. de Lisboa a Vianna do Minho* por Seb. J. Pedroso; *Indice parlamentar* pelo sr. A. Tavares de Albuquerque, pag. 100.

Mellides — freg., conc. de S. Thiago do Cacem. — Restos de um dolmen, dois kilom. ao NE. da povoação. — *A Terra Portug.* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 171.

Melres — villa, conc. de Gondomar. — Galerias de minas metallicas exploradas pelos antigos lusitanos e pelos mouros. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 614.

Melriço — ribeiro, prox. de Castello de Vide. — Dolmen incompleto, junto d'este ribeiro.

Mertola — villa e concelho. — Castello edificado pelos cavalleiros de S. Thiago. — Na povoação e suas immediações teem-se encontrado estatuas, vasos, columnas, cippos, e outros objectos antiquissimos — Vestigios de uma ponte romana sobre o Guadiana. — *Archivo Historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hubner; *Inscripção christã descoberta em Mertola* por Borges de Figueiredo (*Revista Archeologica*, t. I, n.º 4, t. II, n.º 5); *Inscripção arabe* pelo sr. J. da Silva (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1876, pag. 174 e 192, 1877, pag. 58); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 179); *Memorias das antiguidades de Mertola* observadas em 1877 e relatadas por S. M. Estacio da Veiga (Lisboa, 1880); *Archeologo Portuguez*, t. I, n.º 1, pag. 7, n.º 7, pag. 177; II, n.es 8 a 12; III, pag. 289, n.º 7; *Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. dr. Hubner, vol. II, 5, 788, supp. 1028; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. L. de Vasconcellos, t. I; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. I, pag. 533, vol. II, pag. 569, vol. III, pag. 633; *A handbook for travellers in Portugal*; *Travels in Portugal* por John Latouche; *O Seculo* n.º 7021; *Indice parlamentar* pelo sr. A. Tavares de Albuquerque, pag. 108.

Mesão Frio — villa e concelho. — *Memoria historico-economica do concelho de Mesão Frio* por A. Maria de Fornellos (Coimbra, 1886); *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. L. de Vasconcellos, t. I, pag. 15.

Mexilhoeira Grande — freg., conc de Villa Nova de Portimão. — Ruinas de edificios antiquissimos, em repartimentos semelhando cellas, no sitio da *Mesquita*, prox. das *Fontainhas*. — *Antiguidades monum. do Algarve* por Estacio da Veiga.

Midões — villa, conc. de Tábua. — Nas paredes lateraes da capella de S. Sebastião, da proxima villa do *Canto de Midões*, estão duas lapidas romanas com inscripções. — Na parede de uma casa em *Valle de França* vê-se tambem o principio d'uma inscripção romana em uma pedra quadrangular. — Na falda NO. da serra, prox. da *Pocoa*, teem apparecido cippos com inscripções, e outras antiguidades. — *Mem. hist. chorogr. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Corpus — Inscrip. Hist. Latin*, vol. II, pag. 45; *Novo Alm. de Lemb. Luso-Brasileiro*, 1814, pag. 190; *Indice parlam.* pelo sr. A. Tavares de Albuquerque, pag. 100.

Miguel de Colmeias (S) — freg., conc. de Leiria — Habitação dos Templarios, o que se prova por varios marcos em que se vê a cruz da ordem, pelo arco ogival da porta da capella, etc. — Inscripção em latim no frontispicio do cemiterio parochial.

Miguel de Machede (S.) — freg., conc. de Evora. — Antas dos arredores de Machêde (O Archeol. Portug., vol. II); *Introducção á archeologia da peninsula iberica* por Augusto Filippe Simões.

Milagres — freg , conc. de Leiria. — Azulejos da capella mór da egreja matriz com uma extensa descripção d'esta freguezia.

Milheirós da Maia. — freg., conc. da Maia. — Inscripções em latim no frontispicio e nas trazeiras da torre. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 633; *Descripção topographica e historica da freguezia de S. Thiago de Milheirós*, publ. em 1868 pelo rev. João Vieira Neves Castro da Cruz.

Milreu — logar prox. de Estoi, conc. de Faro. — Templo romano; bellos mosaicos. — N'uma excavação feita em 1835 encontrou-se uma sepultura de marmore com duas amphoras dentro. — Vestigios de um aqueducto e de outros edificios romanos. Veja-se **Estoi.**

Minde — freg., conc. de Porto de Mós. — A' entrada d'esta povoação está um monumento de pedra, que foi sepultura de um *D. David* (?). — Paredes da egreja matriz cobertas de azulejos. — *Tumulo de Got Mindenho* (?), descoberto ha poucos annos junto da praça. — Ao pé da planicie chamada *Mindinho*, as quatro *Lapas do Mindinho*. — Prox. da caverna do *Regatinho* encontraram-se alicerces de uns *paços mouriscos*; e no sitio da *Picóta* as ruinas de um castello romano, com tres ordens de muralhas. — Teem apparecido por aqui algumas moedas antiquissimas, romanas ou arabes (?).

Mindello — praia, freg. de Villa do Conde. — Padrão commemorativo do desembarque do exercito libertador no dia 8 de julho de 1832: foi mandado erigir pelo fallecido estadista Antonio José d'Avila (Duque d'Avila e de Bolama), quando estava governando o districto do Porto. Contestação de Pinho Leal sobre o logar d'este desembarque. — *Monumento de Arnosa de Pampelido* (*Occidente*, XII, pag. 51); Dos nivelamentos de precisão e da sua superficie de referencia pelo sr. Conde d'Avila (Mem. publ. no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 14.ª série, n.º 3, pag. 242, nota.); *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 291; *Arch. Pitt.* VIII; *Mem. dos vinte annos* pelo sr. Visconde de Castilho, pag. 438.

Minhoto ou **Monte — Minhoto** — serra, freg. de Sernache do Bomjardim, conc. da Certã. — Junto da capella de *N. Sr.ª da Estrella* edif. sobre um dos rochedos d'este monte, ruinas de edificios antiquissimos e de um hospicio fortificado, dos templarios.

Miomães ou **Miumães** — freg, conc. de Rezende. — Ruinas de um castello, chamado de S. João, em cujo recinto ha uma anta celtica, das maiores que existem no reino, e uma galeria subterranea por onde os mouros passavam ao rio Douro (?).

Mira — freg., conc. de Porto de Mós. — Inscripção em portuguez no frontispicio da egreja parochial. — *A Terra Portugueza*, pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 171; Habitação (*Portugalia* — 1.º fasc.)

Miranda do Corvo ou de **Podentes** — villa e concelho — Vestigios de um castello romano (?) e uma cisterna no alto do *Calvario* — *Mem. hist. chorog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco.

Miranda do Douro — villa e concelho — *Antiguidades de Trás os Montes* pelo rev. abbade de Miragaia o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira na *Vida Moderna*, n.º 22, fevereiro de 1895; *Apontamentos de Geologia Agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 172; *Arch. Pittor.*, V e VI; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed. vol. II, pag. 13, 37; *Archeol. Portug.* III, pag. 212; *Hist. do rein. de el-rei D. José* por S. Luz Soriano, 1.º vol.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX — 4.ª SÉRIE — N.º 4

ANNO 1901

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso, 6

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 29 de Dezembro de 1901.

Presidencia do Ex.^mo Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^mo Sr. Mena Junior.

Abertura da sessão á hora e meia da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Estiveram presentes os Ex.^mos Srs. Ernesto da Silva, Guilherme João Carlos Henriques, Manuel Joaquim de Campos, Ascensão Valdez, Ernesto da Maya, Gabriel Pereira, Cavalleiro e Sousa, Visconde da Torre da Murta, Rodrigues Fernandes e Jesuino Ganhado.

O sr. Presidente, agradecendo o ter sido eleito para presidir a esta Associação, disse que empregará todos os esforços para não desmerecer da honra que recebeu e affirmou a sua boa vontade de cooperar para o engrandecimento de tão prestante collectividade.

Correspondencia :

Officio do sr. general Pimentel Maldonado, participando que não podia comparecer, exprimindo o seu agradecimento pela reeleição para o cargo de vice-presidente da assembléa e de vogal da secção de archeologia, e apresentando a sua exoneração por motivo de falta de saude.

Communicação do sr. Francisco Soares O'Sulivand, agradecendo a sua eleição para a secção de architectura e declarando não poder acceitar o cagro de segundo conservador para que foi reeleito.

Do sr. Adães Bermudes recebeu-se um officio, enviando escusa do cargo de vice-secretario da mesa da assembléa geral.

Sómente foram acceitas estas duas escusas, tendo o sr. Jesuino Ganhado feito saber á assembléa que ao sr. O'Sulivand era de todo impossivel desempenhar neste anno o referido cargo, porque não lh'o permittem os seus trabalhos officiaes.

Agradecimento da familia do fallecido architecto sr. Domingos Parente da Silva, pelo voto de sentimento que se consignou na acta e representação no funeral.

Officio do sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, agradecendo a sua eleição para socio correspondente em Bragança;

Outro do sr. Henrique Sabino dos Santos, manifestando-se muito reconhecido pelo apreço que esta associação deu ao trabalho de que é auctor, o modelo em gesso do viaducto da rua de S. Sebastião da Pedreira;

Outro de monsenhor conego Pereira Botto, socio honorario, remettendo uma carta em que o sr. Palha Blanco presta alguns esclarecimentos ácerca do pelourinho de Villa Franca de Xira e participando que em sessão capitular de 10 de novembro foi nomeado pela Corporação canonical da Sé de Lisboa seu delegado para se entender com o sr. conselheiro Fuschini, engenheiro chefe das obras nesta cathedral; affirmando tambem que são dignos dos melhores elogios tanto o referido engenheiro como o conductor Paixão e desenhador O'Sulivand. Conseguiu-se já desentaipar a capella chamada dos tumulos e pôr a descoberto o sarcophago de uma descendente de D. Constança Manuel, interessante relicario da capella affonsina de Santa Anna, que estava debaixo do throno;

Ainda outro de monsenhor conego Pereira Botto, enviando uma carta do sr. José Palha Blanco em que participa que, depois de fazer varias diligencias para reunir todas as peças de que se compunha o pelourinho de Villa Franca de Xira, reconheceu que lhe era isso impossivel por terem deixado extraviar as peças principaes, existindo hoje sómente as pedras do socco e um outro pedaço que de nada pode servir.

Outro de monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, sentindo não poder assistir a esta sessão, agradecendo a sua reeleição para a secção de archeologia, participando, 1.º que por diligencias do illustre consocio monsenhor Joaquim M. Pereira Botto, conego da Sé Patriarchal, foi aberta ao culto a capella denominada dos Tumulos, sita no claustro da mesma Sé; 2.º que por diligencias do participante terminou o processo do busto de prata de Santa Engracia, instaurado pela irmandade do Santissimo Sacramento d'esta freguezia contra o respectivo prior e junta de parochia, e promettendo offerecer em breve para o museu do Carmo uma photogravura do mesmo busto.

Concluia este officio por uma proposta : para que a associação represente ao governo de Sua Magestade, pedindo que sejam entregues ás juntas de parochia ou irmandades fabriqueiras os objectos artisticos que, em virtude do artigo 134.º do codigo administrativo, estão comprehendidos nos bens das irmandades e confrarias extinctas em Lisboa, com applicação á beneficencia municipal Foi enviada ao Conselho.

Outro do sr. Victor Ribeiro, desculpando-se de não comparecer, e lembrando a urgencia de deliberar ácerca do modo por que a associação deve tomar parte na commemoração do centenario de Damião de Goes e propondo varios alvitres. — Ao Conselho.

Officio do sr. presidente da secção de archeologia, informando sobre o officio do director do Museu Municipal de Bragança, o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, nosso consocio, em que pede para esta associação se interessar perante as entidades superiores para ser respeitada e conservada como monumento nacional a «Antiga Casa da Camara», situada na cidadella alta de Bragança.

Tiveram approvação unanime uma proposta para ser admittido a socio honorario o sr. conselheiro Manuel Francisco de Vargas, actual ministro das obras publicas, e outra do Conselho Facultativo, admittindo a socio effectivo o sr. Eugenio Francisco Xavier dos Santos Remedios, architecto civil e naval, actualmente com residencia em Hong Kong.

O sr. Guilherme Henriques justificou as suas faltas ás sessões e patenteou o seu reconhecimento na qualidade de presidente da commissão do centenario de Damião de Goes, por vêr a fórma

como a Associação dos architectos e archeologos deseja cooperar na celebração do referido centenario.

O sr. Cavalleiro e Sousa agradeceu a sua reeleição para vice-secretario.

O sr. Mena Junior pediu á assembléa que o dispensasse do cargo de secretario para que o elegera, distincção que muito agradecia.

Não foi acceita a escusa.

O sr. Visconde da Torre da Murta agradeceu a honra da sua reeleição para bibliothecario e congratulou-se por ver na presidencia o sr. conselheiro Augusto José da Cunha, um verdadeiro benemerito d'esta Associação. Em seguida procedeu á leitura do relatorio dos actos do Conselho Facultativo no anno de 1901, relatorio que não teve discussão e foi logo approvado.

Sob proposta do sr. Gabriel Pereira resolveu-se que o mesmo Relatorio se imprimisse no *Boletim*.

O sr. Jesuino Ganhado participou que o sr. Soares O'Sulivand acompanhára tambem a deputação d'esta Associação, que assistiu ao funeral do distincto architecto sr. Domingos Parente da Silva.

E não havendo outros assumptos a tratar, foi levantada a sessão ás tres horas da tarde.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

O antigo edificio da Misericordia de Lisboa
e a
respectiva porta existente no Museu do Carmo

(*Fragmento de um livro inedito*)

Possuimos grande numero de noticias ácerca do edificio, porém tão vagas e eivadas dos costumados exaggeros, divergindo bastante umas das outras em pormenores, por modo tal que é difficil chegar a formar uma idéa exacta de qual teria sido a apparencia e estructura geral architectonica da egreja e dos edificios annexos.

O *Sanctuario Marianno* é o livro antigo em que melhor encontramos descripto o exterior do edificio, sem comtudo fornecer elementos pelos quaes se torne possivel reconstituir completamente a sua planta. Este auctor, no vol. VII, p. 178, descreve-nos o templo da Misericordia com duas portas, uma ao Sul e outra ao Norte; não nos fala pórem da porta principal, que segundo outros olhava a occidente, nem no famoso adro grande. Em uma curiosa planta da cidade baixa, da collecção das plantas e desenhos feitos por ordem do então Conde de Oeyras, Sebastião José de Carvalho, — na qual se indicam com o maior rigor as linhas do velho bairro destruido pelo terremoto e os novos alinhamentos da cidade nova, figura o edificio da Misericordia — templo e casas annexas, parecendo, porém, que a egreja não entestava com o largo da Misericordia, mettendo-se entre ambos um corpo de edificio. N'esta planta rubricada e authenticada pelo Conde de Oeyras, não se indicaram as portas do templo, o qual alli

apparece com uma unica frente livre para a velha rua de baixo da Misericordia e cercada por todos os outros lados por edificações, que apenas deixam em aberto o pateo ou taboleiro da porta travessa, para a Rua dos Confeiteiros ou Rua de Cima da Misericordia.

É muito notavel a coincidencia de dizer o auctor do *Sanctuario* — « a primeira porta e *principal* ao Sul » — , e o facto de ser na verdade esta porta encimada pela imagem da Senhora, padroeira do templo, que, segundo os preceitos da epocha, se collocava sempre sobre a porta principal. Teria sido esta porta primitivamente a occidente e depois transferida para o lado do Sul?

O *Sanctuario Marianno* descreve-a assim:

« . . . na primeira e principal (porta) ao Sul, com duas portas ou entradas juntas, grandes e ambas de arco antigo, se vê sobre ella em um grande arco a Santissima imagem de Nossa Senhora da Misericordia, amparando e favorecendo os filhos da egreja com misericordiosa piedade, etc . . . obra de excellentissima esculptura em pedra lioz. Esta imagem acha-se presentemente (1721) coberta com uma grande vidraça que ainda que a cobre não impede a vista. »

Da outra porta travessa, a que o mesmo *Sanctuario* se refere, falam-nos João Baptista de Castro e outros. Diz este auctor, que a Porta do mar antiga, depois Postigo da rua das Canastras e hoje conhecido por Arco Escuro, ficava quasi fronteiro á porta travessa da egreja da Misericordia. [1]

O *Sanctuario Marianno* vae descrevendo essa porta, pela fórma seguinte:

« A segunda porta ao Norte, tambem é grande e de uma só entrada; esta fica mais recolhida da rua, de cujo pavimento se desce para ella com sete degraos muyto grandes e sobre a cimalha desta porta se vê uma inscripção em que se lê que no anno

---

(1) *Mappa de Portugal*, tom. v. pag. 102 e *Almanak historico* de 1855.

de 1534 se fizera ou acabara aquelle templo, e á entrada da rua para esta parte fazia um taboleyro que terá quarenta palmos, de largo começando da rua. Aos lados se vêem dois magnificos recolhimentos de donzellas orphãs, de onde sahem para casar, com dotes... »

« O primeiro teve principio nas costas do templo de Santo Antonio, por mandado de D. Antonia de Castro, mulher de Diogo Lopes de Sousa, em 1590, e passou depois para a Misericordia. Este recolhimento fica para occidente, sustenta 30 orphãos e passou para ali em 1594.

« O segundo muyto mais magnifico, á parte do Nascente, fundou-se com a fazenda de Manoel Roiz da Costa, fidalgo da Casa de S. M. e commendador da ordem de Christo, fallecido em 7 de junho de 1684, para 40 orphãs. Estes recolhimentos, separados um do outro, ficam unidos ao templo para onde as orphãs teem tribunas.

« Entre elles, — afastados uns quarenta palmos — se fez outra fachada ou entrada para aquelle sumptuoso templo d'aquella Real Casa, com duas portas grandes e de arco, tudo de pedraria lavrada; ficou esta obra entalada entre os dois cunhaes dos Recolhimentos. No meio d'estas duas portas se vê uma janella grande, com grades de ferro reforçado, e sobre ella um grande nicho quadrado e desvanado e nelle collocada uma devotissima Imagem da Mãy de Deos, de preciosa esculptura de pedra lioz, que terá pouco mais de cinco palmos de altura, com o titulo do Populo, obrada á imitação da Senhora que se venera em Roma, em o convento dos Padres de Lombardia, feita por S. Lucas Evangelista. Tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos e ambas as imagens adornadas de corôas. Pela parte da rua se vê coberta de vidraças e pela de dentro com portas que fecham á chave.»

O auctor não poude descobrir a origem, nem o nome do esculptor da imagem. Refere, porém, uma tradição da epocha, que dizia ter sido mandada fazer e collocar alli por um navegante, talvez pelo anno de 1598, porque nas portas interiores, de madeira, se via aquella data em lettras de bronze.

No Tombo da cidade, feito depois do terremoto por ordem do marquez de Pombal, encontra-se descripto, pela fórma que se

segue, o perimetro do grande edificio da Misericordia, e d'elle se deduz completa conformidade com a descripção do Sanctuario, e com o traço das plantas que conhecemos. O Tombo diz o seguinte:

«Edificio da Misericordia. Tem de comprimento pela parte da Rua acima dita (Rua de Cima da Misericordia — auctual Rua dos Bacalhoeiros) 296 ½ palmos e n'este comprimento tem da Fancaria até ao Adro seis lojas e recolhe o adro para dentro 10 p. por esta parte; tem de comprimento o dito adro 40 ⅜ p. e da parte da Ribeira recolhe para dentro 7 ¾ p.; d'esta parte até á Ribeira tem seis lojas e mostra quatro pavimentos todo o edificio. O lado da parte da Ribeira tem 169 p. em que se incluem nove lojas e da esquina da Ribeira até ao adro da Rua direita da Misericordia (actual Rua Nova da Alfandega) tem de comprimento 119 p. no qual se incluem seis lojas e uma escada, serventia de um andar que por baixo do Recolhimento da Misericordia corre; tem o dito adro de comprimento 134 p. e do adro até ao fim do edificio 65.»[1]

Pelo poente, diz o Tombo, descrevendo a rua da Portagem:

«Casas do lado direito, vindo do Terreiro do Paço — Fl. do Tombo 218.

«N.º 1. — Casas dos herdeiros de Domingos da Costa. Partem pelo sul com a rua da Misericordia e pelo norte com os herdeiros de Domingos Vaz; tem de frente 65 palmos e de fundo pelo sul 43 e pelo norte 40.

«N.º 2 — Lojas com seus sotãos que estavam por baixo das casas antecedentes e pertencentes ao Conde de Villa Nova. As lojinhas eram 4, sendo 3 para a rua da Portagem e uma para a rua da Misericordia, occupando o vão desde o cunhal da frente da Misericordia até á escada de pedra que dava serventia para as ditas casas acima, e tinham, além dos sotãos por cima, alpendrada (arcos) em roda; o dito vão tinha de frente 28 ¼ p. e de fundo 24.

«Fl. 219. — N.º 3. — Casas dos herdeiros de Domingos Vaz.

---

[1] Segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. — *Tombo da Cidade. Bairro do Castello e Ribeira*,

Partem pelo sul com os herdeiros de Domingos da Costa e pelo nascente com o edificio da Misericordia. Tem de frente 58 p. e de fundo 45.

«N.º 4. — Casas de Ventura da Costa e outros. Partem pelo sul com as antecedentes e pelo nascente com a Misericordia. Tem de frente 26 p. e de fundo 45.

«Fl. 220. — N.º 5. — Casas da Irmandade do SS.mo da freguezia da Magdalena. Partem pelo sul com as antecedentes. Tem de frente 30 p. e de fundo 40.

«N.º 6. — Casas da Misericordia, que sómente alugava as lojas e os altos occupava o recolhimento. Partem pelo sul com as antecedentes. Tem de frente 35 p. e de fundo as lojas 20.»[1]

Apesar de todas estas medições e confrontações fica duvidosa a situação primitiva da porta principal, que alguns auctores collocam a poente, isto é, sobre a rua da Portagem. Como adiante veremos, a Misericordia obteve n'aquella rua varias casas, em 1534 e 1542, e n'esta parte do edificio se accommodou, em 1580 a 1594, o Recolhimento de D. Antonia de Castro.

Haveria antes alguma porta principal da egreja para a Portagem que depois fosse entaipada ou transportada para a fachada sul, para a rua de baixo da Misericordia? Seria o formoso portico, que hoje alli vêmos, construido, como alguns suppõem, pelos Filippes, sendo as suas bellas figuras allegoricas desenhadas em harmonia com as disposições do accordão de 15 de setembro de 1576, que regulou a fórma como se havia de pintar nas bandeiras das Misericordias o seu emblematico grupo de Nossa Senhora da Misericordia? Não nos parece.

Explicar-se-hia d'esta fórma o não apparecer, nas antigas vistas onde se distingue o edificio da Misericordia, aquelle bello portico com as suas grandes janellas lateraes, e o facto de no celebre processo de justificação intentado pela ordem da SS. Trindade não haver a minima referencia ao grupo de pedra da egreja da Misericordia, o que parece indicar que elle não existisse ainda áquelle tempo?

---

[1] Citado no livro do sr. Faria e Silva. — *A egreja da Conceição Velha*, pag. 172.

O auctor do livro citado *Nossa Senhora de Restello,* que tem procurado resolver este problema e aventa algumas hypotheticas perguntas, nada tem conseguido tambem encontrar de positivo que esclareça o problema.

O que é certo e averiguado é que por occasião do terremoto não havia a tal porta a poente. O Tombo descreve bem claramente a rua da Portagem, á qual os 16 arcos do edificio, alugados a medideiras do terreiro, deram o nome de rua dos Arcos da Misericordia. Estas lojas eram, como pelo Tombo se infere, propriedades de particulares.

Na porta ao sul, com seu grande adro ou taboleiro sobre degraus, feito com provimento da Camara e licença régia, era onde durante o dia estabeleciam as camponezas a venda das flôres. [1]

Os versos que em seguida transcrevemos, citados pelo auctor da *Ribeira de Lisboa*, veem ainda confirmar este asserto, dizendo que a venda se fazia em «uma das portas travessas».

Não podemos passar adiante sem referir aqui o que se sabe ácerca d'este curioso e interessante costume do mercado ou venda de flôres á porta da Misericordia. Narrando o facto, diz o mesmo auctor estas enternecidas palavras:

«Lindissima idéa tiveram as saloias! as boninas da caridade.» [2]

E prosegue:

«Encarecendo a abundancia de flôres em Portugal, pondera no seculo XVII o insigne Antonio de Sousa de Macedo (permitta-se-me que o traduza): «Muito rendem ao rei das flôres os direitos que em Lisboa se lhe pagam pelas que lá se vendem. Assim o ha de crer quem tiver visto em todas as praças de Lisboa, e mórmente ao portal da Misericordia, a grandissima quantidade de rosas e outras flôres, em grinaldas, em ramilhetes e outras mil invenções, sem que entre inverno e verão se note differença. [3]

---

1 *Ribeira de Lisboa*, pag. 213.

2 *Idem, idem.*

3 *Flôres de España*, cap. I, excell. I.

«Um depoente, que tenho citado mil vezes, auctor da sabida descripção metrica de Lisboa, canta assim:

Segue logo (ao Terreiro do Paço) uma rua
que tem de uma parte tendas,
da outra da Misericordia
uma das portas travessas.

Ás escadas d'esta porta
infinitas camponezas
todo o anno estão vendendo,
flôres de cheirosas ervas.

Casa da Misericordia,
cujo gasto e cujas rendas
a tanto milhão de pobres
dá mui ordenada despeza;

Onde se diz tanta missa,
que desde antes que amanheça
até meio dia dado
As ouve quem quer que chega.

A qual ordinariamente
tantos deixam por herdeira,
e com razão, pois a Christo
para seus pobres se deixa.[1]

«Essa alegre feira florida durou até ao terremotto. O *Anatomico jocoso* refere-se-lhe ainda, quando, ao dar varios conselhos a um peralta da Lisboa velha, ácerca do emprego do seu dia e ácerca dos sitios onde deve pavonear-se, accrescenta n'aquella sua linguagem impagavel: «Passar-se-ha á feira das flôres, se o não obrigar a consciencia a que fique na das bestas; ali namorará sobreposse a ramalheteira que lhe cahir em graça, armando com seus ramos ás *passagens*, e convidando as *chamarizes*, que houver no campo.» [2]

---

[1] *Relação em que se faz uma breve descripção dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa* — Lisboa, 1626.

[2] Tomo I, pag. 12.

«Outro traço caracteristico da vida antiga: havia nma d'estas mulheres encarregada por officio municipal, de preparar e vender as capellas e ramilhetes para adorno das festas camararias e procissões do Senado. Chamava-se ella, por signal, em 1645, Filippa Carvalho e tinha o titulo de *Capelleira da Cidade.*» [1]

O já muito citado frei Nicolau de Oliveira tambem nos diz:

Quem fôr todos os dias aos degraus da egreja da Misericordia achará de 15 até 20 moças vendendo boninas e flôres, assim soltas como em ramilhetes e capellas, que fazem por extremo bem feitas, e d'estas, se gastaram em quatro egrejas, em que se festejou o segundo domingo de agosto de 1620, tres mil capellas e dois mil e tantos ramilhetes, afóra muitas boninas soltas e mangericões e belverdes, e se houvessem mister no mesmo dia outros tantos se acharão e muitos mais.»

Curiosa coincidencia: tres seculos depois, em 1836, projectava a Camara Municipal estabelecer no largo de S. Roque, tambem á porta da Misericordia, um mercado de flôres, a mesma venda de *boninas*, como na épocha quinhentista. Diz o sr. visconde de Castilho:

«Que haveria mais proprio do que uma feira de flôres em proveito dos pobres, alli, onde se exerce (e tão bem!) a caridade de Vicente de Paulo!» [2]

No antigo adro e vizinhanças da velha Misericordia não só, porém, se fazia a venda das flôres; tambem por ali enxameavam os

---

[1] Freire de Oliveira, *Elementos*, tom. IV, pag 587, citado pelo sr. visconde de Castilho. *Obra citada*, p. 215.

[2] *Lisboa Antiga*, tom. I. p. 151. Em 1858 o vereador Moraes Mantas propoz que este mercado se estabelecesse no largo resultante da demolição dos casebres do Loreto. Em 1900 o vereador sr. Alberto Pimentel tentou renovar este antigo e pittoresco costume da cidade, creando o mercado da Praça dos Restauradores. Desappareceu, porém, pouco tempo depois de estabelecido!

cegos vendendo folhas e gazetas, como faziam no Pelourinho e sob os arcos do Rocio; vendiam-se passaros, e nos vãos dos arcos, em barracas ignobeis, anichavam-se os ferros velhos. Da frontaria da actual Conceição Velha, ainda ha poucos annos, se tiraram das juntas das cantarias centos de pregos, do tempo em que alli se dependuravam cousas velhas para venda.[1]

Eram por certo logares ainda pertencentes á Feira da Lada, ou da Ladra, que, em principios do seculo XVI, estacionava na Ribeira, para onde viera do Chão da Feira, junto ás muralhas do Castello, onde fôra sua primeira installação.

Outra industria assentara tambem arraiaes no adro da Misericordia: era a dos que desenhavam a sangue e a polvora varias figuras na pelle dos que os procuravam para tal fim, praticando a *tatuagem*, que ainda hoje se observa nos marinheiros e soldados.

A outra parte da travessa que deitava para a actual rua dos *Bacalhoeiros*, d'antes tambem chamada dos *Confeiteiros*, era no sitio onde hoje existe o predio do sr. Rodrigues Mendes.

Conta-se que por occasião do terremoto se conservaram de pé os arcos das duas portas que atraz descrevemos, e em cima d'elles o nicho ou oratorio com a imagem de pedra de Nossa Senhora do Populo, que ainda hoje existe em uma arrecadação da egreja.

Viu o povo um milagre e por isso por muito tempo veiu em romaria veneral-a, até que as demolições d'alli a retiraram.[2]

Até cerca de 1870 assim se conservaram na rua dos Confeiteiros as duas portas e o nicho, encravados n'um barracão de madeira onde assentara arraiaes uma taberna sordida. O nicho ficava por cima de uma das portas da taberna.

Foi nas obras a que se procedeu para a excavação dos caboucos do predio do sr. Rodrigues Mendes, a que acima nos re-

---

[1] *Nossa Senhora do Restello*, p. 69 ou 108 da 2.ª edição.

[2] N'estes e em muitos pontos d'este capitulo nos soccorremos á valiosa monographia do sr. Nery da Silva, intitulada *Nossa Senhora do Restello*, cuja leitura recommendamos pelo interesse que apresenta a grande copia de informações e noticias que n'ella se contém. Faltou a indicação d'esta porta na planta reconstituida pelo sr. visconde de Castilho, na *Ribeira de Lisboa*.

ferimos, que se desentaipou do meio dos entulhos uma das mais preciosas reliquias que ainda hoje attestam o importante acontecimento da passagem da Misericordia para o sumptuoso edificio que D. Manuel lhe ordenara.

É um portal do estylo Renascença, que presentemente se encontra no Museu Archeologico do Carmo, em frente da segunda capella, ao lado esquerdo de quem entra.

E muito simples e está muito partido. Foi offerecido ao Museu pelo distincto e venerando decano dos architectos portuguezes contemporaneos o sr. Valentim José Corrêa, [1] em 1873.

Este portal é rematado nos cantos por duas cabeças de anjos. Junto d'elle vêem se alguns fragmentos de columnas e de cantarias lavradas que pertenceram de certo ao edificio porque foram encontrados no mesmo local.

Em um friso de pedra, de cerca de tres metros de comprido, lê-se a seguinte inscripção em caracteres gothicos:

No Ano de 1534 a 25 de Marco Mudarã a Cõfraria da Mya da See p aqui
Sendo Dom Pedro de Moura Prouedor

Esta porta ficava fronteira, segundo João Baptista de Castro, ao postigo da rua das Canastras, sobre o qual havia tambem um oratorio com a imagem da Senhora da Piedade.

Segundo este mesmo auctor havia na egreja da Misericordia, por detraz do altar-mór, um côro em que cantavam 60 capellães as Horas Canonicas. Tambem havia uma torre alta ou campanario, que se vê em algumas das antigas vistas de Lisboa, [2] e que « ficava por cima da porta da banda do Terreiro ». [3] Era talvez a mesma que ainda hoje lá existe reconstruida, encravada em meio das casas; só por um lado prende á egreja, junto ao corredor que dá sahida para a rua dos Bacalhoeiros; só se lhe avista

---

[1] Fallecido em 14 de julho de 1900. Veja-se o retrato e biographia na *Gazeta de Obras Publicas*, n.º 301, de 22 de julho de 1900.

[2] Existentes no Museu Nacional de Bellas Artes, na Bibliotheca Nacional e na Sociedade de Geographia de Lisboa.

[3] João Baptista de Castro. *Mappa*, tom. v, p. 584.

o cume do largo da Sé e do Campo das Cebollas. [1] Torre e abobada do cruzeiro se desmoronaram pelo terremoto.

Do interior da egreja consta o que atraz deixamos dito; e tambem que a capella-mór era toda de talha dourada, de bellissima esculptura. Com ella condiziam as duas capellas ou altares do cruzeiro.

O painel do altar-mór, allusivo á instituição da Misericordia, era pintado por um pintor de nome Garcia Fernandes, como se refere no celebre inquerito e justificação de 1574, a que repetidas vezes temos alludido.

Na bocca da tribuna havia um quadro representando a vinda do Espirito Santo, pintado por Gaspar Dias, auctor a quem nos referiremos na descripção do templo de S. Roque. D'este painel faz menção Guarienti.

Havia tambem uma capella do Santo Christo dos Padecentes, cuja imagem e retabulo se salvaram, segundo affirma João Baptista de Castro. [2]

Este auctor refere que por occasião do terremoto o padre thesoureiro, aterrado, fugiu com as orphãs para a Horta da Bica do Sapato, deixando a egreja e a sacristia abertas, motivo pelo qual apenas se salvaram do terremoto, e ainda mais do roubo, algumas lampadas da egreja. [3]

V. Ribeiro

[1] *Nossa Senhora do Restello*, 2.ª edição, p. 122.
[2] *Mappa de Portugal*, tom. v, p. 585.
[3] *Idem*, vol. v, p. 584.

RETRATOS DE PRELADOS EBORENSES

Na vestiaria da Sé de Evora ha uma série muito interessante de retratos em tela, de tamanho natural, em molduras, revestindo as altas paredes sobre os armarios.

Os primeiros da série são simples retratos commemorativos, pintados, me parece, no começo do seculo XVIII, sem importancia artistica, e de pouco valor como documentos.

1. S. Brissos, ou Brictius, na forma latina.
2. S. Manços, ou Mantius primus episcopus eborensis.
3. S. Jordão, ou Jordanus.
4. D. Sueiro.
5. D. Paio, ou Pelagius.
6. D. Durando.
7. D. Martim Gil, ou Martinus Egidius.

Aos que seguem devemos prestar toda a attenção.

8. D. Jorge da Costa.
9. D. Affonso de Portugal.
10. D. Affonso, infante, cardeal.
11. D. Henrique, 1.º arcebispo, cardeal. E' o infante, depois rei, D. Henrique.

13. D. Theotonio de Bragança.
14. D. Alexandre.
15. D. Diogo de Sousa (1.º)
16. D. José de Mello.
17. D. João Coutinho.
18. D. Diogo de Sousa (2.º)
19. D. Domingos de Gusmão.
20. D. Luiz da Silva.
21. D. Simão da Gama.

Os retratos são de meio corpo, tamanho natural. Valem como retratos e como documentos. D. João de Mello usava a barba toda, curta. O retrato representa-o com a barba branca.

D. Alexandre usava um pequeno bigode.

O primeiro D. Diogo de Sousa trazia crescida toda a barba.

Vem agora outra série de retratos de corpo inteiro, tambem pintados em tela.

1. D. Miguel de Sousa (Tavora), boa pintura, parece um excellente retrato.
2. D. João da Cunha, cardeal. As rendas e o tapete bem pintados.
3. D. Joaquim Xavier Botelho de Lima.
4. D. fr. Manuel do Cenaculo Villasboas.
5. D. fr. Joaquim de S. Clara Brandão.
6. D. fr. Patricio da Silva.
7. D. fr. Fortunato de S. Boaventura.
8. D. Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho.
9. D. José Antonio da Matta e Silva.
10. D. José Bilhano. Retrato muito parecido. Assign. *Giorgio Marini*, *1885*.
11. D. Augusto Eduardo Nunes Bom retrato; Assignado: *G. Marini*, *1891*. *Evora*.

Como documentos esta collecção de retratos fornece-nos exemplos de rendas, moveis, mitras, algumas joias, brazões ou escudos d'armas usados pelos prelados, etc.

Como retratos, todos, d'esta segunda série, têem valor; feitos para uma corporação que conhecia bem os originaes, o pintor, embora ás vezes ingenuo, procurou de certo dar as feições do retratado.

O proprio retrato de fr. Fortunato de S. Boaventura, pintura pessima, está parecido, ao que me affirmaram pessoas que o conheceram.

O do grande Cenaculo diz muito bem com o da Bibliotheca Nacional de Lisboa, com o mais antigo da bibliotheca de Evora, e ainda com o da Academia das Sciencias.

E' possivel que o cabido depois da morte de Cenaculo em vez de mandar pintar o retrato do velho arcebispo, abatido pela idade, trabalhos e desgostos, fizesse reproduzir algum retrato, muito anterior, do seu prelado.

E' certo que os retratos de Cenaculo, corpos inteiros ou meios corpos, que conheço, o representam todos como de 50 annos, pouco mais ou menos.

Os ultimos retratos que estão na vestiaria pintados por *Marini* são muito parecidos com os seus originaes.

G. Pereira

LISBOA E SEUS ARREDORES

O interessante documento que hoje apresentamos no nosso *Boletim* foi publicado pelo erudito João Pedro Ribeiro nas *Memorias para a historia das inquirições nos primeiros reinados de Portugal* (Lisboa, 1815). O original existe no Real Archivo da Torre do Tombo (Gaveta 1.ª Maço 2.º n.º 18).

O sr. Bartholomeu de Azevedo, illustre conservador do Archivo, estudioso já benemerito, teve a paciencia de verificar a minha copia á vista do original, e por isto o notavel documento apparece agora mais correcto.

Trata-se de uma inquirição feita provavelmente no reinado de D. Affonso 3.º, *de cuja epoca mesmo não é estranho o caracter da letra*, como affirma J. P. Ribeiro, relativa aos bens que em Lisboa e suas proximidades possuiam as ordens militares, religiosas, etc., mencionando muitos nomes de egrejas e sitios. Na verdade a inquirição refere-se a muitas povoações da Estremadura, comprehendidas entre o Tejo e o Oceano, por exemplo Torres Vedras, Athouguia, que já se não podem dizer proximidades de Lisboa; mas a parte maior pertence a Lisboa e seus arredores.

Assim temos as relações das egrejas de Lisboa, dos arra-

baldes, e dos *montes*, e por ultimo as de Cintra, Torres, Villa Verde, etc.

Creio que não estão aqui mencionadas todas as que existiam, mas só as que entravam no ponto de vista da inquirição.

Egrejas de Lisboa

S.ta Maria da Sé, S. João, S. Jorge, S. Martinho, S. Thiago, S. Bartholomeu, Santa Cruz de Alcaçova, S. João do Hospital, S.ta Maria Magdalena, S. Mamede, S. Julião, S. Nicolau, S.ta Justa, S.ta Maria de Alcamim, S. Lourenço, S. Matheus, Capella da Albergaria, Capella dos meninos innocentes do Hospital, S.ta Marinha, S. André, Mosteiro de S. Vicente, S. Thomé, S. Salvador, S. Estevam, S. Miguel, S. Pedro.

Egrejas nos arrabaldes de Lisboa

S.ta Maria dos Martyres, Santos, S. Lazaro, S. Felix de Achelis (Chellas).

Egrejas dos Montes

S. Pedro de Berquenena, S.ta Maria de Bucellas, S.ta Maria de Bellas, S. Pedro de Lousa, S.ta Maria de Loures, S. Antonino de Fanhões, S.ta Maria de Monteagraço, S. João da Albergaria de Montachique, S.ta Maria de Villa Franca de Xira.

A estas segue a relação das egrejas de Cintra, Torres Vedras, Azambuja, Povoa, Athouguia, Lourinhan, Villa Verde e seus termos.

As ordens militares: Templo, Hospital, Calatrava, Santiago e os grandes mosteiros de Alcobaça, Santa Cruz e S. Vicente são as grandes entidades possuidoras. Na Inquirição declaram-se as casas, tendas, adegas, casaes, granjas e herdades, as almoinhas, os moinhos, e as salinas ou marinhas de sal, os lagares de vinho e azeite, os fornos de pão, e ainda os olivedos, citraes e figuei-

raes, não esquecendo a humilde courella. Vê-se que em todo o aro de Lisboa se encontrava a vinha, no meiado do sec. 13.

Um dos elementos de estudo que esta inquirição nos ministra é a copiosa lista de nomes locativos na grande maioria ainda agora existentes, e de facil identificação.

Aalandria (Alhandra).
Aboveda.
Abrachal.
Abuzelas (Bucellas).
Achelas (Chellas).
Alcabrichel.
Alcantara
Alfondaum.
Almargem.
Almoster.
Almozajeme.
Alpriati.
Alvalade
Andeluces (Andaluz).
Aqua alba (Agualva).
Aqua libera (Agua livre).
Armargem.
Arroios, Arrojos, Arrujos.
Barrio.
Benafazzen.
Berquenena (Barcarena).
Camara.
Campolide.
Carnedi (Carnide).
Castinario de Alvalade,
Chaquia.
Charnequa.
Cheiluz (Queluz).
Chileiros.
Conchia.
Corredoria.
Cuba.

Domnus Valascus.
Exaria.
Exebregas (Enxobregas, Xabregas).
Falageira (Falagueira).
Fandega da fé.
Felgar.
Fonte santa.
Frenelas (Frielas).
Garimsancho.
Laurias (Loures).
Lauro.
Lecena (Licêa).
Lichym.
Liminar (Lumiar).
Mafara.
Malapados.
Marvilla.
Mazanaria.
Moncoval.
Monte aiseque (Montachique).
Nadraga.
Odivellas.
Ortanavi (Hortanavia).
Palma.
Parapacana.
Petrais.
Quirido.
Randidi.
Ravanqui.
Ripiles.
Romanaria.
Ruta (Arruda).
Sacaven.
Sintria (Cintra).
Tamugia.
Teleiras (Telheiras).
Tornadiza.
Trigachi.

Trigochi.
Turres veteres (Torres Vedras).
Udivela (Odivelas)
Veirolas (Beirollas).
Villa mediam.
Villa Verde.
Viminario.

Algumas d'estas designações merecem reparo. Abuzellas, Achellas são agora Bucellas, Chellas, isto é perderam o *a* inicial, que ainda se conserva em tantas povoações da Estremadura, por ex.: A da Maia, A da Beja, aqui no aro de Lisboa.

Aqua libera mostra-nos a antiguidade do grande aqueducto monumentalmente renovado por D. João V.

Alguns nomes revelam origem arabe, o que é bem natural, Alcantara, Benafazem; outros recordam-nos a alta idade media, e ainda a dominação romana.

G. PEREIRA

LISBOA E SEUS ARREDORES

(Inquirições do reinado de D. Affonso III, Sec. XIII)

De possessionibus Ordinum — Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Hospitalis Ulixbonensis, et in terminis ejus. In primis in Collatione Sancti Jacobi habent domos cum capella sua; et alias domos, quas fuerunt Suerii Menendi; et alias domos quas fuerunt D. Sevel; et alias domos, quas fuerunt Dominici Dominici et unam almoniam in Sancto Lazaro; et unam vineam in Liminare; et tres vineas in loco, qui dicitur Benafazzen; et aliam vineam in Arroios; et duas vineas in Campolide; et in Alcantara unam bonam grangiam cum molendinis, et salinis suis; et unam vineam (et) fica (riam) (cir) ca Sanctum Vincentium; et unam vineam in Conchia, et aliam vineam in Alfondaun cum suo oliveto...... in loco, qui dicitur Garimsancho; et unum olivetum in Marvilla; et aliam bonam grangiam, in aqua libera cum uno casale; et in Lauro unum casalem, que fuit Didaci Pelagii; et unum casalem in Falageira; et unam bonam grangiam in Odivelas cum tribus casibus; et aliam bonam grangiam in Aalandria cum. VIII.° casalibus; et in Palmam unam vineam; et in Liminare aliam vineam; et in Sancto Bartholomeo habet unas domos; et in Sancta Maria Magdalena habent adegam, et aliam casam; et in Collatione Sancte Thome unam tendam; et

in Sancto Salvatore unum fornum pani; et in Sancto Stephano habent ibi unas domos cum torcularibus vini, et unos torculares olei; et in Sancto Martino unam casam; et in Abuzelas unam hereditatem, que fuit Martini Honerici, et unum casalem, et medietatem quibusdam molini; et in Furaduiro unum molendinum.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Hospitalis in Sintria, et in ejus terminis. In primis in Villa unas domos, et parvam vineam; et quamdam grangiam in Almargem cum tribus casibus, et unum campum in loco, qui dicitur Domni Valasqui, et unam quarelam in loco qui dicitur Vilam viridem.

Et in Turribus Veteribus habet Hospitalis ij. casales; et in Tamugia duas partes de hereditate; et in Alcabrichel unam bonam grangiam cum uno casale; et in Barrio duas pezas de hereditate; et in Chaquia unum casalem; et unam almoniam, et habet in Villa unas bonas casas, et tres vineas, et unum bonum campum; et in Fonte seente unam pezam de hereditate; et in Tamugia unam pezam de hereditate.

Hec sunt possessiones quas habent Fratres Templi in Ulixbona, et in terminis suis. In primis in Collatione Sancti Jacobi habent ibi unas casas cum suo currale, et alias duas casas; et in Exebregas unam almoniam cum vinea bona; et in Conchia unam vineam, et multas oliveiras in diversis locis; et in Tornadiza unam vineam; et in Arrujos aliam vineam; et in Liminare unam bonam grangiam cum duobus casalibus; et in Udivela aliam grangiam cum duobus molendinis; et in Alpriati aliam grangiam cum salinis suis; et in Collatione Sancti Stephani habent tres tendas, et unos torculares olei, et alia parte unas casas, et unos torculares vini; et in Trigochi unam pezam hereditatis; et unam vineam in Malapados

Hec sunt possessiones, quas habet Templi in Sintria. In primis, in Villa unas bonas casas, et tendas, et duas uineas, et unam almoniã, et unum molendinum eque (*sic*); et in loco qui dicitur Almoster unum pomarium; et in Mazanaria unam bonam grangiam cum .iiij. casalibus; et aliam hereditatem in Viminario; et in Almozaieme aliam; et aliam in Nadraga; et in Ravanqui duobus casalibus.

Hec sunt possessiones quas habent Fratres Sancte Crucis in

Vlixbon et in terminis suis. In Collatione Sancti Iacobi unas bonas casas cum forno pani, etiam boteca; et unam almoniam in Sancto Lazaro cum suis torcularibus vini; et in Petrais (?) unam bonam vineam; et aliam in Charnequam; et aliam in Conchia cum suo oliveto; et alium olivetum in Aboveda; et Alpriati unam hereditatem cum duobus casalibus; et in Laurias duas bonas hereditates cum suis molendinis aque; et in Frenelas unas bonas salinas; et in collatione Sancte Marie Mater habent unos torculares oley, et alias duas casas.

Item in Sintria habent in . . . novolas unam grangiam cum vij casalibus, et aliam in Almargem, et in Turribus Veteribus habent in Tamugiam unam bonam grangiam cum tribus casalibus.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Alcubacie in Ulixbona, et in terminis suis. In primis in Collatione sancti Jacobi unas magnas casas; et in Sancto Lazaro unam bonam almoninam, et multas oleas in diversis locis; et in Sancto Thome unos torculares olei; et in Sancta Marina alias bonas casas simul cum torcularibus olei; et in Collatione sancti Michaelis unos torculares vini.

Hec sunt possessiones Monasterii Beati Vincencii, quas habet, et possidet in Ulixbona. et in terminis ejus. In primis locum ipsum, in quo situm est Monasterium cum Parrochia sua, sicut fuit determinata a principio; in Parochia Sancti Stephani habent unam potecam cum duabus torcularibus, et unum palarium; in Parochia Sancti Petri habent unos lagares olei; in Parrochia Sancte Marie alios lagares olei; in Parrochia Sancte Marie Magdalene unam potecam, in Parrochia Sancti Nicholai medietatem unius potetece; in Parrochia Sancti Juliani habent unam domum, et unam barcam coutadam; et habent duas almonias juxta almoninas Regis; et habent unam almoninam cum torcularibus in luco, qui dicitur Corredoria; et habent unam vineam juxta vineam Regis; et aliam vineam in loco, qui dicitur Alvaladi; et aliam in Liminare; et habent unam apotecam in Teleiras cum tribus vineis; et aliam in Ripiles; et tres vineas in Achelas; et unam vineam in Lecena; et aliam in Palma; et aliam in Charnequam; et in Conchiam aliam vineam; et aliam in Anduluzes; et habent in Carnedi unam vineam, et hereditatem cum uno parchario (?); et

in Abrachal unam hereditatem cum uno casale; et in Cheiluz unam hereditatem cum uno casale; et in Aqua alba unam hereditatem cum duobos casalibus; et in Aqua libera unam grangiam cum duobus casalibus; et in Sancto Juliano unam grangiam cum. XV. casalibus, vineis, et molendinis, et quibusdam salinis; et in Romanariam unam grangiam cum duabus casalibus; et in loco qui dicitur Felgar unam hereditatem cum uno casale; et in Tougia unam quarelam. Et in Turribus Veteribus habent Fratres Sancti Vincentii in Barrio unam hereditatem; in Villa mediam casam, que fuit de Corona; et in Randidi unum casalem.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres de Calatrava in Ulixbona, et ejus terminis. In primis in Collatione sancti Jacobi unas bonas casas; et in Alvaladi unam vineam; et aliam in Castinario de Alvaladi; et in Arrujos unam vineam; et Villa de Mafara cum suis terminis.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres de Oia in Ulixbona, et in ejus terminis. In Collatione sancti Bartholomei unum paradenarium; et in Turribus Veteribus habent in Exaria unam grangiam cum tercia cujusdam Ecclesie; et aliam in Fandegadafe; et in Tougia habent unas marinas, et unam casam, et unam quairelam.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres de Balneo in Ulixbona, et in ejus terminis. In primis in Collatione Sancti Thome habent ibi quartam partem unius torcularis olei; et quasdam oleas in termino; et in Andeluces unam vineam.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Milicie Sancti Jacobi in Ulixbona, et ejus terminis. In primis in Collatione Sancti Johanis habent unas bonas casas; et in Sancto Juliano unas domos, et unum fornum pani; et in Sancto Nicholao unas bonas casas; et in Sancta Maria Magdalene unas domos; et in Sanctos unum Monasterium cum duabus vineis; et in Ortonavi citralem, et bonam almoninam, et ficulneum, et salinas; et in Camara unam hereditatem; et in Trigachi aliam; et habent partem in domibus, et in balneis, que fuerunt Magistri Johanis; et in Cuba unam vineam in Achelas; et aliam in Veirolas; et aliam in Arroios.

Et Turribus Veteribus habent Fratres Milicie unam grangiam cum .V. casalibus in Moncoval; et in Parapacana unam heredi-

tatem desplupata; et unam hereditatem desplupata; et unam bonam villam de Ruta cum suis terminis, et cum sua capella, et cum suo magno reganego. Preter hec habet iste Ordo ultra Tagum multa castra bona, et multas populationes; scilicet Castrum de Almadaã, Castrum de Palmela, Castrum de Belmonte, Castrum de Alcazar, populationem in Cobreira, et in ripa de Cua.

Hoc est fintum de Reganego accepto. In primis in Ulixbona furnum .V. Truitizendiz cum una tenda. De Juzefe de Leirena, et privinis suis .V, tendas; de Abolfazem unam tendam; de Michael Petri unam botecam, et tres tendas; de Regina Judea tres tendas; de baneis M. Infantis de foro in quecumque anno I. morabitinum; de Fratribus Milicie Sancti Jacobi unum ficulneum circa achafarizem Sancti Johanis. In Sacavene accepimus de Canonicis unam vineã bonam, et partem in vinea Domini Egee, et partem in vinea Pelagii Lupi, et partem in vinea Domni Sebastiani, et vineam Veie, et vineam Fratrum Palmelle, et vineam, que fuit vade senex vade, et vineam Ausende belle, et vineam de Quirido, et partem in vinea A. Didaci, et vineam Pelagii Menendi et vineam Johanis Galleci.

Et in Sintria accepimus unum campum cum duobus fossis, ubi fuerat casam.

Hoc est fintum de superpositis, foris, serviciis, et uti. In primis: Dum dominus Rex steterit in Ulixbona, Maiordomus ville debet ei dare in unoquoque die .VII. superpositas, I. morabitinum et portarii .VII. superpositas in unoquoque die, et per totam statam .XXX. concas, et XII. vasos lineos, et unum mandile, et alcanderas pro azoribus, bancum in quo cindent carnes in coquina, quem debent postea habere, si voluerint, et olas sufficientes; et illis, qui tenent villas de Saccaven dant Domni Regi duas superpositas, quando stat in Sacavene, et in Ulixbona, et in Villis ligna pro quoquina: Episcopus Prelati de Ulixbona dabant superpositas. et in aliis faciebant secundum velle Domni Regis: et Relegarii, qui tenent relegum, dant in unoquoque die Pretori unum almude de vino, et Alvazilis alium: et Jugadarii, que tenent jugatas vini, aliud tantum quousque habentur jugatas in adega vestra.

Et in Turribus Veteribus Maiordomus ville dat quinque superpositas, et I. morabitinum in quocumque die, et Ricohomini duos, homines ville dant ei collectam Domni Regis.

Et in Sintria Maiordomus ville dat quinque superpositas, et I. morabitinum in quocumque die, et Rico homini unam superpositam, et homines ville dant colleitam Domni Regis.

Hoc est fintum Ecclesiarum Ulixbon. et suis terminis.

In primis. — Ecclesia Sancte Marie sedis. — Ecclesia Sancte Johanis. — Ecclesia Sancti Jurgii. — Ecclesia Sancti Martini. — Ecclesia Sancti Jacobi. — Ecclesia Sancti Bartholomei. — Ecclesia Sancte Crucis de Alcazova. — Ecclesia Sancti Johanis Hospitalis — Ecclesia Sancte Marie Magdalene. — Ecclesia Sancti Mametis. — Ecclesia Sancti Juliani — Ecclesia Sancti Nicholai. — Ecclesia Sancte Juste. — Ecclesia Sancte Marie de Alcâmi. — Ecclesia Sancti Laurencii. — Ecclesia Sancti Mathei. Capella de Albergaria. — Ecclesia Innocentum Hospitalis puerorum. — Ecclesia Sancte Marine de Auteiro. — Ecclesia Sancti Andree — Ecclesia Monasterii Sancti Vicencii nomine V. Ecclesia Sancti Thome. — Ecclesia Sancti Salvatoris. — Ecclesia Sancti Stephani. — Ecclesia Sancti Michaelis. — Ecclesia Sancti Petri

Item hec in circuitu Ville. — Ecclesia Sancte Marie Martirum. — Ecclesia de Sanctis, Fratrum Milicie Sancti Jacobi. — Ecclesia Sancti Lazari. — E^clesia de Achelis nomine Feliz.

Item hec sunt de Montibus. In primis. — Ecclesia de Brequenena, nomine Sancti Petri. — Ecclesia Sancte Marie de Abuzelas. — Ecclesia Sancte Marie de Bellis. — Ecclesia Sancti Petri de Louza. — Ecclesia Sancte Marie de Laurias. — Ecclesia Sancti Antonini de Fainanes. — Ecclesia Sancte Marie de Monte agracio. — Ecclesia Sancti Juliani de Albergaria Monte aiseque. — Ecclesia Sancte Marie de Vila franca de Zira. — Summa XXXVIIII.

Hec sunt nomina Ecclesiarum Sintrie. In primis. — Ecclesia Sancti Michaelis. — Ecclesia Sancti Martini. — Ecclesia Sancti Petri. — Ecclesia Sancte Marie. — Ecclesia de Chileiros nomine Sancte Marie. — Ecclesia Sancti Johanis de Lichym.

Hec sunt de Turribus Veteribus. In primis. — Ecclesia Sancti Petri. — Ecclesia Sancte Marie. — Ecclesia Sancti Michaelis. — Ecclesia Sancti Jacobi.

Et in terminis ejus. — Ecclesia Sancte Marie de Carbonaria. — Ecclesia Sancti Salvatoris de Monte agracio. — Ecclesia Sancte Marie de Exaria. — Ecclesia Sancte Susane de Alcabrichel.

In Azambugia. — Ecclesia Sancte Marie, quam dedit Dominus Rex........

In Populis. — Ecclesia Sancte Marie. — In Atougia. — Ecclesia Sancti Leonardi.

In Laurinana. — Ecclesia Sancte Marie.

In Villa Viridi. — Ecclesia Sancte Marie.

O *finto das sobrepostas* ou menção dos direitos reaes addicionaes e eventuaes, mostra bem a singelesa medieval; não esquecia o poleiro para os açores da caça d'altanaria, nem o banco onde se cortavam as carnes na cosinha.

Os reis então frequentavam Sacavem, e os moradores das *villas* tinham suas obrigações especiaes quando el-rei ali estava, além de serem os fornecedores de lenha da cosinha real para Lisboa e villas, *in Ulixbona et in Villis*, o que talvez queira indicar a residencia em Lisboa e nas quintas do seu termo onde el-rei costumava pousar.

Effectivamente n'este documento a palavra *Villa* significa muitas vezes quinta ou alcaria, grande propriedade rural, mas outras vezes está por villa na accepção moderna de grande povoado.

G. P.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 3, t. IX, pag. 45)

Mirandella — villa e concelho. — Ruinas do castello dos Tavoras. — *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. dr. P. A. Ferreira (*Bolet. da R. A. dos A. e A. Portuguezes*, t. V, n.º 12, pag. 182); *Archeologo Portuguez*, t. I, n.º 1, pag. 20 a 28; *Apontamentos sobre a topographia medico-pharmaceutica da villa de Mirandella* por José Silverio Rodrigues Cardoso; *Arch. Pittor.*, VI, 65; *Travels in Portugal* por John Latouche; *A Terra Portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 54, 57.

Misarella — ponte sobre o rio Regavão ou Misarella, conc. de Montalegre. — Parece que primitivamente a construiram os romanos; teve reconstrucção no principio do presente seculo. — Supracitado artigo do sr. dr. P. A. Ferreira; *O Minho Pittor.* t. I, 485; *Arch. Pittor.*, V, 353.

Mogadouro — villa e concelho. — Castello e muralhas em ruinas. — *Portugal prehistorico* pelo sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, pag. 53; *Pelourinhos* por Vilhena Barbosa nos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. I, 269; Uma lapida do castello de Oleiros da Bemposta pelo sr. Albino Pereira Lopo (*Archeol. Port.*, III, n.ºs 3 e 4).

Mollêdo — freg., conc. da Lourinhã — Ruinas do palacio em que residiram D. Ignez de Castro, D. Fernando I e D. Leonor Telles. Este palacio foi originariamente um templo phenicio; tem uma inscripção inintelligivel e as armas de D. Affonso I.

Mollêdo — freg., conc. de Caminha. — Vestigios de antiquissimas fortificações no *Monte do Facho*. — Em 1865 foram encontrados por Pinho Leal dois *carns* á beira mar e mais alguns na encosta da serra, aos quaes o povo dá o nome de *Cerrados dos Mouros*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 185.

Monchique — villa e concelho. — Em 1780 encontrou se aqui proximo uma sepultura contendo a ossada de um homem de estatura gigantesca, com uma lampada sepulchral, e objectos de uso dos gentios. Havia n'esta sepultura uma inscripção em caracteres desconhecidos, talvez phenicios; mas tudo isto foi

destruido. — *Convento de Monchique* por Vilhena Barbosa nos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. II, pag. 335; *Epigraphia nacional* pelo sr. J. da Silva (*Bolet. da R. A. dos Archeol. Portug.*, 1875, pag. 77); *Portugal Pittoresco*, t. III; *Um lavadouro no extincto convento de Monchique* (*Occidente*, V, pag, 83); *Caldas de Monchique* (Occid. XI, 244), *Antiguidades monum. do Algarve* por Estacio da Veiga; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 160; Portaes do extincto conv. da Madre de Deus (Jornal *A Imprensa*, 1886, pag. 13, 21 e 24); *Occidente*, XX, 229, 232; *A handbook for travellers in Portugal*; *Branco e Negro*, n.º 80, 1897; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Os luso-arabes* (scenas da vida musulmana no nosso paiz) pelo sr. Oliveira Parreira.

Moncorvo ou **Torre de Moncorvo** — villa e concelho. — Vestigios das muralhas de uma fortaleza. — Egreja grandiosa e de notavel architectura, fund. em 1544. — A 5 kilom. da villa existem os restos de um pequeno templo romano, que foi convertido em capella christã e depois em mesquita arabe. Aqui foi encontrado em 1845 o pedestal de uma estatua romana, com inscripção. — Nas immediações da mesquita por vezes teem apparecido pedras com inscripções romanas e excavações feitas a picão, que eram templos dedicados a divindades pagãs. — Restos de um *carn* á esquerda da mesquita. — Pulpito de pedra, junto da Misericordia, «talvez o mais notavel depois do de Santa Cruz em Coimbra». — *Relat. ácerca dos edifi. que devem ser classif. mon. nac.*; *Mém. de l'archéol. sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*; *Archeologia do districto de Bragança* pelo rev. padre José Augusto Tavares no *Archeologo Portuguez*, pag. 107, 126; *Opusculos de A. Herculano*, t. II, (*Monumentos patrios*); Artigos archeologicos do rev. J. Aug. Tavares, parocho de Ligares, Freixo d'Espada á Cinta, no jornal *O Moncorvense*; *Archeologo Portuguez*, n.º 6, pag. 175. *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Descripção economica da Torre de Moncorvo* por José Antonio de Sá (*Mem. Econom. da Acad.*, t. III,); *Cousas leves e pesadas* por C. Cast. Branco, pag. 69; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczynski; *Archeol. Port.*, II, n.ºs 4 a 7; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 54, 217, 218, 289; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, vol. 2; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. d'Albuquerque, pag 100.

Mondego — rio. — Na margem esquerda estão os restos do antigo mosteiro de Santa Clara, um dos mais celebres monumentos historicos de Portugal; a egreja era de estylo gothico e tinha esculpturas primorosas. — Fonte dos amores. — *De antiquitatibus Lusitania* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 70); *A questão da anthropophagia nas estações neolithicas da serra do Cabo*

Mondego pelo sr. Antonio dos Santos Rocha (*Revista de scienc. nat. e sociaes*, vol. I, 1889, pag. 18); *Arch. Pittor.* IV, 233; *Memoria e estudo chimico sobre as aguas miner. e potaveis de Unhaes da Serra* pelo dr. A. J. F. da Silva com *Breves noções chorographicas* de J. F. Moutinho.

Mondim da Beira — villa e concelho. — Convento de S. João de Tarouca, fundado por el-rei D. Affonso Henriques. — No Monte do *Crasto* ruinas de uma fortaleza e muralhas dos mouros, e talvez dos godos e romanos. D'estes teem apparecido alli differentes moedas, assim como nas proximidades da egreja de *N. Sr.ª do Enxertado*, que data de tempos remotissimos — N'um altar da matriz de *Mondim de Baixo* vê-se uma inscripção em portuguez e junto d'elle uma sepultura com epitaphio tambem portuguez. — *Revista archeologica*, III, pag. 178.

Mondrões — freg.. conc. de Villa Real. — Vestigios de antiquissimas muralhas, onde hoje está o Calvario da Via-Sacra. — Mâmoas celticas pelos campos, das quaes, no fim do sec. XVII, a camara de Villa Real deu conhecimento á Academia da Historia Portugueza, chamando-lhes *montes de terra com cabanas de pedra.*

Monforte -- freg., conc. de Castello Branco -- Vestigios de fortificações antigas perto da povoação. -- *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por V. Barbosa.

Monforte — villa e concelho — Castello fund. por D. Diniz, com torre de menagem, etc. — Outro castello no monte *Vaia*. — *Occidente*, I pag. 94, XI, pag. 107; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 20, 22.

Monforte do Rio Livre — villa, conc. de Valle Passos — Castello com torre de menagem, construido no reinado de D. Diniz. — Ruinas de uma grande povoação, a que o povo dá o nome de *Troia*, entre a montanha chamada *Cotta de Mayros* e o logar de *Villa Frade*. — Vestigios de povoações e fortalezas em varios pontos.

Monsanto — villa, conc. de Idanha a Nova. — Castello mandado edificar por D. Gualdim Paes de Marecos, grão mestre dos templarios em 1239. — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*, *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hübner; *O castello de Monsanto* pelo conselheiro Guilhermino Augusto de Barros.

Monsão — villa, praça d'armas e concelho. — Castello do tempo de D. Diniz — Aqui houve uma cidade romana. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 41; *Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho* por Seb. J. Pedroso; *Branco e Negro*, II, 167, 177, n.º 25; *O*

Seculo n.º 5945; O palacio da Berjoeira (*No Minho* por D. Antonio da Costa, 207-210); *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Mala da Europa*, IV, n.ºs 114 e 115; *A handbook for travellers in Portugal*; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque, pag. 100.

Monsaraz — villa, conc. de Reguengos. — Castello com torre de menagem edific. por D. Diniz. — Egreja matriz de *N. Sr.ª da Alagôa* fund. pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Existem alli dois jazigos com epitaphios em portuguez. — Capella mór octogona, que parece ter sido templo romano, n'uma ermida que ha na raiz da montanha em que a villa está edificada. — Inscripção latina sobre a *porta da Villa* — *Relat. ácerca dos edifi. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Antas do termo de Monsaraz* (*Archeologo Português* n.º 8, pag. 222, n.º 10, pag. 279; *Antigualhas de Monsaraz* (*Archeologo Português*, n. 9, pag. 253); *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim.

Mont'Alegre ou Monte Alegre — villa e concelho. — Em 1785 acharam-se no *Outeiro Lesenho* duas estatuas de guerreiros, ambas de granito, e parecendo obra dos antigos lusitanos ou dos phenicios: estão no jardim do real paço da Ajuda. — Construcções subterraneas no sitio chamado *Cuada*, prox. do logar dos *Casaes*: 18 pyramides em 3 *renques* de 6, tendo cada uma chumbado um gancho de ferro; sobre uma abobada, uma sala toda ladrilhada de tijolos, etc. Tudo isto foi descoberto em 1704. — A pouca distancia das *Gralhas*. houve um padrão, que serve hoje de haste a uma cruz, chamada de *Leiranco*, a 6 kilom. de *Penedones*. Ao S. d'esta cruz, prox. ao rio Regavão, na raiz do monte chamado *Castello de S. Romão*, ha ruinas de uma grande povoação, de que ainda se veem vestigios de 5 ruas e alicerces de edificios. No meiado do sec. XVIII achou-se em *Cambella* uma pedra sepulchral com inscripção romana. — Castello arruinado, com quatro torres. — Proximo á capella de Santo Adrião, vestigios de um povoado e sepulturas abertas *em penedos com forma de corpos humanos* — Teem-se descoberto n'este concelho lapidas milliarias e moedas romanas; junto a *Penedones* appareceram 15 com a effigie dos imperadores Trajano e Vespasiano. — Ruinas do *castello de Piconha*, fund. por D. Affonso III. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Barroso e Montalegre* por Manuel Antonio de Moraes Mendonça (*Jornal de Coimbra*, n.º 16); *Archivo Pittoresco*, v. 38, 52, VI, 84 a 271; *Noticias archeologicas de Portugal* (Estatuas gallaicas), appendice C, pelo dr. Hübner, pag. 103; *Noticias archeologicas de Trás os Montes* pelo rev. abbade Manuel de Azevedo no *Archeologo Português*, pag. 130; *Ensaio topographico statistico do julgado de*

Montealegre pelo bach. José dos Santos Dias (Porto, 1836); *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque.

Montalvão — villa, conc. de Niza. — Castello em ruinas, do tempo de D. Diniz.

Monte (N. Sr.ª do) — freg. de Friellas, conc. dos Olivaes. — Na quinta da *Ramada* ha uma ermida que tem sobre a porta principal uma inscripção latina e bellos azulejos na capella mór e no corpo da egreja. Debaixo do pulpito, uma inscripção em portuguez. Sepultura com epitaphio.

Monte Algêda ou **da Algêda** — prox. á cidade de Evora. — Dois dolmens: um na estrada da *serra da Caveira* para a *aldeia dos Barros* e outro, 1200 metros a SO. da pyramide dos Barros (marco geodesico). Proximo e ao S. d'esta pyramide, no *Monte Branco*, um dolmen arruinado.

Monte Coxo — serra, conc. de Sabrosa. — Almocabar, de *Donêllo,* sitio ainda denominado *Chão dos mouros*: sepulturas de diversos tamanhos, abertas a picão nos rochedos. A 1 kilom. de distancia, vestigios de uma fortaleza nos *Castellos*, e ahi se tem achado moedas antiquissimas.

Monte Cristello — pequena serra, conc. de Felgueiras. — Inscripções romanas em varios pontos das rochas, quasi todas illegiveis. Tambem aqui appareceu uma inscripção grega. — Vestigios de uma fortaleza romana. — No *monte de S. Jorge,* a 6 kilom. do de *Cristello,* vestigios de uma povoação ou grande fortaleza romana.

Monte da Abobada — conc. de Oeiras. — No cruzeiro da egreja de N. Sr.ª da Conceição, junto ao logar de *Polima*, ha uma sepultura com inscripções em portuguez.

Monte da Azinheira — aldeia prox. de Reguengos. — Alicerces de edificios romanos e varios tumulos de marmore, nos arredores. Um d'esses tumulos foi em 1840 encontrado n'um curral de bois e está agora no Museu do Porto.

Monte do Outeiro — sêrro na freg. de S. Miguel de Machede, conc. de Evora. — Um dolmen e restos de mais tres nos limites d'este monte. Veja **Miguel (S.) de Machede**.

Monte de S. Romão ou **do Castello de S. Romão** — outeiro no conc. de Mont'Alegre. — Na raiz do monte de S. Romão, quasi confinante com o rio Regavão, vestigios de cinco ou seis ruas e alicerces de casas feitas de pedras lavradas, algumas de cantaria; ruinas de um castello, no centro do qual estão restos de amphoras, tijolos, etc. Vidè **Mont'Alegre**.

Monte Junto — serra. — «Commissão geologica de Portugal. Estudos geologicos. *Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas.* Primeiro opusculo. Noticia ácerca das grutas de Cesareda» (cavernas ex-

ploradas: *Casa da Moura, Lapa Furada, Cova da Moura*) pelo sr. J. F. N. Delgado (Lisboa, 1867); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende. (Evora, 1593, fl. 40-42); *Portugal* Pittoresco, t. III.

Monte-Mór — aldeia, freg. de Loures, conc. dos Olivaes. — Azulejos da capella da *Sr.ª da Saude.* — Inscripção do alpendre fronteiro á capella.

Montemór-o-Novo — villa e concelho. — Nas immediações teem apparecido moedas romanas, amphoras e um cippo com inscripção, que em 1814 foi para o *Museu Cenaculo.* — Na parede de uma casa que fica fronteira á da camara, está uma lapida com inscripção romana. — Havia por estes sitios varios dolmens. — Castello reedificado por D. Sancho I; torres da *Má Hora* e *do Anjo.* — Templos antiquissimos. Na egreja de *N. Sr.ª da Villa, dos Milagres* ou *dos Açougues*, que por estes nomes era tambem conhecida e hoje está arruinada, ainda em 1830 se podia ler uma inscripção latina, que lá havia. — No monte sobranceiro ao rio *Mourinho* da freg. de S. Matheus, um cippo dedicado ao imperador Antonino Pio e com uma extensa inscripção. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Estudos historicos, juridicos e economicos sobre o municipio de Montemôr o-novo* por José Hilario de Brito Correia e Dr. José Joaquim Lopes Praça (Coimbra, 1873-75); *Memoria estadistica ácerca da notavel villa de Montemór-o-novo* por Joaquim José Varella (*Mem. da Acad. R. das Sciencias*, v, 1); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 13, 16, suppl., 806; *Recordações de uma missão archeologica — Montemór o novo, Setubal, Alcacer do Sal*, por A. F. Simões, no jornal *A Arte*, 1879, pag. 34, 54; *Noticias Archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hubner; *Revista Archeologica*, I, n.ºs 8 e seg.; *Opusculos de A. Herculano*, t. III, 66; *Memoria ácerca da villa de Montemór-o-novo*, escripta em 1854 por João de Sá de Sousa Chichorro Mexia Caiola, e apresentada á Acad. R. das Sciencias, onde se conserva ainda inedita; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 158; *Hist. de S. Domingos*, 2.ª parte, vol. III, 3.ª parte, vol. IV, 4.ª parte vol. V; *A. handbook for travellers in Portugal* (1887); *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 634, IV, 626, 3.ª ed.; *Novo alm. de lembr. luso bras.* 1883, pag. 121; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque. pag. 109.

Montemór-o-Velho — villa e concelho — Ruinas de um vetusto castello, em cujo recinto ha o templo de S. João, o de Santa Maria d'Alcaçova, e o palacio real da rainha D. Urraca, irmã da mãe de D. Affonso Henriques. — Em 1850 descobriram-se no sitio das *Caldas*, que fica proximo, arcos de pedra e banheiras do tempo dos romanos ou talvez dos arabes. — Na capella

da Sr.ª da Piedade, da egreja dos Anjos, que é de architectura manuelina, ha uma lapida com epitaphio relativo a D. Margarida de Mello Perestrello, victima da Inquisição. O tumulo de Diogo da Azambuja, atrás do altar mór, é d'aquella mesma architectura e tem inscripção em portuguez. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hubner; *Mem. hist. dos div. conc. do distr. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Occid.* xx, 93; *Archeol. Port.*, vol. II. n.os 6 e 7; *A terra portug.* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 161; *Portugal artistico e monum.*; Louças pintadas do castro de Santa Olaya (*Archeol. Port.*, vol. II, n.º 10 e 11); *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. II, pag. 549, vol. III, pag. 610, 634; *Occid.*, xx, pag. 93; *Portugalia*, t. I, fasc. 3.º, pag. 596.

Monte Muro ou **Monte do Mouro** — serra, conc. de Sinfães. — Castello de Villar da Chan (*Torre da Chan*) construido por Geraldo, *o sem pavor*. — *Portugal Pittoresco*, t. III.

Monte Real — freg., conc. de Leiria. — Cippos, medalhas romanas e um pequeno altar portatil aqui encontrados em 1807. O altar está no gabinete de numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa; é de marmore e tem uma inscripção incompleta.

Moreira — aldeia, freg. de Alfarella de Jalles, conc. de Villa Pouca de Aguiar. — No fim e ao NE. da villa ha uma grande pedra espherica, que alguns suppõem ser uma ara antiga, mas talvez fosse uma anta. — Em junho de 1721 descobriu-se no *Gestal* um cippo com inscripção romana; e depois d'isso, grande quantidade de carvões, muitas amphoras de barro vermelho, muitos copos de vidro branco, bacias de barro, uma pequena caldeira de cobre com aza do mesmo metal, etc. — Ruinas de um castello romano, de cantaria, por baixo da aldeia de *Cidadelhe*, termo de Alfarella, pouco distante de Moreira e acima do rio Tinella. Por occasião da estiagem vê-se n'este rio junto ao castello uma pedra com inscripção romana. — Vestigios de mineração romana.

Moreira de Rey — freg., conc. de Trancoso. — Mais de 50 sepulturas de diversas dimensões e orientações, todas abertas em grandes penedos de granito. *Interessantissima estancia archeologica, e talvez prehistorica*, chama a esta povoação o rev. abbade de Miragaya e promette d'ella occupar-se no supplemento ao *Portugal antigo e moderno*. — *O Minho Pitoresco*, t. I, 566.

Mortagua — villa e concelho — *Memoria sobre as moedas romanas da serra do Candão e moeda gothica de Mortagua* por Antonio Maria Seabra de Albuquerque; *Archeologo Português*, n.º 1, pag. 10.

Mós — freg., conc. de Moncorvo. — Ruinas de um castello romano e suas minas.

Mosteiró — freg. de Ancêde -- *Portugalia*, t. I, fasc. 2.º, pag. 325; *Revista Archeologica*, III, 178.

Moura — villa e concelho. — Muitas lapidas com inscripções romanas encontradas n'estes sitios. — Castello com tres torres, do tempo de D. Diniz. — Templos antiquissimos. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Historia da notavel villa de Moura* por Luiz d'Almeida Cabral e *Descripção da mesma villa e da de Serpa* por Fr. Diogo Vaz Paschoal (Ms. da bibliot. da Universidade de Coimbra, x, 151, 4); Panorama, 1840, pag. 4; *Portugal Pittoresco*, IV, 178; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 171), *Hist. de S. Domingos*, 3.ª parte, vol. IV; *O Seculo* n.º 5384 e 5398; *A handbook for travellers in Portugal*. Noticia sobre a contenda de Moura (Lisboa, 1889, Imprensa Nacional.); Monographia do concelho de Moura com mappas estatisticos (*Bolet. da direcção geral de agricult.*, n.º 2 do 6.º anno, 1895)

Mourão — villa e concelho. — Castello com 3 torres fund. por D. Diniz, e torre de menagem construida por D. Affonso IV. Sobre esta porta ha uma inscripção em portuguez. — Capella de *N. Sr.ª do Alcance*, instituida pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Novo alm. de lembr. luso-bras.* 1886, pag 425; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 634.

Mouratão ou **Fonte de Mouratão** — a 6 kilom. de Castello de Vide — Dolmen celtico: tem os intervallos das pedras perpendiculares tapados com parede de alvenaria.

Mouraz — freg., conc. de Tondella. — Capella de *N. Sr.ª da Esperança*: é do tempo de D. Affonso I.

Moure — freg., conc. de Villa Verde. — Uma torre muito antiga, no logar de *Santo André*. — Ruinas de um castello no *monte Brito*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 407.

Moure — freg., conc. da Povoa de Lanhoso. — A capella mór da egreja matriz está forrada de azulejos. Sobre a verga da porta principal do templo ha uma inscripção latina; ha outra na torre.

Mouriscas — freg., conc. de Abrantes. — Capella de *N. Sr.ª dos Mattos*; bellos azulejos no corpo da egreja.

Muge ou **Mugem** — villa, conc. de Salvaterra de Magos. — Egreja de *N. Sr.ª da Gloria*, fund. por D. Pedro I. Inscripção em letra gothica sobre a porta principal. — *Commissão geologica de Portugal. Da existencia do homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda* por F. A. Pereira da Costa, com a versão em francez por M. Dalhunty (Lisboa, 1865); *Excursion à Mugem, Moita do Sebastião et Cabeço da Arruda. Congrès internat. d'anthropologie*, etc. 1880. *Compte-rendu*, pag.

68 ; *Anthropologia* por João d'Andrade Corvo (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. III, n.º 10, pag. 156); *Sciencia e philosophia* por Teixeira Bastos.

Murça de Panoyas — villa e concelho. — Monumento de pedra a que chamam *a porca de Murça*. — No logar do *Pópulo* ha uma ermida antiquissima e junto a ella estão as ruinas do *Castello da Touca Rôta*, que parece de construcção romana. — *Archeologo Português*, n.º 9, pag. 236 ; vol. II, n.º 12 ; *Branco e Negro*, t. II, 87 ; Pelourinho de Murça (*Occidente*, n.º 646, vol. XIX)

Murtosa — freg. e conc., dist. de Aveiro — Noticia historica por Marques Gomes no folh. *A Murtosa*. A proposito da sua autonomia por José M. Barbosa (Aveiro, 1899).

Nabancia — Vid. **Thomar.**

Nazareth (N. Sr.ª da) — freg. da Pederneira, conc. de Alcobaça. — Capella da *memoria*. Capella subterranea com inscripções, uma em latim, outra em portuguez. — *Antiguidade da sagrada imagem de N. Sr.ª da Nazareth. Grandezas de seu sitio, casa e jurisdicção real, sita junto á villa da Pederneira* por Manuel de Brito Alam. (Lisboa, 1634-1637) ; *Chronicas de viagem* pelo sr. Alberto Pimentel ; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 204 ; *Novo alm. de lembr. luso-bras.* 1880, pag. 257 ; *Branco e Negro* n.º 20 ; *Lisboa antiga* pelo sr. Visconde de Castilho (Julio) t, II, pag. 91 (Bairros orientaes) ; *A vida alegre* por J. Cesar Machado, pag. 58 ; *A praia da Nazareth*. O seu passado e descripção da actualidade por Joaquim C. Poças Junior (Alcobaça, 1901).

Negréllos — freg. de Santa Maria, conc. de Santo Thyrso. — Pia baptismal com inscripção,

Negréllos — freg. de S. Thomé, conc. de Santo Thyrso. — No monte do *Crasto*, vestigios de fortificações antiquissimas. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 322, 324.

Neiva — rio — Em um penhasco, perto da foz, estão as ruinas de um castello grego. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.* ; *O Minho Pittoresco*, t. I, 236.

Nellas — freg. e conc. — Antiguidades romanas das visinhanças de Nellas (*Memorias sobre a antiguidade* pelo sr. dr. A dos Santos Rocha) ; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 16.

Nespereira — freg., conc. de Sinfães. — Existe no logar do *Souto* o antigo pelourinho do municipio de *Nespereira*.

Niza — villa e concelho. — Em 1780 achou-se aqui uma lapida com inscripção romana. — Fortificações desmanteladas. — *Archivo historico*, vol. II ; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa ; *Memoria historica da notavel villa de Niza* por José Diniz da Graça Motta e Moura (Lisboa, 1877) ; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*

vol. II, 20, 22; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hubner; *Archeologo Português*, n.º 7, pag. 191; *Varios opusculos, alguns ineditos* por José D. da Graça Motta e Moura, pag. 403. (Lisboa, 1885); *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Portugal* de Pinh. Chagas, 3.ª ed, vol. II, pag. 413; III, 634; V, 616; *Novo alm. de lembr. luso-bras.*, 1880, pag. 251; *O Seculo* n.º 6376.

Nogueira — freg., conc. de Braga. — Perto do Logar da *Magdalena* se veem ruinas de fortificações romanas.

Nogueira — freg, conc. da Ponte da Barca. — Torre de Quintella.

Nogueira — freg., conc. de Villa Nova da Cerveira. — Torre dos Nogueiras.

Nogueira — freg., conc. de Chaves. — Os romanos exploraram aqui minas de ouro.

Nojões — aldeia na freg. de Real, conc. de Castello de Paiva. — No sitio do *Fôjo*, que fica proximo, ha vestigios de um pequeno templo romano, conservando ainda parte do pavimento em mosaico. — Fonte que parece de construcção romana, e varios alicerces de edificios no logar da *Povoação*, onde ha tambem antas celticas.

Nossa Sr.ª da Graça das Areias — freg., conc. de Ferreira do Zezere - Torre de D. Gayão, situada na quinta da Torre da Murta, onde ha um dolmen descoberto e que foi explorado em 1865 pelo sr. Visconde da Torre da Murta, encontrando-se fragmentos de ossos e instrumentos de silex. — Caverna em *Ave Casta*.

Nossa Senhora do Porto ou **Nossa Senhora do Porto d'Ave** — freg de S. Miguel de Tahide, conc. da Povoa de Lanhoso. — Sanctuario muito notavel: egreja octogona, com zimborio; paredes interiores revestidas de azulejos. Diversas inscripções nas capellas.

Noura — freg., conc. de Murça. — Tres castellos: de *Noura* de *Sobrêdo* e de *Cidadonha*.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX – 4.ª SÉRIE – N.º 5

ANNO 1902

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso, 6

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 26 de Janeiro de 1902.

Presidencia do Ex.^mo Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.

Secretario, Rocha Dias.

Abertura ás 2 horas da tarde, achando-se presentes os Ex.^mos Srs. Gabriel Pereira, Visconde da Torre da Murta, Ernesto da Silva, Jesuino Ganhado, Cavalleiro e Sousa, Guilherme João Carlos Henriques, Manuel Joaquim de Campos, e Silva Leal.

Acta — approvada.

Correspondencia :

Officio do sr. Conselheiro Arthur Fevereiro, por ordem do Ex.^mo Ministro do Reino, dando resposta favoravel ao pedido feito pelo nosso illustre consocio o sr. Visconde da Torre da Murta para que, pelo Ministerio do Reino, fossem cedidas para a bibliotheca da nossa Associação algumas das obras existentes no archivo geral daquelle Ministerio.

Resolveu-se agradecer.

Outro do socio effectivo Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, offerecendo um pequeno quadro com uma photogravura do busto de prata de Santa Engracia a fim de ser collocado numa das salas do nosso Museu.

Mandou-se tambem agradecer.

Outro do socio correspondente sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, mostrando-se grato pela consideração em que a Associação tomou o seu pedido para se interessar em que seja considerada como monumento nacional a antiga casa da Camara da cidade de Bragança.

Outro do sr. Francisco Carlos Parente, secretario da secção de architectura, participando que foram eleitos para esta secção:

Presidente, João Verissimo Mendes Guerreiro;

Secretario, o participante;

Delegado, Francisco Soares O'Sulivand;

Secretario supplente, Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa;

Delegado supplente, Visconde da Torre da Murta.

Outro do sr. José Joaquim d'Ascensão Valdez, secretario da secção de archeologia, e outro do sr. Manuel Joaquim de Campos, secretario da secção de construcção, participando que foram eleitos para a primeira d'estas secções:

Presidente, Gabriel Pereira;

Secretario, o participante;

Delegado, Augusto Ribeiro;

Secretario supplente, Dr. Rodrigo Velloso;

Delegado supplente, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos;

e para a segunda:

Presidente, Francisco Liberato Telles Castro e Silva;

Secretario, o participante;

Delegado, Jesuino Arthur Ganhado;

Secretario supplente, João Rodrigues Fernandes;

Delegado supplente, Ernesto da Silva.

Communicação do sr. General Antonio Pimentel Maldonado de que se abstinha de continuar a fazer parte d'esta Associação.

Do sr. dr. Manuel Velloso Armelim Junior, socio effectivo, recebeu-se justificação de falta á sessão; e do sr. Abel Botelho, agradecimento por ter sido reeleito vogal da secção de architectura.

Enviou desculpa da sua não comparencia o sr. Rosendo Carvalheira.

O Conselho Facultativo participou que, em vista da urgencia

do tempo, deliberára delegar na secção de archeologia, cujo dignissimo presidente, sr. Gabriel Pereira, é tambem director do nosso *Boletim*, a execução dos alvitres indicados na proposta do socio effectivo sr. Victor Ribeiro, relativamente á Commemoração do 4.º centenario de Damião de Góes em fevereiro proximo, proposta a que o mesmo Conselho prestou em principio a sua inteira approvação.

Sobre a proposta do socio effectivo Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, lida na sessão anterior, para que esta Associação representasse ao Governo de Sua Magestade pedindo-lhe que sejam entregues ás juntas de parochia ou irmandades fabriqueiras, como succede com os bens das irmandades e confrarias extinctas fóra de Lisboa, os bens de que trata o artigo 134.º do Codigo Administrativo em vigor, foi approvado o parecer do Conselho Facultativo, que entende que a Associação não póde, segundo os seus Estatutos, occupar-se do assumpto da mencionada proposta.

Approvou-se que o sr. dr. Vieira Guimarães, residente em Thomar, auctor do notavel livro «A Ordem de Christo», recentemente publicado, fosse admittido a socio correspondente.

O sr. Presidente disse que fallára já com o sr. Director Geral das Obras Publicas ácerca da conclusão dos trabalhos na egreja da Varzea em Alemquer e que S. Ex.ª lhe promettêra que daria as suas ordens para que elles se activassem quanto possivel; depois fôra informado pelo sr. engenheiro Alberto Monteiro de que esses trabalhos estão ainda muito atrazados e, por maior diligencia que se empregue, não é em fevereiro que poderão achar-se concluidos para a celebração do 4.º centenario de Damião de Góes.

O sr. Guilherme Henriques agradeceu a benevola solicitude com que o sr. Presidente se empenha para que o desejo da commissão executiva dos festejos pelo centenario do grande chronista chegue a realisar-se, e declarou que, sendo, como espera, concedidas pelo sr. Ministro das Obras Publicas mais algumas auctorisações de pequenas verbas a despender com as obras na mencionada egreja, poderão estas ficar promptas antes de junho proximo, e d'essa fórma se effectuarão taes festejos dentro do proprio anno, embora não seja no proprio mez, em que se commemora a data do nascimento de Damião de Góes, e numa estação

em que mais facilmente concorrerão a Alemquer as pessoas que tiverem de ser convidadas para assistir a tão patriotica solemnidade.

O sr. Ernesto da Silva mandou para a mesa o relatorio da sua gerencia como thesoureiro no anno findo, documento que, na conformidade dos Estatutos, tem de ser examinado pela Commissão Revisora de Contas.

Para esta commissão foram, sob proposta do sr. Gabriel Pereira, eleitos por acclamação os sr. Visconde da Torre da Murta, José Joaquim d'Ascensão Valdez e Leopoldo Bessone Mauritty.

O sr. Visconde da Torre da Murta leu um interessantissimo relatorio do estado da bibliotheca da nossa Associação; informou a Assembléa ácerca das obras que pelo Ministerio do Reino podem ser-nos concedidas, e lamentou profundamente a saida do nosso socio o sr. General Pimentel Maldonado, para quem esta Associação teve sempre demonstrações de apreço e reconhecimento pelos seus serviços.

O sr. Presidente agradeceu em nome da Assembléa o brilhante relatorio feito pelo sr. Visconde da Torre da Murta e propoz que se imprimisse no *Boletim*.

Foi approvado.

O sr. Visconde da Torre da Murta significou o seu agradecimento.

O sr. Cavalleiro e Sousa, tendo residido alguns annos em Alemquer e recebido provas de estima de muitos cavalheiros da localidade, entre os quaes o sr. Commendador Guilherme Henriques, disse que não podia deixar de congratular-se pela iniciativa deste nosso illustre consocio para se festejar o 4.º centenario de Damião de Góes, ao qual muito devem as letras patrias: e a proposito do officio do sr. Arthur Fevereiro, que se havia lido na mesa, congratulou-se egualmente, ponderando que esta congratulação é tanto menos suspeita quanto é certo que em tempo escreveu um pouco incisivamente contra S. Ex.ª ácerca do tapete persa, vendido pela Camara Municipal de Lisboa, quando o seu desejo e o de muitas outras pessoas fôra que elle fizesse parte das preciosidades colleccionadas no Museu Nacional de Bellas Artes.

O sr. Gabriel Pereira offereceu, em nome do auctor, para a bibliotheca da nossa Associação um exemplar da monographia « A Ordem de Christo ».

O sr. Visconde da Torre da Murta apresentou diversas publicações e entre ellas o livro *Archeologia Christã,* escripto pelo socio correspondente sr. Albano Bellino.

O sr. Presidente disse que no proximo domingo, 2 de fevereiro, se reunia novamente a Assembléa para proceder á eleição de vice-presidente archeologo, vice-secretario de architectura e segundo conservador do Museu, cargos actualmente vagos por motivo de escusas; e levantou a sessão.

Eram 3 horas da tarde.

O Secretario
Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 2 de Fevereiro de 1902.

Presidencia do Ex.[mo] Conselheiro Augusto José da Cunha.
Secretarios, o abaixo assignado e o Ex.[mo] Sr. Mena Junior.

Abertura ás duas e meia horas da tarde.

Presentes os Ex[mos] Srs.: Gabriel Pereira, Mendes Guerreiro, Rosendo Carvalheira, Ascensão Valdez, Leopoldo Mauritty, Jesuino Ganhado, Cavalleiro e Sousa, Silva Leal, e Visconde da Torre da Murta.

Acta — approvada.

O secretario R. Dias leu as procurações que lhe haviam sido enviadas pelos sr. commendador Guilherme Henriques e Ernesto da Silva para os representar no acto da eleição a que ia proceder-se.

A Assembléa, dispensando-se de ouvir o Conselho Facultativo, approvou que fosse admittido a socio effectivo o sr. Henrique Sabino dos Santos, conductor principal de obras publicas.

O sr. Rosendo Carvalheira referiu-se de uma fórma altamente honrosa para o sr. Sabino dos Santos, a quem considera como funcionario exemplarmente zeloso e de grande valia pela sua intelligencia, pelos seus estudos e trabalhos technicos.

Passou-se á ordem do dia: eleição dos socios que devem exercer tres cargos que estavam vagos: vice-presidente da mesa (archeologia) vice-secretario da mesa (architectura) e segundo conservador do Museu.

Ficaram eleitos por unanimidade, para o primeiro daquelles cargos, o Ex.mo Sr. João Verissimo Mendes Guerreiro; para o segundo, o Ex.mo Sr. Francisco Carlos Parente; e para o terceiro, o Ex.mo Sr. José Joaquim d'Ascensão Valdez.

Como não houvesse outro assumpto a tratar, encerrou-se a sessão.

Eram 3 horas da tarde.

O Secretario

Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 16 de março de 1902.

Presidencia do Ex.mo Conselheiro Augusto José da Cunha, secretariado por Cavalleiro e Sousa e pelo sr. Mena Junior.

Foi aberta a sessão por duas horas da tarde.

Lida a acta anterior, foi approvada.

Em seguida procedeu-se á leitura da correspondencia:

1) Officio da Commissão Executiva do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, communicando haverem-se expedido

as precisas ordens para ser considerada como monumento nacional a antiga casa da Camara de Bragança conforme fôra solicitado por esta associação;

II) Officio do Ministerio do Reino, pondo á disposição da mesma Associação 21 volumes de obras do Archivo Geral d'aquelle Ministerio;

III) Officio do sr. Vieira Guimarães, agradecendo a sua eleição para socio correspondente;

IV) Officio do sr. Henrique Sabino dos Santos, agradecendo a sua eleição para socio effectivo;

V) Officio do sr. Eugenio Francisco Xavier dos Santos Remedios em egual sentido;

VI) Officio do sr. conselheiro Manuel Francisco de Vargas, agradecendo a sua eleição para socio honorario;

VII) Officio do secretario, sr. Rocha Dias, communicando não poder comparecer a esta sessão;

VIII) Officio da firma Mahony & Amaral, representantes da Exposição de industrias, artes e sciencias e feira franca na ilha de S. Miguel em 1901, enviando uma lista dos expositores premiados.

IX) Officio do sr. Visconde da Torre da Murta, chamando a attenção da Assembléa para o livro intitulado *Grutas de Alcobaça*, pelo sr. Vieira da Natividade e lembrando que lhe parecia merecer diploma de socio correspondente o auctor desse livro.

Enviado ao Conselho Facultativo.

Proposta do socio sr. José Queiroz para ser eleito socio correspondente o sr. Pedro Belchior da Cruz, director interino do Museu Archeologico da Figueira da Foz.

Enviada ao Conselho Facultativo.

Proposta do sr. Eduardo da Rocha Dias para que a Assembléa consignasse na acta um voto de congratulação com o socio sr. Manuel Joaquim de Campos pelo acolhimento lisongeiro que tem merecido dos numismatas nacionaes e estrangeiros a sua monographia *Numismatica indo-portugueza*.

Deliberou-se que se lançasse na acta.

Passando-se á ordem do dia, o sr. Ascensão Valdez leu e a assembléa approvou o relatorio da revisão de contas do exer-

cicio do anno findo, concluindo por que se desse um voto de louvor ao Thesoureiro sr. Ernesto da Silva, o que este mesmo senhor agradeceu.

O sr. Presidente participou, que, em virtude de reclamação do socio correspondente na villa da Feira, sr. José Pinto da Silva Ventura, officiára á Direcção Geral de Instrucção Publica pedindo que mandasse sústar a venda de uma cruz do convento de Villar de Frades, cuja venda em leilão fôra annunciada no *Primeiro de Janeiro,* jornal do Porto, para o dia 6 de março corrente.

Cavalleiro e Sousa pediu para novamente se solicitarem do Ministerio das Obras Publicas os livros em tempo pedidos por esta associação com respeito á Exposição Universal de 1900, lembrando que entre elles havia alguns muito importantes para figurarem na bibliotheca da Associação.

O sr. Visconde da Torre da Murta, na qualidade de bibliothecario, informou que n'aquelle ministerio fôra particularmente informado de ser pela Inspecção Geral da Secção Portugueza que teria de ser feita a distribuição dos livros solicitados, e que officiára já para alli, não tendo recebido ainda resposta.

Não havendo mais assumpto algum a tratar, levantou o sr. Presidente a sessão por tres e meia horas da tarde.

Estiveram presentes os socios srs. Gabriel Pereira, Leite de Vasconcellos, Visconde da Torre da Murta. Manuel Joaquim de Campos, Ascensão Valdez, Ernesto da Silva, Rodrigues Fernandes.

O Vice-secretario

Augusto E. de Freitas Cavalleiro e Sousa

RELATORIO ANNUAL

DA

BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO

Senhores :

Saber fecundar um assumpto esteril por sua naturesa não é dado ao nosso limitado engenho ; por isso havemos mister de todo aquelle favor e benevolencia que esta Real Associação costuma fazer a honra de nos dispensar, e de que muito carecemos neste momento ao dar-lhe conhecimento do presente relatorio, cuja aridez da materia desejavamos suavisar com aquelle estylo inflorado e bem torneado que prende os sentidos e concilia o affecto, illustrando-o com a originalidade do pensamento e elevado pela auctoridade do conceito a merecer a approvação d'esta respeitavel Assembléa, se não nos fallecessem os recursos ; principalmente, depois de ter submettido á sua auctorisada, justa e imparcial censura nove relatorios sobre o mesmo e invariavel assumpto !

Em homenagem, porém, ao que preceituam os estatutos que nos regem, e confiando na extrema complacencia da Assembléa, vamos, no desempenho do nosso cargo, dar conta do movimento da bibliotheca durante o anno de 1901.

Quarenta volumes, 40 folhetos e 127 fasciculos, representando 85 obras, entraram na nossa bibliotheca durante o anno acima mencionado, alem de 66 plantas de differentes portos commerciaes da Europa, Asia, Africa e Oceania que fazem parte d'uma valiosa e importante obra do nosso socio e conceituado engenheiro o Sr. Adolpho Loureiro.

Tratam as publicações recebidas de historia, architectura, archeologia, geographia, genealogia, agricultura e bibliographia, e outros assumptos variados que interessam a differentes ramos de conhecimentos; escriptas em portuguez, hespanhol, francez, inglez, italiano e sueco.

Provém na sua maioria de offerecimentos feitos á nossa Associação pelas seguintes entidades: ministerios do Reino e das Obras Publicas; ministerio de Instrucção Publica de França, Assistencia Nacional aos Tuberculosos, Academia de Inscripções e Bellas Lettras, de França, Albergue dos Invalidos do Trabalho; Associações: Artistica-Archeologica Barcelonesa; dos Conductores das Obras Publicas; dos Engenheiros Civis Portuguezes; do Mealheiro das Viuvas e Orphãos e dos Regentes Agricolas.

Bibliotheca da Universidade de Coimbra; Camara do Commercio e Industria de Lisboa; Collegio dos Engenheiros e Architectos de Palermo; Commissão de trocas internacionaes; Congresso Colonial Nacional; Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes.

Direcções: Boletim Historico da Diocese de Lyão e a notavel e apreciabilissima obra a *Portugalia*.

Sociedades: Francisco Martins Sarmento, de Guimarães; de Geographia, de Lisboa; de Historia e Antiguidades, de Stockolmo e Siciliana de Historia Patria.

Com o reconhecimento devido á sua valiosa cooperação no desenvolvimento da nossa bibliotheca com apreciaveis donativos, temos a honra de mencionar os nomes dos seguintes senhores: Adolpho Loureiro, Antonio Cesar Mena, Augusto Ribeiro, Caetano da Camara Manuel, Conde de Montalbo, Conde de S. Januario, Duque de Astraudo, Eduardo Augusto da Rocha Dias, Francisco José Patricio, Francisco Simões Margiochi, João Lino de Carvalho, João Rolla Lobo, José Fortes, Louis de Sarran d'Allard, Manoel Joaquim de Campos, Manoel de Mendonça Pereira Pinto, Martinho Augusto da Fonseca, Pereira Caldas, Rosendo Carvalheira, Sousa Viterbo, Visconde de Poli e Visconde de Sanches de Baena.

De differentes livrarias, nacionaes e estrangeiras, recebemos 16 catalogos que podem ser consultados com proveito por quem desejar adquirir obras scientificas sobre varios ra-

mos de conhecimentos humanos e especialmente archeologia.

Comprámos, por conta da bibliotheca, *Les Arts en Portugal* e o *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal* pelo Conde de Raczynski que merece todo o nosso reconhecimento pelo valioso serviço que nos prestou publicando o resultado das suas investigações historicas e artisticas em o nosso paiz, feitas com affecto e desvelado interesse. Tambem adquirimos as *Maravilhas da Architectura* por André Lefevre, e assignámos a interessante publicação intitulada a *Arte e Natureza em Portugal*, de que já possuimos sete fasciculos primorosamente illustrados. Escusado é encarecer o merito litterario d'esta obra, sobejamente garantido pelo nome de seus illustres collaboradores, todos vantajosamente conhecidos como homens de sciencia e de lettras.

Do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes recebemos um curioso album representando os notaveis azulejos do palacio e quinta da Bacalhôa e que completa a obra que sobre o mesmo palacio e quinta publicou o nosso socio, de saudosa memoria, o Sr. Joaquim Rasteiro.

O Sr. Santos Remedios, de Hong Kong, offereceu á nossa Associação um mappa geral dos gudões ou armazens depositos de mercadorias na margem fronteira do porto d'aquella colonia, onde se está desenvolvendo a importante povoação de Kaulung.

O Sr. Manoel Joaquim de Campos tambem offertou uma composição musical de que é auctor e o Sr. Luciano Lallemant cinco nitidas photographias da fachada e ruinas d'este edificio do Carmo e salas do nosso museu.

A' nossa collecção de jornaes temos a acrescentar os seguintes:

Diario do Governo, Primeiro de Janeiro. Conimbricense, Manoelinho d'Evora, Gazeta das Obras Publicas, Commercio e Industria, Aurora do Cavado, Construcção, Tradição, Primeiro de Dezembro, Comarca d'Arganil e o Economista, desde Julho inclusive. Em todos estes jornaes, com excepção do Diario do Governo, ha falta de numeros.

Com o numero 12 do nosso Boletim completamos o tomo 8.º da 3.ª série, que se acha encadernado e á disposição dos socios que o desejarem consultar. Da 4.ª série archivamos os numeros 1 e 2 do mesmo Boletim, que continua sob a sabia direcção do

nosso dedicado e muito prestante socio o Sr. Gabriel Pereira.

Tambem archivamos, com um profundo sentimento de saudade e respeito pela memoria do nosso finado Presidente o Sr. Conde de S. Januario, o Jornal do Real Instituto dos Architectos Britanicos, ultimo dom que S. Ex.ª fez á nossa bibliotheca e derradeira recordação dos importantes e muito valiosos serviços que prestou a esta Real Associação com desvelo esmerado, perseverança firme e diligencia primorosa, que tanto o insinuou no animo d'esta Sociedade que, sempre manifestou o elevado apreço em que teve as suas nobres qualidades e o reconhecimento devido á sua prestante dedicação.

As despesas que fizemos com compra de livros, encadernações e assignatura já mencionada, podem ser verificadas pelos documentos que o nosso zeloso e digno Thesoureiro apresentará juntamente com as suas contas.

Sem pretender aquilatar o merecimento das obras recebidas, pedimos venia aos nossos consocios para lhes lembrar, que, entre as que mais se recommendam pela importancia dos assumptos que tratam, encontrarão algumas que particularmente interessam aos estudos especiaes d'esta Associação.

Se nem sempre se encontram nas obras de sciencia erudita paginas coloridas com as galas donairosas d'um estylo opulento, muitas vezes inspirado nas vastas regiões da phantasia, compensam seus auctores ao leitor offerecendo-lhe, em linguagem severa da sciencia, os fructos opimos do seu labor, colhidos com perseverança e vigilias no terreno mais seguro, mais positivo e mais util da experiencia e da observação.

Derramando luz nas trevas mysteriosas dos seculos mais remotos; estudando a intelligencia humana em suas differentes espheras de actividade, avultando e enriquecendo com a sua contribuição o cabedal de conhecimentos qne nos legaram as gerações passadas, vão propagando e fortalecendo o espirito scientifico que é hoje a grande força que domina as sociedades, e a base solida em que assenta o amor da humanidade, nutrindo-lhe a fagueira esperança de que um dia, os homens formarão uma só sociedade, com o mesmo culto, com os mesmos interesses, com a mesma civilisação.

Bossuet, esse principe da eloquencia, dizia:

«O fim da religião, a alma das virtudes e o resumo da lei é a caridade.»

Sabemos nossos consocios comprehender, apreciar e praticar esse nobre e levantado sentimento peculiar e caracteristico dos portuguezes, tão distinctos pelos dotes do coração, generosidade e grandeza d'alma; por isso terminamos chamando a sua attenção para o relatorio do Conselho Central e parecer do Conselho Fiscal da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, apresentados á Assembléa Geral de 30 de Dezembro de 1900, na firme convicção que lhes será grato ver o esforço, a dedicação, o zelo e solicitude que aquella benemerita Assistencia consagra ao fiel desempenho da sua philanthropica e santa missão! Solicitude que promette beneficos resultados futuros d'essa sympathica instituição que Sua Magestade a Rainha fundou por um feliz impulso do seu coração tão fino ao affecto, compassivo e rico de dotes sublimes, e por um elevado sentimento de caridade, brazão d'almas nobres, tom fundamental da harmonia christã e epilogo de todas as virtudes que Sua Magestade exerce com tanta discrição, acerto e largueza, como notavel e singular modestia! Modestia! esmalte rutilante da virtude que Deus coroou na mulher com essa aureola celestial que refulge em todo o seu esplendor em volta da fronte augusta, gentil, e nobre de Sua Magestade a Rainha!

Sala das sessões da Associação, 26 de Janeiro de 1902.

Visconde da Torre da Murta
Conservador da bibliotheca

Mappa demonstrativo das obras recebidas e adquiridas para a bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes durante o anno de 1901.

Designação das obras	Numero de volumes	Numero de folhetos	Numero de fasciculos
Historia	13	12	19
Architectura	2	3	14
Archeologia	4	1	22
Geographia		1	10
Agricultura		1	16
Genealogia	4	2	
Bibliographia			11
Variedades	17	20	35
	40	40	127

Relatorio dos actos do Conselho Facultativo em 1901

Senhores:

O Conselho Facultativo vem cumprir o que determina o estatuto d'esta Real Associação, submettendo ao subido criterio da Assembléa Geral a apreciação dos actos da sua gerencia durante o anno corrente; esperando será feita justiça á boa intenção que sempre determinou as suas deliberações, que tiveram por escopo os progressos e engrandecimento da Associação, manter-lhe o esplendor, affirmar a sua importancia, cumprir com rigorosa fidelidade os seus encargos e uma administração prudente, recta e economica.

Profundo e doloroso golpe recebeu esta Associação com a perda de seu Presidente o Sr. Conde de S. Januario, de saudosa recordação, que a morte arrebatou ao nosso affecto em 28 de Maio do presente anno!

Por occasião d'esse triste, infausto e memoravel successo providenciou o Conselho por fórma que a Associação fosse representada no funeral de S. Ex.ª e deliberou mandar celebrar uma missa por intenção do illustre finado no trigesimo dia do seu fallecimento; o que se effectuou na egreja do Sacramento, sendo celebrante o capellão de artilheria n.º 1, reverendo José Joaquim de Sousa Junior; achando-se presente, como representante da Ex.ma Condessa viuva, o sobrinho do nosso Presidente o Sr. Henrique Feijó Barreto, pela impossibilidade de S. Ex.ª comparecer

por ter de assistir, á mesma hora, a outra missa, que com igual fim mandou rezar, e para a qual havia convidado os seus parentes.

A esse acto piedoso e solemne estiveram presentes os membros da mesa e numerosos socios prestando devota homenagem á memoria de tão inclito varão.

Resolveu a Assembléa Geral dar uma demonstração de saudade e acatamento pelo seu Presidente pela fórma mais adequada a uma sociedade scientifica, celebrando opportunamente uma sessão solemne para ser lido o seu elogio e inaugurado o seu retrato.

Para habilitar a effectuar essa demonstração de respeito e affecto, foi commettido ao Conselho solicitar do nosso illustrado consocio effectivo o Sr. João Feliciano Marques Pereira a fineza de se encarregar de elaborar esse elogio.

Desempenhou essa grata commissão o Sr. Presidente representando o Conselho, tendo a satisfação de ver realisado o desejo da Associação pela amavel annuencia do Sr. Marques Pereira que com a mais gentil condescendencia se encarrégou d'esse trabalho.

Com igual gentileza e boa vontade se promptifica a executar o retrato o nosso socio benemerito e eximio pintor o Sr. Felix da Costa, que com a bizarria caracteristica do seu animo se presta a abrilhantar e enriquecer a nossa galeria com mais um dos seus primorosos quadros.

A estes nossos prezados socios consignamos aqui a expressão sincera do nosso reconhecimento e os louvores devidos a esta prova de deferencia pela Associação e de reverencia pela memoria do nosso finado Presidente.

Dotado de excellentes qualidades cultivadas com esmero por bons estudos, elevou-se, pelo seu merito, aos mais eminentes cargos do estado; mereceu e alcançou as mais honrosas distincções nobiliarias que não lhe entibiaram o desvanecimento de pertencer a esta Associação, nem arrefeceram aquelle sentimento de affecto que sempre lhe dedicou e poz em evidencia, principalmente durante a sua passagem pela presidencia, mostrando-se sempre prompto na vontade e desvelado no desempenho dos importantes e valiosos serviços que nos prestou: sabendo estreitar e fortale-

cer com a affabilidade do seu fino trato os vinculos que o uniam a esta Associação.

Se é difficil apreciar, com imparcialidade, os meritos d'um homem cujas cinzas não arrefeceram de todo, podemos affirmar, sem receio de contestação, que o Conde de S. Januario soube desempenhar-se com honra e lealdade dos seus deveres de cidadão para com a patria, e como membro d'esta Associação, bem merecer o reconhecimento, a saudade, a veneração que tributamos á sua memoria!

Pelos Srs. Presidentes das secções de que trata o capitulo 7.° Art. 30.° des estatutos, foi communicado ao Conselho acharem-se constituidas as subsecções conforme determina o Art. 20.° do regulamento, sendo-lhes incumbidos os seguintes encargos:

Primeira subsecção de architectura: protecção dos edificios publicos e particulares, dispersos nos differentes pontos do paiz e fazer estudos sobre os estylos architecturaes d'esses monumentos.

Segunda; apreciar as demonstrações da arte contemporanea tanto nas edificações civis como nas suas decorações, jardins, cemiterios, estatuaria, lettreiros, fontes, chafarizes, pontes, e castellos.

Terceira: estudos sobre casas baratas, bairros operarios, para indigentes, asylos, hospicios e hospitaes.

Primeira subsecção de archeologia: archeologia prehistorica.

Segunda: archeologia christã.

Terceira: archeologia nacional.

Quarta: archeologia em Lisboa.

Quinta: numismatica.

Sexta: heraldica.

Setima: bibliographia archeologica.

Primeira subsecção de construcção: adquirir amostras de materiaes empregados nas construcções em Portugal.

Segunda: fazer um estudo do edificio do Carmo onde se acha installada esta Associação.

Recebeu o Conselho um officio circular da Direcção Geral de Instrucção Publica, expedido pela 3.ª repartição, pedindo, para satisfazer á legação do reino de Italia n'esta côrte uma lista

de individualidades portuguezas eminentes em estudos historicos e archeologicos, a fim do seu governo poder preparar os convites para o congresso historico que se hade realisar em Roma na primavera de 1902.

Organisou-se uma lista dos socios que estavam nas condições exigidas e cujos nomes se acham no officio n.º 179 dirigido, em 25 de Junho passado, pelo Presidente ao Sr. Director Geral de Instrucção Publica.

Consultou o Conselho a Assembléa qual dos vice-presidentes devia assumir a presidencia na ausencia do Presidente. Resolveu-se fosse o vice-presidente mais idoso; resolução que teve o applauso do vice-presidente mais novo que affirmou como sempre a delicadeza dos seus sentimentos, a rectidão do seu espirito e aquella modestia inseparavel do merito.

No justo empenho e impreterivel dever de empregar todos os esforços para terminar com a brevidade possivel a reivindicação á serventia pela porta lateral sul d'este edificio, pareceu ao Conselho conveniente propor á Assembléa a nomeação d'um representante da Associação a quem fossem conferidos poderes para concluir esse negocio.

A Assembléa, reconhecendo no nosso prestante socio o Sr. Rosendo Carvalheira a aptidão para levar a bom termo essa pretensão, e confiada na solicitude, zelo e prudencia que revelou quando se ventilou este assumpto, conferiu-lhe procuração com poderes de resolver esta materia como julgasse mais conducente ao fim que se propoz a Associação.

Foi communicado ao Conselho o parecer da secção d'archeologia favoravel ao memorial da Commissão executiva do quarto centenario de Damião de Goes, presidida pelo nosso socio o Sr. Commendador Guilherme João Carlos Henriques. O Presidente o Sr. General Pimentel Maldonado officiou, em 26 de Junho proximo passado, ao Sr. Ministro das Obras Publicas, pedindo que as obras da egreja, onde repousam os restos mortaes de Damião de Goes, se concluam dentro do menor praso possivel, conforme os desejos da commissão.

Tomou-se conhecimento da representação do director do museu municipal de Bragança, o Sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, ácerca do monumento existente na cidadella, conhecido pelo nome

de antiga casa da camara; representação que foi submettida á apreciação da commissão d'archeologia.

Do Presidente da Commissão organisadora do Congresso Colonial Nacional, reunido na séde da Sociedade de Geographia de Lisboa, recebeu se um officio convidando esta Associação a concorrer á inscripção do mesmo Congresso e a indicar quaes os seus delegados. Inscreveu-se a Associação e nomeou seu representante o Sr. Julio de Vilhena, em quem reconhece toda a competencia e auctoridade.

Sendo de todo o interesse para o estudo da historia do municipio de Lisboa a exposição de objectos que se acham em deposito na Camara Municipal d'esta cidade, officiou-se em 15 de Julho preterito ao Sr. Presidente do Municipio solicitando que fosse confiado á guarda e conservação do museu d'esta Associação o que nos seus archivos e depositos existisse com interesse para a historia. Ainda não recebeu o Conselho resposta a esse officio.

Continuou o Conselho delegando a direcção do boletim no nosso erudito e competentissimo socio o Sr. Gabriel Pereira que propoz fosse alterado o formato do boletim para menores dimensões, ficando a 4.ª série do tomo 9.º com esse formato mais commodo e manuseavel, o que foi approvado, podendo S. Ex.ª deliberar como entendesse mais conveniente.

Com a publicação do n.º 12 terminou a 3.ª serie do nosso boletim, achando-se publicados os n.ºs 1 e 2 da 4.ª série, como é do conhecimento dos nossos socios que tiveram occasião de os apreciar. Não foi possivel imprimir-se o n.º 3, para ser distribuido dentro do praso estabelecido, por obstaculos involuntarios e imprevistos por parte do impressor e que não puderam ser removidos pelo director d'aquella publicação, apezar do seu empenho e zelosa actividade com que sempre satisfaz aos encargos que lhe são incumbidos.

Continua prosperando a bibliotheca da nossa Associação, sendo animador o incremento progressivo que se tem manifestado estes ultimos annos e que confiamos continuará. O conservador dará no seu relatorio os esclarecimentos minuciosos e precisos sobre este assumpto; por isso nos dispensamos de os apresentar aqui.

Em Fevereiro do corrente anno ficou concluida a cunhagem de vinte e quatro distinctivos d'esta Sociedade, que se acham á

disposição de todos os socios pelo preço de 4$500 réis cada um, como estava estabelecido.

Pelas contas que o nosso meritissimo Thesoureiro apresentará brevemente á Assembléa podem verificar-se as verbas de receita e despeza que o Conselho auctorisou; bem como o estado do cofre, que, se não é prospero como desejavamos, mantem comtudo uma pequena reserva livre de responsabilidades que permitte occorrer a qualquer eventualidade, sem que a Associação tenha de recorrer a meios extraordinarios e onerosos.

Foram admittidos, durante a nossa gerencia, oito socios effectivos e outros tantos correspondentes; existindo actualmente sessenta socios effectivos; quinze benemeritos e honorarios; e oitenta e nove correspondentes, nacionaes e estrangeiros.

Foram offerecidos á Associação para o seu museu os objectos seguintes:

Pelo Sr. Henrique Sabino dos Santos, por intermedio do nosso consocio Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, um modelo do projecto do viaducto, já concluido, da rua de S. Sebastião da Pedreira.

Pelo Sr. Visconde d'Almeida Araujo, um brazão d'armas extrahido do palacio da travessa da Queimada, n.º 35, que pertenceu á illustre familia Zagallo.

O Sr. David Duarte Silva encarregou o nosso socio o Sr. Ganhado de offerecer, em seu nome, uma candeia mourisca, e uma collecção de azulejos que ornamentavam um predio sito na Mouraria, atraz do Passo, e que foi demolido.

E o Sr. Luciano Lallemant offereceu cinco bellas photographias da fachada, naves e salas do nosso museu.

A todos os offerentes foi enviado o devido agradecimento em tempo competente.

Dignou-se o Ex.mo Ministro das Obras Publicas attender á justa solicitação da Assembléa mandando pôr em execução as obras que lhe foram reclamadas para este edificio, e temos plena confiança, fundamentada no desvelado interesse que S. Ex.ª tem manifestado pelos monumentos nacionaes e na sua reconhecida illustração e patriotismo, que continuará velando pela conservação d'estas formosas e venerandas ruinas, glorioso pa-

drão de heroicos feitos que assombraram uma grande nação, sublimaram o nome portuguez, e instigam o brio nacional!

Sala das Sessões do Conselho Facultativo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 29 de Dezembro de 1901.

Rosendo Carvalheira.
José Joaquim d'Ascensão Valdez.
Visconde da Torre da Murta — Relator.
Eduardo Augusto da Rocha Dias — Secretario.

O Paço Real de Cintra

No livro chamado delrei D Duarte que pertenceu ao mosteiro da Cartuxa de Evora, e hoje se guarda na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Mss. Cod. L. 6. 45.), encontra-se a medição das *Casas de Cintra*, isto é, do Paço Real da villa de Cintra; noticia bem curiosa porque nos mostra o que era aquella historica residencia no sec. xv, no especial ponto de vista da distribuição e uso das suas casas ou divisões.

Embora tenha havido no decorrer do tempo alterações e ampliações, parece que este documento ainda em grande parte se póde verificar.

Como unidade de medida adoptaram o *covado de medir pano*, que provavelmente seria egual, ou proximo, do covado que chegou a nossos dias, ou 0,66 do metro.

«Esta é a medida das Casas de Cintra filhada por covado de medir pano.

O eirado dante a sala grande em longo (comprido) 17 covados e mão travessa, de largo 6 covados e meio.

Na dita sala grande de longo 34 covados e um palmo (22,^{m}50 proximamente).

Na camara das pegas, 15 covados e de largo 12.

A camara do ouro 13, e de largo 10.

Guardaroupa logo d'alem 6 covados e meio e largo 6 e palmo.

A privada seguinte 6 covados e larga de 3.

A casinha de resar 6 covados e de largo 3 covados.

Na casa onde elrei que Deus perdoe soia (costumava) dormir 9 covados e de largo 6 e meio.

Em cima no eirado que vem sobre as cosinhas 14 covados e largo 10.

No longo da torre seguinte 12 covados e de largo 11.

No longo do andaimo que se faz ante a Camara, que é junto com a capella, onde elrei dormia 12 covados e de largo 3.

Na dita camara seguinte onde elrei dormia 12 covados e largo 9 e meio.

Na casa da guardaroupa e desembargo seguinte 6 covados, largo 9 e meio.

Na casa de resar 4 covados e largo 3.

Na privada em longo 3 covados e meio e largo 3.

A casa de méca em longo 23 covados e meio e largo 15.

Da parte das janellas que vão para fóra até outra parede que vae sobre o chafariz 4 covados, e esta medida d'ambalas costaneiras.

E mais foi medido da parede das janellas que vão em vista de Collares até a outra parede que vem sobre o chafariz 6 covados e palmo, e bem assim da parede das janellas que vão em vista de longo do terreiro da bésta até a parede das janellas que vão sobre o chafariz 5 covados e palmo, e na casa onde Vicente Deniz escreve de longo 9 covados e largo 3.

E na privada seguinte 3 covados e largo 2.

Em longo da Capella até á oussia (capella mór) ha 20 covados e largo 10, e o cruzeiro acrescenta de cada cabo 2 covados.

E na oussia de longo 12 covados e largo 8.

E no thesouro de longo 10 covados e largo 8.

E no côro de longo 7 covados e de largo 8.

As casas em que elrei soia pousar: primeiramente no andaimo ante a sala, de longo 6 covados, e de largo 4.

Na sala ha de longo 29 covados e de largo 17.

Na camara que está... em esta sala, de longo 9 covados e meio e d'ancho 7 e meio.

Na casinha de longo 3 covados e meio e largo 1 e meio.

No eirado seguinte de longo 9 covados e largo 3 e meio.

Na casa de meos onde se dizia missa de longo 10 covados e largo 8.

Na camara seguinte de longo 12 covados e largo 8 e meio.

Na casa da guardaroupa como homem entra, de longo 6 covados e meio e largo 3 e meio.

A casa de resar, em longo 9 covados e de largo 3.

Na privada de longo 3 covados e meio e largo 2 covados.

Na casinha dos escrivães que fica na sala em longo 6 covados e largo 3.

E na casinha de ceguetaria (ou saquetaria, onde se guardava o pão cosido) que está á porta da sala em longo 3 covados e de largo outros 3.»

Este documento mostra-nos o estado do Paço Real de Cintra em tempo de elrei D. Duarte.

Por vezes ha aqui referencias a um rei já fallecido, talvez a D. João 1.º.

Não se mencionam casas da gente da côrte, dependencias ou officinas de serviçães, talvez por estarem nos lados do terreiro ou terreiros, desligados do paço.

Só as casas do desembargo e dos escrivães estavam ligadas á residencia real. Pelos dizeres do documento parece que pouco antes houvéra alteração nas applicações dos differentes aposentos. Houve mudança nas casas de dormir, guardaroupa, etc.

A menção das camaras das pegas e do ouro, da sala grande e da casa de méca é da maior importancia para a historia da formação do paço real de Cintra, monumento nacional de primeira ordem, digno de ser estudado sob varios pontos de vista.

GABRIEL PEREIRA

O Campanario de S. Marcos

O famoso campanario de S. Marcos de Veneza cahiu no dia 14 de julho, ás 9 horas e 53 minutos da manhã.

A soberba torre que nas vistas da bella cidade do Adriatico punha um *quid* inconfundivel na linha dos gloriosos monumentos, estava doente de ha muito, inspirando cuidados a architectos e artistas. Tinha uma historia longa.

Sobre a base quadrada de 13 metros por lado erguia-se sobranceira e isolada; o grande anjo dourado que terminava o fino coruchéo, estava a 98 metros d'altura. Diz-se que já em 888 existia ali um campanario; o que é certo é que em 1170 estava erguido o destruido agora. Em 1329 soffreu obra importante. Em 1489 ardeu a casa dos sinos; houve reconstrucção pelo mestre Bartolomeo Bon, que fez o alto coruchéo. Em 6 de julho de 1513, sendo doge Marin Sanudo, houve grande festa, pela collocação do catavento, o celebre anjo d'ouro, esculptura em madeira, de 5 metros de altura, revestida de chapas de bronze dourado.

Por 32 suaves lanços de rampas se chegava á casa dos sinos, que eram cinco, *marangona*, *trottiera*, *mezzaterza*, *terza* e *preghiera*. Como era a torre da cidade, esses sinos marcavam pelos seus toques muitos actos da vida civil.

A torre foi ferida pelos raios muitas vezes. Havia fendas antigas, e antigos gatos e remendos. Antiquarios enthusiastas recla-

mavam de ha muito, as estações officiaes discutiam, nada se resolvia. Ha pouco o architecto Boni examinou os alicerces, e viu que estes eram bem fracos para aquelle peso calculado em 18:000 toneladas.

E' sabido que em todas as construcções de Veneza os alicerces assentam em estacarias, em *palafitas*; mas os alicerces do campanario estavam formados de materiaes de differentes resistencias

Dizem que certa obra official feita ha poucos mezes proximo da torre a damnificou.

Poucas semanas antes do desastre os entendidos dos *Uffici* fallavam de apertar a torre em grandes talas de ferro, n'uma especie de gaiola. Outros diziam que isso seria disparate. De vez em quando cahia uma pedra, um pedaço de alvenaria; manifestava-se uma fenda. Estava doente o campanario, e na manhã de julho morreu.

E sola resta su la gran memoria
L'alta voce immortale de la storia.

A basilica de S. Marcos que fica muito proxima nada soffreu, mas a *Libreria* ficou com um angulo arrasado, e a Loggetta, a divina Loggetta do Sansovino ficou destruida.

........divina loggetta
cosi piena di grazia giovenetta.

O desastre foi grande, a commoção tem sido enorme, e a gritaria contra o *Officio* da conservação dos monumentos é de enlouquecer.

Este serviço, ao que dizem, estava bem organisado em tempos; especialmente as commissões locaes trabalhavam, e os homens d'amor e influencia, os *carólas*, eram chamados, attendidos; depois centralisaram o serviço dos monumentos, e logo tudo foi para peior. A explosão agora tem sido medonha. E' claro que o caso torna-se grave em Italia por que os grandes monumentos italianos, são do *mundo*, teem a mais larga importancia e significação, — *Vegliate*, escreve um, *vegliate sui vostri monumenti, e difendeteli da due forze mortifere: prima, la burocrazia gerarchica; seconda, il tempo.*

Outro diz que todas as diligencias esbarram com o poder central, o ministerio, que ora não tem vontade, e raro tem dinheiro.

Pois bem, vão reedificar o campanario! E parece que bastam os recursos locaes para tanto.

Isto não acontece n'um paiz que nós conhecemos. Olhem-me aquelles Jeronymos! O enthusiasmo com que em certas localidades se bota abaixo! E não se arrasa mais, porque falta dinheiro; conheço casos d'estes. A propaganda da nossa Associação tem conseguido muito, mas estamos ainda bem longe do amor, do respeito pelo monumento, da adoração da historia e da arte que domina em outros paizes.

Um distincto poeta italiano, a proposito da queda do campanario de Veneza, diz:

........O Venezia, il tuo lutto
é di tutti coloro
che in questa vile etá cupida d'oro
amano ancor le belle cose antiche
per la lorl santitá.....

Ha, ha uma *santidade* nas cousas antigas; o sentimento e a razão ligam-se no respeito ao monumento; e é por isto que se devem aproveitar as boas vontades, as dedicações desinteressadas.

G. Pereira

Decreto relativo ao Conselho dos Monumentos Nacionaes

(*Diario do Governo*, n.º 153, de 12 de Julho de 1902)

Senhor. — Em 24 de outubro proximo passado dignou-se Vossa Magestade approvar a organização do Conselho dos Monumentos Nacionaes, que então tive a honra de submetter á elevada apreciação de Vossa Magestade.

Por esse diploma foi confiada áquelle conselho a missão de classificar os monumentos nacionaes, devendo essa classificação ser feita por decreto.

Como indispensavel complemento d'estas disposições necessario se torna estabelecer as bases fundamentaes sobre que deve assentar a classificação, e bem assim definir por uma fórma precisa as consequencias d'essa classificação, ou sejam as condições de protecção de que ficam revestidos os monumentos classificados.

Asado me pareceu o ensejo para estabelecer tambem, relativamente aos objectos mobiliarios de reconhecido valor intrinseco ou estimativo pertencentes ao Estado, a corporações administrativas ou a quaesquer estabelecimentos publicos, algumas disposições que impeçam a alienação de taes objectos, e que, assegu-

rando-lhes a conveniente conservação, os preservem dos attentados a que, sob pretexto de reparação ou restauração, tão expostos tem andado por falta da indispensavel fiscalização.

Ao esclarecido espirito de Vossa Magestade, que tanto se interessa por todos os padrões das glorias nacionaes e por todas as manifestações da arte, ocioso seria encarecer a importancia da providencia para que venho solicitar a approvação de Vossa Magestade.

Muito mais do que proponho haverá ainda a fazer no sentido exposto, mas nem a nossa legislação civil nos permitte ir mais alem, nem o espirito do nosso povo está ainda sufficientemente preparado para aceitar bem providencias d'este genero.

Muito se tem, porém, conseguido nos ultimos annos, mercê da propaganda insistente de alguns estudiosos e por intermedio das estações e estabelecimentos officiaes, designadamente do Conselho dos Monumentos Nacionaes e do Museu Ethnologico Português.

Confiando no zelo e civismo de todos que teem de intervir n'estes assumptos, é licito esperar que a desejada transformação no sentir e pensar da grande maioria da nação, a respeito dos deveres e dos direitos que incumbem ao Governo sobrea conservação das reliquias do nosso glorioso passado, se opere em breve espaço, e será então opportuno ir mais alem na defesa d'essas reliquias, segundo o exemplo de outros paises não menos liberaes que o nosso, e especialmente da Italia, a patria classica da arte em todas as suas manifestações.

Secretaria de Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria, em 30 de dezembro de 1901. — *Manuel Francisco Vargas.*

Attendendo ao que me representou o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria: hei por bem approvar as bases para a classificação dos immoveis que devam ser considerados monumentos nacionaes e bem assim dos objectos mobiliarios de reconhecido valor intrinseco ou extrinseco pertencentes ao Estado, a corporações administrativas ou a quaesquer estabelecimentos publicos, as quaes, assignadas

pelo mesmo Ministro e Secretario de Estado, baixam com o presente decreto e d'elle ficam fazendo parte integrante.

O Conselheiro de Estado, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, e os Ministros e Secretarios de Estado de todas as outras Repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 30 de dezembro de 1901. = REI. = *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro* = *Arthur Alberto de Campos Henriques* = *Fernando Mattoso Santos* = *Luiz Augusto Pimentel Pinto* = *Antonio Teixeira de Souza* = *Manuel Francisco Vargas.*

Bases para a classificação dos immoveis que devam ser considerados monumentos nacionaes, e bem assim dos objectos mobiliarios de reconhecido valor intrinseco ou extrinseco pertencentes ao Estado, a corporações administrativas ou a quaesquer estabelecimentos publicos.

Artigo 1.º Os immoveis, por natureza ou por destino, cuja conservação represente pelo seu valor historico, archeologico ou artistico, interesse nacional, serão classificados monumentos nacionaes pelo Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

Art. 2.º A classificação será feita por decreto precedendo consulta ou proposta do Conselho dos Monumentos Nacionaes.

§ 1.º Quando o immovel pertencer ao Estado e não estiver a cargo do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, será previamente ouvido ácêrca da classificação o Ministerio em cuja posse o immovel se encontrar.

§ 2.º Os immoveis pertencentes a corporações administrativas serão classificados mediante previa informação da respectiva corporação e do Ministerio do Reino.

§ 3.º Os immoveis que forem propriedade particular poderão ser classificados com assentimento do proprietario, devendo ser especificadas no respectivo decreto as clausulas a que fica sujeita a classificação.

Art. 3.º As contestações suscitadas pela interpretação e pela execução das clausulas, a que se refere o § 3.º do artigo pre-

cedente, serão resolvidas pelo Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, com previa audiencia do Conselho dos Monumentos Nacionaes e, quando seja necessario, da Procuradoria Geral da Coroa e Fazenda.

§ unico. As servidões, resultantes da classificação, permanecerão inalteraveis, ainda quando o immovel mudar de proprietario.

Art. 4.º Os immoveis classificados nos termos do presente decreto não poderão ser destruidos no todo ou em parte, nem soffrer qualquer trabalho de reparação ou modificação sem licença do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, depois de ouvido o Conselho dos Monumentos Nacionaes.

§ unico. As servidões de alinhamento não são applicaveis aos immoveis classificados.

Art. 5.º Quando o proprietario de um immovel se opposer á classificação d'este, poder-se-ha proceder á expropriação por utilidade publica, mediante lei especial que a auctorize, depois de verificada a indispensabilidade da expropriação e de haver sido ouvido o Conselho dos Monumentos Nacionaes.

§ unico. A expropriação de que trata este artigo poderá tornar-se extensiva aos terrenos em que se encontrem monumentos megalithicos, grutas prehistoricas ou castros, limitada, porém, á superficie absolutamente indispensavel para a conservação dos monumentos, grutas ou castros e para as pesquizas que hajam de se effectuar.

Art. 6.º A classificação dos immoveis poderá ser annullada, observando-se asformalidades que a tiverem precedido, a solicitação das estações officiaes a que estiverem entregues ou da corporação ou individuo a que pertençam.

Art. 7.º Os immoveis classificados pertencentes ao Estado ou a corporações ou institutos sujeitos á tutela administrativa não poderão ser alienados sem previa audiencia do Conselho dos Monumentos Nacionaes.

Art. 8 º As disposições do presente decreto são applicaveis aos monumentos historicos classificados antes da sua promulgação, salvo reclamação do proprietario dos immoveis com cuja conservação ou restauração o Estado não haja feito dispendio algum.

§ unico. E' concedido o prazo de tres annos para a

apresentação das reclamações a que se refere este artigo.

Art. 9.º Os objectos mobiliarios de reconhecido valor intrinseco ou extrinseco pertencentes ao Estado, a corporações administrativas ou a quaesquer estabelecimentos publicos, exceptuando os museus, serão devidamente classificados e inventariados pelo Conselho dos Monumentos Nacionaes.

§ 1.º A classificação tornar-se-ha definitiva se no prazo de tres mezes, depois de notificada, não houver reclamação da entidade em cuja posse se encontrem os objectos classificados.

Art. 10.º Os objectos mobiliarios classificados pertencentes ao Estado são considerados inalienaveis e imprescriptiveis. Quando pertençam a corporações administrativas ou estabelecimentos publicos, com excepção dos museus, não poderão ser restaurados, reparados nem alienados sem auctorização do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, concedida com previa audiencia do Conselho dos Monumentos Nacionaes.

§ 1.º Será considerada nulla e ficará sem effeito a alienação effectuada com infracção d'este preceito.

§ 2.º A auctoridade ou entidade que, sem a auctorização prescripta no presente artigo, ordenar, consentir ou não impedir a execução de trabalhos de restauração ou reparação de objectos mobiliarios classificados, ficará obrigada, independentemente de qualquer outra sancção penal applicavel á infracção da lei, á reposição no estado anterior, a expensas suas, dos objectos por qualquer fórma modificados.

§ 3.º Os objectos classificados que tiverem sido alienados contra as prescripções d'este decreto, extraviados ou furtados, poderão ser reivindicados dentro do prazo de tres annos pelos seus legitimos proprietarios ou na falta d'estes pelo Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

Art. 11.º Quando forem encontrados em terreno publico ou particular, em consequencia de escavações ou quaesquer outros trabalhos, monumentos, ruinas, inscripções ou objectos que interessem a historia, a archeologia ou arte, ou se tiver conhecimento de que se trata de substituir ou damnificar os já conhecidos ou ainda castros importantes e grutas prehistoricas, o administrador do concelho respectivo providenciará immediatamente, mandando, no primeiro caso, suspender os trabalhos, e, no se-

gundo impedindo a destruição ou damnificação. Alem d'isso a mesma auctoridade mandará vedar e, sendo possivel e necessario aterrar o local archeologico, para lhe assegurar a conservação, e participará o facto ao governo civil do districto que transmittirá o aviso ao Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, a fim de serem pelo Governo tomadas as providencias convenientes, nos termos do presente decreto.

Art. 12.º O Conselho dos Monumentos Nacionaes organizará o cadastro methodico de todos os immoveis e mobiliarios por elle classificados.

Art. 13.º Fica revogada a legislação em contrario.

Paço, em 30 de dezembro de 1901. = *Manuel Francisco de Vargas.*

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 4, t. IX, pag. 48)

Numão — freg., conc. de Villa Nova de Foz-Côa — Castello com 15 torres; em ruinas. N'este castello e nas suas proximidades teem se descoberto muitas inscripções e medalhas romanas, de ouro de prata e de cobre, assim como grande numero de sepulturas. — No muro do castello, ao sahir pela porta que fica ao O., está embebida uma pedra com inscripção latina. Na egreja matriz por cima de uma pia de agua benta vê-se tambem uma inscripção romana. — Sobre a porta da capella de *Nossa Sr.ª da Ribeira*, junto á quinta de *Arnozello*, ha uma pedra com inscripção em portuguez, e n'esta mesma lingua estão outras inscripções na cruz do campanario e no retabulo da capella mór. — Ha quem sustente que Numão é a antiga *Numancia*. — *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hubner; *Mem. de l'archéol. sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*; *Corpus. — Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 48 e 49. 696; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczynski.

Obidos — villa e concelho. — Cerca de muralhas torreadas. Castello do tempo de D. Diniz. «Torre vedra,» que parece construcção arabe. Na quinta das Gaieiras é notavel a architectura das portas e janellas. Pela sua fórma circular o templo do Senhor da Pedra assemelha-se ao pantheon de Roma edificado por Agrippa, genro do imperador Augusto. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Visitação á egreja de S. João do Mocharro d'Obidos por D. Jorge da Costa em 14 de fevereiro de 1467* (*Revista archeologica*. I, n.º 8 e segg.); *Serões de historia* por A. Xavier Rodrigues Cordeiro, t. I, pag. 30; *O municipio de Obidos* (Lisboa, 1856); *Arch. Pittor.*, VIII, 41; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 18; *Mala da Europa*, v, n.º 182; *A Vida alegre* por Julio Cesar Machado, pag. 137; *Rainhas de Portugal* pelo sr. F. Benevides, t. I, pag. 230; *O municipio do Cadaval* (Lisboa,

1856); *A Terra Portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 171, 197,; *Branco e Negro*, t. II, 409; *Portugal* por M. Ferd. Denis; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. I, pag. 165, 293; III, 634; IV, 627, 634; V, 617 a 628; *Breve noticia ou fiel relação da dedicação do altar, e egreja do Senhor Jesus da Pedra, junto á villa de Obidos*, etc. (Lisboa, 1749); *Occidente*, vol IX, 242, XVII, 267, XXIV, 88; *Revista Archeologica*, III, 180; *Arte Portugueza*, n.º 1 (*Inscripções Port.* por Luciano Cordeiro); *Portugal Pitt.*, IV, 152; *Revista Illust.*, 1890, pag. 192; *Chronicas de viagem* pelo sr. Alberto Pimentel; *Domingo illustrado*, 3.º vol.

Odemira — villa e concelho. — Em frente do arco d'alvenaria, á sahida da villa, na direcção da estrada que vae para *S. Theotonio* e outros pontos, ha uma lapida com inscripção portugueza; *A handbook for travellers in Portugal*; *Novo alm. de lembr. luso-bras.*, 1874, pag. 242; *Domingo illustrado*, 3.º vol.

Odivellas — freg., termo de Lisboa — A capella mór da egreja matriz é revestida de marmore de differentes côres; e o tecto de abobada de pedra. — Proximo ao convento ha um arco ogival, sobre tres pequenos arcos, sustentados por oito columnellos, e em cima d'estes uma mesa; pela architectura parece anterior ao reinado de D. João I. — No vestibulo da egreja do convento via-se ainda ha pouco tempo embebida na parede uma bala de pedra, tendo por baixo uma inscripção em portuguez. Actualmente acha-se tudo isto no Museu de Artilheria. — Tumulo de el-rei D. Diniz, fundador do convento. — *Jornal das bellas artes* (1843); *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *O Mosteiro de Odivellas* por A. C. Borges de Figueiredo; *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, 115; *Panorama*, 1837, pag. 57; *O primeiro architecto de Odivellas. Fecho de abobada* (Revista archeologica I, n.º 10, II, n.º 3); *Occidente*, IX, 186, 203 a 205; X, 142 (*Mosteiro de Odivellas*); XX, 262, *Arch. Pittor.*, V, 77; VI, 333; *Portugal* por M. Ferd. Denis; *Mocidade de Gil Vicente* (o poeta) — quadros da vida portugueza nos seculos XV e XVI pelo sr. Visconde de Castilho (Julio); *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. I, 208, 217; *Historia do Senhor Roubado de Odivellas*, novo descobrimento do logar onde foi escondido, exaltação do padrão, que em memoria do sacrilego roubo na noite de 10 de maio de 1671 se collocou no mesmo logar em 5 de novembro de 1744, etc. Composta pelo pad. Luiz Montez Mattoso (Lisboa, 1745); *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. VII, n.º 1 pag. 15; VIII, pag. 111 e 112; *As minhas queridas freirinhas de Odivellas* por Manuel Bernardes Branco; *Idyllios dos reis* pelo sr. Alberto Pimentel.

Oeiras — villa e concelho. — Fortes de *S. João das Maias, de Santo Amaro, de Paço d'Arcos e de Laveiras*. Palacio do Marquez de

Pombal: cascata dos poetas. — *Corpus*: *Inscrip. Hisp. Latin.* vol. II, pag. 23; Torre do Bugio, Torre de S. Julião, praça do pelourinho (*Arch. Pitt.*, t. v vi); *Portugal de cabelleira* pelo sr. Alberto Pimentel. pag. 147; *O Seculo* n.º 6993; Cascata dos poetas (*Branco e Negro*, t. II, 227); *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Oleiros — villa e concelho. — Egreja matriz, do tempo do rei D. Manuel. Azulejos revestindo as paredes. Duas sepulturas muito antigas; um epitaphio incompleto. — Gruta da *Cova da Moura*, perto da margem esquerda do Zezere. — *Memorias da Villa de Oleiros*, publ. em 1881 pelo bispo de Angra D. João Maria Pereira d'Amaral Pimentel; *Tardes divertidas e conversações curiosas* pelo pad. F. N. Silveira, semana VI, tarde I, pag. 10; *As Misericordias* pelo C. Goodolphim; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Olhalvo — freg., conc. de Alemquer. — Egreja matriz. Debaixo do arco do côro ha duas inscripções em portuguez, e na capella mór quatro lapidas com inscripções n'esta mesma lingua. — Ao centro do corredor que vae ter á portaria, uma grande campa com inscripção em latim e portuguez. — Na quinta da *Margem da Arada* teem-se encontrado por muitas vezes antiguidades romanas, e entre outras, uma lapida com inscripção: Em 1854 ou 1855 appareceu junta á *quinta da Boa Vista* em umas excavações uma amphora de barro, provavelmente romana. — No sitio do *Lombo*, no *Alto do Cartaxêno*, teem apparecido sepulturas. O visconde d'Alemquer mandou para o Museu do Carmo um dos cippos achados em Olhalvo. — Na freg. de *Aldeia Gavinha* descobriu-se um cippo com inscripção latina. — *Corpus* — *Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 23; *Archivo historico*, vol. I.

Olhão — concelho. — *A handbook for travellers in Portugal*; *Antiguidades mon. do Algarve* por Estacio da Veiga. Necropole de Marim, art. do sr. Ant. dos S. Rocha no *Arch. Portug.*, vol. VII, pag. 72; *Branco e Negro*. n.º 80, 1897; *Revista Archeologica* III, 123, 124, 125; *Corpus* — *Inscrip. Hisp. Latin.*, Supp. ao vol. II, 782, 784; *Mem. sobre as medalhas e condecor. portug.* por M. B. Lopes Fernandes, pag. 62; *Domingo illustr.* 3.º vol.

Olival (*N. S.ª do*) — freg., conc. da Certã. — Na egreja, junto do altar de Santa Catharina, esteve dentro de um nicho uma estatua do condestavel D. Nuno Alvares Pereira; era de cêra e um dos priores, cerca do anno de 1604, vendeu-a e substituiu-a pela imagem de S. Braz.

Olival — freg., conc. de Villa Nova de Ourem. — Na aldeia do *Estreito*, á entrada da capella de *N. Sr.ª do Testinho* ha uma inscripção em portuguez.

Oliveira — freg., conc. dos Arcos de Val de Vez. — Lapa ou Gruta chamada *Paços do Rei*, e o penedo do *Garcia*.

Oliveira de Azemeis — freguezia e concelho. — *Portugalia*, t.

1, fasc. 2.º, pag. 262; *Mala da Europa* n.º 192; *A handbook for travellers in Portugal; Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 172. *As Misericordias* pelo sr. C. Gooldophim; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque; *Egreja Matriz — Paços municipaes* (*Occidente*, vol. IV, pag. 148, 246), Braceletes pre-romanos (*Archeologo Português*, vol. II, n.º 3, pag. 86); *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Oliveira do Conde — villa, conc. do Carregal. — Capella da *Sr.ª dos Milagres*; tem azulejos com differentes quadros da vida de *N. Sr.ª* — *Portugal artistico e monumental*; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed. vol. IV, pag. 619.

Oliveira do Douro — freg., conc. de Sinfães. — Proximo ao logar *de Boaças* está uma anta celtica (penedo oscillante), e junto se vê uma gruta chamada *Lapa da Chan.*

Oliveira do Hospital — villa e concelho. — Dois mausoléos de architectura gothica na egreja d'esta villa. — *Memoria sobre Oliveira do Hospital* pelo sr. Adelino Julio Mendes d'Abreu; *Mem. hist. chorog. dos div. conc. do dist. adm, de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *O Seculo* n.º 5453, 21-3-97; As arcainhas do Seixo e da Sobreda (*Portugalia* — Mat. para o estudo do povo portuguez, 1.º fasc.); *Domingo illustrado* 3.º vol.

Orgens — freg., conc. do Vizeu. — Restos do convento de frades de S. Francisco do Monte, fund. em 1408; sumptuosa egreja muito bem conservada. — No monte do *Crasto* antiquissima capella de N. Sr.ª

Ossa — serra. — Dolmen furado da Candieira (*Archeologia da peninsula Iberica* por A. F. Simões no jornal *A Arte*, 1879, pag. 107), *Novos monumentos megalithicos em Portugal* pelo sr. Possidonio da Silva (*Bolet. da R. Assoc. dos Archi. e Archeol. Portug.*, t. II, pag. 90); *Panorama*, 1842, pag. 362; *Portugal Pittoresco*, t. III; *Chronica dos eremitas da serra de Ossa* por Henrique de Santo Antonio; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I.

Oucidres — freg., conc. de Chaves — No monte *das Arcas* ha vestigios de edificios romanos.

Ouguella — villa, conc. de Campo Maior. – Castello. — N'um edificio arruinado encontrou-se o pedestal de uma cruz com inscripção em portuguez.

Ouréga ou **Tourêga** — freg., conc. de Evora. — Vestigios do palacio do *pretor Daciano* e de outros edificios com pavimento de mosaico. — Dolmen descoberto ha annos no logar de *Barrocal.* — Tumulo de Quinto Julio Maximo, cuja lapida com inscripções romanas foi transferida em 1826 para o *Museu Cenaculo* em Evora e está actualmente no templo de Diana. — *Relat. ácerca dos edific. que devem ser classif. mon. nac.*

Ourem — villa, conc. de Villa Nova de Ourem. — Castello em ruinas e seis torres. — Pedestal da cruz que D. Nuno Alvares Pereira mandou erigir no sitio hoje chamado *Regato*. — Duas inscripções em latim no frontespicio da egreja de *Santo Antonio*. — Ponte *da Corredoura*, com uma cruz e tres inscripções em latim. — Na porta da capella, em ruinas, de *N. Sr.ª do Monte Calvario*, tambem ha uma inscripção em latim; na estrada da villa, logo da parte de dentro das portas do E. uma fonte com inscripção portugueza em letra gothica; e debaixo da capella mór da egreja de *N. Sr. das Misericordias* a urna funeraria de D. Affonso, neto de D. João I, na qual ha uma inscripção em portuguez. — *Archivo. hist.*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 161; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed. vol. II, 45, 80, III, 634; V, 622; *Mala da Europa*, n.ºs 175, 177, 178, 186; *Villa Nova de Ourem*, por José das Neves Gomes Elyseu; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 19; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

Ourique — villa e concelho. — Castello. — Torre arruinada, onde se encontrou uma lapida com inscripção romana. Esta lapida foi para o *Museu Cenaculo*, de Evora. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 1209) *Portugal* por M. F. Denis; *Hist. de Portug.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., III, 634; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Outeiro das Vinhas, freg. de Machede, conc. de Evora. — *Introducção á archeologia da peninsula iberica* por Augusto Filippe Simões.

Outeiro - Jurão — aldeia na freg. de Samaiões, conc. de Chaves. — Appareceu aqui, no sec. XVIII, um cippo com inscripção romana. — Nas aldeias proximas — *Granjinha, Santo Estevão* e *Eiras* — tem-se descoberto capiteis de columnas, troços de estatuas e ruinas de edificios romanos,

Outeiro Secco — freg. conc. de Chaves. — N'um sitio chamado *Lagares* teem apparecido vestigios de edificios romanos, e em 1721 achou-se, proximo d'esse logar, grande quantidade de moedas romanas, do tempo do imperio.

Ovar — villa e concelho. — Formosos azulejos na egreja de *N. Sr. da Graça*. — *O Districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Novo alm. de lembr. luso - bras.*, 1874, pag. 166, 1897, 165; *Portugalia*, t. I. fasc. 2., pag. 262; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 170, 175; *Mala da Europa*, n.ºs 170, 171, 176. 197; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, vol. III, 3.ª ed., pag. 634; *O Seculo* n.º 5938, 24-7.º-98; *Domingo illustr.* 3.º vol.

Paço — aldeia, perto de Esgueira. — Sobre a capella mór de uma

antiga ermida vê-se um alto zimborio pyramidal, coroado de ameias.

Paçô — freg., conc. dos Arcos de Val de Vez. — Torres *de Bemdevizo* e *do Outeiro.*

Paço d'Arcos — aldeia, conc. de Oeiras. — Fortim de S. Pedro, em cuja porta principal ha uma inscripção. — Adiante de *Caxias* está o forte de *N. Sr.ª do Porto Salvo,* mandado construir por D. Pedro II. Artigos de Luciano Cordeiro no jornal *A Tarde,* set. de 1898; *Arch. Pittor.*, VI, 385; *Branco e Negro,* n.º 20; *Mala da Europa* n.ºs 184 a 188.

Paço de Sousa — freg., conc. de Penafiel. — Sepultura de Egas Moniz na egreja do mosteiro. — *Panorama,* 1837, pag. 101 (*Monumento de Egas Moniz*), 1844, pag 193 (*S. Salvador de Paço de Sousa*); *Quadros historicos* por A. F. de Castilho; *Arch. Pittor.*, 1859; *Revista archeologica,* IV, n.º 5; *Occid.*, vol. VII. pag. 43, 45, XIV, 146; *Portal da egreja de Paço de Sousa* (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol.*, t. V. pag. 157); *O Minho Pittoresco,* t. II, 546; *O culto da arte em Portugal* pelo sr. R. Ortigão, pag. 66, 170; *Portugal* por Ferd. Denis; «Antiguidades do Paço de Sousa» por Manuel M. Rodrigues (*Commercio do Porto* n.º 164 de 1877).

Paços de Ferreira — villa e concelho — *Archeol. Port.*, II, n.º 3., pag. 83; *O Minho Pitt.*, t. II, 333. *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., I, pag. 185; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Paços de Vilharigues (ou de **Villarigues**) — freg., conc. de Vousella. — Castello em ruinas.

Paderne ou **Paderna** — freg., conc. de Albufeira. — Castello no monte.

Paderne ou **Paderna** — freg., conc. de Melgaço. — Na capella mór do mosteiro foi sepultada a condessa Paterna e junto á campa vê-se uma estatua em meio relevo, que provavelmente é do conde de Tuy, D. Hermenegildo, seu esposo. — *O Minho Pittoresco,* t. I, pag. 33.

Padornêllo ou **Pedornêllo** — freg., conc. de Amarante. — Uma torre. — N'estes sitios passava uma via militar romana. — *O Minho Pittoresco,* t. II, 432; Fabrica de lanificios, Ponte de Ruy Mendes (*Arch. Pitt.*, VIII, 129, 225).

Padrão — serra, freg. de Cavernães, perto de Vizeu — Na falda d'esta serra vêem-se as ruinas de casas de uma povoação *mourisca.* Perto das ruinas está uma sepultura sem inscripção. — «Aqui se teem encontrado moedas de cobre oxidadas a ponto de se não saber se são romanas ou arabes.»

Padrões ou **Santa Barbara dos Padrões** — freg., conc. de Castro Verde. — Provém-lhe o nome dos marcos milliarios da via militar romana que por aqui passava.

Padrós ou **Padroz** — aldeia, freg. de Chamoim. — Deriva-se a sua denominação dos marcos milliarios da *estrada da Geira*, que tambem por aqui passava. — No sitio chamado *Esporões* ou *Asperões* acha-se um marco milliario com a inscripção illegivel. — E a 1500 passos da aldeia, junto de um atalho que vae para *Cabaninhas* e *Pergoim*, encontraram-se dois padrões, um dos quaes tinha inscripção totalmente apagada; a do outro estava incompleta.

Pais de Pelle — villa, conc. de Villa Nova da Barquinha. — Ruinas do castello construido por D. Gualdim Paes.

Palha - Cana — freg , conc. de Alemquer. — Differentes sepulturas com inscripções na egreja do convento do Matto. — *Archivo historico*, vol. I.

Palhavã — conc. de Lisboa. — Quinta e palacio onde falleceu a mulher de D. Affonso VI e de D. Pedro II, e que foi residencia de tres filhos naturaes de D. João V, conhecidos pelos *meninos de Palhavã* (D. Antonio, D. Gaspar e D. José) — *Palacio de Palhavã* (*Panorama*, 1857, pag. 66).

Palmeira de Faro — freg., conc. de Santo Thyrso. — Torre na quinta da Palmeira. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 306.

Palmella — villa, conc. de Setubal — Castello, com quatro cisternas; torre de menagem ameiada e com seteiras; tem ainda outras fortificações. Ao fundo da escada da torre ha uma casa, com uma cisterna no centro. Foi n'essa casa que esteve preso e morreu D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora, por traidor e conjurado contra D. João II. — Mosteiro que foi séde da ordem de S. Thiago. Nos claustros estão sepultados muitos varões illustres. — A sepultura de D. Diogo de Gouveia, fallec. em 1576, achou-se na capella mór; tem epitaphio. — *Monumentos de Portugal* por I. de Vilhena Barbosa; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Relatorio da commissão dos mon. nac. em* 1884; *Panorama*, 1840 pag. 8, 217; *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos* por Carlos Ribeiro; *Sciencia e philosophia* por Teixeira Bastos, pag. 39; *Memoria sobre a historia e administr. do munic. de Setubal* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 169; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por A. Haupt; *Arch. Pittor.*, III, 313, 369; VIII, 153; *A handbook for travellers in Portugal*; *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* por L. A. Rebello da Silva; *Archeol. Port.*, III, n.os 1 e 2; *Occidente*, XIX, n.º 638; XX, pag. 20; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I; *Hist. de Port.* de Pinheiro Chagas, 3.ª ed., vol. I, pag. 77; III 634; *Boletim da Real Associação dos Arch. e Archeol.*, t. III, pag. 171, VI, pag. 167; *O Castello de Palmella* pelo sr. Gabriel Pereira (*Revista Illustrada*, 1890);

O culto da arte em Portugal pelo sr. R. Ortigão, pag. 66, 77; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Pampilhosa — villa e concelho. — Inscripção na casa da Camara Municipal. — *Mem. hist. dos div. conc. do distr. adm. de Coimbra* pelo dr. H. Secco; *Domingo illust.*, 3.º vol.

Panasqueira — sitio na estrada d'Evora para a villa d'Aguiar. — Um dolmen.

Panoias, Panoyas ou **Panonias,** cidade da Lusitania, no territorio actualmente occupado pelas freg. de Constantim e Valle de Nogueiras. — *Carns* celticos e templos romanos. — Frequentemente apparecem aqui pedras lavradas, cippos, capiteis de columnas. São muito curiosos os tanques ou caixas abertos a picão e com inscripções romanas. — V. **Villa Real** — *Archeol. Port.*, vol. II, n.º 10 e 11; III, n.ºs 1 e 2; *Portugalia* — Materiaes para o estudo do povo portuguez, 1.º fasc., t. I; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Parada — freg., conc. de Vieira — Ruinas de uma ponte romana de tres arcos sobre o rio Cavado.

Parada de Gonta — aldeia, conc. de Tondella. — Vestigios de monumentos romanos, principalmente no sitio do *Crasto*, onde ha poucos annos se encontraram objectos de ouro, que serviam de enfeite feminino: estavam n'um subterraneo que foi sepultura, o que se presume como certo, porque n'um rochedo proximo ha uma inscripção funeraria incompleta. — Duas torres no palacio do *Loureiro* — *Mala da Europa*, I, n.º 23.

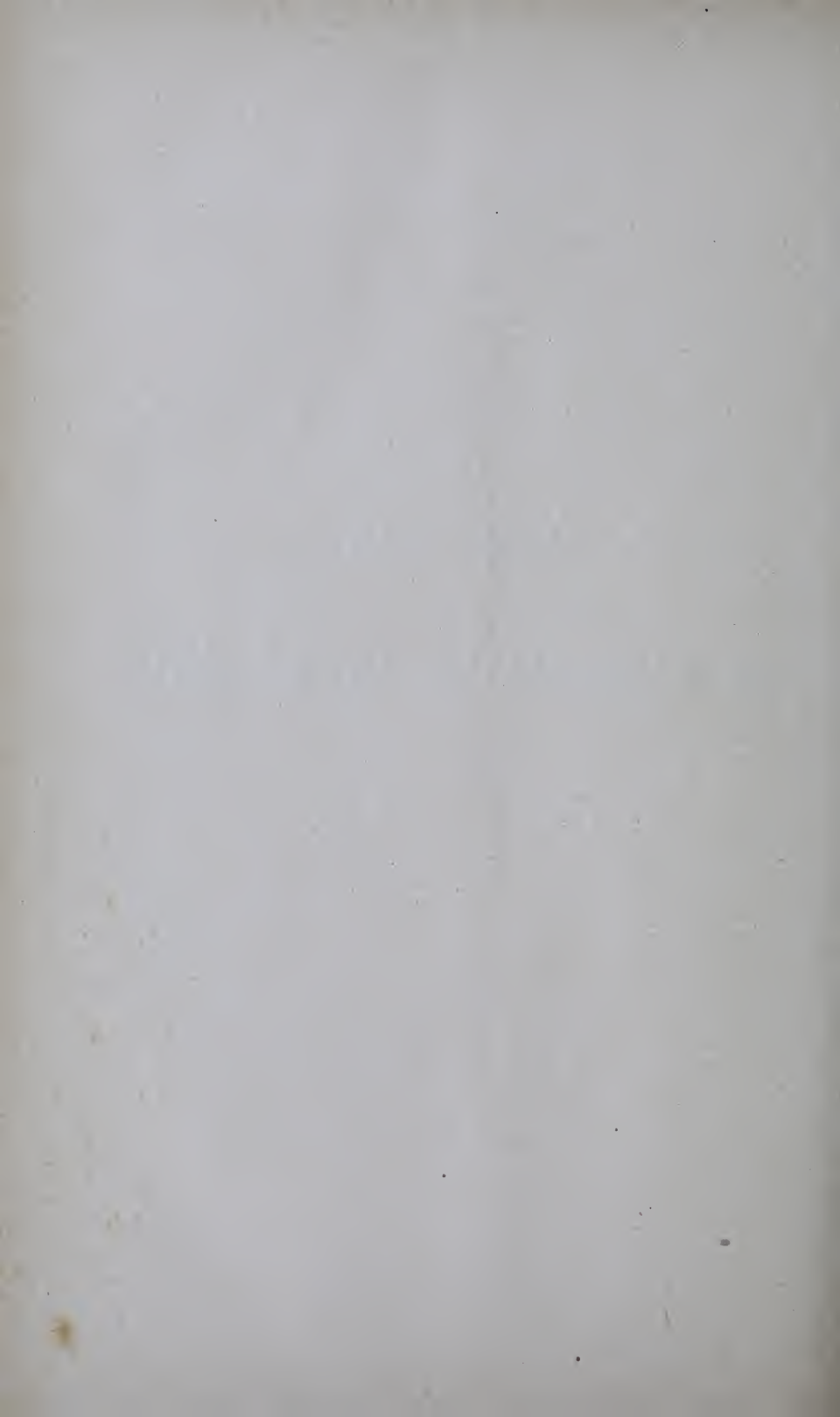
Paranhos — freg., conc. de Ceia. — Muitos dolmens.

Parceiros ou **Praceiros** — freg., conc. de Leiria. – Ermida de *N. Sr. do Rosario*, em cuja capella mór ha bonitos azulejos. Tombem os ha no corpo da egreja.

Paredes — villa, conc. de S. João da Pesqueira. — Capella do sanctuario e a egreja matriz. — Ruinas de uma fortaleza, talvez de godos e romanos. Nas proximidades ha sete castellos: *Castello Velho*, perto do rio Tavora; *Castello da Chan de Morganho*, no sitio das Carvas; *Castello de N. Sr.ª*, primitivamente *Castello da Fraga d'Alcaria*; *Castellinho*, prox. a *Valle d'Amil*; *Castello de Reboredo*, no alto da serra do mesmo nome: *Castello do Outeiro Alto* e *Castello* da *Chan de Trovisco*. — *Descripção da villa de Paredes* por João de Santa Maria de Jesus, no seculo João Antonio de Azevedo; *Hist. de Portugal* de Pinheiro Chagas, 3.ª ed., vol. II. pag. 592; *O Seculo*, n.º 5231, 9-8-96; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Paredes de Coura — conc. — Antas em Rubiães (*Archeol. Port.*, vol. II, n.º 2, pag. 61;) Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho por Seb. J. Pedroso; *O Minho Pittoresco*, t. I, 121; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX — 4.ª SÉRIE — N.º 6

ANNO 1902

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso 6

MOSTEIRO DE S. SALVADOR DE GRIJÓ

(Concl. do n.º 11, Tom. VIII, 3.ª série)

Ainda voltarei a fallar da mudança do mosteiro de Grijó para a serra do Pilar, em Villa Nova de Gaya, a fim de mostrar que elle era tão grande que chegou para se dividir e ficarem dois mosteiros distinctos e notaveis, como de muitos documentos se vê.

D. Frei Nicolau da Santa Maria, referindo-se a esta mudança, diz:

«E advertindo (o padre D. Bento de Abrantes, prior mór de Grijó) como bom prelado que aquelle seu mosteiro por sua muita antiguidade estava mui damnificado e quasi arruinado, e que era necessario reedifical-o, e fazel-o de novo, e considerando juntamente que o sitio em que estava era mui baixo e humido, e contrario á saude dos seus conegos, tratou de mudar o mosteiro para outro sitio mais sadio e mais perto da cidade do Porto.

Communicou o prior mór D. Bento este seu intento a el-rei D. João III e lhe deu conta do sitio que tinha escolhido para fundar o novo mosteiro, que era o monte de S. Nicolau fronteiro á cidade do Porto, onde antigamente esteve um mosteiro de nossos conegos, por lhe parecer sitio de bons ares e de aprazivel vista, que era o que servia para os nossos conegos, que professam a clausura; e que para cerca do mosteiro determinara comprar todo o montado de Quebrantões; para o que pedia a sua alteza lhe desse cartas de favor para o bispo do Porto, e camara da cidade e para o morgado de Quebrantões. Approvou el-rei a mudança do mosteiro de Grijó e deu ao prior D. Bento as cartas de favor, que pedia e mandou ao seu architecto que fosse ver o sitio e debuxasse, e fizesse a traça para o novo mosteiro.

Com grande alegria recebeu o bispo do Porto, D. Fr. Balthazar Limpo, a carta del-rei que lhe deu o prior mór D. Bento, e mostrando o contentamento que tinha da fundação do novo mosteiro respondeu estas palavras: — *E' tão grande o gosto que recebo com esta boa nova que V. P. me dá de ter junto a esta cidade religiosos de tão grande exemplo da vida, como são os conegos Regrantes, que não só dou licença para se fundar o novo mosteiro, mas tambem me offereço para lançar a primeira pedra e dou minha palavra a V. P. de izentar o novo mosteiro da jurisdicção episcopal, assim e da maneira que o é o antigo mosteiro de Grijó.*—

O prior D. Bento beijou a mão do bispo e lhe deu as graças por tanto favor e honra; e despedindo-se d'elle foi dar as outras cartas d'el-rei aos do governo da cidade e ao morgado de Quebrantões, que mostraram o mesmo gosto e contentamento, e prometteram dar todo o favor e ajuda para o novo mosteiro.

Cumpriu o bispo sua palavra e mandou passar ao padre prior mór um alvará em que izentava o novo mosteiro da Serra da jurisdicção episcopal.»

Antes de fallar da construcção do novo mosteiro devo dizer que o antigo, que existiu no referido monte de S. Nicolau, era chamado mosteiro de S. Nicolau das Donas, tambem conhecido por Donas inclusas, ou emparedadas de S. Nicolau.

«Cousa é certa, diz o citado chronista, D. Fr. Nicolau de Santa Maria, que o nome de Religiosas reclusas e emparedadas teve principio n'este reino em tempo do padre, santo Theotonio, primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz (de Coimbra) que foi o primeiro que em Portugal começou a recolher mulheres nobres e donzellas illustres em perpetua clausura, ás quaes a edade antiga com cortezia e devoção e por mais respeito e honra poz nome de *Donas*, que reduzido á sua primeira significação, tem seu principio no latim *Dominas*, que é o mesmo que *senhoras.*»

Victor Hugo a respeito das emparedadas (*Nobre Dame de Paris*) escreve: «Não era cousa muito rara nas cidades da edade media esta especie de tumulo.

Encontrava-se muitas vezes na rua mais frequentada, no mercado mais animado e ruidoso, perfeitamente no meio, sob as patas dos cavallos, quasi sob as rodas das carroças, um subterra-

neo, um poço, um cubiculo murado e gradeado, no fundo do qual orava dia e noite um ente humano, voluntariamente dedicado a alguma lamentação eterna, a alguma grande expiação. E todas as reflexões que em nós despertaria hoje esse extranho espectaculo; essa horrivel cella, especie de annel intermediario da casa e do tumulo; esse vivo cerceado da communidade humana e contado d'ahi em diante para os mortos; essa lampada consumindo a sua ultima gotta d'oleo na sombra; esse resto de vida vacillando n'uma cova; esse sopro, essa voz, essa oração eterna n'uma caixa de pedra; esse rosto voltado para sempre para o outro mundo, essa vista já illuminada por um outro sol; esse ouvido collado ás paredes do tumulo; essa alma prisioneira n'esse corpo, esse corpo prisioneiro n'esse carcere, e sob esse duplo envolucro de carne e de granito o zumbido d'aquella alma penada; em nada de tudo isso attentava a multidão.

A piedade pouco raciocinadora e pouco subtil d'esse tempo não via tantas facetas em um acto de religião. Tomava a cousa em bruto, honrava, venerava, sanctificava em caso necessario o sacrificio, mas não lhe analysava os soffrimentos e d'elle se apiedava mediocremente. Trazia de tempos a tempos alguma pitança ao miseravel penitente, observava pelo buraco se elle vivia ainda, não lhe sabia o nome, sabia apenas ha quantos annos elle tinha começado a morrer, e ao estranho que lhe fazia perguntas sobre o esqueleto vivo que apodrecia n'aquelle subterraneo, respondia simplesmente, se era um homem: — E' o *emparedado*, se era uma mulher: — E' a *emparedada*.

Tudo se via assim então, sem metaphysica, sem exaggero, sem vidros de augmento, a olho nú.

O microscopio não tinha ainda sido inventado, nem para as cousas da materia, nem para as cousas do espirito. Apesar de pouco se maravilharem com isso, os exemplos d'esta especie de clausura no seio das cidades, eram em verdade frequentes, como ha pouco diziamos. Havia em Paris um bom numero d'essas cellas de orar a Deus e de fazer penitencia; estavam quasi todas occupadas. E' certo que ao clero não lhe dava cuidado o deixal-as vasias, o que implicava tibieza nos crentes e quando não havia penitentes recolhia lá leprosos.»

Voltando a occuparmo-nos da construcção do novo mosteiro

da Serra, vejamos o que escreve o citado chronista: «Comprado pois o sitio para o novo mosteiro e juntos todos os materiaes necessarios para a obra, foi o prior mór D. Bento pedir ao senhor bispo do Porto lhe fizesse a honra de benzer e lançar a primeira pedra, no que elle veio de boa vontade, e preparadas todas as cousas para aquelle solemne acto e chegado o dia em que se havia de benzer a pedra fundamental, que foi o em que a Egreja celebra a festa do nosso patriarcha sancto Agostinho, 28 de agosto de 1538, sahiu o senhor bispo do Porto de seus paços, acompanhado de alguns conegos e dignidades da sua sé, que haviam de assistir ao pontifical e da melhor nobreza da cidade, e passando o rio sobiu á serra de Villa Nova, aonde foi recebido do prior mór D. Bento e de seus conegos com cruz levantada cantando o hymno de *Te-Deum laudamus*.

Depois d'isto se revestiu o senhor bispo em pontifical, e benzeu a pedra angular e fundamental com todas as cerimonias e ritos ordenados pela Egreja e depois de benta, foi levada em mãos dos ministros até á cava que para os alicerces da nova egreja estava aberta, e foi lançada n'ella pelo senhor bispo, ajudado do prior mór D. Bento, dando com isto principio á nova egreja com o mesmo titulo de S. Salvador que tinha a egreja antiga do mosteiro de Grijó, que depois se lhe mudou em o de sancto Agostinho no anno de 1566, quando por bullas apostolicas se separaram o mosteiro antigo de Grijó e o novo da Serra, ficando este chamando-se de S. Agostinho por se lançar no seu dia a primeira pedra, e conservando aquelle o seu antigo orago de S. Salvador.»

No capitulo geral, celebrado no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a 17 de abril de 1564, se tratou da separação dos mosteiros de Grijó, e da Serra, resolvendo-se pedir para Roma as respectivas bullas, porque os padres do dito Capitulo tiveram, como diz o citado chronista, D. Frei Nicolau, escrupulo de extinguir um mosteiro tão antigo e de tão grande jurisdicção, como o de Grijó, e assentaram que se desunisse do da Serra e ficassem dous mosteiros, partindo entre si os haveres pertencentes a Grijó e escolheram os religiosos que iriam viver em cada um dos mosteiros, marcando os logares que os priores teriam nos capitulos geraes, precedendo sempre o de Grijó.

Caso singular e que bem mostra o capricho do destino:

Este mosteiro da Serra do Pilar, construido tanto a contento de D. João III que introduziu no paiz a Inquisição e os Jesuitas, e do bispo do Porto, D. Frei Balthazar Limpo, que muito se deliciava com o espectaculo d'um *auto de fé*, veiu a ser o baluarte em que se defendeu a liberdade implantada em Portugal.

José Pinto da Silva Ventura

A Egreja do Menino Deus

Esta pobre egreja quasi abandonada é bem interessante; merece bem que se lhe dê attenção. E' da fundação de D. João V, em 1711, e tem o cunho artistico da epoca em todas as suas linhas e particularidades, na architectura, esculptura, e pintura; é exemplar completo, e afinado, ainda que se não empregaram ali riquezas ou ostentações. Junto da egreja estão os restos, em parte arruinados, do recolhimento e hospital de mantelatas da ordem 3.ª de S. Francisco de Xabregas. No terremoto de 1755 todo o edificio soffreu muito, a egreja porém está menos mal conservada. Uma pobre irmandade, chamada do Menino Deus, se acha ali installada, e concorre, nos seus bem parcos meios, para a conservação e aceio do templo. E' uma feição util e pratica que teem estas pequenas irmandades, a da conservação dos templos que lhes estão confiados, por isto creio que merecem protecção; porque o Estado, o alto clero, etc. têem muitas outras cousas em que pensar e cuidar. Achando mui curiosa a noticia do Gonzaga, aqui a transcrevo.

G. P.

O templo do Menino Deus, em Lisboa

Igreja da 3.ª Ordem de Irmães Terceiros
O Menino Deus. — Corographia
Fundação d'esta Ordem e Templo

A ordem do Serafico P.º S. Francisco de Assis, Instituição do mesmo Santo no Reino de Portugal em 1214, separou-se em duas provincias no Capitulo celebrado em Tolosa em 1532 pertencendo a Ordem que referimos á Provincia dos Algarves

cujo Edificio teve principio em 1710, e a 4 de Agosto de 1711 lhe lançou a primeira pedra no Edificio El-Rey Fidellissimo D. João 5.°, concorrendo com grande esmolla para a continuação da obra, sendo o 1.° dia Festivo. á memoria do Anjo Custodio do Reino, de 1757, tendo esta Ordem em Sua Casa hum Recolhimento de Terceiras Mantelatas, e hum Hospicio de Irmãos Pobres, com seo Hospital.

Local

O seo local he fronteiro á Igreja Parrochial de S. Andre em parte superior.

Contiguo a Freguesia de S. Thome, e o seo prospecto olha com frente para o lado do Nasc.te.

Grandesa e Prospecto

A Sua Planta pode acomodar 800 fieis ao Santo Serviço da Igreja Romana, e o seo Nobre Alçado he conforme a Copia junta a esta Collecção de Memorias, o qual foi copiado em ponto de vista observado do natural, afim de completar as 3 Ordens existentes no Reino, para Memoria da Mocidade curiosa Posteridade.

Capellas

Possue 9 Capellas com aprimaria em que está collada a Imagem do Menino Deos no seo Oratorio, com hum excellente retabulo de cantaria lavrada de pedra de cores imbutidas, em forma de Arq.ta moderna, 4 retabulos em cada lateral, sendo a Igreja outavada, como a de Xabregas, e Penha de França, cujo desenho faz magnifico effeito, conservando-se os seos ricos retabulos com muito asseio, bem como todo o Digno Templo.

Pintura

Possue o Insigne Quadro de S. Francisco na Capella mor, obra esta do Insigne Vieira Lusitano, bem como os dous paineis lateraes feitos por Ignacio de Oliv.ra, assim a maioria dos retabulos do Corpo da Igreja feitos por Andre Gonsalves 2.° por de-

senhos de Vieira, e outros quadros, que se conservão no Coro e no Hospicio das recolhidas Mantelatas, ali anexo, e outros quadros no seo Hospital.

Escultura

Na segunda Capella da parte da Epistola, se Venera a Devota Imagem de N. Sn.ra do Rosario, que foi depositada na Igreja de S. Monica, e Conduzida em procissão Solêne para aquele Templo, por doação que fez Maria Clara do Rosario, Terceira da mesma Ordem, e n'este Templo poucas mais Imageñs existèm feitas de escultura.

Architectura

A planta, Alçado, Corte, e mais Objecto d'este Templo, são dignos de toda a consideração, as escadas da Igreja são feitas por desenho de Custodio Vieira Arq.to Portuguez, o Convento, e mais Objectos deste edificio, são desenhos de diverços Artistas, sendo hum dos primeiros Arq.tos o Ludovice.

Gravura

Por occasião de Festividade de N. Sn.ra do Rosario, em Outubro de todos os annos, dão-se estampinhas mui devotas, aos fieis da May Santissima.

Alteração posterior a 1833

A Ordem dos Irmaos Terceiros Xabreganos da Provincia dos Algarves, tem-se conservado no seo Templo athe ao presente anno de 1839 o que estamos a finalisar.

No dia 25 de Setembro de 1836 se disse a ultima Missa na Igreja parrochial de S. Thome, d'que o seo Revd.° Parrocho deo despedida a suas ovelhas (com bastante magoa) o mesmo já avia praticado o Encomend.do de S. Marinha.

Tendo o parrocho de S. Thiago dezejos de reunir a Parrochia de S. Thome a sua, abem da sua maior fortuna, nao a poude pilhar.

Ordenou o Governo que no dia de S. Thomé 21 de Dezem-

bro de 1836 se festejasse o Santo como Orago dad.ª Parrochial, na Igreja dos Terceiros Xabreganos no Menino Deos, o que se effectuou, e d'esta forma ficou com o mesmo Titulo, distruindose athe aos finaes alicerces o seo antigo Templo neste presente anno de 1839.

No dia 22 de Janeiro de 1837 ordenou o Governo que se lhe reunisse a Freg.zia do Salvador, q. á muitos annos estava reunida ao Mosteiró da mesma invocação o q. teve effeito no mencionado dia, ficando as duas Parrochiais reunidas com o Titulo do Salvador e S. Thomé.

E d'esta forma se conserva a Igreja do Menino Deos, que em si contem actualm.te 3 titulos, sorte esta que acompanha outros Templos.

E d'esta forma se vão reduzindo os Templos Divinos, (como alguns o entendem.)

Descripção dos monumentos sacros de Lisboa, por Luiz Gonzaga Pereira.

Cod. n.º 215, fundo antigo B. N. L.

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contin dos n.os 9 e 10, t. VIII)

Anno de 1894

Auctorisações para se poderem realisar varios melhoramentos municipaes. *Datas dos decretos.*

A' camara municipal de Alijó — para construcção de cemiterios e exploração de aguas; Fevereiro, 17; — cam. mun. de Almeida — para abastecimento de aguas, obras nos paços do concelho e outros edificios a seu cargo, e reparações de ruas e caminhos vicinaes; Janeiro, 4; — cam. mun. de Almeirim — para ampliação de cemiterios e obras de saneamento das povoações do concelho; Janeiro, 4; — cam. mun. de Arganil — para obras de saneamento da povoação do concelho; Maio, 10; — cam. mun. de Baião — para reparações nos paços do concelho, construcção de cemiterios e concerto de caminhos vicinaes; Junho, 2; — cam. mun. de Beja — para alargamento de ruas e largos; Outubro, 4; — cam. mun. de Cabeceiras de Basto — para diversas reparações dos paços do concelho; Maio, 4; cam. mun. de Cadaval — para obras de saneamento do concelho; Junho, 23; — cam. mun. de Cascaes — para obras de abastecimento de aguas e de saneamento do respectivo concelho; — cam. mun. de Carrazeda de Anciães — para obras de reparação dos paços do concelho e outras; Fevereiro, 22; — cam. mun. de Castello de Vide — para continuação das obras de construcção de uma estrada municipal de 1.ª classe; Maio, 4; — cam. mun. de Cezimbra — para reparações nos paços do concelho e concertos de ruas e muros de supporte no mesmo concelho; Janeiro, 11; — idem idem — para applicar a obras de saneamento uma certa

quantia de fundo de viação que lhe fôra concedido empregar n'outras obras; Junho, 2; — cam. mun. de Cintra — para abertura de um poço e vedação do terreno que circumda as escolas municipaes de Bellas; Novembro, 21; — cam. mun. de Coruche — para obras de abastecimento de aguas e ampliação dos paços do concelho; Janeiro, 30; — cam. mun. de Evora — para construir o cemiterio de S. Miguel de Machede e proceder a obras na cadeia civil; Outubro, 25; — cam. mun. de Faro — para construcção de um matadouro na séde do concelho; Março, 9; — cam. mun. da Figueira da Foz — para construcção dos paços do concelho, conclusão do cemiterio de cidade e outras obras; Janeiro, 4; — cam. mun. de Figueiró dos Vinhos — para reconstrucção da ponte sobre a ribeira de Alge; Novembro, 3; — cam. mun. de Fragoas — para conclusão dos paços do concelho, obras de abastecimento de aguas, construcção do cemiterio de Pendilhe e alargamento do de Villa Nova de Paiva; Abril, 12; — cam. mun. de Ilhavo — para obras de encanamento de aguas e concertos de calçadas; Abril, 26; — cam. mun. de Lisboa — para custear os trabalhos de abertura das ruas e construcção das praças projectadas, conforme o decreto de 4 de outubro de 1889; Abril, 3; — cam. mun. de Mafra — para concertos e reparações de caminhos vicinaes na freguezia de Chelleiros; Fevereiro, 8; — cam. mun. de Mertola — para construcção dos paços de concelho e outras repartições publicas a seu cargo, e para abastecimento de aguas; Março, 29; — cam. mun. de Miranda do Douro — para obras de reparação da cadeia comarcã e de fontes publicas; Maio, 17; — cam. mun. de Monsão — para construcção do cemiterio da villa; Março, 29; — cam. mun. de Montalegre — para obras de reconstrucção da cadeia civil; Janeiro, 18; — cam. mun. de Montemór o-Novo — para obras de construcção dos cemiterios das freguezias de Landeira e de Santo Aleixo; Março, 29; — cam. mun. de Móra — para obras de saneamento das povoações do concelho e reparação de fontes e caminhos vicinaes; Abril, 5; — cam. mun. de Obidos — para obras de reparação nos paços do concelho e nos cemiterios das freguezias de Bombarral, Roliça, S. Gregorio e Landal; Junho, 16; — cam. mun. de Oliveira do Hospital — para obras de saneamento e abastecimento de aguas, reparações de edificios a seu

cargo e outros; Março, 29; — cam. mun. de Olleiros — para reparações dos paços do concelho e casas de escolas, construcção e reparação de cemiterios; Abril, 19; — cam. mun. de Peniche — para construcção de um matadouro, diversas obras de cemiterios e outras de saneamento das povoações do concelho; Maio, 24; — cam. mun. de Peso da Regua — para obras de saneamento e abastecimento de aguas d'aquella villa; Outubro, 11; — cam. mun. de Pinhel — para exploração e canalisação de aguas, saneamento de povoações do concelho e reparação de fontes e caminhos vicinaes; Abril, 5; — cam. mun. de Ponte de Sôr — para obras de conclusão da cadeia e do tribunal judicial; Julho, 14; — cam. mun. de Portalegre — para custear as obras de terraplenagem e canalisação do Rocio, conclusão da praça Serpa Pinto, exploração e canalisação de aguas para abastecimento da mesma cidade, conservação e construcção de estradas municipaes, etc.; Setembro, 13; — cam. mun. de Portel — para construcção de um cemiterio; Fevereiro, 22; — cam. mun. da Ribeira Grande — para as obras de encanamento da agua potavel denominada «Real», necessaria para o abastecimento da freguezia matriz d'aquella villa, e diversas reparações urgentes das ruas chamadas de S. João do Outeiro, Direita, de S. Francisco e Ponte do Paraizo; Novembro, 29; — cam. mun. de Rio Maior — para construcção de um cemiterio na séde do concelho; Dezembro, 14; — cam. mun. de Santa Cruz, da ilha Graciosa — para reconstrucção dos paços e outras repartições publicas do concelho e para construcção do 6.° lanço de uma estrada municipal; Abril, 26; —idem idem — para construir na Praça Fontes Pereira de Mello o edificio dos paços municipaes e repartições publicas com o emprestimo auctorisado por decreto de 26 de abril ultimo; Setembro, 6; — cam. mun. de Santarem — para construcção de estradas do concelho; Janeiro, 30; — cam. mun. de S. João da Pesqueira — para construcção de um cemiterio na freguezia de Pereiros e reparos do edificio dos paços do concelho, de fontes, pontes e caminhos vicinaes; Maio, 10; — cam. mun. de S. Thiago do Cacem — para alargamento do cemiterio da villa de Sines; Julho, 5; — cam. mun. do Sardoal — para reparações de fontes e outras obras de saneamento; Junho, 2; — cam. mun. de Soure — para obras de reparação de fontes, caminhos vicinaes e

canos d'esgoto; Agosto, 9; — cam. mun. de Tarouca — para alargamento do cemiterio da séde do concelho, construcção do cemiterio da freguezia de Lazarim, reparação de caminhos vicinaes e outras obras; Novembro, 29: — cam. mun. de Valle Passos — para despezas de installação dos paços do concelho; Maio, 24; cam. mun. de Vieira — para diversas obras do cemiterio da séde do concelho; Abril, 26; — cam. mun. de Villa Franca de Xira — para saneamento da mesma villa pela conclusão das obras da avenida Pedro Victor, e dos trabalhos do tapume do ribeiro, que corre ao longo d'ella; Dezembro, 13; — cam. mun. de Villa Flor — para obras de abastecimento de aguas e de saneamento d'aquella villa; Junho, 23; cam. mun. de Vimioso — para obras de reparação dos paços do concelho, abastecimento de aguas, cemiterios e outras; Junho, 23.

Brazão de armas. — Está sujeito á contribuição sumptuaria aquelle que tem um brazão de armas na parede da casa da sua residencia, e não prova com documento official que esse distinctivo de nobreza lhe não pertence. Decreto de 29 de Março. — Não está sujeito á contribuição sumptuaria aquelle que apresenta certidão passada pela mordomia-mór da casa real, por onde prova não lhe ter sido concedido o uso de brazão de armas. Decreto de 28 de Julho.

Centenario da partida da expedição para a descoberta da India. — Nomeada uma commissão para preparar, organisar, e dirigir a celebração nacional do 4.° centenario da partida d'esta expedição. — Decreto de 15 de Maio.

Centenario de S. Antonio. — O decreto de 19 de Julho determina que o dia 18 de Agosto de 1895, 7.° centenario do nascimento de S. Antonio, seja considerado como de festa nacional.

Centenario do Infante D. Henrique. — Pela portaria de 14 de Fevereiro determinou-se que os sellos destinados a solemnisar o centenario do Infante D. Henrique fossem vendidos sómente nas capitaes dos districtos do continente e ilhas adjacentes e nos dias 4 e 13 de Março proximo. — Foram considerados de grande gala os dias 3 e 4 de Março em celebração do centenario do Infante D. Henrique. Decreto de 28 de Feve-

reiro. — Foi determinado, pela portaria de 5 de Julho, que, em recordação do 5.º centenario do Infante D. Henrique, o lemma até esta data adoptado nos navios de guerra portuguezes se substituisse pelas palavras: *Talant de bien faire.*

Circulação de moeda metallica em Moçambique. — Foi concédida á *Companhia de Moçambique* a faculdade de regular a circulação da moeda metallica nos territorios que lhe pertencem, segundo certas prescripções. Decreto de 19 de Julho.

Commissão dos Monumentos Nacionaes. — Approvado o respectivo regulamento. Portaria de 27 de Fevereiro.

Commissões de inspecção aos predios rusticos e urbanos. — Decretou o governo, em 11 de Janeiro, que se désse por finda a missão d'estas commissões creadas por decreto de 18 de Março de 1893.

Concessão de materiaes. — Foram concedidos provisoriamente á camara municipal de Portalegre os materiaes existentes no edificio em construcção do asylo districtal. Decreto de 18 de Janeiro.

Edificios de conventos extinctos e outros. — *Datas dos decretos.* — Concedida provisoriamente ao em.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa a administração e conservação da egreja do extincto *convento de Bracannes*, proximo de Setubal; Janeiro, 18. — Para estabelecimento d'um asylo de infancia desvalida, concedido provisoriamente á cam. mun. de Caminha o edificio do supprimido *convento de Santa Clara* d'aquella villa; Julho, 20. — Concedido á Associação do Sagrado Coração de Maria, de Vizeu, o edificio e cerca do *convento do Bom Jesus* para estabelecimento do instituto de educação de meninas pobres e orphãs; Dezembro, 5. — Mandado reverter á posse do estado o edificio e cerca do extincto *convento de Sant'Anna*, de Lisboa, por ter desistido a associação auxiliar ultramarina de estabelecer ali um collegio filial do de Sernache do Bom-jardim; Fevereiro, 8. — Concedidos á cam. mun. de Beja o *palacio dos Infantes* e *os terrenos do supprimido convento da Conceição* d'aquella cidade, para alargamento das ruas e largos com que o mesmo convento defronta; Outubro, 4. — Rescindido o contrato

com a companhia das Caldas do Gerez, passando para o estado as aguas, predios, moveis e mais utensilios; Março, 31.

Expropriações declaradas urgentes. — *Datas dos decretos.*

Expropriação de nove parcellas de terreno para abertura de uma rua na cidade de Guimarães; Fevereiro, 8; — de um terreno para construcção do cemiterio da freguezia de Casegas, concelho da Covilhã; Fevereiro, 22; — de uma parcella de terreno para construcção da estrada real n.º 76; Março, 15; — de um terreno para construcção de um lanço da estrada municipal n.º 8 do concelho de Guimarães; Março, 17; — de quatro parcellas de terreno para construcção do cemiterio da villa de Coruche; Março, 29; — de duas parcellas de terreno para aformoseamento e regularidade do largo de Camões na cidade da Figueira da Foz; Abril, 12; — de duas barracas na freguezia de Belem, da cidade de Lisboa, para installação do deposito de forragens do exercito; Maio, 10; — de uma parcella de terreno para construcção de um lanço da estrada districtal n.º 39; Maio, 24; — de um terreno requerido pela camara municipal de Amares para alargamento e melhoramento do terreiro da villa, séde do concelho; Maio, 17; — de um terreno para continuação da avenida para o sanctuario de Nossa Senhora do Porto de Ave, concelho de Povoa de Lanhoso; Junho, 2; — de um terreno para construcção de um caseta destinada a quartel do posto fiscal denominado Villa Frade; Junho, 2; — de um terreno para estabelecimento da serventia e vedação das aguas minero-medicinaes, situadas na margem esquerda do rio Alva; Julho, 5; — de um terreno para construcção de um matadouro publico no concelho de Guimarães; Julho, 19; — de uma casa e quintal para construcção de uma rua na villa de Cezimbra; Julho, 19; — de um terreno para abertura da rua de D. Carlos I na cidade do Porto; Agosto, 9; — de uma porção de terreno e tres casas terreas para alargamento de uma rua na cidade do Porto; Agosto, 23; — de um terreno para construcção do cemiterio da freguezia da Estrella, concelho da Povoa de Varzim; Setembro, 6; — de um predio urbano para construcção dos paços do concelho de Torres Novas; Setembro, 13; — de uma parcella de terreno para continuação do lanço da estrada real n.º 23, comprehendido entre Guindufe e S. Gregorio; Outu-

bro, 11: — de tres parcellas de terreno para alargamento do campo da Feira na cidade de Guimarães e estabelecimento de uma entulheira; Dezembro, 5; — de uma parcella de terreno para as obras do primeiro troço do caminho de ferro do Minho e Douro, comprehendido entre a estação do Porto, em Campanhã, e a estação central em S. Bento; Dezembro, 14.

Fixação de alinhamento para uma obra. — As camaras municipaes não procedem legalmente, encarregando o regedor de uma parochia de fixar o alinhamento para uma construcção que se pretenda fazer. Decreto de 19 de Abril.

Fabrico de cimento. — Concedida, por alvará de 24 de Maio, a Antonio Theophilo de Araujo Rato patente de nova industria de fabrico de cimento artificial Portland por via humida ou secca.

Funccionarios do estado. — Estabelecidas diversas prescripções relativas a faltas dos funccionarios publicos e á classificação dos empregados addidos para o effeito dos vencimentos. Decreto de 15 de Dezembro.

Instrucção publica. — *Bibliotheca central militar.* — Nomeada uma commissão para propor o plano da organisação d'esta bibliotheca e o programma e orçamento de uma publicação periodica de caracter official, destinada a diffundir no exercito o conhecimento dos progressos realisados nas sciencias militares, tanto no paiz como no estrangeiro, e a inserir os relatorios, memorias e informações que forem julgados dignos de publicidade. Portaria de 6 de Julho.

Collegio dos orphãos de S. Caetano da cidade de Bragança. — Auctorisada a sua commissão administrativa a contrahir um emprestimo para continuação das obras da residencia dos mesmos orphãos. Decreto de 10 de Maio.

Curso de telegraphos. — Creado com esta denominação no *instituto industrial e commercial de Lisboa* um curso especial para ensino dos empregados telegrapho-postaes. Janeiro, 28.

Escola do exercito. — Approvados o plano de reorganisação e o respectivo regulamento. Decreto de 23 de Agosto e Portaria de 5 de Outubro.

Escola elementar de commercio. — Concedido auxilio á ca-

mara de commercio e industria de Lisboa, creada por decreto de 10 de fevereiro de 1894, para fundação de uma escola com aquelle titulo. Decreto de 28 de Julho. Approvado pela Portaria de 1 de Setembro o regulamento da mesma escola de commercio.

Escola El-Rei D. Carlos I. — Recebeu esta denominação a escola industrial de Evora. Portaria de 16 de Maio.

Escola normal primaria, annexa ao lyceu nacional de Nova Goa. — Approvado o seu regulamento. Decreto de 23 de Julho.

Escolas municipaes secundarias do estado da India. — Approvado o seu regulamento, por decreto de 24 de Julho.

Officina escola de olaria fundada pela Sociedade União vinicola e oleicola do sul. — Auctorisada a administração do instituto de piedade e beneficencia de Vianna do Alemtejo a distractar dos seus capitaes mutuados uma certa quantia para subsidiar a installação da referida escola de olaria. Portaria de 27 de Março. Passou esta instituição a denominar-se «*Escola officina medico Sousa*», em virtude da Portaria de 24 de Abril.

«*Polvora, explosivos modernos e suas applicações.*» — Foi aberto no ministerio da fazenda um credito especial a favor do ministerio da guerra para este adquirir 500 exemplares da mencionada publicação.

Por decretos de 22 de Dezembro foram approvadas as reformas de *instrucção primaria e secundaria.*

Sociedade das casas de asylo de infancia desvalida de Lisboa. — Auctorisada a contrahir um emprestimo para construcção de um asylo na freguezia de S. Jorge de Arroyos. Decreto de 19 de Abril.

Lyceu de Angra do Heroismo. — O producto do rendimento de um predio rustico legado a este lyceu tem applicação á compra de livros e pagamento de matriculas de estudantes pobres e com reconhecido merito. Portaria de 9 de Março.

Premio «D. Maria Pia» — Regulamento para a sua concessão aos operarios do arsenal de marinha. Portaria de 25 de Outubro.

Boletins dos governos das provincias ultramarinas. — Regras para sua publicação e venda. Portaria de 15 de Fevereiro.

Instituto ophtalmologico de Lisboa. — Regulamento. Decreto de 26 de Abril.

Escolas industriaes. — Commissão para regulamentar a contabilidade das officinas das escolas industriaes e fixar as normas para a boa fiscalisação da respectiva despeza. Portaria de 14 de Setembro.

Escolas praticas de telegraphia. — Condições de admissão a exame para os individuos que não tenham frequentado os respectivos cursos. Portaria de 19 de Junho.

Syndicatos agricolas. — Permittida a sua fundação aos agricultores e aos individuos que exerçam profissões correlativas á agricultura. Decreto de 5 de Julho.—Modelo de estatutos para a sua organisação. Decreto de 14 de Dezembro. — Instrucções necessarias para se alcançar a approvação dos respectivos estatutos. Portaria de 14 de Dezembro.

Casa de correcção. — Commissão nomeada para examinar o seu regimen e propor a sua reorganisação. Portaria de 19 de Julho.

Postos de desinfecção. — Estabelecidos, um em Lisboa. Decreto de 12 e 28 de Abril (regulamento e tabellas dos preços), outro no Porto. Decreto de 4 de Maio.

Real Egreja de Santa Quiteria de Meca. — Novo regulamento. Decreto de 4 de Maio.

Real Casa de N. S.ª da Nazareth. — Substituição dos artigos 23.º e 28.º do regulamento de 4 de Outubro de 1892. Decreto de 11 de Outubro,

Montepio Official. — Commissão para rever os estatutos. — Decreto de 22 de Fevereiro.

Santa Casa da Misericordia de Lisboa. — Regulamento da contadaria. Decreto de 25 de Outubro.

Companhia de Moçambique. — Estatutos. Decreto de 27 de Dezembro. — Auctorisação para elevar até ao limite de 2$250 réis por anno o imposto de palhota. Decreto de 4 de Maio.

Companhia da Zambezia. — Ampliação de concessões feitas e modificação d'algumas disposições dos decretos de 28 de abril e 24 de setembro de 1892. Decreto de 19 de Abril. — Novos estatutos. Decreto de 6 de Setembro.

Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes. — Novos estatutos. Alvará de 30 de Novembro.

Companhia de Mossamedes. — Estatutos. Decreto de 10 de Maio.

Concessões no ultramar. — A Herdeiros Ribeiro & C.ª: 5000 hectares de terreno inculto no Dombe Grande, districto de Benguella, provincia de Angola. Decreto de 17 de Fevereiro.

A' Companhia do Assucar de Moçambique: 20:000 hectares de terreno (aforamento) no praso de Moganja, d'aquem Chire, a fim de desenvolver a cultura da canna sacharina e de ensaiar novas culturas. Decreto de 28 de Julho.

A' companhia que fosse constituida por Matheus Augusto Ribeiro Sampaio e Conde de Valle Flor: os terrenos incultos e desoccupados, comprehendidos no actual districto da Guiné Portugueza. Decreto de 27 de Setembro.

A' companhia que fosse constituida por Francisco Mantero: a isenção do pagamento de direitos de transmissão devidos ao estado pela acquisição de terrenos incultos até 7000 hectares na ilha do Principe. Decreto de 27 de Setembro.

A' companhia ou sociedade commercial que fosse constituida por Antonio Rodrigues Nogueira: 10000 hectares de terrenos baldios em Panga, districto de Inhambane, na provincia de Moçambique. Decreto de 27 de Setembro.

A' companhia que fosse organisada por Antonio Julio Machado e Roberto Ivens: diversos terrenos baldios nos districtos de Benguella e Mossamedes para explorações agricolas, mineiras, industriaes e commerciaes. Decreto de 13 de Setembro.

A' companhia que fosse constituida por José Pereira do Nascimento: uma certa area de terrenos no districto de Mossamedes para exploração agricola, mineira, florestal e commercial. Decreto de 28 de Fevereiro.

Construcção de caminhos de ferro. — Auctorisação ao governo para contratar com a companhia que fosse formada por Henrique de Lima e Cunha e Braz Faustino da Motta a construcção, na provincia de Angola, de dois caminhos de ferro em Benguella e Mossamedes. Decretos de 19 e 30 de Abril

Obras do porto de Lisboa. — Celebrado um contrato (8 de maio de 1894) entre o governo e o reprentante do empreiteiro d'estas obras, modificando o contrato de 20 de abril de 1887 para execução das obras da 1.ª secção do dito porto. (Este contrato encontra-se na *Legislação de 1896*.)

Licenças para construcções. — Não ha fundamento para annullar a deliberação camararia que concedera licença para construcção de uma casa em terreno do municipio sem terem precedido todas as formalidades legaes, que aliás, depois foram cumpridas. Decreto de 11 de Janeiro.

As licenças dadas pelas camaras municipaes para abertura de minas de conducção de agua através do sub-solo de estradas municipaes, importando a concessão de servidão de terreno publico e, portanto, um acto de alienação de propriedade, estão sujeitas á tutela administrativa das juntas geraes do districto. Decreto de 17 de Fevereiro.

As camaras municipaes não pódem conceder licença para construcção de passadiços entre dois predios em ruas ou viellas publicas contra as disposições do decreto de 31 de dezembro de 1864. Decreto de 2 de Agosto.

E' valida a licença concedida por uma camara municipal para a construcção de uma parede confinante com o caminho publico, que foi auctorisada pela commissão districtal, não obstante ter sido antes suspensa por esta. Decreto de 2 de Agosto.

Obras do estado. — Determinou-se que fossem pagos semanalmente os salarios dos artistas e trabalhadores empregados nas obras publicas de Lisboa. Portaria de 4 de Janeiro.

Regulada a admissão dos operarios. Portaria de 27 de Julho.

Papel sellado, sellos e estampilhas postaes. — Auctorisada, por decreto de 21 de Novembro, a circulação, nos territorios da *companhia do Nyassa*, do papel sellado, sellos respectivos e estampilhas postaes, emittidos pela Casa da Moeda com carimbo especial da mesma companhia.

Ordem de S. Bento de Aviz. — Foi reformada por alvará de 13 de Agosto, passando a intitular-se *Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz.*

Obras na Sé de Lisboa

(Trechos de um officio do socio honorario o sr. Conselheiro Monsenhor conego Pereira Botto, dirigido á Associação dos Architectos e Archeologos em 9 de Maio de 1902.)

«Actualmente, na qualidade de delegado do Cabido Patriarchal para as obras da reconstituição architectonica da sua Sé, presto a esta causa o magro auxilio, de que sou capaz.

Ao momento d'este meu officio, continúa o camboteamento das abobadas da capella «Bartholomeu Joannes», em ordem ao lançamento de linhas de ferro occultas, que melhor a consolidem, e ao assentamento do acroterio corrido de typo militar cujo ameiado está sufficientemente determinado em seus criterios fundamentaes.

Encontra-se já tapada a porta lateral interior e posto em plena luz o legitimo portal antigo com a correspondente abobada ogival, que lhe permitte accesso pelo lado da rua do Limoeiro, constituindo com aquelle uma alpendrada de abrigo, cumulativamente destinada a aguentar as pressões lateraes da capella «Bartholomeu Joannes» sensivelmente desaprumada.

Ao meio de uma das columnas prismaticas do citado arco ogival, figura, como divisa architectonica — e não marca de silharia — um elegante liz cujo typo conjugado com varias considerações de ordem historica, me faz, com toda a plausibilidade, referir este appendice á ultima ou penultima decada do seculo XIV.

A semelhante respeito conto expor os fundamentos da minha opinião em um dos numeros do *Archeologo*.

Com prazer communico tambem a V. Ex.as que, no dia 26 de abril, foi desvelada a lumieira lateral da torre Norte, ficando aquelle vilipendioso entaipamento reduzido ao seu genuino typo

romanico de janella de archivolta conjugada com tres columnellos de bases garradas, assentes n'um stylobata commum.

Aproveito o ensejo de accusar a existencia de duas inscripções, a meu ver, ineditas: uma existente no livro liturgico, que nas mãos sustenta a personagem deitada, que figura no interessante sarcophago que, ha pouco, puz a descoberto na capella affonsina, chamada « de Sant' Anna ».

O seu texto é constituido pela 1.ª e parte da 2.ª estrophes do Psalmo *Miserere*.

A outra lapide é mural e está na capella claustral, intitulada « de S. Miguel», declara o seu Conego fundador, aponta os bens d'alma que lhe respeitam, legado *ad hoc* feito ao cabido, etc.

Permitte o seu exame referir a construcção da referida capella ao 2.º quartel do seculo XIV, pleno reinado de D. Affonso IV.

A seu tempo, remetterei a V. Ex.as o decalque deste monumento lapidar, modelo inexcedivelmente calligraphico da epocha medieval, a que remonta.

Alegra-me ainda noticiar que, d'esta vez, os trabalhos da Sé vão tendo — porque o merecem — o seu circumstanciado registo nas actas das nossas sessões capitulares, porquanto, em cada uma das nossas reuniões mensaes, vou fazendo a summula das obras executadas e indicando o plano das que vão em seguimento.

Em todas estas melindrosas tarefas o sr. engenheiro Fuschini, desenhador O'Sulivand e director Paixão continuam sendo de um tino sobremaneira louvavel pelo acerto com que se esforçam no desempenho do seu espinhoso encargo de reduzirem, quanto possivel, ao seu puro typo archeologico os anachronismos, absurdos, e torpezas architectonicas, com que aqui temos tristemente deparado.

Se, em tudo isto, tenho sido gentilmente acatado como delegado *official* do cabido d'esta Sé, em tudo isto me apraz reconhecer-me tambem, como delegado *cordeal* da digna Associação dos Archeologos Portuguezes, a que tenho a honra de, menos merecidamente, pertencer. »

Inscripção romana encontrada em Ostia, vasos gregos e etruscos e esmaltes de Limoges pertencentes aos Ex.mos Duques de Palmella

(Extracto da acta da sessão do Conselho Facultativo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 31 de Maio de 1902.)

«O sr. Gabriel Pereira disse que n'um dos palacios do socio effectivo o sr. Duque de Palmella existia uma pedra com inscripção em caracteres romanos e que foi encontrada nas primeiras excavações feitas junto a Ostia no anno de 1796, julgando-se que a mandou vir d'ali o pae do primeiro Duque de Palmella, D. Alexandre de Sousa Holstein, que foi por muito tempo embaixador portuguez em Roma e era grande amador de antiguidades. D. Alexandre estava em relações com um certo Visconti que tinha preciosas collecções e com o cavalheiro Rossi, que foi director da Academia de Bellas Artes Portugueza em Roma.

No vol. XIV do corpo de inscripções latinas da Academia de Berlim faz se allusão a esta pedra, cujo paradeiro se ignorava e que o sr. Gabriel Pereira prometteu descrever no proximo numero do Boletim da Real Associação.

A inscripção é dividida em duas columnas, tendo na primeira quarenta e dois e na segunda trinta nove nomes de uma «familia publica» ou agrupamento de empregados.

Referiu-se tambem o sr. Gabriel Pereira a uma grande collecção de vasos gregos e etruscos, a mosaicos lindissimos, a um busto romano de um fauno, de porphyro vermelho, com uma pelle de cabra em agatha, servindo-lhe de manto, e a interessan-

tissimos esmaltes de Limoges, perto de 50 peças, muitas das quaes assignadas com uma sigla, um monogramma ou iniciaes destacadas.

A pedra estava na quinta do sr. Duque de Palmella no Paço do Lumiar e veiu recentemente para o palacio do Rato, onde existe com os outros objectos.»

Os esmaltes da casa Palmella

O fabrico de esmaltes é industria muito antiga; o fino trabalho paciente dos esmaltadores acompanha de perto os delicados productos dos mosaistas. Mas foi em Limoges no seculo XV que este systema de decoração tomou um grande desenvolvimento, chegando a produzir verdadeiros primores d'arte. Quando chegou o renascimento, os processos estavam sabidos e aperfeiçoados; o esmaltador de Limoges, rapidamente, deixou os antigos modelos, adoptando os desenhos e imitando coloridos dos grandes mestres italianos: ao mesmo tempo este genero de ornamentação dilatou-se; alem dos objectos de assumpto ou destino religioso. o esmalte applicou-se ao profano, ao retrato, á joia, ao movel, etc. Trabalhou-se muito e produziram-se verdadeiras obras primas. Verdadeiras dynastias de artistas, durante muito tempo, animaram as officinas de Limoges.

Os Reymond e os Corteys (Courtois) apparecem durante dois seculos, 16 e 17. Os Laudin do sec. 16 ao 18. Os esmaltadores da familia Nouailhé do 16 ao 19. Salvaram-se muitos esmaltes antigos, ha collecções importantes nos museus do Louvre e de Cluny em Paris; e em Londres, no South-Kensington.

Em Portugal ha uma joia de primeira grandeza, o triptico da Bibliotheca d'Evora. O nosso museu de Bellas Artes é pobre. Em poder de particulares poucos existem. A collecção do sr. duque de Palmella é perfeitamente excepcional. Creio que no estrangeiro em poder de particulares será difficil tambem encontrar collecção que se lhe compare. Na maior parte esta collecção foi comprada ainda em tempo do primeiro duque á casa Angeja, e parece que foi adquirida em Roma por um membro d'esta familia que ali foi embaixador de Portugal, nos fins do sec. XVIII.

O Museu Britannico publicou ha pouco o catalogo da famosa collecção artistica legada pelo barão Fernando Rothschild: *The Waddesdon beuest. Catalogue of the works of art bequeathed to the British Museum by baron Ferdinand Rothschild. 1898. By Charles Hercules Read. London, 1902*. E' um catalogo lindamente illustrado. O barão coleccionava só obras de alto merito; não queria muita cousa, só comprava primores E' curioso vêr que a pequena collecção de esmaltes que elle reuniu em *Waddesdon* é por assim dizer parallela á da casa Palmella; lá estão peças assignadas Courtois e Reymond; todavia é uma collecção de poucos numeros, e, parece, as peças assignadas da casa Palmella são mais importantes. Devemos lembrar que os entendidos dão grande apreço aos esmaltes assignados e datados.

Fica-se maravilhado ao entrar no gabinete precioso onde estão esplendidamente installados os esmaltes ao lado de muitos outros primores artisticos, entre estes os pequenos quadros de Sequeira e dos Vieiras.

G. P.

Fructeiro em cobre esmaltado de Limoges. Tem pintado no fundo Venus navegando n'uma concha com a véla larga, e de um rochedo Cupido, segurando-se ao tronco de uma arvore, agarra-a pelos cabellos; por cima a legenda: *Non + e presa miglior*: Diametro 0,19, Sec. XVI.

Fructeiro em cobre esmaltado de Limoges. Representa no fundo o julgamento de Páris, e por baixo um escudo dentro de uma corôa de louro. Diametro 0,22. Sec. XVI.

Fructeiro com pequeno pé em cobre esmaltado de Limoges. No fundo está pintado um quadro que representa David explicando os psalmos. Diametro 0,23. Sec. XVI.

Seis pratos em cobre esmaltado, com o diametro de 0,24, representando no fundo os seguintes assumptos sacros; o presepe;

a adoração dos Reis Magos, a fuga para o Egypto, a Circumcisão, a visitação de Santa Izabel e a morte da Virgem. As orlas são pintadas com variadissimos ornatos com carrancas, e um escudo dentro de uma coroa de louro. No reverso, tambem cheio de ornamentação, bustos e fachos, e as iniciaes *I. C.* (*Jehan Courtois* ou *Courteys*). Sec. XVI.

Repuxo com a base triangular representando em quadros de cobre esmaltado, um o côro das musas, e dois referem-se a Moysés fazendo brotar agua do rochedo. Na face superior tres medalhões com bustos, tendo intermedio figuras nuas deitadas, e do centro sobe o pé que alarga até á sua maior altura 0,38 formando ahi a bacia como diametro de 0,19. Em volta diversas figuras, scenas de cavalleiros combatendo, anjos sustendo grinaldas, e no fundo da bacia, em volta do tubo, grupos de nimphas lavandose. Pintadas em cobre esmaltado de Limoges. Sec. XVI.

Fructeiro em cobre esmaltado de Limoges, representando a pintura a destruição de Sodoma, e a saida de Rebeca da casa paterna. No pé e base varias figuras allegoricas. Sec. XVI.

Fructeiro em cobre esmaltado de Limoges: o fundo representa uma batalha, a parte inferior do prato é cheia de pintura de ornato. Na base tem dois quadros, em um Adão e Eva depois de colherem o pomo prohibido, e no outro o Padre Eterno expulsando-os do Paraiso. Diametro 0,19. Sec. XVI.

Tinteiro em cobre esmaltado Limoges. Tem fórma de um prato com um receptaculo no centro com quatro furos, em volta estão sete medalhões, separados com ornatos em alto relevo, onde são representados os bustos allegoricos das virtudes com os seus nomes escriptos ao lado. Sec. XVI.

Dois saleiros hexagonos em cobre esmaltado de Limoges, tendo nas suas faces bustos e creanças representando varios assumptos. Sec. XVI.

Pia de agua benta em cobre esmaltado de Limoges. Na placa

superior representa Christo e a Samaritana. Tem as letras *E. M.* com uma corôa por cima. Na parte superior um escudo com tres vieiras. Sec. XVI.

Travessa em cobre esmaltado de Limoges. A pintura representa no fundo o banquete dos Deuses; na orla, entre varia ornamentação, tem de um lado as letras *P. R.* (Pierre Reimond) e do outro o anno 1558. O reverso é todo coberto de ornatos, entre os quaes, occupando o centro, o busto de um cavalheiro barbado com gorra e pluma. 0,49 no maior diametro.

Par de castiçaes em cobre esmaltado de Limoges Na base tem cada um quatro medalhões com bustos de mulheres pintados a côres. Sec. XVI.

Base em madeira forrada de couro vincado levantada em seis pés de metal lavrado e dourado, na parte superior um medalhão de cobre esmaltado de Limoges representando duas figuras nuas, tendo o homem um fructo na mão direita, e a mulher que está sentada no seu joelho, segura uma vara. Em volta a legenda: *Hercules et la bele Dejanira sois apelee.* Nas faces, anterior e posterior quatro quadros, onde estão pintados combates em tres, e no ultimo o triumpho de Cesar Augusto; estes quadros são tambem em cobre esmaltado. Ao lado tem uma pequena gaveta. Sec. XVI.

Prato em cobre esmaltado de Limoges, representando no fundo batalhas da historia sagrada e um escudo com um leão rompente, encimado por um capacete. No reverso a legenda: *Laudin emaillieur — au faubour de Magnine a Limoges, I. L. (Jean Laudin)* Sec. XVII.

Travessa em cobre esmaltado de Limoges, representando em fundo preto o rapto da Europa com grupos de pastores, nymphas, touros, e no segundo plano Neptuno, barcos, etc. Na orla animaes fabulosos, bustos e varios ornamentos. O reverso está todo coberto de ornatos e carrancas, em dourado e branco. 0,53 no maior diametro. Sec. XVI.

Vaso em cobre esmaltado de Limoges. A base é de latão, e superiormente tem a fórma de gomil. Em volta a pintura é em dois planos, no de cima um carro puchado a bodes, conduzido por anjos, e outros anjos adiante com tubas e animaes, e no de baixo representa-se um rei a cavallo, acompanhado de guerreiros, junto ás portas de uma cidade, sahindo ao seu encontro, mulheres e homens trazendo-lhe presentes. Sec. XVI.

Fructeiro em cobre esmaltado de Limoges. No fundo tem pintado um grande edificio, e no primeiro plano um ancião com um coração na mão direita, tendo á esquerda um cão deitado, e no outro o distico: *Cor sapientis in dextra eius cor stulti in sinistra illius Eccle VX.*

Pela parte de baixo é todo coberto de pinturas de ornatos, tendo na base do pé um escudo e o anno 1558, e na face opposta as iniciaes *P. R.* (*Pierre Reimond*). Diametro 0,23.

Fructeiro em cobre esmaltado de Limoges. Tem pinturas no fundo, que representam talvez a destruição do exercito de Pharaó. A face inferior é formada por quatro medalhões com paizagens, tem em uma a marca *P. N.* (*Pierre Nouailher ou Noalher*) e na borda: *Novailher emilleur a Limoges*: o pé é todo coberto de ornatos dourados e altos relevos brancos. Diametro 0,22 Sec. XVII.

Taça de cobre esmaltado, ornada de quatro medalhões concavos e separados por sceptros. Em dois dos medalhões ha o busto de Venus e nos outros dois o de Páris. Tem pé de latão seguro por um rosca. Sec. XVI.

Opinião de Ernesto Renna sobre restauração de monumentos

No livro de E. Renan *Mélanges d'histoire et de voyages* ha um delicioso capitulo intitulado *Vingt jours en Sicile;* em poucas paginas de fina prosa o famoso pensador exprime ahi a sua opinião contra a furia implacavel de certos restauradores de monumentos, que em tantas partes teem causado estragos irreparaveis. E' a proposito do mosteiro chamado *La Martorana*, restaurado até á ultima expressão, que elle se indigna do vandalismo moderno.

Fazemos o extracto sem o traduzir para conservar o puro dizer do insigne prosador.

. . . .

Que dire de la Martorana, ce petit chef-d'œuvre d'église avec ses inscriptions arabes et grecques, si bizarrement devenue une chapelle de religieuses, lesquelles, sans toucher beaucoup aux parties primitives, les ont appropriées à leurs usages au moyen d'additions du style le plus prétentieux assurèment, mais le plus réjouissant? La question des restaurations se pose ici dans toute sa netteté.

Faut-il supprimer ces petits joujoux de cuivre et de mar-

bre polychrome, dont les pauvres recluses s'amusèrent; ces belles grilles dorées qui leur permettaient de satisfaire leur curiosité sans rompre leur clôture, et derrière les quelles on croit voir se dessiner encore plus d'un joli visage voilé; cette tribune ou plutôt ce salon Pompadour où elles chantaient aux jours de fête; ces petits guichets oú les mosaïques primitives se mêlent aux enfantillages du rococo le plus effréné? Pour moi, j'hésiterais à porter la main sur tout cela. Le baroque est expressif à sa maniére.

L'histoire, qu'est-elle, si ce n'est la plus ironique et la plus incongrue des associations d'idées? Tout a son prix comme souvenir. Un monument doit être accepté comme le passé nous le légue; il faut, autant que possible, l'empêcher de se détruire, voilà tout. On a bien dépassé cette mesure en France; sons prétexte de ramener les édifices à une prètendue unité d'époque qu'ils n'eurent jamais, on a détruit, réédifié, achevé, complété, et préparé ainsi les malédictions des archéologues de l'avenir, dont la tâche aura été rendue singuliérement difficile par ces indiscrètes retouches. On commet parfois la même faute en Italie. Sous prétexte de ramener les édifices à ce qu'ils furent on est en train de supprimer le XVII^e^ et le XVIII^e^ siècle.

Assurèment ce furent des siècles de décadence pour l'art italien. Les méfaits qui s'y commirent sur les édifices du moyen âge ne peuvent être assez déplorés; mais le mal est fait. Si, en enlevant les bibelots de la Martorana, on pouvait espérer retrouver des parties anciennes recouvertes, je serais bien d'avis qu'on les enlevât: mais la disparition de ces enfantillages ne nous rendra pas un atome de ce qui est perdu. Laissez donc ce petit monument tel qu'il est.

Et puis le gout est si changeant! Qui pense se vanter de le fixer?

Le XVII.^e^ siècle sabrait le moyen âge, sans se douter qu'un jour cet art barbare, incorrect, souvent sauvage, aurait son prix.

On détruit maintenant le XVII.^e^ sicèle comme fade et sans caractère. Qui sait quel sera le gôut de l'avenir, et si le XIX.^e^ siècle ne sera pas traité de vandale à son tour?

Il n'y a qu'une manière sure pour n'être pas traité de vandale; c'est de ne rien détruire, c'est de laisser les monuments du

passé tels qu'ils sont. L'Italie, avec ses contrastes éloquents ou bizarres, nous parait si belle comme elle est, que nous ne voyons pas sans crainte porter la main sur une partie quelconque de ce décor merveilleux, même sur les parties mauvaises, même sur le rococo.

Limite das freguezias de Santa Engracia, S. Bartholomeu do Beato de Lisboa, na Calçada da Cruz da Pedra.

Representações da Junta de parochia da freguezia de Santa Engracia ao Ex.mo Sr. Conselheiro Governador Civil de Lisboa.

Ill mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Governador Civil do Districto de Lisboa. (*)

A Junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia d'esta capital, em obediencia ás ordens de V. Ex.ª, vem respeitosamente informar ácerca dos limites da sua freguezia, promettendo não levantar conflictos com qualquer auctoridade; confia em que V. Ex.ª advogará a justiça da sua causa perante o Governo de Sua Magestade.

Não levantou a questão de limites da freguezia; defende-se sómente, e tem a consciencia de que se defende bem.

Muito convinha aos interesses da Egreja e do Estado que o Governo de Sua Magestade, depois de ter feito uma nova divisão de dioceses em 1882, mandasse continuar os trabalhos encetados em 1859 pelo fallecido Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça o Conselheiro Martens Ferrão para uma nova divisão parochial; acabariam de vez as questões ácerca dos limites das fre-

---

(*) Dr. José d'Azevedo Castello Branco.

guezias, as quaes têm a sua origem, como quasi todas as questões, nos interesses pessoaes.

Haveria um meio indirecto de acabar com taes questões; era dotar o clero; já este não teria empenho em que as freguezias fossem grandes; pelo contrario desejaria que fossem pequenas para ter menos trabalho, e receber o mesmo.

Esta é a verdade.

Lisboa é uma das cidades que tem soffrido mais alterações na sua area, e na sua vida ecclesiastica e civil; collocada na parte mais occidental da Europa, é um verdadeiro caes da mesma Europa; de dia para dia vae progredindo, e não é utopia o dizer-se, que n'um futuro mais ou menos proximo, será uma das principaes cidades, e rivalisará com Constantinopla, começando em Cascaes, acabando em Sacavem.

Este progredimento data principalmente depois do terrivel terremoto de 1755.

A sua divisão ecclesiastica não foi, nem podia ser descurada.

Depois de diversas providencias de caracter provisorio accordaram as auctoridades ecclesiastica e civil n'uma nova divisão parochial; essa divisão foi legislada em 19 d'abril de 1780.

Succedeu, porém, a essa lei o que succede a todas.

Com o decorrer do tempo por diversas circumstancias impossiveis de indicar, porque quasi só existe a tradição, foi modificada; se hoje o Governo de Sua Magestade mandasse syndicar ácerca dos limites de todas as freguezias de Lisboa, conhecer-se-hia, que poucas conservam os limites marcados por tal lei.

A freguezia de Santa Engracia é uma das que têem soffrido mais alterações nos seus limites.

Fundada em 1568 pela celebre Infanta D. Maria, filha d'El-Rei D. Manuel, uma das princezas portuguezas mais illustres pelas suas lettras e virtudes, estendia-se desde a freguezia de Santo Estevão até á dos Olivaes. [1]

(*Continua.*)

---

[1] *Mappa de Portugal*, pelo P. João Baptista de Castro, 3.ª edição, volume 2.º pag. 159.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 5, t. IX, pag. 48)

Pataias — conc. de Alcobaça. — *Antiguidades de Pataias* (*Revista archeologica*, III, pag. 20).

Pavia — conc. de Móra — *Introd. á archeologia da peninsula iberica* por A. Filippe Simões.

Pederneira — villa, conc. de Alcobaça. — Na ermida de S. Julião, ao S. da villa, (serra da *Pescaria*) ha inscripções que se attribuem aos phenicios ou aos godos. Talvez que esta ermida fosse primitivamente um *fano* dos romanos. — Fortaleza e chafariz mandados construir pelo rei D. Sebastião. — *Archivo historico*, vol. I; *Antiguidade da sagrada imagem de N. Sr.ª da Nazareth, grandezas de seu sitio, casa e jurisdição real, sita junto á villa da Pederneira* por Manuel de Brito Alão (Lisboa, 1628). *Noticia da villa da Pederneira* (No folheto *A Senhora da Nazareth* por José Lucas da Silva, Mafra, 1892); *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Domingo illustr.*, 4.º vol.

Pedráça — freg., conc. de Cabeceiras de Basto. — Em 1867 e 1869 encontraram-se n'um monte d'esta freguezia e na aldeia de *Bradella*, moedas romanas de prata, do imperador Augusto, uma de bronze, do imperador Galliano, e duas do imperador Constantino.

Pedras Salgadas — freg. de Bornes, conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — «Uma jornada em Portugal. Digressão ás Pedras Salgadas» por J. Augusto Vieira (Folh. da *Correspondencia de Portugal*, Dezembro de 1860.)

Pedrógão Grande — villa e concelho. — No *Penedo do Granada* (Fr. Luiz de Granada), ao fim da cerca do mosteiro da Luz, achou-se uma inscripção latina. — Restos de uma fortaleza antiquissima a O. da villa, n'um monte cercado de uma muralha d'alvenaria. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *A terra portug.* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 169, 175; *O Seculo* n.º 6001, 25-9-98; «Miscellanea do sitio de N. Sr.ª da Luz de Pedrogão Grande» por Miguel Leitão de Andrada; *Hist. de*

S. Domingos, 2.ª parte, vol. III; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 634; *Domingo illust.*, 3.º vol.

Pedrógão Pequeno — villa — *O Seculo* n.º 6:772; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Pedro do Sul (S) — conc. — *Occidente*, IX, 252, XVII, 148; *Arte portugueza*, n.ºs 1 a 6. Veja-se **Vouzella**.

Pedroso — aldeia, conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — Ruinas de um forte castello romano, ao que parece. «Diz-se que no leito do rio, e em frente d'este castello, ha uma inscripção romana gravada em uma pedra; mas está a maior parte do annocoberta d'agua, pelo que só nas grandes estiagens se póde ler e se poderão colher algumas indicações.»

Pedrouços — conc. de Lisboa — «Pedrouços,» monographia em publicação pelo sr. F. Simões Ratolla.

Pelmá — freg. e conc. d'Alvaiázere. — Em 1751, ao abrirem-se os alicerces d'uma casa n'uma das aldeias da serra d'Alvaiazere, acharam-se 80 e tantas moedas de ouro, de prata e de cobre, romanas, dos imperadores, Vitellio, Vespasiano, Tito, Nerva e Trajano. Tambem se encontraram adereços de ouro usados pelas damas romanas. — *Archeologo Português*, VI, 106.

Pena - Cova — villa e concelho — vestigios de um castello em um monte escarpado, ao S. da villa: — *Mem. hist. chrogr. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. L. de Vasconcellos, t. I; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, vol. III, 3.ª ed., pag. 635; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Penafiel — cidade. — Egreja de S. Martinho, de architectura gothica, foi construida em 1570. — Para alem da ponte sobre o rio Souza, atraz da capella de S. Roque, está o tumulo de fr. Manuel da Resurreição. — Em terreno montanhoso, pouco distante da cidade, ha o *Penedo das Merendas*, que é vestigio de habitação de povos antiquissimos. — Existiu um monumento druidico tambem perto da cidade, em sitio a que hoje chamam *Carvalho das Sete Pedras*. — Capella mór da egreja da *Arrifana*, architectura gothica, guarnecida de ameias e em forma de castello. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif, mon. nac.*; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Descripção historica e topographica da cidade de Penafiel* por Antonio de Almeida (*Mem. da Academia R. das Sc. de Lisboa*, t. x, parte II) *Relat. da commissão dos mon. nac. em* 1884; *Reflexões ácerca do monumento que existe na freguezia da Ermida do concelho de Penafiel* por Antonio de Almeida, no *Jornal de Coimbra*, 1816, n.º 43, pag. 49; *O marmoiral* (*Panorama*, 1840, pag. 20); *Tumulo no monte de S. Roque junto á cidade de Penafiel* (*Pan.*, 1844); *Monumentos... cyclopeenses* (?) *em Portugal* por Sá Villela (Silva Leal)

no *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Arch. Portug.*, t. II, n.º 4; *Archeologo Português*, t. I, pag. 15, 20 a 28; *O Minho Pittoresco*, t. II, 511; *Historia de Penafiel* por Luiz Maria de Mesquita Carvalho e Vasconcellos (Inedita); *Mem. do Bustello* por D. Leite de Castro; *A handbook for travellers in Portugal*; *As misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Mala da Europa*, IV, n.ºs 99 a 107; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 14; *Penafiel — hontem e hoje* pelo sr. Coriolano de Freitas Beça. Publicou em 1898 um additamento a esta obra; *Indice parlamentar* pelo sr. A. T. d'Albuquerque. pag. 100; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 635; VI, 635; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Pena Garcia ou **Penha Garcia** — villa, conc. de Idanha a Nova — Castello do tempo de D. Diniz.

Penajoia — freg., conc. de Lamego. — Em *Alguetes*, propriedade do sr. abb. Pedro A. Ferreira, teem se encontrado carvões, tijolos de grande espessura, pedras em fórma de cubo, fragmentos de columnas e outros vestigios de remota occupação.

Penalva do Castello — villa e concelho. — Monumentos precelticos, sendo o mais notavel um dolmen junto do logar das *Antas*. — Inscripção romana em uma pedra que existiu no quintal dos abbades de Penalva. — *Indice parlamentar* pelo sr. A. Tavares de Albuquerque, pag. 100; *Domingo illust.*, 3.º vol.

Penamacor — villa e concelho. — Castello antiquissimo, em ruinas, que foi construido ou pelos romanos ou pelos mouros; e outros restos de fortificações. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *As misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 635; *Indice parlamentar* pelo sr. A. T. d'Albuquerque, pag. 100; *Archeologo Portuguez*, VI, 108; *Domingo illustr.*, 3.º vol.

Penas Juntas ou **Penhas Juntas** — freg., conc. de Vinhaes. — Vestigios de muros, calçadas, tanques e galeria subterranea, talvez, de um castello.

Penedono — villa e concelho. — Castello em ruinas e torre bem conservada. — *Archeologo Português*, VI, 107; *Domingo illust.*, 3.º vol.

Penella — villa e concelho. — Castello desmantelado na villa, e ruinas de outro no sitio a que chamam *Cova dos Mouros*, onde appareceu em 1860 grande numero de moedas de cobre dos arabes. — Argola de ouro comprada por el-rei D. Fernando II. — *Noticias de Penella — apontamentos historicos e archeologicos* pelo sr. Delphim José de Oliveira; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Mem. hist. chrogr. dos div. conc. do distr. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Descripção da grande argolla de ouro* pelo sr. J. da Silva (*Boletim da Real Associação dos*

Arch. e Archeol. Portug., t. IV. pag. 62); *Hist. de Portugal* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 635; *Domingo illust.*, 4.º vol.

Penha Longa — conc. de Cintra. — O Valle de Penha Longa e o mosteiro da ordem de S. Jeronymo (*Arch. Pittor.*, t. VI, pag. 135.)

Peniche — villa. praça d'armas e concelho. — A cidadella é do tempo de D. João III. — Na porta do baluarte da entrada, por baixo das armas reaes, ha uma inscripção latina dividida em duas partes. — No *Carreiro da Furninha*, á beira mar, teem apparecido instrumentos da idade da pedra. — Em 1858 foi descoberto no muro de um quintal um cippo romano com inscripção. — No centro da villa ha um poço com inscripção. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hübner; *Opusculos de Alex. Herculano*, t. II (*Monumentos patrios*); *La grotte de Furninha à Peniche* por M. Joaquim F. N. Delgado. a *Congrès internat d'anthropologie*, etc., 1880. *Compte rendu*, pag. 207; *Panorama*, 1842, pag. 193, 201; *Occidente*, vol. III, pag. 145 (*Egreja de N. Sr. da Ajuda*), XVI, 78, 85, 141 (*O convento de S. Bernardino — Cidadella*); Idem, XXI, pag. 92; XXVI, pag. 80; *Domingo illustr.* 3.º vol., *A industria em Peniche* por Pedro Cervantes de Carvalho Figueira; «Memoria sobre a defensa da povoação de Peniche» por Francisco Maria Melchiades da Cruz Sobral; *Scenas da minha terra* por Julio Cesar Machado, pag. 209; *A vida alegre* por J. Cesar Machado, pag. 150; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, III, pag. 635; IV, pag. 617, 618; VI, 610, 3.ª ed.; *Religiões da Lusitania*, pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 18; *Gruta da Furninha* (*Mem. sobre a antig.* pelo sr. dr. A. dos Santos Rocha); *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *O Seculo*, n.º 7042; *Archeologo Portugués*, VI, 107.

Penna Vouga ou **Penha Vouga** — freg. de Ferreira d'Aves, conc. de Satam. — Vestigios de construcções *talvez mouriscas* no Valle da *Fonte do Mouro*.

Perafita — freg.. conc. de Bouças. — *Monographia do conc. de Bouças* pelo F. Fernando de Godinho Faria.

Pera do Moço — freg., conc. da Guarda. — Existia aqui ainda no sec. XVIII um grande dolmen.

Pereira — villa, conc. de Montemór-o-Velho. — O arco da capella do Santissimo.

Pereira ou **Pereiras** — freg., conc. de Barcellos. — Ruinas do *castello de Faria*, junto da cerca do mosteiro do Bom Jesus. — Na egreja de *N. Sr.ª da Franqueira* uma mesa de jaspe, que veiu de Ceuta em 1415 e pertencia ao *palacio do rei mouro Collu Ben-Cayla*. — Inscripção em portuguez na parede da egreja.

Pernes — villa, conc. de Santarem. — Egreja matriz antiquissima e de boa architectura. — *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos* por Carlos Ribeiro.

Peso da Regua — *Arch. Pittor.*, x, 132, 148; *A handbook for travellers in Portugal*; *Douro illustrado* pelo visconde de Villa Maior; *O Seculo*. n.º 6674, 5-8-900; *Domingo illustr.*, 4.º vol.

Petisqueira — freg. junto á villa de Chaves. — No logar de *S. Pedro de Argeriz* ha um cippo romano com inscripção; e na aldeia houve outro. — Nas *Avellans* achava-se a tampa de uma sepultura tambem com inscripção, mas incompleta.

Pias — villa, conc. de Ferreira do Zezere. — N'um cabeço proximo do *Pereiro* e de *Ave Casta*, limites da freg. de *N. S.ª das Areias*, vêem-se as ruines da torre do *Ladrão-Gayão*, actualmente denominada *Torre da Murta*. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa.

Pilar — serra, conc. de Gaia. — Egreja mandada construir em 1598 á semelhança da egreja de Santa Maria; a *Rotunda*, de Roma. — *Guia historico do viajante no Porto e arrabaldes*. 1864; *Universo Pittoresco*, t. i, pag. 129.

Pindêllo — freg., conc. de S. Pedro do Sul. — Inscripção latina em letras gothicas ca capella de *N. S.ª dos Milagres*.

Pinhanços ou **Penhanços** — freg., conc. de Cêa. — No sitio das *Tapadas* existem muitas sepulturas de um almocabar mourisco.

Pinheiro — serra e aldeia, na freg. de Cesar. — Em um sitio fronteiro á freguezia de *Romariz* do conc. da *Feira*, vestigios de uma fortaleza romana, ou, o que é mais provavel, carthagineza. — *Introducção á archeologia da peninsula iberica* pelo dr. A. F. Simões.

Pinhel — cidade. — Fortificações desmantelladas em parte, notando-se na velha praça duas torres muito altas, mandadas construir por el-rei D. Diniz. — Na estrada de *Pinhel* ao *Côa*, ha uma ponte de 100 metros de comprimento; tem inscripção em portuguez. — Na estrada militar d'*Almeida* a *Pinhel*, outra ponte menos extensa, com inscripção em latim. — *Fonte do Bispo* no arrabalde. Inscripção latina em um chafariz proximo. Sepulturas: de Luiz de Figueiredo Falcão, ministro de Filippe II; de Heitor Antonio de Figueiredo Falcão e de Heitor de Cella Falcão, todas com inscripções, na egreja do mosteiro. — Na matriz de *N. S.ª do Castello* está o tumulo do abbade Antonio Velloso d'Amaral, e na da *Misericordia* a sepultura do marechal D. Fernando Coutinho, com uma inscripção, que já não póde ler-se, e 4 escudos, alem de outras muitas sepulturas, quasi todas dos sec. xvii e xviii. A porta d'entrada

d'esta egreja é ogival e tem lavores com rendilhados e conchas. Tambem no frontespicio, ao lado direito, ha um escudo encimado por uma corôa e com inscripção. — Sobre a porta principal da primeira casa da rua de Santa Rita, casa em que primitivamente houve capella particular, estão as armas do fundador e sobre outra porta que dá para a mesma rua uma inscripção em portuguez. — *As cidades e villas* por Ignacio de Vilhena Barbosa; *Pelourinho* (*Occidente*, vol. v, pag. 3; *As misericordias* pelo sr. Goodolphim; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol, II, pag. 464, 525, 533, 544, 573; III, 625, 635; IV, 630; VI, 612; *Mem. sobre a pop. e a agr. em Portugal* por L. A. Rebello da Silva; *Indice parlamentar*, pag. 100; *Archeologo Português*, VI, 112, *Domingo illustrado*, 4.º vol.

Pipa (Fonte da) — no sitio de Villa Velha. — Atrás da capella de *N. Sr.ª de Villa Velha*, ha umas covas onde por varias vezes se tem achado moedas romanas e arabes, de ouro, prata e cobre.

Pitões — freg., conc. de Montalegre. — A dois kilom. da povoação, existe em ruinas o mosteiro de *Santa Maria das Junias*, cuja egreja é gothica, e que data de tempos anteriores á fundação da monarchia. — Inscripção, que parece indecifravel, na parede da egreja junto á porta travessa.

Poiares — freg., conc. de Peso da Regua. — Do mosteiro dos Templarios, que existiu aqui, resta uma torre. — Na egreja matriz ha uma cruz, de pau santo, de grande valor archeologico. — Perto do *Monte Raso* encontram-se muralhas de fortaleza dos primitivos lusitanos ou dos romanos. — Ruinas de antiga fortaleza romana e casas subterraneas no sitio da *Fonte do Milho* — Junto ao logar de *Abaças*, ha, no monte *Crasto*, ruinas de uma povoação que foi praça militar dos romanos; e ahi teem apparecido muitas moedas de cobre, em algumas das quaes se lê *Romanorum*. — No sitio da *Torre*, freg. de *Coras*, encontram-se ruinas de dois castellos, onde teem apparecido muitas d'essas moedas. — Tornam-se dignos de menção os seguintes logares, proximos de Chaves: Junto á aldeia de *Outeiro Jusão*, em diversas propriedades ha vestigios de povoação romana. Aqui se teem achado restos de edificios, cippos e outras antiguidades. Nas aldeias de *Saimões*, da *Granginha*, de *Santo Estevão* e das *Eiras* teem sido encontrados tambem muitos vestigios de construcções romanas, capiteis de columnas, troços de estatuas, etc. A 9 kilom. de Chaves, no sitio chamado *Lagares*, veem-se restos de edificios romanos e proximo d'esse logar encontrou-se em 1721 grande porção de moedas de differentes imperadores de Roma. Junto ao logar de *Villarandêllo* existem as ruinas de uma povoação romana, a

que ainda hoje chamam *Cividade*; e proximo a *Villas Boas*, as de uma fortaleza e povoação, que tambem parecem dos romanos, de cujo tempo se encontraram aqui em 1710 muitas moedas. Em *Villa Nova do Monte*, limite da *ribeira de S. Thiago*, entre este sitio e o logar de *Lama de Ourico*; adiante das aldeias de *Zêbras* e valle d'*Egas*, no sitio da *Cabeça do Seixo*, em uma terra chamada *Santarem*; e na aldeia de *Curalha*, *Crasto da Curalha*, ha vestigios de povoações e edificios romanos. — *Domingo illustrado*, 4.º vol.

Pomarão — aldeia, na raiz da Serra de S. Domingos (Mertola). — Foram exploradas pelos romanos e pelos arabes as minas de cobre aqui existentes. N'ellas se teem encontrado com frequencia objectos archeologicos, do tempo d'esses povos, e ainda em 1867 uma medalha de ouro do imperador Nero.

Pombal — villa e concelho. — Castello. — Ponte de tres arcos sobre o *Arunca*. A meio da ponte ha uma memoria com inscripção em portuguez. — Na capella de *N. Sr.ª da Piedade*, da egreja de S. Martinho, está a sepultura do capitão Jorge Botelho; tem inscripção em portuguez. — Sobre a porta principal da egreja do mosteiro de *Santo Antonio* ha uma inscripção latina. — Vestigios de uma torre e da egreja fundada por D. Gualdim Paes, junto ao castello: era de architectura arabe e de fórma circular. — *Relat. ácerca dos edific. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Occidente*, x, pag. 75 (*Castello*); «Breve noticia das differentes terras de Portugal por onde passam os caminhos de ferro» por Francisco M. Henriques de Carvalho e Abilio de Macedo Lopes do Valle (Coimbra, 1867); *Arch. Pittor.*, I; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 635; VI, 620, 629; *Portugal* por Ferd. Denis; *A handbook for travellers in Portugal; Les arts en Portugal* pelo conde Raczynski; *Indice parlamentar*, pag. 87; *Archeologo Português*, III, n.ºs 7 e 8; *Domingo illustr.*, 4.º vol.

Pombeiro — villa, conc. de Arganil. — Na antiga capella de *N. S.ª do Loureiro* existe um cippo com inscripção romana. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Pombeiro da Beira* — memoria historica, descriptiva e critica pelo sr. visconde de Sanches de Frias, 1.ª ed., 1896; 2.ª ed. 1899; *Archeologo Português*, VI, 151.

Pombeiro de Riba Vizella — freg., conc. de Felgueiras. — Egreja, de architectura gothica, do antiquissimo convento que existia junto ao rio *Vizella*. Em frente da porta principal da egreja do mosteiro actual houve uma galilé onde estavam esculpidos em pedra os escudos d'armas de todas as familias nobres de Portugal. — Duas torres de cantaria e um claustro com altas columnas de ordem corinthia, etc., são notaveis monumentos ar-

tisticos. — Vestigios de um castello romano no monte da ermida da *Santa Cruz*. — Santuario de *Santa Quiteria de Pombeiro*: capella de architectura gothica. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 386; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., VI, 625.

Ponte da Barca — villa e concelho. — Ponte sobre o rio, na qual ha uma inscripção em portuguez. — Castello desmantellado, no *monte da Nóbrega*. — Sepulturas na egreja matriz. N'uma casa junto da praça ha uma pedra saliente, onde se veem em relevo duas caras, que, segundo a tradição, representam o rei D. Manuel e sua esposa, a princeza D. Izabel. — *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. dr. Pedro A. Ferreira (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. v, n.º 12, pag. 184;) *O Minho Pittoresco*, t, I, 353; Egreja de Bravães (Cit. *Boletim*, t. VIII, n.º 3 e 4); Habitação (*Portugalia* — Mater. para o estudo do povo portug., 1.º fasc.); *A handbook for travellers in Portugal*; *Domingo illustr.*, 4.º vol.; *Historia de Portugal* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., II, VI, 617.

Ponte de Lima — villa e concelho. — Vestigios d'uma fortaleza construida pelos romanos. — Torre da cadeia, uma das que havia na cerca de muralhas. — Na egreja matriz ha sepulturas de varões illustres. O mausoléo de Vasco Fernandes Coutinho tem inscripção em portuguez. — Ruinas de antigas fortalezas nos arredores da villa. — Marcos milliarios em differentes pontos. — Cruzeiro do *Souto da Forca*. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Os estrangeiros no Lima* por Manuel Gomes de Lima Bezerra; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, 350, 351, 706, supp. 903, 904; *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 319 dos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. II (1875); *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. Pedro Augusto Ferreira (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol.*, t. v, n.º 12, pag. 184); *Occidente*, I, 108, XV, pag. 42, 110; *O Minho Pittoresco*, t. I, 249; *Cousas leves e pesadas* por C. Cast. Branco, pag. 76; *O culto da arte em Portugal* pelo sr. R. Ortigão, pag. 55, 125; *Notas a lapis* por D. C. Sanches de Frias, pag. 202 a 206; *Travels in Portugal* por John Latouche; *Portugalia*, 1.º fasc., e pag. 319 do 2.º, t. I; *Archivo Pittoresco*, VI, VII, X; *Branco e Negro*, t. II, 331; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho* por Seb. J. Pedroso; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Portugal* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. III, e VI pag. 635; *Indice parlamentar* pelo sr. A. T. d'Albuquerque, pag. 100; *Mala da Europa*, III, n.ºs 60, 75; IV. n.º 112; *Domingo illustr.*, 4.º vol.; *Primeiro de Janeiro* n.º 58, 1902.

Ponte Pedrinha — freg. de Bellas, conc. de Cintra — *Occidente*, x, 230.

Ponte de Sôr — villa e concelho. — Ponte romana. — Marcos

milliarios com inscripções latinas, disseminados pelos mattos. Torre junto á egreja matriz. — *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. dr. Pedro A. Ferreira (*Bol. da R. A. dos Arch. e Archeol.*, t. v, n.º 12, pag. 183); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 79); *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* por L. A. Rebello da Silva; *Arch. Pittor.*, VIII, 357; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I., pag. 21; *Domingo illust.*, 3.º vol.

Pontével — freg., conc do Cartaxo. — A egreja matriz, reedificada no sec. XVII, tem azulejos a revestir-lhe as paredes interiores. Ha alli varias sepulturas com inscripções illegiveis em parte. — *Noticia historica e descriptiva de Pontevel* pelo sr. José Joaquim d'Ascensão Valdez; *O Seculo* n.º 7084.

Pontido (Castello de) — conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — Vestigios d'esta fortaleza que se suppõe ter sido construida pelos antigos lusitanos.

Populo — freg., conc. de Alijó — Ruinas do castello da *Toúca-rôta*, junto á egreja, e de outros dois mais pequenos: de *Valle Mel* e de *Castorigo*.

Porches — freg.. conc da Alagôa. — Vestigios de um castello em *Porches Velho*, onde se teem encontrado sepulturas antigas. — A fortaleza onde está a antiquissima capella de *N. Sr.ª da Rocha*, foi mandada fazer por D. Diniz.

Portalegre — cidade. — Fortificações do tempo de D. Diniz. — Templo da Sé, onde estão sepulturas, com epitaphios, de D. Julião d'Alba e de outras pessoas illustres. Inscripção em latim sobre a porta principal da egreja. — No antigo mosteiro de S. Francisco veem-se os tumulos de Gaspar Fragoso, de Nuno Vaz de Sousa Tavares e de André de Sousa. — A' entrada do templo, mas fóra da porta, ha uma inscripção latina em caracteres gothicos. — Notavel claustro, com arcos ogivaes, no convento de Santa Clara. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Relat. da commissão dos mon. nac. em 1884*; *Corpus Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, 20, 22, supp. 809; *Noticias archeologicas dePortugal* pelo dr. Hubner; *Mem. hist. do mosteiro de N. Sr.ª da Conceição de monjas da ordem de Cister da cidade de Portalegre* por F. A. R, de Gusmão (*Bol. da R. A. dos Arch. e Archeol.*, t. II, n.º 4 e seg.) *Portugal Pittoresco*, IV, 189; *Templo do Espirito Santo de Portalegre — Uma antigualha* por F. A. R. de Gusmão (Supracit. *Boletim*, t. III, n.º 2); *Occidente*, vol. IX, 29, XV, 148, XVI, 45; *Antas do districto de Portalegre* (*Archeologo Português*, t. I, pag. 139). *Brevissima noticia da parochial egreja de S.ª Maria Magdalena da cidade de Portalegre* pelo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão (Lisboa, typ. da Nação, 1858, 4.º de 8 pag.); *Archivo Pittoresco*, V, VII, X; *A handbook for travellers in Portugal*; *Por-*

tugal por M. Ferd. Denis; *Le Portugal au point de vue agricole*; *Novo alm. de lembr. luso-bras.*, 1881, pag. 281; *Portugal artistico e monumental*; *Tratado da cidade de Portalegre e de suas antiguidades* pelo padre Diogo Pereira (ms); *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 251; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., II, 560, 601; III, 609 619, 635; IV, 623, 631; V, 619. *Archeologo Português*, VI, 153; *Domingo illustrado*, 4.º vol.; *Viagens a roda do codigo admin.* pelo sr. Alberto Pimentel; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim.

Portel — villa e concelho. — Castello (sec. XIII). — Egreja fundada por D. Nuno Alvares Pereira; tem uma inscripção. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Occidente*, vol. V, 260. Na typ. da Acad. R. das Scienc., diz Innocencio da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, principiou a impressão que foi suspensa em pag. 48, de uma *Collecção de memorias para a historia da villa de Portel* por João Boto Cavalleiro Lobo de Abreu; *Archeol. Port.*, VI, 153; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 118, *Monographia do concelho de Portel* (*Bol. da dir. geral de agricult.*, n.º 10 do 6.º anno (1897), pag. 995 a 1053; «O Alemtejo historico, religioso, civil e industrial no districto de Evora» pelo sr. A. F. Barata (1893); *O Seculo* n.º 5903), 19-6-98; *Domingo illustrado*, 4.º vol.

Portella — freg. de S. Cypriano, perto de Vizeu. — No adro da capella de *N. Sr.ª do O'* está um cruzeiro, de pedra muito fina, com sua cupula, assente sobre quatro columnas. — *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3. ed., III, pag. 636.

Portella das Padeiras — freg. do Salvador, da cidade de Santarem. — Na ermida de *N. Sr.ª dos Anjos* ha um zimborio pyramidal, cercado de ameias. Azulejos revestindo as paredes interiores. — Uma fonte de fórma cónica, muito antiga, dentro da horta que pertence á ermida. — Uma edicula de fórma hexagona, tambem muito antiga.

Portella do Homem — freg. de Villarinho, conc. de Villa Verde. — No alto da serra, no sitio denominado *Calvos*, estão uns pardieiros, restos de uma atalaia. — N'este logar ha ainda muitos marcos milliarios, mas quasi todos partidos. Em cinco d'elles veem-se inscripções romanas, das quaes tres incompletas.

Portello (Castello do) — conc. de Montalegre — No *Côto de Sendim*, que é um môrro entre as serras de *Larouco* e *Arandello*, a 1 kilom. de *Sendim*, môrro que o povo chama *Mitra de S. Thiago*, ha vestigios de um castello, e em 1802 encontraramse ossos, caveiras, e moedas romanas.

(Continúa)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX — 4.ª SÉRIE — N.º 7

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso, 6

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 27 de Outubro de 1902.

Presidente o Ex.mo Sr. Visconde da Torre da Murta, na ausencia dos srs. Presidente e Vice-Presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Sr. Mena Junior.

Abertura ás 9 horas da noite.

Compareceram os srs. Caetano da Camara Manuel, Gabriel Pereira, Ernesto da Silva, Monsenhor Elviro dos Santos, Sebastião da Silva Leal e Jesuino Ganhado.

Acta — approvada.

Correspondencia:

Um officio do sr. conselheiro Abel de Andrade, Director Geral da Instrucção Publica, participando que, em resposta ao officio da Associação, de 27 de fevereiro, foram immediatamente solicitadas providencias ao governador civil de Braga para mandar sustar a arrematação da Cruz Parochial, antiquissima, da freguezia de Villar de Frades, tendo aquella auctoridade declarado que a cruz de que se trata é de um alto valor archeologico e que se aguarda uma resolução do Ministerio das Obras Publicas para se adoptar o procedimento mais conveniente, de accordo com o que fôra representado;

Um officio de monsenhor conego Joaquim Pereira Botto, relativo ás obras da Sé de Lisboa.

Deliberou-se imprimir no Boletim estes dois officios.

Outro do sr. conselheiro Augusto Fuschini, Presidente da Commissão Executiva dos Monumentos Nacionaes, pedindo que lhe sejam entregues, se não houver inconveniente, as grades que existem no Museu do Carmo, pertencentes á egreja do extincto convento de Mafra, para promover a sua collocação naquella egreja.

A proposito d'este pedido fizeram-se algumas indicações, em que foi recordado o facto de que taes grades teriam em tempo sido vendidas e talvez hoje se ignorasse o seu destino, se não fôra a solicitude do benemerito fundador do Museu, o fallecido architecto Possidonio da Silva, que conseguiu recolhel-as aqui.

Resolveu-se por unanimidade incumbir o sr. conservador Gabriel Pereira, de tratar com os seus collegas no Conselho Superior dos Monumentos, de que é vice-presidente, sobre a melhor fórma de satisfazer legalmente ao pedido da mencionada Commissão.

O sr. Gabriel Pereira dignou-se acceitar a incumbencia.

A Sociedade dos Engenheiros Civis Russos, de São Petersburgo, participou que inaugurava a sua nova casa na rua Serponhof.

Mandou-se agradecer esta communicação.

Do sr. Joaquim da Silva Leitão recebeu-se um brazão do Marquez de Cascaes que estava numa propriedade do offerente e que remonta a 1598.

Votou-se o devido agradecimento.

Foi admittido a socio correspondente na Figueira da Foz o sr. Pedro Belchior da Cruz, director do Museu Municipal d'aquella cidade e collaborador do *Archeologo Portuguez*.

Sob proposta do sr. Presidente ratificaram-se os votos de sentimento que o Conselho já approvára pela morte da Ex.ma Viuva do sr. Possidonio da Silva e mãe do nosso thesoureiro o sr. Ernesto da Silva, assim como pelo fallecimento do illustrado socio effectivo presidente da secção de construcção, Francisco Liberato Telles Castro e Silva.

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos participou que, por excepção para a junta de parochia de Santa Engracia, conseguira que não fosse applicada a algumas imagens em poder da

mesma junta a doutrina do artigo 134.º do Codigo Administrativo, sobre as disposições do qual já fizera uma proposta de que a Associação, em vista dos seus Estatutos, não poude occupar-se.

O sr. Mena Junior declarou que o sr. Rosendo Carvalheira não comparecia por motivo de doença e que o encarregára de communicar á Assembléa que, em satisfação ao que lhe fôra pedido pelo Conselho Facultativo, procurára obstar a que continuasse o abuso por parte dos operarios da empreza do ascensor Santa Justa, de denegrirem e deteriorarem a parede do edificio do Museu junto á porta lateral e ao mesmo tempo reclamára tambem contra a collocação dos isoladores dos fios electricos n'aquella parede; sentindo que só podesse ser attendida a primeira destas suas reclamações.

Procedeu-se em seguida á eleição da gerencia para 1903.

A Assembléa permittiu que o sr. Mena Junior representasse na votação o sr. Rosendo Carvalheira.

Serviu de escrutinador o sr. Jesuino Ganhado.

Entraram na urna 10 listas.

Ficaram eleitos:

Mesa da Assembléa Geral — Presidente, Conselheiro Augusto José da Cunha, 10 votos.

Vice-Presidente Architecto, sr. Rosendo Garcia de Araujo Carvalheira, 9 votos;

Vice-Presidente Archeologo, sr. João Verissimo Mendes Guerreiro, 10 votos;

Secretario da Architectura, sr. Antonio Cesar Mena Junior, 9 votos;

Secretario da Archeologia, Eduardo Augusto da Rocha Dias, 9 votos;

Vice-Secretario da Architectura, sr. Francisco Carlos Parente, 10 votos;

Vice-Secretario da Archeologia, sr. Victor Maximiano Ribeiro, 10 votos;

Thesoureiro, sr. Ernesto da Silva, 9 votos;

Conservador da Bibliotheca, sr. Visconde da Torre da Murta, 9 votos;

Conservadores do Museu: sr. Gabriel Victor do Monte Pereira, 9 votos;

José Joaquim d'Ascensão Valdez, 10 votos;

Conservadores adjuntos: srs. Antonio Cesar Mena Junior, 9 votos; Jesuino Arthur Ganhado, 9 votos;

Tiveram votos:

Para secretario da architectura, sr. Adães Bermudes, 1 voto; para thesoureiro, sr. Silva Leal, 1 voto; para conservador da Bibliotheca, sr. Ascensão Valdez, 1 voto; para conservadores do Museu, Monsenhor Elviro dos Santos, 1 voto; sr. Francisco Soares O'Sulivand, 1 voto.

Leu-se o resultado da eleição, encerrando-se logo os trabalhos.

Eram 10 horas da noite.

O Secretario

Eduardo A. da Rocha Dias

Sessão de Assembléa Geral em 30 de dezembro de 1902.

A' 8 horas e 3 quartos da noite foi aberta a sessão, pelo sr. Presidente Conselheiro Augusto José da Cunha, tendo por secretarios os sr. Mena Junior e Victor Ribeiro, na ausencia justificada do sr. Rocha Dias.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Leram-se cartas dos srs. Ernesto da Silva, Rocha Dias e Fernandes desculpando a sua não comparencia; officios de agradecimento do sr. Pedro Belchior da Cruz, pela sua nomeação de socio correspondente e P. W. de Brito Aranha pelos pezames recebidos; outro officio da commissão de amigos do fallecido architecto Parente da Silva, pedindo o auxilio da associação para o fim de se construir um tumulo áquelle illustre artista. A Assembléa resolveu nada poder decidir sem a presença do sr. thesoureiro.

Com respeito ao officio do socio sr. Marques Pereira, em que

este pede um praso não inferior a quatro mezes para elaborar o elogio do fallecido Presidente Conde de S. Januario, ficou resolvido que, attendendo a este pedido e á probabilidade de não se acharem concluidos os retratos, antes d'esse praso, se officie ao alludido socio pedindo-lhe para elle proprio indicar a epocha em que pode ter ultimado os seus trabalhos, communicando-a á Mesa.

Victor Ribeiro declara estar sobre a mesa da presidencia um exemplar do seu livro — *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, exemplar que elle offerece á bibliotheca da Associação. Esta offerta provocou palavras de agradecimento do sr. Visconde da Torre da Murta, e algumas referencias elogiosas ao trabalho e ao assumpto do livro por parte do sr. Gabriel Pereira.

Victor Ribeiro apresentou umas considerações ácerca dos elevados serviços que no norte do paiz, especialmente em Coimbra, se teem prestado á causa da Archeologia Nacional, pela restauração de venerandos monumentos architectonicos, como a da Sé Velha d'aquella cidade, e a do claustro do mosteiro de Cellas, e pela creação, organisação e catalogação de valiosissimos museus, taes como o das alfaias religiosas na Sé Nova e o de archeologia no Instituto, ponderando que essas restaurações, primorosamente executadas, se levaram a effeito, pelo patrocinio de S. M. a Rainha, a qual concedeu, além da sua alta protecção, quantiosos donativos para muitos d'aquelles trabalhos e concordando plenamente com varios esclarecimentos e indicações com que nesta occasião acudiram os srs. Mendes Guerreiro e Gabriel Pereira;

Propõe:

que a S. M. a Rainha seja pela Real Associação dos Architectos e Archeologos endereçada uma mensagem, significando a parte que esta Associação toma no reconhecimento por todo o paiz devido á Soberana pelo interesse e valiosos auxilios que S. M. se tem dignado dispensar em beneficio dos progressos da arte e da archeologia nacionaes.

Esta proposta foi votada por unanimidade.

Victor Ribeiro, continuando ainda nas considerações sobre este assumpto, lembra, de accordo com varios alvitres dos srs. Mendes Guerreiro e Gabriel Pereira, que, além da valiosa protecção de S. M. a Rainha, posta em evidencia nas obras da restauração da

Sé, e no aproveitamento e conservação das preciosas reliquias do castro romano de Condeixa a Velha, deve a Associação reconhecer os serviços prestados: pelos Ministros das Obras Publicas, que, desde o sr. Conselheiro Bernardino Machado, concederam todo o apoio e auxilio áquelles trabalhos, devendo especialisar-se os importantes auxilios concedidos pelo sr. conselheiro Augusto José da Cunha, á installação do Museu Archeologico do Instituto e á reparação urgente do claustro de Cellas. Lembra mais que o sr. Bispo Conde de Coimbra, um benemerito a quem muito deve a archeologia portugueza, promoveu com reiteradas instancias e solicito patrocinio estas obras utilissimas. Lembra tambem que a restauração artistica, primorosamente executada, da Sé Velha de Coimbra se deve, alem da efficaz e constante solicitude dos respectivos directores de obras publicas, á alta competencia e dedicada e incansavel actividade artistica do sr. Antonio Augusto Gonçalves, illustre director da Eschola *Brotero*, assim como a restauração do claustro de Cellas, ao engenheiro sr. João Theophilo da Costa Goes. Lembra, por fim, que ao sr. Bispo Conde se deve a creação do importante museu de alfaias religiosas estabelecido na Sé Nova.

Em conclusão de todos estes considerandos, lamentando que a Real Associação não tivesse podido fazer-se representar na solemnidade da reabertura do famoso templo da Sé Velha, effectuada em julho ultimo,

Propõe:

Que a Real Associação dos Architectos e Archeologos, desejando mostrar bem quanto interesse e carinhosa attenção lhe merecem todos os factos que se filiam na utilissima corrente da conservação e restauração dos mais notaveis monumentos historicos e archeologicos do nosso paiz, e desejosa de os acompanhar com o seu applauso e fervoroso incitamento, envie em officio aos srs. Bispo Conde, Antonio Augusto Gonçalves e Costa Goes os seus votos de congratulação e reconhecimento pelos inestimaveis serviços por elles prestados á arte e á archeologia.

Esta segunda proposta foi egualmente approvada por unanimidade.

Em seguida o sr. Visconde da Torre da Murta leu o relatorio do Conselho Facultativo, relativo ao anno de 1902, leitura que os

socios presentes receberam com applausos, resolvendo-se que, como é costume, seja publicado no *Boletim*.

Procedeu-se á votação da proposta, para socios correspondentes, dos srs.:

Dr. Antonio José da Silva Corrêa Simões, Reitor do Lyceu Nacional Central de Braga;

Dr. Francisco José de Faria, professor do mesmo Lyceu;

Padre José Martins Barreto Junior, idem;

Padre José do Egypto Vieira, abbade de S. João do Souto na cidade de Braga;

sendo approvada por unanimidade.

O sr. Mena Junior propoz um voto de congratulação pela nomeação recente do sr. Gabriel Pereira para o cargo de Inspector das Bibliothecas e Archivos, tecendo rasgados elogios áquelle consocio. Este voto foi approvado por acclamação.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram 10 horas da noite.

O Vice-Secretario

Victor Ribeiro

Propostas N.os 1 e 2

a que se refere a acta da sessão de 30 de dezembro e considerações que as antecedem e justificam.

Tendo-se realizado no norte do paiz, especialmente na velusta e historica cidade de Coimbra, factos do mais subido valor para a historia da Archeologia Nacional, sem que a elles, no seio da Real Associação dos Architectos e Archeologos se tenha feito a menor referencia, desejo chamar a attenção dos meus consocios sobre esses acontecimentos, conscio de que esta corporação scientifica deve, na qualidade de primeira representante da sciencia archeologica em Portugal, mostrar-se sempre incansavel em promover, proteger e applaudir todos os emprehendimentos tendentes ao progresso das artes e da archeologia patrias.

Convencido da obrigação moral que impende sobre esta Associação de compartilhar do jubilo que estes factos concitaram, pela importancia magna que elles representam na nossa limitada vida artistica, referir-me-hei, primeiro que tudo, á restauração da Sé Velha de Coimbra, esse veneravel monumento do velho Portugal.

Encontraram-se em face d'aquelle inapreciavel thesouro das artes medievicas e quinhentistas os representantes dos antigos tres estados. Extasiaram-se perante o incomparavel monumento uma Rainha, um Bispo e um Artista. E estas tres personagens, todas illustres, todas patriotas e todas artistas, combinaram espontaneamente levar a effeito as obras necessarias para a restauração d'aquelle sacrosanto monumento. Do grande artista, com que se orgulha a cidade do Mondego, o sr. Antonio Augusto Gonçalves, partiu a iniciativa. O muito amor que tem á sua terra natal e á velha arte portugueza, que elle tanto honra e perpetua com o seu incomparavel talento de artista, levou-o a propugnar por todos os

modos pela tarefa ardua e improba da restauração do Templo. Ouviu-o o rev. Bispo Conde, outro benemerito, a quem a archeologia religiosa e artistica tanto devem. Patrocinou a empresa a nossa egregia Rainha, sempre prompta a proteger a arte nacional.

Restabeleceu-se solemnemente o culto na velha egreja por occasião das festas da Rainha Santa, em julho ultimo. Poude então ser por todos admirado o penosissimo e aturado trabalho do restaurador. Foi o sr. Antonio Augusto Gonçalves quem, com a sua tenacidade, intelligencia e tacto artistico, soube restabelecer, sem quebra do estylo, com a maior propriedade e rigor historico, pedra a pedra, o velhissimo edificio, de cujas cantarias carcomidas pelo tempo haviam desapparecido as formosissimas esculpturas da sua primitiva traça.

O rev. Bispo Conde promoveu tenazmente a obra patrocinando o artista; os ministros das obras publicas souberam continuar o emprehendimento, cuja iniciativa, por parte do governo, veiu de outro eminente e illustre patriota, ao qual cabem parte dos nossos louvores, o sr. Conselheiro Dr. Bernardino Machado.

Dos outros ministros que enveredaram pela mesma senda, não devem esquecer-se, antes lembrar com o mais rasgado elogio, os enormes serviços prestados pelo sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, nosso digno Presidente, não só auxiliando e protegendo as obras, como tambem facilitando a installação e organização do Museu Archeologico do Instituto e providenciando á urgente reparação do claustro do antigo mosteiro de Cellas, ao qual me referirei de novo.

S. M. a Rainha, tão agradada da obra, como já se mostrára affeiçoada á cidade, offertando-lhe a nova e formosa imagem da Rainha Santa, obra de Teixeira Lopes, chegou a offerecer avultadas quantias do seu bolso para a conclusão dos trabalhos.

Tive eu a felicidade de assistir a essa memoravel festividade, e de vêr toda Coimbra e todo o paiz jubilosos pela restauração de um dos mais formosos edificios de Portugal e de toda a Peninsula.

Lamentei que a Real Associação dos Architectos e Archeologos não se tivesse podido fazer representar officialmente nesse acto, por certo um dos que ficarão mais celebres na historia moderna da archeologia portugueza.

Entendo porém que nos cumpre, embora um pouco tarde,

congratular-nos com os promotores e protectores d'aquelles trabalhos pela feliz conclusão das obras, mostrando assim quanto nos é sensivel e grato o conhecimento de facto tão notavel. Demais ao artista que os dirigiu, não devemos sómente a restauração de que falei. Pode dizer-se que muitos dos numerosos monumentos e edificios da antiga cidade do Mondego e dos seus arrabaldes, teem sentido a benefica influencia protectora e conservadora do illustre artista.

Deve-se-lhe a superior direcção e orientação artistica da eschola industrial *Avellar Brotero*, da proficiencia de cujo ensino bastará dizer, que conta entre os seus numerosos e distinctos discipulos ess'outro artista de raça o sr. Costa Motta, auctor de tantas maravilhas.

Deve-lhe muito o museu archeologico do Instituto, esse repositorio riquissimo de preciosas collecções, onde avultam os mosaicos e outras antiguidades romanas do antigo castro de Condeixa-a Velha e grandes e variadas collecções de objectos de archeologia historica, de indumentaria, de ceramica antiga e regional. Todas estas preciosidades foram, como é sabido, colligidas e estudadas pelo sabio dr. Joaquim Martins, e na sua catalogação tem assiduamente collaborado o sr. Antonio Augusto Gonçalves. Ainda neste ponto é agradavel lembrar que aquella inapreciavel collecção de antiguidades romanas de Condeixa foi trazida com grande trabalho para o museu a expensas de S. M. a Rainha.

Deve-se ainda ao mesmo artista o impulso para a realização de muitas outras obras projectadas, entre ellas a da restauração do famoso convento de Santa Clara-o-Novo.

Quanto ao formosissimo claustro do antiquissimo convento de Cellas, cuja ruina era imminente, ameaçando soterrar tão preciosas reliquias da arte medieval, a restauração deve-se como disse, ás providentes medidas do sr. conselheiro Augusto José da Cunha e á direcção technica do sr. engenheiro João Theophilo da Costa Goes, modesto e intelligente director d'aquellas obras, como me informa o nosso illustre e prestimoso consocio sr. Mendes Guerreiro; assim se evitou a catastrophe e se salvou aquella veneranda reliquia coeva de D. Diniz.

Quanto aos relevantes serviços prestados pelo sr. Bispo Conde, pelos quaes recebeu fervorosos agradecimentos do povo da sua

diocese, devo ainda referir a creação, por iniciativa d'aquelle benemerito prelado, do riquissimo e bem installado museu de alfaias religiosas, paramentos, imagens, etc., no edificio junto á Sé Nova, e no qual se conteem, alem de muitas outras preciosidades artisticas, algumas das joias da Rainha Santa, descriptas pelo sr. dr. Ribeiro de Vasconcellos no seu magnifico estudo *D. Isabel de Aragão.*

Por todo o exposto eu entendo dever submetter á apreciação da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes as duas seguintes propostas:

1.ª Proposta

A Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes cumpre o mais agradavel dever, resolvendo endereçar a S. M. a Rainha uma mensagem de agradecimento, demonstrando, assim tomar parte no reconhecimento do paiz pelo interesse e valiosos auxilios que S. M. Se Tem Dignado Dispensar em beneficio dos progressos da arte e da archeologia nacionaes.

2.ª Proposta

A Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, reconhecendo os inapreciaveis serviços prestados á archeologia nacional e á arte portugueza, pela restauração da Sé Velha de Coimbra e de outros monumentos notaveis da formosa cidade do Mondego, bem como pela organização dos seus importantes museus, trabalhos scientificos e artisticos que se devem não só á superior protecção de S. M. a Rainha, como ás intelligentes e patrioticas providencias tomadas por illustres Ministros das Obras Publicas, ás diligencias do sr. Bispo Conde e finalmente á direcção technica e artistica do sr. Antonio Augusto Gonçalves, director da Eschola Brotero, e do sr. Costa Goes, engenheiro das referidas obras;

E, desejando patentear quanto interesse e carinhosa attenção lhe merecem todos os factos, que como os alludidos se filiam na utilissima corrente da restauração e conservação dos monumentos archeologicos do nosso paiz, e como pretende acompanhal-os sempre com o seu applauso e incitamento;

Resolve enviar em officios aos srs. rev. Bispo Conde, Antonio Augusto Gonçalves e João Theophilo da Costa Goes, os seus votos de congratulação e reconhecimento pela inestimavel dedicação, patriotismo e rara competencia, que nesses trabalhos evidenciarám.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1902.

O Socio effectivo

Victor Ribeiro

Senhora

A Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, em Assembléa Geral de 30 de Dezembro ultimo, resolveu por unanimidade endereçar a V. M. esta mensagem em que consigna gostosamente os seus votos de congratulação para com V. M. em reconhecimento dos inapreciaveis beneficios e valiosos auxilios que V. M. se tem dignado conceder a obras e trabalhos da mais alta valia tendentes á restauração artistica de monumentos preciosos taes como o da Sé Velha de Coimbra, e á conservação de inestimaveis reliquias archeologicas, como os restos do castro romano de Condeixa. Esta Associação, a quem pertence a prioridade da legitima representação da Archeologia Portugueza, vem por este modo tributar a V. M. os seus fervorosos agradecimentos pela Regia Protecção por V. M. dispensada aos progressos da arte e da archeologia nacionaes.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1903

O Presidente

Augusto José da Cunha

Os Secretarios

Antonio Cesar Mena Junior

Eduardo Augusto da Rocha Dias

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Foi presente ao Conselho Facultativo a inclusa proposta do socio effectivo sr. Victor Ribeiro, relativamente á commemoração do IV centenario do nascimento de Damião de Góes, em fevereiro proximo, proposta que o mesmo Conselho resolveu approvar em principio e, em vista da urgencia do tempo, deliberou encarregar a Secção de Archeologia, a que V. Ex.ª muito dignamente preside, da execução dos alvitres n'ella indicados.

Deus Guarde a V. Ex.ª. Museu do Carmo, Sala das Sessões do Conselho Facultativo, 12 de Janeiro de 1902.

Ill.^{mo} e Ex^{mo} Sr. Gabriel Pereira, Dignissimo Presidente da Secção de Archeologia.

O Secretario

Eduardo A. da Rocha Dias

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Não podendo comparecer á sessão de hoje e julgando importante e urgente o assumpto com que desejaria occupar uma parte do tempo dessa reunião, resolvi escrever a V. Ex.ª para lhe pedir a fineza de apresentar aos nossos mui dignos consocios o seguinte:

Como é sabido vai realisar-se em fevereiro proximo o IV Centenario do nascimento de Damião de Goes. Ignoro se a

Associação dos Archeologos já tomou qualquer deliberação ácerca da forma por que, não pode nem deve deixar de se associar áquella grande commemoração civica e historica. Por isso, o meu intuito é apenas recordar o facto, quer seja para o trazer de novo á discussão e se activarem quaesquer diligencias precisas para o cumprimento de anteriores deliberações, quer seja para se iniciar o movimento attinente á resolução da maneira por que á nossa Associação cumpre satisfazer pela parte que lhe toca, a divida sagrada para com o illustre chronista, propugnador do culto e desenvolvimento das artes em Portugal, e auctor da *Descripção de Lisboa* que tanto alevantou o bom nome portuguez nas Côrtes Européas do seculo XVI.

Julgo prolixidade encarecer o homem e fundamentar o assumpto. Se presente estivesse e este objecto fôsse admittido a discussão proporia, sem quebra do que por ventura esteja resolvido, os seguintes alvitres:

1.º Representação da Sociedade por delegados especiaes em todas as festividades e celebrações, aggregando-se lhe sempre que possivel fôsse quantos socios puderem comparecer.

2.º A publicação de um numero do nosso Boletim, especialmente consagrado á memoria do chronista. Para a collaboração deste numero deveriam ser convidados de preferencia, dentre os nossos consocios, aquelles que mais se tem salientado pelos seus estudos e investigações nos archivos e tombos do reino, porque delles ha a esperar noticias inéditas e interessantes. Lembraria os nomes dos srs. Visconde de Castilho, dr. Sousa Viterbo, Guilherme Henriques (da Carnota), General Brito Rebello, Anselmo Braamcamp Freire, Gabriel Pereira, etc., alem de todos os outros consocios e publicistas de quem a associação poderia sollicitar auxilio.

Neste numero conviria não só tratar de quanto respeite ao homem illustre que se pretende consagrar, mas tambem, no campo especial dos nossos estudos, descrever os antiquissimos monumentos de Alemquer, especialmente a egreja da Varzea, onde está sepultado Damião de Goes. Consta que alli se fizeram obras importantes. Pode a Associação pedir ao encarregado superior que as dirigiu, informações, noticias archeologicas e artisticas acerca do monumento e das reparações que se lhe fizeram, com as quaes

se constituiria um dos mais interessantes artigos daquelle numero especial.

Repetindo: — Com este officio e alvitres só pretendo lembrar aos meus dignos consocios a commemoração e sua proximidade. Por esta ou por qualquer outra fórma entendo dever nosso moral, scientifico e civico, associar-nos a ella.

Rogando a V. Ex.ª e aos meus consocios me relevem a ausencia forçada e o tempo tomado com este meu pedido, subscrevo-me

com a maxima consideração
de V. Ex.ª e de todos
consocio admirador e respeitoso

Victor Ribeiro

Lisboa 29 de Dezembro de 1901

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Por ter estado ausente desta cidade, só hoje, do que peço muita desculpa, posso ter a honra de agradecer a V Ex.ª a participação que se dignou fazer-me de que a Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a que V. Ex.ª tão dignamente preside, resolvera na sua Assembléa Geral de 30 de Dezembro ultimo consignar-me na acta um voto de congratulação e reconhecimento, a que V. Ex.ª se associára, pelo Museu de Alfaias religiosas por mim fundado na Sé Nova desta cidade.

E' muito pouco o que fiz para merecer este grande premio e galardão que me lisongeia e confunde tanto mais quanto vem dos mais altos e mais dignos representantes da antiga arte portugueza.

Farei sempre muito por não o desmerecer e por acompanhar, quanto em minhas poucas forças couber, o empenho de tão benemerita e patriotica Associação pelo resurgimento e amor das glorias artisticas da nossa patria.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Coimbra, 19 de Janeiro de 1903.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos.

Manuel, Bispo Conde

Ill.mo e Ex.mo Sr.

O louvor que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes se dignou manifestar-me pela modesta cooperação que prestei aos trabalhos de restauração da Sé Velha de Coimbra, representa um acto de generosa deferencia que muito me honra e conservarei no devido apreço.

Mas pelo que, acima de tudo, me interessa e commove, é porque o officio de V. Ex.ª, exaltando o esforço e a iniciativa gloriosa d'um bispo illustre, merecendo a sancção e o applauso d'uma corporação tão respeitavel pela sua auctoridade e elevado prestigio, servirá por certo de nobre exemplo ao episcopado portuguez, para despertar estimulos que, posto que tardios, poderão ser ainda de beneficos effeitos á fecundação artistica da alma nacional.

Rogo a V. Ex.ª, Sr. Presidente, se sirva acceitar e transmittir a expressão do meu reconhecimento e a affirmação do meu mais profundo respeito.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Coimbra, 26 de Janeiro de 1903

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

A. Augusto Gonçalves

Circular do Ministro do Reino Mousinho de Albuquerque a respeito dos Monumentos Nacionaes

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Sua Magestade a Rainha houve por bem encarregar-me de convidar a Academia Real das Sciencias de Lisboa a formar uma relação de todos os edificios pertencentes ás extinctas ordens regulares, e hoje encorporados nos bens da Nação, que se fazem notaveis pela epocha da sua fundação, factos historicos com que tem intima relação, monumentos funebres, ou reliquias de homens celebres que encerram, ou finalmente pela sua architectura, e por qualquer d'estes motivos se tornam dignos de ser conservados, e entretidos por conta do governo como monumentos publicos; enviando successivamente as relações motivadas e illustradas, que assim for formando, e que serão, quanto possivel, organisadas por provincias, a fim de que se possa sobreestar a tempo na venda, alienação, ou desorganisação destes objectos de interesse nacional. Sua Magestade confia que a Academia Real das Sciencias, a que V. Ex.ª fará saber este convite, acquiescerá a elle com todo o zelo, e interesse, que de uma Corporação Scientifica e Litteraria reclama um semelhante objecto.

Deus guarde a V. Ex.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 19 de Fevereiro de 1836.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato

Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque.

As inscripções de Diu — Continua a obra do sr. Rivára — Uma portaria valiosa — A commissão archeologica

Diu, 16, dezembro 1902. — Para a sciencia de todos quantos se interessam por cousas de archeologia, damos hoje a copia da portaria districtal, n.º 43, de 2 do corrente mez, que o governo local fez circular largamente pelo districto. Entre as medidas de providencia governativa que teem vindo ultimamente impulsionando este districto, a portaria de 2 de dezembro merece certamente um logar de honra. Quantas pedras por ahi abandonadas! quantos monumentos patrios, sublimes padrões da nossa gloria, em caminho do Nada! A honra nacional, mais que o interesse historico, ha muito reclamava a creação dum muzeu archeologico em Diu, modesto embora, mas cuidadosamente conservado. As inscripções de Diu, para o mundo culto, são como o evangelho do Amor da Patria, proclamando bem alto, por direito de civilisação, a tradicional grandeza da nossa raça. Subsidio valiosissimo e importante para o estudo e reconstituição da historia dos portuguezes em Diu, essas inscripções foram primeiro transladadas das proprias pelo saudoso e erudito Cunha Rivára, em 1859, e publicadas nos «Boletins do Governo» deste Estado, n.ºs 73 a 86 de 1865 D'então para hoje, muitas dellas se tornaram illegiveis pela acção bruta do tempo, algumas desappareceram dos seus logares, outras foram deslocadas, novas lapides teem sido descobertas e varias modernas se teem collocado. Reunil-as todas, coordenal-as methodicamente e estudal-as devidamente, representa pois o trabalho a que dedicar-se a commissão nomeada pelo digno e illustre governador do districto.

«Governo do districto de Diu. — Portaria n.º 63 — Tenho observado o abandono a que de longa data teem sido votadas as inscripções em pedra existentes em edificios que outr'ora pertenceram ao Estado, o que, sobre representar incuria lastimavel, póde revelar falsa noção de patriotismo, que cumpre não deixar passar como verdade; sendo frequente encontrar-se lapides historicas servindo de amparo á taludes lateraes de caminhos recentemente construidos e tirados dos escombros dos antigos templos e baluartes que defendiam a Praça de Diu e seus postos militares, ao longo das duas costas da ilha; — Encontrando-se ultimamente em excavações a que se tem procedido na capital d'este districto, algumas lapides tumulares do seculo XVII, que evocam recordações de tempos registados como dos mais gloriosos da nossa historia patria, e a cuja conservação cumpre attender com o mais religioso acatamento, evitando que a pouco e pouco desappareçam por entre as pedras vendidas para edificações particulares dos gentios, e para o fundeamento de redes dos «machins» que as preferem em virtude do seu maior peso e rija consistencia. — Devendo evitar-se a continuação da indifferença a que por tantos annos parece ter sido votada a conservação de fontes tão apreciadas no mundo culto para a reconstituição do passado: — Sabendo-se que a historia de Diu, pelas heroicidades aqui commettidas pelos nossos antepassados, é um repositorio brilhantissimo em que se evidencia á intensa luz de factos incontroversos, todo o valor e toda a energia da antiga e viril raça portugueza, e por isso todos os objectos, todas as reliquias que a relembrem, constituem verdadeiras paginas d'essa biblia que todo o portuguez deve admirar e respeitar, evitando que a acção damninha do tempo ou a ignorancia dos homens a destruam: — Hei por conveniente determinar o seguinte:

«1.º — É nomeada uma commissão, com o caracter de permanente, á qual cumpre fazer reunir todas as lapides, brazões d'armas nacionaes ou particulares, columnas, estatuas, inscripções em pedra, etc., que não estejam collocados nos seus primitivos logares, ou existam dispersos em casas particulares, pagodes, templos gentios, etc., e composta do dr. João Xavier d'Andrade, presidente da commissão municipal (presidente), Albano Francisco

Xavier de Sá, escrivão de fazenda, e João Jeronymo Lobo de Quadros, sub-delegado do procurador da corôa (secretario);

« 2.° — Todos esses objectos, verdadeiros monumentos archeologicos, serão collocados e convenientemente conservados em uma das salas dos Paços do Municipio de Diu, que a actual vereação, de accordo com o governador, destinar para esse util e patriotico fim;

« 3.° — Para essa sala serão transferidas as lapides e brazões de armas existentes no deposito da secção d'obras publicas do districto, e que se encontram dispersos pelas ruinas do Castello, dos antigos templos e dos baluartes, facilitando o governo este serviço;

« 4.° — A commissão nomeada pedirá ao governo do districto todas as providencias de que careça para realisar os seus fins, incutindo nos habitantes do districto o estimulo para a realisação da sua honrosa missão, por forma a obter em seu auxilio a congregação dos esforços de todos e a boa vontade de particulares que possuam em suas propriedades quaesquer reliquias do nosso gloriosissimo passado em Diu e a quem deve solicitar a sua cedencia para o pequeno museu archeologico, aonde piedosa e methodicamente serão conservados;

« 5.° — Installada a commissão deve lavrar a competente acta da sua 1.ª sessão em livro especial, cujo termo de abertura se fará na secretaria do governo districtal, e aonde ficarão transcriptas as actas das suas subsequentes reuniões;

« 6.° — Além do livro de actas, possuirá a commissão outros que julgue precisos, nomeadamente um para o registo de correspondencia, e outro em que se mencione a proveniencia de todos os objectos adquiridos pela commissão para o referido museu archeologico, ou dos offerecidos pelo governo local ou por particulares, e aonde fiquem consignados todos os dados historicos que se liguem a esses objectos e possam vir ao conhecimento da commissão, por fórma a constituir um pequeno catalogo do museu. Esses livros serão fornecidos pelo governo districtal;

« 7.° — A' responsabilidade do secretario da commissão, ficarão a guarda e a conservação do museu e seus pertences;

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e execução desta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo de Diu, 2 de dezembro de 1902.

O governador

(a) *João Herculano de Moura*

Traremos ao conhecimento dos nossos leitores, opportunamente, o resultado dos trabalhos que se effectuarem.

D. d'Anaya

(*Diario de Noticias* n.° 13328, supplemento)

Noticia da fundação da freguezia de Santa Izabel

«Todo aquelle territorio, que fica situado desde o limite, onde agora (1754) é a fabrica da seda até á ribeira de Alcantara, se chamava antigamente Campolide, nome, que conservou por mais de 300 annos desde o tempo, em que n'elle esteve acampado El-Rei de Castella D. João I quando no anno de 1384 veiu sitiar Lisboa, que valorosamente defenderam os portuguezes commandados pelo Mestre de Aviz, aquelle sempre bem afortunado e ditoso Principe, que por suas raras virtudes, e heroico valor se fez merecedor de que os mesmos portuguezes no anno seguinte o acclamassem Rei de Portugal, D. João o I do nome. Como n'aquelle campo, em quanto durou o sitio, houve entre uns e outros contendores muitos encontros e escaramuças, (a que n'aquelle tempo chamavam lides) se ficou chamando d'alli em diante a todo este territorio Campolide, cujo nome hoje conserva sómente n'aquella parte, que fica desde a ribeira de Alcantara até á quinta de S. João dos Bem Casados, e d'alli até a fabrica da seda se chama do Rato, nome, que se lhe derivou da alcunha de um fidalgo, que sendo senhor daquelle sitio, fundou n'elle um convento, que muitos annos esteve deserto, salvo quando serviu

de hospital aos soldados inglezes, que no anno de 1704 passaram a este reino em companhia do Archiduque Carlos, que se intitulou rei de Castella, Carlos III do nome, cuja posse não chegou a lograr; mas por morte de seu irmão o Imperador José lhe succedeu no Imperio, e foi Carlos VI do nome Imperador de Allemanha. Retirados os inglezes, ficou o convento deserto, como tambem o era todo aquelle territorio, porque fóra da quinta de S. João, apenas se via n'elle algum casal, até que no anno de 1722 vieram povoar o dito convento as freiras, que hoje o habitam, Trinas Calçadas; e ainda que lhe impozeram o titulo de Nossa Senhora do Remedio de Campolide, é menos conhecido por este nome do que pelo do Rato, de que vulgarmente se chama, derivado do seu fundador. Depois do referido anno de 1722 se foi povoando em varias partes aquelle territorio, onde tambem se edificou depois a Real Fabrica da Seda, a que se deu principio pelos annos de 1730. Vendo-se crescer em numero os moradores d'aquelle districto, entraram na pretensão de crear n'elle uma nova freguezia; e como esta se havia de compor das partes que se haviam de tirar das freguezias de S. Sebastião da Pedreira, Santa Catharina, e de Santos, os parochos d'estas se oppozeram á pretensão d'aquelles moradores, impugnando fortemente a creação da nova parochia ou freguezia, não querendo consentir, se desannexassem do seu rebanho aquellas ovelhas, sem attenderem ao grande descommodo, que lhes causava o ficarem tão longe de suas parochias. Porém considerando o Em.^mo Senhor Cardeal Patriarcha D. Thomaz de Almeida a justa pretensão d'aquelles moradores, mandou de seu motu proprio crear no sitio do Rato a nova freguezia de Santa Izabel rainha de Portugal, decretando para a sua erecção o dia 15 de março de 1741, em que teve principio a administração dos Sacramentos para os freguezes d'aquella nova parochia estabelecida em uma Ermida, que poucos annos antes havia alli mandado fazer Ambrosio Lopes, que ainda n'este anno de 1754 a serve do mesmo ministerio e servirá até que seja acabada a nova Igreja, que alli perto se está edificando.

O circuito d'esta freguezia principia do convento do Noviciado da Companhia até o sitio chamado Moinho do vento, e d'alli pelas terras da Cotovia vae dar á rua nova de S. Bento defronte da porta do carro, e pela mesma rua abaixo chegando

ao canto da horta, que fica defronte do convento, volta pela calçada acima e por entre os muros chega até á Estrella, e d'alli ao longo do muro da quinta de D. João vae á cruz de Buenos Ares, e d'alli em direitura ao canto da terra dos Padres das Necessidades, vae descahir á horta na via na ribeira de Alcantara, e pela corrente d'esta acima por uma e outra parte chega pouco mais acima dos arcos das aguas livres, e por junto do chafariz de Campolide continua por aquelle monte acima até o mais alto d'elle, e descaindo por val de Pereiro, vem a fechar no muro da cerca da casa do mesmo Noviciado da Companhia no cimo da rua do Salitre. Este é todo o territorio, que comprehende esta freguezia, em que actualmente se vão fabricando de novo muitas e nobres casas, com que d'aqui a poucos annos será uma das mais opulentas de Lisboa.

V. *Supplemento ao Summario das noticias de Lisboa* por Manuel da Conceição, Pag. 133 a 136 do mesmo *Summario* por Christovão Rodrigues de Oliveira. (1551) 2.ª edição. (1755.)

Limite das freguezias de Santa Engracia e S. Bartholomeu do Beato de Lisboa, na Calçada da Cruz da Pedra.

(*Continuação do numero antecedente*)

Depois do Terremoto de 1755 perdeu uma grande parte do seu territorio, porque a freguezia de S. Bartholomeu do Beato, que existia no centro da cidade, passou para onde está actualmente á custa do territorio de Santa Engracia, de modo que póde dizer-se com bom fundamento, que a actual freguezia de S. Bartholomeu do Beato é filha da freguezia de Santa Engracia.

Bastava a condição de filha para não vir reclamar da mãe, e reclamar, o que não lhe pertence; a mãe é que deve reclamar da filha, como ao deante veremos.

Pelas investigações historicas e archeologicas, a que procedemos, sabemos que as primeiras portas da cidade denominadas — *Portas da Cruz da Pedra* — faziam parte da muralha mandada construir por El-Rei D. Fernando I, e ficavam situadas ao cimo da actual — *Rua do Museu d'Artilheria* — junto ao palacio, que ainda alli existe, denominado — *Palacio do Secretario da Guerra* — porque alli morou muitos annos o ministro da guerra (1)

(1) Vide — *Resoluções do conselho d'estado* — por José Silvestre Ribeiro — tomo 3.º

Essas portas foram demolidas, afim de poder passar a estatua equestre de D. José I.

No referido palacio encontra-se mettida na parede, que deita para a Calçada do Cascão, uma inscripção, que estava collocada sobre as portas, uma d'aquellas que El-Rei D. João IV mandou collocar sobre as portas da cidade commemorativas da crença de Portugal na immaculada Conceição de Nossa Senhora.

Mais tarde, ignoramos o anno, as portas da — *Cruz da Pedra* — passaram para junto do convento das freiras de Santa Apolonia, em cuja egreja está hoje a Cooperativa da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e antigo edificio da Fabrica da Polvora, hoje residencia do conhecido empregado reformado da mesma Companhia o sr. Miguel Queriol, e d'ahi vem a origem de — *Portas da Cruz da Pedra*, ou de *Santa Apolonia.*

Mais tarde, entre 1835 e 1837, as *Portas da Cruz da Pedra*, ou de *Santa Apolonia*, passaram para o fundo da travessa das Lages, hoje calçada das Lages, e pelos annos de 1845 a 1850, segundo se deprehende da Portaria de 8 de Setembro de 1851, que mandou ampliar a nova estrada da circumvallação da cidade nos dois pontos mais defeituosos — Campolide e Cruz da Pedra passaram para onde estão actualmente, isto é, mais cento e setenta metros alem da Calçada das Lages (1).

Não ha duvida de que todo o terreno, que vae da calçada das Lages até ás actuaes portas da *Cruz da Pedra* ou de *Santa Apolonia*, pertencia á freguezia de S. Bartholomeu do Beato, antes da nova circumvallação; mas, quando se mudaram as portas, houve uma ampliação do territorio da freguezia de Santa Engracia tanto civil como ecclesiastica, e uma diminuição do territorio da freguezia de S. Bartholomeu do Beato, tanto civil como ecclesiastica.

O Governo de Sua Magestade está auctorisado pela Santa Sé desde 1840 a proceder á divisão, união e suppressão das freguezias do continente e ilhas adjacentes, havendo para os effeitos ecclesiasticos a devida concorrencia e accordo das respectivas auctoridades superiores da egreja (2).

---

(1) Em 1901 foram demolidas para darem passagem aos carros electricos.

(2) Vide — *Elementos de Direito Ecclesiastico Portuguez* — pelo Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro — 3.ª edição, pag. 185.

Quando mudou as portas por causa da nova circumvallação considerou aquelle territorio (cento setenta metros em linha recta) pertencente á freguezia de Santa Engracia para todos os effeitos civis e ecclesiasticos.

Assim tem procedido sempre com todas as freguezias; á circumscripção civil corresponde logo a ecclesiastica e vice-versa.

Assim succedeu para todos os effeitos civis emquanto ao novo territorio tirado á freguezia de S. Bartholomeu do Beato, e para os effeitos ecclesiasticos não succedeu em parte o mesmo por tolerancia, ou melhor por falta de conhecimento do governo de Sua Magestade, e de reclamações do prior e da junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia.

Todo o terreno, que vae da calçada das Lages até ás portas, pertencia ao tempo da mudança das portas ao Conde de S. Vicente, amigo do Em.^mo^ e Rev.^mo^ Cardeal Patriarcha D. Guilherme I, e ali tinha o seu palacio com capella, quinta, etc. e ali residia.

Para não se ver obrigado a pertencer a Irmandades da freguezia de Santa Engracia, Junta de Parochia, e por outros motivos particulares desejou continuar a pertencer á freguezia de S. Bartholomeu do Beato, e Sua Eminencia, segundo consta pela tradição, fez-lhe a vontade, os priores e as Juntas de Parochia não reclamaram, sem duvida por deferencia ás pessoas do Conde e Em.^mo^ Patriarcha.

Não succedeu, porém, assim com o terreno fronteiro; ficou pertencendo á freguezia de Santa Engracia para todos os effeitos.

O actual prior Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, quando em 9 de janeiro de 1890 tomou posse da freguezia, procurou conhecer os limites da mesma, todas as ruas, travessas, e becos, ordem da numeração das portas, etc., encontrou a anomalia, que existe de facto com relação á calçada da Cruz da Pedra, examinou os principaes roteiros de Lisboa, e viu que todos consideram a calçada da Cruz da Pedra pertencente sómente á freguezia de Santa Engracia. (1).

---

(1) *Manual Descriptivo de Lisboa e Porto* por João Ignacio Crispiniano Chianca, vol. 1.° pag. 415, e *Guia de Portugal* por F. J. d'Almeida, part. 1.ª pag. 10; *Roteiro das Ruas de Lisboa* por Eduardo Pereira Queiroz Velloso, pag. 82; *Mappa das Ruas de Lisboa*, pag. 36; *Annuarios Commerciaes*, etc. etc.; *Inspecção do serviço do imposto de licença para estabelecimentos em 1887 e 1893* por José Joaquim Gomes de Brito, 2.ª serie, Lisboa 1895.

Não querendo levantar conflictos com o seu collega Padre José Joaquim Marques de Oliveira, de saudosa memoria, nunca exerceu actos de jurisdicção ecclesiastica no terreno, que pertenceu ao Conde de S. Vicente; tem, porém, exercido sempre jurisdicção no terreno fronteiro.

Tem baptisado, casado, acompanhado á sepultura alguns moradores do posto fiscal, e de tres ou quatro pequenos predios, que alli existem, levou por diversas vezes o Sagrado Viatico a uma entrevada, que morava no numero nove; tem passado attestados de comportamento, pobreza, etc., dos mesmos moradores, os quaes procuram a egreja parochial de Santa Engracia para cumprirem os preceitos religiosos; não procuram a egreja parochial de S. Bartholomeu do Beato, não só porque não se consideram parochianos de S. Bartholomeu do Beato, mas tambem porque fica muito distante.

No terreno pertencente ao Conde de S. Vicente havia numeros pares e impares; para evitar confusões e conflictos com o seu collega prior de S. Bartholomeu do Beato, officiou o mesmo referido prior Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos ao Ex.mo Sr. Presidente da Camara Municipal em 14 de maio de 1895 a pedir nova numeração na Calçada da Cruz da Pedra.

Foi attendido o seu pedido; os numeros 2 a 22 (antigo terreno do Conde de S. Vicente) pertencem á freguezia de S. Bartholomeu do Beato, ainda que indevidamente; todos os restantes pertencem á freguezia de Santa Engracia.

A Junta de Parochia da freguezia de S. Bartholomeu do Beato, ou melhor o seu presidente, Reverendo Conego João Gonçalves Nunes Duarte, com o intuito de arredondar a sua freguezia, segundo disse ao presidente d'esta Junta, reclama para si o terreno fronteiro ao terreno do Conde de S. Vicente, mas ainda mais, segundo se deprehende da planta, que apresenta.

Devia tirar uma linha recta do fundo da antiga travessa das Lages, hoje Calçada, até ao Tejo; mas não se contenta com isso; a seu talante forma uma linha curva com o intuito de abraçar uns barracões pertencentes á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, onde só residem operarios, quasi todos parochianos de Santa Engracia, durante as horas de trabalho, e que tem porta d'entrada em frente do palacio do fallecido Presidente da Camara

Municipal, Fernando Palha, á esquina da travessa de Lazaro Leitão, territorio da freguezia de Santa Engracia!

Pelas investigações, a que procedemos, sabemos, que não existe nenhuma planta da cidade feita officialmente com o fim de marcar os limites das freguezias; foi pena que se não fizesse essa planta em 19 d'abril de 1780, quando se procedeu officialmente á nova divisão parochial de Lisboa; devia fazer parte integrante da lei; ter-se-hiam evitado muitas questões.

As plantas, que existem, mandadas fazer pela Camara Municipal, Ministerio das Obras Publicas, companhias, etc., não tem valor legal para o caso sujeito; foram feitas com fins muito diversos, embora uma ou outra por incidente possa trazer marcados os limites das freguezias, sem a precisão necessaria: não foram ouvidas as auctoridades ecclesiastica e civil.

Nada mais commodo se estas plantas servissem; cada qual a seu talante marcava n'ellas os seus limites, que lhe convinha, e depois servia-se d'ellas para justificar as suas pretensões ou arredondamentos!

Se o Governo de Sua Magestade não optar pelo *statu quo*, até se proceder a uma nova divisão parochial de Lisboa, e quizer d'accordo com a auctoridade ecclesiastica, que se cumpra na sua integra a lei de 18 d'abril de 1780, dando á freguezia de S. Bartholomeu do Beato para todos os effeitos civis e ecclesiasticos o pequeno pedaço de terreno, que vae da Calçada das Lages até ás portas *da Cruz da Pedra*, ou de *Santa Apolonia*, o que é uma anomalia, então a Junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia desde já pede que lhe seja dado o mercado de Santa Clara, o qual foi construido ainda não ha trinta annos em terreno pertencente á freguezia de Santa Engracia, segundo consta da mesma lei de 18 d'abril de 1780, sentença de 4 d'agosto de 1728 e dos Accordãos do Desembargo do Paço de 5 de fevereiro de 1729 e 7 de maio do mesmo anno (1).

O mercado de Santa Clara pertence de facto á freguezia de S. Vicente para todos os effeitos ecclesiasticos e civis, exce-

---

(1) Vide — Appendice a paginas.

ctuando emquanto ao pagamento dos impostos municipaes; metade pertence a S. Vicente e metade a Santa Engracia! ([1])

O prior e Junta de Parochia de Santa Engracia não teem reclamado o mercado de Santa Engracia para evitarem questões.

Se o Governo de Sua Magestade, porém, quizer manter a resolução que tomou, quando alterou a circumvallação da cidade, então deve considerar para todos os effeitos ecclesiasticos e civis territorio da freguezia de Santa Engracia não só o terreno que a Junta de Parochia da freguezia de S. Bartholomeu do Beato reclama para si, mas tambem o terreno que lhe fica fronteiro e pertenceu ao Conde de Vicente.

D'essa forma os limites ecclesiasticos da freguezia de Santa Engracia serão os mesmos que os limites civis; é o que mais convem á egreja e ao estado.

Não é curial, que uma fregaezia de fóra da circumvallação da cidade tenha jurisdicção ecclesiastica ou civil dentro da cidade.

Poderá dizer-se, que o mesmo succedia com a freguezia de S. Pedro em Alcantara, a qual tinha jurisdicção na cidade, tendo a sua séde fóra da mesma.

Esta anomalia acabou; hoje a freguezia de S. Pedro em Alcantara está toda dentro da cidade; as tres restantes freguezias que teem jurisdicção dentro da cidade são Santa Isabel, S. Sebastião da Pedreira e S. Jorge d'Arroyos, mas essas teem a sua séde dentro da cidade.

A Junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia, terminando a sua representação, de novo declara, que confia na justiça da sua causa e rectidão de V. Ex.ª e do Governo de Sua Magestade, e espera que lhe seja feita justiça.

Lisboa, Sala das Sessões da Junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia, 26 d'Agosto de 1900. — O Presidente, *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos* — O Secretario, *João Francisco d'Oliveira* — O Thesoureiro, *Joaquim Rodrigues Gadanho* — Vogaes, *Marianno Joaquim da Costa Gonçalves*, *Francisco José Lavrador*.

([1]) Vide — *Inspecção ao serviço do Imposto de licenças para estabelecimentos em 1887 e 1893*, por José Joaquim Gomes de Brito — 1.ª serie pag, 33, Lisboa 1895.

Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro Governador Civil do Districto de Lisboa.

A Junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia de Lisboa, tendo procedido a mais demoradas investigações ácerca dos limites da freguezia, chegou ao conhecimento de que:

1.º Os proprietarios e moradores dos predios da Calçada da Cruz da Pedra, que a Junta de Parochia da freguezia de S. Bartholomeu do Beato considera pertencerem áquella freguezia, e não a esta de Santa Engracia, não pagam congrua ao Rev. Prior do Beato; se pertencessem áquella freguezia, deviam pagar congrua.

O mesmo succede com os proprietarios e moradores dos predios fronteiros, que pertencem indevidamente á freguezia de S. Bartholomeu do Beato na parte ecclesiastica.

2.º Examinando os livros do registo dos baptismos, casamentos, obitos, e os roes das desobrigas desde 1846 até hoje, reconheceu, que os moradores dos predios em litigio, e até mesmo algumas vezes os dos predios fronteiros, vieram á egreja parochial de Santa Engracia baptisar, casar, registar obitos, desobrigar-se, pedir attestados, etc.; tanto uns como outros não querem pertencer á freguezia de S. Bartholomeu do Beato; não será difficil apresentar documento comprovativo, se tanto for necessario.

A Junta está prompta a apresentar os livros e roes, a que se refere, a fim de serem examinados.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Lisboa, Sala das Sessões da Junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia, 12 de Janeiro de 1901. — O Presidente, *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos* — O Secretario, *João Francisco d'Oliveira* — O Thesoureiro, *Joaquim Rodrigues Gadanho* — Vogaes, *Marianno Joaquim da Costa Gonçalves*, *Francisco José Lavrador*.

(*Continua*)

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contin. do n.º antecedente)

Anno de 1895

Auctorisações para se poderem realisar varios melhoramentos municipaes. *Datas dos decretos.*

A' cam. mun. de Abrantes, para a reparação de um caminho e construcção de calçadas nas povoações de Rio de Moinhos e das Mouriscas; Setembro, 28; — cam. mun. do Alandroal, para obras do matadouro municipal; Novembro, 14; — cam. mun. de Alemquer, para obras de conservação dos paços de concelho e outros predios municipaes; Junho, 6; — cam. mun. da Chamusca, para obras de abastecimento de aguas; Julho, 27; — cam. mun. de Cintra, para diversas obras de saneamento d'aquella villa; Setembro, 28; — cam. mun. da Figueira da Foz, para obras de construcção dos paços do concelho; Outubro, 31; — cam. mun. de Lisboa, para alargamento da estrada do Lumiar; Setembro, 28; — cam. mun. de Mação, para obras de construcção dos paços do concelho; Janeiro, 10; — cam. mun. de Mondim de Basto, para conclusão das obras do abastecimento d'aguas e reparação dos caminhos vicinaes; Junho, 6; — cam. mun. de Paredes de Coura, para conclusão da escola do sexo feminino da freguezia de Ferreira e outras obras urgentes; Novembro, 7; — cam. mun. de Peniche, para obras de saneamento d'aquella villa; Julho, 13 — cam. mun. de Pinhel, para obras indispensaveis á hy-

giene e segurança da cadeia da séde da respectiva comarca; Outubro, 2; — cam. mun. de Povoa de Varzim, para alargamento da rua da Junqueira, d'aquella villa; Janeiro, 10; — cam. mun. do Sardoal, para abastecimento d'aguas em differentes povoações do concelho; Outubro, 11; — cam. mun. de Silves, para conclusão das obras dos paços do concelho: Agosto, 29. (Veja-se adiante *Expropriações, Obras publicas*).

Camara dos Dignos Pares. — O decreto de 25 de setembro deu nova constituição a esta camara e alterou e ampliou alguns artigos da Carta Constitucional e do acto addicional de 1852.

Conventos extinctos e outros edificios. *Datas dos decretos.*

Janeiro, 10: Concedeu-se, com certas clausulas, ao «Collegio dos Missionarios sacerdotes destinados ás missões de Angola», o uso da egreja do extincto convento de N. S.ª do Bom Despacho da Mão Poderosa, no logar da Formiga, conc. de Vallongo.

Janeiro, 24: Prorogou-se por um anno o praso marcado no decreto de 20 de Junho de 1894 para a cam. mun. de Caminha estabelecer o asylo de infancia desvalida no edificio do supprimido «convento de Santa Clara», d'aquella villa.

Fevereiro, 2: Concedeu-se provisoriamente á associação denominada «Montepio de Nossa Senhora das Dores da Marinha Grande» a casa chamada a «Estalagem Velha» para séde e installação da mesma sociedade.

Fevereiro, 28: Concedeu-se ao «Dispensario de creanças pobres» a parte do edificio e cerca do convento do Santissimo Sacramento em Alcantara; e á «Associação Protectora de Meninas pobres» a parte do edificio e cerca do mesmo convento, que já estava occupando, e a egreja e respectivas alfaias.

Fevereiro, 28: Concedeu-se provisoriamente á cam. mun. de Oliveira do Hospital o edificio e dependencias do supprimido «convento do Desaggravo» em Villa Pouca da Beira para estabelecimento de um hospital; á junta de parochia da freguezia de Villa Pouca da Beira a egreja d'aquelle convento para séde da mesma freguezia; — á misericordia da cidade da Horta o edificio, egreja e a parte da cerca do convento da Gloria que está em ruinas, para auxilio da construcção de um novo hospital.

Abril, 17: Idem, idem á junta de parochia de S. Salvador de Vairão, o uso da egreja com suas dependencias e pertences, excepto os côros, do supprimido «convento de Vairão», para séde da freguezia.

Junho, 2: Idem, idem á «Officina de S. José» da cidade do Funchal, a cerca do supprimido «convento da Encarnação» da mesma cidade, para exploração agricola, mediante certas clausulas.

Junho, 6: Idem, idem á junta de parochia de S. Pedro, da villa de Palmella, a capella de S. João Baptista, no sitio das Carregueiras, com todos os pertences e dependencias.

Junho, 20; Idem, idem á cam. mun. de Vianna do Castello certas parcellas da cerca do supprimido «convento das Ursulinas», e á misericordia e hospital d'aquella cidade o edificio, e uma parte da cerca do mesmo convento.

Junho, 13: Foi concedido ao Rev. Bispo de Lamego o edificio e cerca do «convento das Chagas» d'aquella cidade para ahi ser estabelecido, depois do fallecimento da ultima religiosa, o grande seminario diocesano.

Julho, 18: Concedeu-se provisoriamente á irmandade de S. Bento da Avé Maria, da cidade do Porto, uma parte do edificio do supprimido convento d'aquella invocação a fim de installar um «dispensario para creanças pobres.»

Julho, 27: Idem, idem á camara mun. de Lisboa uma parte do edificio do supprimido convento de Santa Joanna e uma parcella de terreno annexo á cerca para complemento do parque da Avenida da Liberdade.

Julho, 27: Concedeu-se á «Associação protectora das meninas pobres», com séde na cidade de Santarem, o edificio, cerca e dependencias do supprimido «convento de S. Domingos das Donas» para continuação do collegio de instrucção e educação de meninas pobres e porcionistas.

Outubro, 31: Concedeu-se com certas condições á administração do «Hospital de velhos entrevados de N. S.ª da Caridade» da cidade de Vianna do Castello, o edificio do supprimido «convento de Sant'Anna» da mesma cidade, com a egreja, alfaias e outras pertenças.

Outubro, 31: Auctorisou-se a misericordia da cidade da

Horta a entregar á camara municipal da mesma cidade o edificio do supprimido « convento da Gloria, » com egreja e cerca, recebendo em troca certos terrenos para construcção de um novo edificio do hospital.

Expropriações declaradas urgentes. *Datas dos decretos.*

Expropriação de tres propriedades para construcção de um edificio destinado ás « escolas de ensino primario » de um e de outro sexo na villa de Ponte de Lima (Janeiro, 31); — de diversas parcellas de terreno para reparação e alargamento do caminho municipal da povoação do Carvalho e Lordello, no concelho de Paços de Ferreira (Abril, 18;) — de um armazem e dois terrenos para abertura de uma rua em Camara de Lobos, (Junho, 6); — de uma adega para alargamento de uma rua em Reguengos de Monsaraz (Junho, 20); — de uns terrenos para alargamento da rua do Assucar, freguezia do Beato, conc. de Lisboa (Agosto, 1): — de um terreno para alinhamento da rua da Pena, freguezia de Massarellos, da cidade do Porto (Outubro, 11); — de um terreno para ligação da rua Serpa Pinto com o parque municipal da villa de Peso da Regoa (Outubro, 24); — de um terreno para construcção de uma praça destinada aos mercados e feiras da villa de Celorico de Basto (Outubro, 24).

Medalha da Rainha D. Amelia. — Foi instituida, por decreto de 23 novembro, para commemorar as expedições a Moçambique e á India.

Por uma portaria, em egual data, foi determinado que os governadores das provincias ultramarinas mandassem assignalar convenientemente a sepultura dos mortos nas recentes campanhas e combates, a fim de serem opportunamente trasladados para condignos monumentos erigidos em nome da nação para lhes perpetuar os nomes, a gloria e os feitos.

Operarios maiores e menores nos trabalhos de construcções civis. — O respectivo regulamento do serviço de inspecção e vigilancia foi mandado pôr em execução nos concelhos de 1.ª ordem, em 6 de Junho.

Mestres de Obras. — A portaria de 4 de Novembro resolveu duvidas sobre a interpretação do disposto na alinea *b*) do § 1.º do artigo 4.º do regulamento de 6 de junho

ultimo relativamente ao exame especial exigido para mestres de obras.

Funccionarios do estado. — Por decreto de 27 de fevereiro determinou o governo que os presidentes das commissões nomeadas para a classificação dos funccionarios existentes alem dos quadros ou addidos se reunissem e procedessem ao exame e revisão de todos os documentos referentes a este assumpto.

Providencias para a collocação e vencimentos dos empregados addidos. Decreto n.º 3, de 10 de janeiro.

Hygiene. — «Estabelecimento Thermal das Caldas de Lijó e de Gallegos», situado na quinta de Eirogo, concelho de Barcellos. Regulamento approvado em portaria de 27 de Julho.

« Alcaçarias do Duque ». — A portaria de 23 de Dezembro approvou o regulamento d'este estabelecimento hydrotherapico em Lisboa.

Regulado o serviço da fiscalisação nas delegações e postos aduaneiros de Lisboa, bem como o das « inspecções ás vaccarias e mais alojamentos de vaccas leiteiras » dentro da antiga circumscripção administrativa da mesma cidade (Portaria, Dezembro, 3).

(*Continua.*)

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 6, t. IX, pag. 48)

Portimão ou **Villa Nova de Portimão** — villa e concelho. — Fortalezas de Santa Catharina e S. João Baptista. — Baluartes de *N. S.ª da Rocha* e do *Carvoeiro*. — Na quinta de S. Francisco, em frente da cerca do convento, teem se encontrado sepulturas romanas. «Por sobre os craneos, geralmente pequenos, acharam-se umas lousas da espessura de quatro centimetros, de fórma quadrada, com rebordos em duas arestas parallelas. N'algumas d'estas lousas se vê inscripta a palavra *Juniorum*.» Encontraram-se tambem uma machadinha e alguns vasos em fórma de pequenas panellas, contendo moedas, cuja proveniencia se desconhece. Ruinas da cidade carthagineza *Porto d'Annibal*. — *Revista Archeologica*, III, 121; *Panorama*, 1856, pag. 369; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 186); *Antiguidades monum. do Algarve* por Estacio da Veiga; *Corpus Inscrip. Latin*, supp., pag. 782; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 198; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; *Gruta do serro* do Algarve (*Archeol, Port.*, III, n.os 3 e 4); *Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

Porto — cidade. — Sé cathedral mandada construir em 1103 pelo conde D. Henrique e sua mulher. — *Torre da Marca* edificada em 1530 no sitio onde hoje está o *Palacio de Crystal* — *Torre dos Clerigos*, cuja construcção, dirigida pelo architecto italiano Nicolau Maroni, principiou em 1747 e se concluiu em 1763. Inscripção latina sobre a porta lateral do norte. — Castello da Pena Ventosa — Castello de Gaia — Castello de S. João da Foz — Fortaleza da Serra do Pilar — Castello de Mathosinhos — Torre ameiada de *Pedro Cem* (Pero d'Ossem), pertencente á casa Monfalim. — Na freguezia de *N. Sr.ª da Ajuda* — (Lordello do Ouro) ha um atrio — alpendre ou galilé — de boa architectura, edific. em columnata. — Lapida de granito, com inscripção hebraica, achada em 1863 no convento de Monchique. A pedido do sr. J. Possidonio

N. da Silva veiu para o *Museu do Carmo*. — Lapida na casa onde nasceu o visconde de Almeida Garrett, rua do Calvario, n.º 35. — Capella do *Espirito Santo*. — Lapida sobre a portaria do convento de *S. Bento da Victoria*, que foi edificado no local onde era a judiaria. — *Fonte das Virtudes*: tem versos latinos gravados n'uma lamina de barro vermelho. — *Fonte da Colher*, com inscripção em portuguez. — *Museu Allen*, descripto no *Tratado de geographia*, public. por D. José de Urcullu, vol. I, artigo *Porto*. — *Museu Luso*. — Museu da Academia de bellas artes fund. em 1835. — Estatua equestre de D Pedro IV, concluida em 1865. Monumento a D. Pedro V; tem quatro inscripções em portuguez; inaugurou-se a 11 de junho de 1862. — Monumento ao Infante D. Henrique, inaugurado em outubro de 1900 — Memoria de D. Pedro V (columna de granito terminando por uma estrella de sete pontas) em frente da praça do Bulhão; tem inscripções, sendo uma d'ellas em verso portuguez. — *Feitoria ingleza*, casa em que as escadas, todas de cantaria, « se sustentam sem auxilio de columnas, bases ou pedestaes, e de uma architectura particular, que as torna unicas no seu genero. » — Conventos de frades: de *Valle da Piedade*, fund. em 1569; de *S. Francisco*, fund. por D. Sancho II e transferido em 1404 por D. João I para o sitio onde existiu até 1834; *Dominicos*, fund. por D. Sancho II; *Eremitas de Santo Agostinho de S. João Novo*, fund. em 1592 por D. Antonio de Noronha, governador de Cochim; *Conegos regrantes de Santo Agostinho da Serra do Pilar*, fund. em 1540; *Conegos de S. João Evangelista*, fund. em 1425; *Monges benedictinos*, fund. em 1597: a egreja tinha sido synagoga dos judeus; *Congregados de S. Filippe Nery*, fund. em 1660; de *Santo Antonio da Cidade*, fund. em 1783; Conventos de freiras: *Carmelitas*, fund. em 1704 por D. fr. José de Saldanha, bispo do Porto; *Dominicas*, fund. em 1345; *Franciscanas, de Monchique*, fund. em 1575 por D. Pedro da Cunha e D. Beatriz de Vilhena; *Benedictinas*, fund. em 1518 pelo rei D. Manuel; *Franciscanas*, fund. em 1416 por D. João I e D. Filippa de Lencastre. — Capella de Carlos Alberto. — Capellas de *Santo Antonio*: do Penedo; do largo da Aguardente, da rua da Restauração e da Bandeirinha. — *Panorama*, 1839, pag. 281; 1840, pag. 161 (*Convento da Serra do Pilar*) 1842, pag. 169; 1852, pag. 345; 1853, pag. 81 (*Convento de Santo Antonio de Valle da Piedade*) 1866, pag. 225, (*Egreja de Santa Maria d'Aguas Santas*); *Antiguidades do Porto* por Simão Rodrigues Ferreira; *Descripção topographica e historica da cidade do Porto* por Agostinho Rebello da Costa; *Relat. ácerca dos edifi. que devem ser classif. mon. nac.*; *Guia historico do viajante no Porto e arrabaldes*; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Archeologia religiosa. Noticias dos ultimos*

conventos de religiosas do Porto pelo rev. pad. Francisco José Patricio; *Flora latina inscriptionum urbis Portucalensis*, do mesmo auctor (1893); *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol.*, t. III, pag. 87, t. V, pag. 188; *Mosaico e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas* por Camillo Castello Branco (Porto, 1868); *Dissertação sobre a antiguidade, fundamentos e primeiros principios da cidade do Porto* por Antonio Cerqueira Pinto (Ms. da *Bibliotheca Nacional de Lisboa*, A 4, 25 n.º 91-98); *Apontamentos para a historia da cidade do Porto*, juntos e coordenados por J. M. P. Pinto (Porto, 1869); *Guia do viajante nos caminhos de ferro do norte* pelo sr. Alberto Pimentel (Porto, 1876); *Mémoire de l'archéologie sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal* pelo sr. J. da Silva; *Varias antiguidades de Portugal* por Gaspar Estaço; *Relat. da commissão dos mon. nac. em* 1884; *O Museu Municipal do Porto* pelo sr. A. A. da Rocha Peixoto (Porto, 1889); *Atravez do passado* pelo sr. Alberto Pimentel; *O Porto por fóra e por dentro* pelo sr. Alberto Pimentel; *Directorio civil, politico e commercial da antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto e Villa Nova de Gaia* (Porto, 1838); *Almanach da cidade do Porto para o anno de* 1844-45 por Domingos José Villela; *Almanack da cidade do Porto e Villa Nova de Gaya* para o anno de 1848; *Cartas a D. Manuel Caetano de Souza sobre a historia do Porto* por B. Azevedo e Carvalho (Ms. da *Bibliotheca Nacional de Lisboa* A 4, 26); *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, pag. 258, 444, 453, 510; t. II, pag. 267; *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 68; *Portugal Pittoresco*, IV, 217, 243, 386; Collecção do jornal *Occidente*, que principiou a publicar-se em 1878; *Paço episcopal portuense, paginas da historia da cidade do Porto* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 23 dos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. I, 1874; *O Minho Pittoresco*, t. II, 567, 677; *Artes e artistas em Portugal* pelo sr. dr. Sousa Viterbo, pag. 123; *Revista Illustrada*, 1890, pag. 108; *Revista pittoresca e descriptiva de Portugal* pelo sr. J. P. N. da Silva (Igreja e torre dos Clerigos, Extincto convento da serra do Pilar); *Universo Pittoresco*, t. I, pag. 17, 129, 273; t. II, pag. 97; *Cousas leves e pesadas* por C. Castello Branco, pag. 82, 187; *Aspectos do Porto* (*Branco e Negro*, 1896, n. 7); Estação de Campanhã (*Occidente*, XVIII, pag. 196); *O culto da arte em Portugal* pelo sr. R. Ortigão, *passim*; *Apontamentos para a historia da cidade do Porto*, juntos e coordenados por J. M. P. Pinto (Porto, 1869); *Notas a lapis* por D. C. Sanches de Faria, pag. 137 a 174; *Portugal artistico*, publ. mensal em port. e francez (Lisboa, 1853); Almanach Palhares para 1901; Almanach Bertrand, 1901, 1902; *Hist. de S. Domingos* por Fr. Luiz de Sousa, 1.ª parte, vol. I; *Lisboa antiga*

pelo sr. Visconde de Castilho (Julio), 2.ª parte (Bairros orient.); *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 1.º e 2.º vol.; *Les Arts en Portugal* pelo conde Raczynski; *Gazette diplomatique et consulaire du Portugal*, 15 Mai 1896, Janvier 1897; *Resenha diplomatica do Porto* ... ao tempo da visita de S. M. F. a Rainha Sr.ª D. Maria II por João Nogueira Gandra. 1852; *Historia do reinado de el-rei D. José* por S. J. Luz Soriano; *Museu (O) portuense* - jornal de historia, artes e sciencias, industrias e bellas letras. Porto, 1839 (12 numeros); *Rainhas de Portugal* pelo sr. Benevides, t. I, pag. 102, 279; Ponte Maria Pia (*Encyclopedia das familias*, n.º 175, 1901); «Manual descriptivo de Lisboa e Porto» por J. J. C. Chianca; *Branco e Negro*, n.ºs 7 e 14; Origens e desenvolvimento da população do Porto» pelo dr. Ricardo Jorge; Sociedade Carlos Ribeiro — O Museu da Restauração (*A terra portugueza* pelo sr. Peixoto, pag. 201); *Um motim ha cem annos* — rom. por Arnaldo Gama; « Noticia veridica dos acontecimentos que tiveram logar no cerco do Porto no anno de 1832 a 1833 » (Pernambuco, 1841); *Mario*, rom. por Silva Gayo, t. 2.º, pag. 89 e segs.; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Uma familia ingleza*, romance por Julio Diniz (Gomes Coelho); Commissão archeologica — Sociedade Carlos Ribeiro — Museu Municipal (*Portugalia*, 1.º fasc., pag. 155); « Demographia e hygiene da cidade do Porto » pelo dr. Ricardo Jorge; *A ultima dona de S. Nicolau*, romance hist. por Arnaldo Gama; « Exposição de industrias caseiras no Porto » por Eduardo Coelho (*Diario de Noticias*) n.ºs 5860 e seg. de 1882); *Roberto Valença*, romance de Teixeira de Vasconcellos; *Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho* por Seb. J. Pedroso; *Elementos para a hist. do mun. de Lisboa* pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira, t. x. pag. 173; *Guia do Porto* (acompanh. de plantas); *Historias de frades* pelo sr. Lino d'Assumpção; *O Porto na berlinda* pelo sr. Alberto Pimentel; Monum. architect. e litt. em honra da Mãe de Deus (*Hist. do culto de N. Sr.ª em Portugal* pelo sr. Alberto Pimentel); *Brasil - Portugal*, n.º 43; *Le Portugal* géographique, ethnologique, administratif, économique, littéraire, artistique, historique, colonial, etc. (Librairie Larousse); *Almanach illustr. da parceria A. M. Pereira* (1902); *Mala da Europa*, III, n.ºs 63, 66, 68; IV, 96, 114; V, 135, 144, 148, 151, 168. 174, 186, 192, 199; *Le Portugal au point de vue agricole; O Seculo* n.º 5329; « Memoria descriptiva do projecto de um porto de abrigo em Leixões » (Lisboa, 1874); *Portugal*. Contingente da Assoc. de engenh. civis portug., pag. 17, 111 e 128; *Travels in Portugal* por John Latouche; *A handbook for travellers in Portugal*. Lisbon; Lewtas (1887); *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque, pag. 51 e 100; *Almanach historico*

para o anno de 1856; *La patrie portugaise* por M.^me Adam (1896); *Le Portugal à vol d'oiseau* pela princeza Rattazzi; *Portugal de relance* por M. Rattazzi (trad.); *Portugal* por Ferd. Denis; Novo alm. de lembr. luso brasil., 1887, pag. 300; *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* por L. A. Rebello da Silva; *A arte e a natureza em Portugal*, fasc. n.º 4; «Hist. da antiquissima e santa igreja, hoje collegiada de S. Martinho de Cedofeita, e da origem e natureza de seus bens» pelo D. Prior D. Francisco Corrêa de Lacerda e pelo conego thesoureiro mór da mesma collegiada o bacharel Manuel Barbosa Leão; *Occidente*, I, 127; VI, 92; IX, 252; XI, 73 a 80; XX, 75; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. I, pag. 329, 336, 373, 461, 477, 493; II, 336; III, 635; V, 629; VI, 618, 634; *Archivo Pittor.*, III a XI; *Archeol. Portug.*, V, n.º 3, pag. 83; *Espelho de portuguezes* pelo sr. Alberto Pimentel; *O sargento mór de Villar* por Arnaldo Gama; *Coisas espantosas* por Camillo C. Branco; *O Porto invadido e libertado.* Poema por Antonio Joaquim de Mesquita e Mello (Lisboa, 1815); «Noticiador da cidade do Porto para o anno de 1843» (Porto, 1843); Foral da cidade do Porto de 20 de Janeiro de 1517 (Porto, 1788); «Foraes da cidade do Porto. Impressos por ordem da Ill.^ma Camara Constitucional« (Porto, 1823). *As tres irmãs* por Camillo C. Branco; «Jornal do Domingo», 1882, pag. 83; Antigo convento de S. Francisco, por I. de Vilhena Barbosa (*Commercio do Porto*, n.º 123, 30-5-72)); «A grande catastrophe do theatro Baquet» por Jayme Filinto (Porto, 1888); *Apontamentos archeologicos* por Diogo Kopke; *O palacio de crystal portuense* pelo sr. conde de Samodães (Porto, 1890); «Plano de melhoramentos da cidade do Porto, apres. á cam. mun. em sessão de 26 de set. de 1881» pelo dr. J. A. de Barros; «Resenha diplomatica do Porto» por João N. Gandra (Porto, 1852); «Noticias e descripção de um sarcophago romano descoberto no Alemtejo e comprado para o Museu do Porto. Noticia de uma moeda inedita cunhada pelos Wisigodos no Porto em fins do sec. VI (Porto, 1862-67); «Exposição internacional do Porto em 1865. Catalogo official.» (Porto, 1865); *Guia no Porto* por Alfredo Alves (Porto, 1892); *O centenario do Infante D. Henrique.* Livro commemorativo do centenario henriquino. Com uma carta por Firmino Pereira; «Mem. sobre as medalhas e condecorações portuguezas» por M. B. Lopes Fernandes, pag. 63; *Mysterios do Porto* por Gervasio Lobato (5 vol. illustr.); «Archeologia religiosa. Noticia dos ultimos conventos de religiosas no Porto» pelo padre Francisco Patricio (Porto, 1892); *Amor de perdição*, por Camillo C. Branco, 11.ª ed. com estudos criticos de Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga; *Os tripeiros.* Romance chronica do seculo XIV por A. C. Lousada (Porto, 1857);

Sem passar a fronteira, pelo sr. Alberto Pimentel; *Monumentos do Porto* (*Primeiro de Janeiro*) n.os 17, 29, 30; 1902); *Domingo illustr.*, 4.° vol.; *A arte e a natureza em Portugal*; *Apontamentos numismaticos* pelo sr. dr. Sousa Viterbo; *Archeol. Port.*, vi, 32, 35, 154; Memoria descriptiva da solemnisação do 4.° centenario da Misericordia do Porto (1499-1899); «Guia do Museu Municipal do Porto», 1902; *Seca e Meca* por T. Lino d'Assumpção; *O Lobo da Madragôa*, rom. pelo sr. Alberto Pimentel (*Diario de Noticias*, 14, maio, 1903 e dias segs.)

Porto Brandão — aldeia, conc. de Almada. — Vestigios de um fortim, do reinado de D. João iii — Castello de Porto Brandão, construido por D. João ii, e reedif. por D. Sebastião, que lhe deu o nome de *Torre de S. Sebastião de Caparica*, a que modernamente se chamava *Torre Velha* e onde se instituiu o Lazareto.

Porto de Mós — villa e concelho. — Fortaleza construida pelos arabes ou pelos romanos. — Na *quinta de S. Payo* tem-se descoberto muitos alicerces, ossos petrificados, amphoras, e vestigios de uma grande fabrica de ferro em tempos remotos. Desde a ribeira d'esta quinta até onde está a eira havia um grande cemiterio com sepulturas de duas ordens — umas formadas de quatro paredes, de pedra toscamente apparelhada, e cobertas de lages, quasi todas inteiriças; outras, de quatro paredes de pedra, cobertas apenas de terra. Ainda estão algumas intactas. Na extremidade S. d'estas ruinas appareceu em 1855 grande quantidade de moedas de prata romanas, a mais variada collecção que se tem encontrado em Portugal. — Perto do *Juncal*, nos sitios das *Barreiras Caientas* e *Ribeiro do Andão*, ha vestigios de habitações — fragmentos de telha, tijolo, potes, e instrumentos de ferro oxidados. Em 15 de maio de 1865 acharam-se nas *Barreiras Caientas* muitos esqueletos humanos; cujos craneos eram de extraordinaria grossura, dois dos quaes figuraram na exposição internacional do Porto. Estão no museu do sr. Augusto Luso da Silva. Perto d'este cemiterio achou-se um instrumento de pedra lióz, talvez da idade da pedra, o qual, assim como algumas das moedas achadas na *quinta de S. Payo*, se encontra em poder do sr. José Francisco Barreiros Callado. Nas proximidades descobriram-se mais esqueletos e uma calçada, a um metro de profundidade e com pouco mais de dois metros de largura. — D'esta villa veiu em agosto de 1875 uma lapida para o Museu do Carmo. — Templos antiquissimos. — *Panorama* de 1839, pag. 329; *Archeologia nacional. Antiguidades no concelho de Porto de Mós* pelo rev. P. Antonio Pereira Louro no *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1876, pag. 136; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por

Vilhena Barbosa; *Noticia ácerca de um machado de pedra descoberto nas visinhanças de Porto de Mós* (*Rev. archeologica*, t. IV, n.º 7); *Archeologo Português*, n.º 1, pag. 20 a 28; *Occidente*, vol. VI, 267, XIII, 187; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 106; *Domingo illust.*, 4.º vol.; Castello (*Arch. Pittor*, VI, 141); *Novo alman. de lembr. luso-bras.*, 1887, 467; 1889, 112; 1892, 340; 1898, 62; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. II, 485; III, 635; *Mem. sobre a pop. e a agric. em Port.* por L. A. Rebello da Silva; *Indice parlamentar* pelo sr. T. de Albuquerque, pag. 48, t. I; «Religiões da Lusitania,» pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 17; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Portugalia*, fasc. 1.º, pag. 135.

Portozêllo — freg., conc. de Vianna do Minho. — Castello com primorosos ornatos e lavores em pedra. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 223.

Pousadouro ou **Pousadouros** — freg. de Santa Marinha, de Propêço, conc. de Arouca. — Algumas antas. A pequena distancia, fóra do logar de *Vergadellas*, outra anta, muito grande.

Povoa de Lanhoso — villa e concelho. — Vestigios do Castello da *Pena-Mourinha*, entre o castello de *Lanhoso* e o de *Vieira*. — Sanctuario de *N. Sr.ª do Porto de Ave*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 497; *Cousas leves e pesadas* por C. Castello Branco, pag. 73. *Domingo illust.*, 4.º vol.; *Mala da Europa*, IV. n.º 110; V. n.ºs 174 e 181.

Povoa e Meadas — villa, conc. de Castello de Vide. — Castello e baluartes em ruinas. — Edicula dedicada a N. Sr.ª da Piedade, dentro de uma gruta, com imagens da estatura regular de um homem, de pedra e boa esculptura. Uma lapida com inscripção em portuguez.

Povoa de Mileu — logar perto da cidade da Guarda. — Templo antiquissimo dedicado a *N. Sr.ª de Mileu*. — *Torre da Guarda* (ou de *Warda*, ou do *Garda*), depois conhecida polo nome de *Torre dos Ferreiros*, construcção do tempo de D. Sancho I. — Mausoléo do padre Simão Antunes de Pina, na capella mór da egreja da Misericordia.

Povoa de Varzim — villa e concelho. — Egreja matriz, de architectura toscana. Capella de N. Sr.ª das Dôres, de fórma hexagona; tem uma torre que serve de balisa aos navegantes. — Fortaleza, do tempo de D. Pedro II. — *Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal com documentos ineditos*, pelo sr. P. W. de Brito Aranha; *Memoria historica da villa da Povoa de Varzim* pelo presbytero José Joaquim Martins Gesteira (Porto, 1851); *Occidente*, V, 85 93, 231, VI, 198, XV, 59; *As praias de Portugal* pelo sr. Ramalho Ortigão; *Revista illustrada*, 1892, pag. 39, 48; *O Minho Pittoresco*, t.

II, 215; *Memorias historicas da villa da Povoa de Varzim*, Ineditas. Escriptas no anno de 1758 por Francisco Felix Henriques da Veiga Leal (*Gazeta da Povoa de Varzim*, de 1871); *Almanach illustr. da parceria Antonio Maria Pereira* para 1901; *Portugalia*, t. I, fasc. 2.º, pag. 233; *A handbook for travellers in Portugal*; *Archeologo Port.* VI, 185; *Branco e Negro* n.ºs 22, 130; *Arch. Pitt.* XI; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Mala da Europa* n.º 185; *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque, 94, 121; *Hist. de Portugal* de Pinh. Chagas, vol. III, 635, 3.ª edição; *Sem passar a fronteira* pelo sr. Alberto Pimentel; *Primeiro de Janeiro* n.º 194, 1902; *Domingo illustr.*, 4.º vol.

Povos — villa, conc. de Villa Franca de Xira. — Fóra da primeira matriz, junto ao palacio dos antigos condes da Castanheira, existem, servindo de assento, os restos de uma campa com uma inscripção em portuguez. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., III. 635.

Prado (Ponte do) — villa, conc. de Villa Verde. — Nas proximidades, a 6 k. de Braga, achou-se em 1730 parte de um marco milliario com os restos de uma inscripção. — Vestigios de povoação romana: tijolos, sepulchros, etc. — Marcos milliarios na egreja de *S. Bartholomeu das Antas*. — Na reconstrucção da ponte achou-se um marco milliario com inscripção. Já em 1510 se encontrára uma pedra com inscripção, nas ruinas d'esta ponte, demolida por uma cheia do Cávado, e cuja primeira fundação se attribue aos romanos: tem nove arcos, sendo quatro ogivaes e os outros de volta redonda. — Cruzeiro com o Crucifixo sob uma cupula, sustentada por columnas. — Ainda em 1875 estava na Rua Direita o antigo pelourinho, de que resta apenas uma pedra. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 408; *Arch. Pitt.* VII, 177.

Priz (São) — freg. do Minho. Ruinas do castello da *Nobrega*.

(Continua)

ERRATA

No Boletim n.º 5, a paginas 17, linhas 3, onde se diz: sabemos nossos consocios; leia-se: sabem os nossos consocios.

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX — 4.ª SÉRIE — N.º 8

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso ,6

O Museu Districtal de Santarem

A veneravel egreja romanica de S. João d'Alporão foi profanada depois de 1834, e jazeu em abandono por largos annos. Em 1849 installaram alli um theatro particular. E' incrivel o que em Santarem se tem destruido; é deploravel. Ainda existe muito felizmente, e queira Deus inspirar aos habitantes actuaes da linda e historica cidade maior respeito pelas joias artisticas que possuem.

Muitas vezes se ouve dizer a respeito de causas de destruição; foram as guerras, os francezes, as luctas civis, os terremotos; sim, destruiram muito; mas a ignorancia, a boçalidade, o mau gosto tem devastado mais que essas calamidades juntas; na paz, na completa serenidade; na incuria, na indifferença, baqueiam baluartes, torres altaneiras; rendilhados porticos se desfazem, primôres d'arte evaporam-se.

Em 1876 criou-se um museu districtal em Santarem, e alguem se lembrou de o installar no Alporão. Conseguiu-se o edificio, cedido pelo governo; e houve meios, rara fortuna, de reparar a egreja. Salvou-se este lindo exemplar de egreja romanica. A direcção da obra foi confiada a pessoa competente, que executou a reparação com singular consciencia.

O illustre escriptor Zephyrino Brandão, na sua obra *Monumentos e lendas de Santarem* conta a historia do Alporão, com grande minucia, mencionando tambem algumas das obras d'arte, e de valor historico ahi recolhidas; o tumulo de D. João de

Lacerda, o peitoril de uma janella de S. Domingos, as 4 gargulas da antiga torre de Marvilla, azulejos de relevos, padrões de medidas, ceramicas romanas, a lapide de D. Lopo de Sousa Coutinho, pae de fr. Luiz de Sousa, as cabeceiras da freguezia das Olaias, de S. Silvestre, os dois esplendidos capiteis arabes, etc.

Eu estive lá tres horas, ha pouco, no dia de Santo Antonio, cavaqueando com um bom velhote, guarda do Museu, e unico indicador que encontrei.

O edificio está bem conservado e a reparação foi intelligente. E' um monumento romanico bem singular. Vejamos o museu.

Entrando, logo á esquerda, uns brazões com divisas em caracteres gothicos — Este é o meu prazer. — A seu tempo. Faze o teu dever. — Existem no Museu do Carmo duas pedras lavradas, com estas divisas.

Alguns capiteis romanicos.

Uma photographia rara: a rainha D. Estephania ouvindo missa na capella da legação de Portugal em Londres. Alguem escreveu os nomes dos individuos photographados no grupo: D. Estephania, o cardeal Wiseman, o principe Leopoldo, o duque e a duqueza da Terceira, os marquezes de Ficalho e de Sousa Holstein, o conde e a condessa de Lavradio, etc.

Proxima, uma grande chapa de ferro batido, talvez do seculo XVI, bastante gasta; uma das figuras representa a Justiça, a outra está muito desfeita.

Agora o grandioso, o elegantissimo tumulo de D. Duarte de Menezes; é um primor d'arte, não basta graval-o, photographal-o, é preciso reproduzir em tamanho natural esses finos rendilhados, executados em optima e resistente pedra; o trabalho do artista está salvo, foi uma felicidade. Quantos trabalhos perdidos por serem executados em calcareos que a acção do tempo desfez em farinha, na Batalha, em Coimbra, em Guimarães. A estatua jacente de D. Duarte de Menezes representa-o armado, e com a espada erguida.

Proximos ao tumulo vi alguns pelouros de varios tamanhos, e algumas pedras com brazões.

Vamos seguindo: o tumulo de D. Affonso de Portugal, outro do infante D. Henrique Affonso, filho de D. Affonso 3.º e de sua mulher a infanta D. Ignez, estatua jacente, escudos brazonados,

habito ou manto com capuz e espada. No topo da cabeceira a imagem de Nossa Senhora com o Menino. A arca repousa sobre leões de curiosa esculptura.

Dois cippos com letreiros sepulchraes romanos, de Quinto Antonio Célero e de Marco Antonio Lobo, ambos naturaes de Lisboa e da tribu Galeria. Estas inscripções estão publicadas no *Corpus*.

Esta tribu Galéria é extraordinaria, foi com certeza grande proprietaria, e durante muito tempo, na região entre Tejo e Atlantico, porque se conhecem dezenas de lapides sepulchraes com esse nome, nos termos de Cintra e Mafra. Estes eram de Lisboa, os seus nomes chegaram até nós nos bellos caracteres do Imperio Romano, do seculo II-III, não excedidos em elegancia em tempo algum.

Ha ahi umas inscripções em gothico que merecem attenção; uma tem sua moldura em grega vegetal muito interessante; outra tem uma figura de homem, em relevo, colorida, com sua barba comprida, o cabello aparado, e brazão com 5 flores de liz.

Um portal, ornado de troncos torcidos em forte relevo, e o letreiro *Enfermaria dos convalescentes*. Um grande brazão com 5 flôres de liz.

Segue uma sobreporta, ogival, com um friso em rosas bem lavradas; é peça rara. Uma pedra com uma figura de homem em relevo forte; figura rude, vestido de pelles, um ramo na mão, e escudo com a cruz.

N'um armario algumas moedas, uma faca de silex, um fragmento de jaspe lavrado.

Monumentaes tumulos os de Ruy Dosê 1431, e Johaĩn Dosê 1407, com a divisa *Faze teu dever*. Os dois doutores tem as suas estatuas jacentes sobre esplendidas arcas lavradas. Como se vae vendo, existem em Santarem algumas estatuas jacentes, de bem diversas personagens, e abrangendo alguns seculos, da alta idade media ao seculo XVI, bons elementos para a historia da estatuaria.

Vejamos agora a mui curiosa serie de pedras de cabeceira de sepulturas medievaes: vieram de uma freguezia proxima, da Olaia; estas cabeceiras foram de uso geral no paiz, nos cemiterios ou nos adros das freguezias: quasi sempre têem uma cruz em relevo, algumas vezes o sino-samão, mas estas que estão

no museu de Santarem têem relevos representando objectos de uso, sem duvida allusivos ás profissões das pessoas enterradas.

Uma tem dobadoira, roca e fuso; em esculptura ingenua, mas nitida que faz lembrar a arte pastoril. A pedra recortada no mesmo gosto das colheres de buxo, dos tarros de cortiça, dos polvorinhos de chifre que os pastores, principalmente do alto Alemtejo, recortam paciente e ingenuamente.

Outra tem arado, pá, machado e maço; era sepultura de lavrador ou de mestre abegão. Outra mostra-nos os bois lavrando, o moço de lavoura com seu cabaz no braço esquerdo e no direito a aguilhada com sua pá. Outra cabeceira tem inscripção « Aqui jaz mestre Pedro Vicente » Parecem-me do seculo xv, e outras ha alli sem duvida mais antigas. Outra cabeceira tem um coelho gravado.

Proxima uma campa de pedra escura, tendo uma figura vincada, com flôres de liz.

Sobre uma prateleira vi um objecto pouco vulgar, infelizmente incompleto; é uma pequena pyramide de agatha grosseira, de quatro faces, o vertice partido. As faces estão alisadas e vincadas de modo a fingir silhares em fiadas; tem 5 fiadas; completa, teria 6. Em uma das faces, na fiada da base, o artista lavrou um arco, a fingir a porta d'aquelle monumento; e na fiada superior o nome *Caivs Cestivs*. Seria base de algum pequeno busto? É possivel.

Agora uma pequena janella arabe, adoravel; duas columnas sustentando o arco de ferradura, chanfrado em 13 arquinhos; uma joia mourisca.

N'uma pequena arca se commemora a jazida de Lourenço de Sá que os mouros mataram em Mazagão em 1562.

Fragmento de outra arca sepulchral, ogival, com figuras esculpidas. Dois lindos capiteis arabes com inscripções; são de primeira ordem; estão publicados pelo sr. Z. Brandão na obra que já citámos.

Algumas cruzes de consagração de egrejas que desappareceram.

Um friso de fino trabalho com relevo alumiado. Agora na estante, azulejos de grande variedade; entre elles um raro, um azulejo pequeno quadrado, com relevo forte, em cruz ponteaguda,

outros pequenos azulejos redondos de esmalte verde, etc. Medidas antigas de cobre, collecção rara. Ceramica prehistorica; algumas peças bem conservadas, armas de pedra e ardosias lavradas, entre estas duas, quebradas, mostrando todavia que eram recurvadas. Todas com os sabidos ornatos de traço cruzado, formando fachas e series de triangulos, todas no mesmo estylo, nunca porém em identica disposição decorativa. Uma collecção de louça de barro vermelha encontrada no sitio chamado Gaião. Uma amphora; alguns tijollos romanos. Tudo objectos authenticos; pelo menos os mais pequenos deviam estar em vidraça fechada. Eu começo a estar com medo ao ver estes pequenos objectos raros. O que vae lá por fora, santo Deus!

Intelligentes gatunos, famosos falsificadores, pintores e esculptores de merito que imitam na perfeição, e vendem depois os seus trabalhos attribuindo-os a Donatello, a Raphael, a della Robbia, outros fazendo objectos egypcios, adoraveis figurinhas gregas, saturando os museus e as collecções de amadores com objectos falsificados.

Felizmente os museus portuguezes estão livres de falsos, e d'ora ávante a defeza é mais facil, porque de toda a parte surgem estudos sobre as habeis e grosseiras mistificações. A questão da thiára do Louvre teve utilidade enorme, levantou uma celeuma estrondosissima, verificando-se que archeologos e conhecedores d'arte de alto cothurno, de Paris, Roma, Londres, teem sido burlados á maravilha por engenhosos artistas. E' preciso ver bem.

G. Pereira.

Relatorio da gerencia do Conselho Facultativo em 1902

Senhores :

O Conselho Facultativo durante a sua administração envidou todos os seus esforços para satisfazer com escrupulosa exactidão aos deveres do encargo que lhe foi commettido, empenhando-se por merecer a approvação dos seus actos, que tiveram por bussola attestar o fervor do seu zelo, a firmeza da sua dedicação, e a consciencia de que a missão das sociedades scientificas é procurar a verdade, ennobrecel-a, diffundil-a e glorifical-a como pharol que guia a humanidade no estadio da perfectibilidade!

Convicto de haver lealmente cumprido, no limite das suas forças, as funcções que lhe foram confiadas pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, vem como a despretenção singela que caracterisa a verdade, submetter á apreciação esclarecida e justa da Assembléa geral o relatorio da sua gerencia durante o corrente anno; esperando a honra de lhe serem approvadas as suas deliberações.

Em 17 de Janeiro proximo passado dignou-Se Sua Majestade a Rainha visitar o nosso museu, apreciando com a sua reconhe-

cida e solida illustração as collecções alli expostas e as altivas e nobres ruinas que as encerram e commemoram um dos feitos mais gloriosos, mais intrepidos, mais insignes, que têem praticado os portuguezes; sempre grandes no seu amor á monarchia, sempre ousados, esforçados e invenciveis, na defeza do throno, da sua independencia, da sua liberdade!

A augusta presença de Sua Majestade na Séde d'esta Associação é uma prova benevola de gentileza e da distincção que, na exabundancia da Sua real benignidade, concedeu a esta Sociedade, animando aquelles seus membros, que, apostolos sinceros e indefessos dos principios scientificos, tentam commettimentos dignos da civilisação actual.

Como a visita da excelsa Rainha fosse inesperada e só depois de realisada é que chegou ao conhecimento da Mesa, não poude esta cumprir o dever de aguardar e receber Sua Majestade e manifestar-lhe o reconhecimento e alto apreço d'esta Associação por tão elevada honra, que ficará gravada nos nossos annaes com toda a gratidão que lhe é devida.

Querendo esta Real Associação dar um testemunho da sua muita consideração e subido apreço pelas elevadas qualidades, illustração e competencia que exornam e distinguem o nosso digno socio benemerito o Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, e evidenciar-lhe o seu reconhecimento pelos valiosos serviços que se dignou prestar-lhe, quando Ministro das Obras Publicas, mandando executar os importantes melhoramentos que se realisaram n'este edificio, antigo templo de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, e hoje séde da nossa Associação, teve a satisfação de o eleger, por unanimidade de votos, seu Presidente; cargo de que tomou posse a 29 de Dezembro do anno proximo passado.

Aproveitou esta Associação a primeira occasião que se lhe offereceu para dar a S. Ex.ª uma demonstração do seu agradecimento, manifestando-lhe a sua gratidão, que é a mais bella pre-

rogativa da alma, aquella que dá mais idéa da sua nobreza, da sua elevação e da sua dignidade!

Sendo esta eleição um facto de interesse capital para esta Collectividade, foi participada a todas as associações extrangeiras que têem relações com a nossa.

Foram os nossos consocios, os Srs. Ernesto da Silva e Licinio da Silva, feridos no mais intimo d'alma de bons e extremosos filhos com a morte da sua querida e virtuosa mãe!

O fallecimento da viuva do Sr. Possidonio da Silva, principal fundador d'esta Associação, a que prestou tão relevantes serviços durante largos annos com incansavel perseverança, captivando pela distincção do seu fino trato a estima e affecto dos seus consocios, não podia deixar de ser um facto doloroso para esta Sociedade, que alem d'essas recordações, que estão bem presentes ao nosso espirito, tem por seus filhos e nossos prezados socios toda a estima e consideração que merecem as suas levantadas qualidades e a provada dedicação por esta Corporação.

Sentindo profundamente que os nossos dois consocios fossem affectados por tão duro e irreparavel golpe, deliberou o Conselho lançar na acta da sua sessão de 4 de Outubro passado, um voto de pezame por este infausto acontecimento e communicar esta sua deliberação áquella respeitavel familia.

A 25 de Setembro passado, arrebatou a morte o nosso socio effectivo o Sr. Francisco Liberato Telles de Castro e Silva!

Se esta Associação tem a deplorar a perda d'um dos seus membros de quem muito tinha a esperar, pelo seu espirito culto, emprehendedor e activo; da tenacidade do seu caracter inflexivel e justo, e da assiduidade do seu infatigavel trabalho, que é o alimento das almas fortes, muito mais tem a prantear a perda d'um consocio que pelas superiores qualidades do seu coração de oiro e pela nobreza da sua alma, honrava as corporações a que pertencia, captivando-lhes o respeito e a estima pela gravidade

dos seus costumes, affabilidade de trato, genio franco e communicativo!

Liberato Telles continua vivendo no nosso animo, na nossa saudade; porque o homem de bem vive ainda depois da sua morte no espirito d'aquelles que o souberam comprehender e apreciar!

Resolveu o Conselho, por unanimidade, exarar na acta da sua sessão um voto de sincero sentimento por tão triste e deploravel successo, e communicar á familia do finado esta sua manifestação de saudade e respeito pela honrada memoria do nosso consocio.

Com pequenas alterações foram reeleitas as tres Secções, de Architectura, Archeologia, e Construcção, conforme determinam os artigos 30 e 31 dos nossos Estatutos.

Em officio, datado de 10 de Outubro preterito, participou ao Conselho o Sr. Secretario da Secção de Construcção, que se achava vaga a presidencia d'aquella secção pelo fallecimento do seu Presidente, de saudosa memoria, o Sr. Francisco Liberato Telles de Castro e Silva, e a 11 do referido mez communicava o mesmo Sr. Secretario que n'aquella data havia sido preenchida a vaga pela eleição do Sr. Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manuel.

As obras que pelo seu respectivo Ministerio mandou continuar n'este edificio o Sr. Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, hoje nosso dignissimo socio honorario, acham-se em bom estado de adiantamento, e concluidas as da casa do porteiro e dos terraços; porém constou, pelo guarda do museu, que continuava chovendo dentro das capellas como antes de effectuado aquelle trabalho.

O Conselho, no desempenho do seu dever e no interesse patriotico de conservar estas preciosas ruinas, que inspiram um

sentimento de admiração e respeito por um feito brilhante dos nossos maiores, preservando-as quanto possivel da edacidade do tempo, adoptou as providencias que julgou mais conducentes para pôr termo a esse elemento de destruição.

Com egual empenho officiou o Sr. engenheiro Abecassis, em 25 de Julho, ao Sr. Pedro Arnaut de Menezes propondo-lhe, entre outros meios de conseguir o fim desejado, a remoção dos postes telegraphicos e telephonicos, assentes sobre aquelles terraços, cujas oscillações constantes muito prejudicam o edificio.

O Sr. engenheiro Mendes Guerreiro, como membro do Conselho, e como zeloso Inspector dos edificios publicos, tomou a seu cargo promover a solução favoravel d'esta nossa justa pretenção.

Pelo officio do Conselheiro Director Geral de Instrucção Publica, o Sr. Abel d'Andrade, datado de 28 de Abril do corrente anno, consta ter sido attendida a reclamação d'esta Associação, feita ao Ministerio do Reino, pedindo para ser sustada a venda d'uma cruz parochial, antiquissima, que pertenceu ao convento de villar de Frades e actualmente á Junta de parochia.

Quanto á entrega d'essa cruz á guarda do nosso museu, como solicitou o Conselho, está dependente de ulterior resolução.

E' digna de louvor esta esclarecida determinação do illustre Ministro do Reino, obstando á alienação d'um objecto de valor archeologico e digno de ser exposto á apreciação publica.

Sobre a proposta do nosso consocio o Sr. Victor Ribeiro, com referencia á maneira por que esta Associação deve tomar parte na commemoração do quarto centenario de Damião de Goes, o Conselho delegou na Secção d'Archeologia a execução dos alvitres mencionados na mesma proposta.

Por occasião de se tomar conhecimento d'este assumpto, declarou o Sr. Presidente que fallára ao Sr. Director Geral das Obras Publicas, renovando as instancias d'esta Associação pela conclusão dos trabalhos na egreja da Varzea em Alemquer, onde repousam as cinzas de Damião de Goes, e que S. Ex.ª lhe promettera dar as suas ordens para que esses trabalhos se activassem quanto possivel.

Propoz o socio effectivo Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, para que esta Associação representasse ao governo de Sua Majestade, pedindo-lhe que sejam entregues ás juntas de parochia ou irmandades fabriqueiras, como succede com os bens de irmandades e confrarias existentes fóra de Lisboa, os bens de que trata o artigo 134 do Codigo administrativo em vigor. Resolveu o Conselho, depois de maduro e reflectido exame, que esta Associação não pode, segundo os seus Estatutos, occupar-se do assumpto d'essa proposta. Esta resolução foi approvada pela Assembléa Geral e communicada a Monsenhor Elviro dos Santos.

O Sr. Valdemar Schmidt, professor da Real Universidade de Copenhague e adjunto aos Museus Reaes, foi encarregado pelo seu governo de fazer estudos sobre antiguidades egypcias existentes em diversos paizes.

Em carta datada de 11 de Agosto passado, dirigida á nossa Associação, pedia aquelle distincto professor auctorisação para estudar no nosso museu o que n'elle se encontrasse com relação á sua missão; indicando como data provavel da sua chegada a Lisboa o dia 22 do referido mez.

Encarregou-se de receber o sabio archeologo, o nosso socio o Sr. Gabriel Pereira, que se desempenhou d'esse encargo com a competencia, solicitude e urbanidade que o caracterisam; dando

ao illustre visitante todos os esclarecimentos necessarios sobre os objectos expostos no nosso museu, que lhe mereceram detido exame; acompanhando-o em seguida á Sociedade de Geographia de Lisboa para lhe fazer observar as caixas das mumias que possue aquella benemerita sociedade, e a que o distincto professor dedicou especial attenção, como demonstra o interessante estudo que publicou n'um dos ultimos boletins da referida Sociedade.

Tambem lhe deu o nosso erudito consocio varias indicações que muito o auxiliaram; sobretudo na sua visita ás collecções da Commissão Geologica e do Museu Ethnologico.

Se é grato formar collecções, não o é menos ver admirar e apreciar, por homens competentes, objectos paciente e penosamente reunidos e classificados, e observar como o descurtinio dos entendimentos elevados alcança o merito onde os vulgares nada descobrem!

O Conselho, summamente reconhecido ao Sr. Gabriel Pereira pela proficiencia, boa vontade e intelligencia com que desempenhou esta commissão, representando dignamente a nossa Associação, consigna-lhe aqui a expressão sincera do seu agradecimento e devido louvor.

Continua a publicação do nosso Boletim confiada ao cuidado e auctorisada competencia da illustre Commissão anterior, que sempre se tem mostrado solicita e escrupulosa no desempenho das funcções que lhe foram commettidas e efficaz na applicação dos seus serviços a esta Associação.

Receberam-se propostas d'algumas sociedades scientificas para lhes ser enviado o nosso Boletim em troca das suas publicações. Annuiu, com satisfação, o Conselho a este meio de estreitar ligações, propagar idéas e fraternidade entre corporações que se esforçam no louvavel intento de restringir os dominios da ignorancia e dar operarios á grande obra da civilisação!

Durante a nossa administração foi o Boletim distribuido por todos os socios que a elle têem direito, por sessenta e seis Aca-

demias, Associações, Atheneus, Bibliothecas, Camaras Municipaes, Gabinetes de Leitura, Institutos e diversas Sociedades nacionaes e extrangeiras, assim como por trinta redacções de jornaes periodicos, tendo algumas o cuidado de nos agradecer com a troca das suas folhas.

Dirigiu o Conselho uma circular aos socios correspondentes convidando-os a assignar o Boletim. Responderam annuindo, o Ex.mo Bispo do Porto, D. Antonio José de Sousa Barroso, e os Srs. Annibal Fernandes Thomaz, Antonio Augusto Lobo de Miranda, Antonio Thomaz Pires, Balthasar Aprigio de Ferreira de Mello e Andrade, Ernesto Korrodi, Felix Bernardino Alves Pereira, dois exemplares; Hypolito Maia, José d'Almeida e Silva, José Antonio Vieira Marques, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, José Pereira Cyrne Carlos da Silva Bezerra Fagundes, Luiz Figueiredo da Guerra, Luiz Gonçalves, Moysés Carmo e Vieira Guimarães, que não continuou alem de quatro numeros. Tambem assignaram, sem pertencerem á Associação, a Sr.ª D. Maria Gertrudes, d'Elvas, e o Sr. Antonio Maria de Sousa Sardinha, de Monforte.

Em officio n.º 185 de 6 de Setembro de 1901, dirigido ao Sr. Inspector Geral da Secção Portugueza na Exposição Universal de 1900, pediu o Bibliothecario, d'accordo com o Conselho, para esta Associação ser contemplada com uma collecção das publicações que por ordem do governo foram impressas com destino áquella exposição.

A 19 do mez proximo passado respondeu S. Ex.ª mandando entregar á nossa bibliotheca vinte e cinco monographias d'aquella collecção, que não poude completar por se acharem esgotados parte dos exemplares que a constituiam.

Auctorisado pelo Conselho solicitou tambem o nosso Bibliothecario, em officio n.º 196 de 4 de Janeiro do presente anno, ao Sr. Presidente do Conselho e Ministro do Reino, se dignasse conceder a esta Associação um exemplar de cada obra em deposito

nos archivos do seu respectivo ministerio. Accedeu S. Ex.ª com a mais fina amabilidade, mandando immediatamente pôr á disposição d'esta Sociedade dezeseis obras em vinte e um volumes, que já se encontram collocados na nossa bibliotheca.

Muito penhorado agradeceu o Conselho, como devia, estes apreciaveis donativos, e novamente consigna aqui os votos do seu reconhecimento ao Sr. Ministro do Reino o Ex.mo Conselheiro d'Estado Hintze Ribeiro, e ao Inspector Geral da Secção Portugueza na Exposição Universal de 1900 o Ex.mo Sr. Conselheiro Frederico Ressano Garcia esta prova de condescendencia com os desejos da Associação.

O nosso socio encarregado da conservação da bibliotheca dará conhecimento á Assembléa do desenvolvimento da nossa livraria durante o presente anno, das assignaturas que fizemos de varias publicações, numero d'obras que nos foram offerecidas, suas proveniencias e os mais esclarecimentos que lhe compete dar; por isso, e para não cançar a attenção da Assembléa, não nos referimos aqui com particularidade a este assumpto, embora seja um dos que nos merecem a mais dedicada solicitude e interesse.

Tendo o nosso estimavel socio o Sr. Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manuel mudado a sua residencia d'Evora para Lisboa, passou, por um impulso d'affecto que sempre lhe mereceu está Associação, da classe de correspondente para a de socio effectivo a que já havia pertencido, e provado pelos seus serviços a esta Collectividade a sua proficiencia e boa e leal camaradagem, que tão apreciado e respeitado o tornam a esta Associação que tem no devido apreço as suas nobres qualidades.

O Conselho exulta pela resolução do nosso digno consocio.

Por motivos que não averiguámos e nos cumpre respeitar, despediram-se dois dos nossos socios effectivos, o que foi extremamente sensivel ao Conselho pela estima e alta consideração que tem por S. S. Ex.as

Em obediencia aos estatutos que nos regem, e com grande constrangimento, foi o Conselho forçado a riscar cinco nomes da lista dos nossos consocios, pelo excessivo atrazo do pagamento das suas quotas, e a enviar nova circular a outros instando, com as devidas attenções, pela regularidade do seu pagamento.

Existem actualmente os seguintes socios: effectivos, 48; honorarios, 11; benemeritos, 5: correspondentes, nacionaes e extrangeiros, 65; não se podendo verificar a existencia d'outros, d'esta ultima classe, mencionados n'uma antiga relação, apezar das diligencias empregadas para esse fim.

Respondeu, em 23 de Outubro proximo passado, o Sr. Conde d'Avila, Presidente da Commissão Administrativa do Municipio de Lisboa, ao officio que esta Associação dirigiu em 15 de Julho de 1901 á vereação presidida pelo fallecido Conde de Restello; dizendo que aquella Commissão do melhor grado confiará á guarda e conservação do Museu do Carmo os objectos archeologicos que forem encontrados em escavações a que se tenha de proceder para trabalhos municipaes.

O Conselho, muito reconhecido, agradeceu ao Sr. Presidente da Commissão a sua amavel condescendencia com os desejos d'esta Sociedade.

Constando ao Conselho que no Arsenal da Marinha existia um brazão d'armas do reino, que ornamentava o antigo forte de S. Paulo, e uma lapide com inscripção em hebraico; officiou o Sr. Presidente ao Sr. Ministro da Marinha, em 8 de Novembro passado, solicitando a entrega d'aquelles objectos a esta Associação.

Dignou-se S. Ex.ª satisfazer promptamente ao pedido do nosso dedicado Presidente.

Para esta immediata e favoravel resolução, muito concorreram a auctoridade respeitavel do nosso Presidente e os bons officios e prestante actividade do nosso digno e zeloso socio effectivo o

Sr. Augusto Ribeiro, que mais uma vez provou a efficacia do seu interesse pelo desenvolvimento e progressos d'esta Associação.

O Conselho votou os devidos agradecimentos aos Srs Ministro da Marinha e Augusto Ribeiro.

E' dever, e justo, lembrar que ao interesse, que sempre tem demonstrado por esta Associação o nosso cobrador Ricardo José dos Reis Moraes, se deve a informação da existencia dos dois objectos acima mencionados e por elle indicados ao Conselho como tendo valor archeologico.

Alem dos objectos cedidos pelo Sr. Ministro da Marinha, foram offerecidos á nossa Associação para o seu Museu os seguintes:

Um brazão d'armas do Marquez de Cascaes com a data de 1588, pelo Sr. Joaquim da Silva Leitão;

Um pelouro de pedra encontrado no sitio onde existiu o castello de Grandola, pelo visitante o Sr. José Teixeira, residente em Grandola;

Um calco em gesso da inscripção oriental existente na quinta de Penha Verde em Cintra, que pertenceu ao honrado e inclito D. João de Castro, pelo nosso dedicado socio effectivo o Sr. Antonio Cezar Mena Junior, assim como outro curioso calco, tambem em gesso, d'uma divisa, empresa ou brazão que encontrou na abobada da capella mór da egreja de S. Pedro de Penaferrim em Cintra, e que julga, com razoavel fundamento, ser a divisa de D. Alvaro de Castro, filho primogenito do mencionado D. João de Castro. Estes dois interessantes objectos ainda não puderam ser devidamente estudados.

E o nosso socio, de saudosa memoria, o Sr. Liberato Telles offereceu nos ultimos dias da sua vida prestimosa e activa, um brazão d'armas.

A todos foi devidamente agradecido e manifestado o nosso reconhecimento.

Em attenção á assiduidade, promptidão e intelligencia que tem revelado o cobrador d'esta Associação, Ricardo José dos Reis

Moraes, no desempenho dos encargos que lhe têem sido commettidos, deliberou o Conselho, em sessão de 2 do corrente mez, gratificar aquelle empregado com a quantia de mil réis mensaes, alem da sua prestação sobre as quotas cobradas, com obrigação de continuar a substituir em dois dias de cada mez os dois empregados da Associação, um em cada dia, e fazer a escripturação dos avisos e mais alguma de somenos importancia.

Requereu lhe fosse augmentado o seu ordenado o primeiro guarda do nosso museu, Bernardo de Figueiredo. Tendo em consideração o seu exemplar comportamento e fiel desempenho dos seus deveres durante cinco annos de aturado serviço a esta Associação, concedeu-lhe o Conselho um augmento de mil réis mensaes sobre o seu ordenado de nove mil réis; tornando-se effectiva esta concessão desde Novembro do corrente anno inclusive.

Pediu a sua exoneração o porteiro d'esta Associação, João Ferreira, por ter sido nomeado servente d'uma escola official. Para o substituir foi nomeado José dos Santos, abonado por fiador competente e estabelecido, e por boas informações que se obtiveram d'elle.

Cumpre ser justo com todos, principalmente com aquelles a quem a má fortuna persegue sem justiça como a boa favorece muitos sem razão! João Ferreira foi um empregado exemplar que se desempenhou dos seus deveres com pontualidade e consciencia digna de elogio.

Não resolveu o Conselho promover a celebração das sessões solemnes para a inauguração dos retratos e leitura dos elogios historicos dos nossos fallecidos Presidente e Vice-Presidente, os Srs. Conde de S. Januario e Valentim José Correia, por não ter sido prevenido de se acharem concluidos, tanto os elogios, como os retratos d'aquelles nossos dignos socios, de muito saudosa recordação; constando-lhe mesmo que o nosso socio o Sr. João Feliciano Marques Pereira aguarda uns esclarecimentos impor-

tantes, que pediu para Macau, para poder terminar o elogio do Sr. Conde de S. Januario, de que gentilmente se encarregou.

Comparando a venda de bilhetes d'admissão a visitantes no ultimo semestre do corrente anno, até 20 de Dezembro, com a do ultimo semestre do anno passado, verifica-se que foram vendidos mais 931 bilhetes individuaes, e 73 de familia, o que representa um acrescimo de 107$700 réis sobre a receita da mesma proveniencia do anno anterior, como demonstra o mappa junto n.º 1.

Se é grato a esta Associação ver que augmentam os seus haveres para com mais desafogo dar mais latitude e desenvolvimento aos seus trabalhos, não o é menos ver que o gosto pelos estudos archeologicos e o interesse e respeito pelos nossos monumentos historicos é um sentimento que se vae infiltrando em todas as camadas sociaes.

Pelas contas que o nosso digno e zeloso Thesoureiro apresentará com o seu relatorio á Assembléa, podem verificar-se as verbas de receita e despeza que o Conselho auctorisou e qual o saldo existente em cofre.

Mereceu ao Conselho especial solicitude satisfazer com pontual exactidão todas as responsabilidades da Associação, e administrar com prudente economia que é penhor da segurança, a fim de obter um saldo positivo não inferior ao dos annos anteriores, prevenindo qualquer eventualidade que obrigue a despezas imprevistas.

Ao saldo existente em cofre devemos acrescentar a quantia de 485$000 réis, valor das publicações da Associação, que se acham á venda na sua séde, como determina o artigo 14 do nosso regulamento de 7 de Novembro de 1891, e mais 85$500 réis representados por 19 distinctivos d'esta Sociedade, do preço de 4$500 réis cada um, conforme a Associação estabeleceu, o que tudo monta á somma de 570$500 réis, como se póde verificar detalhadamente pelo mappa appenso n.º 2.

Finalmente: O progresso, que é o caracter da actualidade, anima com o seu santo fogo o espirito dos nossos consocios, aos quaes não fallece talento, capacidade, perseverança e boa união para elevar a maior esplendor o primitivo brilho d'esta Associação, e inspirar-nos a profunda convicção de que entre nós nunca se erguerão obices ou rivalidades que a eclipsem nas nuvens da indifferença ou da discordia!

Sala das sessões da Real Associação, 30 de Dezembro de 1902.

Augusto José da Cunha
João Verissimo Mendes Guerreiro
Gabriel Pereira
José Joaquim d'Ascensão Valdez
Eduardo Augusto da Rocha Dias — Secretario
Visconde da Torre da Murta — Relator

ERRATA

Na pagina 17, *retro*, onde se diz: D. Maria Gertrudes, d'Elvas deve ler-se: D. Maria Gertrudes Costa, d' Elvas.

Mappa comparativo da venda de bilhetes a visitantes do Museu do Carmo durante o segundo semestre de 1901 até 20 de Dezembro de 1902

1901				1902			
Mezes	N.º de bilhetes		Importe	Mezes	N.º de bilhetes		Importe
	a 100 réis individuaes	a 200 réis de familia			a 100 réis individuaes	a 200 réis de familia	
Julho	76	5	8$600	Julho	318	12	34$200
Agosto	125	4	13$300	Agosto	283	12	30$700
Setembro	141	3	14$700	Setembro	282	21	32$400
Outubro	114	7	12$800	Outubro	277	27	33$100
Novembro	135	7	14$900	Novembro	328	25	37$800
Dezembro	86	4	9$400	Dezembro	120	6	13$200
	677	30	73$700		1608	103	181$400
Differença a mais em 1902	931	73	107$700				
	1608	103	181$400				

Mappa demonstrativo das publicações e insignias da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes que se acham á venda no Museu do Carmo, em 31 de Dezembro de 1902

Designação das publicações	Nomes dos auctores	Numero de exemplares	Preço de cada exemplar	Importe total
Boletim 3.ª serie tomo 7.º	Associação	78	1$800	140$400
» » » tomo 8.º	»	89	2$700	240$300
Monumentos de Chellas	Sr. Valdez	72	100	7$200
Museu Archeologico do Carmo	Sr. G. Pereira	344	100	34$400
Catalogos do Museu	Associação	418	150	62$700
Insignias da Sociedade		19	4$500	85$500
				570$500

Relatorio do Bibliothecario
referente ao anno de 1902

Senhores:

Apresentando á critica circumspecta, illustrada e imparcial da Assembléa Geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes o devido relatorio annual da nossa bibliotheca, sentimos profundamente não ter assaz urdidura nem mãos adestradas para tecer uma exposição digna de ser offerecida a esta respeitavel corporação scientifica, que nos merece a mais affectuosa sympathia e profundo acatamento!

Se na decadencia dos nossos cansados annos nos arrefece o alento e esmorece o enthusiasmo; se nos falta a louçania e esplendor do idioma patrio para bem expôr em opulenta locução, vernaculidade de phrase, elegancia e correcção; sobra-nos o desejo e boa vontade de satisfazer com diligencia e pontualidade ao encargo que nos foi commettido, e evidenciar a esta illustre Associação o reconhecimento e apreço em que temos a honrosa demonstração de confiança que successivamente nos tem concedido, confiando ao nosso cuidado a direcção e conservação da sua bibliotheca.

Esperando que, feita justiça á sinceridade dos nossos sentimentos de dedicação, nos serão relevadas as deficiencias, invo-

luntarias, que se encontrarem n'esta succinta exposição, passamos a dar conhecimento do movimento da nossa livraria durante o anno findo de 1902.

Durante o periodo indicado notámos, com satisfação, um sensivel augmento nas obras recebidas, em relação ás do anno anterior; por isso que registámos a entrada na nossa bibliotheca de 61 volumes, 49 folhetos e 166 fasciculos, representando 111 obras.

E' dever de reconhecimento consignar que na sua maioria são estas obras devidas ao favor da offerta feita a esta Real Associação: Pelos ministerios do Reino e das Obras Publicas. Pelas academias de Estudos Livres; de Inscripções e Bellas-Lettras, de França; e Real de Sciencias de Barcelona.

Pelas Associações: Artistica-Archeologica Barcelonesa; de Conductores de Obras Publicas; dos Engenheiros Portuguezes, e dos Soccorros Mutuos dos Empregados do Commercio de Lisboa.

E Atheneu Commercial. Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Camara Municipal de Lisboa. Collegio dos Engenheiros e Architectos de Palermo. Commissão de trocas internacionaes. Diocese de Lyão. Direcção Geral de Instrucção Publica. Empresa das Caldas do Gerez, e Escola Especial de Architectura, de França.

Pelas inspecções: Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos; da Secção Portugueza na Exposição Universal de 1900.

Pelo Instituto de Coimbra. Lyceu Nacional de Braga. Liga Naval Portugueza.

Pelos museus: Ethnologico; Municipal do Porto; de Stokholmo, e de Toulouse.

Pelas sociedades: Archeologica da Figueira; dos Engenheiros e Architectos de Catania; de Geographia de Lisboa; de Geographia do Rio de Janeiro; Martins Sarmento, de Guimarães; Real Nacional de Horticultura de Portugal; Nacional de Bellas-Artes; Protectora das Cosinhas Economicas de Lisboa, e Siciliana de Historia Patria.

E pelos Senhores: Albano Bellino, Alberto de Carvalho, A. F. Barata, Felix Alves Pereira, Francisco José da Costa, Francisco Simões Ratolla, Gabriel Pereira, José Augusto Carneiro, José Leite de Vasconcellos, Manuel Joaquim de Campos, Maximiano

de Aragão, Pereira Caldas, Rocha Dias, Sousa Viterbo, Thomaz Pires, Vieira Guimarães, Vieira da Natividade e Victor Ribeiro.

Como se verifica pelo resumido mappa, (*) junto a este relatorio, tratam essas obras de historia, architectura, archeologia, bibliographia, agricultura, artes e variedades; escriptas em portuguez, hespanhol, francez, italiano, inglez e sueco.

Por assignatura adquirimos a «Lisboa Illustrada» de que temos recebido, com regularidade, 25 fasciculos, ou 5 tomos d'esta curiosa e bem dirigida publicação, que cresce de interesse á proporção que a capital e seus costumes vão soffrendo alterações. E' um importante subsidio para a historia, que o futuro agradecerá com reconhecimento e justiça.

Tambem assignámos outra interessante publicação: o «Diccionario historico, biographico, bibliographico, heraldico, chorographico, numismatico e artistico», de que já nos foi entregue o primeiro tomo, que promette ser um valioso auxilio a consultar sobre as materias que alli se tratam.

Continuamos a receber com pontualidade a «Arte e Natureza em Portugal», sempre primorosamente illustrada, como os nossos consocios têem tido occasião de apreciar.

Do Congresso Colonial Nacional, em que se inscreveu e nomeou representante a nossa Associação, temos recebido a publicação dos seus trabalhos e memorias que lhe foram apresentadas.

Alem das obras mencionadas, recebemos 14 catalogos de differentes livrarias extrangeiras, onde se encontram obras de subido merito sobre variados ramos de conhecimentos humanos.

Do nosso prezado e dedicado socio o Sr. Gabriel Pereira recebemos a offerta de nove bellas photographias dos principaes monumentos d'Evora e vista geral d'aquella cidade, notavel por muitos titulos.

A' nossa collecção de jornaes juntámos os seguintes: Diario do Governo, Liz e Lena, Lidador, Tradição, Construcção, Conimbricense, Gazeta d'Obras Publicas, Manuelinho d'Evora, e Primeiro de Janeiro. A' excepção do Diario do Governo, a todos os mais faltam numeros para completar as collecções.

Archivámos os numeros 3 a 6 da 4.ª serie do Boletim d'esta

(*) Publicar-se-ha no *Boletim* n.º 9.

Associação, que continua sob a direcção da commissão anterior, sempre conscienciosa, desvelada e intelligente no desempenho do seu encargo.

Em officio n.º 185 de 6 de Setembro de 1901 solicitámos do Ex.mo Inspector Geral da Secção Portugueza na Exposição Universal de 1900, uma collecção das publicações que por ordem superior foram impressas com destino áquella exposição. Dignou-se S. Ex.ª acceder á nossa solicitação, mandando, em Dezembro passado, pôr á disposição da nossa bibliotheca 25 monographias d'aquella collecção, que não completou por se acharem esgotados alguns dos exemplares que a compunham.

São interessantissimas aquellas monographias para o conhecimento do desenvolvimento e progressos que se tem effectuado em Portugal, no ensino publico, nas artes, na agricultura, no exercito e na marinha.

Tambem solicitámos do Ex.mo Ministro do Reino, o Sr. Conselheiro Hintze Ribeiro, em officio n.º 196 de 4 de Janeiro de 1902, a concessão d'um exemplar de cada obra em deposito nos archivos do seu respectivo ministerio. Deferiu S. Ex.ª com a maxima gentileza e promptidão ao nosso pedido, mandando fossem entregues á nossa bibliotheca vinte e um volumes de differentes obras, unicas disponiveis n'aquelle ministerio.

Todas as obras recebidas d'estas differentes proveniencias, foram por nós accusadas e agradecidas em nome d'esta Associação.

As varias despezas que fizemos não chegaram a attingir na sua totalidade a dotação annual da bibliotheca, como minuciosamente se póde verificar pelas contas do nosso meritissimo Thesoureiro.

Entre as obras que vieram abrilhantar a nossa bibliotheca, salientam-se as que os nossos prezados consocios produziram á luz da intelligencia e nas vigilias do estudo, e que vieram á estampa com applauso dos que prezam a historia, a litteratura e a archeologia, sciencia que successivamente vai alargando os seus horisontes e attrahindo o interesse.

A affluencia de noticias sobre assumptos archeologicos que de differentes partes chegam ao nosso conhecimento; a multiplicidade d'obras sobre archeologia que se publicam incessantemente; o interesse crescente que despertam as pesquizas ácerca

d'antiguidades, provocando a attenção de sabios de reputação européa; provam á evidencia a utilidade e alcance d'estes estudos, apreciados pelo vulgo, que geralmente avalia a importancia da sciencia pela vantagem tangivel e immediata que d'ella resulta, como distracção futil de espiritos desoccupados!

Negar a importancia da archeologia é negar a importancia da historia!

Eminentes pensadores prestam hoje justiça ao merito dos serviços que os archeologos têem feito á historia, descobrindo e fornecendo-lhe importantes subsidios colhidos á custa de laborioso estudo e arduas fadigas!

Desentranhando das camadas geologicas os vestigios que o homem primitivo deixou da sua passagem, e que o volver dos seculos e o perpassar das gerações não apagaram ainda; seguindo passo a passo o seu desenvolvimento; apreciando a evolução da humanidade em todas as suas phases; tendo na devida conta a influencia do meio, da raça, da hereditariedade e da educação, é que podemos chegar á apreciação segura das ideias d'um povo, da sua moral, aptidões, desenvolvimento e civilisação; abrangendo na sua successão as causas da série dos acontecimentos que constituem a historia.

Partindo do principio fundamental que a formação dos organismos, a genesis da intelligencia, o desenvolvimento das sociedades e a successão dos factos que abrange a historia, estão sob a acção de leis necessarias e invariaveis como as que regem a revolução dos astros, a propagação da luz, a queda dos corpos e as combinações chimicas, e attendendo á transformação perpetua a que tudo está sujeito na natureza, percorrendo uma serie de estados complexos e crescentes por transições insensiveis, modificam-se profundamente as ideias que faziamos dos phenomenos sociaes, das nossas instituições, e mesmo das nossas crenças!

Deste principio se deduz o encadeamento logico e fatal dos acontecimentos historicos, sem recorrer a causas extranhas e maravilhosas invocadas outr'ora por historiadores conceituados e dignos do nosso apreço, porém alheios ao imperio que a lei de evolução exerce, tanto sobre as sociedades, como sobre as linguas e sobre o homem! Limitaram-se em geral, a descrever a

biographia de homens grandes e notaveis pelo nascimento, posição ou pelos feitos, suppostos predestinados a dirigir os destinos da humanidade; a traçar quadros brilhantes de batalhas sangrentas, pondo em evidencia os seus heroes, e deslumbrados pelo fulgor das armas e ruido dos combates, deixavam quasi sempre na sombra, senão no esquecimento, as conquistas dos benemeritos da sciencia e do trabalho!

Conquistas pacificas, modestas, sem pompa nem estrondo, mas que constituem a verdadeira historia da humanidade.

Finalmente narrando com elegancia, correcção e ordem, os factos que pelas regras do seu tempo constituiam os elementos historicos, sem curarem de investigar a sua causa natural e determinante!

E' certo que a historia muda d'aspecto a cada geração, e que cada epocha estuda-a sob o ponto de vista que mais a preoccupa.

Na opinião auctorisada de Bossuet: «os homens e os povos não pensaram nem procederam sempre com as mesmas disposições, assim como não encararam sempre os factos sob o mesmo aspecto»; por isso, sem deixar de ser justo, apreciando e admirando o saber, gravidade e precisão de Thucydides; o vigor e elegancia de Xenophonte; a pureza de estylo, clareza e brilho de Tito-Livio; a suavidade e attractivos de Herodoto; o estylo facil e correcto de Tacito; as brilhantes descripções de Quinto-Curcio; a escrupulosa imparcialidade, rigor methodico e exactidão de Suetonio, bem como as distinctas qualidades d'outras notabilidades modernas, como Guizot, Thiers e Thierry, que crearam, em França, tres escolas differentes bem conhecidas e apreciadas; não podemos deixar de reconhecer que depois do grande e rapido desenvolvimento que se tem dado ás sciencias naturaes, uma nova orientação e processos novos exigem do historiador profundos e complexos conhecimentos scientificos, entrando como fautor valioso e indispensavel, a archeologia, auxiliar essencial para a apreciação do desenvolvimento e progressos da humanidade atravez dos seculos.

A archeologia illuminou as trévas d'um passado remoto e mysterioso e descobriu os primeiros élos d'uma corrente de civilisação que, embora bem simples e grosseira na sua origem, tem

por consequencia natural e necessaria o estado presente das sociedades, d'onde ha de derivar por encadeamento successivo o aperfeiçoamento das sociedades futuras.

Apreciando a importancia d'estes serviços, o alcance dos estudos archeologicos; considerando quanto convem continuar a profundal-os, examinando e discutindo larga e detidamente á luz da sciencia os novos descobrimentos que ulteriores investigações obtenham, fraternisaram varias associações, nacionaes e estrangeiras, que se dedicam á propagação d'estes estudos, permutando entre si as suas publicações.

A nossa Associação fiel ás suas tradições, commungando as mesmas ideias, animada dos mesmos sentimentos, dirigindo-se ao mesmo fim, presta com prazer e solicitude o seu concurso a esta sympathica cruzada scientifica e civilisadora; proseguindo na senda traçada pelo seu iniciador e nosso antigo Presidente o Sr. Possidonio da Silva, com aquella rigidez de caracter e convicções fundas que o avigoraram na empreza das suas duas queridas instituições: a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes e o Albergue dos Invalidos do Trabalho!

Duas bellas manifestações: d'amor á sciencia e dedicação ao estudo; de elevação de sentimentos humanitarios e nobreza d'alma que tão reverente tornam a sua memoria, tão venerando o seu nome! Nome que será sempre pronunciado com enthusiasmo e ouvido com respeito!

Sala das sessões da Real Associação, 10 de Fevereiro de 1903.

Visconde da Torre da Murta
Conservador da Bibliotheca.

Trasladação dos restos mortaes do Santo Condestavel para a egreja de S. Vicente

Desde quando estão depositados no templo de S. Vicente de Fóra os ossos de D. Nuno Alvares Pereira?

Não é um ponto de capital importancia o conhecer-se positivamente em que dia foram para ali trasladados e por que fórma sahiram da egreja do Carmo; porém, como tudo que se refere áquelle grandioso vulto da pleiade de heróes portuguezes deve merecer condigna attenção, parece-nos que não deixa de ter cabimento suscitar esta nota interrogativa.

Ainda não vimos, nos diversos escriptos que se occupam do vencedor das hostes de Castella, designada precisamente a data que procuramos conhecer. Sómente no *Diario do Governo* n.º 117, de 18 de Maio de 1836, pag. 630, se nos deparou uma conta de despeza, pela qual ficámos sabendo que a trasladação se effectuou em março d'aquelle anno. Mas em que dia? Com que formalidades?

E' por demais conciso o documento official, deixa-nos entregues a conjecturas, não nos esclarece devidamente; diz apenas:

« No mez de Março ultimo se concluiu a seguinte obra que vae indicada com a sua respectiva importancia:

« Trasladação do Tumulo do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira da Igreja do extincto convento do Carmo para o de S. Vicente.................................41$063 réis.

« Intendencia das Obras Publicas, 7 de Maio de 1836. — *Braamcamp.* »

Como é sabido, foi n'aquelle tumulo de madeira que os religiosos carmelitas encerraram os ossos do egregio fundador do mosteiro, depois que o terremoto de 1755 destruiu o primitivo mausoleu.

Actualmente conservam-se os venerandos restos d'esse illustre portuguez dentro de um cofre collocado n'uma capella da egreja de S. Vicente; o tumulo foi trazido novamente para o Carmo e está em exposição n'uma das salas do *Museu Archeologico*, denominada *Possidonio da Silva*, em homenagem a este incansavel promotor do engrandecimento da *Real Associação dos Architectos e Archeologos*, por elle instituida.

R. D.

Limite das freguezias de Santa Engracia e S. Bartholomeu do Beato de Lisboa, na Calçada da Cruz da Pedra.

(Conclusão do numero antecedente)

Petição, sentença e accordãos, com os quaes se prova que todo o terreno do Campo de Santa Clara pertence á freguezia de Santa Engracia.

O Beneficiado Antonio Baptista Viçoso, Presbytero Secular, Notario Apostolico de Sua Santidade dos approvados com exercicio na forma de Sagrado Concilio Tridentino pelo Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa, etc.

Certifico e porto por fé em como a meu escriptorio veio presente o Reverendo Antonio José da Fonseca, cura da freguezia de Santa Engracia, pessoa de mim conhecida pela propria, e por elle me foi apresentada uma sentença, que comprehénde cincoenta e quatro folhas assignada pelos Desembargadores Pedro de Mello e Alvim e Rodrigo de Oliveira Zagallo, e consta de varios despachos, sentenças e accordãos, da qual me pedio lhe quizesse extrahir em publica forma o que me fosse apontado, a que eu fielmente satisfiz na forma seguinte:

« A fls. 3. —*Petição* — Diz o Reverendo Manuel Francisco dos Reis, Prior da Parochial Egreja de Santa Engracia, que, par-

tindo os limites da sua freguezia pela parte de fóra da muralha da cidade, que vae do Postigo do Arcebispo, e do outro de S. Vicente até á Graça, pertencendo á dicta sua freguezia todo o territorio, que fica da dicta muralha para fóra para a parte do Campo de Santa Clara, e villa Gallega, e estando n'esta posse por si e seus antecessores ha mais de vinté, trinta, quarenta, cincoenta, cem e mais annos, que excede a memoria dos homens, sem contradicção de pessoa alguma, succedeu, que os Padres de S. Vicente aforaram de proximo parte da cerca, que tem fóra do dito Postigo de S. Vicente no territorio da freguezia do supplicante para no chão aforado se fazerem casas, e com effeito se rompeo o muro, que até agora lhes servia de clausura, e tem signalado pela parte de dentro o sitio por onde se ha de fazer novo muro para a clausura do convento, e por que d'estes novos moradores, que ha de haver, hão de necessidade pertencer os direitos parochiaes á freguezia do supplicante em cujo limite e territorio se pretende edificar, no dia de sexta feira, que se contaram quatorze de março presente pela manhã foi o Parocho da freguezia de S. Vicente pela dicta porta ou abertura, que no muro se tinha feito para a dicta obra, e com notario, e tomou posse do dicto territorio, dizendo, que a tomava como pertencente á sua freguezia, sendo na verdade da freguezia do supplicante, que está na posse, ou quasi posse de ser da sua freguezia o dicto territorio, no que lhe commetteu força e esbulho, e porque o supplicante quer ser restituido á sua posse com todas as perdas e damnos: Pede a Vossa Mercê lhe faça mercê mandar perguntar testemunhas, e justificado o referido mandar, que seja o supplicante restituido á sua posse tudo na forma da lei com todas as perdas e damnos, e protesta tractar só do processorio — E receberá mercê.

A fls. 32 — *Sentença*. — Os embargos fls. sessenta e nove, oppostos ao transito pela Chancellaria da Sentença, fls. sessenta e quatro, verso, recebo e julgo logo provados, visto que sua materia resulta de direito, e se justifica pelos autos, os quaes vistos, e como por elles se mostra, que o embargante é Parocho da freguezia e egreja de Santa Engracia, e está de posse da dicta freguezia, e conforme o direito e por assistencia do mesmo direito tem a sua intenção fundada assim na dicta sua Egreja Parochial,

como dentro dos limites de toda a Parochia privativamente a outros parochos acêrca da administração dos sacramentos e exercicio de todos os actos e direitos parochiaes, e acção das oblações, e só por esta assistencia lhe compete digo e só por esta assistencia de direito lhe compete o remedio da manutensão, emquanto se não mostrar legitimamente prescripta posse, antiga concessão, ou privilegio de isempção em contrario, o que por parte do embargado se não mostra, porque, supposto conste, que é Parocho da freguezia de S. Vicente, e presuma comprehender-se na sua Parochia ainda o logar isempto do ambito e cerco do mesmo convento (o que não é conhecimento d'este juizo), como porem pelo auto de vistoria, folhas noventa e quatro, constou por inspecção ocular, que as casas, que se tem fabricado, e se vão fabricando no solo e area que era do cerco do mesmo convento, e agora estão fóra d'elle (porque se cercou com muro novo por detraz das mesmas casas), tem porta principal para o Campo de Santa Clara, o qual se prova pelas testemunhas da inquirição folhas vinte e tres, que é da Parochia do Impetrante, digo da parochia do embargante, e o confessou o mesmo embargado no auto da vistoria em minha presença e da parte, e basta que estas casas tenham a porta e a serventia principal para a Parochia do Embargante para serem a ella pertencentes, e consequentemente compita ao embargante direito para prohibir, que nenhum outro parocho invada os seus limites para attentar cousa pertencente ao seu officio de parocho, porque depois das divisões que o Papa Dionysio (posto que alguns Doutores as attribuam aos Sagrados Apostolos), fez das egrejas, assignando a cada parochia certos e determinados limites, ordenou logo, que cada parocho tivesse direito proprio na sua freguezia, e nenhum invadisse os limites do outro, e se contentasse cada um com o seu, sem que obste o dizer-se que o dicto Campo de Santa Clara é logar publico, e pertencente ao Senado da Camara, e que assim não póde ser possuido por pessoa particular, porque esta consideração só pertence para a posse e dominio profano do mesmo logar, mas não para o direito incorporal da jurisdicção parochial, de que se tracta, porque para este fim se não dá incompatibilidade alguma para ser possuido pelo embargante, como situado nos limites da sua freguezia, antes se dá uma notavel dissonancia em se consi-

derar este e semelhantes logares publicos como acephalos sem parocho, nem parochia propria, nem se saber de que freguezia são os que residem n'elles, para o effeito de lhes administrar sacramentos, e principalmente aquelles que dependem de jurisdicção, nem tambem faz duvida alguma para excluir a acção intentada o dizer-se, que como o embargante ainda não adquiriu posse, porque não exercitou acto algum de jurisdicção parochial nas casas da contenda, que ainda não tem moradores, se não póde chamar espoliado com a que o embargado preoccupou, porquanto não é necessario que o embargante requeira nova posse a respeito de quaesquer freguezes, ou casas, que de novo se hajam de edificar na sua parochia, porque visto o que uma vez adquiriu da dicta egreja para que n'ella se comprehenda tudo a que se extendem seus limites como accessorios privativamente e com prohibição de outro qualquer parocho, e tambem o embargado entendeu isto mesmo tomando espoliativamente posse de taes casas antes de serem habitadas para haver de parochiar os freguezes, que viessem habitar n'ellas; sendo que como se prova estarem na freguezia do embargante, a elle como possuidor da sua freguezia lhe compete esse direito, em que o embargado o perturbou e espoliou, portanto o condemno a que desista da dicta força e violencia, não se intromettendo na freguezia alheia, e restitua ao embargante a posse em que está de parochiar em todo o districto da sua, em que se comprehendem as casas, de que se tracta com os fructos, perdas e damnos, que se liquidarão na execução, revogando para esse fim a sentença embargada, e pague o embargado as custas em que tambem o condemno. — Lisboa Occidental em quatro d'agosto de mil setecentos e vinte e oito. — *João Marques Bacalhau.*

A fls. 38 — *Accordão* — Accordão os do Desembargo, etc. que não foi aggravado o aggravante pelo corregedor da Côrte dos Feitos Civis, cumpra se sua sentença por seus fundamentos e o mais dos autos, dos quaes pague o aggravante as custas. — Lisboa Oriental cinco de fevereiro de mil setecentos e vinte e nove — *Zagallo* — *Alvim.*

A fls. 52 — *Accordão* — Accordão os do Desembargo, etc. que sem embargo dos embargos que não recebem por sua materia; a

sentença embargada se cumpra vistos os autos, dos quaes pague o embargante as custas. — Lisboa Oriental sete de maio de mil setecentos e vinte e nove. — *Zagallo* — *Alvim*.

E não contem mais a dicta petição, sentença e accordãos, que fielmente aqui fiz trasladar dos originaes, a que me reporto, com os quaes este conferi, e achei, que em tudo estava conforme sem accrescentamento ou diminuição, e tornei a entregar a dicta sentença ao mesmo Reverendo Antonio José da Fonseca, cura collado de Santa Engracia, que de como a recebeu aqui assignou commigo, e não faça duvida não ir firmado o meu signal publico e do notario infrascripto, porque se queimaram no incendio depois do terremoto, — Lisboa vinte e quatro de março de mil setecentos e cincoenta e seis. — E eu o Beneficiado Antonio Baptista Viçoso, Notario Apostolico o fiz escrever, subscrevi e assignei. — O Cura de Santa Engracia, *Antonio José da Fonseca* — O Beneficiado, *Antonio Baptista Viçoso*, Notario Apostolico. Conferido por mim *Domingos Francisco d'Aragão*, Publico Notario Apostolico.

Declarações

Depois de passada a sentença para (supra ?) recorreo o P. Cura de S. Vicente do Desembargo do Paço em petição de revista, a qual saiu escusada, em os deseseis dias do mez de dezembro de 1729, de que foram juizes os Desembargadores Antonio Teixeira Alvares, e Manuel da Costa Bonido, e para constar se fez esta declaração.

Declaro, que o feito se foi buscar ao Desembargo do Paço e o escrivão o poz no cartorio emassado, e o lançou no livro do dicto cartorio na letra F, e está o P. Cura de S. Vicente Felix Pacheco Pimentel, que foi equivocação sua, onde havia pôr Tavares poz Pacheco e se lançou no livro no anno de 1730 pelo escrivão Thomaz de Pina, que serve o officio, de que é proprietario Agostinho Soares Ribeiro, e para que conste aonde ficou se fez esta Declaração.

Está conforme.

Lisboa, Real e Parochial Egreja de Santa Engracia 26 de Agosto de 1900. — O Prior, *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos*.

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contin. do n.º antecedente)

Anno de 1895 (Conclusão)

Instrucção publica. — Para construcção de uma escola primaria — concedida em 31 de janeiro á cam. mun. de Castello Branco uma porção de terreno contiguo ao edificio do governo civil.

« Instituto Bacteriologico de Lisboa ». Reorganisados os seus serviços. (Decreto, Março, 9.)

« Premio de 30$000 réis, creado pela camara municipal de Guimarães ». Regulada a concessão d'este premio destinado ao alumno que mais se distinguir nos exames de admissão aos lyceus, effectuados n'aquella cidade. (Portaria, 1 d'Abril.)

Escola *Principe Real*. — Passou a ter este nome, constituindo-se independente e autonoma, a segunda secção da escola industrial « Rodrigues Sampaio ». (Decretó de 5 d'abril.)

« Escola (3.ª) de alumnos marinheiros no departamento do Sul. Escolas de marinheiros no Porto e em Lisboa ». Installação da primeira; reorganisação d'estas duas. (Decreto de 18 d'abril.)

« Concurso para a adopção das obras destinadas ao ensino secundario ». Respectivo regulamento (Decreto, 18 d'abril).

Serviço e vencimentos do pessoal docente e auxiliar e do pessoal menor « das escolas primarias do municipio de Lisboa ». (Decr., 5, Junho.)

« Casas de asylo de infancia desvalida de Lisboa ». Auctorisada a sua direcção a adquirir um terreno para construcção de um novo asylo (Port., 6, Junho).

« Escola Agricola de Villa Fernando » Regulamento geral provisorio (Decr., 1, Agosto).

« Ensino secundario. (Programmas d'ensino das diversas disciplinas que constituem os cursos dos Lyceus. » (Decretos de 14 d'Agosto).

« Livros que devem servir para o ensino » nos lyceus e nas escolas, collegios e institutos livres de instrucção secundaria (Decr. 26, Setembro).

« Escola elementar do Commercio de Lisboa ». Alteradas e addicionadas algumas disposições do seu regulamento (Port., 17, Setembro.)

« Curso preparatorio para a escola do exercito » : organisado na Universidade, na escola polytechnica de Lisboa e na academia polytechnica do Porto (Decr., 21, Setembro).

« Escola Naval ». Teve nova organisação em 25 de Setembro.

« Real Collegio Militar » Regulamento litterario. (Decr , 3 Outubro).

« Escola elementar do commercio do Porto » : creada junto da associação commercial d'aquella cidade. (Decr., 28, Setembro). Regulamento (Port., 31, Outubro).

« Escolas de ensino primario ». Foram instituidas 100 em diversos concelhos, por decreto de 31 de Outubro ; e outras 100 por egual diploma, datado de 30 de Dezembro.

Obras publicas. — Commissão para organisar as instrucções necessarias á fiscalisação, vigilancia e conservação das pontes metallicas existentes e futuras (Port.. Janeiro, 5).

Regulamento do « aluguer da grelha » installada junto á muralha do caes de Villa Nova de Portimão (Port., Janeiro, 24).

Auctorisada a irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Mattosinhos, concelho de Bouças, a applicar a reparações nos telhados da egreja e melhoramentos no respectivo adro uma certa quantia proveniente de um legado (Port , Março, 4).

Tambem foi auctorisada a confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de Martim, concelho de Barcellos, a distrahir dos seus capitaes uma certa quantia para obras na egreja parochial (Port., Fevereiro, 19).

Commissão para estudar e propor um plano geral de melho-

ramentos no valle do Tejo, um projecto das grandes reparações a que devesse sem demora proceder-se e outro projecto da administração da policia para a boa conservação das obras realisadas (Port , Março, 5)

Regulamentos da exploração commercial da 1.ª secção do porto de Lisboa e das tarifas dos respectivos serviços (Dec., Março, 5).

Auctorisada a irmandade de N. S.ª da Nazareth da freguezia da Varzea, concelho de S. Pedro do Sul, a applicar dos seus fundos uma certa quantia ás obras de reparação da sua capella (Port., Abril, 16).

Auctorisada a misericordia da villa de Coruche a comprar uma casa e terreno annexo para installação de uma « casa de autopsias e mortuaria » (Port., Abril, 24.)

« Contratos de empreitadas » Modo como deve proceder-se no caso de que o deposito de garantia seja feito em titulos de divida publica e parte d'elle tenha de ficar retido em virtude de reclamações contra os empreiteiros. (Port., Julho, 8).

« Quarteis, hospitaes e outros edificios militares ». Dissolvida e louvada a commissão que fôra encarregada da escolha dos typos definitivos d'estas construcções e nomeada outra para completar os trabalhos apresentados por aquella e satisfazer a outros serviços. (Port., Agosto, 10).

« Arrematação e adjudicação de obras publicas ». Resolvidas duvidas sobre a interpretação das instrucções a este respeito. (Port., Outubro, 30).

Regulamentos e instrucções para o « serviço de pharoes do continente e ilhas adjacentes ». (Decr., Novembro, 21).

« Contracto para a illuminação da cidade do Funchal por meio de luz electrica ». (Decr., Agosto, 16).

Armazens do Jardim do Tabaco. — Arrendados ao empreiteiro das obras do porto de Lisboa para installação de um deposito geral destinado a mercadorias coloniaes insulares e dos portos do continente do reino. (Decr., Julho, 18).

Passaportes. — Decr. n.º 10, Janeiro, 10.

Presidio militar. — Assim passou a denominar-se a « Cadeia geral penitenciaria de Santarem », devendo n'ella cumprir-se a pena de presidio militar desde 1 de Maio de 1896. Decr., Abril, 25.)

Propriedade industrial. — Regulamento para execução do Decreto n.° 6 de 15 de Dezembro de 1891. (Decr., Março, 28).

Regencia de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia. Juramento, proclamação e formulario. (Decr., Outubro, 2).

Serviços geodesicos e topographicos. — Creada a respectiva direcção pelo decreto n.° 12 de 10 de Janeiro.

Servidão de terrenos. — Estabelecidas restricções á servidão dos terrenos adjacentes ás praças de guerra, fortificações militares e fabricas e depositos de polvora ou explosivos. (Decr. n.° 9 de 10 de Janeiro).

Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha. — Foi-lhe concedido o titulo de benemerita. (Decr. Novembro, 23).

Thermas da Rainha D. Amelia. — Por decreto de 15 de Maio passou a ter esta denominação a « villa do Banho ». no concelho de S. Pedro do Sul.

Bilhetes postaes. — Auctorisada a emissão de sellos e bilhetes postaes commemorativos do « 7.° Centenario do nascimento de Santo Antonio de Lisboa ». (Decr., Maio, 9).

Pela portaria de 11 de Março determinou-se que entrassem em circulação os bilhetes postaes de côr verde juntamente com os do actual typo; e pela de 3 de Dezembro mandou-se crear novo typo para principiar a circular no 1.° de Fevereiro de 1896, continuando os actuaes, « inclusive o do centenario do infante D. Henrique », em circulação até se exgotarem.

Sellos postaes. — A portaria de 10 de outubro determinou que fossem postos em circulação no continente do reino, desde 1 de Novembro proximo, sellos postaes de novo typo de diversas taxas, devendo continuar a ser considerados validos os typos actuaes das mesmas taxas até 30 de Abril de 1896.

Imposto do sello. — Mandou-se crear novo typo de sello da taxa de 500 réis, ficando abolido o da taxa de 1000 réis, mas continuando na circulação até se exgotarem. (Port., Dezembro, 3).

(Continua.)

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 7, t. IX, pag. 48)

Provezende — villa, conc. de Sabrosa. — Capella de Santa Marinha, de architectura romana; parece que foi templo de Diana. — Teem apparecido nas immediações muitas moedas romanas e arabes. — Pedra quadrada, com inscripção, ao lado direito da porta principal. Esta capella foi mosteiro ou hospicio de templarios. — No picôto de S. Domingos, vestigios de uma antiquissima fortaleza. — Nas casas da *Calçada* e do *Santo* ha um medalheiro. — Pelourinho, de 1573: uma columna monolithica, coroada por uma especie de gaiola e conservando parte da antiga corrente de ferro. — Na capella mór da egreja velha viase uma inscripção do sepulchro de Paschoal da Cunha da Costa. *Archeol. Port.*, VI, 158.

Queimada — freg., conc. de Armamar. — Na *serra de S. Domingos* teem apparecido junto á capella muitas medalhas romanas com bustos e inscripções de varios imperadores.

Queluz — freg. de Barcarena. — Palacio real. — *Descripção e recordações historicas do paço e quinta de Queluz* pelo marquez de Resende; *Panorama*, 1854, pag. 35, 370, 393; 1855, pag. 29, 77, 210; 1857, pag. 1; 1858, pag. 145; *Revista illustrada*, 1892, pag. 107, *Universo Pittoresco*, t. III, pag. 81, 225, 337; *Archivo pitt.*, VI, 241, 273; *Branco e Negro*, II, 113, 321, 334; *A handbook for travellers in Portugal*; *O Seculo* n.º 6660.

Quinta dos Gascos ou **dos Cascos** — freg. de N. Sr.ª da Natividade de Machêde, conc. de Evora. — Dolmen no *Monte do Outeiro*, da freg. de S. Miguel de Machêde, e restos de mais tres, nas immediações. No fim do anno de 1877 descobriu o sr. Gabriel Pereira, no monte do Outeiro (serra d'Ossa) tres dolmens situados nas herdades da *Candieira*, das *Thesouras*, e das *Vidigueiras*; o mais notavel é o dolmen *furado* da *Candieira*, primeiro monumento megalithico que em Portugal se conhece com a particularidade de uma abertura circular na lage do fundo. (Veja **Ossa**.).

Quintan e **Tocha** (ou **Atocha**) — freg., conc. de Cantanhede. — A capella mór da egreja é circular e sobre oito columnas de marmore.

Quintella — freg. de Villa Marim, conc. de Villa Real. — Torre antiquissima, em ruinas.

Raco — herdade na freg. do Cercal, conc. de Odemira. — Teem-se descoberto aqui muitas sepulturas, ossos humanos, armas, ferramentas, vasos lacrimatorios (de barro, de vidro e de prata), candeias, amphoras, anneis, tijolos, telhas, braceletes, machados, ferros de lança, etc. Mandou fazer excavações n'este logar o bispo D. Frei Manuel do Cenaculo; os objectos então encontrados estão no museu de Evora

Raiva — freg., conc. de Castello de Paiva. — Mâmoas no *Monte Grande* e proximo ao logar de *Serradêlho.* Columnas toscas, mós para moer cereaes manualmente, etc. — *O Douro Illustrado* pelo visconde de Villa Maior.

Ramires — freg., conc. de Sinfães. — Restos de um castello mourisco.

Ranhados — villa, conc. da Mêda. — Ruinas de um castello gothico.

Rates — villa, conc. de Povoa de Varzim — Sepulturas antiquissimas no adro da egreja, onde estão os corpos de S. Felix e de seu sobrinho. A egreja foi reedificada pelo conde D. Henrique e por D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *O Minho Pittoresco*, t. II, 229; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 217.

Rebordãos — villa, conc. de Bragança. — Ermida de *N. Sr.ª da Serra*, cuja construcção data do tempo dos godos, e que foi restaurada pelo conde D. Henrique. — O Castello de Rebordão (*Archeologo Português*, III, pag. 115.)

Rebordões ou **Rebordãos** — freg., conc. de Ponte de Lima. — Vestigios de antigos edificios (fortaleza romana?) junto á egreja. — *Archeol. Portug.*, VI, 95, 133.

Reborêda ou **Roborêdo** — freg., conc. de Villa Nova da Cerveira. — Torre da *Gandarella*. — Vestigios de construcções antigas.

Reborêto ou **Roboreto** — monte, a 18 k. ao S. de Moncorvo. — No cume d'este monte ha vestigios de alicerces de muitas casas e muralhas em ruinas. Abaixo d'estas muralhas e no fundo de altos rochedos ha uma galeria, vulgarmente chamada *Buraco dos Mouros* e que parece antes ser obra dos romanos.

Recezinhos — freg., conc. de Penafiel. — Ruinas de castellos antigos junto á capella de Santa Cruz. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 538.

Redinha — villa, conc. de Pombal. - Capella de N. Sr.ª da Lapa, ou da Estrella, n'uma grande gruta natural. Duas sepulturas no corpo da egreja.

Redondo — villa e concelho. — Ruinas de um castello romano, reedificado por D. Diniz. — Restos da torre de vigia ou almenára de Viriato e de Sertorio, no outeiro de S. Gens (serra d'Ossa). — Ermida do *Monte da Virgem*: campa de João Godinho. — Monumentos megalithicos nas proximidades. — *Memoria ácerca da villa do Redondo* por Bernardino Manuel da Costa Lima (publicada no *Investigador Portuguez*, num. XLIII, janeiro de 1815, pag. 345 a 367); *A villa do Redondo* (*Occidente*, XVIII, pag. 106 e 108), *Villa do Redondo* por J. Martins da Silva Marques (Folh. do *Campeão das Provincias*, de Aveiro, abril de 1876); *O Alemtejo historico* por A. F. Barata *Archeol. Port.* VI, 88; *O Domingo illustr.* 4.º vol.; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

Refoyos, Refoios ou **Refojos**. — freg., conc de Cabeceiras de Basto. — Sumptuosa egreja do mosteiro de S. Miguel, semelhante, na fachada e no zimborio, á basilica do Coração de Jesus, de Lisboa. Escadaria sustentada por um arco obliquo, contigua á sacristia. — Cruzeiro no fim da alameda. — Estatua junto á ponte com inscripção em portuguez. — Claustros do mosteiro. — No *monte de Celhas*, perto de *Curraes*, teem apparecido pedras semelhantes a campas de sepulturas e outros objectos de remotissima antiguidade. — No monte *Cividade*, veem-se restos de fortificações muito antigas, e antas pre-celticas. — Inscripção romana encontrada em 1805 nas ruinas do mosteiro de Santa Comba. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 527; *Descripção abreviada do concelho de Cabeceiras de Basto, principalmente da freg. de S. Miguel de Refoyos, sua capital*, por um cabeceirense (Lisboa, 1874); *Memorias resuscitadas da prov. de Entre Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck; *Indice parlamentar*, pelo sr. A de Albuquerque.

Refoyos ou Refojos do Lima — freg., conc. de Ponte do Lima. — Torre dos Malheiros. — Sepulturas com inscripções em latim na capella mór da egreja do mosteiro fund. nos principios do sec. XII. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 261.

Rego da Murta — freg., conc. de Alvaiazere. — Templo de tres naves, que já existia em 1159.

Regua — *Duas palavras ácerca da Regua e seus arredores*. Carta a A. L. S. por Julio Manso Preto (Coimbra, 1869); *Occidente*, XX, 68; XXIII, 249.

Reguengo — freg., conc. da Batalha. — Inscripção romana, incompleta, na capella da torre da egreja parochial. — Inscripção em portuguez na parede da ermida de N. Sr.ª do Fetal ou Feital. — *Archeol. Portug.*, VI, 238.

Reguengos ou **Villa Nova de Reguengos** — villa e concelho. — Em 1837 appareceu n'um curral de bois do *Monte da Azinheira* um tumulo romano, de marmore branco. Está no Museu Allen, do Porto. Nas immediações do referido Monte appareceram outras sepulturas, urnas cinerarias, moedas romanas de prata, uma lapida com inscripção latina, etc. — Proximo á villa encontram-se vestigios de uma antiquissima povoação. — *Memoria historica sobre o concelho de Reguengos de Monsaraz* pelo dr. Pedro Manuel Nogueira, no vol. XXXIV do Instituto; *Noticias arch. de Portugal* pelo sr dr. Hübner; *O Alemtejo historico* (Catal. de Hist. da Biblioth. Nac. de Lisboa, n.º 6669, 2.ª série); *Novo almanach de lembr. luso bras.* 1893, pag. 387; *Encyclopedia das familias.* Rev. de instrucção e recreio, n.º 176 (1901).

Rendufe — freg., conc. de Amares. — Diversas inscripções na egreja parochial. — No peitoril de uma janella do convento ha tambem uma inscripção, e em frente da egreja, outra. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 421.; *Archeol. Port.* III, 149.

Rériz — villa, conc. de Castro Daire. — Vestigios de construcções arabes.

Retorta — freg., conc. de Villa do Conde. — Inscripção sobre a padieira da porta da sacristia da egreja reedific. em 1742. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 284.

Revél — aldeia, conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — Minas d'estanho, talvez exploradas pelos romanos.

Rezende — villa e concelho. — Existe uma anta nas ruinas do castello de S. João, freg. de *Miomães*. Desde a *Deveza* até á ponte de Carcavellos e d'aqui até aos *Paços* e *Matta dos padres* teem apparecido em excavações moedas de ouro, prata, cobre, e de um *metal desconhecido*, de varios imperadores; instrumentos de ferro, pedras lavradas, etc. — Em 1732 appareceu junto ao mosteiro de Cárquere uma lapida com a figura de Diana em baixo relevo e uma inscripção romana: está n'uma casa do dr. Alexandre Pinto, em *Béba*. — Na egreja matriz, construida em 1634 á custa de D João de Castro, está uma lapida com inscripção do lado do Evangelho. — Ruinas do paço de D. Egas Moniz ou dos Condes Almirantes. — O dr. Alexandre Vieira Pinto, fallec. em 1875, na Regua, deixou um livro inedito *sobre antiguidades de Rezende*. — *Portugalia*, t. I, fasc. 2.º, pag. 262; O *Domingo illustr.*, 4.º vol.; *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque.

Riba d'Ul — freg., conc. de Oliveira de Azemeis. — Vestigios de uma torre antiquissima, no logar de Villa Cóva.

Ribaldeira — freg., conc. de Torres Vedras. — Capella de N. Sr.ª dos Milagres, ou da Fonte Santa: azulejos na parede da capella mór, cujo altar, uma urna de marmore com baixos rele-

vos de merecimento, é sustentado por columnas de marmore, feitas em espiral.

Ribamar (S. José de) — aldeia, conc. de Lisboa. — Egreja de um convento de frades arrabidos fund. em 1559, Foram aqui sepultados, alem dos fundadores: D. João de Portugal, bispo de Lamego; D. Maria de Azevedo, condessa do Vimioso, D. Miguel de Portugal e sua mulher, tambem condes do Vimioso; D. Maria de Lencastre, condessa de Castello Melhor; D. Marianna de Vasconcellos, marqueza do mesmo titulo; D. Diogo da Silva, 6.º conde de Portalegre, e seu irmão, D. João da Silva, capellão mór de D. Filippe IV, de Hespanha; Francisco de Tavora, conde d'Alvôr; D. Julianna de Norenha, condessa d'Aveiras; e outros. — *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, 99.

Ribas — freg., conc. de Celorico de Basto. — Sepultura com inscripção na claustra do antigo mosteiro, a que pertencia a actual egreja matriz. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 551.

Ribeira de Fraguas — freg., conc. de Albergaria-Velha. — Vestigios de exploração das minas do *Palhal* no tempo dos *mouros*.

Ribeira do Olival — aldeia, conc. de Villa Nova de Ourem. — Azulejos das paredes interiores da capella de N. Sr.ª da Conceição.

Ribeira de Santarem — povoação do conc. de Santarem. — Em frente d'esta povoação está no rio Tejo o *Padrão de Santa Iria*. Na capella de N. Sr.ª das Neves ha uma sepultura com inscripção. — A egreja de Santa Iria tem dez columnas de ordem toscana, com seus capiteis. — Na egreja de Santa Cruz, diversas sepulturas com inscripções em portuguez.

Rio de Couros ou **Rio dos Couros** — freg., conc. de Villa Nova de Ourem. — Lapidas romanas com inscripções illegiveis, dentro da egreja matriz, em cujas proximidades se teem encontrado cippos, aliceeces, ossos e craneos de individuos *de grande estatura*.

Riodádes ou **Rio d'Adens** — freg., conc. de S. João da Pesqueira. — Em *Valle de Mós*, nos limites d'esta parochia, encontram-se restos de um almocabar mourisco. — O morro chamado *Atalaya*, proximo ao cemiterio, foi almenára dos lusitanos.

Rio de Mouro — freg., conc. de Cintra. — Custodia de prata dourada, que é um primor d'arte: está na egreja matriz.

Rio Frio — freg. conc. dos Arcos de Val de Vez. — Penhasco denominado *O Castello*. Houve aqui uma fortaleza *mourisca* (?) — *O Minho Pittoresco*, t. I, 315.

Rio Maior — *Moedas romanas achadas nas proximidades das Alcobertas* (*Archeologo Portuguez*, 1895, n.º 8, pag. 223); *O Domingo illust.*, 4.º vol.; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 10 fevereiro de 1903.

Socios presentes:

Ex.^{mos} Srs. Augusto José da Cunha, Jesuino Arthur Ganhado, Manuel Joaquim de Campos, Guilherme J. C. Henriques, Sebastião da Silva Leal, Visconde da Torre da Murta, Augusto E. F. Cavalleiro e Sousa, José Joaquim d'Ascensão Valdez, Antonio C. Mena Junior, Ernesto da Silva, Victor Maximiano Ribeiro.

Eram 8 horas e tres quartos quando a sessão foi aberta pelo Presidente Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, tendo por secretarios os srs. Mena Junior e Victor Ribeiro, na ausencia justificada do sr. Rocha Dias.

Leram-se cartas dos srs. J. Rodrigues Fernandes e Monsenhor Botto, declarando não poderem assistir á sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, ácerca da qual o sr. Silva Leal fez varias considerações, pondo em relevo os serviços prestados pelo sr. Bispo Conde ás restaurações artisticas realizadas na cidade de Coimbra.

Leu-se a correspondencia: — Officio do sr. engenheiro João Theophilo da Costa Goes, agradecendo o voto de congratulação que lhe fôra votado em 30 de Dezembro ultimo; — Officio da

repartição de Minas e Agricultura de Sydney, Nova Galles do Sul, agradecendo a remessa do Boletim d'esta Associação; — Officios das tres Secções, communicando os nomes dos socios eleitos para os seus differentes cargos, que são os seguintes:

Pela Secção de Architectura:

Presidente, sr. João Verissimo Mendes Guerreiro;
Delegado, sr. Visconde da Torre da Murta;
Delegado Supplente, sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa;
Secretario, sr. Francisco Carlos Parente.

Pela de Archeologia:

Presidente, sr. Gabriel Victor do Monte Pereira;
Secretario, sr. José Joaquim d'Ascensão Valdez;
Delegado, sr. Conego Joaquim Pereira Botto;
Secretario Supplente, sr. Victor Maximiano Ribeiro;
Delegado Supplente, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.

Pela de Construcção:

Presidente, sr. Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manuel;
Secretario, sr. Manuel Joaquim de Campos;
Delegado, sr. Jesuino Arthur Ganhado;
Delegado Supplente, sr. José Cypriano Costa Goodolphim;
Secretario Supplente, sr. João Rodrigues Fernandes.

Antes da ordem da noite o sr. Presidente deu conta á Assembléa de que entregára á S. M. a Rainha a representação votada na sessão anterior, e de que S. M. recebera esta mensagem com muito agrado, mostrando-se summamente lisonjeada e agradecida pela manifestação de agradecimento que ella representava.

O sr. Visconde da Torre da Murta enviou para a mesa o relatorio da bibliotheca relativo ao anno de 1902.

Foi presente o trabalho — A Ilha do Fayal — do sr. Antonio Ferreira de Serpa e pelo auctor offerecido a esta Associação.

O sr. Silva Leal perguntou pelo estado das obras do elevador do Carmo, no que toca á parte externa do edificio e respectiva serventia. O sr. Ganhado chama energicamente a attenção da Sociedade para os perigos que por todos os lados assediam o arruinado edificio. Estes perigos vem do lado da Guarda Municipal, que ameaça abrir novas janellas para dentro do museu; da Companhia dos telephones, cujos postes damnificaram a solidez do edificio; e por fim da Companhia do Ascensor que vedou a serventia da porta lateral, tem construido telheiros e marquises de encontro ás paredes do edificio, tapando a velha capella exterior da antiga egreja, chumbando nos botaréos e nas paredes os candeeiros, os isoladores e as grades, tudo isto sem auctorização nenhuma; diz que a Camara Municipal reconhecera os direitos da Associação á serventia, que se acha toda entulhada e embaraçada com montes de lenha e de materiaes diversos. Pede que se trate já com a maior diligencia de obter providencias do governo, para salvaguardar responsabilidades. O sr. Silva Leal concorda na necessidade de se dirigir a Associação desde já aos srs. Ministros do Reino e das Obras Publicas.

O sr. Augusto José da Cunha declara não ter a menor duvida em falar com os Ministros e com o Director Geral das Obras Publicas, sendo acompanhado por um consocio, podendo mesmo, caso fosse necessario, falar a este respeito na Camara dos Deputados. Por indicação do sr. Valdez ficou determinado convidar-se o sr. Carvalheira a acompanhar o sr. Presidente n'estas diligencias. O sr. Mena informa que a Companhia do Ascensor, nas suas obras, apeára a cruz do cruzeiro, que estava junto ás ruinas, e provavelmente a mettera nas alvenarias.

O sr. Guilherme Carlos Henriques pede desculpa da sua não comparencia em outras sessões e envia para a mesa a sua monographia «*Alemquer e o seu concelho*» que o sr. Presidente desde logo agradeceu.

O sr. Ernesto da Silva leu o relatorio e contas do anno de 1902.

Para o exame d'estas contas, propõe o sr. Presidente que seja reconduzida a commissão revisora do anno de 1901, com-

posta pelos srs. Ascensão Valdez, Visconde da Torre da Murta e Manuel Joaquim de Campos, e propoz egualmente que na acta se lance um voto de congratulação por este utilissimo trabalho do sr. Thesoureiro.

O sr. Mena referiu-se a uma noticia que lêra ácerca do convento de Santa Joanna, onde ha duas inscripções destinadas ao Museu do Carmo, e lembra que o sr. Gabriel Pereira, como primeiro conservador do Museu, se informasse do assumpto. Encarregou-se de o tratar o sr. Ascensão Valdez.

A's 10 e um quarto encerrou-se a sessão.

O Vice-Secretario

Victor Maximiano Ribeiro

Sessão de Assembléa Geral em 18 de Abril de 1903.

Socios presentes:

Ex.mos Srs. Caetano da Camara Manuel, Manuel Joaquim de Campos, Augusto José da Cunha, Adolpho Loureiro, Guilherme J. C. Henriques, Conego Joaquim Maria Pereira Botto, Sebastião da Silva Leal, Jesuino Arthur Ganhado, José Joaquim d'Ascensão Valdez, Antonio Cesar Mena Junior e Victor Maximiano Ribeiro.

Eram 8 horas e tres quartos da noite quando se abriu a sessão. Presidiu o sr. Augusto José da Cunha, tendo por secretarios os srs. Antonio Cesar Mena Junior e Victor Ribeiro, na ausencia justificada do sr. Rocha Dias.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior rectificando-se que na Commissão Revisora de Contas apenas foram reconduzidos os dois membros alli indicados e o terceiro foi nomeado.

Leram-se cartas dos srs. Visconde da Torre da Murta e Ernesto da Silva, e um telegramma do sr. Mendes Guerreiro desculpando a sua ausencia. O sr. Ernesto da Silva remetteu

uns exemplares do Jornal de Hong-Kong, enviado pelo socio effectivo sr. Eugenio dos Santos Remedios, no qual vem a lista dos Architectos de Hong-Kong, incluindo o nome d'aquelle consocio.

O sr. Adolpho Loureiro declara ter estado doente e por isso não ter ainda vindo agradecer á Associação o tel-o eleito socio, o que faz agora, pondo os seus prestimos ao serviço da Sociedade.

O sr. Augusto José da Cunha declara ter falado com o sr. Fevereiro ácerca das obras do edificio da Guarda Municipal, e que em resultado d'essa conferencia fora procurado pelo sr. Commandante das Guardas, que lhe assegurou as suas melhores intenções com relação ao edificio, pedindo que por parte da Associação fossem ver as obras, desejando que nada se fizesse sem previo accordo. Effectivamente o sr. Mena, commissionado para esse fim pelo sr. Presidente, foi visitar as obras e declara que o projecto, elaborado pelo engenheiro sr. Monteiro de Lima, projecto já approvado nas estações competentes, tem por fim, na parte que interessa á Associação, substituir as grades das janellas por balaustradas de pedra. Entende que a Associação deve ficar satisfeitissima com estas obras, porque a fachada que olha para o Museu vai ficar muito mais perfeita, e porque vê na boa direcção e orientação d'essas obras uma garantia da sua vantagem.

O sr. Cunha accrescenta ainda que o sr. Commandante das Guardas, como prova da sua boa vontade, lhe communicou que desejava offertar ao Museu algumas pedras com inscripções relativas a uma capella que alli se descobriu no atrio de entrada, e propõe que o sr. Gabriel Pereira se entenda com S. Ex.ª ácerca da remoção d'esses objectos preciosos. O sr. engenheiro Lima enviou para a Associação uma copia das inscripções, uma de 1594, outra de 1603, as quaes foram lidas na sessão.

O sr. Adolpho Loureiro informou que o Conselho Superior dos Monumentos se tinha interessado por que a obra em nada prejudicasse o edificio.

O sr. Cunha propõe um voto de sentimento pela enfermidade que tem torturado a esposa do digno primeiro secretario, sr. Rocha Dias voto que foi approvado por unanimidade.

Leu-se o officio do administrador do concelho de Povoa de Varzim, datado de março, em que communica que do testamento

com que falleceu em 18 de março, o socio benemerito Joaquim José da Nova, da Praça do Almada, d'aquella villa, consta o seguinte: — «Deixo á Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, da cidade de Lisboa, a quantia de duzentos mil réis» — e que a testamenteira é a Sr.ª D. Ignacia da Motta Monteiro.

A'cerca d'este officio resolveu-se: — agradecer a noticia, e escrever aos testamenteiros para indagar o modo por que se ha de effectuar o recebimento; que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte de tão prestimoso e benemerito associado, que por varias vezes offertou á Associação diversas quantias e donativos. Os srs. Gabriel Pereira, Ascensão Valdez e Mena associam-se a este voto, que deve servir de incentivo e estimulo, lembrando o sr. Mena que se mande ampliar a photographia offerecida pelo fallecido socio com o seu retrato, e que no Boletim se consigne uma menção honrosa com respeito ao seu fallecimento. Mais se resolveu, por proposta do sr. Ganhado, que n'uma sessão especial se faça a leitura do seu elogio, que será publicado no Boletim, e a inauguração do retrato.

Leu-se o programma de uma sessão do Congresso Archeologico da França, que deve effectuar-se em Junho proximo, lembrando os srs. Loureiro e Valdez a conveniencia de adherir a elle, para estabelecer ligação de interesses scientificos.

Leu-se tambem um officio da Camara Municipal de Lisboa, pedindo a nomeação de um delegado architecto diplomado, que em cumprimento das disposições do testamento do Visconde de Valmor, ha de fazer parte do jury que annualmente se reunirá para adjudicação de um premio ao proprietario e architecto da mais bella edificação ou restauração artistica em Lisboa.

Foi nomeado o sr. Francisco Carlos Parente.

A Sociedade Litteraria Almeida Garrett enviou uma circular, pedindo a cooperação nas festas civicas da trasladação de Garrett. Resolveu-se que a Associação se faça representar no cortejo por todos os associados que queiram comparecer, e que o edificio tenha nesse dia hasteada a bandeira nacional.

Deliberou-se agradecer ao sr. Luciano Lallemant o offerecimento de 300 retratos do fallecido e saudoso Possidonio da Silva, e ao sr. Cesar da Silva a offerta de 3 photographias pequenas tiradas no Museu.

Foi lido o parecer da commissão revisora de contas, pelo sr. Valdez, como estava indicado na ordem da noite. Foi approvado.

Foram presentes duas propostas para socios correspondentes, dos srs. D. Antonio Sanchez Moguel, assignada pelos srs. Augusto José da Cunha, Mena Junior e Victor Ribeiro, e do Dr. A. Wiedmann, professor da Universidade de Bonn, assignada pelos srs. Leite de Vasconcellos, Valdez e Campos. Foram approvadas.

O sr. Mena declara que o mesmo auctor, do calco da grande inscripção da Penha Verde lhe communicou haver em S. Miguel d'Odrinhas, concelho de Cintra, umas inscripções romanas, que está prompto a decalcar e enviar para o Museu, mediante pequena remuneração.

O sr. Gabriel Pereira diz conhecer duas inscripções na egreja e outras não romanas, mas christãs, do seculo XVI num ediculo na face sul da egreja. Uma dellas é enorme. O calco seria de grande utilidade. Lembra um calco ligeiro em *staff*. E lembra que naquelle local ha tambem restos de uma ara romana, que muito conviria transportar para o Museu. Foi approvada qualquer despeza a fazer com estas acquisições. Apresentou-se o prospecto da nova edição illustrada da «Cintra pinturesca», approvando-se a sua assignatura.

Victor Ribeiro chamou a attenção dos consocios para uma inscripção em caractéres gothicos, que ficou a descoberto no cunhal do edificio do Carmo, na face que olha para a entrada do elevador, ficando o sr. Gabriel Pereira de a examinar. Este consocio relata o apparecimento de uma capella no edificio do Carmo, descripta na Chronica Carmelitana, e diz que o sr. engenheiro se propõe apeal-a e trazel-a como offerta para o Museu.

O sr Gabriel Pereira propõe tambem que os officios de agradecimento recebidos dos srs. Bispo Conde de Coimbra e Antonio Augusto Gonsalves, pelo voto de louvor que lhes fôra conferido, pela sua importancia e interesse sejam publicados no Boletim. Estes officios foram lidos no começo d'esta sessão.

Encerrou-se esta ás 10 e tres quartos.

O Vice-Secretario

Victor Maximiano Ribeiro

Mappa demonstrativo das obras recebidas e adquiridas para a bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes durante o anno de 1902

Designação das materias que tratam	Numero de				Observações
	Obras	Volumes	Folhetos	Fasciculos	
Historia	36	21	35	37	Todos os fasciculos que tratam das materias indicadas, constituem, na sua maioria, continuação de obras já existentes na bibliotheca.
Architectura.	2	1	–	2	
Archeologia.	11	12	1	15	
Numismatica	4	1	3	–	
Bibliographia	3	4	–	12	
Agricultura.	8	7	–	10	
Artes	4	4	–	2	
Variedades	23	11	10	88	
	91	61	49	166	

A collecção de pinturas pertencente aos Srs. Duques de Palmella

D'esta importante collecção existente no conhecido palacio do Rato, sei de dois catalogos; um publicado na «Revista Universal Lisbonense», tomo IV da 2.ª serie, 1851-1852, a pag. 142, 153 e 166; outro mais antigo, impresso, não divulgado: ambos dispostos no mesmo systema; por isto o conservo tambem. A essas pinturas devem juntar-se os retratos modernos, por exemplo, o da actual sr.ª Duqueza, trabalho, não muito feliz, do afamado C. Duran.

A collecção é de alto valor em geral, de altissimo valor para a arte portuguesa, porque no palacio do Rato estão algumas télas de Vieira Portuense, de Vieira Lusitano, e de Sequeira (estas principalmente), o grande artista, amigo e protegido da fidalga familia, que felizmente tem sabido conservar e seguir as suas tradições.

Na collecção ha pinturas antigas em táboa e téla, de primeira ordem, e entre estas algumas que n'um catalogo são attribuidas a Grão Vasco, n'outro a Christovão d'Utrecht; de certo nada posso affirmar, e por isto usei de ?? nos casos duvidosos. Que ha pontos de contacto entre o S. Miguel Archanjo, com as lindas figurinhas de freiras nos pratos da balança, e alguns quadros de Vizeu, de origem portuguesa, não ha duvida.

Os quadros da vida de Nossa Senhora, da escola flamenga, podem ter sido pintados na Flandres, ou por flamengos em Portugal, ou por portugueses na Flandres. Sobre a *Sagrada Familia*, primôr d'arte, não ha duvidas; entendidos de grão superior classificaram essa encantadora pintura.

O conde de Raczinski dedicou uma das suas cartas a esta collecção. Em 1844, como se vê da carta, os quadros estavam no palacio do Calhariz e no Rato; os celebres esmaltes no palacio da esplendida quinta do Lumiar, onde o duque dava festas que impressionavam estrangeiros de alta cultura.

Sendo bem curiosa a carta de Raczinski vou transcrevel-a. Farei ligeiras observações. A serie dos quadros do Paraiso está no Museu Nacional de Bellas Artes; em um desses quadros ha um vaso de louça branca com açucenas, e nelle se lê =Abraham Prim = em iniciaes decorativas que se devem interpretar como allusivas ao tradicional tronco israelita; não se trata de assignatura do pintor. A respeito da Familia Sagrada, Vicari affirmou ser o celebre quadro de Julio Romano; Madrazo que era grande entendedor, e bem conhecia os quadros do Museu do Prado, de que elle foi director, diz que o desenho é de Raphael, e o colorido de Julio Romano. Hoje conhecem-se mais repetições da Sacra Familia de Raphael e do seu discipulo Julio Romano, além do quadro muito citado da galeria de Dresden. Os esmaltes de Limoges, de que já publiquei a relação neste Boletim (n.º 6 da 4.ª serie), são do seculo XVI. Vamos vêr a carta de Raczinski:

Palacio do Duque de Palmella no largo do Calhariz — 26 de Novembro de 1844.

=Visitei hoje este palacio com o sr. Cinnati, habil artista italiano, encarregado da direcção das obras que o duque ahi mandou fazer. E' elle que, de companhia com o sr. Rambois, dirige a ornamentação do theatro de S. Carlos, e esta obra é a prova evidente da sua aptidão como pintores de decoração e architectura, e dos seus conhecimentos de perspectiva. As novas pinturas e os estuques que ornam os tectos e as paredes do palacio do duque

foram executados segundo os seus desenhos, e sob a sua direcção.

Nem todas estas obras me agradaram. O tecto maior está talvez muito carregado de pinturas, mas em todos os seus trabalhos estes senhores se mostram sempre artistas consummados.

O sr. Cinnati me mostrou muitos quadros antigos pertencentes ao duque, e que devem ser pendurados logo que a obra termine. O mais notavel de todos é um *São Miguel esmagando o dragão*, de tamanho natural, pintado em madeira.

Já tinha visto este quadro em casa de Tiniranzi que estava encarregado de o restaurar; a cabeça estava quasi apagada. Fiquei satisfeito por ver a maneira com que este restaurador de pinturas até certo ponto, a reproduziu. O rosto estava menos estragado, e poude ser conservado. De todos os quadros que tenho visto até agora em Portugal é o que se approxima mais das obras de Gran-Vasco, com os quaes travei conhecimento em Vizeu. Este quadro tem muito estylo, é de execução e de colorido analogo ás obras de Gran-Vasco.

As pequeninas figuras de religiosas ajoelhadas nos pratos da balança, e os monstros aos pés do S. Miguel lembram tambem singularmente os quadros de Vizeu. Não affirmo que esta obra seja de Gran-Vasco, mas estou muito inclinado a acredital-o.

Outro tanto não direi dos oito quadros representando a *vida da Virgem*, que tornei a vêr n'este mesmo dia, e dos quaes já vos disse outras vezes. Estes, ainda que mais grosseiramente pintados e menos bem apanhados que os quadros do Paraizo, assignados por Abraham Prim (!) teem todavia a maior analogia com elles. Nasceram seguramente sob a influencia dos preceitos e dos exemplos do auctor dos quadros do Paraizo: mas são peiores. Quatro quadros pintados sobre cobre, no genero de um dos Breughel, teem algum merito.

Gosto muito do *retrato do homem calvo* que se acha entre os quadros reunidos neste palacio; a figura tem expressão verdadeira, é bem desenhada e bem pintada; as mãos, ao contrario, em tudo merecem severa critica. O *retrato de um ministro* da época de Pombal é digno de louvor. Foi gravado. Em uma sala deste palacio conservou-se um tecto da época de Luiz XV. E' de grande opulencia tanto na composição como na perspectiva, revéla

no seu auctor grande habilidade artistica; mas as fórmas e as proporções contrastam singularmente com as dimensões das paredes que sustentam o tecto; as figuras d'este tecto são de um desenho abaixo do mediocre; todavia, se isto me pertencesse, eu não lhe tocaria. A estada em Lisboa augmentou as minhas tendencias conservadoras.

O duque de Palmella possue tambem no seu outro palacio do *Rato* um grande quadro que é reproducção da Santa Familia, de Julio Romano, da galeria de Dresden. Vicari decidiu que este quadro é tambem de Julio Romano, e constatou este juizo n'uma declaração escripta que eu vi. Salvo uma cabeça a mais n'um dos dois quadros, e algumas outras ligeiras variantes no vestuario do S. João e na attitude de S. José, os dois quadros parecem executados sobre o mesmo desenho. Vicari era um juiz competente. O que não admitte duvida é que é uma bella obra classica de Italia: julgo-a original. Emquanto á conservação deixa muito a desejar. Vi neste mesmo palacio muitos quadros flamengos bons, entre outros o *retrato de uma mulher idosa*; é na maneira de Dietrich, quando elle queria imitar Rembrandt. Vi em casa de um restaurador de quadros, italiano, chamado Boldrini, que pouco se demorou aqui, uma *Familia Sagrada*, pertencente ao duque. Julgo que este quadro é do pincel de João de Maubeuge.

No seu palacio do Lumiar o duque tem bellos esmaltes no genero d'aquelles que se faziam em Limoges nos seculos XIV e XV. Vi-os num dia que para sempre me ficará gravado na memoria. Foi a 24 de novembro, seguinte ao encerramento da grande discussão que devia decidir da sorte do ministerio.

O duque dava uma festa soberba em honra de Fuad Effendi, enviado turco. Os adversarios politicos mais encarniçados estavam misturados nas mesas de jogo, no banquete, nas contradanças; toda a gente tinha ar satisfeito. O dono da casa era de perfeita amabilidade, e até as jovens e amaveis damas que ainda na vespera eram accusadas, muito injustamente creio, de atiçar o lume, mostravam neste dia uma suave jovialidade, e esta reserva graciosa e natural que as distingue.=

1 — A Sagrada Familia, desenho de Raphael, colorido de Julio Romano. Admiravel pintura, e perfeita conservação.

2 — O encontro de Nossa Senhora com Santa Isabel. Original de Giorgione.

3 — Seis quadros que representam a vida de Nossa Senhora. Originaes de Christovão de Utrecht. (?) Excellentes pinturas. O nascimento da Virgem. A Annunciação. O desposorio. A natividade. Adoração dos magos. Pertenceram á casa dos marquezes de Valença.

4 — S. Miguel Archanjo, sobre a serpente de seis cabeças, tendo nas balanças duas freiras da ordem de S. Bernardo. Original de Christovão de Utrecht ? Ou de Vasco Fernandes ? E' mui notavel pintura.

5 — S. Jeronymo no deserto. Da escola de Julio Romano; attribuido tambem a Miguel Angelo.

6 — Nossa Senhora com o Menino ào collo. Original de Beccafumi; escola florentina.

7 — Nosso Senhor Crucificado. Maneira fina de Van-Dick.

8 — *Ecce Homo*. Meia figura: original de Luino, discipulo de Leonardo dá Vinci.

9 — Santa Rosa de Viterbo abraçando o Crucificado. Original de Balestra, imitador de Murillo.

10 — Annunciação de Nossa Senhora. Escola de Murillo.

11 — A Samaritana junto do poço. Original do cavalheiro Conrado; escola de Bolonha.

12 — Paizagem, com uma presa de agua. Escola de Poussin.

13 — Paizagem mostrando ao longe uma cidade italiana. Salvador Rosa.

14 — O Crucificado. Por Vieira Lusitano.

15 — Paizagens (duas) nos arredores de Roma. Originaes de Vieira Portuense.

16 — Dez esboços que representam assumptos dos dez cantos dos « Lusiadas » de Camões. Originaes de Vieira Portuense.

17 — Vasco da Gama na Ilha dos Amores. Esboço original de Vieira Portuense.

18 — A Condessa de Atouguia (D. Filippa de Vilhena) armando os filhos para a revolução de 1640. Esboço original de Vieira Portuense.

19—Santo Antonio prégando aos peixes. Original de Vieira Lusitano.

20 — O toucador de Venus. Copia de Vieira Portuense, tirada do quadro de Albano.

21 — As quatro grandes télas de Sequeira :
I A visitação dos Reis Magos.
II A descida da Cruz. (Estes dois completos.)
III A Resurreição do Senhor.
IV O Juizo Universal. (Estes não acabados.)
Originaes de Domingos Antonio de Sequeira e por elle executados em Roma.

22 — A sahida do Principe Regente D. João para o Brazil em 1807 com a Augusta familia. Original, primeira maneira de D. A. de Sequeira.

23 — Duas télas de Sequeira : I. Loth e as duas filhas. II. Susana sahindo do banho. Esboços, originaes, maneira franca de Sequeira.

24 — Um architecto mostrando ao intendente Manique certa planta de um edificio de Lisboa. Original de D. A. de Sequeira.

25 — Cupido em pé, encostado a um leão. Original de Bento Gagnereau, 1791.

26 — Nimpha dando de comer a seis Cupidos n'um ninho. De Bento Gagnereau.

27 — Satyro, e nympha dormente. Escola de Luca Giordani.

28 — Retrato de El-Rei D. Sebastião. Em fórma elliptica. Attribuido a Claudio Coelho.

29 — Boi deitado n'uma campina. Paulo Potter.

30 — Sybilla. Original de Boldrini, que esteve em Lisboa em 1845-1846.

31 — Aves mortas, duas cegonhas da America. Original de M. Bloem.

32 — Uma cegonha da America, em campina. Original de Bloem.

33 — Madona de Foligno. Copia de Antonio Manoel da Fonseca, tirada do original de Raphael.

34 — Sacra Familia. Em plano oitavado; relevo de bronze dourado, sobre lapis lazuli, moldurado em prata e pedra venturina.

35 — Pintura em cobre, fórma elliptica: Santo Antonio (meio corpo), com o Menino Deus ao collo. Original de Domingos Antonio de Sequeira: primeira maneira, pintado em Roma quando alli esteve pela primeira vez.

36 — S. Paulo eremita. Original de Guido Reni.

37 — Velha avarenta, pezando moedas d'ouro. Original de Koninck? 1641 (tambem attribuido a Rembrandt).

38 — Duas batalhas de cavallaria. Originaes de A. F. R. Meulen.

39 — Quatro paineis em cobre representando os quatro elementos. Originaes (ou attribuidos) de Brugel Avelludado (Breughel).

40 — Interior de casa rustica com mobilia de cosinha, 14 figuras. Original de Teniers (?).

41 — Retrato, tamanho natural, com um rolo de papel na mão esquerda, com o lettreiro — *Il Ex.º duca Alfonso primero* (?). Original de Ticiano (?). Retrato do duque de Ferrára, Affonso d'Este.

42 — Retratos da Ex.ma Familia Palmella, a ¾ do natural. Pintados por Krumholtz em Lisboa em 1847.

G. Pereira.

GARRETT

E A

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

Leitura feita em sessão de assembléa geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, na noite de 9 de junho de 1903, commemorando a solemnidade da trasladação dos restos do Poeta para o Pantheon Nacional dos Jeronymos.

Ardua e improba tarefa me impuz e no seu primeiro aspecto inattingivel. Falar de Almeida Garrett, cuja vida, merecimentos e obras se acham largamente estudados e commentados pelos mais sapientes e eruditos criticos da arte e das lettras, seria na verdade commettimento ousado.

Não trato porém, agora, de elaborar, nem siquer n'um rapido esboço de respeitoso culto, o elogio do homem cujo nome e cujas encyclopedicas aptidões geniaes constituem um periodo de notavel revolução e iniciação na historia da poesia, do romance,

do drama, da comedia, da critica, da oratoria, da pedagogia, emfim de todas as manifestações do pensamento humano.

E' certo comtudo, e assim o reconheci com magua, que d'entre as varias feições egualmente sublimes d'este espirito brilhante, no qual as faculdades creadoras se emparceiravam com o mais profundo, radicado e enthusiastico amor pelo torrão patrio e pelas patrias glorias, pelos nossos costumes e pelas nossas tradições, uma tendencia houve, que mais deslembrada ficou dos seus biographos. Enaltece-se o poeta, glorifica-se o prosador sem rival, celebra-se o creador do theatro e da litteratura ligeira de critica e de costumes, fala-se do orador, do parlamentar e do politico, cita-se a sua proverbial elegancia e aprimorados usos cortezãos, louva-se o calor com que sempre pugnou pelas grandes glorias nacionaes, admira-se o cantor do *Camões*, e o auctor das *Viagens*. Sómente, talvez por ser uma qualidade ainda mal apreciada da maioria n'este paiz, se esqueceram as suas eminentes tendencias e o seu gosto pronunciado, como artista que era, pelos estudos archeologicos, pela conservação dos nossos monumentos, pelo estudo da nossa historia artistica. Poeta de raça, artista de coração, Garrett manifestou sempre, nas suas obras immorredouras, a influencia profunda, a magia indizivel que sobre elle exerciam as ruinas dos velhos monumentos entresachadas pelas ramarias floridas do arvoredo, ou envolvidas e deslocadas pelos troncos cordiformes da hera verdejante. Vê-se atravez dos versos e da prosa do vernaculo e elegante escriptor, a paixão, a melancholia intensa, o vago e indeciso scismar, que nelle produziam as altas arcarias dos templos ogivaes, as abobadas de formosissimas curvas, os artezoados floridos ou singelos, os cruzeiros simples, os claustros sombrios, as arcadas, viellas estreitas, os quebra-costas, as barbacans, os arcos e postigos das velhas cidades medievaes e mouriscas.

Naquelle espirito lucidissimo do poeta, estas maravilhosas obras das passadas gerações de artistas, causavam um enlevo egual em respeitosa adoração, como só a sabe ter o archeologo culto, ao influxo da bella natureza. O cantor das frondosas paizagens da bella Cintra era simultaneamente um apaixonado amador das trovas e cantos populares, tradição poetica das gerações passadas, e um devotado propugnador da conservação dos documentos de pedra, que a piedade das velhas gerações deixou, custosamente

insculpidos e lavrados pelo escopro do mesteiral, como herança preciosa ás gerações vindouras.

Ninguem como Garrett soube verberar, de latego erguido, os vergonhosos vandalismos, e, como ainda ha pouco fazia a honra de m'o dizer a nossa illustre Soberana (que do alto do throno tanta dedicação intelligente e apaixonada tem manifestado pelas bellezas artisticas e archeologicas) as barbaridades inauditas com que inscientes corporações e individuos teem feito desapparecer, sob o camartello demolidor, ou maculado com torpes pseudo-restaurações, os mais bellos, mais preciosos, mais originaes dos nossos monumentos artisticos e historicos.

Da famosa trindade litteraria, que marcou o periodo notabilissimo do primeiro quartel do seculo XIX, promovendo o renascimento das lettras patrias e o inicio glorioso dos estudos historicos, da poesia hodierna, do drama, da educação pedagogica da infancia, da arte e da archeologia, nenhum dos tres nomes, que o povo portuguez reconhecido não sabe desprender nem desligar, desde as mais sabias academias até ao mais humilde e incipiente ledor, nenhum dos tres, dizia, Herculano, Garrett ou Castilho, foi extranho á corrente de que derivou a archeologia historica portugueza.

De Herculano, nem é preciso falar, a comprovar este asserto. O eminente archivista da Ajuda, que passou boa parte dos seus dias a extrahir, lettra a lettra, dos poeirentos, carcomidos pergaminhos, a verdade immaculada das nossas primicias historicas; o audaz batalhador que lançou as bases da assombrosa publicação *Portugaliœ monumenta historica*, cuja interrupção causa pasmo e dôr aos extrangeiros estudiosos; o Pae da Historia portugueza, que achou condigno continuador em Gama Barros, nada precisa que se diga delle, para ser, na mais adversa opinião, tido sem favor, como um dos homens a quem mais devem em Portugal os estudos historicos e archeologicos. Diga-o bem alto o *Panorama*, eschola onde se crearam aquelles que nós hoje temos por iniciadores e principaes promotores de taes estudos. Os honrados e perseverantes fundadores da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, que tão altos serviços tem prestado ao paiz, digamol-o sem reservas, porque é uma verdade incontestavel, esses venerandos fundadores, cujo nome inda hoje cobre de prestigio este instituto scientifico, crearam-se sob o influxo daquella es-

chola, onde se lançaram as primeiras bases de estudos d'esta indole.

A poesia da archeologia tambem a cultivou Herculano, o frio, o severo, o intolerante historiador. Engrinaldou de phantasias romanescas a tradição de uma das nossas mais celebres obras da arte architectural, e o poema em prosa — *A Abobada* — ficou sendo e será eternamente o poema em que se cantam as immarcessiveis glorias da arte portugueza. O Gama foi cantado por Camões; o lendario e indeciso vulto do canteiro portuguez, do mestre constructor d'aquellas maravilhosas fabricas de pedra, concretizado num vulto, porventura no pequenino busto do angulo da casa do Capitulo da Batalha, achou em Herculano o seu cantor.

Garrett, segundo nol-o contam os biographos contemporaneos e amigos do poeta, era um amador das preciosidades da antiga marcenaria, do mobiliario artistico. Seduziam-o as obras severas, elegantes, distinctas dos antigos entalhadores, os buffetes torneados, os contadores preciosos, as columnas, os embutidos, os moveis antigos. Este gosto desenvolvera-o elle lá fóra, nas suas viagens atravez dos riquissimos museus da Inglaterra, da França e da Belgica, e apurára-se no convivio das gentes cultas, onde a corrente do luxo custoso e artistico se accentuava. (1)

A descripção da phantasiosa mobilia dos seus aposentos, como se lê no livro das suas *Memorias biographicas*, é a prova mais cabal e irrefutavel desta tendencia artistica e archeologica. Garrett chegou a ter, diz o biographo, na rua do Salitre um casarão cheio de contadores, buffetes, camas, todos torneados em espiral, de diversos tamanhos e feitios, que pouco a pouco restaurava e convertia em trastes elegantissimos. Mandou vir desenhos da Allemanha e por elles compunha, com summo gosto, cadeiras, mesas, leitos e outras obras de phantasia. (2)

E a proposito desta orientação de Garrett, o biographo prosegue nestes termos:

« El-rei D. Fernando e elle restauraram em Portugal o gosto

(1) Gomes de Amorim, *Memorias biographicas* tomo III, pag. 615 e seg.

(2) Gomes de Amorim, *Ibidem*, tomo III, pag. 615.

mobiliario, resuscitando melhorada a arte antiga com o auxilio da moderna. Tambem neste genero de estudos, Garrett foi mestre de alguns dos nossos escriptores, que, incitados pelo seu exemplo, pozeram depois com arte os seus gabinetes de estudo. Elle tinha o sentimento do bello em tão alto grau, que sabia dar ás cousas mais insignificantes apparencias que as faziam valer aos olhos, e parecer de muito maior preço do que realmente eram. Como casa particular, foi a súa, apesar de pequena, a primeira que em Lisboa se conheceu ornada quasi toda de moveis antigos restaurados. Havia-as muito mais ricas, de pessoas opulentas; nenhuma de mais harmonia no conjuncto artistico. » ([3])

Nestes topicos se prova o bom gosto de Garrett pelo que toca á sua predilecção pelo mobiliario artistico. Do seu amôr á archeologia monumental adeante trataremos.

Resta-me ainda, quanto á influencia exercida pela triade litteraria dos principios do seculo XIX na corrente dos estudos historicos, archeologicos e artisticos em Portugal, falar de Castilho, o auctor dos *Quadros historicos* e o collaborador do *Jornal de bellas artes.*

Da leitura das obras de Castilho se deprehende claramente quanto era innato no fundo do coração do bardo o amor pela archeologia patria. Basta ler os seus *Quadros historicos*, e nelles a descripção da velha Lisboa moira (no quadro da conquista de 1147) para se reconhecer quanto aquelle cego apreciava a feição archeologica da cidade. Alli, a cada passo, se encontra menção de egrejas e monumentos nossos, e transluz a dôr sentida pelas profanações e maus tratos inflingidos a esses padrões da arte.

Já em 1838 o Poeta levantava um brado em favor do tumulo de Egas Moniz, assim como, antes de mais ninguem, advogava nas notas ao *Camões* e em memoria á Camara Municipal, a idéa de se assignalarem as casas antigas e modernas notaveis por nascimento, morada ou obito de algum grande homem.

Muitas outras provas teria a adduzir. Bastará porém lembrar do prologo o *Presbyterio da montanha*, onde se descreve

---

([3]) Gomes de Amorim, obra citada, tomo III, pag. 618.

com amor a paizagem, as velharias e as costumeiras populares da nossa Serra do Caramullo. E como se tudo isto não fosse de sobra para affirmar a parte que o illustre Poeta tomou nos estudos historicos e archeologicos portuguezes, quiz elle ainda deixar-nos quem, por sua falta, soubesse arvorar a signa e encaminhar pela mesma vereda a cohorte de investigadores e artistas.

Quero referir-me ao filho primogenito do Poeta, o sr. Julio de Castilho, o qual tem sido e é o mais brilhante astro, a mais refulgente gemma, de toda essa constellação radiosa de eruditos e investigadores, de cujo impulso collectivo tem brotado a já hoje poderosa corrente das sciencias e dos estudos archeologicos no nosso paiz.

O auctor da *Lisboa antiga* e da *Ribeira de Lisboa*, (nosso illustre e eminente consocio) pelos serviços relevantes que tem prestado á cidade, que lhe é patria, tornou-se sem a menor duvida credor de um dos melhores titulos ao respeito, á amizade, á consideração de quantos prezam estes assumptos, como um dos mais prestantes e emeritos cultores da archeologia nacional.

Fecharei, com pezar, estas considerações, que me levariam longe. Não venha alguem pensar, que com ellas se pretende diminuir um ápice sequer o brilho d'aquella gloriosa e luminosa figura, cuja ossada acaba de transpor as portas do Capitolio, para jazer d'óra avante, no Pantheon, onde faltam ainda tantas outras das nossas glorias patrias.

Aos dois primeiros está feita a completa justiça com a glorificação tumular. Ambos vão ficar sob as mesmas abobadas artezoadas do grandioso templo manuelino, nos seus sarcophagos de pedra, burilada por modelos de eminentes artistas. As celebrações centenarias do nascimento dos dois ultimos demonstraram já á evidencia o reconhecimento da Patria portugueza. E por fim as edições completas, revistas, annotadas e bellamente illustradas das obras de Garrett e de Castilho, emprehendidas por uma arrojada casa editora da capital (1) representam, a par com a collecção já publicada das obras de Herculano, uma outra glorificação; e como se esta ainda fosse insufficiente para a apreciação completa

(1) A Empreza editora da *Historia de Portugal*.

e perfeita do espirito superior dos seus auctores, encontraram Garrett e Castilho, este no seu filho dilecto Julio, e aquelle em Gomes de Amorim, quem lhes elevasse o mais perduravel e condigno monumento nas *Memorias*, que de um e outro publicaram, levados, o primeiro pela mais santa e dedicada piedade filial, e o segundo consoante o seu melhor ou peior criterio de reconhecido amigo.

*

*   *

Vêmos em Garrett o archeologo, o artista; não como o vulgo grosseiramente entende e phantasia um archeologo; não o colleccionador fanatico e formal, rebuscando inscripções, discutindo largamente a significação de uma lettra, de uma sigla; não o mero antiquario, que tudo guarda quanto é velho, por simples e insciente caturreira.

Não escreveu pesadas memorias, minuciosas investigações nem substanciosos livros, cheios de velhos, preciosos documentos. O seu espirito ligeiro, a sua alma de artista não se casava com enfadonhos labores, a que serenos se entregam investigadores pacientes. O genio indomito e brilhante de Garrett precisava expandir-se n'aquellas formosissimas creações litterarias, que constituirão a gloria eterna do seu nome e das lettras portuguezas. Era porém Garrett o archeologo artista, disse eu. Era o verdadeiro amante d'esta bella sciencia do passado; tinha a intuição suprema, que faz ver em cada pedra de derruidos monumentos uma pagina da historia, em cada lettra uma lenda poetica de remotas eras; o seu espirito de poeta revelava-lhe em phantasticas visões os mysterios do passado. Para Garrett, como para todo o verdadeiro archeologo, cada reliquia dos velhos edificios representava a evocação vivida dos homens e dos acontecimentos; d'elles extrahia luminosa a imagem das glorias epicas d'outros tempos. A sua alma de artista sentia, palpitava, vibrante de en-

thusiasmo e de patriotismo. Basta lêr o que perante os Jeronymos exclama:

Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Naquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas
Columnas, as abobedas altivas,
As palmas, as cordagens inlaçadas,
E o signal sancto que as remata e une
E que por toda a parte está marcando
As victorias do Lenho triumphante
O vexilo da gloria portugueza, etc. ([5])

Leiam-se aquellas paginas adoraveis das *Viagens na minha terra!* Em cada uma se revela o coração amante das velharias monumentaes e artisticas. Em Santarem, na antiga scalabitana cidade, cada rua, cada torre, cada egreja lhe desperta exclamações reveladoras da sua adoração. Cada vandalismo, cada deturpação da arte lhe arranca indignados brados, asperas censuras, lamentações doridas. Que pena não ser possivel seguil-o miudamente naquellas paginas adoraveis, citar cada um d'aquelles bellos trechos, que retratam a sua boa alma de apaixonado archeologo! Vêde como elle nos diz:

« Se eu for algum dia a Roma, hei de entrar na cidade eterna com o meu Tito Livio e o meu Tacito nas algibeiras do meu paletó de viagem. Alli sentado n'aquellas ruinas immortaes, sei que hei de intender melhor a sua historia, que o texto dos grandes escriptores se me ha de illustrar com os monumentos d'arte que os viram escrever, e que uns recordam, outros presenciaram os feitos memoraveis, o progresso e a decadencia d'aquella civilização pasmosa. »

Era este o seu credo. E aconselha ao viajante em Portu-

([5]) *Camões*, Canto 3.º — pag. 57.

gal que, de chronica em punho, se ponha a lêl-a nos proprios logares a que ella se reporta, e assim, diz Garrett:

« Verá se não é outra coisa, verá se deante d'aquellas preciosas reliquias, ainda mutiladas, deformadas como ellas estão por tantos e tão successivos barbaros, estragadas emfim pelos peiores e mais vandalos de todos os vandalos, as auctoridades administrativas e municipaes do feliz systema que nos rege, ainda assim mesmo não vê erguer-se deante dos seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram; se não ouve falar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estatuas dos tumulos; e reviver-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia d'aquellas edades maravilhosas! Tenho-o experimentado muitas vezes: é infallivel! » ([6])

Em face dos monumentos da famosa cidade de Santarem Garrett dá largas ás suas expansões de artista: não póde reprimir n'aquella obra do mais ligeiro estylo litterario as observações, criticas, reparos, onde se denuncia o archeologo erudito, o critico de arte; alli se discutem estylos, se definem as escholas, e se confronta a belleza poetica das arcarias gothicas com o pesado, grandioso e deselegante dos edificios filippinos.

Tão depressa descreve e pinta com a palêta rica de coloridos e com phrase aprimorada, com a forma idiomatica perfeitissima, as formosas paizagens do valle do Tejo, como nos transmitte lucidissimas as suas impressões de artista ante os monumentos, as lendas, as tradições historicas, tão nacionaes e pittorescas!

Desejava bem, mas impossivel é, seguil-o n'estes periodos encantadores, sem perigo de ir repetindo pagina a pagina aquelle livro repleto das mais seductoras narrativas, tal é a magia da sua prosa, o superior e irresistivel imperio d'aquelle potente engenho!

A um termo, tão portuguez, tão glorioso, deu elle curso, se porventura o não creou, na sua faina infatigavel de patriotismo.

([6]) *Viagens*, tomo II, pag. 8.

O nome de estylo *manuelino*, hoje corrente, aventava-o Garrett na nota ao seu Camões, quando fala da:

Torre antiga e veneranda
Hoje tam profanado monumento
das glorias de Manuel...

E nos diz:

«O bello monumento da Torre de Belem está com effeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfetlações* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal. — Da pequena peninsula, em que hoje se acha a torre, lavrou o mal para o continente: a egreja e convento de Belem foram invadidos por estes iconoclastas de nova especie, barbaros estupidos e destruidores, como aquelles monges da meia edade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cicero e de Tito Livio para escrever por cima as inuteis cenreiras de seus commentarios e summulas — No templo magnifico de Belem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tam unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*, as duas principaes capellas do cruzeiro estão cobertas, etc... alli só está o verdadeiro emblema do triste Portugal de hoje: ruinas da grandeza antiga implastadas da mesquinhez moderna, o triumpho do mau gosto e da ignorancia sobre a sciencia desprezada e proscripta.» (7)

Victor Ribeiro

(*Conclue no prox. num.*)

---

(7) Na nota á segunda edição, de 1839. O erudito e sapiente escriptor Francisco Adolpho de Varnhagen, na sua *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem* (publicada primeiro no *Panorama*, e depois em opusculo. em 1842) deu curso a este termo e perfilhou-o dizendo a pag. 9 — «constituindo em Portugal um estylo particular, *sui generis*, que ainda se ha de caracterizar com o nome talvez de **manuelino**, quando por cá se der importancia á architectura, etc.»

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contin. do n.º antecedente)

Anno de 1896

Expropriações declaradas urgentes. — De uma facha de terreno necessario para a construcção de um lanço da estrada de serviço do Ribeiro do Bico á egreja da Murtosa, conc. de Estarreja; Dec. 11, Jan.; — de duas parcellas de terreno para construcção do cemiterio parochial da freguezia de Villa Nova, conc. da Praia da Victoria; Dec., 23, Jan. — de um terreno inculto para mudança do caminho vicinal que no sitio das Leirinhas atravessa a freguezia de Moldes, do conc. de Arouca; Dec., 23, Jan.; — de uns terrenos para conclusão da estrada municipal de 1.ª classe que vae da ponte de Remideiro ao logar de Mereces, conc. de Barcellos; Dec., 27, Fev.; — de duas parcellas de terreno para as obras de alargamento da estação do caminho de ferro do Lavradio; Dec., 5, Março; — de uma casa e um casarão para a construcção dos novos paços do concelho de Condeixa; Dec., 4, Maio; — de uma pequena casa terrea e terreno adjacente para alargamento do adro da egreja parochial da freg. de S. Claudio de Curvos, conc. de Espozende; Dec. 21, Maio; — de dois predios urbanos para alargamento e alinhamento da travessa das Hortas na cidade de Guimarães; Dec., 11, Junho; — de um terreno para alargamento da rua dos Cegos da cidade de Lisboa; Dec., 11, Junho; — de um terreno necessario para alargamento do caminho de baixo da Penha, da cidade de Lisboa; Dec., 15, Julho; — de uma porção de terreno para conclusão do caminho que deve ligar a freg. de S. Paio de Fão, conc.

de Espozende, com a praia do mar; Dec., 13, Agosto; — de um terreno para a construcção de uma estação de serviços de segurança contra incendios na cidade de Lisboa; Dec., 29, Outubro; — de dois predios para alargamento da travessa dos Sete Cantos na cidade de Santarem; Dec., 19, Novembro; — de um barracão e um terreno para abertura de uma escadaria de communicação entre as ruas do Grillo e da Manutenção do Estado, na cidade de Lisboa; Dec., 3, Dezembro; — de terreno para completar um dos talhões ajardinados, situados entre a projectada Avenida dos Anjos e a rua Palmira, na cidade de Lisboa; Dec., 3, Dezembro.

Edificios de conventos extinctos e outros. — Monumento a Alexandre Herculano: a sua conservação ficou a cargo da Real Casa Pia de Lisboa; Port., 17, Junho; — Monumento dos Jeronymos e edificios annexos: commissão para dar parecer sobre o merito dos projectos relativos á sua reconstrucção; Port., 23, Junho; — Concedida por dec. 11 de Janeiro, á irmandade de N. S. do Rosario e S. Domingos de Gusmão uma parte supprimido «convento de Corpus Christi» de Villa Nova de Gaia e á camara municipal d'este conc. outra parte do mesmo convento. — A «Associação auxiliar das missões ultramarinas» obteve concessão provisoria do edificio e dependencias do supprimido «convento de Santa Clara» do Funchal para varios estabelecimentos de ensino e caridade; Dec. 12, Março. — Voltou á posse da fazenda nacional e foi posto provisoriamente á disposição do ministerio da guerra o edificio e dependencias do extincto «convento de N. S. da Conceição» de Chaves, concedido á confraria do Coração de Maria; Dec., 16, Abril. — Auctorisação á junta de parochia da freguezia de Paião, concelho da Figueira da Foz, para contrahir um emprestimo destinado a obras de construcção da nova egreja matriz; Dec., 23, Abril. — Ao «Asylo de infancia desvalida do Menino de Deus» da villa de Barcellos foi feita concessão do edificio, egreja, cerca e mais dependencias onde actualmente se acha installado; Lei, 4, Maio — Auctorisada a Misericordia da Villa de Santo Thyrso a applicar uma certa quantia da sua receita ordinaria á compra de um predio para edificar uma nova capella; Portaria, 11, Maio. — O edificio do «convento de N. S. da Piedade» e suas dependencias foram concedidos á camara municipal de Braga para instal-

lações do hospicio dos expostos e para asylo dos cegos, e a cerca para alargamento e alinhamento d'uma rua; — Dec., 13, Maio. — Tornou-se definitiva a concessão feita á junta de parochia de Villa Pouca da Beira, da egreja do extincto « convento do Desaggravo » para matriz da freguezia; Lei, 21, Maio. — Auctorisada a construcção de uma enfermaria annexa á Cadeia Penitenciaria Central de Lisboa para criminosos alienados; Lei, 21, Maio. — Auctorisada a Misericordia da cidade de Elvas a vender em hasta publica o edificio do actual hospital e a applicar o producto ás obras de installação do novo hospital no extincto « convento das freiras de S. Domingos »; Lei, 21, Maio. — Auctorisado o Governo a declarar sem effeito a concessão feita á camara municipal de Elvas do extincto « convento das freiras de S. Domingos» e a conceder o « mesmo convento » á Misericordia d'aquella cidade; Lei, 21, Maio. — Tornou-se definitiva a concessão feita á camara municipal de Oliveira do Hospital do edificio, cerca e predios do supprimido « convento do Desaggravo » de Villa Pouca da Beira; Lei, 21, Maio. — Auctorisada a irmandade do Senhor dos Passos da freguezia de Cabreiros, concelho de Braga, para levantar dos seus capitaes uma certa quantia destinada a obras na respectiva capella e sacristia; Port., 20, Junho. — A Misericordia da Villa de Santa Cruz da Ilha Graciosa foi auctorisada a levantar dos seus capitaes uma certa quantia para construcção do tecto da respectiva egreja; Port., 11, Agosto. — A Misericordia da cidade da Guarda foi auctorisada a levantar provisoriamente dos seus fundos a quantia de dez contos de réis para construcção do novo edificio do hospital; Port., 19, Agosto. — Auctorisada a Misericordia da Villa da Batalha a adquirir um terreno para edificação de uma escola a seu cargo; Port., 24, Agosto. — Ao collegio de S. Gonçalo de Amarante foi concedida provisoriamente a egreja da extincta « Ordem 3.ª de S. Francisco »; Dec., 29, Agosto. — A junta de parochia da freguezia de Affife, concelho de Vianna do Castello, foi auctorisada a contrahir um emprestimo para obras de reparação na egreja parochial; Dec., 26, Novembro. — Auctorisada a Misericordia de Abrantes a levantar uma certa quantia para obras de reparação do edificio da egreja do hospital; Portaria, 4, Dezembro.

Obras publicas. — Obras do porto de Lisboa: ce-

lebrado um contracto (8 de maio de 1894) entre o Governo e o representante do empreiteiro d'estas obras, modificando o contracto de 20 de abril de 1887 para execução das obras da primeira secção do dito porto. (*Diario do Governo* n.º 87, 20 de abril). — Levadas de agua de irrigação no archipelago da Madeira: auctorisado o governo a adjudicar em concurso publico a sua construcção e exploração; Lei, 21, Maio — Auctorisado o Governo a adjudicar em concurso publico a construcção e exploração de um caes acostavel entre a extremidade opposta do novo caes da Alfandega e o saliente do caes das Freiras, no rio Douro, na cidade do Porto; Lei, 21, Maio. (Por decreto de 26 de Junho abriu-se concurso para esta obra.) — « Companhia dos caminhos de ferro da Zambezia »: auctorisada a emittir obrigações do typo de 4 °|o ao anno até ao valor nominal de 1.400:000 libras esterlinas para ser applicado o capital realisado á construcção e exploração do caminho de ferro de Quelimane ao Ruo, etc.; Dec., 25, Setembro.

Agricultura. — Syndicatos agricolas: podem os agricultores e os individuos que exercem profissões correlativas á agricultura formar associações locaes com aquella denominação; Lei, 3, Abril — Serviços agrologicos; Port., 8, Maio. — Colonias militares agricolas commerciaes. Auctorisação para se estabelecerem nas provincias ultramarinas; Lei, 26, Maio. (Foram creadas por decreto de 9 de julho uma em Manica e outra em Mossamedes; por decreto de 18 de Novembro, duas nos territorios do pais de Gaza e nos pontos indicados pelo governador geral da provincia de Moçambique; e por decretos de 26 de Novembro, uma nos territorios da companhia de Moçambique e outra nos territorios da ilha de Timor.) — Escola elementar de agricultura pratica de Loanda: auctorisada a sua creação; Dec., 18, Junho.

Instrucção publica. — Creada uma cadeira de francez e latim na villa de Moncorvo com o legado do fallecido par do reino Manuel Antonio de Seixas; Dec., 11, março. — « Museu Nacional de Bellas Artes »: foi louvado o conde de Carvalhido pela offerta a este museu de quadros de reconhecido valor historico e artistico, e determinou-se que estes quadros se collocassem em salas especiaes com a designação de salas do conde

de Carvalhido; Port., 14, Março. — « Institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto: » considerados superiores os antigos cursos de commercio e o actual curso completo de 2.º grau; Lei, 23, Abril. — « Instituto de agronomia e veterinaria »; Regulamento; Dec., 4, Maio. — « Lyceu Nacional de Amarante »: para a sua sustentação foi concedido um subsidio á respectiva camara municipal; Lei, 13, Maio. — « Escola agricola de reforma em Villa Fernando »; foi-lhe concedido o subsidio annual de seis contos de réis para occorrer á sustentação de mais 50 colonos; Dec., 13, Maio. — « Real Casa Pia de Lisboa »: foram admittidos mais 400 orphãos, concedendo se para este fim o subsidio annual de 40 contos; Dec., 13, Maio. — « Observatorio astronomico de estudo na Escola Polytechnica »: auctorisado o Governo a contratar um emprestimo complementar para a sua construcção e acquisição do material respectivo; Lei, 28, Maio — A lei 28 de Maio deu nova organisação á « instrucção secundaria. » — Projecto de regulamento para o serviço das officinas creadas nos institutos e escolas industriaes pelo decreto de 8 de outubro de 1891. A portaria de 6 de junho nomeou a commissão incumbida de o formular. — « Escola do Exercito »: sua reforma e regulamento; Lei, 13, Maio; e Dec., 20, Agosto. — Misericordia da Villa da Batalha: auctorisada a adquirir um terreno para o edificio d'uma escola a seu cargo; Port., 24, Agosto. — Camara municipal de Alcoutim: auctorisada a construir uma casa de escola primaria; Dec., 15, Outubro. — Camara municipal de Bragança: escola complementar districtal e curso de habilitação ao magisterio primario; Dec., 17, Outubro, 3. Novembro. — « Boletim da repartição de estatistica geral »: auctorisada a sua publicação trimestralmente, a contar de outubro de 1896; Port., 3, Novembro. — « Academia Polytechnica do Porto »: determinou-se que o curso de geometria descriptiva fosse dividido em duas partes, devendo a segunda ser complementar da primeira em harmonia com o estabelecido na « Escola Polytechnica de Lisboa »; Dec., 5, Novembro. — « Bibliotheca Nacional de Lisboa »: regulamento da sala de leitura; Port., 9, Novembro. — « Lyceu Central em Braga e Lyceu Nacional em Guimarães »; Dec., 16, Novembro.

Moeda, Imposto do sello, Estampilhas postaes. — Remodelação do regimen monetario na provincia

de Moçambique: commissão para dar parecer ácerca das respectivas bases; Port., 11, Fev. — Por decreto de 15 de Novembro determinou-se que unicamente a moeda de prata portugueza tivesse curso legal na provincia de Angola, ficando provisoriamente prohibida a exportação da moeda de oiro e de prata da mesma provincia. — Por dec. de 5 de Nov. e 15 de Dez. foi mandado cessar nas provincias da Guiné portugueza e Moçambique a circulação das moedas de prata estrangeira. — Determinou-se que tivessem livre curso no districto do Funchal segundo o regimen em vigor no continente as « notas do Banco de Portugal e cedulas representativas da moeda de bronze »; Dec., 4, Março. — « 4.º Centenario do descobrimento da India » : emissão de 500 contos de réis de moeda de prata e de estampilhas e bilhetes postaes commemorativos; Lei, 21, Maio; Dec., 28, Maio, 23 e 30, Julho. — « Novas estampilhas do imposto do sello » : devendo começar a vender-se no dia 1 de janeiro de 1897; Port., 28, Nov. — « Sellos postaes e outras formulas de franquia » ; Port., 8, Junho, 27, Novembro.

Auctorisações para se poderem realisar melhoramentos publicos. — Misericordia do Funchal, applicar certa quantia á canalisação de aguas nascentes no sitio da Fundôa; Port., 3, Jan.; « Camaras municipaes »: de Alcoutim e Vimioso, obras de encanamento de aguas; Dec., 15, Out.; — de Alcoutim, construcção de casa de escola primaria, obras de viação e abastecimento de aguas; Dec., 15, Out.; — de Alemquer, obras de conservação dos paços e outros edificios municipaes, abastecimento de aguas; Dec., 11, Junho; — de Arganil, obras de exploração e canalisação de aguas; Dec,, 3, Julho; — de Aviz, obras de reparação dos caminhos vicinaes do concelho e conclusão dos paços; Dec., 13, Maio, 29, Out.; — de Benguella, canalisação das aguas do rio Cavaco; Dec., 18, Junho; — Caldas da Rainha, explorar as nascentes de aguas minero-medicinaes denominadas Aguas Santas; Alv., 12, Maio; — de Evora, conclusão da cadeia civil e militar e a expropriação necessaria para alargamento da travessa de Sertorio n'aquella cidade; Dec., 13, Agosto; — de Faro, concessão de terreno e casa em ruinas para diversos serviços municipaes; Dec., 13, Maio; — de Ferreira do Alemtejo, obras de saneamento e de caminhos vicinaes; Dec.,

2, Out. ; — de Figueiró dos Vinhos, construcção de um mercado na séde do concelho ; Dec., 3, Maio ; — de Goes, reparação das casas escolares, reparação de fontes e caminhos do concelho ; Dec., 11, Junho, 13, Agosto ; — de Grandola e Almodovar, obras de reparação dos caminhos vicinaes dos seus concelhos ; Dec., 23 Abril ; — da Guarda, edificação de uma nova cadeia civil ; illuminação publica e particular por meio de luz electrica ; Dec., 3, Abril, 15, Out. ; — de Guimarães, exploração das nascentes de aguas minero-medicinaes denominadas Caldas das Taypas situadas na freguezia de S. Thomé de Caldellas ; Alv., 11, Jan. ; — de Lagoa, conclusão do edificio do mercado publico ; Dec., 21, Agosto ; — de Loanda, illuminação a gaz ; Dec., 19, Nov. ; — de Mação, abastecer de aguas as povoações do concelho ; Dec., 9, Abril ; — de Moura, reconstrucção dos paços do concelho ; Dec., 26, Março ; — de Portel, saneamento ; Dec., 18, Junho ; — da Povoa de Lanhoso, reparação dos paços do concelho; Dec., 3, Abril ; — da Povoa de Varzim, saneamento ; Dec., 18, Junho ; — de S. Thiago de Cacem, construcção de edificios municipaes, abastecimento de aguas; Dec., 4 e 13 Maio ; — de Val de Passos, conclusão dos paços do concelho ; Dec., 3 Julho ; — da Vidigueira, construcção do lanço d'estrada municipal da Vidigueira a Alcaria ; Dec., 23, Abril ; — de Villa Nova de Foscôa, reparação dos paços do concelho e abastecimento de aguas ; Dec., 11, Junho ; — de Vimioso, encanamento de aguas e conclusão do cemiterio municipal ; Dec., 15, Out. — « Juntas de parochia » : da freg. de Gontinhães, conc. de Caminha, construcção do cemiterio parochial ; Dec., 11, Junho ; — da freg. de S. Thomé de Negrellos, conc. de Santo Thyrso, construcção do cemiterio parochial ; Dec., 4, Maio ; — da freg. de Tougues, conc. de Villa do Conde, construcção do cemiterio parochial ; Dec., 30, Julho ; — da freg. de Villa Fria, concelho de Felgueiras, construcção do cemiterio parochial ; Dec., 26, Junho.

Estabelecimentos hydrotherapicos. — Permittido a João Pedro Cardoso explorar as nascentes de aguas minero-medicinaes denominadas *Aguas Santas de Vimeiro*, situadas na freg. de A dos Cunhados, conc. de Torres Vedras ; Alv., 30, Jan. ; — Estabelecimento hydrotherapico das nascentes de aguas minero-medicinaes de Entre os Rios, na quinta da Torre,

freg. de Eja, conc. de Penafiel. Regulamento. Port., 21, Fev. — Pela portaria de 19 de junho foi adjudicada provisoriamente á Sociedade sob a firma Santos & C.ª com a denominação *Empreza das Aguas do Gerez* a exploração das aguas minero-medicinaes do Gerez; Port., 16, Junho. (Esta concessão tornou-se definitiva por alvará de 16 de julho.) — Estabelecimento balneo-therapico das «Caldas de Monsão». Regulamento. Port., 24, Julho. — Estabelecimento balneo-therapico das «Caldas do Gerez». Regulamento provisorio; Port., 25, Julho. — Estabelecimento hydrotherapico das «Alcaçarias de D. Clara» na cidade de Lisboa. Regulamento. Port., 29, Agosto.

Medalha D. Amelia. — Ampliada a sua concessão a todos os militares do exercito de terra e mar que tomarem parte em qualquer expedição que venha a ser organisada para assegurar o dominio colonial da nação; Dec., 6, Junho.

Ordem da Torre e Espada. — Foi reformada e creou-se o grau de grande official; Alv., 1, Fev.

Instituto Ultramarino: creado por decreto de 11 de Janeiro: subsidio de 10 contos de réis. Dec., 13, Maio.

Sociedade da Cruz Vermelha. — O uso do seu emblema só é permittido com previa auctorisação da mesma Sociedade; Lei, 21, Maio.

Codigo de justiça militar para o exercito e para a armada. — Lei, 13, Maio. Regulamento, Dec., 24, Dez.

Arsenal de marinha. — Sua reforma. A direcção technica superior dos serviços fabris foi confiada a um engenheiro naval estrangeiro. Dec., 31, Dez.

Monte de piedade Nacional. — Estabelecido sob administração da Caixa Geral dos Depositos e de Instituições de Previdencia; Lei, 21, Maio.

Associações de soccorros mutuos. — Regulamento, Dec., 2, Out.; Processo perante os tribunaes arbitraes; Dec., 5, Nov.

Bill de indemnidade ao governo por ter assumido o exercicio de funcções legislativas ordinarias e constitucionaes desde 28 de Agosto de 1893 a 30 de Dezembro de 1895. Lei, 14, Fev.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 8, t. IX, pag. 48)

Rio Mau — freg., conc. de Villa do Conde. — Inscripções em portuguez e latim na egreja matriz, que parece de construcção romana. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 272; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. VI, 633.

Roças ou **Rossas** — freg., conc. de Vieira. — Torre do *Bairro*. Ha outra no logar da *Lama*.

Roças ou **Rouças** — freg., conc. de Melgaço. — Lapida com inscripção em latim na parede exterior da capella mór da egreja matriz.

Romão (S.) — Monte, conc. de Paços de Ferreira. — Ruinas de casas, de ruas estreitas e ladrilhadas, e de uma fortaleza (romana ?) de fórma circular. Estas ruinas receberam do povo o nome de *Cidade Velha*, em cujas proximidades ha um penedo redondo com inscripção. Veja-se o artigo **Briteiros**.

Romarigães — freg., conc. de Coura. — Monte da *Cidade* ou *Penedo do Curral das Eguas*: vestigios de uma fortaleza. — Na *Portella da Labruja*, vestigios de outra praça de guerra, que é conhecida por *Cidade Murada*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 137; *Archeol. Port*, VII, 75.

Romariz — freg., conc. da Feira. — Vestigios de construcções celticas ou precelticas no monte do *Pinheiro*. — Restos de uma *mâmoa* na aldeia assim chamada.

Romariz — freg., conc. da Feira. — Em 1845 appareceram no monte do *Crasto* cinco ou seis *carns*.

Róriz — freg., conc. de Santo Thyrso. — Ruinas de uma antiga cidade no *Monte do Facho* ou *Eira dos Mouros*; são muito semelhantes ás da Citania de Briteiros. — Grandes penedos em que se vêem abertas pias quadrangulares, ou circulares. Na base do monte appareceram dois machados de bronze. — Egreja matriz, de architectura gothica, tornando-se notaveis a porta principal e a claraboia. O arco cruzeiro, de architectura moderna, está ladeado por dois bustos muito antigos, que representam um mouro e uma moura. — Tumulo debaixo de um portico, fóra da egreja, em cuja parede exterior ha duas inscripções illegiveis. — *Occidente*, vol. XIII, pag. 171 *(Mosteiro de Roriz)*; *O Minho Pittoresco*, t. II, 322.

Rosmanilhal — freg., conc. de Idanha a Nova. — Foi praça d'armas. Das suas fortificações restam apenas muros desmantelados.

Rua — villa, conc. de Sernancelhe. — No sitio chamado *S. João*, vestigios de uma cidade (?). — Em 1872 encontraram se aqui varias sepulturas de pedra e muitas medalhas de cobre, umas do tempo dos romanos, outras anteriores ao seu dominio na peninsula. — Em 1877 foram descobertas algumas moedas romanas de prata. Tambem teem apparecido moedas arabes, e duas de Affonso Magno. — Nos alicerces de um muro de um monte, entre *Rua* e *Caria*, acharam-se em maio de 1878 numerosas moedas de prata, de 20 diversos typos, mas todas romanas. « Destas moedas as mais notaveis são: uma que tem de um lado o busto de uma mulher coroada por um diadema, e por baixo: XXXVIII. No reverso tem um cavalleiro correndo a toda a brida, e por baixo a legenda *L. Pisufrugi.* D'este typo acharam-se quatro moedas, mas tendo cada uma diversa inicial, e só uma tem a era de XXXIX. Uma, tambem com busto de mulher, tendo no anverso uma espiga de trigo e a legenda D. METELL, e por baixo um arado. No reverso tem um gladiador, e por baixo *L. F. G. F. G.* — Grande numero d'ellas teem de um lado um elephante e por baixo a legenda *Caesar;* e no outro uma espada, um facho e um machado. Outras teem um busto de homem, e no reverso, um homem, de corpo inteiro, com capacete de plumas, e empunhando uma espada: está sentado sobre um globo, e tem por baixo *Roma. N. Fabi.* » — Em 1868 foi achada n'um rochedo uma moeda de ouro: « Tem de um lado uma cruz, suspensa por um collar, e por baixo a legenda, bastante apagada, que parece ser *Coifo, Goifo*, ou *Coiko*, VIII. — Do outro lado tem um homem com a cabeça cingida por uma fita, com borlas nas extremidades. Suppõe-se que seja uma moeda do Baixo Imperio, das mandadas cunhar por Constantino Magno, o 1.° imperador christão de Roma. Outros pretendem que seja gothica.» — Pinho Leal mandou para o Museu do Carmo 36 medalhas que lhe foram offerecidas. No Museu da Camara Municipal do Porto ha tambem algumas.

Rubiães — freg., conc. de Coura. — No alpendre em frente da porta principal da capella de S. Bartholomeu estão servindo de columnas seis marcos milliarios romanos com inscripções illegiveis. Estas columnas são monolithicas. e vieram de *Cossourado*, por onde passava uma das cinco vias militares romanas, mandadas construir pelo imperador Vespasiano, e que de Braga iam a Astorga. » — *O Minho Pittoresco*, t. I, 122.

Ruivães — villa, conc. de Vieira. — Dois marcos milliarios pertencentes á estrada romana de Braga a Chaves e Astorga foram, no seculo passado, encontrados junto á aldeia da Botica. A inscripção de um era quasi illegivel e a outra totalmente illegivel. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 486 ; *A handbook for travellers in Portugal; Jornal do Domingo*, 1881, pag. 246.

Ruivós ou Ruivoz — freg., conc. do Sabugal — Em 1756 existiam ainda cinco dolmens nas proximidades da capella de S. Paulo. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

Runa — freg., conc. de Torres Vedras. — A egreja do Asylo e Hospital dos Invalidos Militares é de marmore de varias côres. As quatro estatuas que defrontam com os quatro angulos do throno, as do vestibulo, aos lados da porta principal, e o grupo da *Gloria*, na cimalha da capella, ao fundo são de marmore de Carrara e primores de execução artistica. Alem d'estes ha outros objectos de merecimento, incluindo a custodia de prata dourada, de mais de um metro de altura e cravejada de muitas pedras preciosas. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Panorama* de 1855, pag. 15, vol. 3.º pag. 410; *Breve narração ácerca do Real Asylo de Invalidos Militares estabelecido em Runa* (Lisboa, 1842) por Fernando Luiz Pereira de Miranda Palha; *Arch. Pitt.*, XI; *Descripção do Real Asylo de Invalidos Militares em Runa* por A. C. de S. Escrivannis (Lisboa, 1882); *A handbook for travellers in Portugal.*; *Novo Alm. de lembr. luso-brazil.*, 1880, pag. 118; *Archeol. Port.*, VII, 78; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., VII, 625.

Sá — aldeia, freg. de Covide, conc. de Terras de Bouro. — Padrões romanos, com inscripções: pertenciam á via militar chamada *Geira*, que por aqui passava.

Sá — aldeia, freg. de Esgueira, conc. de Aveiro. – Cruzeiro em frente da capella: a cruz está sobre quatro columnas de marmore e tem uma cupula de forma pyramidal.

Sabrosa — villa e concelho. — Vestigios de sepulturas antiquissimas. — *Archeol. Port.*, VII, 79; *A handbook for travellers in Portugal*; *O domingo illustr.*, 4.º vol.; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., III, 635.

Sabroso — logar, freg. de Barcos, conc. de Taboaço. — Ermida de N. Sr.ª de Sabroso, toda construida de granito; tem na capella mór uma cornija ou cimalha, com *cachorros* salientes e figuras em alto relevo, representando cabeças de animaes e de homens, e outros objectos. Havia aqui muitas sepulturas. Perto de um môrro, onde ha vestigios de antigas fortificações, encontraram-se em 1866 algumas amphoras e moedas romanas. — Junto á ponte de Santo Adrião, na margem direita do rio Tédo, encontrou-se ha annos uma galeria *do tempo dos mouros (?)* — Sepulturas abertas nas rochas. — Vestigios de construcções antiquissimas, taes como o castello da freguezia de Pinheiros, o monte do Crasto, em Gonjoim, etc. – *Portugalia* — Materiaes para o estudo do povo portug., 1.º fasc.; *Religiões da Lusitania* pelo dr. Leite de Vasconcellos, t. I; *Archeol. Port.*, VI, 179.

Sabroso — monte fronteiro á Citania de Briteiros. — Construcções

semelhantes ás de Citania; objectos de bronze, entre os quaes figura um bracelete de estylo celtico; um pequeno machado de pedra polida, esverdeada, e outras antiguidades foram aqui descobertas pelo dr. Francisco Martins Sarmento. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 621; *Archeologo. Português*, t. I, pag. 231.

Sabugal — villa e concelho. — Castello do tempo de D. Diniz, com torre de menagem, de fórma pentagona, que tem uma inscripção no fecho da sua mais alta abobada. «Nos limites do logar de Ruivoz, termo d'esta villa, e junto a uma anta» foram, em 1756, achados, pelo padre José Gaspar Simões, varios machados de pedra (amphibole cinzenta e verde) e facas de silex que estão no museu archeologico d'Evora.» — Freguezias de Riba Côa em que ha antiguidades: Alfaiates, que foi praça d'armas; Algodres, que tem uma atalaya no meio da povoação e um reducto junto á egreja; Almeida, que foi praça d'armas; Almendra, que tem uma fortaleza; Badamalhos ou Badamallos e Bismulla ou Pismulla, onde ha os restos de dois reductos e de uma atalaya; Castello Bom, que tem restos de um castello e de muralhas, e a torre de menagem; Castello Melhor, com o seu castello; Escalhão, que conserva as ruinas da sua fortaleza. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Castello* (*Occidente*, IX, pag. 210); *Pelourinhos* por V. Barbosa nos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. I, 269; *O domingo illustr.*, 4.° vol.; *O Seculo* n.° 6229, 14-5-99; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed, I, 521, III, 636.

Sacavem — freg., conc. dos Olivaes. — Na egreja do mosteiro de N. Sr.ª da Concei̧ção ha uma pia baptismal, de grande merecimento, que se diz ter sido a cupula de um mirante pertencente ao mouro, governador do castello que alli existiu. — *Panorama*, 1852, pag. 329; *Archivo Pittor.*, III, 185, VII, 249; *Rainhas de Portugal* pelo sr. Benevides, t. I, 232; *Roteiro terrestre de Portugal* pelo padre J. B. de C., pag. 30; *Elem. para a hist. do mun. de Lisboa* pelo sr. Ed. F. de Oliveira, t. IX, 477.

Sacroias — freg., conc. de Bragança. — Egreja, que foi mesquita mourisca.

Sagres — villa, conc. de Villa do Bispo. — Duas lapidas de marmore collocadas em 1839 na parede da casa onde morava o infante D. Henrique; ambas teem inscripções. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon, nac.*; *Occidente*, XVII, pag. 62; *Portugal* por M. Ferdin. Denis; *A handbook for travellers in Portugal*.

Salir ou **Selir** — freg., conc. de Loulé. — Ruinas de um castello mourisco. — *Archeol. Port.*, V, n.° 2, pag. 40.

Salir dos Mattos ou **Salir do Matto** — freg., conc. das

Caldas da Rainha. — Lapida funeraria com inscripção romana. — *Not. archeol. de Portugal* pelo dr. E. Hübner; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, 36, 38.

Salto — freg., conc. de Montalegre. — Sepulturas no paredão e no chão do adro da egreja matriz.

Salvaterra do Extremo — villa, conc. de Idanha a Nova. — Ruinas de castello e muralhas do tempo de D. Diniz.

Sampriz ou **São Priz** ou **São Prisco** — freg. conc. de Ponte da Barca. — Ruinas do castello da Nobrega. — *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 375.

Sanguinhêdo — aldeia, freg. de Codeçoso do Arco, conc. de Montalegre. — Teem aqui apparecido marcos milliarios da estrada romana de Braga a Astorga.

Santa Catharina — serra, conc. de Guimarães. — Sanctuario de *N. Sr.ª do Carmo*, da Penha.

Santa Maria de Mainedo — freg. conc de Lousada. — Portico ornamentado, em forma de ferradura. — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 363.

Santa Maria do Olival, ou **Olival** — freg. da cidade de Thomar. — Templo de architectura gothica. — Sepulturas dos mestres das Ordens dos Templarios e de Christo. — A fachada principal é da fundação dos Templarios. — *Panorama*, vol. II, 1843, pag. 349, 364, 374, 381; *Portugal Pittoresco*, IV, pag. 305; *Occidente*, XVIII, pag. 225. — Vide **Thomar**.

Santa Senhorinha — freg., conc. de Basto. — Inscripção romana dentro da egreja matriz. — *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 540.

Santagões — freg., conc. de Villa do Conde. — Monte da Cividade. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 281.

Santarem — sitio prox. ás aldeias de Valle d'Egua, Zebras, e *Cabeça do Seixo*, conc. de Chaves. — Vestigios de construcções romanas. Um arco e uma torre. — A 7 kilom. de Chaves existem as ruinas de uma povoação, a que se dá o nome de *Castro da Curalha*.

Santarem — cidade. — Lanços de muralhas ameiadas, algumas das antigas torres, cubellos e barbacans. Portas de Atamarma, de Mansos, do Sol. Cidadella da Alcaçova, com cerca de muralhas, portas e postigos: vestigios de edificios antigos e, entre elles, uma porta de excellente architectura gothica. — A capella real de Santa Maria da Alcaçova tem columnas de ordem toscana e é interiormente revestida de azulejo muito antigo. Alem de outras sepulturas, está alli a de Rodrigo Affonso, prior d'esta egreja, conego de Santa Cruz de Coimbra e filho bastardo de D. Affonso III. No adro estão dois cippos com inscripções romanas — A porta principal da egreja parochial de Santa Maria de Marvilla é de architectura gothica e tem primorosos lavores. —

Museu archeologico estabelecido na egreja de S. João do Alporão, que primeiro foi templo romano, dedicado a Julio Cesar, depois mesquita arabe, e por fim templo christão e theatro. — Torre *das Cabaças*. — Sepultura com inscripção em portuguez na egreja do Hospital de Jesus Christo. — Mausoleu de D. Duarte de Menezes na egreja do mosteiro dos frades de S. Francisco. Este monumento é de architectura gothica e tem epitaphio em portuguez. — Inscripção latina na egreja de N. Sr.ª da Piedade, fund. por D. Affonso VI. — Na capella mór da egreja do convento das Donas, alguns tumulos da familia dos condes de Unhão. — Jazigo de D. Leonor Affonso, filha natural de D. Affonso III, no fundo do côro do convento de Santa Clara, onde ha outro mausoleu que se suppõe ser de Martim Affonso Chichorro, 3.º filho bastardo d'aquelle monarcha. — Egreja do mosteiro de Santo Agostinho: architectura gothica, formoso portico e sobre elle um grande *espelho*, primorosamente esculpido: varias sepulturas, e entre ellas a de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil. — Egreja de S. Francisco: era de architectura gothica e tinha varios tumulos que estão profanados, dois dos quaes, o de D. Fernando I e o de D. Duarte de Menezes, vieram para o Museu do Carmo, em Lisboa, a pedido do seu fundador, o sr. Possidonio da Silva. — Inscripção na pedra fundamental da egreja do Salvador. — Egreja de Santa Maria de Marvilla; o portico da entrada principal é de architectura gothica; a capella mór é de abobada, com laçaria e fechos de marmore, tudo adornado de primorosos lavores; 12 columnas jonicas, sustentando as naves; inscripção em portuguez na capella do Santissimo e n'uma columna junto á porta travessa, do lado da praça; grande numero de inscripções sepulchraes. — Paredes interiores da egreja de S. Julião revestidas de azulejos. — Inscripções em latim e portuguez na egreja de S. Martinho. — A egreja de Santo Estevão ou do *Santo Milagre* tem columnas de ordem toscana e muitas campas com inscripções em portuguez. Na *casa da Via Sacra*, mandada construir por D. Affonso VI, existe uma lapida com inscripção em portuguez. — Azulejos muito antigos na ermida de *N. Sr.ª do Monte*, da freguezia do Salvador; inscripções sepulchraes, e uma sobre a porta travessa; 15 columnas de ordem jonica sustentando o tecto do atrio. — Azulejos, offerecidos por D. João V, que revestem as paredes da capella mór da ermida de Santo Antonio dos Olivaes, da freguezia do Salvador. O mesmo soberano deu á ermida «um *sitial* (genuflexorio regio) de brocado de ouro para o throno do Santo e riquissimos paramentos.» — A ermida de S. Lazaro, profanada, tem a porta principal, que é de architectura gothica, ornada de florões e arabescos. — Azulejos na capella de *N. Sr.ª da Boa Hora*, dentro da

Quinta do Chafariz, da extincta freg. de S. Martinho. — Egreja do seminario patriarchal: sepulturas com inscripções em portuguez; arco cruzeiro de marmore embutido com florões lisos de differentes côres; altar mór, tribuna, etc., são de rico mosaico primorosamente executado; o terceiro altar do lado da Epistola é de muito valor e merecimento artistico — *Monumentos e lendas de Santarem* pelo sr. Zephyrino Brandão; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Monumentos nacionaes* por Mendes Leal; *Historia de Santarem edificada, que dá noticia da sua fundação e das cousas mais notaveis n'ella succedidas* pelo padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos (Lisboa, 1740); *Relat. da commissão dos mon. nac. em 1884*; *Mém. de l'archéol. sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*; *Not. arch. de Portugal* pelo dr. Hübner; Vista geral de Santarem, Claustro do extincto convento de S. Francisco, Seminario patriarchal, na *Revista pittoresca e descriptiva* pelo sr. Possidonio da Silva; *Sarcophago d'el-rei D. Fernando* I pelo sr. P. da Silva, no *Boletim da Real Associação dos Arch. e Archeol. Portuguezes*, 1876, pag. 121, 153; *Memorias historicas da ... Collegiada de Santa Maria de Alcaçova da villa de Santarem* pelo padre Luiz Duarte Villela da Silva (Lisboa, 1817); *Historia miscellanea, que comprehende a fundação dos Religiosos Descalços de Santo Augustinho* na *Villa de Santarem* ... por Frey Luiz de Jesus (Lisboa, 1734); *Memorias chronologicas authenticas dos alcaides móres da Villa de Santarem, desde o principio da monarquia até o presente* pelo visconde de Santarem (Lisboa, 1825); *Historia critica e apologetica do Santissimo Milagre da villa de Santarem* por Fr. Manoel de Santa Anna Braga (Lisboa, 1803); *Noções elementares de archeologia* pelo sr. Possidonio da Silva com uma *Introducção*, quadro historico da archeologia, por Vilhena Barbosa; *Panorama*, 1839, pag. 172, 1843, pag. 79, 86, 1853, pag. 263 (*Das antiguidades de Santarem*) 1855, pag. 289, *Tumulo de D. Duarte de Menezes, Convento de S. Domingos*, 1866, pag. 305; *Relação do horroroso estrago e ruina succedido no mosteiro das religiosas de S. Domingos de Santarem* (Lisboa, 1742); *Noticia da fonte das Almas, situada no termo da villa de Santarem* pelo padre Luiz Montez Matoso (Lisboa, 1748); *Porta da Atamarma* pelo sr. Zephyrino N. G. Brandão (*Occidente*, VIII, pag. 203); *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 115; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.* vol. II, pag. 35, 36; Supp., pag. 813, 1030; *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 316 dos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. II, (1875); *Cousas leves e pesadas* por Camillo C. Branco, pag. 86; *Revista archeologica*, t. IV,

n.º 7; *Ruinas da casa do alfageme. Convento de Santa Clara. Vestigios de construcção arabe.* (*Occidente*, v, pag. 67, 76, 190); *Opusculos* de A. Herculano, t. II (*Monumentos patrios*); *Valle de Lobos e Azoia* (*Revista illustrada*, 1892, pag. 107); *Archeologo Português*, t. I, n.º 1, pag. 20 a 28; *Arte Portugueza*, n.º 2 (*O claustro e a egreja de S. Francisco. Sepultura de Pedro Alvares Cabral* pelo sr. Zephyrino Brandão); *O culto da arte em Portugal* pelo sr. R. Ortigão; *Arch. Pitt.* I, III, IV; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Albrecht Haupt; *Lisboa antiga* pelo sr. Visc. de Castilho (Julio), t. I, (bairros orientaes); *Viagens na minha terra* por Almeida Garrett; Tumulo de D. Duarte de Menezes no Museu de S. João d'Alporão (*Branco e Negro*, t. II, 11); *Occid.*, IV, 36 e 37; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczynski; « Portugal. Contingente da associação dos engenheiros civis ... pelo socio A. Luciano de Carvalho, pag. 131; Monumentos, curiosidades e pontos de vista na cidade. (Pag. avulso, em papel de côr, distribuida em 1897 por occasião da digressão recreativa de varias aggremiações áquella cidade); «Novo alman. de lembr. luso-braz.», 1890, pag. 400, 1894, pag. 477; Ruinas de S. João d'Alporão (Jornal *A Imprensa*, 1886, pag. 43); Mausoleu de D. Duarte de Menezes no convento de S. Francisco (*Branco e Negro*, n.º 25); *O domingo illustrado*, 4.º vol.; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 19; Alguns sellos antigos do conc. de Santarem (*Archeol. Port.* n.ºs 7 e 8, vol. III); *Rainhas de Portugal* pelo sr. Benevides, t. I, pag. 91; *Sciencia e philosophia* por Teixeira Bastos, pag. 22; Sello do padre-mestre Gonçalo Origüs, dominicano em Santarem (*Archeol. Port.* v, n.º 1, pag. 24); Egreja da Azoia (*Occid.* I, pag. 4); Roteiro terrestre de Portugal pelo padre J. B. de C., pag. 30; *Tardes divertidas e conversações curiosas* pelo padre F. N. Silveira, semana IV, tarde V, pag. 87; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; « Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal » par E'mile Cartailhac (Paris, 1886); *Indice parlamentar* pelo sr A. T. d'Albuquerque, pag. 131; *Atravez Santarem* pelo sr. João Arruda; « Mem. sobre as medalhas e condecorações portuguezas » por A. B. Lopes Fernandes; « Noticia da Fonte das Almas, situada no termo da villa de Santarem » por Luiz Montez Mattozo (Lisboa, 1748); *Le Portugal au point de vue agricole*; *A handbook for travellers in Portugal*; Egreja de N. Sr.ª da Graça (*Occid.*, XXIII, pag. 100); *Mala da Europa*, v, 151; *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* por L. A. Rebello da Silva; *Hist. de Santarem edificada*, que dá noticia da sua fundação e das cousas mais notaveis nella succedidas; « Memorias historicas da insigne collegiada de Santa Maria da Alcaçova da Villa de Santarem »; *Portugal* por M. Ferd. Denis;

«Amiaes. Lapa da Canada» por A. de Jesus e Silva (*Revista de Setubal* n.º 464, de 1893); *Hist. de S. Domingos* por Fr. Luiz de Sousa, 1.ª parte, vol. I e II, 4.ª parte, vol. V; *Archeol. Port.*, V, n.os 1 e 3; VI, pag. 196; VII, 126; *Hist. de Port.* do P. Chagas, 3.ª ed., vol. I, 45, 48, 349, 393, 405, 509, 565, 581, 597, 601, 605, 607; II, 109, 126; III, 622, 636; V. 625; VII, 602; *Séca e Méca* por T. Lino d'Assumpção; *O Seculo* n.º 7257, 1902; *O Diario* n.os 341 e 348, 1903; *A arte e a natur. em Portugal*, fasc. n.º 31.

Santo Adrião de Cannas de Duas Egrejas e **São Thomé de Cannas** — freg. de Santo Estevam de Oldrões, conc. de Penafiel. — Monte *de Perafita* ou *Pedra Ficta*, onde passava a via militar chamada *Tamacana Via*. — Pedestal de uma ára romana, com inscripção, na egreja matriz da freg. do Salvador de Thuias, conc. do Marco.

Santo Estevão de Oldrões — freg., conc. de Penafiel. — Vestigios de fortificações antiquissimas em dois montes entre Gallegos e Oldrões a E. do logar de S. Thomé de Cannas. — Sepulturas cavadas na rocha (almocabar arabe) no sitio da *Portella do Forno dos Mouros*. A 2 kilom. d'estas sepulturas está o *Crasto de Villa Boa do Bispo*. — Restos do *Crasto de Thuias*, alem da ponte.

Santo Thyrso — villa e concelho. — O mosteiro de Santo Thyrso foi primitivamente templo romano. Em 1650 achou-se n'uma das suas paredes um sepulchro de pedra, com as armas imperiaes romanas e uma inscripção em latim. Ha n'esta egreja outras sepulturas. O claustro é a parte mais antiga do mosteiro: tem os quatro lanços abertos em arcos, sustentados por 122 duplas columnas, cujos capiteis mostram, em grosseiros relevos, cabeças de mouros, harpias, leões e differentes ornatos. — *Monum. de Port. historicos, artist. e archeol.*; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 297; *Archivo pitt.*, VI; *O domingo illustrado*, 4.º vol.; *A handbook for travellers in Portugal*; *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque, t. I, pag. 100; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 70; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 14; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., V, 614; *Primeiro de Janeiro* n.º 152, 1902; *Santo Thyrso de Riba d'Ave* (Hist. do conc.) pelo sr. Alberto Pimentel.

São Pedro de Aufragia — conc. de Arganil. — Templo antiquissimo, de architectura gothica. — Ruinas de uma grande povoação.

S. Pedro do Sul — villa e concelho — *O domingo illustrado* 4.º vol.; Mem. e estudo chimico sobre as aguas miner. e potaveis de Unhaes da Serra pelo dr. A. J. F. da Silva com *Breves*

noções chorographicas de J. F. Moutinho; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Branco e Negro*, n.os 12, 13 e 15; *O Seculo* n.º 4779, 1895; *A handbook for travellers in Portugal.* — Vej. **Banho.**

S. Thiago do Cacem — villa e concelho. — Castello arruinado; tem 9 torres. — A egreja matriz foi construcção grega ou phenicia (?). Campas com inscripções em portuguez e uma em latim. — Na capella de Santo Antonio ha uma sepultura com inscripção em portuguez. — No frontispicio do chafariz de *N. Sr.ª do Monte* está a imagem d'esta Senhora em azulejo com inscripção latina em marmore. — Junto á ermida de S. Braz teem-se encontrado cippos com inscripções, medalhas romanas, estatuas de divindades pagãs, e restos de uma fortaleza. — Explorações no *Castello Velho* em 1808, ordenadas pelo bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas: achou-se grande porção de medalhas romanas, de ouro, prata e cobre, do tempo da republica e de muitos imperadores; alguns penates; uma estatua de Priapo ou um Deus Termino no logar chamado *Pomar do Callisto.* — Foram collocadas junto ao chafariz de *N. Sr.ª do Monte* cinco lapidas com inscripções romanas, as quaes estavam tambem no castello. — Na parede do hospital da villa, fronteira á praça, está uma lapida com uma inscripção romana incompleta. — *Na aldeia dos Chãos* apparecem vestigios de uma povoação antiga — Quadro de marmore em alto relevo: representa o apostolo S. Thiago maior combatendo os mouros; está junto á porta principal da egreja matriz. — *Annaes do municipio de Sant'Yago de Cassem* pelo rev. Antonio de Macedo e Silva, prior d'Abella (1866-1869); *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Not. arch. de Portugal* pelo dr. E. Hübner; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 5, Supp.; «Mappa das pedras com inscripções que forão achadas na excavação feita no sitio da Morobriga, vulgo castello velho junto da ermida de S. Braz, freguezia da villa de Sant-Iago de Cassem no mez de janeiro do anno de 1808 por Bonifacio Gomes de Carvalho» (*Codex Cenaculi Eborensis* CXXVIII, I, 14.); *Panorama*, 1843, n.º 2 e pag. 121; *A Tabula de Aljustrel* por Estacio da Veiga; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende, (Evora 1593) fl. 188; *Archeol. Portug.*, n.º 12, pag. 338; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 219; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., III, 612, 636; *Portugal de cabelleira* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 225; *A handbook for travellers in Portugal*; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 171; *Monographia do concelho de S. Thiago do Cacem* (*Bolet. da dir. geral de agricultura*, 5.º anno, 1894, n.º 9.)

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX — 4.ª SÉRIE — N.º 10

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso,

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 9 de Junho de 1903.

A's 9 horas da noite foi aberta a sessão, presidindo o sr. Mendes Guerreiro, secretariado por Mena Junior e Victor Ribeiro, achando-se presentes os socios srs. Gabriel Pereira, O'Sullivand, Silva Leal, Rosendo Carvalheira, Ernesto da Silva e Rodrigues Fernandes.

Foi lida a acta da sessão anterior e approvada, e logo depois a correspondencia seguinte:

Convite da Sociedade de Geographia para a sessão solemne consagrada a Barbosa du Bocage; officio de A. Barbièr, thesoureiro do congresso de Poitiers; dito do Director Geral da Secretaria da Marinha offerecendo um capitel achado nas dragagens do rio, em frente do Arsenal, o qual já deu entrada no Museu, resolvendo-se agradecer; officio do prof. Wiedmann agradecendo a sua eleição de socio correspondente; officio do *American Institute of Architects* agradecendo publicações que lhe foram enviadas; officio do socio Leopoldo Mauritty dando a sua demissão de socio, a qual foi acceite com pezar; officio do 1.º Secretario sr. Rocha Dias agradecendo muito penhorado os votos que a Associação em sessão de 18 de abril ultimo lhe manifestára pelas melhoras de sua esposa.

Do sr. dr. Sousa Viterbo recebeu-se a recente publicação *Noticia de alguns pintores portuguezes*, a qual se agradece em officio; do sr. Agapito y Revilla, architecto de Valladolid, interessantes monographias sobre monumentos artisticos d'aquella cidade, e o Bulletin da *Sociedad Castellana de Excursiones*, pedindo a troca com o da Associação.

Da testamenteira de Joaquim José da Nova leram-se cartas propondo o modo de remetter a importancia do legado, liquido de 32$130 réis de contribuição de registo e reduzido portanto a réis 167$870. Deliberou-se responder pedindo a remessa contra recibo.

O socio Ernesto da Maia participa ausentar-se para Lourenço Marques. Deliberou-se que fique na categoria de socio effectivo, ausente, dispensado das quotas.

O sr. Rosendo Carvalheira propõe para socio correspondente o sr. dr. José Osorio da Gama e Castro, auctor da excellente memoria *A Diocese e Districto da Guarda*, sendo eleito desde logo.

O sr. Mena propõe voto de congratulação pelo restabelecimento do sr. Rosendo Carvalheira, a qual foi votado por acclamação.

O sr. Ernesto da Silva propõe um voto de congratulação a El-Rei, do seguinte teor:

Tendo Sua Majestade El-Rei nosso Augusto Presidente, seguindo o exemplo de seu Augusto Avô Sua Majestade El-Rei O Senhor D. Fernando, de Saudosa Memoria, Primeiro Presidente da nossa Real Associação, adquirido o Edificio historico da Bacalhôa, salvando assim da ruina o que ainda existe d'aquella antiga construcção: esta Real Associação muito respeitosamente se congratula com Sua Majestade El-Rei por mais este importante serviço prestado á Archeologia Nacional, e lança na acta de hoje um voto de bem merecido louvôr.

Sala das Sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, no Museu do Carmo em Lisboa, 9 de Junho de 1903.

O socio effectivo — *Ernesto da Silva*

Foi approvado por acclamação.

O sr. Presidente participa com pezar o fallecimento dos dois socios srs. Antonio Augusto Teixeira de Aragão e Visconde de Mason de S. Domingos, elogiando os relevantes serviços que prestaram á sciencia e á industria nacional, bem como á Associação de que eram prestimosos socios.

O sr. Mena Junior fez a leitura de uma memoria ácerca de um esboço inedito de Vieira Lusitano, que apresentou, e que representa o retrato do Cardeal Patriarcha D. Thomaz de Almeida. Esta leitura foi muito bem recebida.

A seguir o vice-secretario Victor Ribeiro leu um artigo intitulado *Garrett e a archeologia portugueza*, ácerca do qual os srs. Presidente e Gabriel Pereira fizeram interessantes commentarios, propondo que fosse publicado no Boletim da Associação.

O sr. Mena leu depois outra memoria ácerca da columna de pedra lavrada, que se ergue na praça de Cintra, ácerca da qual fizeram varias considerações os srs. Gabriel Pereira e Rosendo Carvalheira.

O sr. Carvalheira termina por annunciar á assembléa que vae ser brevemente resolvida por um contracto, que se deve lavrar entre o Presidente da Associação e o sr. Raul Mesnier, engenheiro dos Ascensores, a questão da servidão do terreno adjacente ao edificio e da porta lateral. Lembra os bons serviços que tem prestado a este fim o mesmo sr. engenheiro Mesnier e a Camara Municipal, por intermedio do seu engenheiro sr. Avellar e architecto sr. Monteiro. Acaba pedindo a conclusão das obras do edificio do Carmo.

Encerrou-se a sessão ás 11 e meia da noite.

O Vice-Secretario

Victor Maximiano Ribeiro

GARRETT

E A

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

Leitura feita em sessão de assembléa geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, na noite de 9 de junho de 1903, commemorando a solemnidade da trasladação dos restos do Poeta para o Pantheon Nacional dos Jeronymos.

(Conclusão do numero antecedente)

Por toda a parte Garrett affirmou o amor e a amizade que os estudos archeologicos lhe mereciam. Noutra nota (a nota A ao Canto VII do *Camões*) bem claro mostra a intuição dos modernos processos de investigação e de estudo da historia, quando nos diz que da attenta observação dos castellos mouriscos coroando os montes, e dos paços, mosteiros e choupanas esparsos pelas abas da serra, ao longo do valle, se infere a organização egualitaria de — « uma velha raça exclusiva de trabalhadores no alheio » — e conclue: — « O estudo das artes é de mais auxilio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho. »

Os monumentos prehistoricos, que ao seu tempo não estavam definidos e descriptos, e aos quaes se ligavam tradições diversas, chamaram egualmente a attenção d'este emerito observador; nada escapava ao seu olhar; era immenso o ambito que abarcava aquelle espirito privilegiado. Aos *dolmens* da serra de Cintra se refere no mesmo poema, dizendo:

> Arabe é todo
> O aspecto que estás vendo. Mas attenta
> Ahi nessas quebradas menos duras
> Como a pique se tem negro, inteiriço
> Celtico dolmin recordando o culto
> do sangrento Endovelico, o terrivel
> Irminsulf dos ferozes lusitanos... ([8])
> ....
> ..... Das fabricas dos homens
> morredouras como elle — estas resistem
> mais que nenhumas ao minar do tempo. ([9])

No Porto sua patria, ainda a mesma indignação lhe provoca os periodos de sentido archeologo com que enceta o lindissimo romance historico *O Arco de Sant'Anna*:

« Falta-te, é verdade, ó nobre e historica rua de Sant'Anna, falta-te já aquelle teu respeitavel e devoto arco, precioso monumento da religião de nossos antepassados, e que, certo é, mais te vedava a pouca luz do ceu material que tuas angustas dimensões deixam penetrar, mas era elle, em si mesmo, fóco da espiritual luz de devoção que ardia no bemdito nicho consagrado á gloriosa santa de teu nome.

« Cahiste pois tu, ó arco de Sant'Anna, como em nossos tristes e minguados dias, vae cahindo quanto ha nobre e antigo ás mãos de innovadores plebeus, para quem nobiliarchias são chimeras, e os veneraveis caractéres heraldicos de rei d'armas Portugal lingua morta, e esquecida que nossa ignorancia despreza, hieroglyphicos da terra dos Pharaós antes de descoberta a inscripção de Da-

---

(8) Canto IX, pag. 149.
(9) Id. — pag. 150

mieta! Assentaram os miseraveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de immundicie menos, em rua já de si tam escura e mal enchuta, era preferivel á conservação d'aquelle monumento em todos os sentidos respeitavel!

« Com que desapontamento deste meu coração, depois de tantos annos de ausencia, não andei procurando, em vão! na rua de Sant'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco? e a alampada que lhe ardia continua, e os milagres de cera que lhe pendiam á roda, e toda aquella associação de cousas, que me trazia á memoria os felizes dias de minha descuidada meninice! » ([10])

No *Alfageme* põe na bocca das suas personagens palavras apaixonadas, quando nos fala no vetusto e historico monumento da Flôr da Rosa.

O monumento gothico do Carmo, sob cujas abobadas, por mercê de bem entendido e abençoado decreto regio, a benemerita Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes logrou estabelecer a sua séde e os seus museus, deve-lhe phrases de grande amor, que nesta occasião é altamente significativo relembrar.

Foi Garrett quem talvez primeiro advogou na opinião publica a idéa de se conceder o arruinado edificio do Carmo, á guarda zelosa dos archeologos portuguezes, dizendo, entre profusas e enthusiasticas phrases ácerca dos Jeronymos, o seguinte:

« Mais outro capitulo de accusação contra o nosso beduino thesouro. A egreja do Carmo, de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim dito), aluga-se todos os annos por não sei quanto; e *aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar* arrendam-se, etc. » ([11])

([10]) *Arco de Sant'Anna*, pag. 1.
([11]) *Camões*, notas

Não param ainda por aqui as relações intimas que prendem o nome de Garrett á historia da archeologia nacional. Não existia ainda no seu tempo a *Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.* Uma outra houve, porém, fundada em 1849, e digna antecessora d'esta. Quero referir-me á *Sociedade Archeologica Lusitana*, fundada por diligencias do fallecido antiquario, o conego Manuel da Gama Xaro e de varios setubalenses, sob a protecção de el-rei D. Fernando, com o fim principal de explorar as excavações nas ruinas romanas da antiga *Cetobriga*, hoje areias de Troia, em frente da formosa e historica cidade Sadina. ([12])

Almeida Garrett foi socio desta prestimosa aggremiação scientifica, desastrosamente extincta em 1868, depois de ter prestado ao paiz e á sciencia os mais relevantes serviços.

*

*   *

Importa ainda relembrar nas obras de Garrett as que mais directamente se prendem com a feição que nelle estamos estudando, no que respeita á sua predilecção pelos estudos ethno-

---

([12]) Esta *Sociedade Archeologica Lusitana*, inaugurada em 9 de novembro de 1849, teve a sua derradeira reunião em 4 de outubro de 1857, depois da qual se extinguiu por falta de recursos, tendo exgotado numas excavações realizadas em Troia o peculio que conseguira obter. Existem no Archivo da Real Associação dos Architectos e Archeologos muitos e interessantes officios e cartas, relativos aos trabalhos desta prestimosa Associação, a cujos serviços e desventuras se referem varios artigos insertos no *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos*, e no *Archeologo Português.* Segundo amavelmente referiu o meu illustre consocio sr. Gabriel Pereira, após a leitura deste artigo, como interessante nota ao que acaba de ler-se, ainda não ha muitos annos conheceu elle em Lisboa os dois ultimos representantes desta veneranda aggremiação scientifica. Eram o medico da Companhia dos Caminhos de Ferro, dr. Domingos Garcia Perez, que fôra o ultimo vice-presidente da *Sociedade Archeologica,* e João Carlos de Almeida Carvalho, que della fôra o secretario e conservava em seu poder apontamentos e noticias relativos a Cetobriga, tendo em preparação uma memoria ácerca de Troia (publicada no nosso *Boletim*) e uma noticia historica da Sociedade. Isto consta de um officio do sr. Jorge Torlades O'Neill, de 28 de novembro de 1864, existente no nosso archivo.

graphicos, pelo das tradições locaes, pela colheita das canções e trovas populares, tão caracteristicas e instructivas, e ainda no culto que professava pela arte, predilecção e culto que poz em relevo no seu bello poema o *Retrato de Venus*, bem como na breve noticia sobre a *Historia da Pintura*, que o segue, a titulo de elucidação do poemeto.

Do gosto pelo estudo dos costumes, das tradições, das trovas e dos cantares do povo portuguez dão-nos bem demonstrativas provas innumeras passagens dos seus livros, que ocioso e prolixo seria citar, especialmente a narrativa da formosa lenda de Santa Iria, de Santarem, nas *Viagens da minha terra*, e mais do que tudo o *Romanceiro*, onde recolheu, dando-lhe, é certo, forma culta, os mais bellos romances populares de Portugal, constituindo um precioso repositorio, que serviu de incentivo e ponto de partida aos estudos *folkloristicos*. Pode portanto considerar-se Garrett o verdadeiro iniciador das preciosás collecções, feitas no decurso do seculo findo, de todos os romances, lendas, modas, estribilhos, proverbios, cantigas, rimas e contos populares, mina riquissima sob o ponto de vista multiplice da linguagem, dos costumes e das tradições nacionaes.

Na *Historia da Pintura*, Garrett adverte que no que toca a esta manifestação da arte em Portugal, julga ser util à nação dando-lhe o que ella não tinha (como ainda hoje, mais de meio seculo decorrido, não tem) — a nota critica dos seus pintores, e exprime o desejo vehemente de que, entre os leitores, haja dois ao menos, em quem — « faça impressão o amor das boas artes e da patria, que toda a obra respira. »

De facto este seu amor pela arte, por essa universal manifestação do genio do homem, emparceirava-se sempre indissoluvelmente com o amor patrio.

Leia-se a evocação á pintura nacional, de cuja nebulosa e mal conhecida historia elle sonhou, nos seus devaneios rapidos de artista, lançar os primeiros lineamentos. Depois, outros lidadores da penna viriam completar o esboço que Garrett traçou nas suas linhas geraes, com mão segura e arrojada. Exclamava elle:

Ah! volve os olhos immortaes, divinos,
Aos seculos remotos; vê no Tejo
Como entre as sombras da ignorancia Gothica
Brilham nas trevas Lusitanas tintas;
Vê do gran Manuel na epocha d'ouro
Sobre as bellas irmãs como se eleva
A divinal pintura.................. ......
....
Como á porfia sobre o Tejo e Douro
Apelles mil e mil revivem, fulgem;
Brilha o Luso pincel .... ([13])

Tal foi, n'uma rapidissima synthese, a influencia enorme exercida por aquelle ingente litterato na historia e desenvolvimento da arte e da archeologia portuguezas!

A Arte recebeu de Garrett o mais colossal impulso. A Poesia appareceu em novos moldes, manejada com estro genial; a Pintura recebeu do poeta uma consagração: Garrett ergueu-lhe um altar e iniciou-lhe o culto; sonhou traçar-lhe a trajectoria percorrida, e memorar os nomes mal conhecidos dos mestres a quem se devem tantos primores, pintados quer na taboa quer na tela, e esparsos por egrejas, mosteiros, capellas e palacios.

Os artistas levantaram-lhe um busto no atrio do theatro nacional; o povo portuguez ergueu-lhe um templo no seu coração; os politicos conservam da sua correcta e elegantissima eloquencia parlamentar memoria inolvidavel; os poetas e os homens de lettras aggremiaram-se, invocando para égide o seu nome glorioso, e levaram-o em triumpho para o pantheon, pelo qual Garrett tanto propugnou para os heroes da patria.

Devem tambem tributar-lhe merecida palma, justo agradecimento, as sociedades archeologicas do paiz, porque elle foi, de todo o seu coração, um apaixonado e ardente archeologo artista, poeta da arte e das tradições populares portuguezas.

Era indispensavel, julguei eu, que correspondendo gostosamente ao patriotico appêlo da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, echoasse n'esta Associação dos Architectos e Archeolo-

([13]) *Retrato de Venus*, pag 42.

gos Portuguezes, — que deve considerar-se a legitima representante e propugnadora das sciencias archeologicas, historicas e ethnographicas, e que tomou sobre seus hombros o espinhoso encargo de estudar e promover a conservação e o culto da arte antiga, — era indispensavel, repito, que echoasse uma nota singela de reconhecimento e se prestasse a devida homenagem áquelle que tanto honrou a Arte, que tão extraordinario e fecundo amor lhe tributou!

Ao apaixonado e ardente archeologo artista, ao poeta da arte e das tradições populares consagremos o nosso preito e a nossa saudade!

3 de maio de 1903.

Victor Ribeiro.

Trabalhos archeologicos — Uma portaria importante — Estudos e classificações

(Trecho de uma carta de Diu) (*)

Diu, 25 *de agosto*. — Com tão justo como louvavel empenho, o governo d'este estado continúa envidando o melhor dos seus esforços na obra de se tornarem praticamente effectivos os estudos da commissão archeologica, da qual démos conhecimento aos nossos leitores em uma das nossas cartas anteriores (**) e n'esse sentido acaba de estabelecer as bases que venham a servir de norma aos trabalhos d'aquella commissão que, sabemol-o de boa fonte, a seu turno se esforça por satisfazer cabalmente aos intuitos da respectiva creação, obedecendo a uma orientação rigorosamente scientifica, e sendo composta como é, de cavalheiros de reconhecido merito e valor. Sem exagero e com a mais absoluta justiça: a portaria provincial n.º 203 de 11 de agosto ultimo, pode considerar-se talvez a unica medida de salvação, que por estes ultimos dez a quinze annos, se tem outhorgado em beneficio de tantos e tão preciosos monumentos archeologicos, historicos e architectonicos, que encerra a India Portugueza.

O estudo e a classificação d'esses monumentos, que são ain-

(*) Publicada no *Diario de Noticias* de 19 de Setembro de 1903.
(**) Vej. *Boletim*, tom. IX, n.º 7, pag. 22.

da o nosso mais legitimo orgulho, estão ahi nitidamente definidos e assignalados.

Sob a designação «monumentos da India», aquelle valioso diploma official não sómente manda comprehender as fortificações, edificios, vestigios de povoados, muros, ruas, largos, armas, moedas, estatuas, etc., mas até fal-as estender aos monumentos coévos da supremacia portugueza no Oriente, e aos que por ventura ainda existam nos principaes centros dos nossos primitivos dominios.

Como se vê, a seara servida por taes obreiros, vem promettendo amplas messes, que todos iremos saborear na annunciada revista — « O Oriente Portuguez » — Revista da commissão archeologica da India portugueza, que em breve se espera, e que oxalá se não faça demorar.

Diogo d'Anaya

Casa dos Vinte e Quatro

(Decreto da sua extincção)

Não se coadunando com os principios da Carta Constitucional da monarchia, base em que devem assentar todas as disposições legislativas, a instituição do juiz e procuradores do povo, mesteres, casa dos vinte e quatro, e classificação dos differentes gremios; outros tantos estorvos á industria nacional, que para medrar muito carece da liberdade que a desenvolva, e da protecção que a defenda: hei por bem, em nome da rainha, declarar o seguinte:

Art. 1.º — Ficam extinctos os logares de juiz, e procuradores do povo, mesteres, casa dos vinte e quatro, e os gremios dos differentes officios.

Art. 2.º — As camaras municipaes darão as providencias que julgarem mais acertadas para se levar a effeito o disposto no art. 1.º sem inconveniente do serviço publico. E se algumas d'essas providencias excederem suas attribuições, me consultarão para as tomar na consideração que merecerem.

Art. 3.º — Ficam revogadas todas as leis em contrario, como se d'ellas fizesse expressa e declarada menção. O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Ramalhão, em 7 de Maio de 1834. **D. Pedro**, Duque de Bragança. — *Bento Pereira do Carmo.*

A JANELLA DA SALA DO CAPITULO
no convento de Christo em Thomar

« E' a obra mais eloquente, mais convicta, mais poetica, mais enthusiasticamente patriotica, mais estremecidamente portugueza, que jámais realisou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra.

« Na ornamentação d'essa janella, em que, juntamente com o sentimento mais entranhado das energias da natureza, rebenta, palpita e brada, em torno da idéa christã, todo o sagrado pantheismo das velhas religiões da India, conjugam-se, n'uma gloriosa harmonia de antiphona a toda a voz, acompanhada ao orgão, no deslumbramento dos cirios, no aroma das assucenas, no fumo dos thuribulos doirado pelo sol, os elementos decorativos do symbolismo mais poderoso, da suggestão mais profunda. O artista, em plena posse da sua idéa, em completa independencia do seu espirito, em inteira liberdade dos seus meios de execução, desdiz todos os votos, abjura todos os principios, renega todos os canones, infringe todas as regras, e prescinde de todo o applauso dos mestres, suffocando nas entranhas da sua propria vaidade a opinião de si mesmo, unicamente porque tem fé na verdade que enuncia, porque concentrou toda a força da sua alma, toda a energia de seu cerebro, toda a paixão do seu sangue, no amor da obra em que elle representa o pensamento que o domina. E em torno d'elle e d'esse objecto amado, como em torno de todos os que verdadeiramente amam, tudo mais na terra acabou e desappareceu.

« As columnas na janella da sala do capitulo são polipeiros de coral, dos mais profundos recifes do Oceano, e troncos d'essa

palmeira, cuja sombra cobriu o berço da civilisação no litoral mediterraneo, providencia dos peregrinos nos oasis do deserto, á qual os arabes da Peninsula dedicavam uma festa de primavera, tendo por fundamento a disseminação do polen — a arvore santa, a arvore da Biblia, a arvore de Jesus, cujo ramo symbolico é um attributo da paixão e da paschoa, da gloria e do martyrio. Os demais elementos decorativos são as ondas do mar, taes como ellas se representam na heraldica; são os troncos seculares e as raizes profundas dos sobreiros dos nossos montes, extrema expressão de força na fecundidade da seiva, que prende o roble, assim como a tradição e a familia prendem a debil e errante creatura humana ao coração da terra em que nasceu. Guizeiras, como as das mulas de tiro engatadas á carreta alemtejana, emmolham contorcidas varas de sobro e de azinho, como nos feixes de lictor da magistratura romana. Solidas correntes e possantes cabos de bordo, de que pendem em discos as boias de cortiça enlaçam a decoração, amarrando-a vigorosamente á empena por fortes argolões, como se amarraria uma nau ao caes de um porto. Toda a composição, partindo das espaduas de um homem, que parece sustentar-lhe todo o peso, ascende n'uma trepidação de algas e de folhagens para a cruz de Christo entre as espheras que tomára por empresa o rei venturoso de Portugal triumphante na vastidão dos mares, em todo o circuito do globo. E o poema esculptural remata por cima da janella na rosacea magestosa do templo, formada em circulo pelas pregas e pelo bolso arfante da vela rizada de um galeão da India.»

Ramalho Ortigão. — *O culto da arte em Portugal.*

Cartas ineditas de El-Rei D. Pedro V

PUBLICADAS POR ERNESTO LOUREIRO

Offerta por intermedio do Ex.mo Sr. Visconde da Torre da Murta

---

Meu prezado amigo: — Desejando offerecer á Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes um exemplar do livro, que acabo de publicar, contendo trinta cartas ineditas dirigidas por El-Rei D. Pedro V a meu tio, o Marechal de Campo José Jorge Loureiro; e bem assim um estudo meu ácerca da psychologia d'aquelle monarcha de saudosa memoria, é a V. Ex.ª, como digno bibliothecario d'aquella benemerita associação, que me dirijo para o indicado fim.

Creio que aquellas preciosas cartas são documentos valiosos para corrigir erros historicos, que tem sido proclamados ex-cathedra por audaciosos *parvenus* das letras, e acolhidos com o applauso inconsciente da incommensuravel maioria, sem que até hoje hajam sido refutados. Em parte alguma pois me parece que terá melhor cabimento o citado livro do que na digna associação de que V. Ex.ª faz parte, entre cujos fins se encontra o nobre sentimento de estabelecer em bases scientificas a verdade do antigo, que póde servir de ensinamento no presente e no futuro.

E' seguida a publicação das cartas de D. Pedro por uma tentativa

psychologica, em que tenho principalmente por fim divulgar um methodo geralmente desconhecido entre nós; fundado na psychologia ingleza; e que dispensa inteiramente para o estudo da mentalidade humana a escholastica medieval, metaphysica e animica, diluida no kantismo allemão, e no eclectismo francez, em que officialmente vivemos ainda hoje no seculo do automovel!

Quando mesmo eu haja errado, o que é muito possivel, na interpretação que dei á personalidade de D. Pedro V, restar-me-ha a satisfação, perdoe-me V. Ex.ª a immodestia, de ser o vulgarisador em Portugal d'aquelle methodo intuitivo, claro, simples, e sobretudo, baseado n'uma theoria scientifica até hoje nunca seriamente contraditada, e que se estriba na experiencia e na observação, as quaes são os solidos alicerces de todo o verdadeiro conhecimento; — bem entendido — dando-lhe o desconto da relatividade e imperfeição inseparaveis de todas as lucubrações humanas.

Com a maior estima e consideração me subscrevo De V. Ex.ª Creado e am.º m.to grato e dedicado. — *Ernesto Loureiro.* — Lisboa, 14 de Junho de 1903.

Noticia descriptiva e historica da cidade de Thomar

por João Maria de Sousa

De outra carta que o sr. Ernesto Loureiro dirigiu ao sr. Visconde da Torre Murta, pedimos a este nosso distincto consocio a devida auctorisação para extractar os seguintes periodos de honrosa apreciação.

« E' com o maior prazer que hoje envio a V. Ex.ª a fim de se dignar apresental-o á benemerita Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, de que V. Ex.ª é muito illustre membro, um novo livro, que acaba de sahir a lume com o titulo de « Noticia descriptiva e historica da cidade de Thomar» por João Maria de Sousa. O seu auctor, nosso velho amigo, distincto e erudito medico, deu-me este honroso encargo, quando ha pouco regressei d'aquella cidade. Não quiz, porém, desempenhar-me d'elle, sem previamente haver lido aquelle trabalho, que havia muito eu anciosamente esperava e que excedeu a minha expectativa.

« Foi o doutor João Maria de Sousa um distincto alumno da Universidade de Coimbra, como V. Ex.ª sabe, e que pela sua brilhante clinica tem honrado a nobre cidade de Thomar, que lhe foi berço; e egualando os seus altos dotes intellectuaes, possue um caracter de extraordinaria seriedade e benevolencia O seu trabalho é o primeiro estudo serio, que se tem feito ácerca da archeologia de Thomar, que, como V. Ex.ª tambem muito bem sabe, possue riquissimos monumentos e tem uma rica historia. Não ha, porém, ali archivos a consultar, nem bibliothecas, onde

ainda hoje repousam preciosos codices, que nos tempos modernos jámais foram abertos pelo abençoado alfobre de historiadores que temos tido. Aquella deficiencia de elementos de estudo ainda mais exalta e encarece o trabalho do nosso velho amigo, trabalho que é feito sobre o terreno, interpretando velhas inscripções romanas, que jámais haviam sido estudadas, e dando nova interpretação á destruição da Nabancia, e tambem á origem do famoso claustro devido a Torralva, que abrilhanta aquelle extraordinario museu de arte e riquissimo repositorio de monumentos archeologicos, que se chama o Convento de Christo. »

Lisboa, 13 de Outubro de 1903

A Cruz de Villar de Frades

Ministerio do Reino. — *Direcção Geral de Instrucção Publica. — 3.ª Repartição. — L.º 60; N.º 122.*

Ill.mo Ex.mo Sr. — Em officio de 27 de Fevereiro ultimo representava essa associação a esta Secretaria de Estado para que se sobrestivesse á venda em hasta publica d'uma cruz parochial antiquissima da freguezia de Villar de Frades e para que fosse entregue o mesmo objecto a essa corporação a fim de ser collocado no Museu do Carmo como monumento archeologico.

Foram immediatamente solicitadas providencias n'esse sentido ao governador civil de Braga que mandou sustar a referida arrematação e que informou ter a cruz de que se trata um alto valor archeologico conforme a apreciação feita pelo professor de desenho ornamental da escola industrial do districto.

Ora, como os desejos da junta de parochia de Villar de Frades são unicamente alcançar meios para a reparação da egreja do convento em ruinas, foi por este ministerio solicitado ao das obras publicas em officio de 12 de Março findo, que se entabolassem negociações com a mesma junta a fim de mandar-se proceder ás obras necessarias mediante a troca da mencionada cruz.

Por aquella Secretaria d'Estado foi respondido ter sido determinado ao engenheiro director das obras publicas do districto de Braga que enviasse com urgencia o orçamento das obras de que carece a mesma egreja parochial para instrucção do respectivo processo.

Estando, pois, o assumpto de que se trata na dependencia da citada informação, tenho a dizer a V. Ex.ª que, apenas tenha sido obtida resolução pelo Ministerio por onde corre a pretenção d'essa sociedade, ser-lhe-ha immediatamente communicada para os devidos effeitos.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 28 de Abril de 1902. — Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, Dig.mo Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, no Museu do Carmo.

O Con.ro D.or Geral, *Abel d'Andrade*.

MUSEUS

CREADOS EM PORTUGAL ATÉ AO FIM DO SECULO XVIII (*)

I

O primeiro museu, que houve em Portugal, data dos principios do seculo XV, e pertenceu a D. Affonso, conde de Ourem, e primeiro duque de Bragança, filho bastardo de el-rei D. João I.

Indo este principe á conquista de Ceuta, no anno de 1415, em companhia de el-rei, seu pae, e dos infantes seus irmãos, rendida a praça ao valor portuguez, os unicos despojos do inimigo, que para si cubiçou, consistiram em varias columnas de marmore e outras pedras com inscripções, que trouxe para o reino como trophéus d'aquella grande victoria.

Esta acquisição desenvolveu n'elle o gôsto das antiguidades. Portanto começou a colligir nas suas viagens, ao principio, simplesmente objectos archeologicos; depois curiosidades diversas e tambem algumas conchas e varios productos mineralogicos.

Tudo o que ia adquirindo collocava em uma sala, para esse fim reservada, dos seus paços da praça do Rocio em Lisboa. Estes paços, situados no lado do norte da praça, occupavam o espaço onde agora vemos a metade oriental do Theatro de D. Maria II, e as casas da rua das Portas de Santo Antão, que lhe ficam

(*) Folhetins do *Commercio do Porto*, 1870, por I. de Vilhena Barbosa.

por detraz; estendendo-se até ás portas da cidade d'aquelle nome, que o terremoto destruiu. Estes paços, apesar dos seus proprietarios serem ao diante elevados a maiores titulos, conservaram a sua denominação de paços do conde de Ourem até que o terremoto do 1.º de novembro de 1755 os reduziu a um montão de ruinas, e o novo plano da cidade os fez desapparecer inteiramente.

Foram muito augmentadas estas collecções no meiado do mesmo seculo pelo filho primogenito do fundador, D. Affonso, conde de Ourem e marquez de Valença. A embaixada de que o encarregou seu tio, el-rei D. Duarte, junto do concilio convocado para Basiléa, e celebrado em Florença; e a missão, que lhe commetteu el-rei D. Affonso V, seu primo, de conduzir a imperatriz D. Leonor, irmã d'este ultimo soberano, aos Estados de seu esposo, o imperador da Allemanha Frederico III, deram-lhe occasião para visitar as principaes côrtes da Europa.

N'estas longas e demoradas viagens, o marquez de Valença, por impulso proprio, ou para satisfazer a recommendação paterna, fez muitas e importantes acquisições para o museu de seu pae, umas compradas por bom dinheiro, outras offerecidas por varios principes.

Este museu foi mudado, ainda pelo seu fundador, dos paços do conde de Ourem para os paços de S. Christovão, na mesma cidade de Lisboa, que estavam proximos da igreja parochial d'aquella invocação, e que eram propriedade do 1.º duque de Bragança. Mais tarde, em vida de D. Fernando 2.º do nome, e 3.º duque de Bragança, foi outra vez mudado o museu para os novos paços dos ditos duques, proximos das portas da cidade denominadas de Santa Catharina. Ahi existiu o museu até ser devorado pelas chammas no incendio, que destruiu a maior parte d'aquelles paços por occasião do grande cataclismo de 1755, dos quaes ainda resta uma pequena parte na rua do Thesouro Velho.

II

O segundo museu de que temos noticia foi fundado na cidade de Evora, nos começos do seculo XVII, por Manoel Severim de Faria, chantre da cathedral eborense, e ornamento da littera-

tura patria. Ao principio constava este museu sómente de antiguidades romanas, que era então este o assumpto predilecto dos estudos dos nossos archeologos. Compunha-se, pois, de estatuas e vasos em marmore e em bronze, cippos e lapidas com inscripções, utensilios e objectos de arte em diversos metaes, vasos de vidro e barro, tudo ou quasi tudo achado na provincia do Alemtejo, e um excellente medalheiro, em que se encontravam moedas portuguezas rarissimas, sendo das mais curiosas uma de ouro de el-rei D. Sancho I. A esta collecção de archeologia nacional accrescentou depois o erudito chantre da sé de Evora diversos productos naturaes, e algumas curiosidades.

Depois da morte de Manoel Severim de Faria, passou este museu por muitas mãos, e n'estas passagens foi despojado, não sabemos com certeza em que tempo, mas cremos que no primeiro quartel d'este seculo, de todas as suas antiguidades romanas. Em 1836 já não tinha objecto algum d'esses, excepto no que dizia respeito a numismatica, pois que ainda n'esse anno possuia o medalheiro. Fallecendo em 1846 o proprietario d'este museu, que era um conego da sé de Evora, deixou-o em legado ao snr. conde de Thomar, ao qual os successos politicos d'esse mesmo anno obrigaram a sahir de Portugal. Regressando á patria em 1847, no anno seguinte foi entregue do museu. Do medalheiro apenas restava o armario, em que outr'ora se guardavam as medalhas. E' de crer que se desfizera d'elle o conego, seu ultimo possuidor.

Este museu, que contém bonitas collecções de conchas, mineraes, despojos de animaes, etc., existe no palacio do snr. conde de Thomar, na calçada da Estrella, em Lisboa.

III

Por meiados d'esse mesmo seculo XVII deu principio o conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, no seu palacio da Annunciada, em Lisboa, a um museu de antiguidades, curiosidades naturaes e numismatica. Este fidalgo, que, á gloria militar, adquirida na guerra da restauração como general de artilheria, juntou renome nas lettras, publicando, entre outras obras, a historia de Portugal desde a acclamação de el-rei D. João IV até ao fim d'aquella guerra, com o titulo de « Portugal Restaurado », instituiu no seu

palacio, correndo o ultimo quartel do seculo XVII, uma Academia litteraria com a denominação de Academia das Conferencias Eruditas.

Educado n'esta escola, seu filho, o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, continuou com o mesmo gôsto e zêlo que seu pae, o que é rarissimo em Portugal, a augmentar as collecções começadas pelo conde D. Luiz, dando tambem principio e desenvolvimento a outras. Na entrada do seculo XVIII encerrava o vasto palacio da Annunciada um curioso e mui variado museu, um rico medalheiro, uma galeria de quadros, em que se viam, a par de muitos paineis dos célebres mestres das escolas estrangeiras, uma copiosa collecção de obras dos melhores pintores nacionaes, um gabinete de physica, e uma das maiores e mais selectas livrarias, que tem havido no reino, sobretudo em manuscriptos e livros impressos raros.

Progredindo com igual empenho nas palestras litterarias e scientificas, instituidas pelo conde, seu pae, reformou e ampliou no anno de 1717 a Academia das Conferencias Eruditas, organisando-a de modo, que podesse produzir mais uteis resultados para o paiz e mudando-lhe n'essa occasião o nome no de Academia Portugueza. Esta illustre associação, que reuniu no seu gremio os homens mais notaveis em sciencias e lettras, que então viviam em Lisboa, concorrendo ás suas sessões os mais distinctos personagens da côrte de D. João V, bem como os embaixadores estrangeiros; esta associação, pois, fazendo mui frequentado o palacio da Annunciada, foi causa de que se desenvolvesse no pais, e principalmente na capital, o gôsto das collecções archeologicas, de historia natural, numismaticas, artisticas e bibliographicas e por conseguinte o amor d'estes variados generos de estudo.

Da Academia Portugueza nasceu a Academia Real de Historia, creada em 1721 por el-rei D. João V, a instancias do conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, e dos socios mais influentes da primeira d'estas associações. O decreto, que instituiu a Academia Real de Historia, providenciando por differentes maneiras, e até com comminação de penas, para a conservação de todos os monumentos nacionaes e para a acquisição, por meio de compra, de todos os objectos de antiguidade, que se fossem descobrindo em qualquer parte do reino, e em seguida os desvelos da Acade-

mia Real de Historia para o fiel cumprimento d'aquelle decreto, concorreram mais directamente para o desenvolvimento d'aquelle gôsto e amor.

D'est'arte, durante o longo reinado de el-rei D. João V, alguns academicos, muitas outras pessoas estranhas á academia, e até varias corporações religiosas, formaram suas collecções, mais ou menos importantes. As melhores eram as do duque de Cadaval e do Marquez de Abrantes. O primeiro sobrelevava nas collecções de numismatica e de manuscriptos. Esta ultima era preciosissima, sobretudo em relação á historia patria. O segundo possuia, alem de um medalheiro muito apreciavel por varias raridades, copiosas collecções de mineralogia e de outros productos naturaes.

Das casas religiosas citaremos, relativamente a collecções de numismatica, de historia natural, e de instrumentos de physica e de mathematica, o collegio de Santo Antão, dos jesuitas, ao presente hospital de S. José; e o convento de Nossa Senhora das Necessidades, dos congregados de S. Filippe Nery, na actualidade pertença do paço das Necessidades, e habitação de sua magestade el-rei o senhor D. Fernando e do senhor infante D. Augusto.

Infelizmente, veiu o terremoto de 1755 anniquilar todo ou quasi todo esse fructo de longas e perseverantes diligencias, colhido á custa de avultadas quantias de dinheiro; e, peior do que isso, veio paralysar um progresso de que o paiz havia de tirar honra e utilidade.

O palacio dos condes da Ericeira, que occupava todo o espaço comprehendido entre as ruas Oriental do Passeio Publico, dos Condes, das Portas de Santo Antão, e o largo da Annunciada, foi derrocado por aquelle cataclismo. N'esta catastrophe e no incendio que se lhe seguiu immediatamente, reduzindo a cinzas tudo quanto escapára ao terremoto, perderam-se todas as collecções, que encerrava aquelle palacio.

IV

A intelligente energia do marquez de Pombal conseguiu levantar Lisboa das suas ruinas em breve espaço de tempo. A sabedoria das suas reformas, cortando muitos abusos inveterados, e assentando em bases mais illustradas a sociedade portugueza, deu á

nação novas e mais vigorosas condições de existencia e de prosperidade. Todavia a riqueza publica padeceu tanto na capital e nas provincias do sul por effeito do terremoto de 1755; os animos ficaram por tanto tempo quebrados, que não bastaram todas aquellas providencias governativas para fazer resuscitar o impulso da iniciativa particular, que havia creado tantas academias scientificas e litterarias, e tão grande numero de collecções relativas ás sciencias, ás lettras e ás artes.

O abatimento do espirito publico obrigou, pois, o governo a supprir com a sua propria acção a falta de iniciativa particular.

No plano da reforma da Universidade de Coimbra, posto em execução pelo grande ministro de el-rei D. José I, em 1772, entrou a fundação de um museu de historia natural, que hoje se acha consideravelmente augmentado em todas as collecções antigas, e com uma nova de antiguidades e curiosidades. Foi este o primeiro museu publico que houve no reino.

V

Passados poucos annos foram creados, uns apoz outros com curtos intervallos de tempo, quatro museus: o da Ajuda, o do bispo de Beja, o Maynense e o da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

O da Ajuda foi fundado para estudo e uso particular do principe D. José e do infante D. João, que veiu a ser rei, 6.º do nome, filhos da rainha D Maria I e de el-rei D. Pedro III. Miguel Franzini, homem de muita erudição, que el-rei D. José, nos fins do seu reinado, chamou a Portugal para mestre de seus netos e que era pae do, não menos sabio, Marino Miguel Franzini, ministro da fazenda no reinado da senhora D. Maria II, fallecido ainda não ha muitos annos, foi quem aconselhou a fundação do museu e jardim botanico da Ajuda, para servirem de estudo prático aos seus reaes discipulos. O jardim estende-se pela frente do paço, então habitado pelos nossos reis, e o museu estava collocado em um pequeno edificio no fundo do jardim. Compunha-se de collecções de zoologia, ornithologia, conchiologia e mineralogia.

Acabada a educação do principe, e mostrando o infante pouca

aptidão e gôsto para o estudo das sciencias naturaes, e tambem porque a familia real mudou de residencia, foi o museu franqueado ao publico.

Este estabelecimento, muito deficiente como museu nacional, sobretudo em uma nação que possuia vastissimas possessões na Africa, Asia e America, não era tão pobre como o teem julgado muitos escriptores, que só o conheceram depois da invasão franceza. O marechal Junot, pouco tempo depois da sua entrada em Lisboa, em 1807, mandou ao museu da Ajuda um naturalista vindo de França por ordem do imperador Napoleão I, expressamente para escolher, separar e encaixotar tudo quanto achasse digno de figurar no museu de Paris. Assim foram enviados para essa capital 400 animaes, 3:000 productos mineralogicos, e um ervario, contendo 2:000 especies de plantas. Esta espoliação tinha sido precedida de outra, feita apressadamente dos objectos mais preciosos ou raros, por ordem do principe regente, na occasião da sua partida para o Brazil. Ainda depois da côrte estar estabelecida no Rio de Janeiro, o mesmo principe mandou ir do museu da Ajuda grande quantidade de productos dos tres reinos da natureza para o museu, que então se creou n'aquella cidade do Brazil. Estas espoliações, portanto, que nunca tiveram restituição, e os consideraveis descaminhos a que deram causa, empobreceram muitissimo o museu da Ajuda.

Depois da restauração da Carta Constitucional e do throno da senhora D. Maria II, foi mudado este museu para o edificio do extincto convento de Nossa Senhora de Jesus, para constituir, juntamente com o Maynense, e o da Academia Real das Sciencias de Lisboa, o museu nacional, ao presente consideravelmente augmentado, e collocado no edificio do Escola Polytechnica.

VI

O museu Maynense foi instituido, no referido convento de Jesus, por frei José Mayne, religioso professo na Terceira Ordem de S. Francisco. Este frade era confessor d'el-rei D. Pedro III, cujas liberalidades o habilitaram para colligir, entre muitos productos naturaes, variados objectos de archeologia, de arte e industria antigas e modernas, e um medalheiro. Por sua morte ficaram estas

collecções ao convento, e depois da extincção d'este, em 1834, foram encorporadas, como acima dissemos, no museu nacional.

VII

O museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa foi creado pela mesma academia pouco tempo depois de ser instituida pela rainha D. Maria I, a instancias e por patriotico impulso do duque de Lafões, D. João de Bragança. Para a organisação do museu, e de um bello medalheiro, concorreram, entre outros academicos, o illustrado e zeloso abbade José Correia da Serra, distincto botanico, e que foi o primeiro secretario, que teve a academia. Este museu, o Maynense e o da Ajuda, estiveram reunidos, a cargo e sob a administração d'esta benemerita corporação, até que modernamente foi transferido o museu nacional para o edificio da Escola Polytechnica, e confiado á guarda e superintendencia d'este estabelecimento de instrucção publica, ficando o museu da Academia Real das Sciencias no extincto convento de Jesus.

VIII

O museu do bispo de Beja foi fundado na cidade d'este nome, nos principios do ultimo quartel do seculo passado (18.°), pelo bispo D. frei Manuel do Cenaculo Villas-Boas. Constava de producções naturaes, de objectos de archeologia, e de productos variados de arte e industria, tanto antigos, como modernos. Uma grande parte das antiguidades romanas, que o enriqueciam, foram descobertas nos arredores de Beja, em excavações ordenadas por aquelle sabio e virtuoso prelado. Transferido D. frei Manuel do Cenaculo para a sé archiepiscopal de Evora, levou para essa cidade o seu museu, á excepção das lapidas, cippos e torsos de estatuas mais pesados, que, pela difficuldade do transporte, deixou em Beja. Fundando em uma parte do seu paço archiepiscopal uma bibliotheca publica, collocou junto d'ella e annexou-lhe o seu museu.

Na calamitosa invasão franceza de 1807 a 1808 foi este museu despojado de muitas preciosidades. Todavia ainda actualmente encerra numerosos objectos de muito apreço archeologico e artistico.

A creação d'estes museus fez renascer novamente no paiz o amor do estudo das sciencias naturaes. Assim, pois, n'esse resto do seculo muitos individuos illustrados, em Lisboa e nas provincias, se dedicaram com louvavel zêlo a colligir productos da natureza, antiguidades e curiosidades.

Mencionaremos os mais importantes museus, que então se organisaram.

O do marquez de Angeja, no seu palacio na rua Direita da Junqueira. Foi creado por D. José Xavier de Noronha, 4.º marquez de Angeja e 6.º conde de Villa Verde. Pertence actualmente á snr.ª condessa de Lavradio; e conserva-se no mesmo palacio. Apesar de ter perdido, por deterioração, as suas collecções de aves, insectos e outras, ainda contém muitos objectos interessantes e raros. E' o unico museu de Portugal que possue uma mumia do Egypto.

X

O museu Devisme foi instituido pelo negociante estrangeiro Gerardo Devisme na linda casa de campo, que edificára junto do convento de S. Domingos de Bemfica. Resolvendo deixar o nosso paiz ainda nos fins do seculo passado (18.º), vendeu aquella propriedade e formosa quinta annexa a D. Pedro de Lencastre, 3.º marquez de Abrantes e 9.º conde de Penaguião, o qual augmentou o museu Devisme com o que se podéra salvar das collecções, colligidas por seu pae, o 2.º marquez do mesmo titulo, por occasião do terremoto de 1755. Palacio e quinta, juntamente com o museu, foram vendidos pelos herdeiros d'aquelle fidalgo, em 1834, a S. A. S. a senhora infanta D. Isabel Maria, que ahi estabeleceu a sua residencia. Este museu composto de productos dos tres reinos da natureza, e de antiguidades, curiosidades e artefactos, tem sido augmentado por S. A.

XI

Pelo mesmo tempo em que foi creado o museu Devisme, formaram tambem em Lisboa dois pequenos museus o negociante Adolpho Frederico Lindemberg, e Diogo Ignacio de Pina Manique, 1.º intendente geral da policia da côrte e reino, e pae do 1.º visconde de Manique. O museu Lindemberg achava-se estabelecido

na casa de campo, habitação d'esta familia, a Sete Rios. Ignoramos onde hoje existe. O museu Manique estava na casa de campo da Cruz de Pedra, junto ás barreiras da cidade. Porém, em 1833, por occasião do cêrco de Lisboa, que transformou aquella casa e quinta em posto militar, desappareceram de todo ou quasi inteiramente as collecções que alli se guardavam.

Foram estes os principaes museus creados no reino até ao fim do seculo passado, de que temos noticia, não fallando no da Fundição do Campo de Santa Clara, que consta de armas e modelos de machinas.

Tanto na capital, como nas provincias, houve, n'aquella epocha, varios outros curiosos que colligiram mais ou menos numerosos productos naturaes e alguns objectos archeologicos, mas de importancia inferior ás collecções que deixamos mencionadas.

Progrediu e desenvolveu-se este gôsto no seculo actual, dando origem a varios museus do Estado, e a muitos particulares em Lisboa, no Porto e em outras localidades. Mas não trataremos agora d'esses.

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contin. do n.º antecedente)

Anno de 1897

Edificios de conventos extinctos e outros. — *Asylo de Mendicidade do Funchal.* Reparação e alargamento do edificio em que está installado; Port., Jan., 11. — Concessão á camara municipal de Vizeu de uma parte do supprimido «convento de Jesus» para estabelecimento de uma *escola normal* e uma parte da cerca do mesmo convento para prolongamento, alargamento e abertura de ruas; Decr., Jan., 14 — *Associação do Sagrado Coração de Maria*, da cidade de Vizeu. Revogado o decr. de 5 de Dez. de 1894 que lhe concedeu provisoriamente o edificio e cerca do supprimido convento de Jesus da mesma cidade; Decr., Jan., 14. — *Asylo de D. Pedro V da Praia da Victoria.* Concessão de parte da cerca do extincto «convento da Luz» para ampliação do mesmo asylo; Decr., Jan., 21. — Concessão provisoria á junta de parochia de S. Sebastião da cidade de Lagos do edificio e egreja em ruinas do extincto «convento de N. S.ª da Gloria» para fundação de um *asylo de mendicidade*; Dec., Fev., 4. — *Confraria de Nossa Senhora das Dôres da cidade de Beja.* Concessão provisoria da egreja, edificio e pertenças do «convento de N. S.ª da Esperança» da mesma cidade; Dec., Fev., 4. — Junta de parochia de S. Sebastião da cidade de Lagos. Concessão provisoria do edificio e egreja do extincto «convento de N. S.ª da Gloria» para fundação de um *asylo albergue de mendigos*; Decr., Fev., 4. — *Real Casa de N. S.ª da Nazareth.* Regulam.; Decr., Abril, 8. — *Real Confra-*

ria da Rainha Santa Izabel de Coimbra. Concessão provisoria de diversas casas do edificio do supprimido « convento de Santa Clara » da mesma cidade; Decr., Junho, 30. — *Associação auxiliar das missões ultramarinas.* Concessão da parte disponivel do edificio e suas dependencias do supprimido « convento de Santa Clara de Coimbra »; Decr., Julho, 21. — *Hospital de velhos e entrevados. Asylo de N. S.ª da Caridade de Vianna do Castello.* Concessão de uma parte da cerca do supprimido « convento de Sant'Anna » d'aquella cidade; Decr., Julho, 21. — *Real Ordem 3.ª de S. Francisco de Vianna do Castello.* Concessão de uma parte da cerca do supprimido « convento de Sant'Anna » da mesma cidade; Decr., Julho, 21. — O decreto de 12 de Agosto negou auctorisação á camara municipal e á misericordia de Vianna do Castello para fazerem entre si permuta do edificio e da cerca do supprimido « convento das Chagas Ursulinas » que respectivamente lhes haviam sido concedidos. Nova concessão da egreja e pertenças do mesmo convento. — *Associação protectora de meninas pobres.* Confirmada e tornada definitiva a concessão provisoria do uso de parte do « convento do Santissimo Sacramento de Lisboa », egreja e respectivas alfaias; Lei, Set., 17. — Commissão para administrar os bens e rendimentos da capella do Senhor da Serra, pertencente ao supprimido « convento de N. S.ª da Assumpção de Semide »; Decr., Set., 25. Foi dissolvida por Decr. de 23, Dez. — Concessão provisoria á junta de parochia da freg. de Semide da egreja do supprimido « convento de N. S.ª da Assumpção » com suas dependencias; Decr., Set., 25. — *Real Confraria de Santo Antonio de Vizeu*: concessão da egreja e mais pertenças do supprimido « convento de Jesus » d'aquella cidade; Decr., Dez., 9.

Operarios. — Crise de trabalho, etc. — Dec., Fev., 25, Abril, 8, Out., 8. — Segurança dos operarios nos trabalhos de construcções civis. Esclarecimento de duvidas sobre a execução do respectivo regulamento; Port., Junho, 28.

Obras publicas. — Caminho de ferro da Regua a Chaves e á fronteira: concessão provisoria para a sua construcção; Decr., 1, Abril; — Pontes metallicas. Regulam. para provas e vigilancia; Decr., 1, Fev.; — Commissão para examinar os projectos que haja elaborados relativamente a edificios publicos que

possam ser applicados aos serviços do estado; Port., 5, Abril; — Manutenção militar: plano geral de organisação; Decr., 11, Junho: — *Caes acostavel*, no rio Douro: concurso para a sua construcção e exploração: Decr., 21, Julho; — O decr. de 21 de Julho mandou reunir á direcção especial de estudos e fornecimento de materiaes o estudo, construcção e reparação de edificios publicos. — Determinou-se que todos os trabalhos de estudos, construcção e reparação de edificios publicos ficassem dependentes da direcção de edificios publicos e fornecimento de materiaes; Decr., 4, Agosto; — *Fortificações e praças de guerra*: nova classificação; etc. Lei, 13, Set. — A lei de 16 de Set. auctorisou o governo a ceder gratuitamente á camara do Funchal o campo da Barca com os seus restos de muralhas de defeza e bombardeiras, os restos do forte de S. João nas Fontes, e os restos do forte da Penha. — *Empreitadas*: auctorisação ao governo para dar de empreitada conjuncta ou separadamente diversas obras; Lei, 20, Set. — Commissão encarregada de elaborar os cadernos de encargos e programmas especiaes de concursos para se poder promover a adjudicação de algumas empreitadas nos termos da lei de 20 de Set. ultimo; Port., 4, Out; — Pela portaria de 4 de Nov. foi regulada a forma por que devia proceder-se ás diversas obras de que careciam os edificios na posse do estado e que tinham de ser executadas pela direcção de edificios publicos e fornecimento de materiaes. — Emissor e collectores principaes e secundarios do projecto de exgotos e *saneamento de Lisboa.* Concurso para a construcção; Decr., 5, Nov. — Obra dos exgotos e *saneamento da cidade de Coimbra.* concurso para a empreitada; Decr., 18, Nov.

(Continua)

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 9, t. IX, pag. 48)

Sardoal — villa e concelho. — Sepulturas com inscripções na egreja do mosteiro de *N. Sr.ª da Caridade*. — *As Misericordias* pelo sr. Costa Goodolphim; *Domingo illust.*, 4.º vol.; *O Seculo* n.º 6341, 1899.

Sarrazolla ou **Serrazolla** e **Sêda** — villa, conc. de Alter do Chão. — Restos do castello, que tinha o nome de *Arminho*. — Ponte de *Villa Formosa*, da antiga *Via Adriana*. — Na parede exterior da egreja de *N. Sr.ª d'Entre Aguas*, junto á villa de Benavilla, conc. de Aviz, está uma lapida com inscripção que é custosa de decifrar. — *Archivo historico*, vol. I.

Sarzêdas — villa, conc. de Castello Branco. — Ruinas de um castello do tempo de D. Diniz. — *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 185; *Hist. do rein. d'el-rei D. José* por S. J. da Luz Soriano, 1.º vol.

Sebal-Grande — freg. conc. de Condeixa a Nova. — Por estes sitios teem apparecido moedas romanas. Ruinas de grandes edificios. — A egreja matriz tem boa architectura e excellentes esculpturas.

Semêlhe — freg., conc. de Braga. — Restos de edificios romanos e varias medalhas dos imperadores Tiberio e Nero se encontraram ha annos na quinta de *Real Novo da Veiga de Sandarão*. — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 61.

Sendim ou **Sindim** — villa, conc. de Taboaço. — «Castellos dos Cabriz.» — Dez tumulos abertos na rocha (almocabar) junto á egreja matriz que é de architectura dorica e parece que primitivamente foi mesquita. Tambem ha sepulturas cavadas na rocha no *Cabeço dos Baganhos*, no *Cabeço dos Mouros*, no *Cabeço dos Baguinhos* e no *Cabeço de S. João*. — Porticos de architectura romana com fecho de laçaria, e um pelicano ao centro, na egreja matriz, lado S. Ao meio da frontaria está uma figura de capacete na cabeça. — Primoroso cruzeiro de pedra. — Vestigios de uma antiquissima povoação no *Valle da Villa*.

Senhora da Estrella (Sanctuario da) — termo da villa de Marvão. — O portico do templo é de estylo gothico. Sacrario de marmore e monolitho, representando uma urna antiga.

Sernancelhe — villa e concelho. — Castello arruinado. Encontrou-se aqui uma medalha d'ouro do tempo dos imperadores de Roma. Restos de uma via militar romana. — *Domingo illust.*, 4.º vol.

Serpa — villa e concelho. — Vestigios de um castello; muralhas desmanteladas. — Em 1696 foi encontrado n'esta villa um cippo com inscripção romana. — *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Memoria historico economica do concelho de Serpa* pelo sr. dr. José Maria da Graça Affreixo (Coimbra, 1884); *Descripção da villa de Moura e da de Serpa* por Fr. Diogo Vaz Pascoal (ms. da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, x, 151, 4); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593) fl. 176; *Archeologo Port.*, t. I, n.º 1, pag. 18, VII, 175; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 158, 165; *A tradição*, revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada, public. em Serpa sob. a direcção dos srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, tendo como collaboradores a sr.ª D. Sophia da Silva e os srs. Conde de Ficalho, Fazenda Junior, Antonio Alexandrino, Alberto Pimentel, e outros; *Novo almanach de lembr. luso - bras.*, 1875, pag. 190; *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 636, 3.ª ed.; *Viagens á roda do cod. adm.* pelo sr. Alberto Pimentel; «Elogio do Conde de Ficalho» pelo sr. Conde d'Arnoso (*Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, Maio, 1903.).

Serra da Estrella — Inscripção na pyramide do *Malhão da Estrella*, construida por ordem de D. João VI, pyramide que o povo chama *Torre da Estrella* e que é um marco geodesico. — Na freg. de *Alvôco da Serra* em uma quinta do sr. Antonio L. Monteiro Pina, appareceu em 1887 uma pia de granito contendo cerca de mil denarios romanos de prata. Um delles, verdadeira raridade numismatica, foi offerecido para o « Museu Municipal do Porto » pelo sr. abbade de Miragaya, P. A. Ferreira. — Teem alli apparecido depois outras antiguidades romanas. — Gruta prox. da *Nave da Candieira*. — *Covão do Boi* junto do *Cantaro Raso*: « semelha as ruinas d'um templo subterraneo ou catacumba que perdesse o tecto, pois, sendo liso o vão dos outros covões, no vão d'este erguem-se differentes monolithos sobrepostos e ajustados em fórma de *menhirs*, imitando as columnas que dividem as naves e sustentam o tecto dos nossos templos. As ditas columnas teem fórmas variadas; recordam os monumentos megalithicos, prehistoricos, da idade da pedra e demandam estudo. Uma d'ellas imita um dente queixal enorme com as raizes

voltadas para o firmamento; outra, a que olha para a *Rua dos Mercadores* e *Cantaro Magro*, é formada por dois grandes penedos sobrepostos, tendo na face em que se ajustam, como servindo de cunha para equilibrio do penedo superior, uma grande lasca de granito, que parece um lagarto enorme petrificado, que alli ficou entalado.» — *Cabeço do Frade* e *Cabeço da Freira*: assim denominados, porque, vistos de longe, parecem dois frades. — Bracelete de oiro que ha annos um trabalhador encontrou junto do *Curral do Martins* e que vendeu por mais de 100 moedas. — Vestigios de povoação antiquissima em Nogueira, a montante da villa de Ceia: chapa d'ouro com a letra *M*. — Em Torrozello achou-se um botão de prata maior do que um pinto (480 réis) com um leão, um caçador e uma lebre na carreira. — No castro ou cabeço de *Alfatima*, uma bengala e cadeia, ambas de prata. — Em Folgosinho, junto das *Fragas do Avento*, cinco braceletes de ouro achados ha alguns annos por um carvoeiro, dois dos quaes estão gravados no *Relatorio d'archeologia* da *Expedição Scientifica á Serra da Estrella*. — Em 1880, mais dois braceletes de ouro, em *Pena Lobo*, dentro da serra. — No *Castro dos tres Povos*, moedas d'ouro muito antigas. — Em *Gibraltar*, perto de Teixoso, 11 tijelões, 15 tijelas de prata, e argolas de ouro encadeadas. — Na Fonte da *Pena Lisa*, uma barra d'ouro que pesava 60 libras, 270$000 réis. — Junto de *Castello Reigoso* uma meada de fio de ouro. — *Expedição scientifica á serra da Estrella em* 1881 (secções de archeologia e ethnographia) — relatorios dos srs. Luiz Feliciano Marrecas Ferreira e dr. Francisco Martins Sarmento; *Quatro dias na serra da Estrella* pelo sr. Emygdio Navarro; *A serra da Estrella* pelo sr. Adelino de Abreu (1895); *Dissertações chronologicas e criticas* por João Pedro Ribeiro, I; *Memorias historicas, corographicas*, etc. por Henriques Secco: *Panorama photographico de Portugal*, vol. IV (1874); *Notic. archeol. de Portugal* pelo dr. Hubner; *Apontamentos archeologicos* pelo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão no *Boletim da Real Associação dos Arch. e Archeol. Portug.* (1876) pag. 152; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593) fl. 42; *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, pag. 392 e 395; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 112; «Quinze dias na serra da Estrella» por Eduardo Coelho (Diario de Noticias n.º 5589 e seg. de 1881); *As alagoas da serra da Estrella* por Alexandre de Abreu Castanheira (Lisboa, 1836); *Arch. Pitt.*, IV, 222, 309; Cartas da serra da Estrella (*A' volta do mundo*, jornal de viagens, 1880, pag. 326, 341, 365, 379); *Portugal* por M. Ferd. Denis; *A handbook for travellers in Portugal*; «Sousa Martins e a serra da Estrella» pelo sr. Mendes dos Remedios (Vizeu, 1898); «Apontamentos de uma visita á serra da Estrella

no mez de agosto de 1875» por Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa (Lisboa, 1875); «Vestigios glaciarios na serra da Estrella. Rochas striadas, penedos erraticos» por Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral (Lisboa, 1884); «Memoria e estudo chimico sobre as aguas mineraes e potaveis de Unhaes da Serra» pelo dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva com *Breves noções chorographicas* de Joaquim Ferreira Moutinho; «A 1441 m. de altitude» por Caiel (Brinde do *Diario de Noticias* em 1889); Folhetins do Diario de Noticias, n.os 10:963 e 10:967 (junho, 1896): Unhaes da Serra, pelo sr. dr. Alfredo da Cunha; Folhet. do *Diario de Noticias* n.os 12:523 e segs. (Outubro, 1900) pelo rev. padre Senna Freitas; O jornal *Unhaes da Serra* de que foi redactor José Germano da Cunha em 1900; *Viriatho*, narrativa epo-historica pelo sr. dr. Theophilo Braga (Porto, 1903.).

Serradêllo — aldeia, freg. de S. João Baptista da Raiva, conc. de Castello de Paiva. — Grande numero de mâmoas prox. á povoação, no *Monte Grande*.

Serra d'El-Rei — freg, conc. de Peniche. — Ruinas de paços reaes, mandados fazer por D. Pedro I, na aldeia da *Matta d'El-Rei*.

Seteaes — no caminho de Collares, entre a estrada dos Pisões e a quinta da Penha Verde, fund. por D. João de Castro, 4.° vice-rei da India. — Palacio do marquez de Marialva: arco triumphal com os bustos de D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina; inscripção. (Veja **Cintra**) — *Lord Byron em Portugal* pelo sr. Alberto Telles; *Lisboa n'outros tempos* pelo sr. Pinto de Carvalho, vol. 2.°, pag. 282.

Setubal — cidade. — Torre de S. Thiago do Outão — Castello de S. Filippe. — Forte de Albarquel e outras fortificações. — Portico da egreja de S. Julião. — Paço do Duque d'Aveiro, onde agora está um hotel. — Convento de Jesus, cuja construcção foi delineada pelo architecto Boytaca: a egreja é toda de marmore da Arrabida; bellos azulejos; sepulturas. Notavel cruzeiro de marmore da Arrabida. — Inscripções, em portuguez, nas paredes, á entrada da egreja da Misericordia. — Portico e inscripção latina da Gafaria, na estrada de S. João. — Inscripção em portuguez sobre o portico do baluarte de N. Sr.ª da Conceição (quartel de caçadores). Outra sobre a porta que está por baixo da varanda da casa da camara. — O pelourinho na praça de S. Pedro tem 4 inscripções. A ponte do Livramento tem duas. — Quatro cabeças de pedra na esquina da travessa das Amoreiras, d'onde em 1490 dispararam tiros a D. João II. — Lapida commemorativa na casa onde se suppõe que nasceu o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage. Monumento a este poeta na praça do Bocage. (Inscripção e quadras poeticas nas quatro faces do pedestal.) — Hospicio de

missionarios apostolicos em Brancanes fund. por fr. Antonio das Chagas em 1682. — Inscripções no aqueducto da *Horta do Vigario*, no *Corpo de Guarda*, e na fonte de S. Caetano. — *Noticia dos monumentos nacionaes e edificios e logares notaveis do concelho de Setubal* pelo sr. Manuel Maria Portella; *Monumentos de Portugal* por Ignacio de Vilhena Barbosa; *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal* pelo sr. Alberto Augusto d'Almeida Pimentel; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; O meu fallecido amigo João Carlos d'Almeida Carvalho deixou manuscriptos sobre a *historia de Setubal desde os tempos prehistoricos até á epocha actual*; obra que pode abranger um grande numero de volumes. — *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Arte portugueza* (1895); *Descripção de alguns silex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado* (1871); *Annotações ao capitulo sobre Setubal* no «Portugal antigo e moderno» pelo sr. M. M. Portella (Setubal, 1895); *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 325 dos *Estudos historicos e archeologicos*, t. II; *Varias antiguidades de Portugal* por Gaspar Estaço; *Relatorio da commissão dos mon. nac.* em 1884; *Mém. de l'archéol. sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*; *Recordações de uma missão archeologica — Montemór o Novo, Setubal, Alcacer do Sal*, por A. F. Simões no jornal *A Arte*, 1879, pag. 34, 54; Igreja parochial de S. Julião (*Mon. hist. artist. e archeol.*, pag. 497); Pelourinhos por I. de V. Barbosa nos seus *Estudos historicos e archeol.* t. I, pag. 269; *Artes e artistas em Portugal* pelo sr. dr. Sousa Viterbo, pag. 55; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593) fl. 198; *Setubal e as suas muralhas* por João C. d'Almeida Carvalho (*Revolução de Setembro*, n.º 3792, 1854); *Boletim da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, t. III, pag. 170; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 8, supp. 803; *Panorama*, 1842, pag. 113; 1853, pag. 33, 57; *A prophecia ou a edificação do mosteiro de Jesus: chronica setubalense* por Henrique Augusto da Cunha Soares Freire (Lisboa, 1864); *Brancanes* (*Occidente*, vol. III, pag. 159); *Convento de Jesus* (*Occidente*, vol. IV, pag. 211, 228, 236 e 252); *Torre de S. Thiago do Outão* (*Occidente*, XIII, 210); *O Archeologo Português*, vol. II, n.º 1; *O culto da arte em Portugal* pelo sr. R. Ortigão, pag. 71, 128; *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, pag. 443; *Revista illustrada*, 1890, pag. 143; *A sociedade archeologica lusitana*, art. de João Carlos d'Almeida Carvalho no *Boletim da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, 1896, n.ºs 5, 6 e 7 (Public. em folheto); Porta lateral da egreja de S. Julião (*Jornal das bellas-artes*, 1843); *Almanach Palhares* para 1901: *Archeol. Port.*, t.

I, n.º 12, pag. 338; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 219; Paços do Concelho, Convento de Jesus, Portico da antiga Gafaria, Estatua antiga achada na Troia (Cetobriga), etc. (*Arch. Pitt.*, III, IV, VIII); Pedra furada, Porta principal da egreja parochial de S. Julião, Castello de S. Filippe, (*Arch. Pittor.*, X, XI); Descripção economica... por Thomás Antonio Villa Nova Portugal (Mem. Econ. da Academia, t. III,); *Portugal de cabelleira* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 217; Castello do Outão, Mosteiro e serra da Arrabida, Convento de Jesus (*Occidente*, vol. XXXIII, pag. 128, 157, 160); *Portugal* por M. Ferd. Denis; «Novo alm. de lembranças luso-bras.», 1884, pag. 205, 1898, 314; *Portugal de relance* por M.^me Rattazzi (trad.); «Guia pratica del viajero espanol en Lisboa» etc.; «Memoria sobre medalhas e condecorações portuguezas» por M. B. Lopes Fernandes, pag. 100; *Indice parlamentar*, pelo sr. A. T. d'Albuquerque, 100, 134; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de S. Domingos* 3.ª parte, vol. IV, 4.ª parte, vol. V; *Branco e Negro* n.os 2 e 3 (1896); «Roteiro da cidade de Setubal» por J. M. da R. Albino (Elvas, 1892); *Mestre Gil* (romance publicado no *Panorama*, vol. 2.º da 1.ª serie); Branc' Annes (*O principe perfeito*, por Oliveira Martins, pag. 14); Na torre do Outão (*Branco e Negro* n.º 13); *Pulpito da Igreja de Jesus em Setubal*. Projecto de um museu archeologico em Setubal pelo sr. Manuel Maria Portella (*Archeol. Portug.*, vol. III, n.os 3 e 4); *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 65; *Elem. para a hist. do municipio de Lisboa* pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira, t. IX, pag. 256, 413; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol, III, 623, 625, 636; VI, 610, 612; Estatua de Bocage (*Artes e lettras*, II, 132); Estudos sobre Troia de Setubal pelo sr. Arronches Junqueiro (*Archeol. Portug.*, V, n.º 1); *Travels in Portugal* por James Murphy; Theatro D. Amelia (*O Seculo* n.º 5586); *Occidente*, vol. XXV; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt.; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; «Almanach illustr. da parceria A. M. Pereira» (1902); *O domingo illustr.*, 4.º vol.; Lampada de bronze encontrada em Cetobriga (*Arch. Pitt.*, III); Cetobriga (*Bolet. da R. A. dos Arch. e Archeol. Port.*, VII, pag. 10, 70, 82); *Archeol. Portug.*, III, n.os 9 a 11 pag. 257 a 265, n.º 12, pag. 296, VII, 18, 146, 176; *A arte e a natureza em Portugal*, fasc. n.os 30 e 34.

Silva — freg., conc. de Miranda do Douro. — Restos de um antigo castello, de fórma circular. *Fieis de Deus*, monte de fórma conica, no logar da *Modorra*.

Silves — cidade — Castello e muralhas. — Alicerces de edificios mouriscos. — *Torre de N. Sr.ª da Rocha* — *Cruz de Portugal* de marmore branco: tem a imagem de Jesus Christo em relevo. —

A egreja matriz foi mesquita maior dos mouros: tumulos nas capellas lateraes. « Na margem direita do rio de Silves, entre a cidade e Portimão, vê-se na base da encosta uma pequena gruta denominada *Velha das castanhas*. — *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Panorama*, 1842, pag. 209; *Mem. ecclesiasticas do reino do Algarve* por Fr. Vicente Salgado, t. I, 76, 260, 302; *Antiguidades monumentaes do Algarve* por Estacio da Veiga; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593), fl. 181; « Die Baukunst der Renaissance in Portugal » por Haupt, 2.º vol.; *Archeol. Port.* II, n.os 8 e 9; VII, pag. 122; *Portugal* por M. Ferd. Denis; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; « Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal por L. A. Rebello da Silva; *Mémoire sur le royaume de l'Algarve*, contenant la description des montagnes, des sources de cours d'eau, des villes, etc. ainsi qu'une esquisse historique de cette contrée par Charles Bonnet (*Hist. e Mem. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, 2.ª série, t. II, parte 2.ª); *Os luso-arabes* (scenas da vida musulmana no nosso pais) pelo sr. Oliveira Parreira; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed. vol. I, pag. 559.

Sines — villa, conc. de S. Thiago de Cacem. — Fortificações — Pedestal do antigo pelourinho. — Inscripção no frontispicio da ermida de *N. Sr.ª das Sallas*, reedificada por Vasco da Gama. — *Breve noticia de Sines, patria de Vasco da Gama* por Francisco Luiz Lopes (Lisboa, 1850); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, 5 e 6; *Archeol. Portug.*, vol. I, n.º 12; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593), fl. 222; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 619, 621; Monum. architect. e litter. em honra da Mãe de Deus (*Hist. do culto de N. Sr.ª em Portugal* pelo sr. Alberto Pimentel); *O Seculo* n.º 5266, 13-IX-96; Alman. Bertrand, (1900), pag. 228 e segg, *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Occidente*, XXI, 100; *Mala da Europa*, IV, n.º 120.

Soajo (Serra de) — Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Valdevez (Visita ás antas da serra de Soajo) Estudos do Alto Minho, pelo sr. dr. Felix Alves Pereira, 1903.

Sobrado de Paiva — villa, conc. de Castello de Paiva. — A capella de N. Sr.ª da Piedade foi mesquita arabe e primeiramente templo romano.

Sortêlha — villa, conc. do Sabugal. — Ruinas de um castello de construcção romana (?). — *Domingo illustrado*, 4.º vol.

Sorval — freg., conc. de Pinhel. — *Sanctuario de N. Sr.ª das Fontes*, cuja egreja é semelhante á da egreja da serra do Pilar: cruz de madeira feita por um pastor do Jarmello; é de engenhosa

construcção. Outra cruz muito notavel, no topo da frente da capella da Senhora; é de granito, com rendilhados. Inscripção em portuguez, debaixo do côro.

Soure — villa e concelho. — Ruinas de um castello romano, dado aos templarios pela rainha D. Thereza. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa está uma ara com inscripção romana, que foi aqui achada. — *Apontamentos ácerca da villa de Soure* por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco; *Not. archeol. de Portugal* pelo dr. Hübner; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Portugalia*, t. I, fasc. 2.º, pag. 265,; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, vol. III, pag. 636; *Rainhas de Portugal* pelo sr. F. F. Benevides, t. I, pag. 77; Estação neolithica do Forno da Cal na Vinha da Rainha (Mem. sobre a antiguidade pelo sr. dr. A. dos Santos Rocha); *Apontamentos ácerca da muito antiga villa de Soure* por José S. Pereira (*Instituto* de 1874); *A handbook for travellers in Portugal*; *Corpus. - Inscrip. Hisp. Lusit.* vol. II, 36, 39; *Mem. hist. corog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe Eduardo de Almeida Figueiredo, pag. 80; *O Seculo* de 1 novembro, 1903.

Souro Pires ou **Soro Pires** - freg., conc. de Pinhel. — Edif. antiquissimo de cantaria, com duas torres e dous andares, em cada um dos quaes ha duas grandes janellas quadradas, que teem em roda florões e ornatos e ao centro, para sustentar a verga, uma columna de marmore branco, com bases e capiteis de marmore preto.

Sousa, rio. — No monte de S. Roque, passando a ponte que está sobre este rio e junto á planicie da Avelleda, está um tumulo com inscripção em portuguez. — *Monumentos cyclopicos* nas margens d'este rio. — *Monte e Castello.* — Penedo oscillante. — *Pedras gamellas.*

Soutello — freg., conc. de Villa Verde. — Figuras de pedra de boa esculptura sobre o muro do adro da egreja matriz. Cruzeiro com as estatuas dos quatro Evangelistas. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 412; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I; Estatueta romana de Soutello, Habitação (*Portugalia* — Mat. para o estudo do povo portuguez, 1.º fasc., t. I.

Taboaço — villa e concelho. — Egreja matriz de architectura toscana; capella mór construida no sec. XII; corpo da egreja construido no sec. XVI. — Teem apparecido moedas romanas de prata e cobre, outros objectos e vestigios de antiquissimas construcções junto á ermida de S. Vicente. — Paços do concelho, de architectura normando-gothica — Egreja de N. Sr.ª do Sabroso (*Occidente*, XXI, pag. 21); *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque pag. 100; *Mala da Europa*, V, n.º 167.

Taboadêllo — freg., conc. de Guimarães. — Perto da freg. da Polvoreira, onde ha um dolmen, teem apparecido sepulturas antiquissimas, cavadas na rocha. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 634.

Tagilde — freg., conc. de Guimarães — Cruz de prata de muito valor archeologico e artistico: « é ornada de varios lavores e no centro e nas extremidades dos braços tem pequenos medalhões, sobrepostos, representando em relevo, uns, varios animaes fabulosos, e outros, figuras de santos. » — *Tagilde* pelo abbade Oliveira Guimarães (Porto, 1894); *O Minho Pittoresco*, t. I, 641; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I.

Taipas — povoação na freg. de S. Thomé de Caldellas, conc. de Guimarães. — Inscripções romanas encontradas no principio do sec. XVIII. — Ara de Trajano, em um penedo de granito porphiroide, com inscripções em portuguez, sendo uma d'estas traducção de outras em latim. — Thermas romanas, *os banhos velhos*. — *Noticia topographica das Caldas das Taipas no concelho de Guimarães* pelo dr. José Joaquim da S.ª Pereira Caldas (Braga, 1854); *Banhos das Taipas* (*Arch. Pitt.*, VIII, 244); *Legenda explicativa da planta ichnographica das Caldas das Taipas* por Cesario Augusto Pinto no *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1875, pag. 76; *O Minho Pittoresco*, t. I, 624, 626.

Talha — freg., conc. dos Olivaes. — Sepulturas por baixo da capella mór da egreja matriz.

Tamega — rio — E' atravessado pela ponte do Cavez, mandada construir no sec. XIII. Marco de pedra com inscripção, no meio d'esta ponte. — *Panorama*, 1843, pag. 33; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593); *Portugal Pittoresco*, t. III, pag. 405.

Tarouca (S. João de) — freg, conc. de Mondim. — Em Burgo, hoje S. João de Tarouca, está na egreja do convento a sepultura do infante D. Pedro, filho d'el-rei D Diniz. Sobre a porta do claustro ha uma inscripção em portuguez — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. I, pag. 429, 442.

Tavares ou **Chans de Tavares** ou **Villa das Chans** — villa, conc. de Mangualde. — Sanctuario de N. Sr.ª do Bom Successo, na aldeia de Guimarantinhos. Sepulturas de pedra, grande alicerce de uma muralha e vestigios de alguns edificios no monte onde está a ermida.

Tavira — cidade. — Castello do tempo dos romanos, reparado por el-rei D. Diniz. Inscripções lapidares. — Necropole romana encontrada n'uma propriedade do sr. Francisco Simões da Cunha. — Em 1840 tinham sido achadas na serra de Tavira muitas medalhas de prata, do tamanho dos antigos tostões, com bustos,

em relevo, de varios imperadores romanos, da primeira epocha do imperio. — Na quinta da Trindade, freg. da Luz, d'este conc., teem apparecido tambem antiguidades: uma ara com inscripção grega; sepulturas, com inscripções latinas, etc. No sitio das *Antas*, na mesma freg., descobriram-se em 1877, na propriedade do sr. Mendonça e Mello, lapidas com inscripções, columnas, bases, capiteis, vestigios de porticos, ladrilhos, mosaicos de figuras hexagonas e uma galeria ainda obstruida. — Na *Torre d'Ares*, no *Paúil* e em *Marnis* teem-se encontrado tambem antiguidades romanas e arabes. — Varios objectos romanos, achados em Tavira, alguns dos quaes pertenciam ao circo da antiga *Balsa*, foram offerecidos em 1878 á Real Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug. pelo socio Francisco Raphael da Paz Furtado. — A egreja matriz era mesquita maior dos mouros: mausoléo que D. Paio Peres Correia mandou ali erigir, Lapida commemorativa do feito que deu logar a esta resolução. Sepultura do mesmo D. Paio Peres no altar mór, lado do Evangelho. Outra sepultura á entrada da capella mór. — *Relat. sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira* pelo dr. A. C. Teixeira de Aragão (Lisboa, 1868); *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Not. arch. de Portugal* pelo dr. Hübner; Monumentos de Balsa (*Revista archeologica*, I, n.º 3); *Povos balsenses, sua situação geographico-phisica indicada por dous monumentos romanos* por S. P. M. Estacio da Veiga. (Lisboa, 1866); *Lithologia Lusitana*, ó memorias de las inscripciones y de otros monumentos, los cuales dan noticia de muchas antiguedades que acaecieron antes de las conquistas del mismo reyno sobre los arabes (Bibl. Acad. Matr. C. 166); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.* pelo dr. Hübner, vol. II, 4, 691; supp., 785, 787; *Revista archeologica*, pag. 1028; *Artes e artistas em Portugal* pelo sr. dr. Sousa Viterbo, pag. 66 e 69; Egreja de S. Francisco de Tavira. Baixo relevo encontrado na quinta da Torre d'Ares, pelo sr. Brito Rebello (*Occidente*, vol. IV, pag. 171, 179, 190); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593) fl. 180; *Archeol. Portug.*, n.º 7, pag. 177, t. I, n.ºs 2, 6 e 7, t. II, n.º 12, pag. 297, III; *Archivo pittoresco*, XI; *Portugal Pittoresco*, IV, 241; *A handbook for travellers in Portugal*; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 198; *O Seculo* n.º 6542, 25-3-900; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; Egreja de S. Francisco (*Occidente*, IV, pag. 172); *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., III, 636, VI, 632, VII, 8, 597; *Indice parlamentar* pelo sr. A. T. d'Albuquerque, 89; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 27 de Outubro de 1903.

Pelas 8 e um quarto da noite foi aberta a sessão pelo presidente Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, tendo por secretario Antonio Cesar Mena Junior, e não se achando presentes por motivos justificados os srs. Rocha Dias e Victor Ribeiro, foi pelo sr. presidente convidado o socio effectivo sr. João Rodrigues Fernandes para occupar o logar de secretario de archeologia. Em seguida foi lida e approvada a acta da sessão anterior, procedendo-se depois á leitura do expediente pela ordem seguinte:

Carta do sr. Ernesto da Silva justificando a sua ausencia; carta do sr. Victor Ribeiro, do mesmo teor; officio do Consul Geral de Hespanha sr. D. João de Castro, remettendo seis exemplares das condições do concurso para a construcção do Casino de Madrid, resolvendo-se agradecer a offerta; carta do sr. Mario Monteiro, de Coimbra, apresentando para sua candidatura as obras intituladas *Coimbra*, *Alcacer-Kibir* e *Angelus*, resolvendo a assembléa que, visto elle ter-se dirigido ao Ex.mo Sr. Presidente, S. Ex.a redigisse a proposta para o referido cavalheiro ser eleito socio correspondente; carta do sr. Carlos Nunes Teixeira, correspondente no nosso pais do jornal francez *Les Beaux-Arts*, pedindo uma lista dos objectos adquiridos para o nosso Museu por

troca ou compra: foi resolvido dizer que nem por uma e outra fórma temos quaesquer objectos no Museu; officio de Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos justificando as suas faltas ás nossas sessões; officio do Instituto dos Architectos Americanos, pedindo informações ácerca dos serviços de architectura a cargo do Estado: resolvido satisfazer o pedido; officio da familia do nosso fallecido consocio sr. Visconde de Masón de S. Domingos agradecendo os pezames que lhe enviáramos; officio da Sociedade Litteraria « Almeida Garrett », para que esta Associação concorra com qualquer quantia para a construcção do monumento a Almeida Garrett no templo de Santa Maria de Belem, resolvendo a Assembléa que, em vista do sr. thesoureiro se não achar presente, o assumpto fosse addiado até elle informar sobre a quantia com que se póde contribuir; uma carta de D. Antonio Sanches Moguel dirigida a Mena Junior, agradecendo a sua eleição de socio correspondente em Madrid; um telegramma do nosso consocio sr. Albano Bellino, de Braga, datado de 20 de setembro ultimo, communicando a triste noticia do fallecimento do nosso socio correspondente o distincto escriptor e erudito archeologo sr. dr. Pereira Caldas, declarando Mena Junior que, como o sr. Presidente estava ausente da capital, o telegramma fôra levado para sua casa, tendo só conhecimento d'elle já bastante tarde, isto é, a horas que o funeral já se havia realisado e nessa conformidade não poude encarregar o sr. Bellino de representar esta Associação naquelle acto; foi deliberado pela Assembléa um voto de profundo sentimento por tão irreparavel perda e pedir ao mesmo sr. Bellino informações sobre a residencia do parente mais proximo do finado para se lhe enviar em officio os nossos pezames.

Finda a leitura do expediente, foram apresentadas na mesa tres propostas para eleição de socios: 1.ª, de Monsenhor Conego sr. Joaquim Maria Pereira Botto, propondo para socio honorario o sr. dr. John Newson Laird, residente em Sligo, Irlanda; 2.ª, do sr. Visconde da Torre da Murta, propondo para socio effectivo o sr. tenente-coronel de engenheiros Augusto Salustiano Monteiro de Lima; e a 3.ª, do sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, propondo socio correspondente o sr. Mario Monteiro, de Coimbra; sendo todos approvados por unanimidade, congratulando-se com a ultima proposta o sr. Silva Leal.

Receberam-se tambem na mesa por intermedio do sr. Bibliothecario as seguintes publicações: « O Hospicio do Clero, gréve de padres » offerta de Monsenhor Elviro dos Santos; « Relatorio e contas da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres » pelo mesmo senhor; « Memoria topographica da antiga Lisboa » pelo sr. Ascensão Valdez; « Noticia descriptiva e historica da cidade de Thomar » pelo sr. dr. João Maria de Sousa; « Um esboceto de Vieira Lusitano » offerta, de A. C. Mena Junior.

O sr. Visconde da Torre da Murta, nosso illustre Bibliothecario, referiu-se com palavras muito elogiosas ao interessante trabalho do sr. dr. Sousa ácerca da cidade de Thomar.

Recebeu-se ainda do nosso prestimoso consocio sr. Rocha Dias uma medalha de cobre do XI anno do Pontificado de S. Santidade Pio Nono, deliberando-se exarar nesta acta um voto de agradecimento.

O sr. Visconde da Torre da Murta, usando da palavra, propoz que fosse lançado na acta um voto de profundo sentimento pelo fallecimento da virtuosa esposa do nosso prezado consocio sr. Rocha Dias e que d'elle se lhe désse conhecimento, o que foi approvado por unanimidade.

O sr. Presidente suspendeu a sessão durante cinco minutos para se formularem as listas para a eleição dos corpos gerentes. Findo este praso, procedeu-se á chamada, votando todos os presentes, tendo Mena Junior votado pelos srs. Rosendo Carvalheira e Victor Ribeiro, auctorisado por procuração dos mesmos senhores; entrando na urna onze listas, numero egual ao dos votantes, servindo de escrutinador o sr. O'Sulivand e tendo sahido eleitos:

Presidente, Conselheiro Augusto José da Cunha, com 10 votos;

Vice-Presidente de Architectura, sr. Rosendo Garcia de Araujo Carvalheira, com 10 votos;

Vice-Presidente de Archeologia, sr. João Verissimo Mendes Guerreiro, com 11 votos;

Secretario de Architectura, sr. Francisco Carlos Parente, com 7 votos;

Secretario de Archeologia, sr. Eduardo Augusto da Rocha Dias, com 11 votos;

Vice-Secretario de Architectura, sr. João Rodrigues Fernandes, com 6 votos;

Vice-Secretario de Archeologia, sr. Manuel Joaquim de Campos, com 9 votos;

Thesoureiro, sr. Ernesto da Silva, com 11 votos;

Conservador da Bibliotheca, sr. Visconde da Torre da Murta, com 10 votos;

Conservadores do Museu: srs. Gabriel Victor do Monte Pereira, com 11 votos; José Joaquim d'Ascensão Valdez, com 11 votos;

Conservadores adjuntos: srs. Victor Maximiano Ribeiro, com 10 votos; Jesuino Arthur Ganhado, com 10 votos;

Alem d'estes obtiveram votos:

Para presidente, Monsenhor Conego Pereira Botto, 1 voto; para vice-presidente de architectura, sr. Ventura Terra, 1 voto; para secretario de architectura, sr. Mena Junior, 4 votos; para vice-secretarios de architectura, srs. Francisco Carlos Parente, 4 votos; Silva Leal, 1 voto; para vice-secretario de archeologia, sr. Victor Ribeiro, 1 voto; para bibliothecario, sr. Costa Goodolphim, 1 voto; para conservador adjunto do Museu, Francisco Soares O'Sulivand, 1 voto.

O sr. Presidente, antes de proclamar os socios eleitos, leu uma carta que lhe fôra dirigida pelo sr. Mendes Guerreiro, pedindo para ser excluido da lista para o cargo de vice-presidente de archeologia e recommendando com muito empenho que fosse o seu nome substituido pelo de Monsenhor Conego Pereira Botto, e tendo consultado a Assembléa, esta, lastimando a resolução do sr. Mendes Guerreiro, acceitou a indicação de S. Ex.ª e resolveu que o mencionado cavalheiro fosse eleito por acclamação.

Foram portanto acclamados eleitos os socios mais votados e em seguida proclamado tambem, por unanimidade, o sr. Pereira Botto.

O sr. dr. Camara Manuel, pedindo a palavra, disse que sentia muito a resolução do sr. Mendes Guerreiro, referindo se com palavras elogiosas aos bons serviços que durante o tempo que serviu nos corpos gerentes prestou á nossa Associação.

O sr. O'Sulivand pediu a palavra para perguntar ao sr. Presidente o que havia ácerca das obras no edificio da nossa

Associação, visto estarem ellas suspensas ha longos mezes; respondendo-lhe S. Ex.ª que já havia fallado ao sr. Ministro das Obras Publicas, que prometteu recommendar o assumpto ao sr. Director da 3.ª Direcção; dando-se o sr. O'Sulivand por satisfeito com estas declarações.

E não havendo mais nada a tratar, encerrou o sr. Presidente a sessão ás 10 horas da noite.

O Secretario

Antonio Cesar Mêna Junior

Sessão de Assembléa Geral em 5 de Novembro de 1903.

Presidencia do Ex.^mo Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, tendo por secretarios Rocha Dias e o sr. Mena Junior.

Abertura ás 8 horas e meia da noite.

Compareceram além da mesa, os Ex.^mos socios: Caetano da Camara Manuel, Antonio Felix da Costa, J. V. Mendes Guerreiro, Manuel Joaquim de Campos, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Rosendo Carvalheira, João Rodrigues Fernandes, Victor Ribeiro, J. J. d'Ascensão Valdez, Visconde de Torre da Murta, Visconde de Mira Vouga, Ernesto da Silva, Gabriel Pereira.

Acta — approvada.

Correspondencia: Agradecimentos de Eduardo Rocha Dias pelo voto de sentimento consignado na acta anterior e pela sua reeleição para o cargo de secretario da assembléa geral.

O sr. Presidente disse que a ordem da noite era uma conferencia do sr. vice-presidente Mendes Guerreiro sobre « archeologia christã na Dalmacia », e que este assumpto, já de si inte-

ressante, maior interesse despertava sendo tratado por S. Ex.ª com os seus elevados dotes de espirito, vasta erudição e profundo conhecimento do que existe de mais notavel nos diversos paizes estrangeiros, aonde tem feito frequentes viagens. Agradece portanto em nome da Associação ao sr. engenheiro Mendes Guerreiro o alto serviço que lhe presta, vindo relatar o que viu nas suas excursões scientificas, e faz votos para que este exemplo tenha seguidores entre os demais socios.

O sr. Mendes Guerreiro mostra-se reconhecido pelas expressões do sr. presidente, pelos votos com que a assembléa o honrára na ultima sessão e por haver acceitado a sua escusa.

Principiando a conferencia, diz que numa palestra que teve n'esta Associação, ha tres annos, em sessão de 8 de Junho, expoz as suas impressões de viagem no Egypto e apreciou sob o ponto de vista architectonico os seus principaes monumentos; na palestra da sessão presente, depois da excursão a Krems, recentemente feita pelo congresso geologico de Vienna d'Austria em que tomou parte, apenas apresentaria considerações sob o ponto de vista archeologico. Então o illustre conferente passou a referir-se aos povos que habitavam a antiga Illyria, hoje Dalmacia, á influencia que exerceu cada um d'elles na civilisação d'esse paiz; aos monumentos que deixou de pé ou derruidos; ao grande numero de peças de mobiliario que ainda alli se encontram e ao methodo seguido nos estudos e excavações emprehendidas assim como na reconstrucção dos edificios de tão remotas eras e diversos estylos; occupando-se com preferencia dos monumentos de Spalato e Salona, e mencionando com phrases de elogio as restaurações e excavações realisadas pelo professor Padre Bulic, « um benemerito que devia ser nosso consocio, » enthusiasta por estes labores, que sobre si tomou exclusivamente o encargo de redigir e publicar o Boletim de archeologia e historia dalmata, e cujo museu não é inferior aos mais importantes da Austria.

Incidentemente, em referencia a restaurações de monumentos e construcções de edificios publicos em Portugal, tratou o sr. Mendes Guerreiro das obras da Sé patriarchal, da fachada da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, da egreja de Santo Antonio da Sé, dos monumentos historicos de Setubal e de Cintra, referindo-se com louvor á restauração da Sé Velha de Coimbra.

O distincto conferente apresentou numerosas estampas, photographias, plantas e mappas, no decorrer do seu brilhante discurso, que foi calorosamente applaudido; renovando, no final, o sr. Presidente, os agradecimentos em nome da Associação.

O sr. Rosendo Carvalheira fez suas as expressões que o sr. Presidente dirigira ao sr. Mendes Guerreiro pela sua instructiva conferencia que a todos deleitou, e pediu á Assembléa que não deixasse passar a occasião de avocar ao nosso gremio uma tão prestante actividade como é a de Monsenhor Bulic, de quem o sr. Mendes Guerreiro fallára elogiosamente. E logo foi approvada por acclamação a seguinte proposta:

«Propomos para socio honorario da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes a Monsenhor professor Padre Bulic, director dos trabalhos archeologicos de Spalato e Salona.

Sala da Associação, 5 de Novembro de 1903.

J. V. Mendes Guerreiro
Gabriel Pereira
Caetano da Camara Manuel
Rosendo Carvalheira.»

Foi tambem approvada uma proposta do sr. Carvalheira para se remetterem a Mr. Bulic alguns tomos disponiveis do nosso Boletim, pedindo-lhe a permuta por aquelle de que é director; e que numa correspondencia especial, que se lhe dirigisse, pedissemos alguns duplicados de objectos que podessem servir para o nosso Museu, promettendo mesmo estabelecer-se de futuro a permuta por outros cuja acquisição haja meio de promover.

Encerrou-se a sessão ás 10 e meia horas da noite.

O Secretario

Eduardo A. da Rocha Dias

Grades do templo de Mafra.—Modelos das estatuas dos porticos da Sala da Camara dos Pares.

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, Repartição de Obras Publicas. — *Ill.*^mo *Sr.* — Por ordem do Ex.^mo Ministro de Obras Publicas, Commercio e Industria, participo a V. S.ª, com referencia ao seu officio de 14 de Fevereiro ultimo, que hoje se ordenou ao Intendente das Obras Publicas do Districto de Lisboa, que fizesse entregar á Associação dos Architectos Civis Portuguezes, para ficarem em deposito no respectivo museu archeologico, as grades de ferro (*sic*) da Capella mór e de outra lateral ao cruzeiro do templo de Mafra — os modelos das estatuas, que corôam os porticos de entrada da sala das sessões da Camara dos Dignos Pares do Reino e mais os objectos constantes da relação junta, que fazem parte dos designados no dito officio; devendo todos os objectos referidos reverter á Intendencia das Obras Publicas, logo que o Estado d'elles precise para qualquer fim.

Deus guarde a V. S.ª Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria em 16 de Abril de 1868. Ill.^mo Sr. Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes. — O Director Geral, *João Chrysostomo de Abreu e Sousa.*

Estatua e sarcophago de D. Nuno Alvares Pereira

Ministerio do Reino. — *Direcção Geral de Administração politica.* — *2.ª Repartição.* — *L.º 23, n.º 572.* — Sua Magestade El-Rei, Attendendo ao que em seu requerimento lhe representou a Associação dos Architectos Portuguezes, estabelecida na antiga Igreja do Carmo d'esta cidade, pedindo que lhe seja entregue, com o fim de ser depositada no seu museu archeologico, a estatua de madeira do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, actualmente guardada em uma capella do claustro da Igreja de Sam Vicente de Fóra; Ha por bem, Conformando-se com a informação do Vigario Geral interino encarregado do Governo do Patriarchado de Lisboa, na ausencia do Cardeal Patriarcha, conceder á referida Associação não só a estatua que sollicita como tambem uma urna em fórma de sarcophago que existe no sobredito local, devendo a pessoa pela mesma Associação encarregada da recepção d'estes dois valiosos monumentos, apresentar n'esse acto o competente recibo passado em devida fórma.

O que assim se participa, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, á Associação dos Architectos Portuguezes, para sua intelligencia e effeitos devidos.

Paço da Ajuda em 29 de Julho de 1865. — *Julio Gomes da Silva Sanches.*

A CAVA DE VIRIATO

« A camara municipal de Vizeu nomeou uma commissão composta dos srs. José d'Almeida e Silva, Hypolito Maia e dr. Maximiano Aragão, para se manifestar sobre os melhores meios tendentes á conservação e aproveitamento da Cava de Viriato, importante monumento, unico no seu genero no paiz.

« A commissão, concluidos os seus trabalhos, fez entrega do seu relatorio á camara, que muito o apreciou, reservando-se para, em occasião opportuna, pôr em pratica as indicações numerosas que no mesmo são expostas.

« O relatorio foi elaborado pelo sr. Almeida e Silva, no qual os restantes membros da commissão haviam delegado esta tarefa, e é um documento largo e de importancia superior.

« Com uma minucia extrema são apontados n'elle os vandalismos e indevidas apropriações que se teem feito nos terrenos da Cava, o estado lastimavel que se nota nos seus muros, os meios de que o municipio tem de lançar mão para evitar a invasão dos proprietarios visinhos e confinantes, e a melhor maneira de se remediarem os estragos existentes e prover á boa conservação do antiquissimo monumento. »

(*Diario de Noticias* de 2 de Nov., 1903)

NA ACADEMIA DE BELLAS-ARTES

Foi aberto concurso de sessenta dias para provimento do logar de professor da 13.ª cadeira da Academia de Bellas-Artes de Lisboa: « Historia da arte na edade media e nos tempos modernos. Historia da arte em Portugal ».

O programma do concurso é o seguinte:

1.ª Parte

Historia geral da arte na edade media e nos tempos modernos

Arte christã primitiva

Primordios da arte christã — As catacumbas de Roma — A basilica do paganismo e a basilica christã — A pintura e a esculptura das catacumbas e dos primeiros tempos do christianismo — Principaes monumentos d'este periodo.

Arte bysantina

Bysancio e a arte christã do Oriente — Seus principaes caracteres — Cruz grega — Columna de capitel cubico — Cupula — Mosaicos — Principaes monumentos d'este estylo.

Arte arabe

Caracter do povo arabe — Sua origem e estado social até o

apparecimento do propheta — Influencia de Mahomet — A architectura e a esculptura ornamental e polychroma — O arco ogival — Principaes monumentos no Egypto, na Italia, Hespanha, etc.

Estylo romanico

Desmoronamento do imperio Carlovingio — Feudalismo — Caracter sacerdotal e militar do periodo romanico — Transformação da antiga basilica christã pelo emprego da abobada — Systema de construcção — Ornamentação — Esculptura e pintura romanica — Caracteristicos dos estylos romanicos nos diversos paizes — Principaes monumentos d'este estylo.

Estylo ogival

Decadencia do regimen feudal e monastico — Recrudescimento da fé religiosa — O culto da Virgem — Espirito cavalleiroso da epoca — Base da evolução do estylo romanico para o gothico ou ogival — Emprego e desenvolvimento da ogiva e abobadas — Columnas e capiteis — Ornamentação architectonica — Vidraças coloridas — Esculptura e pintura — Periodos d'este estylo — Principaes monumentos gothicos.

A arte moderna

Movimento da renascença — A arte na Italia nos seculos XV e XVI — As escolas de Florença, Ombria, Padua, Veneza — Apogeu da arte italiana — Os Papas Julio II e Leão X — Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael. etc. — A arte n'este mesmo periodo nos diversos paizes áquem dos Alpes — O estylo barroco — A arte nos seculos XVII, XVIII e XIX.

Historia das artes industriaes

Ourivesaria. — Joialheria. — Marcenaria e obra de talha. — Tapeçaria. — Ceramica. — Vidraria. — Armas, etc.

2.ª Parte

Historia da arte em Portugal

Primordios da monarchia portugueza. — Epoca romanica. —

Vestigios da arte hispano-arabe ou mourisca. — Arte ogival. — Renascença. — Movimento artistico nos reinados de D. João II, D. Manuel e D. João III — Influencias do descobrimento da India nas artes em Portugal. — O chamado estylo Manuelino — Decadencia resultante do desastre de Alcacer Kibir e da dominação hespanhola. — Rejuvenescimento do movimento artistico no reinado de D. João V. — O terramoto e o marquez de Pombal. — O estylo barroco em Portugal. — Principaes monumentos e artistas nas diversas epocas. — Arte contemporanea.

Artes industriaes

Ourivesaria e joialheria: principaes centros productores de Lisboa, Coimbra, Porto e Guimarães — Gil Vicente. — Diversos estylos desde as reminiscencias godas até o reinado de D. João V. — Marcenaria, marchetaria e obra de talha. — Ceramica: fabricas do Rato, Aveiro, etc; primeiras tentativas da fabricação de porcelana; azulejos. — Tapeçarias, tecidos e bordados; seu uso e applicações; fabricas de Lisboa, Tavira e Arrayolos. — Sedas e brocados — Armas. — Artes industriaes indo portuguezas, etc.

As provas do concurso consistem:

1.º N'uma dissertação sobre assumpto que o candidato escolherá de entre as materias do programma da cadeira a concurso;

2.º N'uma lição d'uma hora sobre o ponto tirado á sorte, quarenta e oito horas antes;

3.º Em interrogações sobre o objecto da dissertação, lição e materias do programma da cadeira a concurso.

A REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

DESDE O XXV ANNIVERSARIO DA SUA FUNDAÇÃO

Principaes assumptos que foram tratados ou referidos em sessões de assembléa geral nas seguintes datas:

1889. — *22 de Novembro.* — Sessão especial para celebrar o 25.º anniversario da existencia da Associação, discursando a este proposito o presidente Possidonio da Silva, Marquez de Vallada e J. C. Mackonelt. Relatorio dos factos mais importantes acontecidos na Associação desde o seu inicio até á presente data. (*) — Modelo em gesso da medalha commemorativa d'este anniversario, gravada em Paris por Mr. Boutté, conforme os desenhos feitos pelos socios Julio Mardel e Henrique Casa Nova. — Noticia de que o *Boletim de architectura e archeologia* merecêra medalha de prata na Exposição de Barcelona. — Menciona-se o offerecimento, que o socio correspondente Conde Carlos Lair havia feito, de uma collecção de armas e utensilios prehistoricos descobertos em França e na Dinamarca.

8 de Dezembro. — Collecção de photographias de Portugal offerecidas por Mr. Hubert Vaffier, encarregado pelo governo francez d'uma missão scientifica e artistica em Portugal. — Convite da Sociedade Regional dos Architectos d'Este da França para considerar sua correspondente a Associação. — Discussão de uma pro-

---

(*) Publicado no *Boletim* e depois em folheto.

posta de Possidonio da Silva para haver em cada domingo dos mezes de Março a Agosto, no Museu do Carmo, explicações aos visitantes, dadas por uma commissão de quatro socios, alternados n'este serviço.

22 de Dezembro. — Nomeado por acclamação socio benemerito o Imperador do Brazil. — Representação ao governo para mandar proceder aos concertos indispensaveis na capella central do Museu do Carmo. — Renovação da proposta de Possidonio da Silva para que o parlamento votasse uma lei considerando propriedade nacional os monumentos megalithicos existentes no reino.

1890. — *20 de Abril.*—Visita de S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia ao Museu da Associação. — O socio effectivo general de divisão Antonio Florencio de Sousa Pinto legou ao Museu do Carmo uma medalha de prata commemorativa da inauguração do monumento do Bussaco. — Subscreve-se com cem mil reis em resposta á circular da commissão executiva da grande subscripção nacional para a defeza do paiz. — Proposta para se conferir uma medalha de cobre á confraria de Santa Luzia de Vianna do Castello pela conservação de remotos vestigios archeologicos existentes no alto do Monte ao norte da sua capella.

9 de Novembro. — Possidonio da Silva relata o que se passou com o socio correspondente em Paris encarregado de mandar cunhar a medalha commemorativa do 25.° anniversario da Associação. — Questão com os herdeiros do fallecido thesoureiro Vidal. — Pedido á Commissão Administrativa da Camara municipal de Lisboa para se collocar uma lapida commemorativa na janella do «atelier» de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, no Paço Real, antigo convento das Necessidades. — Offerecimento de alguns Boletins de architectura e archeologia ás principaes bibliothecas do reino e ilhas. — Campas de varões illustres, existentes na egreja de Palmella. Possidonio da Silva informa que a este respeito officiou ao governo. — Destruição do tanque do claustro de D. Diniz no convento de Alcobaça. — Reclamação ao Ministro das Obras Publicas ácerca do projecto de uma estrada sobre um mosaico das ruinas de Nabancia em Thomar.

24 de Dezembro — Resposta da Camara Municipal de Lisboa, sentindo não caber nos seus poderes collocar qualquer lapida nos Paços Reaes. — Proposta para se conferir uma medalha especial e

privativa ao presidente Possidonio da Silva. Resolve-se que seja de oiro e que o socio Costa Goodolphim escreva a biographia do agraciado. — Voto de sentimento pela morte do socio effectivo Ignacio de Vilhena Barbosa. — Commissão Revisora de contas.

1891. — *16 de Março.* — Voto de sentimento pela morte do socio effectivo Conselheiro José Silvestre Ribeiro. Resolve-se que seja lido em solemne sessão o seu elogio historico. — Medalha commemorativa do Congresso da Sociedade dos Architectos francezes em 1889. — Commissão para dar parecer sobre uma obra de Xavier da Motta, relativa á moeda do Brazil. — Congresso de hygiene e demographia em Londres no mez de Agosto proximo. Commissão para apresentar um trabalho com destino a este Congresso. — Visconde de Castilho encarregado de fazer o elogio historico de Vilhena Barbosa.

10 de Maio. — Sessão solemne em que S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos se fez representar pelo Conde de Linhares. Elogio historico de Vilhena Barbosa, lido pelo socio effectivo Visconde de Castilho (Julio); e do Conselheiro José Silvestre Ribeiro, lido pelo socio E. A. da Rocha Dias. Inauguração dos retratos dos dois socios a quem se prestou esta homenagem.

13 de Julho. — Leitura do relatorio para ser apresentado no Congresso de Londres. Resolve-se a publicação integral d'este trabalho devido aos socios Valentim Corrêa, Dr. Camara Manuel e D. José de Saldanha, e tambem de um resumo em francez.

13 de Dezembro. — Offerta de objectos para o Museu. Commissão para conhecer do valor d'elles. — Fallecimento do presidente honorario da Sociedade Central de Architectura da Belgica, Mr. Jean Rousseau: voto de pezames. — Approvado que se imprimisse o catalogo da Bibliotheca da Associação. — Eleição dos corpos gerentes. — Voto de sentimento pela morte do socio benemerito o Imperador do Brazil, D. Pedro II, e dos socios José Maria Caggiani (effectivo) e Victorino da Silva Araujo (correspondente), assim como pelo fallecimento do archeologo Estacio da Veiga, que pertencêra em tempo a esta Associação.

1892. — *20 de Março.* — Voto de sentimento pela morte do socio honorario M. de Quatrefages e do correspondente, Mr. de Bailly. — Pedido de Pinheiro Chagas, secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para serem cedidos temporariamente

á Commissão incumbida de fazer representar Portugal na celebração do Centenario Colombino alguns objectos e monumentos d'arte existentes no Museu da Associação. — Foi proposto que se requisitassem do governo para o Museu da Associação as collecções do Museu do Algarve, fundado por Estacio da Veiga. — Annuencia aos convites para os proximos congressos em Moscow, Palermo e Madrid. — Apresenta as contas de gerencia no anno findo o thesoureiro Cunha Porto. Commissão revisora auctorisada a indicar o melhor meio de ultimar a questão com os herdeiros do thesoureiro Vidal. — Sepultura romana achada no Livramento, proximo de Mafra, e offerecida ao Museu por João José da Costa.

24 de Abril. — Participação de que o socio effectivo Dr. Alfredo da Cunha annuira a escrever o elogio historico de D. Pedro II do Brasil; e o socio Visconde de Castilho fizera egual declaração a respeito do socio effectivo D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo.

28 de Maio. — Approvadas as contas da gerencia do thesoureiro assim como a conclusão do parecer para que se suspendesse o processo judicial sobre a questão com os herdeiros do thesoureiro Francisco da Silva Vidal Junior.

29 de Julho. — Concurso aberto em Barcelona para a melhor obra de archeologia que se apresentasse em 1897. — Congresso de orientalistas em Lisboa no anno corrente. — Regulamento da Associação.

14 de Setembro. — Ao socio correspondente Joaquim José da Nova foi offerecido o distinctivo de socio effectivo, em testemunho de consideração e agradecimento pelo donativo que fizera, de cincoenta mil réis, para auxilio das despezas da Associação.

1893. — *16 de Abril.* — Sessão solemne sob a presidencia de honra de S. M. El-Rei D. Carlos I. Inauguração do retrato do Imperador do Brasil, D. Pedro II, e recitação do seu elogio historico pelo socio effectivo Dr. Alfredo da Cunha.

25 de Maio. — Remoção do *pelouro* de Odivellas para o Commando geral de artilheria. Memoria historica d'este pelouro pelo socio Cavalleiro e Sousa. — Proposta reconhecendo a necessidade de continuar a publicação do *Boletim de architectura e archeologia.* — Medalha de cobre ao socio effectivo Joaquim da Conceição Gomes. — Offerecimento do socio Antonio Felix da

Costa para pintar gratuitamente o retrato do Imperador do Brasil, D. Pedro II.

8 de Setembro. — Lapida com inscripção offerecida para o Museu do Carmo pelo Ministerio da Fazenda. — Convite para o Congresso em Budapesth. — Fallecimento do sabio allemão, Hermann Schaaffhausen. — Photographia de objectos de ouro achados em Almoster, parecendo ser um *torques* completo e metade de outro: consulta dirigida á Associação por Laurentino Verissimo.

19 de Setembro. — Parecer da secção de archeologia sobre o valor archeologico dos *torques* de Almoster: approvado depois de algumas reflexões de Luciano Cordeiro, Visconde da Torre da Murta, Visconde de Alemquer e Cavalleiro e Sousa. — Officio do Ministerio das Obras Publicas remettendo duas photographias do arco e capella mór da egreja de Santa Cruz de Coimbra antes e depois de restaurada. Luciano Cordeiro censura o modo como foi executada esta restauração e pede que se represente ao governo para que mande sustar a annunciada venda do antigo Castello de Nodar. — Valentim Corrêa, em nome da segurança do edificio do Museu, protesta contra o facto de estarem sendo feitas pelo Commando da guarda municipal algumas edificações sobre as abobadas do mesmo edificio. — Eleição dos corpos gerentes.

24 de Novembro. — Contas de gerencia do thesoureiro Ernesto da Silva. Commissão revisora. — Voto de sentimento pela morte do dr. C. Lemans, ex-director do Museu de antiguidades de Leide.

1894. — *21 de Janeiro.* — Approvadas as contas da gerencia do thesoureiro. — Relatorio do movimento da Bibliotheca pelo conservador Visconde da Torre da Murta. A imprimir no 1.º numero do *Boletim* da Associação, 3.ª série. — Convite da Commissão do Centenario do Infante D. Henrique para a celebração da festa commemorativa em 4 de Março proximo futuro na cidade do Porto. — Collocação do retrato, a oleo, de D. Pedro II, trabalho gratuitamente feito pelo socio Antonio Felix da Costa. — Pede-se ao Ministerio das Obras Publicas que mande reparar as abobadas da parte coberta do edificio do Museu. Urgencia de proceder aqui a alguns melhoramentos. — Voto de louvor á Camara Municipal de Beja pela organisação do Museu de Archeologia. — Considerações de Gabriel Pereira sobre o livro de Emilio Hübner *Monumenta*

linguæ ibericae e sobre os seguintes pontos: organisação da ceramica portugueza e hespanhola no Museu das Janellas Verdes; novas installações no historico edificio de Xabregas, reconstituição da Commissão dos monumentos nacionaes; creação do Museu de ethnographia, etc. — Do socio correspondente Cesar Ribeiro de Cerqueira receberam-se para o Museu dois machados e uma lança de pedra encontrados na provincia da Bahia (Brazil) e um fossil (peixe petrificado) achado na mesma localidade. Descripção d'estes objectos feita por Gabriel Pereira. — Instancias com o Ministerio das Obras Publicas para melhorar as abobadas do Museu. — Commissão da Associação para tomar parte na celebração do Centenario do descobrimento da India.

7 de Maio. — Convite para o Congresso archeologico de França, cuja reunião se realisa em La Rochelle. — Noticia do recente descobrimento de alguns mosaicos, romanos talvez, em Alemquer, pelo socio Cavalleiro e Sousa.

28 de Maio. — Communicação do socio correspondente Mr. Eugène Dognée de ter encontrado na bibliotheca publica de Liège o desenho de uma caravella feita á vista do original em 1415. Enviou-se copia da communicação á Commissão da estatua ao Infante D. Henrique. (O desenho está patente no Museu do Carmo.) — Communicação de monsenhor Elviro dos Santos sobre alguns azulejos antigos e uma lapida que servia para regular o transito dos coches. Commissão para examinar os referidos azulejos e adquiril-os, sendo possivel. — Costa Goodolphim participa ter concluido a biographia de Possidonio da Silva. Vota-se que se publique, acompanhada do retrato do biographado. — Commissão já eleita para tratar de tomar parte na celebração do Centenario da India escolhe d'entre si tres membros para representarem a Associação conforme pediu a grande Commissão nacional para festejar o mesmo centenario.

17 de Junho. — Sessão solemne: Leitura da biographia do presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva. — Entrega de uma medalha de prata a Valentim Corrêa, socio fundador e vice-presidente.

6 de Agosto. — Felicitações a Monsenhor Conego Pereira Botto pela proxima inauguração do Museu Archeologico lapidar Infante D. Henrique em Faro e ao governador geral da India pela

sua iniciativa para a installação de um Museu archeologico em Nova Goa. — Nomeado o socio correspondente Mr. Charles Lucas para representar a Associação na inauguração do monumento a Quatrefages. — Visconde da Torre da Murta faz apreciações do grande trabalho de Estacio da Veiga sobre antiguidades do Algarve, desejando que no Alemtejo se effectuassem reconhecimentos archeologicos de egual intensidade; e participa ter concluido o catalogo da Bibliotheca da Associação. Voto de louvor. — Gabriel Pereira apresenta o 1.º numero do *Boletim de architectura e archeologia* (3.ª série). — Voto de sentimento pela morte do socio effectivo Theodoro da Motta, instituidor do premio ao melhor alumno de desenho do lyceu de Lisboa.

18 de Novembro. — Voto de pezames pelo fallecimento dos socios correspondentes, Julio Pasquet du Bousquet de Lauriere e Leon Palustre. — Observações ácerca do mosteiro de Belem e dos architectos Boitaca e João de Castilho. — Relatorio da Bibliotheca pelo conservador Visconde da Torre da Murta. — Eleição dos corpos gerentes.

16 de Dezembro. — Communicação de Monsenhor Pereira Botto, conego da Sé de Faro, sobre antiguidades d'aquelle districto e sobre o Museu lapidar Infante D. Henrique. — Alberto Pimentel offereceu photographias de Leça do Bailio. — Proposta para se fazerem conferencias na Associação em fórma de palestra. — Leitura de um artigo do socio correspondente José d'Almeida e Silva sobre o estado das obras na Sé de Vizeu. E' consultada a Secção de archeologia ácerca dos desenhos que acompanhavam esse artigo. — Possidonio da Silva propõe que sejam trasladados para Portugal os restos de Domingos Antonio de Sequeira, que estão na egreja de S. Lourenço de Roma. Notas biographicas d'aquelle celebre artista. Proposta do general Pimentel Maldonado, para que se peça á Camara Municipal terreno gratuito onde se erija um monumento. Ficou a mesa encarregada de formular uma proposta definitiva. — Cavalleiro e Sousa apresenta o desenho das ruinas da porta do convento de Monchique e parte de uma memoria sobre monogrammas do templo dos Jeronymos, etc. Dr. Sousa Viterbo affirma que, segundo os documentos que tem lido, Boytac era de origem franceza e João de Castilho, byscainho.

(*Continua.*)

A parochia de Santa Izabel em Lisboa

O Em.º S.r Cardial Patriarca attendendo ao seu Pastoral off.º evigilantecuidado daprompta administração dos Sacram.tos aos seus Dicesanos, foi servido erigir huma nova Paroquia em o Sitio de Campolide com a invocação de S. Izabel R.a de Portugal, separando das Freg.as de S. Sebastião da Pedreira, Santa C.na, S. Jozé, e Santos aquelles Moradores, que ficavão em sitios, e distancias, que se lhes fazia difficultosa a prõpta administração dos Sacram.tos e que bastavão p.a constituir hum corpo de nova Paroquia, daqual nomeou Paroco com o tt.º de R.or ao R. Felixberto Leytão de Carv.º que tinha servido m.tos annos de Prior Encom.do de S. Mamede, e exercitava a occupação de Vis.or neste Patriarcado, tudo com louvavel zelo, e notoria satisfação, e emq.to se não fabrica a nova Igr.a determinou p.a Paroquia da d.a Freg.a a Ermida de S. Ambrosio no mesmo sitio, que he de Ambrosio Lopes Coelho, na qual disse Missa o d.º S.te e collocou o Sacram.to no Sacrario em o dia 14 de Maio, no qual se festejou com solenid.e a R.a S.ta Izabel orago da Freg.a com o S.r exposto, e no m.º dia detarde a foi visitar a R.a Princesa, e estando p.a se bautisar huma Menina f.a de hum Perdr.º chamado M.el Gomes, e de sua M.er Anna Maria mandou a R.a se lhe posesse o nome de M.na foi a R.a sua madrinha mandando-lhe tocar em seu nome a Luiz Cesar de Menezes veador da casa da m.a S.ra e foi tambem Padr.º da mesma Menina o Em.º S.r Cardial Patriarca. No dia 16 foi El-Rey, Principe, e Infante D. Antonio visitar a d.a Ermida. (*)

(*) Vej. Boletim 4.a serie n.º 7 pag. 26 e seg.

Objectos preciosos da casa Palmella

O palacio dos srs. duques de Palmella está cheio de objectos preciosos; thesouro artistico que augmenta agora com as esculpturas lavradas pelo cinzel da sr.ª duqueza. O busto de Santa Thereza (que está num gabinete vasto onde se encontram os bustos de Herculano, pelo esculptor Calmels, e do marquez de Sá, pela sr.ª duqueza, grandes télas do Sequeira, etc.) e a estatua da *Mater admirabilis*, ainda no atelier, são primores d'arte d'alto merito.

Já neste *Boletim* tratei da collecção dos esmaltes e das pinturas; agora mencionarei rapidamente os vasos gregos, italo-gregos, e outras preciosidades antigas.

Os vasos italo-gregos estão no atelier e em varios gabinetes; não estão agrupados. Mereciam um salão especial; porque ha entre elles peças de primeira ordem pela belleza e pela raridade.

D. Alexandre de Souza Holstein, ministro de Portugal em Roma (1790 a 1803, com um intervallo de poucos annos), amador e conhecedor de obras d'arte e de antiguidades, muito relacionado e estimado, apanhou uma época que foi extraordinaria em achados, e de verdadeira furia em explorações archeologicas.

O ministro de Portugal conseguiu reunir muitos primôres provenientes dessas escavações. E, note-se isto que tem importancia, do maior numero dessas peças é conhecida a proveniencia, o logar do achado, e tudo se acha registado n'um antigo e resumido inventario.

Alguns objectos são de Athenas, de Roma, alguns da ilha de Egina, de Pestum, outros de Basilicata (sul de Italia), e de Girgenti (Sicilia). São muito variados; ha na collecção *olpes*,

lecithos, *hydrias*, etc.; póde dizer-se que todas as especies, quasi, de vasos italo-gregos estão representadas; vê-se que o collecionador não quiz accumular, reuniu exemplares dos varios typos da opulentissima ceramica grega.

Para o estudo, elementar, d'esta collecção indico a *Histoire de la céramique*, de *Ed. Garnier*, que traz figuras nitidas representando os typos da ceramica grega, com seus nomes e usos provaveis, e a obra, com titulo igual, de *A. Jacquemart*, que trata tambem da classificação dos vasos gregos e italo-gregos.

Entre as esculpturas antigas especialiso o busto de Satyro, que o inventario antigo diz ser em *rosso antico*; é em *rosso* e agatha, porque desta pedra é a pelle de cabra que envolve o hombro. É uma esculptura, me parece, que estaria em logar especial em qualquer dos grandes museus estrangeiros.

Vasos italo-gregos achados em escavações na Sicilia e na Grecia

1 — *Hydria Corinthia*, bello vaso representando Hercules arrebatando os pomos das Hesperides.

2 — *Olpe* siciliana com ornamentos.

3 — *Kylix* de Basilicata, representando uma panthera.

4 — Vaso de Basilicata, fórma de Scypho onychino, assumpto bacchico.

5 — Pequeno *Lekytho* atheniense, com o combate de Eteocles e Polynices (deteriorado).

6 — Dito com ornatos.

7 — Dito atheniense, assumpto bacchico.

8 — Pequeno vaso de creança, sem ornato.

9 — *Lekytho*, da ilha de Egina.

10 — Dito representando o triumpho de Baccho.

11 — *Kylix* siciliano, sem figuras.

12 — Pequeno *Aryballo* preto, de Girgenti.

13, 14, 15 — Vasos de creança, sem figuras, de fina execução.

16 — Magnifico vaso de Basilicata tendo na frente uma bacchante com a cysta, e do outro lado a cabeça d'Arethusa, fórma de amphora alongada.

17 — *Lekytho* atheniense, com ornatos.

18 — Vaso de creança, atheniense, sem ornatos.

19 — Vaso de Basilicata, assumpto bacchico, fórma de *Pelike nolana.*

20, 21 — Duas bellas alampadas achadas em Athenas.

22 — Fragmento de um magnifico vaso achado em Athenas, com figuras

23 — Vaso de Basilicata, fórma de *Kalpis,* figura bacchica com a cysta.

24 — *Lekytho* atheniense, representando o combate de Hercules e *Achelou.*

25 — *Lekytho* de *Ruro*, muito bello, com uma figura de Victoria.

26 — Pequena caixa redonda, atheniense, com uma figura de lebre.

27 — Taça siciliana com animaes pintados em tres côres, mui bella e rara.

28 — *Amphoristo* da ilha d'Egina com a figura de Hermes Kriapampo, assumpto mui raro, publicado nos monumentos ineditos de Gerhard.

29 — Bello fragmento de vaso achado em Athenas.

30 — Magnifico pequeno vaso atheniense com um menino engatinhando em procura de um pequeno vaso, e a inscripção *ó. . . esis kalos*, fórma d'*olpe*.

31 — Magnifico vaso de Basilicata, fórma de *Kelebe*, representando os dioscoros.

32 — Pequeno *Skypho*, onychino, de Sicilia.

33 — *Lekytho* atheniense, com ornatos.

34 — Ditos com figuras bacchicas.

35 — Outro identico.

36 — *Amphorito* d'Egina, vermelho com ornatos pretos.

37 — Bella *Amphora de Locris*, figuras mysticas.

38 — Pequeno vaso de creança.

39 — Pequeno vaso da lha d'Egina.

40, 41, 42 — 3 vasos athenienses, mui raros, representando o mesmo que o n.° 30.

43 — Vaso preto atheniense, fórma *Aryballo*.

44 — Dito com uma figura de Kytharoede (deteriorado).

45 e 46 — 2 vasos, fórma *Lekytho*, athenienses, mui raros, fundo

branco com figuras desenhadas em traços vermelhos.

47 — *Lekytho* atheniense, com figuras bacchicas (falta o bocal).

48 — *Alabastron* siciliano, sem figuras.

49 — Linda cabecinha, de barro, achada em Pestum.

50 — Figura de cigarra, emblema da autochtonia dos athenienses, em barro, mui rara (deteriorada).

51 — Fragmento da tampa de um vaso de Girgenti.

52 — Dito de uma tampa de barro, preta, sem ornato.

53 — Tres pequenos idolos de barro achados em Athenas.

54 — Pequeno vaso de creança.

55 — Vaso grande, corinthio, com figuras de bacchantes.

56 a 59 — Quatro pequenas alampadas sepulchraes achadas nas catacumbas de Roma.

60 — Cabeça de Medusa em baixo relêvo, fragmento de marmore achado n'um antigo *Columbario,* em Roma.

61 — Passaro de barro em acção de cantar (deteriorado).

62 — Cabeça de Jupiter Stator, fragmento de barro, achado no referido local.

Estatuas e outras esculpturas antigas

1 — Uma estatua, copiada em ponto pequeno, do famoso Gladiador gaulez, moribundo, do Capitolio.

2 — Busto de Baccho.

3 — Busto grego de grande estimação restaurado modernamente da bocca para baixo. Foi descoberto n'uma escavação feita perto de Roma por D. Alexandre de Sousa Holstein, pae do 1.º duque de Palmella.

4 — Busto de marmore *rosso antico e agatha*, representando um Fauno. Esta peça d'esculptura de grande merito pertencia á collecção do Marquez de Angeja.

5 — Uma patera de marmore, cujo baixo relêvo representa um Fauno com um facho na mão. Esta esculptura, em parte restaurada, é de grande merito, e foi achada na escavação acima indicada.

6 — Busto de um Imperador romano (parece ser Adriano).

7 — Busto de uma Imperatriz.

Estatuas e esculpturas modernas

1 — Copia da Estatua da Minerva Medicéa.

2 — Copia da Estatua conhecida pelo nome de *Fiducia*, obra do celebre esculptor florentino Bartolini.

3 — Copia de Santa Maria Magdalena, de Canova.

4 — Busto de Camões.

5 — Busto de Vasco da Gama.

6 — Copia da cabeça da Venus de Medicis.

7 — Copia da Cabeça do Apollo de Belvedére.

8 — Grupo das Tres Graças, copia de Canova.

9 — Hébe, copia de Canova.

10 — Psyché, copia de Canova.

11 — Copia das estatuas = Dançarinas antigas = de Canova.

12 — Duas grandes taças d'alabastro com azas de Grypho.

13 — Duas ditas de jaspe branco com azas de serpente.

14 — Duas meias columnas d'alabastro oriental.

15 — Tres meias columnas de marmore chamado Porto Venere.

Mesas de mosaico e marmore

Uma mesa redonda, fundo de marmore branco com embutidos de marmore amarello.

Uma dita de marmore e mosaico de Florença, tendo no centro uma taça com tres pombas, copia de uma pintura antiga.

Uma de mosaico de pedra dura, tendo no centro uma rola sustentando um ramo com fructa.

Uma mesa octangular com mosaico de pedras duras.

Outra de mosaico de pedras duras, tendo ao centro um papagaio, em volta guarnição de passaros, e nos quatro angulos as armas da Casa de Palmella.

Outra de marmore branco com pés em garras de leão.

Outra quadrilonga de um só pedaço de agatha.

Outra de mosaico de Roma com pés de bronze; mandada fazer em Roma pelo duque de Palmella; tem no centro as vistas da praça de S. Pedro, e do Coliseu, nos angulos quatro vistas de ruinas das visinhanças d'essa cidade, e é cercada de uma grinalda de flôres com medalhões contendo os nomes dos filhos do mesmo duque.

Objectos diversos

Um vaso magnifico, fundo azul e relêvo em branco, de porcellana de Sèvres.

Seis fragmentos de mosaico antigo, um dos quaes representa Hyppolito e Aricia, e os outros figuras de aves e ornatos á grega.

Estes objectos que serviam de pavimento na sala de uma casa de campo antiga, foram achados na escavação acima indicada.

G. Pereira

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contin. do n.º antecedente)

Anno de 1897 (Continuação)

Expropriações declaradas urgentes. — *Datas dos decretos*. — Expropriação de varios predios rusticos e urbanos para conclusão da rua do Tenente Valadim até ao largo da Bandeira em Povoa de Varzim; Jan., 7; — de um terreno para construcção do cemiterio da freg. de S. Thomé de Negrellos, conc. de Santo Thyrso; Março, 24; — de um terreno para abertura de uma rua que ligue a rua direita do logar de Rio Tinto com a do ramal do mesmo logar, concelho de Vagos; Abril, 1 — de um predio urbano para alargamento da rua do Sacramento em Villa Nova de Gaia; Maio, 1; — de varias parcellas de terreno para a construcção de uma bateria maritima denominada « Bateria da Praia » em Oeiras; Maio, 24; — de uma casa para alargamento da travessa das Larangeiras de Villa Nova de Famalicão; Junho, 18; — d'uns terrenos necessarios para a construcção da estrada de serventia do forte de Caxias; Julho, 21; — de um terreno para abertura de uma praça na villa de Cezimbra; Agosto, 4; — de diversos predios e terrenos para a construcção da Avenida dos Anjos e de ruas que com ella confinam; Set., 13; — d'uma porção de terreno para ampliação do largo da Feira na séde do concelho de Villa Franca de Xira; Out., 1; de uma parcella de terreno para a construcção da grande Avenida de Belem; Out., 26; — d'uma casa em ruinas para ampliação do largo de N. S.ª do Rosario na villa da Ribeira Grande; Dez., 23; — d'uma porção de terreno para a construcção da avenida de Vizeu; Dez., 30.

Auctorisações para se poderem realisar melhoramentos publicos. — A' cam. mun. da Lagoa; obras de encanamento d'aguas; Dec , 7, Jan.; — Junta de parochia da freg. de Terroso, conc. da Povoa de Varzim: construcção do cemiterio parochial; Dec., 7, Jan.; — Cam. mun. de Tavira: conclusão das obras do edificio escolar e bibliotheca a seu cargo; Decr., 14, Jan.; — Junta de parochia da freg. de Avelleda, conc. de Villa do Conde: construcção do cemiterio parochial; Decr., 14, Jan.; — Cam. mun. de Castro Verde: obras de construcção do edificio dos paços do concelho; Decr., 21, Jan.; — Junta de parochia da freg. dos Milagres, conc. de Leiria: construcção d'um cemiterio parochial; Dec., 1, Fev.; — Junta de parochia de S. Sebastião da cidade de Lagos: concessão provisoria do edificio e egreja em ruinas do extincto « convento de N. S.ª da Gloria » para fundação de um asylo parochial; Decr., 4, Fev.; — Cam. mun. de Cabeceiras de Basto: construcção de um caminho para o cemiterio municipal; Dec., 25, Fev.; — Junta de parochia da freg. de Midões, conc. de Tabua: construcção das paredes e porta do cemiterio parochial; Decr., 25, Fev.; — Misericordia de Villa Cova de Sub-Avô, conc. de Arganil: obras urgentes da egreja matriz da freg. e da torre e adro da mesma egreja; Port., 6, Março; — Cam. mun. de Serpa: construcção d'um caminho vicinal; Decr., 11, Março; — Cam. mun. de S. Thiago do Cacem: exploração e encanamento de aguas e continuação das obras dos paços municipaes; Decr., 17, Maio; — Irmandade do SS. Sacramento da freg. de Ferreiros, conc. de Braga: obras de reedificação da egreja parochial; Port., 5, Junho; — Cam. mun. da Mealhada: conclusão das obras do largo em frente dos paços do concelho e construcção de um mercado em Luso; Decr., 11, Junho; — Cam. mun. da Povoação: encanamento de agua e outras obras; Decr., 14, Julho; — Irmandade do SS.mo Sacramento da Villa de Murça: obras de reconstrucção de uma casa que possue na mesma villa; Port., 15, Julho; — Junta de parochia da freg. de Santa Maria de Ferreiros, conc. de Braga: reconstrucção da egreja parochial; Decr., 4, Agosto; — Ordem 3.ª de N. Sr.ª do Carmo da Villa de Extremoz: obras urgentes de reparação dos telhados da respectiva egreja; Port., 12, Agosto; — Misericordia do Porto: obras de ampliação do « hospital de

Santo Antonio » a seu cargo; Port., 25, Agosto; — Cam. mun. de Aldeia Gallega do Ribatejo: obras de exgoto e dessecamento d'um pantano; Decr., Set., 13; — Irmandade de N. Sr.ª da Assumpção, da villa de Santo Thyrso: construcção d'um sanctuario: Port., 18, Set.; — Cam. mun. de Figueiró dos Vinhos: obras na cadeia da comarca: Decr., 1, Out.; — Cam. mun. de Villa Viçosa: obras urgentes de canalisação e calcetamento na rua da Fontinha em Borba; Decr.; 26, Out.; — Junta de parochia de S. Cosme, conc. de Gondomar: obras de ampliação do cemiterio da freguezia; Decr., 3, Nov.; — Misericordia da Covilhã: construcção do « hospital D. Amelia; » Port., 10, Nov,; — Irmandade do S S.ᵐᵒ Sacramento de Mangualde: reconstrucção do tecto da respectiva egreja; Port., 20, Nov.; — Junta de parochia da freg. de S. Matheus, conc. das Lagens do Pico: obras de reparação e ampliação da egreja parochial; Decr, 2, Dec.; — Misericordia de Cantanhede: construcção d'uma enfermaria de variolosos no respectivo hospital; Port., 7, Dez.; — Cam. mun. de Aviz: reparação das praças municipaes do concelho; Decr., 16, Dez.; — Cam. Mun. de Faro: construcção do caes d'aquella cidade; Decr., 23, Dez.; — Cam. mun. de Vizeu: abastecimento d'agua na cidade; Decr., 23, Dez.; — Cam. mun. de Fornos d'Algodres: obras de construcção d'um mercado fechado; Decr., 23, Dez.; — Cam. mun. de Castello Branco: obras de installação da escola de habilitação para o magisterio primario; Decr., 23, Dez.

Instrucção publica. — *Casas para escolas de ensino primario.* Por decreto de 8 de abril foram auctorisadas as juntas de parochia a vender com previa approvação tutelar os terrenos baldios, para com o seu producto construirem casas para escolas de ensino primario. — *Real Casa Pia de Lisboa.* Commissão para propor as providencias e regulamentos indispensaveis para a reforma dos seus serviços; Port., 10, Abril; — O edificio da escola industrial *Infante D. Pedro* em Bragança foi cedido provisoriamente para estabelecimento da escola districtal de habilitação para o magisterio primario; Port., 26, Julho; — Escola *Albino Moreira.* Com esta denominação foi creada uma « escola primaria » elementar para o sexo masculino na freg. de Villar, conc. de Villa do Conde; Decr,. 18, Fev.; — *Associação das creches de Santa Marinha* do conc. de Villa Nova de Gaia: auctorisada a vender

certos titulos para com o producto comprar uma casa e ahi se installar e funccionar; Port., 12, Julho; — Foram cedidas provisoriamente algumas salas da escola industrial *Nun'Alvares* em Vianna do Castello para installação da escola districtal de habilitação para o magisterio primario; Port. 11, Set.; — Legado *Theodoro da Motta:* para « premios a alumnos de desenho » do lyceu central de Lisboa: Dec., 13, Set.; — Mandou-se declarar ao reitor da Universidade, aos directores das escolas superiores e aos reitores dos lyceus, que não podiam ser permittidas e deviam cohibir « innovações ou reformas de orthographia e prosodia portugueza e latina » sem previa auctorisação do governo; Port., 20, Set.; — *Escola do Exercito*: Regulam.; Decr., 27, Set. — *Recolhimento dos orphãos de N. S.ª da Esperança*: auctorisação á Misericordia do Porto para crear tres logares de professoras de surdas-mudas n'aquelle recolhimento, etc.; Decr., 26, Out. — *Instituto de agricultura e veterinaria*: reorganisação; Decr., 4, Nov. — *Academia Polytechnica do Porto:* Supprimido o curso do commercio; sendo substituida a cadeira especial de commercio por uma cadeira de technologia industrial; extincto o logar de lente substituto da cadeira de desenho e creado o de lente substituto e auxiliar dos trabalhos praticos das cadeiras de engenheria. A commissão creada pela port. de 19 janeiro de 1858 foi incumbida de elaborar o projecto de conclusão do edificio d'aquelle estabelecimento e o programma de concurso a que se refere a lei de 20 de setembro ultimo; Decr., 8, Out. e Port., 16, Nov. — *Lyceu Central de Lisboa*: concurso para a empreitada da construcção d'este edificio; Dec., 18, Nov. — *Commissariados de instrucção primaria*: secretarias; Decr., 18, Nov. — Escolas de habilitação para o magisterio primario em Aveiro, Castello Branco, Guarda, Vizeu e Faro; Decr., 2, 3, 11, e 25, Dez. — *Escolas industriaes e de ensino industrial*: reorganisação; regulamento; Decr., 14, Dez. — *Escolas elementares do commercio de Lisboa e Porto*: reorganisação; Decr., 14, Dez.

Centenarios. — Declarou-se ao presidente da commissão executiva do centenario da India que o governo punha á sua disposição as receitas auctorisadas na lei de 21 de Maio e no decreto de 23 de Julho de 1896, devendo a commissão executar o programma já approvado, e não excedendo aquellas receitas;

Port., 2, Abril. — *Centenario do Padre Antonio Vieira*: a correspondencia da commissão executiva d'este centenario e das suas delegações diocesanas foi considerada como official até 31 de agosto; Port., 28, Maio. — Determinou se considerar feriado o dia 8 de julho d'este anno por ser a data em que partiu de Lisboa a expedição naval que sob o commando de *Vasco da Gama* descobriu o caminho maritimo da India; Decr., 3, Julho.

Funccionarios civis. — Commissão para proceder ao arrolamento de todos os empregados existentes alem dos quadros do pessoal determinado nas respectivas organisações dos serviços internos ou externos, dependentes de todas as secretarias d'estado; Decr., 24, Março. — Mandou-se proceder em todos os ministerios á immediata reorganisação dos quadros do pessoal das respectivas secretarias e das repartições que d'ellas directamente dependem; Decr., 25, Nov. — Não podem os funccionarios civis do estado celebrar congressos de classe sem previa auctorisação do governo; Decr., 9, Dez.

Exposição no Palacio de Crystal do Porto — Declarada official a correspondencia da direcção do Palacio de Crystal do Porto até 30 dias depois de encerrada a exposição industrial realisada ali no mez de agosto; Port., 3, Julho. Commissão para estudar na exposição do Palacio de Crystal do Porto os progressos da industria nas provincias do norte e no resto do paiz; Port., 12, Nov.

Mattas Nacionaes. — Suspensas todas as concessões de madeiras que se não comportarem com a possibilidade florestal do corrente anno; Port., 9, Fev.

Comarca de Lisboa. — Subdivisão das varas civeis e districtos criminaes; Decr., 14, Jan.

Comarcas. — Lei, 21, Jan.

Liberdade de imprensa. — Crimes de abuso. Amnistia e instrucções sobre o modo de cumprir o decreto que a concedeu; Decr., 4, Fev.; circular, 25, d'este mez.

Beneficencia. — Organisação geral da superintendencia dos estabelecimentos pios e dos serviços de beneficencia publica; Decr., 23, Dez.

(Continua)

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 10, t. IX, pag. 48)

Tavora — freg., conc. de Taboaço. — Ruinas do antigo convento de S. Pedro das Aguias, da ordem de Cister, denominado S. Pedro Velho: na capella mór, do lado da epistola, «o *buraco* por onde commungavam os judeus» ou christãos novos d'aquelles sitios.

Teja — ribeira confluente do Douro, conc. de Trancoso. — Ponte de pedra antiquissima, chamada *Zeralhóa.*

Telheiras — aldeia, freg. do Lumiar, conc. de Lisboa. — Na egreja de *N. Sr.ª das Portas do Céu* está o tumulo do *Principe Negro*, seu fundador. A egreja é de boa architectura.

Tentugal — conc. de Montemór-o-Velho — *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores* pelo sr. A. M. Simões de Castro; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.* vol. II, pag. 40; *Mem. hist. corogr. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Portugalia*, t. I, 821; *Archeol. Port*, VIII, 76.

Terena — villa, conc. do Alandroal. — Ruinas de um castello. — Lapidas consagradas a Endovelico: estavam no templo d'este deus em Terena e foram com outras preciosidades para a egreja de N. Sr.ª da Graça de Villa Viçosa. O cardeal D. Henrique tambem d'ali mandou para o collegio do Espirito Santo (jesuitas) de Evora 96 columnas jonicas de bello marmore. — Egreja de *N. Sr.ª da Boa Nova* em fórma de fortaleza, como o da *Flôr da Rosa* no Crato; guarnecido de ameias de cantaria — *Archivo hist.*, vol. I; Ermida de S. Miguel da Motta. O sanctuario de Endovelico, art. do sr. Gabriel Pereira na *Revista Archeologica*, t. III, pag. 145; Egreja da Boa Nova (*Panorama*, 1852, pag. 177); Art. do sr. dr. J. Leite de Vasconcellos nos jornaes *O Dia* de 25 de maio de 1890 e *Aurora do Cavado* de 30 de julho do mesmo anno; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 807; supp. 1029; *Archeol. Port.*, VIII, 77.

Terras de Bouro, concelho. — Marcos milliarios da estrada da Geira na freg. da Balança. — Restos de uma pequena forta-

leza, dos romanos ou dos antigos lusitanos, a qual o povo chama *Cidade de Calcedonia.* — Portão da *Quinta do Abbade*, pouco distante da povoação do Campo do Gerez. Inscripção latina sobre a verga de uma das portas do edificio acastellado que ha dentro d'aquelle portão. — A primitiva egreja matriz da freg. do Campo do Gerez foi dos templarios. Em 1700 e depois d'essa data acharam-se aqui pedras lavradas; tumulos adornados de primorosos lavores; pedaços de columnas, cippos romanos e pavimentos de tijolos. — Resto de uma inscripção latina existente em casa de um lavrador da localidade. — Junto á *Casa da Guarda*, n'um sitio chamado *Padrões da Calle*, está o resto de um padrão dedicado ao imperador Maximiano. Havia aqui muitos padrões, e um d'elles com 24 palmos d'alto. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 449.

Thomar — cidade. — Castello construido por D. Gualdim Paes. — Cruzeiro da *Varzea Grande*, mandado construir por el-rei D. Manuel, que tambem fundou a egreja de S. João Baptista, um primor de architectura gothica — Egreja matriz de Santa Maria do Olival. — Egreja do extincto mosteiro de Santa Iria, do Arrabalde. — Egreja do convento de Christo: a capella mór é exteriormente de fórma octogona, acastellada e coroada de ameias. Variadissimas esculpturas na fachada da egreja. — Alpendres da ermida de *N. Sr.ª dos Anjos.* — Convento de Santa Sita, de religiosas franciscanas. — Capella de Santa Sita, na freg. da Asseiceira. — *Monumentos das ordens militares do Templo e de Christo em Thomar.* Memoria historico-descriptiva, seguida de uma noticia sobre alguns artistas das respectivas obras, por José Antonio dos Santos (Lisboa, 1879); *Monumentos de Portugal*, historicos, artisticos e archeologicos por I. de Vilhena Barbosa, pag. 117; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Descripção economica de certa porção consideravel de territorio da comarca de Thomar e proximo á margem do Tejo.* (Nas Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa, t. VIII, parte II, pag. 43. Trata de Punhete (Villa Nova de Constancia), Rio de Moinhos, Montalvo, Martinxel, Tancos, Asseiceira, Atalaia, e Paio Pelle.); *Panorama photographico de Portugal*, 1872–73; Mem. e noticias historicas da celebre ordem militar dos templarios na Palestina, para a historia da admiravel ordem de Nosso Senhor Jesus Christo em Portugal, pelo dr. Alexandre Ferreira (Lisboa, 1735); Castello de Thomar, art. de Vilhena Barbosa nas *Artes e Lettras*, 1874, pag. 59; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 35 e segg., supp. 813; *Noções elementares de archeologia* por J. Possidonio N. da Silva; *Mémoire de l'archéologie sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal Relat. da comm. dos monum. nac. em*

1884; *Noticias archeol. de Portugal* pelo dr. Hübner; *Cousas leves e pesadas* por Camillo Castello Branco, pag. 85; *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por Vilhena Barbosa, pag. 313 dos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. II, 1875; *Decóro Nacional*, artigo respectivo a «Nabancia» por I. de Vilhena Barbosa (*Boletim da Real Associação dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. VI, pag. 6); Descobrimento da cidade romana «Nabancia» em Portugal, pelo sr. J. P. N. da Silva (Cit. *Boletim*, t. III, n.º 10, t. VI, 12); Convento de Christo (*Occidente*, vol. I, 139, III, suppl. ao n.º 71); Padrão de Thomar (*Occidente*, V, 163); Castello de Gualdim Paes (*Occid.*, VI, 274); Egreja de S. João Baptista (*Occid.*, VI, 234); Capella dos Templarios no convento de Christo; Varzea (*Occid.*, VII, 2, 74); Egreja matriz de Santa Maria do Olival (*Occid.*, VIII, 101); Tres dias em Thomar (*Occid.*, VIII, 220, 230, 243, 259, IX, 6); Rua da Varzea Pequena (*Occid*, IX, 28, X, 149); *Memoria sobre o Convento da ordem de Christo em Thomar* por João da Cunha Neves e Carvalho Portugal; Janella da casa do capitulo do convento de Christo (*Occid.*, XVII, 3); Convento de Christo. Castello dos Templarios (*Occid.*, XVIII, 225 a 232); *Noticia descriptiva e historica da cidade de Thomar* por J. M. Sousa (Thomar, 1903); « Bolet. da Real Assoc. dos Arch. e Archeol. Port, » t. IX, n.º 10; *Portugal* (von der Guadiana zum Minho), por Ricardo Kessler (Stuttgart, 1903) Janella da casa do capitulo do convento de Thomar (*Arch. Pitt.*, III, 41; *Branco e Negro*, t. II, 81, 237; *Occidente*, 1894); *Construcção moderna* (revista) n.ºs 50, 52, 54, 56, 77; *Album artistico de Portugal* (1898); *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, . I, pag. 18; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por A. Haupt; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczynski; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 161; Jornal *A Imprensa*, 1886; Castello dos templarios (*A' volta do mundo*, jornal de viagens, 1882, pag. 198); *Rainhas de Portugal* pelo sr. Benevides, t. I, pag. 101; Folhetim do *Diario de Not.* n.º 12778 pelo sr. Luiz de Moraes Carvalho; *Novo Alm. de lembr. luso-brazil.*, 1895, pag. 425, 1897, pag. 193; Porta principal da egreja de S. João (*Arch. Pitt.* III, 81); «Portugal. Contingente da Associação dos engenheiros civis portug... pelo socio A. Luciano de Carvalho, pag. 130; « Mem. sobre o convento da ordem de Christo (*Panorama*, VI, 1842, pag. 43, 61, 68 e 85); « Castello dos Templarios e convento da ordem militar de Christo» (*Arch. Pitt.*, X, 1, 410); *Occidente*, XXIV, pag. 261, 264; *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 15.ª série, n.º 4, pag. 233 e segg.; « Segunda mem. sobre os processos de vinificação empregados nos principaes centros vinhat. do contin. do reino, apresent. ao Ministro das

Obras Publicas, 1868, pag. 46; *Thomar à vol d'oiseau* pelo sr. Ed. Coelho, 1898; *Arch. Pitt.*, III, IX, X; *Portugal* por M. Ferd. Denis; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; Egreja dos templarios (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Port.*, t. VIII, n.os 3 e 4); *Mala da Europa*, II, n.º 55; III, n.os 56 a 59; V, n.º 143; *A handbook for travellers in Portugal; O Seculo* n.º 5508; *Hist. de Portug.* de P. Chagas, 3.ª ed., I, 81, 333; II, 289; III, 625, 636; V, 616 a 627; VI, 622, 630; *Mem. sobre a pop. e a agricult. em Port.* por L. A. Rebello da Silva; *Bolet. dos Arch. e Archeol. Portg.* t. VIII, pag. 48 a 50, 85, a 87, 187 a 189; *Encyclopedia das familias*, rev. de instr. e recreio, n.os 171, 177, 1901; *O Seculo* n.os 6285 e 6875; *A ordem de Christo* pelo sr. dr. Vieira Guimarães; *Panorama*, 1842, pag. 43, 61, 68, 85; *Memoria sobre o convento de Thomar da ordem de Christo*, public. pela «Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis» (1842) Opusculos de A. Herculano, II, (*Monum. patrios.*); *Archeol. Portug.*, n.º 1, t. I, pag. 13; *Arte portugueza* n.º 1, 2, 3, 5; artigos do sr. Luciano Cordeiro (*Inscripções portuguezas*); *Diario de Noticias* n.º 10710, de 13 de outubro de 1895 (*Gualdim Paes* — artigo do sr. dr. Sousa Viterbo); *Revista illustrada*, 1890, pag. 23; *Portugal Pittoresco*, IV, 164, 280; *O culto da arte em Portugal* pelo sr. Ramalho Ortigão, pag. 75, 125; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo. pag. 80, 193; *Almanak Palhares* para 1904, pag. 145.

Thomé do Castello (**S.**) — conc. de Villa Real. — *O castello de S. Thomé* pelo rev. abbade Manuel de Azevedo (*Archeol. Port.*, t. I, n.º 3, pag. 93).

Thuias, **Tuhias** ou **Villa Nova de Thuias** — freg., conc. de Marco de Canavezes. — Ara romana com inscripção, que serviu de base á pia baptismal da egreja. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 480, 497; *Corpus*, vol. II, 333; *Archeol. Port.*, VIII, n.º 4, 101.

Tibães — Mosteiro de S. Martinho (*Arch. Pitt.*, IX, 121, 135); Monumentos religiosos do Minho. *Mosteiro de S. Martinho de Tibães* por I. de Vilhena Barbosa (*Commercio do Porto* n.º 98 e 101 de 1877; *Correspondencia de Portugal*, n.º 536, 20 - 2.º - 1882); *Historias de frades* por Th. Lino d'Assumpção.

Tinhella — freg., conc. de Valle Passos. — Fonte romana, com inscripção, que foi achada no principio do XVIII seculo entre a povoação de Tinhella e a de Agrodella.

Tojados — logar junto á *Ponte do Prado* — Marcos milliarios romanos, com inscripções, aqui descobertos no fim do sec. XVIII.

Tojal ou **Tojalinho** — freg., conc. dos Olivaes. — Sepulturas com epitaphios em portuguez na egreja matriz. — Palacio e egreja de Santo Antão (*Arch. Pitt.*, VII, 309); *Archeol. Port*, III, n.os 9 a 11, pag. 249; VII, n.os 10 e 11, pag. 272.

Tondella — villa e concelho. — Aqueducto, com muitos arcos de cantaria. — *Portugalia*, t. I, fasc. 2.°, pag. 262, 265; *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 636, 3.ª ed.; *Indice parlamentar*, t. I, pag. 100.

Torrão — *De Lisboa ao Torrão* por Th. Lino d'Assumpção (*Rev. illustrada*, 1892, pag. 172); *Jornal de Coimbra*, n.° 25; *Archeol. Port.*, IV, 114, VIII, 215.

Torre (Quinta da) — freg. de Salvador de Gallegos, conc. de Penafiel. — Sepultura cavada n'um penedo muito antigo. Outro penedo chamado *da Varanda* parece que é um dolmen.

Torre - Deita — freg., conc. de Vizeu. — Ermida de *N. Sr.ª do Ribeiro*, com a fórma de um navio, e uma linda capella mór adornada de quadros de Grão Vasco (?).

Torre de Moncorvo — *Hist. de Port.* de P. Chagas, III, pag. 636, 3.ª; *Hist. do reinado d'el-rei D. José* por S. J. da Luz Soriano, 1.° vol.; *A handbook for travellers in Portugal*; *Archeol. Port.*, VIII, 218.

Torres Novas — villa e concelho. — Castello guarnecido de onze torres. — Cavernas na freg. das Lapas. — Santuario de *N. Sr.ª da Barreira Alva*: bellos azulejos revestindo as paredes interiores da capella mór e do corpo da egreja. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Notic. archeol. de Portugal* pelo dr. Hübner; *Memorias da villa de Torres Novas* por Francisco Xavier de A. e Vasconcellos (ms. da bibl. da Acad. de Lisboa); *Corpus - Inscrip. Hist. Latin.*, vol. II, 35; Castello (*Occidente*, XIII, 269); *Revista Illustrada* 1892, pag. 164, 216; *Branco e Negro*, t. II, 199; Jornal *A Imprensa*, 1886; *Rainhas de Portugal* pelo sr. Benevides, t. I, pag, 156; «As lapas proximo de Torres Novas e os furados do rio Alva» por I. de Vilhena Barbosa (*Commercio do Porto* n.° 112 de 187); *Archeologo Portugues*, IV, 101, V, 119, VII, 180, VIII, 219; *Indice parlamentar*, t. I, pag. 137; Memorias sobre os processos de vinificação empregados nos principaes centros vinhateiros do continente do reino» — pela commissão nomeada em agosto de 1866. Relat. de A. de Aguiar, pag. 41; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; Habitação (*Portugalia.* Mat. para o estudo do povo portuguez, 1.° fasc.) *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. II, pag. 8; vol. III, pag. 636; *A handbook for travellers in Portugal.*; «Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal» por L. A. Rebello da Silva.

Torres Vedras — villa e concelho. — Na serra do *Soccorro*, está a ermida de *N. Sr.ª do Soccorro*, de architectura gothica; suppõe-se que foi mesquita. — Na parede da egreja de *N. Sr.ª do Amial* ha uma pedra com inscripção em letra gothica; e outra na janella do alpendre. Sepulturas no adro. — Lapidas romanas

existentes na *Quinta da Rainha*, freg. da Carvoeira (duas), e na parede exterior da egreja matriz de Mata-Cães (uma) — Ruinas dos paços reaes mandados construir por el-rei D. Manuel. — Chafariz dos Canos, de architectura gothica e primorosa construcção. — Fortificações antigas, arruinadas; de moderna data, o forte de S. Vicente acha-se em bom estado de conservação. — *Gruta da Princeza.* — Na serra de S. Gião achou-se em 1830 uma moeda de ouro do imperador Trajano na quinta de *S. Gião d'Entre as Vinhas*, no *Casal da Broeira*, na quinta da *Ribeira de Maria Affonso*, junto ao logar da Ordasqueira e nas immediações tambem foram encontradas, em 1846, 1850, 1856 e 1858, differentes moedas romanas de prata e cobre. Na mesma *quinta de S. Gião* acharam-se em 1846 vasos lacrimatorios, e «muitas talhas grandes, de barro cosido, tendo as bocas tapadas com discos de pedra» e dentro «alguns anneis com pedras engastadas e varias moedas de cobre.» Junto a esta quinta, sepulturas que parecem de construcção anterior ao dominio dos romanos. — Outros achados archeologicos principalmente sepulturas: ao S. da estrada que vae para a *Ponte do Rol*; em uma terra chamada *Moirinha*, junto á *Cruz da Prata*; no *casal de Bussicólos*, da freg. de Runa; na quinta das *Casas Novas*, freg. da Azoeira; no sitio dos *Bolores*; na *Azenha da Palha*, a O. de Runa; e em *Santa Cruz de Ribamar.* — Na ermida de *S. Gião d'Entre as Vinhas* havia em 1847 uma lapida tambem com inscripção romana; e na parede exterior do lado direito da porta principal lapidas com inscripções, uma em latim, outra em portuguez. — Inscripção na porta do hospital do Machial. — Sacristia da egreja da Misericordia; tem uma inscripção em portuguez. Por baixo da capella mór ha tres *carneiros*, com communicação entre si. — Albergarias e respectivas ermidas, em ruinas. — Lapida com inscripção em latim na *Quinta da Bugalheira.* — Outra lapida com inscripção, em portuguez, na *Quinta das Fontainhas.* — Gruta de Santa Maria Magdalena na quinta das Lapas, do sr. conde de Tarouca. — Inscripção em latim sobre a porta da ermida de *Santa Margarida*, junto á quinta d'este nome. — Lapidas com inscripções em latim na casa da Camara, e no chafariz da Praça do Pelourinho. — Pontes. — Portico de architectura gothica no *relego* junto á egreja de S. Thiago, relego que em 1882 era quintal e horta de J. P. de Moura. — Egrejas muito antigas; a de S. Thiago, cuja porta principal é de architectura gothica, tem bonitos azulejos na capella mór, e muitas sepulturas com ornatos e inscripções. A ermida de *S. Gião d'entre as Vinhas* parece que foi templo romano; tem na sacristia uma lapida com inscripção em portuguez. A pedra do remate da porta d'esta ermida pertencia a uma sepultura

romana. Mettidas nas paredes ha outras pedras com inscripções já illegiveis. — Perto da ermida de *Santa Helena* teem apparecido grande numero de sepulturas do tempo dos romanos. — Na capella da S.ma Trindade, da egreja de S. Pedro, está uma urna funeraria, de jaspe, dentro de um arco de architectura gothica; é jazigo de João Lopes Perestrello, companheiro de Vasco da Gama, e de sua mulher Filippa Lourença. — *Descripção historica e economica da villa e termo de Torres Vedras* por Manuel Agostinho Madeira Torres; O aqueducto (*Universo pittoresco*, III, pag. 161; *Arch. Pitt.*, VIII); *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; Ermida de N. Sr.a do Amial em Torres Vedras, artigo do sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa no *Boletim da Real Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.* 1875, pag. 115; *Stories of Torres Vedras* pelo dr. Millingen; *Noticias archeol. de Portug.* pelo dr. Hübner; *Portugal Pittoresco*, IV, pag. 142; *Panorama*, 1840, vol. IV, pag. 329; *Noticias da villa de Torres Vedras* (Ms. da Bibl. pub. de Lisboa A 4, 14 f. 57 s); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 23; Penedo do Guincho (*Occidente*, II, pag. 53); Estabelecimento das Aguas da Fonte Nova (*Occid.* XVIII, 124); *Historia da fundação do Real convento e seminario do Varatojo* com a vida do ... P. Fr. Antonio das Chagas, etc., por Fr. Manuel de Maria Santissima (Porto, 1799-1800); *Compendio historial* ... da casa da Virgem N. Sr.a do Livramento no campo d'Azoeira, freg. de S. Pedro dos Grilhões, termo da villa de Torres Vedras, pelo Padre Matheus Ribeiro (Lisboa, 1682); *Arch. Pitt.*, VIII, 361, 398; *A terra portug.* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 161; *Occid.*, XX, pag. 212; *Portugal* por M. Ferd. Denis; «Guia das aguas mineraes dos Cucos» (1892); *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.a ed., vol. II, pag. 357; III, 618, 623, 636; *Mem. sobre as medalhas e condecor. portug.* por M. B. Lopes Fernandes; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por A. Haupt; Chafariz dos Canos (*Arch Pitt.* VIII, 373); *Rainhas de Portugal* pelo sr. Benevides, t. I, 149, 152, 233; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; Quinta das Lapas (*Diario de Noticias* n.º 13:126, 17-6.º-902.); *Ementas histor.* II. *Gil Vicente*, pelo sr. Brito Rebello (Lisboa, 1902) pag. 89 e seg.; Alm. Palhares de 1904, pag. 161; *Alm. da Folha de Torres Vedras para* 1904.

Trafaria — freg, de Caparica, conc. de Almada. — Dois fortes mandados construir por el-rei D. Pedro II. — *Diario de Noticias*, n.º 10:916 (Capella da Trafaria); *Elem. para a hist. do munic. de Lisboa* pelo sr. Freire de Oliveira, t. x, pag. 569.

Tralhariz — conc. de Carrazeda de Anciães. — Estação romana da Ribeira (*Archeol. Portug.*, v, 193).

Trancosello — freg., conc. de Penalva do Castello. — Vestigios de um mosteiro dos cavalleiros da ordem militar e canonica do Santo Sepulchro (ou de Jerusalem).

Trancoso — villa, freg. de Alvarenga, conc. de Arouca — Ruinas da *Torre do Paço.*

Trancoso — villa e concelho. — Castello, torres e muralhas — Por vezes se teem aqui achado moedas romanas e tumulos abertos em rocha, do tempo dos arabes (?), — Restos de fortificações antigas proximo á aldeia de Moreira de Rei. — A capella mór da egreja de S. Pedro é de excellente architectura. Antiga egreja da *Senhora da Fresta* ou *do Sepulchro*. Inscripção n'uma parede exterior d'esta egreja e outra sobre a verga da porta principal. — Sepultura do *Bandarra.* — *As cidades e villas* por V. Barbosa; Castello — Pelourinho (*Occidente,* vol. v, pag. 147; xviii, 35); *Portugalia* — Materiaes para o est. do povo port., 1.º fasc.; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed. iii, 609, 636; *Novo alm. de lembr. luso-bras.*, 1876, pag. 214; *Occidente,* v, 152, xx, 13; *Archeol. Portug.*, iii, n.ºs 9 a 11, pag. 214; *Indice parlam.* pelo sr. A. de Albuquerque, pag. 100; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *A handbook for travellers in Portugal.*; «Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal» por Luiz A. Rebello da Silva.

Travanca — freg., conc. de Amarante. — Egreja do mosteiro benedictino fund. em 970; é de estylo gothico. Parece que a torre dos sinos pertencia a uma mesquita arabe. — *O Minho Pittoresco,* t. ii, 418.

Travassos — aldeia, freg. de Santa Cruz, conc. de Braga. — Marcos milliarios no sitio chamado *Cantos da Geira*; foram descobertos no sec. xviii; só n'um d'elles se podia ler a inscripção romana.

Treixêdo — villa, conc. de Santa Comba Dão. — Primitiva egreja matriz do tempo dos godos. Inscripções em latim na matriz nova.

Tres Minas — freg., conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — Galerias de minas exploradas em tempos remotissimos. — Sepultura romana, com inscripção quasi illegivel junto da porta travessa da egreja matriz. — Ruinas do *Castello da Ribeirinha.* — No sec. xviii encontraram-se no sitio do *Comardão* tres pedras sepulchraes com inscripções; duas foram logo destruidas e uma serviu para peitoril de uma janella em *Villarelho,* d'esta freg., onde tambem se encontrou no *Chão dos Asnos* (caminho de Villarelho para Tinhella de Cima) um cippo de cantaria lavrada, com uns frisos e uma inscripção.—Vestigios de fortes muros no alto da serra das *Tres Minas* — *Archeol. Portug.*, t. i, n.º 9, pag. 254.

Trevões ou **Trovões** — villa conc. de S. João da Pesqueira. — Por differentes vezes se teem aqui encontrado moedas romanas. «Só no sitio da *Barra* se acharam, em 1761, meio alqueire

d'essas moedas, todas de cobre, e de varios imperadores. » — Pedras com inscripções gothicas; sepulturas cavadas na rocha. — Egreja matriz antiquissima, de architectura gothica. — *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., III, 636.

Trindade — freg., conc. de Villa Flor de Traz os Montes. — Porta principal da magnifica egreja matriz, em fórma de ferradura.

Trofa — villa, conc. de Agueda — Quatro magnificos mausoleos na capella mór da egreja matriz; teem inscripções em portuguez. — *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., 610, 613, vol. III.

Turcifal — freg., conc. de Torres Vedras. — Sepulturas com epitaphios brazonados, na egreja matriz. — Ermida de N. Sr.ª do Soccorro (*Panorama*, vol. III, pag. 76).

Turquel — villa, conc. de Alcobaça. — Pelourinho, que foi alcançado pelo sr. Possidonio da Silva para o Museu do Carmo, em 1869. — Cavernas, a mais notavel das quaes é a *Casa da Moura* no *Cabeço de Turquel.* D'esta caverna já se fez menção em *Albardos.* — Duas grutas, uma denominada *Cova do Cabeço da Ladra*, perto da *Casa da Moura.* e outra do *Algar do Estreito* perto d'aquella. — Explorações feitas em 1881 pelo illustre geologo e anthropologo Carlos Ribeiro. — *O Mosteiro d'Alcobaça* pelo sr. M. Vieira Natividade; *Archeol. Portug.*, 1895, n.º 5. Curiosidades naturaes do reino. Gruta do Cabeço de Turquel (Entre Porto de Mós e Rio Maior) por I. de Vilhena Barbosa (*Commercio do Porto*, Setembro de ?); *Novo alm. de lembr. luso-bras.* 1880, pag. 95, 1882, pag. 91; « Grutas de Alcobaça, Relatorio dos trabalhos de exploração nas diversas estações neolithicas de Alcobaça », pelo sr. M. Vieira Natividade.

Ucanha — Ocanha — Cucanha — e **Burgo de Cucanha** — villa, conc. de Mondim da Beira. — Torre denominada *Castello de Ucanha*: porta e janellas de estylo arabe.

Ul — freg , conc. de Oliveira de Azemeis. — Lapida com inscripção romana, columna e outra pedra, tambem com inscripção encontradas em 1803 nos alicerces da antiga egreja matriz. A lapida está na actual egreja, em cujas proximidades, *aldeia do Crasto*, se tem achado vestigios de uma povoação romana (?) — Mamoas pre-celtas no *Monte das Almas da Moura* ou de *Mamoinhas.* — *Panorama*, 1843, pag. 344; *Quatro dias na serra da Estrella* pelo sr. E. Navarro, pag. 174.

Unhaes da Serra. — V. **Serra da Estrella.**

Unhos — freg., conc. dos Olivaes. — Egreja antiquissima; em uma das suas paredes existiu uma lapida romana com inscripção. — Na ermida de *N. Sr.ª da Nazareth*, da aldeia do Catijal, ha duas inscripções em portuguez.

Urros — freg., conc. de Moncorvo. — Tumulo de *Santo Apollinario*

na sua capella, 5 kilom. ao N. do monte Calábre. — No alto do castello ha uma caverna conhecida pelo nome de *Buraco dos Mouros*; talvez fosse mina explorada pelos romanos. — No seculo passado e no actual, em 1852, acharam se aqui muitas moedas romanas de ouro, prata e cobre, outros objectos de ouro, e uma pia de granito. — Gruta chamada *Fraga do Lapão*. – Uma anta no mais alto da serra da *Machuqueira* ou de *Minde*.

Vaccariça (Veja-se *Mealhada*).

Vade — freg. conc. da Ponte da Barca. — Torre de *Pousada*. — *O Minho Pittoresco*, t I, 377.

Vagos — villa e concelho. — Descobriu-se ha alguns annos uma ponte romana (?) sobre um ribeiro que as areias das dunas entupiram completamente. — Santuario de *N. Sr.ª da Conceição*; restos de uma torre e de uma pequena povoação. — *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim.

Val de Chellas — freg. do Beato, conc. dos Olivaes. — Inscripção romana em uma quinta que foi do licenciado Antonio Coelho Gasco.

Val de Tójos — freg. de Santa Cruz, conc. de Terras de Bouro. — Marco milliario da estrada da Geira, com inscripção. Outros marcos foram destruidos.

Val de Janeiro — freg., conc. de Vinhaes. — Egreja matriz semelhante á da *Flor da Rosa*, de fórma acastellada.

Val de Mugem — ribeira ao S. do Tejo, freg. da villa de Mugem. — Descoberta, no *Cabeço d'Arruda*, de 16 esqueletos (em 1864); importante achado para o estudo da anthropologia, que a principio se julgou viria resolver o problema do *homem* terciario. — V. **Mugem**.

Val de Nogueiras — freg., conc. de Villa Real. — Tem-se encontrado pedaços de columnas, capiteis, frizos de jaspe, telhões, ladrilhos, etc., de muita antiguidade. — Na residencia parochial tres pedras de marmore, cada uma com sua palavra latina. — Templos (*fanos*) em varios rochedos de um monte proximo á egreja matriz. — *Memorias do arcebispado de Braga* por D. Jeronymo Contador d'Argote, t. I, liv. 2.º cap. 7.º, pag. 325 a 350.

Val de Perdizes — logar, termo da praça de Chaves. — No monte dos *Remezeiros* ha um penedo com inscripção romana.

Val de Pereiro — freg. de Mascarenhas, conc. de Mirandella. — Templo de *N. Sr.ª do Viso* acastellado como o da *Flor da Rosa*, com fortes muralhas, botareus e barbacans.

Val de Pizão — grande montanha junto á villa d'Arganil. — Galerias a que o povo dá o nome de *Furados*.

(Continua)

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX — 4.ª SÉRIE — N.º 12

LISBOA

Typ. Lallemant

R. Antonio Maria Cardoso,

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 30 de Dezembro de 1903.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, tendo por secretarios Rocha Dias e o sr. Mena Junior.

Compareceram os seguintes socios: srs. João Verissimo Mendes Guerreiro, Visconde da Torre da Murta, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Manuel Joaquim de Campos, Victor Ribeiro, J. Rodrigues Fernandes, Adães Bermudes e Soares O'Sulivand.

Foi lida e approvada sem reclamação a acta da sessão de 5 de Novembro.

Na leitura da correspondencia teve o primeiro logar um officio do sr. D. Vasco da Camara, remettendo, por ordem de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia, um exemplar da obra « O Paço de Cintra », offerecido á bibliotheca d'esta Associação.

O sr. Victor Ribeiro leu e mandou para a mesa as seguintes propostas, que foram approvadas por acclamação :

« Considerando que o livro *O Paço de Cintra* graciosamente offerecido á Bibliotheca d'esta Associação por S. M. a Rainha constitue uma publicação do mais alto valor, na qual, a par da investigação aturada, da documentação preciosa para a historia da arte portugueza, e ainda de uma aprimorada fórma litteraria, digna dos creditos do seu auctor, se recommenda a fina e interessante collaboração artistica de S. M. a Rainha ;

«Não podendo esta Associação deixar de manifestar gostosamente o subido apreço em que tomou o recebimento d'este livro, não só pelo que representa a honra e amabilissima offerta do exemplar que S. M. se dignou enviar-lhe, mas tambem pelo interesse, que, pela indole especial do seu instituto, lhe merecem sempre estudos e publicações d'esta ordem, que constituem inestimaveis serviços prestados ás sciencias historica e archeologica da Patria Portugueza:

«Temos a honra de apresentar as seguintes propostas:

«1.ª — Que na acta da sessão de hoje se lance um voto de agradecimento pela offerta do livro *O Paço de Cintra* e de respeitosa congratulação e louvor a S. M. a Rainha, pelo dedicado affecto que mais uma vez demonstrou conceder a estes assumptos artisticos e archeologicos, e pelo requintado gosto artistico que S. M. manifestou na iniciativa, direcção e collaboração de uma obra tão util como interessante, sob o triplice ponto de vista artistico, historico e archeologico.

«2.ª — Tendo em attenção os considerandos acima expostos, e os já provados merecimentos do elegante e primoroso homem de lettras sr. Conde de Sabugosa, como prova do apreço em que esta Associação tem o serviço que elle acaba de prestar á Archeologia portugueza, propomos a sua admissão como socio effectivo na Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1903.

(a a) *Augusto José da Cunha*
João Verissimo Mendes Guerreiro
Visconde da Torre da Murta
Antonio Cesar Mena Junior
J. Rodrigues Fernandes
Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos
Manuel Joaquim de Campos
Eduardo Augusto da Rocha Dias
Victor Maximiano Ribeiro
Visconde de Castilho.»

O sr. Visconde da Torre da Murta disse que, na sua qualidade de conservador da Bibliotheca, a quem o officio de remessa da mencionada publicação fôra dirigido, expressára já o seu agradecimento em nome da Associação.

Monsenhor François Bulic, director do Museu Archeologico de Spalato e das excavações de Salona, enviou agradecimento da sua eleição para socio honorario.

O distincto estatuario sr. Antonio Teixeira Lopes agradeceu tambem a manifestação de apreço que a nossa Associação lhe endereçou por occasião de ser inaugurada a sua admiravel producção artistica, o monumento a Eça de Queiroz.

Dos socios srs. Conselheiro Monsenhor Conego Pereira Botto, Ernesto da Silva e general Bom de Sousa, receberam-se communicações justificativas da sua falta de comparencia.

Leu-se um officio de Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, offerecendo para o nosso Museu um brazão do arruinado palacio do Cova, a Santa Clara, e enviando por deposito duas lapidas com inscripções em portuguez, relativas ao extincto hospicio do clero.

Foi approvada uma proposta dos srs. engenheiro Mendes Guerreiro, Camara Manuel e Mena Junior para ser admittido a socio effectivo o sr. conselheiro Casimiro d'Ascensão Sousa Menezes, inspector de obras publicas, vogal do Conselho Superior de Obras Publicas e Minas.

Rocha Dias propoz que se consignassem na acta dois votos de sentimento: um, pela morte da esposa do illustre socio effectivo sr. commendador Guilherme João Carlos Henriques; outro, pela do benemerito cidadão João José de Sousa Telles, iniciador do Mealheiro das viuvas e orphãos dos operarios que morrerem de desastre no trabalho, e geralmente estimado pelas suas distinctas qualidades de caracter e pelos seus primores de elocução na apologia dos mais salutares principios de ordem social.

A assembléa approvou unanimemente estas propostas.

Como relator, o sr. Visconde da Torre da Murta procedeu á leitura do relatorio dos actos do Conselho Facultativo durante o anno proximo a findar.

Depois d'esta leitura, attentamente ouvida, o sr. presidente dirigiu ao sr. Visconde agradecimentos e felicitações pelo bello trabalho de s. ex.ª, propondo se imprimisse no *Boletim*. Esta proposta foi acolhida com applauso unanime.

O sr. Adães Bermudes, justificando a sua falta de comparencia nos ultimos annos e promettendo ser assiduo ás seguintes sessões, julga que será necessario escolher o delegado ou delegados da nossa Associação ao congresso de architectura que ha de celebrar-se em Madrid, desde 6 a 13 de abril proximo.

Approvou-se esta indicação, sendo eleito nosso delegado ao referido congresso o sr. vice-presidente Rosendo Garcia de Araujo Carvalheira, que tambem n'elle tomará parte em desempenho de uma commissão official do governo.

O sr. Victor Ribeiro lembra a conveniencia de estabelecer estreitas ligações com institutos similares ao nosso; chama a attenção para os importantes trabalhos archeologicos que se estão levando a effeito na India Portugueza, sob a iniciativa louvavel do governador de Diu, o official da armada sr. Herculano de Moura. Lembra que foi alli reconstituida a commissão archeologica de Gôa, da qual faz parte o investigador sr. Ismael Gracias, auctor de um livro recente ácerca do bispo de Halicarnasso, D. Antonio de Noronha; e que em Diu se organisou um Museu Archeologico, promettendo-se para breve uma revista de archeologia, *O Oriente Portuguez*. Propõe que se officie ao illustre Governador de Diu e ao sr. Ismael Gracias, communicando-lhes as nossas congratulações pelos relevantes serviços que estão prestando á archeologia patria, solicitando a remessa de todas e quaesquer publicações officiaes e não officiaes, sobre o assumpto, jornaes, noticias do Museu, e em especial da alludida revista, por troca com o *Boletim* da nossa Associação.

Continuando, o sr. Victor Ribeiro lê uma noticia de Serpa, que annuncia a organisação de um museu ethnographico n'aquella villa, consagrado á memoria do Conde de Ficalho, pelo sr. Guilherme da Costa Caldas.

Propõe que identicamente se officie a este senhor, communicando-lhe votos de congratulação e louvor e pedindo-lhe a remessa de qualquer noticia ou communicação relativa ao futuro Museu. Em seguida lê a noticia, que a Associação deve interessar,

de que se pensa em erigir na Mina de S. Domingos um monumento á memoria do nosso fallecido consocio Visconde de Mason de S. Domingos, cuja influencia na industria mineira do paiz é sobejamente conhecida.

Foram approvadas sem discussão as precedentes propostas.

O sr. Adães Bermudes disse que, tendo o socio correspondente sr. José d'Almeida e Silva, feito uma série de publicações interessantissimas ácerca de monumentos de Vizeu, que muito concorrem para a sua boa conservação e apreço, nomeadamente o relatorio sobre a *Cava de Viriato*, desejava que esta Associação expressasse a sua consideração por aquelle devotado archeologo, concedendo-lhe um voto de louvor.

Assim se resolveu.

O sr. Victor Ribeiro dá noticia de alguns documentos que encontrou na Agualva, na ermida de Nossa Senhora da Consolação, relativos á pittoresca e interessante feira que alli se effectua em maio, nos dias 1 a 3, feira que data de tempos remotos. Nos documentos que lê, de 1726, 1768 e 1787, alludindo a outros de 1644, se apura que a ermida é anterior a esta ultima data; que tinha hospital, albergueiro e casa de romagem.

N'um dos documentos fixam-se os preços por que os feirantes pagavam os logares no terrado da feira, o que constituia rendimento da capella, e n'outro se verifica serem da fabrica real do Rato os bellos azulejos que a revestem, feitos em 1787 por 167$827 réis.

A assembléa prestou toda a attenção a estas informações, e agradeceu-as.

Eram 10 e meia horas da noite quando foi encerrada a sessão.

O Secretario

Eduardo A. Rocha Dias

RELATORIO DA GERENCIA

DO

CONSELHO FACULTATIVO EM 1903

Senhores:

Ao terminar a sua honrosa missão, cumpre ao Conselho Facultativo submetter á apreciação illustrada da Assembléa Geral os actos da sua gerencia durante o corrente anno, esperando merecer a approvação das suas resoluções, que foram sempre inspiradas no dever, na justiça e no legitimo interesse d'esta Associação.

A escassez dos assumptos que se offereceram á deliberação não permittiu desenvolver toda a actividade, cuidado e zelo que se propunha para elevar a maior auge o brilho d'esta sociedade; sem embargo esperamos não ter desmerecido das nobres tradições que herdamos, com ufania o dizemos, dos seus benemeritos fundadores.

Com o maximo prazer registamos, em primeiro logar, um facto que summamente honra esta Associação.

Em officio datado de 4 do corrente mez, dirigido ao Conservador da Bibliotheca d'esta Sociedade pelo Senhor D. Vasco da Camara, Veador de Sua Magestade a Rainha, participava S. Ex.ª que a mesma Augusta Senhora ordenava fosse entregue com destino á Bibliotheca d'esta Sociedade um exemplar da obra intitulada «O Paço de Cintra».

Tão gentil e amavel lembrança da excelsa Rainha foi gratissima a esta corporação, que tem no devido apreço tão elevada distincção, que ficará gravada nos nossos annaes com indelevel reconhecimento.

O nosso socio, Conservador da Bibliotheca, agradeceu respeitosamente, em nome da Associação, tão apreciavel demonstração de benevolencia da parte de Sua Magestade, que se dignou abrilhantar a nossa Bibliotheca com uma obra enriquecida e profusamente illustrada com primorosos desenhos magistralmente executados por Sua Magestade!

A parte descriptiva da mencionada obra é devida ao Sr. Conde de Sabugosa, que confirma os seus creditos litterarios, os seus profundos conhecimentos historicos e archeologicos, evidenciando uma investigação rigorosa e um estudo consciencioso!

No grande e sagrado livro da Caridade, têm as Rainhas de Portugal larga e brilhante pagina, e n'ella está inscripto em lettras d'oiro o nome Augusto de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia!

Soccorrer infelizes; adoçar amarguras; consolar afflictos; conjurar infortunios, tem merecido sempre a Sua Magestade particular solicitude, derramando larga e generosamente os beneficios da sua inexhaurivel e exemplar caridade.

A obra «O Paço de Cintra» vem confirmar, mais uma vez, quanto Sua Magestade se interessa por aquelles que estão sob a egide do Seu Regio Manto!

A idéa que presidiu á elaboração e publicação d'aquella obra, foi uma idéa santa, inspirada pelo sentimento augusto da Caridade! Foi para que o producto da sua venda revertesse em beneficio do cofre de soccorros aos infelizes tuberculosos!

E' este o sello que sempre remata as obras de Sua Magestade a Rainha!

Foram interrompidas as obras a que se estava procedendo n'este edificio, antigo templo de Nossa Senhora do Vencimento, por se ter exgotado a verba destinada a esse fim pelo Ministerio das Obras Publicas.

Mereceu ao Conselho especial solicitude promover a approvação do orçamento supplementar para a continuação dos reparos necessarios e urgentes, a fim de evitar o progresso do deterioramento das abobadas das capellas pela infiltração das aguas pluviaes, que os terraços continuam a não vedar, como antes de alli se terem effectuado as ultimas reparações.

Dignou-se o nosso Presidente, sempre solicito e desvelado em promover os interesses da Associação, encarregar-se de obter do Senhor Ministro das Obras Publicas, fosse attendida a nossa justa pretenção; encontrando da parte de S. Ex.ª a melhor disposição e boa vontade em satisfazer os desejos da Associação, logo que isso seja possivel.

Pela magestade da sua primitiva architectura, pela imponencia das suas ruinas e pelas gloriosas tradicções que estão ligadas a este historico edificio, e que tão legitimamente lisongeiam o orgulho nacional, bem merece que os poderes publicos curem da sua conservação com o zelo e interesse que é devido aos monumentos das glorias nacionaes.

O Instituto dos Architectos Americanos de Washington enviou a esta Associação um questionario sobre a forma por que são encarregados os architectos da construcção dos edificios publicos em Portugal, seus vencimentos, e outros quesitos ácerca da organisação dos serviços d'architectura.

Foi enviado á Secção d'Architectura, a que dignamente preside o sr. Mendes Guerreiro, que, com a sua reconhecida proficiencia redigiu, com plena approvação dos membros da secção, a resposta aos artigos do questionario, dando prompta e cabalmente os esclarecimentos precisos para a sua perfeita elucidação.

Continua a publicação do nosso Boletim confiada á illustre e auctorisada commissão que o tem dirigido nos annos anteriores. Foram distribuidos este anno o numero 7 inclusive, da 1.ª

série, até ao numero 10 da mesma série, não só pelos socios que a elles têm direito como por varias associações scientificas, nacionaes e extrangeiras, bibliothecas publicas, camaras municipaes, gremios e redacções da imprensa periodica, sem distincção de côr politica.

Por proposta do nosso consocio o sr. Gabriel Pereira, unanimemente approvada pelo Conselho em sessão de 12 de Novembro proximo passado, foi resolvido offerecer a Suas Magestades El-Rei e a Rainha, e a Sua Alteza o Principe Real, os numeros publicados do nono volume do nosso Boletim.

Foram esses numeros remettidos aos respectivos dignitarios de serviço, em 13 do referido mez de Novembro, acompanhados de officios em que se lhes rogava a fineza de os apresentar a Suas Magestades e Alteza e de supplicar-lhes a graça de se dignarem aceital-os, assim como as homenagens de respeitoso acatamento do Conselho.

Suas Magestades e Sua Alteza mandaram agradecer ao Conselho.

Não foi o Conselho prevenido de se acharem concluidos os elogios historicos, nem os retratos dos Srs. Conde de S. Januario e Valentim José Corrêa, presidente, e vice-presidente que foram d'esta Associação; por isso não designou os dias para as sessões solemnes em que deve ter logar a leitura d'esses elogios e a inauguração dos respectivos retratos d'aquelles nossos consocios de boa e saudosa memoria.

Sobre o desenvolvimento da Bibliotheca, acquisição d'obras e os mais esclarecimentos devidos a este respeito, serão apresentados e submettidos á apreciação da Assembléa pelo Conservador, quando der conta da sua gerencia durante o presente anno, como lhe cumpre e determina o artigo 33 do capitulo 8.° dos nossos Estatutos.

Teve o Conselho escrupuloso cuidado em não exagerar as despezas a que teve de proceder, restringindo-se ás mais necessarias e

indispensaveis, a fim de conservar um saldo de reserva que permitta satisfazer a qualquer despeza eventual sem sacrificio para a Associação.

O nosso digno e zeloso Thesoureiro dará, com a apresentação das suas contas, conhecimento das receitas e despezas que o Conselho auctorisou e do saldo existente em cofre, a que se pedem juntar os valores seguintes:

Deduzindo das publicações que temos á venda na séde d'esta Associação, um exemplar do tomo 7.º e outro do tomo 8.º do nosso Boletim, enviados ao socio honorario Monsenhor Bulic, em troca do «Boletim de Archeologia e Historia da Dalmacia» do anno de 1902 e os numeros seguintes, assim como treze catalogos do Museu e nove folhetos intitulados «O Museu do Carmo», vendidos no corrente anno, ficam existindo 977 exemplares de diversas publicações no valor de 477$650 rs. a que devemos accrescentar 64$000 de oitenta exemplares do primeiro tomo da separata das «Noticias Archeologicas» publicadas no Boletim d'esta Sociedade pelo Sr. Rocha Dias, e a que se estabeleceu o preço de 800 rs. por exemplar, e mais 16$000 rs. valor total de oitenta exemplares da primeira addenda ás «Noticias Archeologicas» tambem publicada e mandada imprimir a expensas suas pelo mesmo sr. Rocha Dias, que muito amavelmente e com singular desinteresse os offereceu á nossa Associação para complemento do primeiro tomo da dita separata.

A's verbas indicadas temos a addicionar 85$500 rs. valor de dezenove distinctivos da Associação, do preço de 4$500 rs. cada um; montando tudo á quantia de 643$150 rs. como detalhadamente se verifica no mappa junto n.º 1.

Tambem existem em deposito, nos nossos archivos, 711 elogios historicos de socios fallecidos, afóra varios impressos interessantes, em numero de 203, resto de publicações destinadas a serem distribuidas pelos socios que teem direito a ellas. O mappa n.º 2 indica as materias que tratam e o nome dos seus auctores.

Os melhoramentos que se realisaram n'este edificio, graças ao nosso presidente, o sr. Conselheiro Augusto José da Cunha,

quando occupou o elevado cargo de Ministro das Obras Publicas, a melhor e mais adequada disposição que se vae dando aos objectos que constituem o nosso Museu, têm continuado a attrahir visitantes ás nossas collecções, montando o numero de bilhetes vendidos desde 1 de Janeiro do corrente anno até 25 do presente mez, a 2981, sendo 126 de familia, do preço de 200 rs., e os restantes a 100 rs., o que dá a somma de 310$700 rs.

Confiamos que a concorrencia augmente no futuro, principalmente em se estabelecendo na sala Affonso Domingues a exposição de materiaes de construcção, o que facilmente se levará a effeito em se podendo remover os objectos que alli estão em arrecadação, e quando seja possivel publicar um novo catalogo em harmonia com a nova disposição dos objectos expostos e com as indicações necessarias para perfeita intelligencia dos visitantes.

O digno e competente primeiro Conservador do nosso Museu não tem descurado este assumpto, e tem tratado de colligir elementos importantes para a formação d'esse catalogo, elementos que vae reunindo com a dedicação e proficiencia que todos lhe reconhecem.

Logo que ao Conselho constou que o nosso prezado socio o Senhor Mendes Guerreiro tinha o proposito de fazer uma conferencia na séde d'esta Associação sobre a archeologia christã na Dalmacia, antiga Illyria, solicitou do nosso Presidente se dignasse convocar uma reunião de assembléa geral, especialmente destinada a esse fim.

Com assentimento do illustre conferente foi convidada a assembléa a reunir em a noite de 5 de novembro ultimo.

Tiveram os numerosos socios presentes o prazer de ouvir a voz auctorisada do sr. Mendes Guerreiro, que, em estylo levantado, fez uma brilhante exposição de factos curiosos, instructivos e cheios de interesse, por elle observados e estudados durante a sua viagem atravez da Austria.

Foi fluente o nosso consocio, na sua narrativa, demonstrando, mais uma vez, os seus profundos conhecimentos, não só em archeologia, como em variados ramos do saber humano!

Incidentemente fez-nos assistir aos admiraveis esplendores das paisagens que o surprehenderam no decurso da sua interessante viagem, e que se gravaram por forma tão indelevel na sua memoria que nos descreveu os seus encantos com todo o colorido, arte e sentimento de quem sabe comprehender e apreciar os grandes espectaculos da natureza!

Foi muito applaudida aquella apreciavel conferencia, tão propria e adequada a esta Associação, que conserva a mais grata lembrança d'essa notavel prelecção. Oxalá o exemplo seja seguido por outros membros d'esta Sociedade, onde não faltam competencias.

Foi a nossa Associação convidada a assistir á inauguração e entrega á Camara Municipal de Lisboa, do monumento erigido á memoria de Eça de Queiroz pela commissão d'essa commemoração ao apreciado escriptor.

Embora o convite não fosse directamente á mesa, preveniu o Conselho os nossos consocios da amavel lembrança da Commissão, sendo por isso esta Sociedade representada n'aquella ceremonia solemne, grave e fina, como finos são os sentimentos que levaram os illustres membros d'aquella Commissão a dar esse publico testemunho de quanto a communhão das lettras estreita os vinculos da amisade, tão significativamente accentuada por essa commemoração!

Tambem significa esse monumento um padrão de gloria para o distincto esculptor o sr. Teixeira Lopes, cujo delicado cinzel deu vida e inspiração ao marmore que bem traduz a elevação d'alma do artista ao conceber a sua obra, tão simples, tão elegante, tão primorosa!

Justa, espontanea, verdadeiramente ruidosa, e para nós grata, foi a manifestação de agrado e apreço que o publico fez ao irmão do nosso consocio o sr. José Teixeira Lopes, ao desvelar-se aquelle monumento!

Faz votos o Conselho para que a ignorancia não pratique algum vandalismo que deteriore esse padrão, que se acha confiado á guarda do publico; esperando será respeitada a idéa que presidiu á sua fundação, a perfeição do seu acabamento, e até

o acatamento devido ao nome do local onde foi erigido, que recorda uma familia illustre, prestante, patriotica, protectora desvelada das artes, e os importantissimos serviços prestados á causa da liberdade por um benemerito cidadão representante d'essa familia: o Conde do Farrobo, que para conjurar uma crise angustiosa e desesperada, em que aquella justa causa esteve prestes a sossobrar, como é notorio, poz toda a sua fortuna á disposição de Sua Magestade o Senhor D. Pedro IV com a mais fidalga bizarria!

No decorrer do presente anno foram admittidos sete socios: dois effectivos; tres correspondentes, e dois honorarios extrangeiros. Com pesar do Conselho, despediu-se um effectivo que sempre mereceu a estima e consideração d'esta Sociedade.

Foram offerecidos para o nosso museu os seguintes objectos:

Pelo sr. Rocha Dias, uma medalha de cobre, commemorativa da proclamação do dogma da Immaculada Conceição, e uma machineta.

Pelo Director Geral da Marinha, o sr. Rio de Carvalho, um capitel de marmore, encontrado n'umas dragagens junto ao arsenal da marinha.

Pelo sr. Francisco Martins, um curioso brazão d'armas.

Por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, um brazão d'armas que pertenceu ao palacio denominado do Cova, hoje em ruinas. O mesmo Monsenhor depositou no museu d'esta Associação, em nome da Irmandade dos Clerigos Pobres, duas lapides que estavam collocadas junto da porta da egreja do extincto convento de Santa Martha e hospicio do clero d'esta capital. Uma referente á posse que a mencionada Irmandade tomou d'aquelle edificio, em virtude da carta regia datada de 13 de Janeiro de 1889.

A outra refere se á transferencia da mencionada Irmandade para o dito edificio, abertura do asylo, hospital e hospedaria do clero, em 12 de Janeiro de 1890.

Tambem foram offerecidos á nossa Associação, pelo sr. Luciano Lallemant, trezentos retratos do nosso saudoso Presidente o Senhor Possidonio da Silva, destinados a serem opportunamente publicados no nosso Boletim.

E pelo sr. Cesar da Silva, digno professor da Casa Pia, tres nitidas photographias — duas do monumento da Rainha a Senhora D. Maria I e uma do tumulo do Senhor D. Fernando I, reproducção de objectos existentes no nosso museu.

A todos os offerentes foram votados os devidos agradecimentos pela sua amabilidade e manifestados os sentimentos de reconhecimento da Real Associação.

Tres coisas as occasiões fazem bem conhecer: o valor no perigo; a prudencia na colera; os amigos na adversidade!

Um triste e lamentavel successo deu occasião a esta Associação de evidenciar ao seu digno Secretario, o sr. Eduardo Augusto da Rocha Dias, a consideração e apreço, que a nobresa dos seus sentimentos, os elevados dotes de coração, e a sua inquebrantavel dedicação a esta Sociedade, sempre mereceram a esta Corporação, e individualmente a cada um de seus membros, que tem pelo nosso prezado consocio o mais sincero affecto e merecida estima; quanto foi sensivel a esta Associação o golpe doloroso e fundo que o feriu por occasião do fallecimento da sua estremosa Esposa, ao cabo de longa e cruel enfermidade que a arrebatou á felicidade para a lançar na dor, e da dor á morte, que encarou com a resignação edificante que dá a virtude e a serenidade d'uma consciencia immaculada!

Tanto no funeral d'aquella virtuosa Senhora como na missa, em suffragio da sua alma, mandada celebrar no trigesimo dia do seu passamento, pelo Senhor Rocha Dias na egreja de Santa Izabel, foi o Conselho representado pela maioria dos seus membros, associando-se muitos dos nossos consocios a essa demonstração de respeito pelo memoria da Esposa do nosso Secretario e de deferencia e condolencia para com S. Ex.ª a quem foi communicado o voto de profundo sentimento que o Conselho exarou na acta da

primeira sessão que celebrou depois d'aquelle infausto acontecimento.

A pratica rigorosa do dever é uma condição indispensavel d'uma associação; por isso, antes de terminar, prestamos aqui respeitoso preito e testemunho de saudade á memoria dos nossos socios fallecidos durante o corrente anno.

Infelizmente temos a registar o obito dos senhores:

Visconde de Mason de São Domingos, que durante muitos annos foi nosso socio effectivo e dedicado, embora as suas muitas e variadas occupações não lhe permittissem tomar parte nos nossos trabalhos.

Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, socio effectivo da Academia Real das Sciencias e d'esta Sociedade, a que deu brilho com incontestaveis testemunhos da sua illustração manifestada em commissões de que foi encarregado; tendo feito parte da eleita em 30 de Outubro de 1880, para se occupar da classificação dos edificios monumentaes do reino, presidida pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro, e de que foi relator o erudito academico Ignacio de Vilhena Barbosa, que dois mezes depois, a 30 de Dezembro do mesmo anno, deu conta e submetteu á approvação da Assembléa os importantes trabalhos da commissão, realisados n'esse curto prazo para promptamente satisfazer a tão arduo como honroso encargo, commettido pelo governo á nossa Associação.

Tambem provam a assiduidade ao estudo e illustração do nosso finado consocio, as suas importantes publicações. Entre outras salienta-se a «Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal», a mais completa obra, até hoje publicada, sobre numismatica portugueza, que mereceu ser laureada com a medalha d'esta Associação em sessão de 11 de Março de 1876.

A «Descripção das moedas romanas existentes no gabinete numismatico da Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I,» publicada em 1870, é outra obra de merito que encerra importantes noções de numismatica, e um auxilio valioso para a classificação de moedas romanas.

No seu interessante relatorio, apresentado ao Ministro do Reino em 1 de Novembro de 1868, sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira, no mesmo anno, e de que fora encarregado de estudar os vestigios, deu provas de solidos conhecimentos em variados ramos d'archeologia!

Finalmente todas as suas publicações demonstram que tinha sobeja aptidão e competencia para se desempenhar de qualquer encargo que lhe fosse commettido por esta Associação que perdeu n'elle um valioso cooperador.

José Joaquim da Silva Pereira Caldas, fallecido em Braga a 19 de Setembro proximo passado, na provecta edade de oitenta e cinco annos.

Cursou com distincção a Universidade de Coimbra, formando-se nas faculdades de mathematica, philosophia e medicina.

Foi critico, historiador, naturalista, publicista, poeta e archeologo.

Em attenção aos seus meritos scientificos foi nomeado socio correspondente d'esta Associação que deu sempre especial apreço aos seus estudos archeologicos.

Tambem era socio correspondente da Academia Real das Sciencias, da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, da Sociedade de Geographia de Lisboa, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, do Instituto de Coimbra, da Associação Industrial do Porto, da Sociedade Anthropologica de Madrid, do Instituto Archeologico de Roma, do Gabinete Litterario do Rio de Janeiro e da Sociedade Pharmaceutica da mesma cidade. Membro do Congresso dos Orientalistas de Londres; do Congresso dos Americanistas de Luxemburgo. Socio honorario da Sociedade Martins Sarmento. Membro da Commissão dos Monumentos Nacionaes e antigo socio correspondente da extincta Academia de Sciencias e Lettras.

Era um espirito lucido, intelligente e dotado de memoria prodigiosa que os annos não enfraqueceram, e que se revelava na sua conversação sempre interessante e instructiva.

O nosso socio correspondente o sr. Albano Bellino teve o cuidado de prevenir telegraphicamente a Mesa de que havia fallecido o sr. Pereira Caldas; porém, quando chegou ao conhecimento do Conselho esta triste noticia, já não tinha logar a nomeação

de representante da Associação para assistir ao seu funeral, por se ter realisado.

O Conselho agradeceu ao sr. Albano Bellino o favor da sua communicação.

Pedro Belchior da Cruz, fallecido na Figueira da Foz. Serviu de Conservador do museu d'aquella cidade e collaborou com merecimento na notavel obra «Portugalia», demonstrando nos seus trabalhos que muito tinha esta Sociedade a esperar da sua competencia, se a morte o não arrebatasse pouco depois de pertencer a esta Associação.

Joaquim José da Nova, nosso socio benemerito e muito dedicado a esta Sociedade, fallecido na Povoa de Varzim.

Apostolo sincero dos principios scientificos, empenhado na sua diffusão; admirador dos nossos monumentos historicos e artisticos, provou, por mais de uma vez, com donativos pecuniarios offerecidos a esta Associação, o fervor do seu zelo pelo progresso d'uma Sociedade que lhe era sympathica pela sua missão civilisadora, e pelo esforço empregado em dar-lhe cumprimento; quiz mais uma vez provar a firmeza e seriedade das suas crenças nos serviços que esta collectividade tem a prestar no vasto ambito da sua exploração, legando-lhe em seu testamento a quantia de duzentos mil réis; legado que seus herdeiros promptamente entregaram á nossa Associação, e que tem um alto valor moral, como prova de que aquelle nosso consocio envolveu nos seus ultimos pensamentos esta Sociedade n'um sentimento d'affecto e de interesse pela sua prosperidade.

Deliberou-se inaugurar o retrato do nosso consocio na galeria da Associação por occasião da leitura do seu elogio historico em sessão especial.

Bem merece a memoria d'estes nossos consocios as demonstrações de respeito, saudade e reconhecimento manifestadas por esta Real Associação.

Termina o Conselho o seu singelo relatorio, cumprindo o grato dever de agradecer, muito penhorado, as honrosas referencias que a Imprensa tem feito a esta Associação; o interesse que lhe tem merecido os seus trabalhos, procurando assiduamente

informar-se das resoluções tomadas pelas Assembléas Geraes e publicando o extracto das suas sessões.

Espera o Conselho que continuaremos a merecer este favor, bem como o de nos enviarem os seus jornaes em troca do nosso Boletim, como varias administrações têem feito, com muito reconhecimento da nossa parte.

Sala das sessões da Real Associação em 30 de Dezembro de 1903.

Augusto José da Cunha
João Verissimo Mendes Guerreiro
Gabriel Pereira
Caetano Xavier de Almeida da Camara Manuel
Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto
Ernesto da Silva
Francisco Carlos Parente
Antonio Cesar Mena Junior
Victor Maximiano Ribeiro
Manoel Joaquim de Campos
José Joaquim d'Ascensão Valdez
Jesuino Arthur Ganhado
Eduardo A. da Rocha Dias — Secretario
Visconde da Torre da Murta — Relator

Designação de varios impressos existentes nos archivos da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 31 de Dezembro de 1903, e destinados a serem distribuidos pelos socios que a elles tiverem direito

Designação das publicações	Nomes dos auctores	Numero de exemplares
Elogio Historico de S. M. o Sr. D. Pedro II	Sr. Dr. Alfredo da Cunha	112
» » do Sr. Possidonio da Silva	Sr. Julio de Castilho (Visconde de Castilho)	171
» » do Sr. José Silvestre Ribeiro	Sr. Rocha Dias	150
» » dos tres architectos portuguezes edificadores do convento do Carmo, Affonso Annes, Gonçalo Annes e Rodrigo Annes	Sr. Cavalleiro e Sousa	67
Elogio Historico dos Srs. Joaquim da Cunha Lima Junior e Manuel José Carneiro, professores da Academia de Bellas-Artes do Porto	Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos	21
Elogio Historico do architecto civil José da Costa Sequeira	Sr. Possidonio da Silva	5
Resumo historico da vida de Francisco de Hollanda	Sr. Abbade de Castro	61
Apontamentos para o Elogio Historico do Ill.^mo Ex.^mo Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa	Sr. Julio de Castilho	118
Elogio Historico do Conde João Gozzadini	Sr. Gabriel Pereira	6
Biographia do Sr. Possidonio da Silva	Sr. Costa Goodolphim	27
Memoria Historica da fundação e progressos, da R. A. dos Architectos e Archeologos Portuguezes		20
Relatorio da Real Associação apresentado em sessão solemne de 20 de Setembro de 1885	Sr. Possidonio da Silva	82
Relatorio da Real Associação apresentado em sessão solemne de 18 de Novembro de 1888	»	49
Relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados Monumentos Nacionaes apresentados ao Governo pela Real Associação em conformidade da portaria do Ministerio das Obras Publicas de 24 de Outubro de 1880	Relator o Sr. Vilhena Barbosa	26

Mappa demonstrativo das publicações e insignias da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes que se acham á venda no Museu do Carmo, em 31 de Dezembro de 1903

Designação das publicações	Nomes dos auctores	Numero de exemplares	Preço de cada exemplar	Importe total	Observações
Boletim, tomo 7.º, 3.ª serie	Associação	77	1$800	138$600	O tomo 9.º está a terminar a sua publicação.
» » 8.º » serie	»	88	2$700	237$600	
Monumentos de Chellas	Sr. Valdez	72	100	7$200	
Museu Archeologico do Carmo	Sr. G. Pereira	335	100	33$500	
Noticias archeologicas (1.º tomo)	Sr. Rocha Dias	80	800	64$000	
Addenda ás mesmas noticias (1.º tomo)	»	80	200	16$000	Offerta do auctor á Associação.
Catalogos do Museu	Associação	405	150	60$750	
Insignias da Sociedade		19	4$500	85$500	
				643$150	

RUINAS DO CARMO

Associação dos Architectos Civis Portuguezes

EXCERPTOS DAS ACTAS DAS SESSÕES DE ASSEMBLÉA GERAL

---

26 de Fevereiro de 1864 — «O sr. Presidente (Possidonio da Silva) apresentou mais duas propostas por escripto, que foram plenamente approvadas, sendo a primeira para que a Associação solicite do governo a entrega das ruinas da antiga egreja do Carmo de Lisboa para se mandarem recolher os fragmentos architectonicos que forem dignos de conservação, formando-se uma collecção dos que existirem na capital e seu termo, e reservando-se para mais tarde fazer-se o mesmo com os outros restos que se encontrarem nas provincias em estado de abandono, dando-se assim começo a um museu de antiguidades pertencentes á architectura.»

12 de Julho de 1864 — «O Ill.mo Sr. Presidente participou que tendo tido occasião de fallar com o Ex.mo Ministro do Reino, este lhe participára que passava a assignar a Portaria concedendo á Sociedade a posse das ruinas do antigo edificio do Carmo, para o destino que se lhe pretende dar.»

21 de Julho de 1864 — «O sr. Presidente (Possidonio da Silva) participou que em companhia do Administrador do Bairro Alto tinha tomado posse da parte das ruinas do edificio do Carmo comprehendendo as tres naves desde a porta principal até ao cruzeiro e convidou o secretario para ler a copia da Portaria do

Ministerio do Reino, transcripta no auto de posse pela qual Sua Magestade foi servido conceder á Associação a sobredita parte, declarando os motivos por que a capella-mór e as outras partes restantes ficam ainda pertencendo ao corpo da guarda municipal, etc. Fez saber mais o dito senhor que precisando ser dividida a porção que nos fica pertencendo, por meio de um tapume de madeira e não tendo a Associação os meios precisos para mandar proceder ás necessarias obras, fallára com o Ex.^{mo} Ministro das Obras Publicas, representando-lhe isto e pedindo que se mandassem fazer por conta do Estado, o que se fará logo que a Associação dirija ao referido Ministro uma representação por escripto.

Incumbiu-se o 1.º secretario (José da Costa Sequeira) de a redigir para ser remettida com urgencia. Igualmente se lhe encarregou a redacção de outra representação que deve ser dirigida á Ex.^{ma} Camara Municipal, pedindo-se-lhe em nome da Associação que mande desenterrar a entrada do edificio, fazendo descobrir os envasamentos dos columnellos que guarnecem o portico, o qual se acha obstruido e disformemente deturpado, etc.»

22 de Outubro de 1864 — «Leu-se um officio do Ministerio das Obras Publicas contendo a participação de que havia sido dada á nossa Associação a quantia de 200$000 réis para se fazer um tapume na Egreja do Carmo (ruinas) a fim de separar a parte de que nos foi dada posse, da outra parte em que se acha uma estrumeira da guarda municipal. A referida quantia já foi recebida pelo nosso thesoureiro.

—Officio da Camara Municipal de Lisboa relativo á excavação que se pretendia, que a camara fizesse para desaffrontar a entrada da porta e frontispicio do Carmo. A camara responde que a excavação será feita quando a Associação tiver feito as obras necessarias e estabelecido o Museu Archeologico n'aquelle edificio.»

15 de Novembro de 1864 — «Um officio do chefe da Administração Civil do Ministerio do Reino, participando que, sendo precisa para o serviço da guarda municipal, a casa que serviu de egreja no extincto convento do Carmo, não pode ser concedida á Associação.»

29 de Novembro de 1864 — «O Ill.mo Sr. Presidente participou que, tendo estado com o Ex.mo Ministro das Obras Publicas, este lhe perguntára se a Associação já tinha tomado posse do resto da Igreja do Carmo; e por fim recommendou que pedisse ao Ministerio do Reino para que lhe fosse dado o resto da dita egreja; e que em seguida o mesmo sr. Presidente perguntou ao Ex.mo Ministro o que deliberava a respeito dos 200$000 réis que a Associação já recebeu do seu Ministerio para o tapume de separação da primeira parte da egreja de que já está de posse; ao que respondeu S. Ex.a que a Associação propozesse alguma outra cousa que precisasse para então ser empregada a dita quantia.»

3 de Abril de 1865 — «Officio do Director Interino do Ministerio das Obras Publicas, de 21 de Março ultimo, participando ao Ill.mo Presidente que em Portaria da mesma data foi auctorisada a Associação para applicar á vedação da communicação da antiga egreja do Carmo com o quartel da guarda municipal e á acquisição de fragmentos antigos de architectura a quantia de 200$000 réis anteriormente concedida e entregue.» «Desejando alguns srs. socios ser informados do estado de adiantamento em que se acham as obras da vedação e separação da parte da arruinada egreja do Carmo que fica pertencendo á Sociedade, da que se reserva ainda á Guarda Municipal, o sr. Feliciano de Sousa Corrêa e o sr. Presidente deram os precisos esclarecimentos, referindo o primeiro d'estes srs. o que se tem passado com o commandante da mesma guarda e com o sujeito que alli tinha um deposito de objectos chimicos, etc.

Depois de dados estes esclarecimentos, propoz o sr. Valentim José Corrêa que o auto da posse definitiva d'aquella parte da egreja fosse feito com toda a legalidade e clareza, devendo assistir a elle e assignal-o uma deputação nomeada pela Sociedade.

Assim se resolveu.»

27 de Junho de 1865 — «O Sr. Presidente fez tambem sciente á Sociedade do generoso brinde com que Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I nos honrou, mandando á sua custa fazer todos os caixilhos de vidraça das capellas das ruinas do Carmo, que se acham á nossa disposição. O sr. Valentim José Corrêa lembrou a necessidade de se nomear uma commissão para agra-

decer a Sua Magestade, mas resolveu-se, para não incommodar tão Augusto Senhor, ser melhor esperar que as obras estejam concluidas e então pedir-se-lhe a honra de visitar a nossa Associação.»

15 de Julho de 1865 — «O sr. Presidente participou que se tinham ultimado as obras indispensaveis em uma das capellas d'este edificio a ponto exactamente de se poder celebrar hoje aqui a sessão da sociedade, continuando-se as dos precisos arranjos na capella contigua e continuando-se a mudança (*) de todos os moveis e utensilios com promptidão e economia; deu parte dos auxilios que para esse fim tinha recebido d'El-Rei o Senhor D. Luiz I, que se dignou mandar fazer os caixilhos das grandes janellas da segunda capella por conta das Obras Reaes, e pediu que se mencionasse na acta um voto de agradecimento unanime da Sociedade por este e outros mui distinctos favores recebidos de Sua Magestade.»

(*) A Associação esteve primeiramente funccionando nas salas do Gremio Popular, Calçada do Combro.

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, Repartição de Obras Publicas. — *Ill.*mo *Sr.* — S. Ex.ª o Ministro das Obras Publicas, annuindo ao pedido que V. S.ª lhe fez no seu officio de 21 do presente mez, encarrega-me de lhe remetter as quatro folhas de desenho juntas (A — n.º 102), comprehendendo plantas, alçado e córtes da antiga egreja do Carmo de Lisboa, apropriada para salas de exposições, as quaes V. S.ª devolverá a este Ministerio logo que as tenha feito copiar.

Deus guarde a V. S.ª Direcção Geral das Obras Publicas, em 24 de Outubro de 1864.—Ill.mo Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes.—*Caetano Alberto Maia.*

---

*Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, Repartição de Obras Publicas.—L. 12 — 157—Ill.*mo *Sr.* Por ordem do Ex.mo Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria, participo a V. S.ª que n'esta data se expediu ordem ao

intendente interino das Obras Publicas do Districto de Lisboa para fazer entregar á Associação dos Architectos Civis Portuguezes a parte da Egreja Velha do extincto convento do Carmo, que servia de deposito de estrumes á 2.ª companhia de cavallaria da Guarda Municipal.

Deus guarde a V. S.ª Direcção Geral das Obras Publicas de 24 de Abril de 1865.—Ill.mo Sr. Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes—*Caetano Alberto Maia*.

Copia—Livro de registo de termos n.º 6, pag. 152 (Ministerio das Obras Publicas.)

Auto da entrega, que faz o commandante geral da guarda municipal representado na pessoa de Sebastião da Matta Muniz da Maia, a Felicianno de Sousa Corrêa, Architecto da Intendencia das Obras Publicas do Districto de Lisboa, competentemente auctorisado, da parte da Igreja Velha do extincto convento do Carmo, que servia de deposito de estrumes á 2.ª companhia de cavallaria da mesma guarda.

Aos tres dias de Maio de mil oitocentos sessenta e cinco no edificio do extincto convento do Carmo, achando-se presente o commandante geral da guarda municipal, representado na pessoa de Sebastião da Matta Muniz da Maia, Felicianno de Sousa Corrêa, Architecto da Intendencia das Obras Publicas do Districto de Lisboa, Joaquim da Costa Cascaes, segundo escripturario da dita, para em virtude do officio do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria de vinte quatro de Abril do corrente anno fazer entrega o dito commandante geral da guarda municipal á Intendencia das Obras Publicas do Districto de Lisboa representada pela pessoa de Felicianno de Sousa Corrêa, Architecto, que se acha legalmente auctorisado, se effectuar a entrega da parte da Egreja Velha do extincto convento do Carmo que servia de deposito de estrumes á segunda companhia de cavallaria da mesma guarda, o que teve logar n'este dia, lavrando-se em seguida este termo que vae assignado pelas pessoas acima

declaradas, e pelas testemunhas Joaquim Ferreira da Costa, ajudante da dita guarda e Joaquim Antonio Vito Moreira, Ajudante. = O segundo escripturario Joaquim da Costa Cascaes = Pelo commandante geral Sebastião da Matta Muniz da Maia, segundo commandante = Felicianno de Sousa Corrêa, Architecto Civil = Joaquim Ferreira da Costa, Ajudante = Joaquim Antonio Vito Moreira, Ajudante = Conforme, João dos Santos e Silva.

Copia — Livro do registo de termos n.º 6, pag. 157 (Ministerio das Obras Publicas).

Auto de entrega que faz a Intendencia das Obras Publicas do Districto de Lisboa ao Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes na pessoa do seu thesoureiro Felicianno de Sousa Corrêa, Architecto, da parte da Egreja Velha do extincto Convento do Carmo que servia de deposito de estrumes á segunda companhia de cavallaria da guarda municipal.

Aos tres dias do mez de Maio de mil oitocentos sessenta e cinco na Intendencia das Obras Publicas do Districto de Lisboa, estando presente Antonio Guedes Quinhones de Mattos Cabral, intendente interino, o Architecto, Felicianno de Sousa Corrêa, representando o Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, João dos Santos e Silva, contador interino, procedeu o intendente interino em virtude do officio do Ministerio das Obras Publicas de vinte quatro de Abril do corrente anno, á entrega da parte da Egreja Velha do extincto convento do Carmo que servia de deposito de estrumes á segunda companhia de cavallaria da guarda municipal, ao Architecto Felicianno de Sousa Corrêa, representando o Presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, lavrando-se em seguida este auto que vae assignado por todos acima declarados e pelas testemunhas Joaquim Guilherme Maynard, e Antonio Pereira de Freitas, empregados n'esta repartição. O contador interino João dos Santos e Silva, Felicianno de Sousa Corrêa, Joaquim Guilherme Maynard e Antonio Pereira de Freitas.

A REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

DESDE O XXV ANNIVERSARIO DA SUA FUNDAÇÃO

(Continuado do n.º antecedente)

Principaes assumptos que foram tratados ou referidos em sessões de assembléa geral nas seguintes datas:

1895. *27 de Janeiro.* — Voto de sentimento pela morte do socio effectivo Antonio da Costa Oliveira. — Sepulturas encontradas em 1889, na freguezia de Turquel, concelho de Alcobaça. — Eleito um representante da Associação na Commissão de homenagem a Eduardo Coelho. — Memoria lida pelo dr. Leite de Vasconcellos sobre castros ou montes fortificados pelas antigas raças. — Relatorio das contas do thesoureiro. Commissão revisora. — Voto de louvor ao rev. Bispo de Portalegre pela creação da aula de archeologia. — Alberto Pimentel deseja que se obtenham, pelo menos, as photographias ou os desenhos dos achados archeologicos, quando não seja possivel adquirir os proprios objectos.

24 de Março. — Cavalleiro e Sousa offerece alguns exemplares de fosseis. — Recebe-se pelo Ministerio das Obras Publicas um convite a industriaes e constructores portuguezes para concorrerem á exposição de Odessa. — Proxima exposição em Bordeus. Artista portuguez que fundou ali a Escola Municipal de Bellas Artes. — O socio correspondente Barr Ferree envia um estudo sobre a

architectura domestica da idade media na Europa. — Capella de Santo Alberto na cerca do extincto convento das Albertas: projecto de demolição. Sobre este assumpto usam da palavra O'Sullivand, A. Bermudes, general Pimentel Maldonado, Valentim Corrêa, dr. Sousa Viterbo, Gabriel Pereira. —Approvadas as contas do thesoureiro. — 1.º numero da *Arte Portugueza*: elogiado o seu director, Gabriel Pereira. — Pedras tumulares com inscripções e brazões encontradas no convento do Carmo e entregues á Associação pelo general Queiroz, commandante das guardas municipaes. — Exposição sobre o estudo da architectura entre nós, lida pelo socio Adães Bermudes. — Voto de louvor á Camara Municipal de Faro pelo auxilio concedido ao Museu lapidar Infante D. Henrique.

7 de Junho. — Abstenção de tomar parte no cortejo solemne por occasião do 7.º Centenario de Santo Antonio, para que se recebeu convite. — Fragmentos de antiguidades romanas de Braga, offerecidos por Albano Bellino. — Carta de José d'Almeida e Silva sobre antiguidades de Vizeu, romanas e medievaes. — Carta de Pedro A. Ferreira sobre antiguidades de Trás os Montes. — Proposta de Goodolphim a respeito de construcções baratas. Commissão especial para tratar d'este assumpto. — Subscreve-se para o congresso archeologico de França reunido em Clermont-Ferrand. — Leite de Vasconcellos occupa se dos *dolmens*, sepulturas nos tempos prehistoricos. — Possidonio da Silva informa que no termo de Cintra existe um *torques* de ouro, que julga ser prehistorico.

26 de Julho — Carta de Mr. Roulin sobre o calix que pertenceu a S. Domingos de Silos: photographia. — Possidonio da Silva apresentou a photographia do *Torques* ou *Collar da Penha Verde* (Cintra). — Rosendo Carvalheira occupa-se da architectura portugueza. — Adães Bermudes falla do ensino artistico e em que a Associação devia, na projectada reforma de instrucção publica, ser ouvida, pelo menos no que diz respeito ao ensino da architectura.

12 de Agosto. — Visconde da Torre da Murta refere-se ao alto valor das publicações *Arte e Artistas em Portugal* pelo dr. Sousa Voterbo e *Architectura da Renascença em Portugal* por A. Haupt, do Hanover. — Communicação sobre a gruta de

N. S.ª de Carnaxide, lida pelo dr. Leite de Vasconcellos, provando que era uma gruta funeraria prehistorica. — Representação do Gremio Artistico a proposito de uns concursos artisticos. Commissão especial para estudo d'essa questão. — Trata-se da conveniencia de vulgarisar mais o *Boletim* da Associação. — Celebração do centenario da fundação do Instituto de França em Outubro proximo.

20 de Agosto — Parecer da commissão especial para a questão dos concursos. Resposta ao Gremio Artistico e officio ao Governo. — Voto de sentimento pela morte do socio effectivo Dr. Francisco Antonio Brandão — General Pimentel Maldonado propõe um officio congratulatorio ao governador da India Portugueza pela conservação de reliquias historicas e desenvolvimento dos estudos archeologicos n'aquella colonia.

17 de Outubro. — Carta do presidente Possidonio da Silva participando que ia assistir ás festas da celebração do centenario do Instituto de França, de que era associado. — Votos de sentimento pela morte dos socios effectivos Marquez de Vallada e Conde de Almedina. — Carta do socio correspondente engenheiro Camara Manuel ácerca dos trabalhos executados no Templo de S. Francisco em Evora. Votos de louvor ao dr. Francisco Barahona, que forneceu os meios necessarios para esta obra e ao engenheiro Camara Manuel que a dirigiu gratuitamente. — Propostas da Direcção do Gremio Artistico ainda a respeito dos concursos. Bermudes propõe um regulamento: é remettido á commissão especial que apresentára o seu parecer na penultima sessão. — Voto de louvor ao Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa pela creação de uma cadeira de archeologia religiosa no Seminario de Santarem.

15 de Novembro — Regresso do presidente Possidonio da Silva. Congratulação. — Organisação de um museu archeologico na India. Votos de louvor ao governador Raphael d'Andrade e ao socio correspondente Carmo Nazareth — Entrega do officio sobre concursos artisticos, ao Ministro das Obras Publicas. — A. Bermudes trata dos projectos de conclusão do edificio dos Jeronymos.

26 de Novembro. — Voto de sentimento pela morte de Raphael Zacharias da Costa, auctor da *faca de matto* e outras obras lavradas, de subito merito. — Pimentel Maldonado lamenta o estado de ruina da egreja de Santa Maria da Varzea em Alemquer; propõe que se peça ao Ministerio das Obras Publicas ordene immediatos concertos. — Eleição dos corpos gerentes.

1896 — *15 de Fevereiro* — Cetobriga e a Sociedade Archeologica Lusitana. — Communicação de agradecimento pelo dr. Felix Alves Pereira, socio correspondente. — Pedido feito pelo director dos serviços das Obras Publicas Municipaes para que esta Associação cedesse as 4 estatuas que pertenciam ao monumento á rainha D. Maria I, e que existem no Museu do Carmo. Commissão para dar parecer a este respeito. — Relatorio do movimento da Bibliotheca pelo Visconde da Torre da Murta. — Ermida da Saude, na praia da Trafaria. Carvalheira propõe que sejam requisitados ao estado os paineis de azulejos que ainda ali se conservam. — Contas da gerencia do Thesoureiro. Commissão revisora. — Proposta de Bermudes para se promover um congresso de architectos portuguezes por occasião do centenario da India; pedido para se adoptarem providencias em relação ao mau estado das vidraças da charola do convento de Christo em Thomar. — Leite de Vasconcellos refere-se a objectos greco-romanos recentemente descobertos em Alcacer do Sal, a cuja Camara propõe um voto de louvor. Valentim Corrêa lamenta que o municipio de Lisboa não tenha ainda inaugurado um Museu como aquella e outras municipalidades.

29 de Março. — Valentim Corrêa participa o fallecimento do presidente Possidonio da Silva. Manifestações de pezar; propostas de homenagem á memoria do fallecido.

8 de Abril. — Cruzeiro de Arroyos. — Antiguidades de Alemquer. — Monumento a D. Maria I. — Baixos relevos da egreja da Luz.

10 de Maio. — Approvação das contas do Thesoureiro. — Conde de S. Januario, eleito presidente da Associação; Visconde

de Alemquer, vice-presidente. — Monumentos de Santarem. Discussão em que tomam parte J. Ganhado, Zephyrino Brandão, dr. Sousa Viterbo e O'Sulivand.

28 de Junho. — Participa monsenhor Pereira Botto que o Museu Lapidar Infante D. Henrique vae ser exposto ao publico. — Monumento a D. Maria I. — Carvalheira protesta contra a ingerencia de varias entidades em assumptos da Associação, cujas iniciativas outros aproveitam como suas — Melhoramentos no Museu.

29 de Novembro. — Voto de agradecimento ao socio effectivo Bernardino José de Carvalho por ter mandado á sua custa executar algumas obras na entrada de uma capella do edificio do Museu. — Voto de louvor á Camara Municipal de Bragança pela creação de um Museu. — Eleição dos corpos gerentes.

1897. — *21 de Fevereiro.* — Voto de louvor á Camara Municipal de Braga pela creação de um Museu Archeologico. — Commissão nomeada para elaborar o plano e orçamento das obras no edificio do Museu da Associação. — Communicação do dr. Leite de Vasconcellos sobre a arte primitiva em Portugal na epocha neolithica. — Commissão incumbida dos preparativos para a sessão solemne de inauguração do retrato e leitura do elogio historico do presidente Possidonio da Silva. — Offertas para o Museu.

7 de Março. — Adães Bermudes propõe que se nomeie uma commissão para estudar a revisão dos Estatutos e propor todos os meios de propaganda que possam favorecer os progressos da architectura nacional. Acceita em principio esta proposta, ficou para ser discutida na primeira sessão que houvesse depois da sessão solemne. — Relatorio da gerencia do thesoureiro. Commissão de contas. — Relatorio do conservador da Bibliotheca, Visconde da Torre da Murta. — Auctorisado o socio Cavalleiro e Sousa a expedir os convites para uma conferencia que deseja realisar em 9 de Maio na sala das sessões d'esta Associação sobre architectura ogival e especialmente sobre o edificio

dos Jeronymos. — Medalha commemorativa da fundação da Basilica do Coração de Jesus, offerecida por João Baptista Móra.

28 de Março. — Sessão solemne, sob a presidencia, em nome d'El-Rei, do Conde de S. Januario, ajudante de campo de Sua Magestade. Elogio historico do architecto Possidonio da Silva pelo socio effectivo Visconde de Castilho (Julio). Inaugura-se o retrato do extincto. Foi este retrato feito pelo socio effectivo Antonio Felix da Costa.

16 de Maio — Busto de prata de Santa Engracia, mandado esculpir em 1595. Convite de monsenhor Elviro dos Santos para a Associação ir examinar este busto. — Approvação das contas do Thesoureiro. — Communicações da Sociedade de Architectura da Belgica, da Federação Archeologica e Historica da Belgica, e da Sociedade Franceza de Archeologia para a conservação dos Monumentos Historicos, convidando a Associação para os seguintes congressos: Internacional de Architectura, em Bruxellas; Archeologico, em Malines; e Archeologico, em Nimes (Gard). — Relatorio da Commissão especial para a sessão solemne em homenagem á memoria de Possidonio da Silva. — Adiamento da proposta para a revisão dos Estatutos, por não estar presente o auctor, Adães Bermudes.

1 de Agosto. — Voto de sentimento pelo morte do vice-presidente da Associação, Visconde de Alemquer. Notas biographicas pelo socio effectivo Augusto Ribeiro. Resoluções de homenagem á memoria de fallecido. — Proposta de Bermudes para um Congresso Nacional de architectura e archeologia. (*Boletim* da Associação, t. VII, pag. 146 e 147.)

(Continua)

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contin. do n.º antecedente)

Anno de 1897 (Conclusão)

Agricultura. — Commissão para proceder aos estudos complementares da hydraulica agricola na provincia do Alemtejo; Port., 3, Abril.

Caixa geral de depositos e instituições de previdencia: regulam.; Decr., 23, Junho.

Obras de arte de pintura e esculptura: executadas por artistas portuguezes residentes no estrangeiro; isenção de direitos; Lei, 14, Set.

Estabelecimentos hydrotherapicos. — Exploração das nascentes de aguas minero medicinaes denominadas Mosqueiro, situadas na freg. de Santa Maria de Lijó, concelho de Barcellos; Alv., 7, Jan. — Concessão de licença a Francisco Deolindo da Silva para explorar as nascentes de aguas minero medicinaes do *Ramalhoso*, situadas na freg. de Anciães, conc. de Amarante; Alv., 17, Maio. — Exploração das nascentes de aguas minero medicinaes de *Entre-os-Rios*, situadas na quinta da Torre, freg. de Eja, conc. de Penafiel; Alv.; 28, Agosto. — Exploração da nascente de agua minero - medicinal do *Olival dos Curraes do Leitão*, situada no Valle do Espinho, freg. e conc. de Villa Flor; Alv., 28, Agosto; — *Alcaçarias de D. Clara*. Regul. para este estabelecimento situado na rua do Terreiro do Trigo, n.os 64 a 68, em Lisboa; Port., 28, Out. — *Caldas do Gerez*. Regul. — Port., 24,

Nov. — Exploração das nascentes de aguas minero medicinaes situadas na *Povoa de Santa Iria da Azoia*, conc. de Loures; Alv., 2, Dez. — Exploração das nascentes de aguas minero medicinaes denominadas *Fonte Campilho*, no sitio de Revolar, freguezia de Arcossô, conc. de Chaves; Alv., 2, Dez.

Companhias. — «Comp. dos caminhos de ferro atravéz d'Africa»: contrato para a construcção e exploração de um caminho de ferro que, partindo do terminus da linha ferrea de Loanda a Ambaca, se dirija a Malange; 11, Março — «Companhia da Zambezia»: determinou-se entregar-lhe a administração por conta propria dos prazos da corôa denominados Andone e Arguaze; Port., 11, Maio. — «Companhia de Moçambique»: remodelada a carta organica e prolongado o prazo da sua concessão; plano de organisação das forças policiaes e regulam. dos serviços respectivos; contrato para a construcção e exploração de uma linha ferrea da Beira e Sena e suas visinhanças, etc.; circulação monetaria nos territorios da companhia de Moçambique; regulamento para a pesquisa, concessão e exploração de metaes preciosos e de minas em geral nos territorios da companhia de Moçambique; Decr., 17, Maio, 18, junho, Port., 28, Agosto, Decr. 11, Agosto, 23, Dez — «Companhia do Nyassa»: nos termos e para os effeitos da sua lei organica, mandou-se-lhe entregar a villa de Ibo; a titulo provisorio foram approvados 11 regulamentos para a administração e serviço dos territorios de sua jurisdicção em Africa; auctorisada a regular, a titulo provisorio, o commercio das armas e munições nos territorios da sua jurisdicção pelos regulamentos em vigor nos territorios da companhia de Moçambique; auctorisada a adoptar provisoriamente os sellos, estampilhas e mais formulas de franquia do padrão estabelecido na prov. de Moçambique com a sobrecarga *Nyassa*; Port., 27, Out., Decr., 4, Nov., Port., 3, Nov. — *Companhia Carris de ferro do Porto*: approvados os projectos para ampliação do systema de tracção electrica»; Port., 27, Agosto.

Imposto do sello. — Novas estampilhas de imposto do sello para 1898; Port., 29, Maio, 7, Dez.; Maneira de inutilisar as estampilhas do imposto do sello; Port., 12, Agosto. Alterações na lei do sello; Lei; 13, Set.; Papel sellado para recibos entre particulares, etc; Port., 16, Nov. *(Continua)*

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 11, t. IX, pag. 48)

Val de Telhas — freg., conc. de Mirandella. — Alem de outras antiguidades teem aqui apparecido, em differentes sitios, alguns cippos com inscripções romanas. — Vestigios de *Pinéto* (?), antiquissima cidade da Lusitania. — Padrão dedicado ao imperador Maximiano.

Val de Torno — freg., conc. de Villa Flor. — Egreja matriz, de architectura gothica.

Val de Villariça — prox. á villa da Torre de Moncorvo. — Vestigios de construcções romanas sobre os rochedos graniticos sobranceiros á quinta da *Tarrincha*. — Inscripções romanas na capella da *Derruida*, entre a *Villariça* e o *Sabôr*. — Restos de uma estrada militar. Vestigios de mineração romana.

Val do Tejo — planicie pertencente á freg. de Mugem. — Esqueletos, ossos, conchas, dentes de mammiferos, etc. — Livro do dr. F. A. Pereira da Costa: *Da existencia do homem* em épocas remotas, no valle do Tejo. Primeiro opusculo: noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço d'Arruda. Com versão em francez por M. Dalhunty (Lisboa, 1865).

Valença do Minho — villa, conc. e praça de guerra. — Egreja de Santa Maria dos Anjos, fund. em 1276. Inscripção em portuguez no cunhal do sul. — Differentes baluartes. — Lapida com inscripção romana debaixo da arcada dos antigos paços do concelho. — Marco milliario, servindo de pelourinho, com inscripção; está junto ao *cruzeiro da Praça* e foi achado no logar das *Lojas*, extramuros da villa. — Na parede do nascente das casas do governador ha uma pedra com duas cobras enroscadas e por cima outra pedra com um crucifixo gravado e em volta uma inscripção do tempo de D. João I. Mais inscripções em portuguez: nas primeiras portas da *Coroada* ao sahir da praça; na fachada E. das casas do governador; n'uma sepultura no paiol da polvora da *Coroada*. — Existiu na praça de Valença um marco milliario que foi achado em 1680, na margem esquerda

do rio Minho, no sitio hoje chamado Arinhos; tinha inscripção latina. — *Guia do caminho de ferro do Minho* (de Nine a Valença) pelo sr. dr. Figueiredo da Guerra; *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. dr. Hübner, vol. II, pag. 344; *Noticias archeolog. de Portugal* pelo sr. dr. Hübner, pag. 105 e segg.; *O Minho Pittoresco*, t. I, 77; *Archeologo Português*, t. I, n.' 1. pag. 20 a 28; *Notas a lapis* por D. C. Sanches de Frias, pag. 207 a 211; Folhetins por Vilhena Barbosa no *Commercio do Porto* de 18 e 20 de Junho de 1872, n.os 137 e 139; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed, III, 637; VI, 611; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 12; Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho por Seb. José Pedroso; «A handbook for travellers in Portugal» *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *O Seculo* n.º 5718, 12 — 12.º — 97. e 7154, 1 — 12.º — 901; *Novo alm. de lembr. luzo-bras.* 1872, pag. 186; *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque; *Primeiro de Janeiro* n.º 248, 1902; *Hist. da admin. publ. em Portugal* pelo sr. Henrique da Gama Barros; «*Almanach* de Vianna e seu districto para 1904» por José de Sousa.

Valezim — villa, conc. de Ceia. — Lapida em latim na extremidade N. O. do *Passeio Alegre*, junto á casa do *Salva-Vidas*. — Vestigios de fortificações, apparecimento de moedas romanas no *Monte do Crasto* e no *Cabeço do Castello*. — *O Seculo* n.º 7687.

Válga ou **Válega** — freg. conc. de Ovar. — Duas sepulturas no *Adro Velho* (logar da *Espinha*); uma tem inscripção em portuguez.

Valhelhas ou **Valflelhas** — villa, conc. da Guarda. — Resto da torre de menagem. Pelourinho (1555) formado por uma columna de granito oitavada e com ornatos na cupula. — Inscripção latina sobre a porta lateral da egreja do lado do sul. — Perto da egreja de Santa Margarida ha um edificio que parece ter sido casa de residencia dos templarios, reconstruida em 1693: escudo com inscripção em portuguez; janella com lavores, etc.

Valladeira — logar no termo da villa de Redondo. — Sumptuoso mosteiro de S. Paulo; magnifica egreja; na sacristia ha uma mesa de marmore preto, das pedreiras de Montes Claros, rivalisando com o melhor de Italia.

Vallongo — villa — *Bosquejo hist. da villa de Vallongo e suas tradições* por Francisco José Ribeiro Serra (Santo Thyrso, 1896); *O castello romano de Vallongo* pelo sr. Gabriel Pereira (*Revista archeologica*, t, III, pag. 65); *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 587; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 197; *A handbook for travellers in Portugal*; *Travels in Portugal* por John Latouche; *Indice parlamentar*, t. I, pag. 100.

Val-Pedre — freg., conc. de Penafiel. — Cruz da *Gesteira* no Monte entre Santa Marinha da Figueira e esta parochia. — *Cruzeiro das Lampreas* na freg. da *Cabeça Santa*. — *Monte do Crasto*: vestigios de uma fortaleza romana (?). — *O Minho Pittoresco*, t, II, 554.

Val-Verde — quinta nos arrabaldes de Evora. — Restos de dous dolmens.

Vandoma — freg., conc. de Paredes. — Vestigios da fortaleza *Vendôme*, cuja construcção se attribue a Dom Nunego, bispo do Porto.

Varatojo — freg. de S. Pedro de Torres Vedras. Azulejos da ermida de *N. Sr.ª do Sobreiro*. — Mesa de marmore preto com a base de marmore branco dentro da sacristia da egreja do mosteiro — Inscripção latina sobre a janella do vestibulo, e em portuguez na primeira fonte da cerca. — Mosteiro (*Occidente*, XIV, 187): *Chronicas de viagem* pelo sr. Alberto Pimentel; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczynski; *Hist. de Port.*, Pinh. Chagas, 3.ª ed., IV, 635. Veja-se **Torres Vedras**.

Varzea do Douro — freg., conc. de Marco de Canavezes. — Lapidas romanas, uma n'esta freg. e outras junto ao mosteiro de Alpendurada. — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 504; *Noticias Archeologicas de Portugal* pelo dr. Hubner, pag. 73.

Varzea de Meruge — freg., conc. de Ceia. — Da velha egreja, convertida em cemiterio, só resta o portico, de architectura gothica.

Varzea de Santarem — freg., conc. de Santarem. — Na capella mór da egreja matriz uma campa com inscripção em portuguez. Còro assente sobre duas columnas de cantaria lavrada, com capiteis de ordem corinthia.

Varzea e Crujães — freg., concelho de Barcellos. — Vestigios de uma antiquissima torre, de alguns castellos e de muralhas.

Vascões — freg., conc. de Coura. — Oito dolmens no sitio da *Lameira*. A este respeito veja-se o artigo do dr. Martins Sarmento no n.º 21 do semanario viannense « Pero Gallego. »

Veatodos ou **Viatodos** — freg., conc. de Barcellos. — Restos de uma inscripção romana no terceiro degrau da capella de Santa Maria.

Veiga de Lilla — freg., conc. de Valpassos. — Tecto apainelado, com 72 quadros, na ermida de N. Sr.ª da Assumpção, templo vasto e antiquissimo.

Veiros — villa, conc. de Monforte. — Castello fundado pelos romanos e reedificado no tempo d'el-rei D. Diniz; muralhas e torres. — Pelourinho. — Duas campas, uma com inscripção romana, em frente da porta principal da antiga ermida de N. Sr.ª de *Mileu* ou *Mil-Um*. — Muitas sepulturas, com inscripções,

na egreja matriz. Capella jazigo, pertencente á casa do sr. Marquez da Praia e Monforte. -- *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, pag. 20, 22; *Novo alman. de lemb. luso-brazil.*, 1876, pag. 278.

Véla ou **Vella** -- freg., conc. da Guarda -- Sumptuoso chafariz, de muito notavel esculptura, na quinta *dos Saraivas.* -- Egreja matriz, de boa architectura: arco ogival na capella do Sacramento, carneiro subterraneo, muitas sepulturas, etc.

Venda do Duque -- logar entre Val de Pereiro e Evora Monte -- Um dolmen.

Vendas Novas -- *O Seculo* n.º 5766, 1898; *A handbook for travellers in Portugal* (1887); *Diario de Noticias* n.º 13:697 (1904).

Ventoza -- freg., conc. de Alemquer -- Egreja talvez fund. pelos templarios. Diversas campas com inscripções. -- *Archivo historico*, vol. I.

Ventoza -- freg., conc. de Torres Vedras. Egreja matriz muito antiga.

Vêr ou **Veer** -- aldeia, freg. de Escariz, conc. de Arouca. -- Antiguidades romanas e pre-celticas no *Monte do Castello* -- Varias mâmoas. — Dolmen no monte do *Borralhoso.*

Vera Cruz do Marmelal -- freg. e conc. de Portel. -- Egreja de um antigo mosteiro. — Palacios dos bailios de Malta.

Verdêlha — aldeia, freg. de Via Longa, conc. dos Olivaes. — Inscripção em portuguez sobre o alpendre da nova egreja do mosteiro de *N. Sr.ª do Amparo*, um dos primeiros da *provincia* de Santo Antonio.

Verêa de Bornes — freg., conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — Egreja matriz de S. Martinho fund. no sec. XII. -- Capella e forte de S. Geraldo -- Ermida de *N. Sr.ª do Loreto*, na aldeia de Sabroso; é de notavel architectura. -- Vestigios de fortificações romanas junto á egreja matriz onde teem apparecido como tambem na quinta *da Cabana* moedas com effigies de varios imperadores.

Vermoil — freg. conc. de Pombal. — Ermida de Santo Antonio mandada fazer por João de Barros, auctor das *Decadas da India.* — Egreja matriz muito antiga.

Vermoim — freg., conc. da Maia. — Vestigios de um mosteiro *duplex* da ordem de S. Bento, no logar da *Agra da Portella* — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 641.

Vermoim — freg., conc. de Villa Nova de Famalicão. — Mosteiro de conegos regulares de Santo Agostinho (cruzios) fund. em 1032 por Arias de Brito. — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 100.

Verride — villa, conc. de Montemór o Velho. — Lapida sepulchral na parede da egreja matriz. Esta foi reconstruida no sec. XVI. — *Mem. hist. corog. dos div. conc. do distr. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *O Seculo* n.º 7577, 1903.

Vianna do Alemtejo — villa e concelho. — Egreja matriz construida no principio do sec. XIV (estylo manuelino) – Castello bem conservado; é do tempo de D. Diniz. — Convento de freiras jeronymas fund. em 1553 por *Soror Brites da Columna.*— Convento de Jesus (franciscanos) fund. em 1528 por Izabel Cardosa e seu marido Manuel Fernandes Rodovalho; é actualmente asylo de infancia e créche. — Misericordia fund. no principio do sec. XIV pela rainha Santa Izabel. — Ruinas de um aqueducto romano descobertas em 1714. — Lapidas romanas achadas em 1743 e 1745. — Sanctuario de *N. Sr.ª d'Ayres;* inscripções em latim e portuguez. — *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Memorias da villa de Vianna do Alemtejo* pelo padre Fr. Francisco de Oliveira, dominicano (Estão no codice 104 da Bibliotheca Municipal do Porto.); *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. II, 585, III, 637; *A handbook for travellers in Portugal* (1887); *Alemtejo historico* por A. F. Barata; *O Seculo* n.ºs 5494, 5515; *Occidente,* vol. XXV; «Hist. da admin. pub. em Portugal» pelo sr. Henrique da Gama Barros.

Vianna do Castello — cidade. — Vestigios de muralhas construidas no sec. XIV; arco de S. Chrispim (porta de S. Filippe). — *Roqueta*: — torre construida por D. Affonso III, reedificada por D. Manuel, ampliada nos reinados de D. Sebastião e D. Filippe I de Portugal. Revelins exteriores, dos fins do sec. XVII. — Pedra quadrangular com uma inscripção em latim junto á base de uma das cortinas da muralha que vae para o castello ou fortim da barra, na foz do Lima. — Ermida de Santa Catharina, edif. fóra dos muros da fortaleza. — Fortim semi-circular no meio da barra. — Inscripção em portuguez n'uma capella dos claustros da Misericordia, e outra dentro da capella dos clerigos na egreja matriz. — Janella manuelina (d'uma casa na rua de S. Pedro), cuja estampa foi publicada no n.º 10 do jornal *Pero Gallego.* — Inscripção em portuguez na casa da *Hospedaria* junto á egreja do convento de S. Francisco do Monte. — Casa com ameias na praça da Rainha. — Egreja matriz: principiou a sua construcção em 1400. - Capella do Espirito Santo; jazigos de familias nobres. O corpo do edificio é sustentado por dez amplos arcos ogivaes; frontispicio de cantaria bem lavrada, estylo romano bysantino; duas torres coroadas de ameias; dois capiteis da capella do Senhor da Canna Verde, feitos em 1547; etc. — Egreja do Monserrate, construida em 1601. — Egreja das Almas, a primeira parochia de Vianna; tem no adro campas e sepulturas razas. — Misericordia instituida em 1520; fachada de architectura manuelina. — Notavel chafariz na Praça da Rainha; é de 1554. — Lapidas aos lados da porta principal e no pateo do edificio da camara e cadeia mandado fazer por D. Pedro II. — Ermida (octo-

gona) de *N. Sr.ª da Agonia*, construida desde 1752 a 1755, inscripções em portuguez, na capella mór. — Inscripção latina que tinha a ponte de madeira sobre o Lima em frente de Vianna. — Convento de *S. Francisco* do Monte, fund. em 1392 por fr. Gonçalo Marinho, cuja sepultura está na egreja. Conv. *de S. Domingos*: sepultura do seu fundador D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Sarcophago e lapida com inscripções em portuguez. — Conv. *de Santo Antonio* (capuchos) fund. em 1612 por Antonio Martins da Costa; um sarcophago. — Conv. *do Carmo*: data de 1621. — Conv. de freiras: *de Sant'Anna*, fund. pela camara municipal em 1510; *de S. Bento* em 1508 (construido em 1545); *de Ursulinas*, em 1726; *de Carmelitas* de Jesus, Maria e José, em 1779. Recolhimento *de Santiago* fund. no sec. XV: em 1559, por iniciativa de Catharina da Rocha, reformou-se em Mosteiro de Santa Clara, que poucos annos subsistiu, passando novamente a ser recolhimento em 1663. — Monte de Santa Luzia: já em *Afife* mencionámos as descobertas archeologicas aqui feitas. Para proteger aquellas venerandas ruinas fundou se em 1884, por iniciativa do sr. dr. Luiz Figueiredo da Guerra e mais dois seus amigos, uma confraria na capella de Santa Luzia, que é antiquissima. — Estatua de granito no *Pateo da Morte*, rua do Bandeira. Veja-se o que o sr. dr. Figueiredo da Guerra diz a este respeito no n.º 15 do *Pero Gallego*, D'este mesmo auctor leia-se: *Esboço historico. Vianna do Castello*; *Guia do caminho de ferro do Minho (De Nine a Valença)*. — *Memoria sobre a villa de Vianna do Minho* por Fr. Manuel do Bom Jesus (no *Jornal de Coimbra*, anno de 1813, n.º 18, pag. 141); *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Estudos archeologicos. Celtiberos*, 1877; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Relat. da comm. dos mon. nac. em 1884*; *Notic. archeol. de Port.* pelo dr. E. Hübner (Estatuas gallaicas, appendice C, pag. 104); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, supp.; *Estatistica do districto de Vianna do Castello* por Eusebio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho (supplemento ao *Boletim do Min. das Obras Pub.*, Dezembro, 1860); *Memoria sobre a antiga Vianna de Santa Luzia* pelo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra (*Boletim da Real Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. II, n.º 10); Relat. apresent. na sessão de 14 de Maio da Assembléa Geral da Real Associação dos Archeologos ácerca do descobrimento feito no monte de Santa Luzia em Vianna do Castello no mez Abril de 1877 pelo sr. Possidonio da Silva (Cit. *Boletim* t. II, pag. 27; t. III, 1881 (art. do sr. dr. Guerra) pag. 158); Novas descobertas archeologicas em Portugal. Britonia (?). Exploração por Sá Villela. (Cit. *Boletim*, t. II, pag. 26); Relat. ácerca de novas investiga-

ções archeologicas praticadas na provincia do Minho nos montes de Afife e de S. Roque pelo sr. J. P. N. da Silva (Cit. *Boletim*, t. II, pag. 40); *Occidente*, VIII, pag 107; Tumulo de Frei Bartholomeu dos Martyres (*Occid.*, IX, 213); *Materiaes para a archeologia do districto de Vianna* pelo dr. F. Martins Sarmento (*Revista de sciencias naturaes e sociaes*, vol. IV, n.º 13, 2.ª série, n.º 5, pag. 23); *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 203; *O Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 1 (Estatuas de guerreiros lusitanos); *O culto da arte em Portugal* pelo sr. Ramalho Ortigão, pag. 124; *Branco e Negro*, 1896, n.ºs 7 e 8; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 226; *Alman. illustr. da parceria A. M. Pereira* para 1901; *Notas a lapis* por D. C. Sanches de Frias, pag. 193 a 201; *Portugalia* — Materiaes para o estudo do povo port., 1.º e 2.º fasc. do t. I; *Serões* (rev. mensal illustr.) n.º 5, 1901; «Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho» por Seb José Pedroso; Mala da Europa, IV, n.º 89, V, n.º 155; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Senhora da Agonia* por Luiz Trigueiros (*Branco e Negro*, n.º 22); Castro de Santa Luzia (*Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t I,); *Historia de S. Domingos*, 3.ª p.e, vol. IV; *Jornal de Coimbra* n.º 18; Theatro Sá de Miranda, Tumulo de Frei Bartholomeu dos Martyres (*Occidente* VIII, 108 IX, 213); *Le Portugal au point de vue agricole*; *Encyclopedia das familias*, rev. de instr. e recreio, n.º 178, 1901; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., III, 626, 637, IV, 612, 615, 619, 620, 622, 624, 626, 631, 634, 635; V, 620; *A handbook for travellers in Portugal*; Mosteiro de S. Claudio (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Port.*, t. VIII, n.ºs 3 e 4); *O Seculo* n.ºs 5494 e 5515; *Travels in Portugal*, por John Latouche; *Novo alm. de lembr. luso-bras.* 1874, pag. 300; 1875, 365; 1886, 137; 1887, 419; *Alman. de Vianna do Castello*; *Arch. Pitt.*, IV, 385, VII, 73, 233; *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque, pag. 100 e 143; *Archeol. Portug.*, vol, II, n.º 2, pag. 61, n.ºs 10 e 11, pag. 269; III, n.ºs 7 e 8; *Primeiro de Janeiro* n.º 210, 1902; *Séca e Méca* por Lino d'Assumpção; *A arte e a natureza em Portugal*, fasc. n.ºs 21 e 23; «Travaux les plus récents executés das les principaux ports littoraux ou maritimes du Portugal. 8.ème congrès international de navigation. Rapport par M. J. V. Mendes Guerreiro (Paris, 1900); *O Minho e suas culturas* pelo Visconde de Villarinho de S. Romão (1902); Feira de Vianna do Castello. Festa da Sr.ª da Agonia (*Serões*, n.º 5); *A construcção moderna* n.º 35; O porto de Vianna do Castello pelo sr. Adolpho Loureiro (Lisboa, 1903); Cidade velha de Santa Luzia (*Archeol. Port.*, VIII, n.º 1, pag. 15); *Diario de Noticias* n.º

13743; «Almanach de Vianna e seu districto para 1904» pelo sr. José de Sousa; *Archeol. Port.*, v, 175; «Assistance maritime» Les «compromissos» de la côte d'Algarve par J. M. Mello de Mattos (Congrès maritime international de Lisbonne.)

Viariz, Veariz ou **Variz** — freg., conc. de Baião. — *Castello de Mattos* — Sepulturas abertas em rocha junto ás ruinas do antigo castello.

Vicente (S.) — freg., conc. d'Elvas. — Egreja matriz, de 1586.

Vicente da Beira (S.) villa e conc. — Data do seculo xv (?) a egreja matriz. — No *Castello Velho* vestigios de fortificação. — Teem apparecido varias moedas portuguezas dos reinados de D. Sancho I, D. João II e D. Manuel. — Vestigios de um convento de franciscanas fund. em 1560.

Vicente de Mascotellos (S.) ou **Mascotellos** — freg., conc. de Guimarães. — Muitos fragmentos de telha romana e alguns tractos de terreno ladrilhados com tijolo, junto á povoação de *Bugalhós*.

Vicente (S.) ou **S. Vicente de Redondello**, ou **Redondello** — freg., conc. de Chaves. — Capella de notavel architectura na *veiga de S. Domingos*. — Marco milliario dedicado a Trajano; esteve no logar da *Pastoria*. — Differentes moedas romanas de cobre teem apparecido n'esta parochia. — Sepultura aberta em rocha no sitio do *Mosteirão*.

Victorino das Donas — freg., conc. de Ponte de Lima. — Torre *dos Velhos*. — Mosteiro *Victorino* (primeiramente de frades e depois de freiras); supprimido pelo arcebispo de Braga em 1605. — Sepulturas feitas de tijolos, vestigios de antiga povoação no sitio da *Almoinha* — *O Minho Pittoresco*, t. I, 254.

Vide Monte — freg., conc. da Guarda. — Moedas antigas, de cobre, prata e ouro, teem sido encontradas em varios pontos d'esta freguezia; assim como, no alto da serra, tres argolas de ouro, uma das quaes foi comprada pelo dr. Martins Sarmento, de Guimarães.

Vidigueira — villa e concelho — Egreja matriz de S. Pedro fund. em 1598 pelo prior Pedro Lopes Pinto. — Ruinas de um antigo castello. — Houve aqui dois conventos de frades, um fundado em 1545 pelo segundo conde da Vidigueira e outro em 1495 pelos donativos da villa. — O fallecido dr. Agostinho Albino de Garcia Peres, filho do dr. Domingos Garcia Peres, de Setubal, deixou manuscripta uma *Descripção da Vidigueira e seu concelho*. — *As cidades e villas*, por V. Barbosa; Egreja de N. Sr.ª das Reliquias. Claustro do convento carmelita (*Occidente*, vol. III, pag. 105, VI, 19); *Vasco da Gama e a Vidigueira* pelo dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão; *O culto da arte em Portugal* pelo sr. Ramalho Ortigão. *As Misericordias* pelo sr. Costa Goodolphim;

Portugal por M. Ferdinand Denis; *O Seculo* n.º 6562; *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 637, V, 621, VI, 616, 622, 3.ª ed.

Vieira — *O Minho Pittoresco*, t. I, 481.

Vieira — freg., conc. de Leiria. — Ermida de N. Sr.ª dos Milagres, cuja fundação data de 1615. A egreja matriz é de 1767. — Habitação (*Portugalia*, fasc. 1.º do t. I).

Villa Boa — freg., conc. de Sattam. — Moeda romana de cobre e outra de ouro, descobertas na aldeia de *Travacinho*.

Villa Boa de Quires — freg., conc. de Marco de Canavezes. — Egreja matriz: templo muito antigo, de estylo gothico, paredes revestidas de azulejos, figuras e sereias esculpidas em granito. — Alicerces de um castello no *Alto do Crasto*. — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 483.

Villa Boa do Bispo — freg., conc. de Marco de Canavezes. — Mosteiro, primitivamente de frades cruzios, e da Companhia de Jesus desde 1740 até 1759. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 503.

Villa Boim — freg., conc. de Elvas. — Egreja matriz construida em 1446 (?), reedificada em 1778 a 1785. — Alicerces de um antigo castello. — Lapida romana (*Archeol. Portug.*, t. III, pag. 121.)

Villa Chã — freg., conc. de Fornos d'Algodres. — Monte fortific. em tempos antigos e que ainda hoje se chama *do Crasto*.

Villa Chã — freg., conc. de Esposende — Ha alguns annos que appareceram na serra de S. Lourenço pequenas moedas de cobre romanas. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 199.

Villa Côa do Bispo — freg., conc. de Marco de Canavezes. — Capella do Salvador, em que ha a sepultura do bispo do Porto, D. Sisnando; tem inscripção em latim.

Villa Cortez da Estrada ou **Villa Cortez da Serra**. — freg., conc. de Gouveia. — Morro denominado *Castellejo*. Suppõe-se que foi *atalaia*. — Uma cavidade a que chamam *Capella dos Mouros*.

Villa Cova a Coelheira — freg., conc. de Ceia. — Egreja matriz muito antiga; porta ogival — Pelourinho.

Villa Cova de Carros — freg., conc. de Paredes. — Vestigios de fortificações na *Montanha do Muro*, monte que fica proximo.

Villa Cova de Vez d'Aviz — freg., conc. de Penafiel. — Restos de antiga povoação e de velhas fortificações (*Horta dos mouros*) no monte *da Ermida* e no monte *dos Castellos*.

Villa Cova de Sub-Avô — freg., conc. de Arganil — Pelourinho — Convento dos capuchos, cuja egreja é hoje da Misericordia.

Villa Cova e Banho — freg., conc. de Barcellos. — Houve n'esta freguezia, em tempos muito antigos, um convento de freiras benedictinas.

Villa da Egreja — villa, séde do conc. de Sattam. — No sitio dos *Santos Idolos* (?) encontram-se ruinas de velhas fortificações e de uma povoação romana (?). Teem alli apparecido em differentes epochas objectos de ceramica, de ferro e de cobre e algumas moedas romanas. — Egreja do convento do Tejal de freiras dominicas, fund. em 1632 pelo rev. dr. Feliciano de Oliveira e Sousa, Inscripções na verga da porta d'entrada, na capella mór, no forro d'esta, e no mirante.

Villa da Ponte — villa e freg., conc. de Sernancelhe. — Pelourinho. — Egreja matriz antiga. — Sanctuario de *N. Sr.ª das Necessidades*. — Em muitas das parochias circumvisinhas teem sido encontradas moedas romanas e sepulturas abertas em rocha.

Villa de Frades — freg., conc. da Vidigueira — Capellas muito antigas e quasi em ruinas: a de S. Thiago suppõe se que foi mesquita de mouros. — Houve aqui um convento de monges negros ou benedictinos (*S. Covado* ou *Cucufate*), um dos mais antigos da peninsula. — Ruinas do convento de N. Sr.ª da Assumpção de frades capuchos, «fund. em 1545 pelo conde da Vidigueira D. Francisco da Gama (filho de D. Vasco da Gama) e por sua mulher D. Guiomar de Vilhena, no local onde existia uma antiquissima capella da invocação de S. Bento.»

Villa do Bispo — dist. de Faro. — *Antiguidades monumentaes do Algarve*, t. I, pag. 58 (*Caverna da Barriga*).

Villa do Conde — villa e concelho. — Convento de freiras franciscanas e grandioso aqueducto por ellas mandado construir sob a direcção do architecto italiano Filippe Terzio. Teve tambem convento de frades, onde actualmente está installado o *Asylo da Ordem Terceira de S. Francisco.* — Egreja matriz, um dos mais perfeitos exemplares de architectura manuelina que se encontram ao norte do paiz. A primeira matriz foi a capella de S. Thiago, erecta no bairro velho. Outras capellas egualmente muito antigas: *de N. Sr.ª da Guia, de S. Roque, de N. Sr.ª do Soccorro, de Santo Amaro, de Santa Catharina, e do Senhor da Agonia.* — Egreja da Misericordia fund. em 1525; paredes interiores forradas de azulejos; grande cruzeiro no largo. — Portada da egreja de S. Francisco; estylo Renascença. — Fortaleza com cinco baluartes, principiada no sec. XVI por ordem de D. Duarte, duque de Guimarães, filho do Infante D. Duarte e neto d'el-rei D. Manuel. Esta obra foi dirigida pelo architecto italiano Filippe Terzio, que esteve ao serviço de Filippe II de Hespanha. *(Conclue.)*

(Continúa)

Indice do tomo IX, 4.ª série, do Boletim da Real Associação

DOS

Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

13